3 1761 03595 3926

ANNIBAL AMORIM

VIAGENS PELO BRAZIL

LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

PURCHASED FOR THE

University of Toronto Library

BY

Brascan
LIMITED

FOR THE SUPPORT OF

Brazilian Studies

ANNIBAL AMORIM

MEMBRO EFFECTIVO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO
E SOCIO CORRESPONDENTE
DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DA BAHIA

VIAGENS PELO BRAZIL

COM OITENTA GRAVURAS

DO RIO AO ACRE — ASPECTOS DA AMAZONIA
DO RIO A MATTO GROSSO

ELECTRONIC VERSION
AVAILABLE
NO. POR000210
UTL-0005A

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR 109.
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES 6.
PARIS

LIBRARY
JUL 23 1991
UNIVERSITY OF TORONTO

PRIMEIRA PARTE

DO RIO AO ACRE

DO RIO AO ACRE

CAPITULO PRIMEIRO

A PARTIDA

SUMMARIO. — Prenuncios de inverno. — Manhã chuvosa e mar borrascoso. — Fóra da barra. — O sudoeste e o perigo de um naufragio. — A passagem de Cabo Frio. — Abrandamento do temporal. — Um dia de primavera no tropico. — A barra da Victoria. — Perspectiva da cidade. — O serviço do Lloyd na linha de Manáos. — Vida de bordo. — Psychologia dos passageiros. — Necessidade de um intercambio de ideias entre o sul e o norte. — Propaganda do Brazil no proprio Brazil.

13 de maio de 1909.

Debaixo de um céo chuvoso e triste, e sobre um mar, atropellado e brusco, o *Maranhão*, no violento balanço da vaga, ia, pouco a pouco, afastando-se da grande e rumorosa metropole brazileira.

O perfil accidentado da serra dos Orgãos, a casaria multicôr dos morros circumjacentes, os zimborios dos sumptuosos monumentos architectonicos, a linha sinuosa das praias, o cimo das arvores dos logradouros publicos, tudo isso ia lentamente desapparecendo.

Pela terceira vez, os meus olhos se despediam da cidade illustre queEstacio de Sá edificára para gloria de seu nome.

Villegaignon, Lage, Imbuhy, S. João e Santa Cruz, mascaradas pela névoa dessa manhã melancolica, já ficavam distantes.

E o velho paquete do Lloyd, acompanhando a dansa macabra das ondas, subia e descia, entre o rugido das aguas revoltadas e os açoites continuos do sudoeste...

Em cima, no convéz, os mais resistentes entreolhavam-se pallidos e mudos. Em baixo, nos camarotes, o vomitar contagioso dos mareados, a algazarra ensurdecedôra das creanças e a lufa-lufa dos empregados de bordo, no attender senhoras e cavalheiros, na prostração brutificadôra do enjôo.

Para cima de Cabo Frio, o vento amainára, e o susto da tripulação e dos passageiros diminuira. Durante toda a noite a chuva tamborilára na coberta do navio.

Pela manhã, com a atmosphera lavada pela tempestade, o sol foi mais radioso do que nunca. E no meio da fina claridade de uma dessas magnificas manhãs brazileiras, que nos fazem amar a vida e as maravilhas da terra, quando tudo canta e sorri, em torno de nós — o *Maranhão*, já livre do balanço incommodo das ondas, transpunha, garbosamente, a barra da Victoria.

E bem ao fundo daquella pequenina enseada, comprimida entre montanhas, lá estava a interessante capital do Espirito Santo, derramando-se pelas anfractuosidades dos morros, de um dos quaes se levanta o vetusto convento da Penha, como uma sentinella avançada que os jesuitas plantassem á beira do Atlantico. A entrada da ilha do Espirito Santo é um dos pontos mais lindos da costa brazileira. O verde das montanhas, casando-se com o verde das arvores; a agua do mar cantando no sopé dos outeiros, sobre os quaes se ergue, mirando as ondas, grande parte das edificações da cidade : tudo isso põe uma nota de alegria consoladôra naquellas paisagens littoraneas.

Nessa variedade de linhas e de aspectos, nessa abundancia de luz que se espalha sobre o dorsodas collinas e sobre a agua da enseada que as reflecte, acham-se o encanto e o privilegio dessa natureza que não se repete, do sul ao norte do Brazil.

Dizem que somos um povo de contemplativos. E como deixar de o ser, deante do esplendor e da magestade das madrugadas do tropico e desses pôres-de-sol do sul brazileiro, que são um dos espectaculos mais solemnes que ainda viram meus olhos ?

Quem nunca saiu do Rio de Janeiro, e só vive a encher os pulmões da poeira assassina das avenidas, e o estomago de gelados, á porta das confeitarias, e que da natureza só conhece as paisagens do Sylvestre e da Tijuca — não poderá fazer uma ideia dos pequeninos paraisos que se levantam e se multiplicam, ao longo da nossa costa.

Quasi sempre é a cadeia oriental, que, correndo quasi parallelamente á borda do Atlantico, desde 16º até 30º de latitude sul, contribue, precipuamente, para essa diversidade de physionomia que nos offerece o immenso littoral marinho que vae do sul do Rio Grande ao golfão amazonico. E' para notar o contraste entre a vida buliçosa da capital da Republica e a paz, doce e tranquilla, daquella minuscula capital de Estado, que Fernandes Coutinho escolheu, em 1535,

para séde da sua capitania, e onde teve que enfrentar, em varios recontros, com a furia nativista dos goytacazes.

A Victoria é uma cidade de seis a sete mil habitantes, sem expansão territorial, como Florianopolis ou S. Felix, a industrial cidade bahiana, situada á margem direita do Paraguassú.

A vinte e duas horas de viagem costeira, a Victoria acha-se em communicação constante com o Rio de Janeiro, pois alli aportam, quasi todos os dias, os vapores do Lloyd, que fazem a carreira de Manáos.

***

São 4 horas da tarde. O dia é lindo e luminoso. E'um desses dias de outono brazileiro, que vae findar, e que mais parecem dias de primavera. Estamos em meiados de maio, e, como se sabe, o outono despede-se muito cedo, no sul do Brazil.

Muito antes de junho já começam de apparecer os primeiros frios, e, no Paraná e no Rio Grande, as primeiras névoas.

E, sem oscillar, sulcando suavemente as aguas da enseada, o *Maranhão* lá vae, como que por instincto, buscando o rumo do norte. A noite, que não tardára, foi calma e fresca, e o dia seguinte mais lindo ainda. Mas, á approximação dos Abrolhos, o céo tornou-se enfarruscado, e o vento impetuoso e cons ante.

E imagina tu, leitor amigo, esta conspiração da natureza, alliada á conspiração dos homens que dirigem o serviço do Lloyd! Deixar a commodidade de um tecto confortavel, o affecto e convivencia de pessoas queridas, e meter-se num paquete do Lloyd Brazileiro do Rio ao Amazonas, é ter no fundo da natureza, moral e physica, qualquer cousa dos grandes heroes ou dos grandes martyres.

Na linha do norte, o Lloyd supprimiu, por completo, o vinho nas refeições, um prato ao almoço e outro ao jantar, supprimindo tambiem o *lunch*, sem diminuir todavia o preço das passagens.

Isso é caracteristicamente brazileiro, e revela a anarchia reinante na nossa principal empreza de navegação.

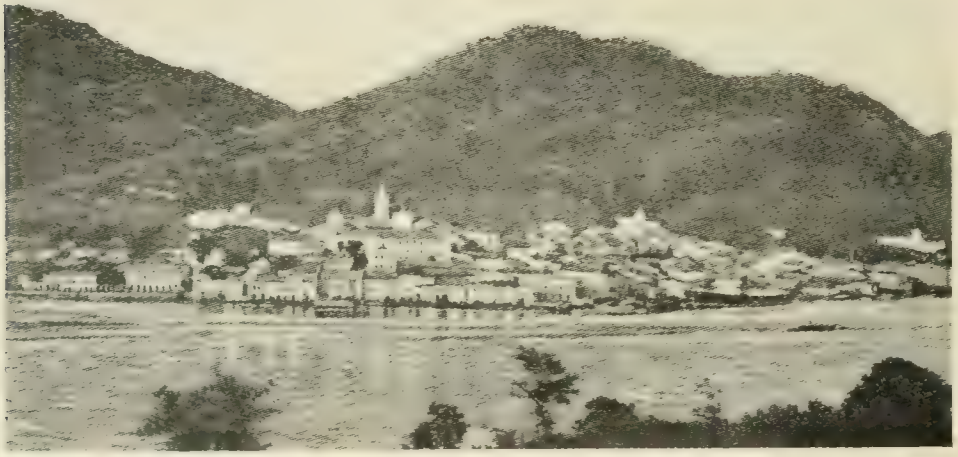
Houvesse uma outra linha de vapores para fazer concurrencia ao Lloyd, na carreira do norte, e esta empreza, em breves dias abriria fallencia, porque nella tudo é desordem, indisciplina e descaso.

Presentemente, uma pessoa de bom senso, que deseja ir do Rio á Bahia ou a Pernambuco, embarca num vapor estrangeiro, segura da commodidade, da presteza e do confôrto.

O serviço, na linha do sul, é melhor, porque uma outra companhia de navegação costeira (Lage & Irmãos) concorre com o Lloyd até á cidade de Porto Alegre, e na linha do Rio da Prata ha os confortaveis vapores inglezes, allemães e italianos, quasi sempre preferidos por aquelles que se não querem sujeitar a uma viagem de dez dias do Rio á capital argentina.

***

Para os espiritos observadores, uma viagem maritima é uma boa fonte de psychologia. Os temperamentos mais diversos, as naturezas mais antipodas se approximam, attraidas por uma força



Vista geral da Victoria, Espirito Santo.

mysteriosa, que estabelece, no curto espaço de algumas horas, uma falsa solidariedade humana.

Pessoas que jamais se viram, e que nunca teriam occasião de permutar ideias, ficam quasi intimas, dentro de dois ou trez dias. Familiarizam-se; e, na troca de gentilezas, como se fossem velhas amigas, vão assentando, muitas vezes, o alicerce de uma amizade futura.

Mas como um vapor é uma especie de resumo do mundo, nelle se encontram tambem naturezas pouco sociaveis, que mais preferem a contemplação de uma paisagem marinha ou a proveitosa leitura de um livro sadio que a palestra corriqueira de bordo.

Leitor, consente que eu te diga que pertenço a esta ultima classe de vertebrados. Nas horas de mar plano, e quando sopra uma viração, fresca e continua, nada ha mais agradavel que, estirado numa *chaise-longue*, saborear a leitura reconfortadôra de algumas paginas de Taine, de Schuré, de Renan, de Saint-Victor, ou beber, gole a gole, os periodos brilhantes e sonóros de um Castilho, de um Vieira, de um Eça de Queiroz ou de um Machado de Assis. E acompanhar com os olhos do pensamento as scenas e as figuras que se desdobram nas paginas do livro; mergulhar a alma num mar de sensações deliciosas, cortando, por alguns momentos, o fio material que a prende á terra e ás contingencias da vida, é sempre melhor que encher o estomago de repetidos copos de cerveja, ou conversar de politica.

A bordo, durante o dia, a vida vae passando, mais ou menos suave.

Mas, se chega a noite, e se é tempo dos grandes calôres, torna-se impossivel dormir no pequeno e abafado espaço de um camarote, com seu ar confinado e o cheiro desagradavel dos vomitos.

Como não é a primeira vez que viajo por mar, já não estranho, a promiscuidade, ás vezes detestavel, de naturezas heterogeneas na limitada cubatura de uma camara de navio.

Desde o acotovelamento até ao arrastar de malas; desde a conversa desinteressante de um companheiro importuno e estupido como uma pedra, até aos cuidados no guardar as nossas joias e o nosso dinheiro, tudo constitue uma serie de aborrecimentos, que, felizmente, são compensados pela sêde satisfeita de conhecer novas gentes e novos climas.

***

De certo tempo a esta parte, vem-se evidenciando uma corrente de approximação entre o sul e o norte do Brazil.

Mas, ainda assim, os extremos do nosso paiz não se conhecem. Quem vive no Rio Grande do Sul, em Santa Catharina, no Paraná ou em S. Paulo, suppõe que o Brazil acaba no Rio de Janeiro.

Quando muito acreditará que esse immenso territorio que vae da barra da Itabapoana aos extremos do cabo Orange (ou, mais além, aos visos alterosos da Padarayna) nada mais é que uma possessão bazileira, da qual só se têm noticias, atravez do serviço telegraphico dos jornaes cariocas. Os nossos escriptores e jornalistas do sul não sabem da existencia dos escriptores e jornalistas do norte.

Conhecem a Bahia, atravéz dos seus côcos e das suas mulatas, das suas laranjas e dos seus candonblés, da sua politica e das suas quartinhas de barro. De Pernambuco só sabem que alli foi um dos maiores centros das ideias abolicionistas e da propaganda republicana.

E, de vez em quando, ouvem falar de Martins Junior, de José Mariano, de Annibal Falcão e de Joaquim Nabuco. Conhecem o Ceará, atravez das suas seccas e da figura patriarchal do homem que, na hora presente, dirige os destinos daquella terra.

Do Maranhão só sabem que foi a terra de Gonçalves Dias e o berço illustre de brilhantes e numerosas intelligencias litterarias.

O Pará conhecem-no apenas como o grande emporio da borracha e do cacáo, que d'alli se irradiam para os grandes mercados do mundo.

O Amazonas vêem-no, exclusivamente, como uma terra maravilhosa, onde os individuos se tornam millionarios da noite para o dia, ou como uma região, onde o homem é pequenino de mais para lutar com a natureza, que por toda a parte, contra elle conspira. Pois bem! Nesta serie de capitulos que me propuz escrever, mostrar-te-ei, leitor benevolo, embora de um modo synthetico, os florescentes nucleos de vida que se encontram do Rio de Janeiro ao territorio do Acre, ora á beira tranquilla ou revoltada do Atlantico, ora á margem remançosa e florida de algumas das nossas grandes arterias fluviaes.

Porque é necessario fazer propaganda do Brazil, dentro do proprio Brazil.

CAPITULO II

BAHIA

SUMMARIO. — Dezeseis annos depois. — Manhã de temporal e de chuva. — A Bahia vista de bordo. — Um desembarque penoso. — Demóra da visita da saude do porto. — Ligeiras reminiscencias historicas. — O descobrimento do Brazil e o visconde de Porto Seguro. — O Caramurú e a colonização da Bahia. — Thomé de Souza e o padre Nobrega. — Conflicto de raças. Influencia do jesuita na civilização americana. — D. João VI e o visconde de Cayrú. — A revolução franceza e a independencia da America latina.

Tendo saido do Rio de Janeiro, debaixo de temporal e de chuva, quiz a natureza, que, da mesma fórma, eu fizesse a minha entrada na capital da Bahia.

No entretanto eu pedira, insistentemente, aos céos que reproduzisse aquelle dia da Victoria, afim de que tornasse a ver, banhada na luz gloriosa desse fim de maio, a veneravel cidade brazileira, da qual os meus olhos se haviam afastado ha 16 longos annos.

O *Maranhão*, que viajára toda a noite, sob a acção constante de um vento frio, entrára muito cedo no concavo amplissimo da bahia de Todos os Santos.

O relogio de bordo acabava de dar 6 horas.

Uma neblina, esgarçada e discreta, envolve toda a cidade baixa. Muito mal se distinguem, na cerração da manhã, longiquas torres de igrejas e os andares mais altos da parte superior da antiga metropole.

O vapor apita, pedindo na linguagem retumbante e sonora da sua sereia, a visita da saude publica, da alfandega e da agencia do Lloyd, visita que, como vae acontecer em todos os portos nacionaes, é preguiçosa e tardia.

São 8 horas, e ninguem conseguiu ainda desembarcar, porque

sómente a essa hora é que transpõem o portaló do navio os representantes da hygiene, do fisco e do Lloyd Brazileiro. Em derredor do paquete, a vozearia diabolica dos catraieiros, no obter conducção de viajantes e de malas para terra, dando-nos assim a pintura perfeita da luta pela vida. A névoa, que se debruçára sobre a montanha, vae fugindo com o levantar do dia.

Mas a chuva e o vento continuam.

Como quem viaja não tem horas a perder, colloquei, dentro no mesmo bote, a minha alma e a minha bagagem, e em pouco pisava, depois de uma ausencia de tão longos annos, a terra onde nasci, e da qual eu saira menino ainda.

Voltava, emfim, á terra sagrada de tantos homens illustres, de Ruy Barboza e de Manoel Victorino, de Saraiva e de Cotegipe, de Nabuco de Araujo e do visconde do Rio Branco, de Castro Alves e de Junqueira Freire. E' bem verdade que já não era mais a mesma Bahia do segundo imperio, com o prestigio dos seus grandes homens, assim nas lettras como na politica. Mas era a mesma Bahia veneranda, cellula mater da civilização da America, primeiro grande nucleo de vida que se formou no Brazil, quando, nesta parte do mundo , os portuguezes lançaram as primeiras sementes da sua colonização.

Era, na elevação de seus brios e na educação sociologica, a mesma Bahia, que em 1625, ferida nos seus sentimentos nativistas, repellia a primeira invasão hollandeza.

Era, na cultura politica e nos assomos de liberdade, a mesma Bahia que a 2 de julho de 1823 quebrava as ultimas cadeias que a prendiam ao dominio lusitano, com o concurso militar do general Labatut e de lord Cockrane, um grande e leal amigo da emancipação sul-americana, e que, para nós outros, só teve um unico movimento de antipathia, intervindo, com o prestigio da sua autoridade, para abafar a revolução que, em Pernambuco, em 1824, proclamára a Confederação do Equador.

***

A Bahia é a cidade mais historica de todo o Brazil. Tendo sido capital do paiz durante 214 annos (1549-1763), foi, por isso mesmo, a séde dos episodios mais importantes da nossa historia colonial.

E' o ponto de origem da Nação Brazileira.

Como se sabe, foi alli que a frota de Cabral desembarcou, na Corôa Vermelha, ilha situada na bahia de Santa Cruz, ao sul do Estado.

Varnagen, talvez para justificar a razão de seu titulo nobiliarchico, tentou demonstrar que o illustre almirante portuguez desembarcára no actual Porto Seguro. Vaidades, talvez, de historiador e de visconde. Gabriel Soares affirma que o desembarque se realizou no rio de Santa Cruz.

Era a enseada deste nome.

Na propria carta de Vaz Caminha ha um trecho onde se faz referencia a um « ilhéo grande, que, de baixa-mar, fica muito vazio ». Essa é tambem a opinião de varios historiadores, entre os quaes Mouchez e Rohan, e, com elles, o illustre geographo Ayres do Casal.

Modernamente, á enseada de Santa Cruz deu-se o nome de *Bahia*

Vista geral da Bahia.

Cabralia, justa homenagem a quem primeiro semeou, nesta parte do mundo, os germens da civilização do occidente.

E' notorio que de 1500 a 1521, o Brazil esteve entregue á pirataria universal. Depois de dois decennios de absoluto abandono, foi que Portugal, pela voz de D. João III, tratou de defender a colonia. Eixo de rotação de quasi toda a vida colonial brazileira, a Bahia interessa-nos sobretudo por seu passado historico e por suas idéas de nativismo e independencia.

Quem aporta áquella terra, asylo de muitos costumes e tradições herdadas, ha de evocar, insensivelmente, desordenadamente, os factos e os episodios de que foi theatro, nos seculos XVI, XVII, XVIII, e XIX.

Quem chega á Bahia e se não lembra logo de Diogo Alvares (o

Caramurú) e da celebre Catharina Paraguassú, tão lindamente cantada no poema de Santa Rita Durão? Do grande predominio que o Caramurú exercia sobre os selvagens, da sua convivencia e do seu contacto com elles, do seu raio de acção, que, pouco a pouco, se ampliava, resultou o inicio da colonização da antiga metropole.

Quem poderá olvidar o nome de Thomé de Souza, que inaugurou naquella terra, o governo geral do Brazil, em 1549, e com elle o nome tambem respeitavel do padre Nobrega, que vinha com o fim de cathechizar os indigenas? Thomé de Souza foi o verdadeiro fundador da cidade, que fortificou, afim de defendel-a dos assaltos repetidos dos piratas francezes.

Fundou o collegio dos jesuitas, construiu igrejas e assentou artilharia nas praças fortes. Creou a camara municipal, reedificada em 1660, e que ainda hoje se levanta na praça de Palacio.

A cidade augmentava, de dia para dia. Mas a obra da civilização ia, em breve, ser perturbada por um conflicto inevitavel de raças.

O branco, o indio e o negro vão confundir-se, menos por sentimento democratico que por luxuria. Esse contacto de raças heterogeneas tinha como resultante a depravação commum, o desenvolvimento da sensualidade, o desrespeito mutuo, a fraqueza de caracter e a lassitude de animo, qualidades que, pela lei do atavismo, ainda se encontram no caracter em formação de grande parte do povo brazileiro. O branco procurava o pretexto do clima, para fugindo ao trabalho, escravizar o indio e o negro, gerando assim esse odio que, embora attenuado, perdura até hoje entre o brazileiro branco, o brazileiro mestiço, o brazileiro negro e o brazileiro indigena. Tudo isso foi a obra sociologica do egoismo e da ambição do colono portuguez, que se fazia surdo á palavra evangelizadôra dos padres da Companhia de Jesús. O elemento conservador da colonia é então representado pelos senhores de engenho, que sabem aproveitar a actividade e a energia da raça negra, que, na ordem economica, foi o elemento creador do paiz.

Sem o auxilio do negro, a colonização do Brazil seria impossivel, ou pelo menos tardia. Só o ouro conseguiu, mais tarde, que o branco deixasse o littoral, em busca dos sertões.

Como se sabe, os primeiros negros que chegaram á Bahia eram oriundos da Guiné. Pouco depois o trafico foi attingir Angola e Moçambique e a Costa da Mina, de onde partem todos os annos as esquadras negreiras.

O indio, vivendo distanciado do branco e possuindo a mobilidade

do *habitat*, pouco concorria para o desenvolvimento economico do Brazil, destacando-se mais como razão e motivo das lutas continuas entre colonos e jesuitas, a cuja frente se via o vulto extraordinario de Anchieta, o primeiro grande evangelizador do Novo Mundo.

O elemento moral dessa sociedade heterogenea do seculo XVI era, na verdade representado pela Companhia de Jesus, que tão assignalados serviços prestou ao trabalho de civilização da America.

A ambição desenfreiada do colono, o appetite genesico do negro e a indolencia bestial do indio, encontravam uma forte barreira na acção benefica e moralizadora dos jesuitas, que, ancorados na sua inflexibilidade, despertavam contra si o odio dos aventureiros e conquistadores.

Condemnando a perseguição ao incola e a radicada perversão de costumes, os jesuitas cuidavam da fundação de uma sociedade civil que tivesse os seus alicerces na religião e na moral.

***

Lembra-me ainda a legendaria Bahia, a rebellião de 1682 e os seus chamados Juizes do Povo (reminiscencias talvez dos tribunos da plebe da Roma consular), rebellião motivada pelos desatinos e pelos erros politicos do então governador Souza Menezes.

Recorda-me o levante de 1712, ao tempo em que Pernambuco se achava a braços com a guerra civil dos Mascates, e o Rio com a invasão de Dugay-Trouin.

Traz-me á memoria a figura historica de D. João VI, que alli aportou a 21 de janeiro de 1808.

Lembra-me, igualmente, o visconde de Cayrú, a cujo conselho esse principe illustre abriu os portos do Brazil ao commercio do mundo, acabando de uma vez por todas, com o monopolio da colonia. Esse acto de D. João VI foi certamente o mais importante de todo o seu fructuoso governo de treze annos, nesta parte da America.

A Bahia, recorda-me tambem o movimento constitucional de 10 de fevereiro de 1821 e a consequente deposição do conde de Palma, tudo isso como um corollario dos acontecimentos que proclamaram, em Lisbôa, a Junta Provisoria, como um justo protesto contra o absolutismo que reinava naquelle angulo da Europa occidental.

Eram as aspirações do constitucionalismo, que foi, no mundo moderno, o triumpho maior da Revolução Franceza.

Se o absolutismo já não era mais possivel na Europa, peiormente na America, onde o espirito de liberdade economica e os anceios de independencia politica, agitavam os povos adolescentes.

Eram as ideias emancipadôras que, partindo dos Estados Unidos, fôram incidir na velha Europa, no coração, da França, e d'alli, pelo effeito da reflexão, vieram ecôar na America latina.

O movimento operado, no antigo continente, no seculo XVI, tendo como resultado a constituição das grandes monarchias, veio preparando o espirito do mundo para a victoria das suas liberdades.

No que diz respeito á conquista das ideias democraticas, a jover America, na segunda metade do seculo XVIII, dava uma lição magnifica á velha e gloriosa Europa, mãe veneravel das civilizações occidentaes.

Ponhâmos um termo a estas reminiscencias, inevitaveis a quem pisa o solo venerando da Bahia, cellula primaz do organismo sociologico brazileiro e fonte purissima, onde devemos beber a lição dos acontecimentos que encheram a historia de trez longos seculos.

CAPITULO III

BAHIA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Em terra. — Primeiras impressões da Bahia. — Aspecto architectonico da antiga metropole. — Os tramways electricos. — Elevadores e planos inclinados. — O ascensor Lacerda. — A praça de Palacio. — A rua Chile. — O theatro S. João. — Hoteis e pensões. — A policia de costumes e a tolerancia dos hoteleiros. — Um abuso que é preciso acabar. — O elemento africano na Bahia. — Sua influencia na educação da familia bahiana. — Hygiene particular e publica.

São 9 horas da manhã. Salto no caes do Ouro. E com que difficuldades consigo saltar em uma pequenina escada de madeira, que trepida e vacilla, com o arremesso das ondas! A não ser em Santos e Manáos, o desembarque em qualquer porto brazileiro é sempre um grande sacrificio.

Em quanto espero a passagem de um tramway que me conduza á porta do elevador Lacerda, vou passeiando os olhos pela architectura da cidade baixa.

Sobrados de trez, quatro e cinco andares, todos de um mesmo typo. Difficilmente se vê um predio de feição moderna.

Ruas estreitas, como a rua Nova das Princezas, são formadas de predios acaçapados, e do fundo dos quaes se levanta um pronunciado aroma dos seculos XVII e XVIII.

A architectura da Bahia é, em grande parte, a mesma do tempo da primeira invasão hollandeza. A cidade baixa compõe-se de vias estreitas e tortuosas, com os seus pequenos mercados, pouco hygienicos.

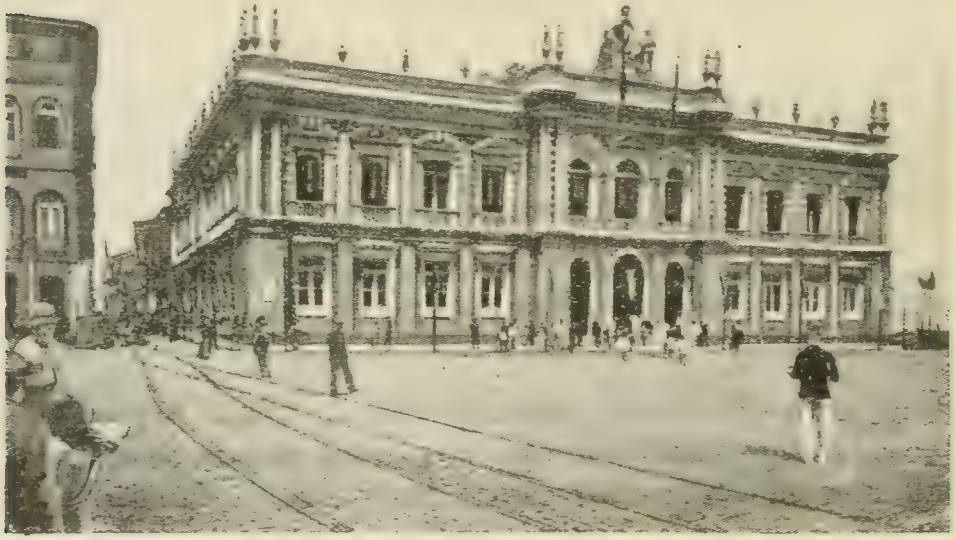
Francamente, as primeiras impressões de quem chega á Bahia são bastante desfavoraveis.

Poucos dias antes os meus olhos haviam admirado grandes e

formosas cidades como Buenos Aires, Rosario de Santa Fé, La Plata, Montevidéo e Rio de Janeiro.

O contraste era manifesto. Em materia de progressos materiaes, a Bahia, na sua marcha de tartaruga, quasi nada tem conseguido. Tomo o ascensor electrico, e salto na praça de Palacio. E' bonita, mas resente-se da falta de arborização. D'alli se gosa um panorama soberbo. Fica a cerca de oitenta metros acima do nivel do mar.

Centenas de embarcações, como se fossem um archipelago de ilhas minusculas, dormem á superficie lisa da bahia. Defronte vê-



Palacio do Governo. — Bahia.

se a grande ilha de Itaparica, que, por seu excellente clima, recebeu dos bahianos a denominação de *Europa dos Pobres.*

Entro na rua Chile, a rua do Ouvidor da Bahia. A' esquina está o palacio do governo, melhorado e inaugurado em 1633, pelo então governador Francisco Barretto de Menezes. Quasi fronteiro, ergue-se o bello edificio onde funcionam a camara dos deputados e a intendencia municipal.

A rua Chile é bem tratada, possue alguns predios novos e bonitos, como o em que se acha installada a delegacia fiscal.

Chegando á praça Castro Alves, encontro á minha direita o velho theatro S. João, cujas paredes venerandas parece guardarem o éco das estrophes do grande poeta do *Navio Negreiro.* Esse theatro foi mandado construir pelo conde da Ponte, tendo sido inaugurado pelo conde dos Arcos em 1812.

Na praça Castro Alves ficam situados os dois primeiros hoteis da capital da Bahia : o *Paris* e o *Sul Americano*.

Installo-me no *Paris*. Depois do almoço, já havendo cessado a chuva, tornei á cidade baixa, cujo movimento commercial pude apreciar mais detidamente.

Na Bahia, como no Rio, Pernambuco, Pará e Manáos, o grande como o pequeno commercio estão nas mãos dos portuguezes. Embarco em um dos electricos da Light and Power. Os bonds da cidade alta pertenecem á empreza Guinle et Cᵉ.

A intensidade de vida commercial é notavel, mesmo se a compararmos com a de S. Paulo, Pará e Manáos,

Percorro a linha do caes. Entro na estação de vapores da *Companhia de Navegação Bahiana*, que pertence ao Estado, e que ligam a capital a varias cidades littoraneas. Essa companhia possue vapores de maior calado, que viajam para Sergipe e Pernambuco, com escalas por Villa Nova, Penedo e Maceió.

Na Amazonia, a esses pequenos vapores dá-se nome de *gaiolas*.

Não se comprehende porque a Bahia não tenha ainda o seu caes de desembarque, sendo, como é, um dos portos mais frequentados do Brazil. Alli tocam todos os vapores estrangeiros que se dirigem á Europa, ao Rio da Prata, com escalas pelo Rio de Janeiro e Santos, e bem assim a totalidade dos vapores do Lloyd que vão á capital do Amazonas. As obras do porto da antiga metropole brazileira penso que não chegarão a termo ainda neste seculo.

Existem apenas alguns metros de aterro para os lados de Itapagipe. Essa lentidão não pode ser levada á conta dos profissionaes, que a empreza os tem e muito distinctos. Os concessionarios da construcção do porto dispõem de duas dragas, dois rebocadores, quatro batelões de ferro, duas lanchas-automoveis, uma linha ferrea auxiliar para transporte de pedras; possue guindastes fixos e rodantes, usina de electricidade, locomotivas e motores electricos.

Em virtude do contracto firmado com o governo federal, esta empreza propõe-se construir armazens de carga, trez caes, um de 1.530 metros, outro de 1.540 e o ultimo de 850, e bem assim um quebramar exterior com o comprimento de 920 metros, e outro interior e parallelo ao caes, com 1.200 metros de extensão.

***

As communicações, entre a parte baixa e a parte alta da cidade, são feitas por meio de dois ascensores electricos e dois planos incli-

nados. O ascensor Lacerda, que é o mais antigo, foi construido em 1861.

A principio era hydraulico. De dois a trez annos para cá é que foi electrificado.

Ha ainda o elevador do Taboão, o Charriot e o plano inclinado do Pilar.

Existem varias ladeiras, regularmente calçadas, para o transito de carroças e peões, como sejam as da Montanha, da Misericordia, da Preguiça e do Taboão.

Os electricos bahianos não são dos peiores. Elles representam um progresso e uma necessidade em uma capital como Bahia, eminentemente accidentada.

Em cidades de topographia caprichosa, como S. Paulo (em parte), Porto Alegre e Bahia, não se comprehende outro systema de viação urbana que não seja o electrico. A tracção animada, além de primitiva, é profundamente antiesthetica. As duas primeiras capitaes que citei possuem presentemente, um magnifico serviço de tramways electricos, que nada têm a invejar aos do Rio de Janeiro.

***

Voltemos ao Hotel Paris. São horas de jantar. O relogio acaba de bater seis vezes.

Um piano electrico, importuno e desmiolado, começa a moer, para tortura dos meus ouvidos, seus trechos de musica cosmopolita. A' direita, á esquerda e defronte de mim, uns rostos femininos.

Egreja da Praça. — Bahia (construida por Caramurú).

Um, em cada meza, e, geralmente, desacompanhado. Curioso, pergunto ao creado que me serve, qual o officio e procedencia daquellas nymphas que povôam o Paris. Caio das

nuvens, quando ouço que são mulheres de vida facil, que vivem e recebem visitas no proprio hotel! Indignado, quiz, na manhã seguinte, mudar-me para o Sul Americano.

— E' a mesma cousa! disse-me, igualmente revoltado, um distincto amigo, que, como eu, é filho da terra de Cayrú.

E accrescentou:

— Quasi todas as casas de pensão, na Bahia, commettem o mesmo abuso.

Entretanto, existem algumas, principalmente na Victoria, destinadas a pessoas de tratamento que se façam acompanhar de suas familias, e que não acceitam pensionistas duvidosas.

Como se vê, uma familia estrangeira ou mesmo nacional, que não conheça bem a Bahia, está sujeita a passar pelo dissabor e pelo vexame (se se hospedar no Paris ou no Sul Americano) de vêr-se em promiscuidade com pessôas que deveriam residir em bairros apropriados. Onde está a policia de costumes? Trata-se de uma intolerancia inveterada, com a qual nada tem que ver a culta sociedade bahiana, que reprova e condemna semelhantes abusos. Pesa-me dizer, em lettra de fôrma, estas amargas e duras verdades, como bahiano que sou, e que ama a sua terra. Silencial-as seria um crime.

E' preciso pôr um termo á ganancia e á falta de escrupulos dos hoteleiros da Bahia, que, de alguma sorte, concorrem para o descredito de uma terra de tradições ilustres.

Que taes liberdades se permittam em Manáos, vá! porque Manáos é a cidade da ambição e da luxuria, e, fundada ha poucos annos, não tem um passado de quatro seculos para respeitar e zelar.

***

Uma outra cousa que chama a attenção, até mesmo a um bahiano que se educou e viveu debaixo de outros céos e sob a acção de outros climas — é a abundancia do elemento negro.

Um estrangeiro perverso e brazilophobo talvez dissesse que a Bahia não é mais que uma projecção transatlantica da Africa.

Seria um exagero e uma calumnia. Mas o que é fóra de duvida é que 40 % da população da capital são representados pelo elemento africano. Nessa percentagem não inclúo o mestiço. Porque o mestiço é o brazileiro legitimo. E' o resultado final desse caldeamento de raças que se vem operando, entre nós, ha quatrocentos annos.

A Bahia constituiu-se, no Brazil, o quartel-general da raça negra. O phenomeno é de facil explicação. A' Bahia, como capital que foi do Brazil colonial, até ao anno de 1763, aportavam os navios negreiros, oriundos da costa occidental da Africa.

Além disso, a Bahia foi, nos primeiros tempos, a séde dos grandes engenhos de assucar, e nos quaes o braço negro, encontrando trabalho, fructificava e crescia.

Depois dos portuguezes, fôram os inglezes os maiores traficantes de escravos negros, nos seculos XVI e XVII.

O inglez conduzia o africano para a America do Norte; o portuguez trazia-o para o Brazil.

D'ahi o grande numero de representantes da raça malsinada, que ainda hoje vivem nos Estados Unidos e entre nós. Não esqueçamos, porém, que o negro foi o factor principal na colonização do nosso paiz, e que á sua energia, á sua resignação e á sua affectividade muito devemos. Não tenho preconceitos de raça, nem algum brazileiro sensato poderia tel-os.

Povo de ethnogenia complexa, tanto devemos amar o branco, o indio e o negro, que nos formaram, como as outras raças que aqui vivem e collaboram comnosco.

A raça negra muito influiu na educação do caracter da familia bahiana, principalmente, na parte mais elevada e mais culta da sociedade. As'velhas mucanas confiavam-se, quasi sempre, a creação e a educação rudimentar das creanças, em casa dos ricos senhores de engenhos. As jovens escravas serviam de aias ás senhoras moças, e, muitas vezes, de confidentes...

Ainda agora, na Bahia, é commum ouvir, em uma casa de familia respeitavel, o tratamento de yôyô, yáyá, sinhô, sinhá, ou, abreviando : yô, yá, nhô, nhá.

São vestigios da influencia exercida pelo escravo negro na vida domestica dos senhores brancos.

O negro africano tem alguma cousa em que se parece com o inglez. Este, aonde chega, procura organizar um resumo da Inglaterra e dos seus habitos inglezes.

Assim o africano, que, na Bahia, reproduz as suas festas nataes, o seu candomblé, o seu batuque e... as suas feitiçarias.

Mas, em se chegando á capital bahiana, é preciso distinguir o negro rude e retardatario, do negro intelligente e bem educado.

Ha-os formados em medicina e em direito, e que são habeis clinicos e advogados distinctos.

Felizmente, naquelle grande Estado brazileiro, não existe odio de raças. Todos se respeitam e estimam, e trabalham para a grandeza e prosperidade da mesma terra.

***

Não quero finalizar estas linhas que vou traçando, sem o proposito de agradar ou desagradar a quem quer que seja, sem dizer algumas palavras, com relação á hygiene particular e publica, na capital da Bahia.

Cidade de cerca de 300 mil habitantes, com uma topographia ingrata e caprichosa, sem rêde de esgotos, com uma rêde incompleta para agua, a Bahia devêra ter muito cuidado na hygiene official, como na hygiene privada. E' justamente o contrario que acontece. Em muitas ruas, os moradores atiram á calçada as aguas de uso domestico, como tive occasião de testemunhar.

A directoria de saude publica fecha os olhos a tudo isso, e a febre amarella e a peste bubonica vão irrompendo e se propagando.

Se não fôra a chuva (e, sobretudo, o providencial relevo da cidade), que tudo lava e beneficia, quantas molestias não se tornariam endemicas naquella bôa terra, tão digna de outros destinos!

Onde estão as posturas municipaes? Onde param os responsaveis pela saude publica?

Onde estaes, descendentes de Saraiva e de Cotegipe, de Nabuco de Araujo e do visconde do Rio Branco?

CAPITULO IV

BAHIA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Os arrabaldes maritimos. — Itapagipe, Rio Vermelho e Barra. — Logradouros publicos. — O Campo Grande e o monumento Dois de Julho. — Os theatros da Bahia. — Uma visita ao Campo Santo. — O tumulo de Manoel Victorino. — O monumento aos mortos de Canudos. — Uma quadra de Castro Rabello Junior. — Os mausoleos de Nina Rodrigues, de Alexandre Fernandes e do barão de Cajahyba.

O grande Maximiliano d'Austria, o imperador-poeta, que pagou com a vida o crime de haver governado a patria de Juarez, e na qual foi traido pela fortuna e pelos homens — escreveu, nas suas *Memorias e Viagens*, estas palavras cheias de fina observação :

— « Viajantes, quereis avaliar uma cidade, antes de nella entrar? Se fôr dominada por altos e negros campanarios e por zimborios brilhantes, entrae : achareis bellos monumentos, grandes memorias. Mas se ella se apresentar aos vossos olhos, sem construcções elevadas, não vades lá, porque não vereis senão casas e ruas informes, a não ser que o assucar e o algodão tenham mais interesse que o resto. Se virdes chaminés colossaes, fugi, porque, entre todas as cidades, são as cidades de fabricas as mais aborrecidas; transformam os homens em machinas e matam o coração e o espirito. »

Lembrei-me deste conceito, quando me propuz visitar, primeiramente a Bahia exterior, e, em seguida, o intimo de seus grandes monumentos religiosos, de que me occuparei no capitulo seguinte.

Se não é uma cidade industrial, com as suas formidaveis chaminés, voltadas para o firmamento, num desafio constante á tempestade e ao raio, é todavia uma cidade de altissimas construcções e de companarios erguidos. A alma contemplativa de Maximiliano encontraria, na grande e estacionaria cidade brazileira, muita cousa

que admirar e observar. Veria a obra valiosa dos jesuitas, que os tempos ainda respeitam, e os vestigios de pedra que nos legou a administração benemerita de D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, e de outros governadores da Bahia.

***

Uma das cousas que mais me interessam, numa cidade, são os seus arrabaldes.

Um arrabalde, pittoresco e alegre, com arvores e sombra, é um ponto de refugio para o espirito aborrecido e cansado de supportar a hypocrisia dos homens e a etiqueta convencional das sociedades contemporaneas. Para um espirito amigo da natureza, dos seus segredos e das suas maravilhas, é mais agradavel passar algumas horas na convivencia de um veio d'agua, á sombra de ramos consoladores, vendo, ao longe, um pedaço de céo claro e um trecho de mar tranquillo, que trocar ideias frivolas nas esquinas da rua do Ouvidor ou nos terraços da Avenida Central.

No Brazil, não é só o Rio que offerece a paisagem e a belleza de soberbos arrabaldes maritimos. A Bahia os tem, igualmente admiraveis. O primeiro que visitei foi Itapagipe, E' um promontorio, de onde se levantam lindas vivendas e praças arborizadas. Nas praias desse bello promontorio, o mar, encrespado ou tranquillo, desdobra, constantemente, a renda alvissima das suas espumas.

Na riba do canal, que fronteia a *Plataforma*, os pescadores estendem ao sol, as rêdes de pescar. E' continuo o movimento de bondes para Itapagipe, cujas ruas se vêem repletas de homens do mar, de vendedores de fructas e de operarios.

Se não fossem as vias estreitas e pouco asseiadas que o visitante tem que percorrer, esse bello arrabalde da capital bahiana seria um dos mais procurados.

Rio Vermelho e Barra, são outros dois arrabaldes maritimos deliciosos. O primeiro acha-se mais afastado do centro da cidade do que o segundo. E' uma especie de villa balnearia, muito frequentada por aquelles que precisam de rehaver perdidas energias physicas. A Barra é igualmente saudavel e tem bellas edificações. Defrontando com a entrada da bahia de Todos os Santos, recebe, por isso mesmo, o ar canalizado do mar alto. Em uma esquina da praia, varrida pelos ventos, erguem-se um pharol e um pequeno forte, em fórma de luneta.

***

Cidade de 300 mil habitantes, a Bahia poderia ter um maior numero de logradouros publicos. O principal é o do Campo Grande, onde existe o magestoso monumento Dois de Julho, a grande data bahiana.Esse jardim, pelo traçado das suas alamedas e pelo arranjamento das suas arvores e dos seus arbustos, pela perspectiva como pelo logar em que foi construido, lembra-me o da praça da Republica, em S. Paulo. Entremos no passeio publico da Bahia. Como o pequeno jardim da praça Castro Alves e o do Campo Grande, o passeio publico é rodeado de muros com gradeamento de ferro. E' primitivo e deselegante.

Hoje, nas cultas cidades da Europa e da America do Norte os jardins são abertos. Entre nós, são-no os do Rio, S. Paulo, Porto Alegre, Maceió, Recife, S. Luiz do Maranhão, Pará e todos os de Manáos. Os da Bahia são fechados. Por quê? O grande publico bahiano deve ter a bôa educação e o bom senso precisos para chamar a si a conservação dos seus logradouros. O panorama que se goza do terraço do passeio publico é simplesmente maravilhoso.

Em frente, a amplidão do oceano, donde vem uma brisa, leve e continua; á direita e á esquerda, as ilhas que povôam a enormissima bahia. Ao fundo do passeio, todo plantado de arvores seculares, existe um pequeno, mas interessante jardim zoo ogico, cujos exemplares são originarios da propria fauna bahiana.

***

Ha, na Bahia, apenas dois theatros.

Um delles, o S. João, vive trancado no seu silencio e nas suas glorias passadas.

O outro, o Polytheama, é o que de ordinario funcciõna, quando nelle vem trabalhar alguma companhia portugueza.

O povo da Bahia, em grande parte, ainda possue os habitos e os costumes do seculo XVIII. Espera o tiro das nove, no forte de S. Marcello, para recolher-se á cama. Em todas as camadas sociaes, a vida é sedentaria por excellencia.

Pode dizer-se que não ha vida nocturna, na Bahia. A cidade baixa, que é toda commercial, fecha ás 6 horas da tarde. Na cidade alta, até ás 9 ou 10 horas da noite, reunem-se alguns estudantes na praça de Palacio e defronte do Sul Americano.

Não vi, na Bahia, um café ou uma confeitaria bem montada, com o luxo e o conforto das que se encontram no Rio, em S. Paulo e em qualquer das ruas de Manáos.

Na parte commercial da cidade, existe um unico café, o qual está abaixo de qualquer congenere suburbano do Rio de Janeiro. Na praça de Palacio ha um outro de igual categoria, frequentado por gente de inferior condição.

Sob esse ponto de vista, é lastimavel o atrazo da Bahia, que só tem progredido em materia de politicagem.

Muitos bahianos que nunca sairam da sua terra talvez julguem que tudo que lá existe é a ultima palavra no que concerne á civilização e ao progresso.

***

Querendo prestar o culto da minha saudade á memoria de bahianos illustres desapparecidos, fui visitar o Campo Santo.

Acompanhou-me nessa visita piedosa o meu distincto amigo Dr. Egas Muniz Barreto de Aragão, o illustre poeta que no mundo litterario tem o nome de Pethion de Villar. O primeiro tumulo que os meus olhos depararam foi o de Manoel Victorino. Estaquei, deante daquelle juzigo, onde para sempre repousa o homem que mais admirei na vida, e cuja palavra, ardente e sonorosa, era tantas vezes escutada, assim na tribuna das conferencias como na tribuna politica. Dormia alli o grande brazileiro que, saindo da obscuridade de um lar operario, ascendeu ás culminancias do poder publico, unicamente pelo prestigio da sua mentalidade poderosa. E, tocado de uma justa emoção e de um justo respeito, beijei aquelle marmore frio que guardava o envolucro de um dos maiores espiritos que ainda honraram, não sómente o Brazil, senão tambem o proprio genio da raça latina.

O monumento aos mortes de Canudos é um bello monumento.

Mais adeante, vejo um rico mausoléo. E' de D. Adelaide Baggi de Araujo Wilson. Sobre a lapide lêem-se umas quadras do poeta bahiano Castro Rebello Junior. Não resisti ao desejo de

copiar esta, que é de um grande sentimento e de uma grande belleza :

« Morri, quando era o lume de outros !
Tombei, quando era o guia de outros passos !
Nesse abysmo de trevas e de escolhos,
A quantos braços estendi meus braços ! »

Demorei-me, por igual, deante da sepultura do Dr. Nina Rodrigues, o illustre ethnologo fallecido ha poucos annos. Era maranhense pelo nascimento, mas bahiano pelo coração.

Detive-me, ao pé do tumulo de Alexandre Fernandes, um poeta bahiano nascido no Rio Grande do Sul.

Nenhum foi mais popular na Bahia, do que elle, nestes ultimos tempos. Consagrou-lhe a energia dos seus affectos e o brilho da sua intelligencia.

Havia algumas flores á porta da sua ultima morada.

Nessa immensa necropole, um jazigo, sobre todos, prendeu-me a attenção : foi o do barão de Cajahyba.

O monumento é encimado pela estatua da Fé, admiravel trabalho de esculptura, em marmore, que mereceu a honra de ser citado pelo grande Larousse. Eram já 4 ½ da tarde.

Tencionava continuar na minha grata perigrinação, através daquelles marmores, sobre os quaes já incidiam, muito obliquamente, os raios do sol daquelle começo de inverno.

Queria ver ainda outros mausoléos de alguns dos grandes homens do segundo imperio e dos que têm desapparecido depois da Republica e que tanto concorreram para o renome da minha terra. Um cavalheiro que acabava de entrar no Campo Santo, nos communicou ao Dr. Egas e a mim, que vinha, caminho do cemiterio, uma victima da febre amarella.

Interrompemos a visita e tratámos de nos acautelar. Tomámos o primeiro electrico que descia. Não o fiz, sem lançar um ultimo olhar á cidade dos marmores e das casuarinas.

***

O relogio do *Hotel Paris* acabava de bater 6 horas. As lampadas incandescentes illuminaram, de brusco, o salão de jantar. Os hospedes iam-se approximando das suas mezas e os creados já traziam

os primeiros pratos de sopa, que fumegava. Fóra, na praça fronteira, os vendedores de jornaes gritavam, repetidamente : — A *Gazeta* ! o *Jornal de Noticias* ! o *Diario* !

Eram os jornaes da tarde, que eu lia, sofregamente, buscando encontrar, na columna dos telegrammas, as ultimas novidades da capital da Republica.

Leitor carioca, já te separaste alguma vez do teu querido Rio de Janeiro? Já te abalançaste a deixar a rua do Ouvidor, com os seus encontrões e as suas perfidias?

Se acaso já isso fizeste, conheces como eu, o interesse com que, longe do Rio, se péga de um jornal de provincia.

Quando nos achamos neste grande centro intellectual e politico do paiz, lemos, ás vezes, com indifferença, os factos mais salientes do dia anterior.

Mas afastados delle, a noticia mais insignificante nós a commentamos com enthusiasmo e calor.

E' que, no Rio, como em todas as grandes cidades do mundo, a vida intensa e absorvente das ruas não deixa tempo para commentarios.

Passa-se pela existencia de automovel, emquanto que, nos Estados, se faz a travessia della num pachorrento carro de bois.

CAPITULO V

BAHIA

(Continuação.)

SUMMARIO. — A Roma sul-americana. — O mosteiro de S. Bento e a capella abbacial. — Algumas raridades historicas e bibliographicas. — A sala dos papas e dos arcebispos da Bahia. — O convento de S. Francisco de Assis. — Vestigios da dominação hollandeza na antiga capital do Brazil. — A cella do padre Antonio Vieira. — Uma visita ao Collegio Florencio. — Castro Alves. — O Gymnasio Bahiano e a Faculdade de Medicina.

Mais que qualquer outra cidade brazileira, a Bahia interessa-nos, sob o ponto de vista das suas crenças religiosas.

E' a capital catholica do Brazil.

Com as suas duzentas e tantas igrejas, com os seus conventos seculares e as suas diversas ordens monasticas, aquella terra bem merecêra fosse cognominada — a Roma sul-americana.

Mas o que mais admira nesses monumentos que os jesuitas levantaram, é a riqueza das suas ornamentações, é o ouro e a prata de seus altares. Começei a minha visita pelo mosteiro de S. Bento, o mais antigo do Brazil, pois foi construido em 1583.

O primeiro templo catholico que se ergueu na Bahia (e, certamente em toda a America) foi o de Nossa Senhora da Graça. Fundou-o Diogo Alvares, o Caramurú. Com a chegada de Thomé de Souza á Bahia (1549), edificou-se, nesse mesmo anno, a igreja da Ajuda, que teve como primeiro vigario o illustre Manoel da Nobrega, que viera com o governador geral. A capella abbacial de S. Bento é de um luxo phantastico. No meio daquella floresta de columnas interiores e daquelles desenhos riquissimos que ornamentam todas as paredes, daquellas imagens que nos contemplam com os seus olhos humildes e bondadosos; no ambiente daquelles esplendores e daquellas bellezas, a alma do homem se concentra, e só aspira o perdão e a renuncia.

Acompanhado de um joven eclesiastico, que o abbade designára para mostrar-me o convento, deixei a capella abbacial e dirigi-me á sala dos papas.

Ampla e illuminada, pendem das suas paredes seculares, os retratos de Pio V, Pio VII, Leão XII, Leão XIII, Pio IX e Pio X.

Na sala dos arcebispos, um dos primeiros retratos que viram meus olhos foi o de D. Antonio de Macedo Costa, um dos espiritos que mais honraram o clero brazileiro, por seus altos talentos e profunda cultura. No salão das raridades historicas, vi uma preciosa e rarissima collecção de moedas e varios objectos que pertenceram á celebre Catharina Paraguassú. A bibliotheca do mosteiro é talvez uma das mais ricas do Brazil. Nas suas estantes envidraçadas vêem-se obras religiosas e profanas do mais alto valor, e, dentre ellas, muitas de sciencias e de artes.

Aqui estão: a *Histoire des Peintres*, de Charles Blanc, em 14 volumes; a *Histoire des hommes célèbres du XIXe siècle* a *Patrologia*, de Migne, em 221 volumes; as obras de *Santo Agostinho*, em 34 volumes; a *Summa Theologica* de S. Thomaz, tambem em 34 volumes; *Curso completo de theologia*, de Migne, em 28 volumes; *Sermões e Commentarios*, de Dyonisio, em 34 volumes; o *Grande theatro da vida humana*, de Lourenço Beyerlinck (belga), edição de 1656, em oito grandes in-folios; *Obras completas de S. Affonso*, em 29 volumes; *Biblia sagrada*, em 7 grandes volumes, vulgata de Nicolau Lira; *Acta Sanctorum*, de João Bollandus, em 46 volumes.

Alli são as obras completas de Luiz de Granada, em 22 volumes, e as obras completas de Voltaire, em 57 volumes, edição que talvez não se encontre na propria bibliotheca nacional.

Ainda seguido do representante do vice-provincial, D. Bento de Leão, visitei as cellas, hygienicas e espaçosas, as officinas de marcenaria e a installação dos dynamos que fornecem energia electrica ao convento. Percorri tambem as officinas de molduras em madeira, sob a direcção intelligente de um padre leigo, que é tambem electricista, esculptor e mecanico. Vi, no pavimento terreo, as sepulturas dos primeiros religiosos do mosteiro, e, dentre ellas, a do seu fundador D. Antonio Ventura, fallecido em 1591, e que foi o primeiro benedictino que veiu ao Brazil. O altar-mór do mosteiro é, talvez, o mais sumptuoso de todos os altares dos nossos templos catholicos. E' todo construido de marmore italiano.

Na sacristia, pude admirar uma imagem de Christo da altura de dois palmos e meio, e feita de um só pedaço de marfim. Uma curiosidade de esculptura religiosa.

Nos armarios vêem-se ainda jarros e missaes de ouro e prata massiça, paramentos riquissimos e raros, representando uma verdadeira fortuna.

Deixei o velho mosteiro, trazendo a mais grata das impressões, pela ordem, pela magestade que alli se respira e pelos thesouros historicos que elle guarda.

Nesse mesmo dia fui ao convento de S. Francisco, na praça do Terreiro.

E' antiquissimo, pois o começo da sua construcção data do anno de 1587.

Foi seu fundador frei Melchior de Santa Catharina. Mostrou-m'o,

Rua de São Pedro. — Bahia.

com a maior solicitude, o guardião frei Mauricio Millage. Conta o convento onze monges e varios leigos.

Entrei a percorrel-o, com o mesmo interesse e o mesmo respeito religioso com que transpuz os umbraes de S. Bento.

A primeira cousa que me chamou a attenção, pela sua curiosidade, fôram as paredes internas do convento, ornadas de azulejos vindos da Hollanda no seculo XVII, e nos quaes se admiram bellissimos desenhos allegoricos e maximas cheias de uma alta philosophia christã.

Nos altares, existem trabalhos da mais fina talha, e bem assim ornamentações de uma sumptuosidade indescriptivel. Estive na bella igreja da Conceição da Praia, onde o padre Vieira prégou, em 1633, aos vinte e cinco anos de edade, o sermão do quarto domingo de quaresma. Essa igreja possue hoje um orgão, que é julgado um dos maiores, senão o maior que se encontra no Brazil. A minha ultima visita

foi á Sé da Bahia. Conduziu-me alli o desejo de ver a cella onde viveu, durante muitos annos, o genial padre Antonio Vieira. Na Sé, prégou elle algum dos mais celebres dos seus sermões, como os que versaram sobre a segunda quarta-feira de quaresma, em 1634, e sobre o enterro dos ossos dos enforcados, em 1637; o sermão de Santa Cruz, em 1638, e, no anno seguinte, o do patriarcha S. José. Outras igrejas, como a da Ajuda, guardam ainda os écos da palavra, torrencial e fecunda, do grande jesuita. Nesta ultima igreja, prégou elle o notavel sermão pelo « bom successo das armas de Portugal, contra as da Hollanda », em 1640, e, no mesmo anno, o sobre o quarto sabbado de quaresma, ao chegar á Bahia o marquez de Montalvão, vice-rei do Brazil. A cella de Vieira fica situada no pavimento terreo. E' a ultima, á direita de quem entra na Sé da Bahia. Demorei-me a olhar aquellas paredes, aquellas janellas e aquelle tecto que abrigára o maior apostolo da civilização americana, o contemporaneo e grande rival de Bossuet, um dos escriptores mais puros que tem tido a lingua portugueza e um dos mais profundos oradores sagrados dos tempos modernos.

***

Por uma tarde de um bello domingo de junho, galguei as escadas do Collegio Florencio á rua Sodré n. 43. E' seu director o professor Raymundo Bizarria, um bahiano nascido no Ceará. Trabalhado pelos annos e pela doença, talvez com os seus setenta invernos, Raymundo Bizarria é um espirito de vinte e poucos annos. Dotado de uma memoria e de uma intelligencia fóra do commum, é uma delicia trocar idéas com elle.

O collegio Florencio é uma casa historica, pois foi alli que morreu, a 7 de julho de 1871, um dos maiores poetas que têm tido o Brazil. Esse poeta foi Castro Alves. Estive na propria sala e ao pé das janellas junto ás quaes se achava o leito sobre que exhalou o derradeiro alento de vida o illustre cantor da *Hebréa*.

A proposito dessa bellissima composição, contou-me o professor Bizarria, que Castro Alves tinha por costume passar as tardes debruçado sobre uma das janellas do collegio, que defrontavam com a casa de um judeu que havia uma filha, cuja formosura fazia o encanto dos olhos do grande poeta. Vem d'ahi a *Judia*, a que mais tarde Castro

Alves deu o nome mais expressivo e litterario de *Hebréa*, que certamente o leitor conhece e sabe de memoria. Nesse mesmo edificio, onde hoje funcciona o Collegio Florencio, recebeu o auctor das *Vozes d'Africa* uma estrondosa manifestação, na noite em que foi representado o *Gonzaga*.

O poeta do *Navio Negreiro* tinha, igualmente, a paixão da pintura. Vi desenhos seus, a *crayon*, de uma phantasia caprichosa.

Esses desenhos possue-os o illustre romancista bahiano, Xavier Marques, que tambem guarda poesias inéditas de Castro Alves, a respeito de quem está escrevendo um interessante estudo biographico, por incumbencia do Instituto Historico e Geographico da Bahia, que está dando uma nova edição das obras do grande condoreiro. Não se achando ainda satisfeita a minha curiosidade de conhecer mais de perto um poeta de tão subida valia, fui visitar uma sua irmã, a Ex.ma senhora D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, viuva do jornalista bahiano Dr. Augusto Guimarães, fallecido em 1896.

Além de D. Adelaide, que é poetisa, ainda vivem duas outras irmãs de Castro Alves : D. Elisa, casada com o Sr. Francisco Lopes Guimarães, funccionario publico, e D. Amelia, consorciada com o Dr. Manoel José Ribeiro da Cunha, medico, residente em Manáos.

Os dois unicos irmãos do poeta falleceram : José, em 1865, e Guilherme, em 1877. O primeiro, que possuia um talento assombroso, quasi nada deixou. O segundo legou-nos, com o pseudonymo de Dr Alva Xavier, um livro de versos, regularmente mediocres.

A esse livro deu elle o merecido titulo de *Raios sem luz*.

D. Adelaide é uma senhora distincta, assim pela estirpe como pela intelligencia. Tem uma conversa muito agradavel. Possue uma filha de dezoito annos, formosa e finamente educada. Chama-se Clélia, e herdou de Castro Alves o talento da pintura. Desenha e borda, com uma pericia e uma arte admiraveis.

Depois de uma visita de quatro longas horas, naquelle ambiente que tanto bem fazia á minh'alma, despedi-me daquella casa, onde reside uma das mais illustres familias bahianas.

Deixei o confortavel palacete da rua da Soledade n. 128, trazendo a convicção de haver estado com o proprio Castro Alves, tantos fôram os episodios e particularidades de sua vida que ouvi dos labios daquella em cujos braços elle se despediu do mundo.

Eram 5 ½ da tarde, quando tomei o bond, com Damasceno Vieira, que gentilmente me acompanhára nessa visita memoravel.

***

No dia seguinte, pela manhã, fui ao Gymnasio da Bahia, onde assisti á aula de allemão, a convite do respectivo cathedratico Dr. Egas Muniz.

Não foi apenas a uma aula de allemão que eu assisti. Foi, ao mesmo tempo, uma larga digressão pelos dominios da philologia, da historia e da litteratura germanica. O distincto pedadogo passava de um assumpto a outro, sem se sentir a transição, por via da variedade da sua cultura de espirito. No Gymnasio, fui apresentado a uma reliquia do magisterio brazileiro, o Dr. Odorico Octavio Odilon, que foi lente de Ruy Barboza, de Castro Alves, de Luiz Vianna e de muitos outros homens publicos notaveis. Foi amigo intimo de Junqueira Freire, o illustre poeta das *Inspirações do claustro.*

***

Na belleza do edificio, no luxo dos seus gabinetes e na montagem das suas salas de operações, a Faculdade de Medicina da Bahia é, presentemente, no genero, o primeiro estabelecimento da America do Sul.

Foi creada em 1808, devido aos esforços do barão de Goyana, Dr. José Correia Picanço. Devorada pelo incendio, em março de 1905, foi reconstruida por ordem do então ministro do interior Dr. J. J. Seabra, de quem a Faculdade mandou collocar o busto, em marmore, em um dos seus salões principaes. Além da sumptuosa capella dos Jesuitas e dos seus laboratorios, as chammas destruiram tambem 14.000 volumes da bibliotheca da Faculdade de Medicina da Bahia.

A do Rio de Janeiro coraria de vergonha, se visse a sua irmã da capital bahiana, em cujo salão nobre estive a admirar a galeria de retratos dos directores. Na sala da congregação, parei a contemplar a tribuna de onde Manoel Victorino fez um concurso, cujo triumpho

vem atravessando as gerações academicas, como um estimulo áquelles que, confiados nas suas proprias energias, desejam sair victoriosos na grande batalha da vida. A Bahia tem hoje uma faculdade de medicina que a honra, e cuja existencia deve-se, unicamente, ao fogo benemerito, que, nos ultimos annos, tem sido um dos melhores collaboradores na transformação da sua physionomia architectonica.

CAPITULO VI

BAHIA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Uma excursão pelo interior do Estado. — Cachoeira e S. Felix. — S. Gonçalo dos Campos. — Feira de Sant'Anna. — Coração de Maria. — O engenho da Fortuna. — Bom Jardim. — Jacú. — Santo Amaro. — Os melhoramentos da cidade. — Uma visita ao barão da Villa Viçosa.

São 11 horas da manhã. A chaminé do *Conselheiro Dantas* já se corôára do seu pennacho de fumo, e o pequeno vapor, acompanhando o rythmo das ondas, embalava-se, á espera da hora da partida, ao meio dia em ponto.

Perto, centenas de botes, lanchas, catraias, saveiros e mais os diversos vapores da Companhia Bahiana, que deviam partir, no dia seguinte, para varios pontos do littoral. O forte de S. Marcello, como um grande cylindro de pedra enterrado no mar, parecia espreitar o horizonte, para o lado da barra.

Duas horas depois, entrava-se a fóz do Paraguassú. Na desembocadura do grande rio vê-se uma povoação pittoresca, com os seus altos coqueiros, cujas palmas estão, numa luta continua, com os ventos que sopram do mar alto.

Até Cachoeira, que fica a seis horas de viagem da Bahia, o leito do Paraguassú assenta no fundo de um valle pronunciado. O rio, naquella parte, quasi não tem horizonte, porque as suas margens são encostas accentuadamente abruptas.

São 5 ½ da tarde. Está-se á vista do porto de Cachoeira, que repousa á margem esquerda do Paraguassú.

Na margem opposta, levanta-se a industrial cidade de S. Felix, conhecida em todo o paiz por suas famosas fabricas de charutos.

Ligando as duas cidades, ergue-se uma collossal ponte metallica de

treliça, com 366 metros de vão, e destinada á passagem de peões, de cavalleiros e dos trens da Estrada de Ferro Central da Bahia.

Essa obra de arte, assim na belleza como no tamanho, é superior á ponte Sete de Setembro, na capital pernambucana. Emquanto S. Felix progride, Cachoeira declina, visivelmente.

Não era mais a cidade que conheci, ha dezesete annos passados, com muito commercio e uma excellente administração municipal. Com uma receita annual de cerca de oitenta contos e um governo local que só faz politicagem, é hoje apenas uma triste sombra do que já foi. Depois de haver passado uma noite em um hotel que mais parecia uma estalagem, e de ter dormido em uma cama que pouco mais teria que dois palmos de largura, preparei-me para, ás 8 horas

Cachoeira e S. Félix. — Bahia

da manhã, no dia seguinte, tomar o trem de S. Gonçalo. Era sabbado, e, portanto, dia de feira na cidade. Logo á entrada tem-se uma impressão favoravel.

As ruas bem calçadas, com passeios regulares, um e plendido mercado, construido ha poucos annos, quando intendente o coronel Machado Pedreira, um administrador honrado e distincto. Esse cavalheiro é casado com uma sobrinha do grande r publicano Senna Madureira, e á qual tive a honra de ser apresentado. O actual intendente de S. Gonçalo é o coronel Antonio Carlos, que tem feito uma administração verdadeiramente fecunda, naquella terra.

O municipio dá todos os annos um saldo regular, pagando pontualmente ao professorado e aos funccionarios, no 1º de cada mez. Em

materia de administração e de economia, dá lições á municipalidade da capital bahiana.

***

Domingo. Por volta das 10 3/4 da manhã, o comboio que havia partido de Cachoeira, ás 8 em ponto, entrava na estação da Feira de Sant'Anna.

Depois de uma ausencia de 17 annos, ia eu rever a cidade onde passára os primeiros annos da minha adolescencia. Não foi sem uma profunda emoção que contemplei as pessôas e as cousas que me viram menino. E' verdade que muitas dellas já haviam desapparecido, e a propria natureza tinha agora uma outra physionomia. Comtudo, fui, pouco a pouco, dessepultando a minha grande saudade, reconstruindo, aqui e alli, os aspectos que se extinguiram e que a memoria tão bem conservára.

Casa onde nasceu Castro Alves.

A Feira de Sant' Anna, tem uma população estimada em 8 mil habitantes. Assenta a 360 metros acima do nivel do Atlantico.

Goza de um clima amenissimo. E' constantemente varrida pelos ventos, que não deixam estacionar al i nenhuma molestia infecciosa.

Dispõe de bellas vias publicas, como as avenidas Barão de Cotegipe e Manoel Victorino. Na primeira dessas avenidas, levantam-se confortaveis palacetes, com frentes ajardina las. O seu leito é calçado a parallelipipedos de granito. Os passeios, bastante largos, são de cimento e mosaico.

Ha outras ruas, tambem importantes, como a Conselheiro Franco, General Argollo, General Osorio e Vinte a Quatro de Maio. Conta as seguintes praças : Pedreira Franco, do Commercio, dos Remedios e General Camara, mais conhecida por Campo do gado, que, por sua

extensão, lembra o nosso Campo de S. Christovão. E' alli que, ás segundas-feiras, tem logar o famoso commercio de gado vaccum, cavallar e lanigero. Na segunda-feira em que lá estive, havia, no Campo, cerca de duas mil cabeças de gado. E era de ver todo aquelle formigueiro bovino, guiado e governado por meia duzia de homens vestidos de couro da cabeça aos pés!

Eram os vaqueiros, cujot ypo e origem ethnica Euclydes da Cunha tão bem estudou n'*Os Sertões*.

Na praça do Commercio, realiza-se a venda de cereaes, de farinha, de fructas, de legumes e hortaliças. Na dos Remedios, effectua-se a venda de pelles e couros, de caças, de requeijões e doces de araçá da Jacobina.

A vida é alli baratissima, desde-o aluguel da casa até ás ultimas necessidades culinarias. Mas barateza quer dizer pobreza. E a Feira é, de facto, uma cidade pobre. Resente-se da falta de algumas fabricas, onde a população desprotegida da fortuna encontre meios de ganhar a vida.

Em certa época do anno funccionam os grandes armazens de fumo, e é o unico trabalho com que conta a população proletaria. No entretanto, duas ou trez fabricas de charutos, de tecidos, ou de phosphoro eram o bastante para injectar um pouco de seiva no organismo economico daquella terra, tão digna de outros destinos, pela doçura de seu clima, por seus recursos naturaes, e, sobretudo, pelo caracter hospitaleiro da sua gente.

Assim pela belleza como pela excellencia climatica, é a primeira cidade de todo o interior da Bahia. Possue um theatro, um hospital de caridade, um asylo para meninas orphãs, uma bibliotheca publica, um mercado para carnes e um grande matadouro, com todos os requisitos da hygiene.

Existem dois hoteis : o *Brazil* e o *Central*. E' illuminada a kerozene.

Na praça da Matriz, ergue-se a estatua, em bronze, do padre Ovidio de S. Boaventura, um dos bemfeitores da formosa cidade sertaneja.

A cerca de sete kilometros da Feira de Sant'Anna, passa o rio Jacuhype, um dos maiores que cortam o territorio do Estado. A sua agua é perfeitamente potavel, e prestar-se-ia ao abastecimento da cidade, cujos mananciaes se têm esgotado, nestes ultimos tempos. E' um problema para a solução do qual o governo da Bahia bem pudera correr em auxilio da municipalidade feirense. A Petropolis bahiana, dentro em breve, achar-se-á ligada á capital do Estado, por via fer-

rea, com a construcção da linha que vae unil-a a Santo Amaro. Uma vez levado a effeito esse importante melhoramento, a Feira ficará a 7 ou 8 horas do littoral maritimo.

Dentre as suas celebridades locaes, aquella cidade conta a que lhe advem de haver sido o theatro das façanhas do famoso Lucas, o salteador, de quem a tradição ainda conserva e transmitte as proezas mais inverosimeis. Lucas foi enforcado em 1849. Ainda hoje se vêem, no Campo do gado, os signaes do logar em que se levantou o patibulo, onde pagou a audacia de seus crimes. A um kilometro da cidade, ergue-se o celebre *Pau de Lucas* (creio que um Gonçalo Alves). E' uma arvore altissima, de cima da qual o salteador observava o transito de suas victimas pelas estradas que vão ter á Feira.

Conta-se que Lucas foi capturado, devido á traição de seu amigo e

Praça de Commercio, Feira de Sant'Anna — Bahia.

comparsa Cazumbá. A este prometteu-se o perdão de seus antigos crimes, se prendesse a Lucas, o que conseguiu, dando-lhe um tiro em um dos braços.

O segundo imperador perdoou, de facto, a Cazumbá, por via de cuja traição poude a Feira de Sant'Anna ver-se livre de um dos mais audaciosos salteadores que tem tido o Brazil.

A' historia da Feira de Sant'Anna acha-se ligada uma antiga e benefica rivalidade, existente entre duas importantes associações musicaes : a *Vinte e Cinco de Março* e a *Victoria*.

Semelhante rivalidade tem sido um excellente estimulo para o brilho com que ambas se apresentam.

O municipio, que dispõe de uma renda de cem contos annues,

tem as suas fontes de vida no commercio de gado, no café, no fumo, em couros e pelles, no algodão e em laticinios.

A cidade conta muitos medicos e advogados distinctos. O governo municipal é, actualmente, exercido pelo intendente coronel Abdon Alves de Abreu, que, com perto de oitenta annos, ainda presta á sua terra natal o concurso do seu esforço e da sua actividade politica, que alli se tem feito sentir ha mais de meio seculo. O poder legislativo é representado por dez conselheiros.

O actual intendente é um continuador da obra fructuosa dos seus

Praça da Matriz, Feira de Sant'Anna. — Bahia.

immediatos antecessores, coroneis Ruy Bacellar e José Freire de Lima, a quem a cidade muito deve.

O municipio sustenta trez escolas primarias, além de outras de igual categoria mantidas pelo Estado.

Existe tambem uma escola complementar, que tem dado bons fructos.

E' juiz de direito da Feira de Sant'Anna, o Dr. Jacintho Ferreira, magistrado intelligente e integro.

Publicam-se alli dois jornaes: a *Folha do Norte* e o *Municipio*, que tem á sua frente o espirito infatigavel de Manoel Falcão. A *Folha* tem como redactor-chefe o coronel Ruy Bacellar, um dos homens representativos da Feira. Não terminarei esta breve noticia sem dizer duas palavras ácerca de um adolescente de 16 annos, que pensa e

escreve como um jornalista de tirocinio provado. E' quem traça os artigos de fundo da *Folha do Norte*, com uma accentuada penetração de espirito impropria de sua edade. Chama-se Arnoldo Silva. E' um talento precoce que, certamente, honrará a Bahia.

***

Terça-feira. Meio dia. Lanço os ultimos olhares á pittoresca cidade bahiana, e preparo-me para vencer cinco leguas a cavallo, na direcção da villa do Coração de Maria, minha terra natal. Não sei traduzir o meu estado d'alma, ao rever, depois de dezeseis annos, as velhas e queridas arvores da minha terra, as casas tão familiares á minha memoria, e a emoção, grande e profunda, que me dominou, ao abraçar parentes e amigos, dos quaes me separára aquelle tão grande lapso de tempo.

A' justa alegria de achar-me naquelle ambiente de recordação, veiu succeder uma demorada tristeza, ao notar o atrazo da minha terra, o seu commercio moribundo e as suas lavouras agonizantes. Familias abastadas estavam reduzidas á pobreza, outras emigraram, muitas a morte levára comsigo.

De que serviam o esforço e a intelligencia do governo do municipio, quando as rendas deste não attingem sequer o minimo de dez contos annuaes?

Além disso, a população diminúe. A villa não conta, presentemente, mil habitantes. Pequeno arraial nascido no começo do seculo XIX, foi feito freguezia em 1853, elevando-se á categoria de villa em 1892.

Ha alli um juiz preparador, um delegado de policia, um mercado e uma cadeia publica. O conselho municipal é composto de doze membros cujos actos são sanccionados pelo intendente.

Este cargo é desempenhado pelo activo coronel Abilio Daltro.

Uma unica cousa talvez salvará o Coração de Maria da sua decadencia manifesta. E'o projectado prolongamuto, até alli, da estrada de ferro de Santo Amaro ao Jacú. São dezoito kilometros apenas. Com menos de oitocentos contos, levar-se-ia avante essa obra de realissima vantagem. A agricultura tomaria um notavel impulso, encontrando meios mais faceis de transporte.

Trata-se de uma velha aspiração do povo mariense, ao encontro da qual acaba de ir o actual governador do Estado, Dr. João Ferreira de Araujo Pinho, filho daquella terra.

***

Segunda-feira. Sete horas da manhã. Apezar da chuva que cae, deixo a minha villa natal, afim de tomar o trem das 11 ½, no Jacú, e que deveria conduzir-me á cidade de Santo Amaro.

Depois de uma hora de viagem, chega-se ao engenho da Fortuna, em cujo palacete, agora arruinado, nasceu e passou a sua primeira mocidade o actual governador da Bahia. Ás 10 horas, atravessa-se

Campo do gado, Feira de Sant'Anna. — Bahia.

o pequeno arraial de Bom Jardim, onde alveja, como a aza branca de uma garça, a torre de uma igreja solitaria.

Meia hora depois, achava-me no Jacú, e ás 5 da tarde na *gare* de Santo Amaro, em companhia de meu velho amigo Abilio Daltro, que só me deixou, dois dias depois, quando parti para a capital do Estado.

E' sempre um consolo para o meu espirito elogiar em vez de censurar. Por isso me sinto bem, ao ter de dizer, em synthese, as minhas impressões, ácerca dessa progressiva cidade bahiana.

Topographicamente, é desfavorecida pela natureza, pois assenta no fundo do valle de dois rios : Sergymirim e o Subahé, que desemboca no mar. E' quente, pela falta de viração, que passa pelas regiões mais altas da cidade.

A ultima administração municipal foi uma administração benemerita. O intendente Dr. Vianna Bandeira, calçou toda a cidade, dando

a todas as ruas passeios largos e cimentados. Arborisou as praças e construiu um excellente mercado de ferro para o commercio de peixes.

Para levar por deante essa obra, teve que enfrentar com o odio, com o preconceito e com os habitos conservadores, tão proprios da indole brazileira. Santo Amaro é hoje uma linda cidade, ligada á capital do Estado por uma linha de vapores e por uma linha ferrea.

Uma enchente do rio Yacuchipe, Feira de Sant'Anna. —Bahia

Tem trez jornaes : o *Popular*, o mais antigo e onde fulgura o talento brilhante de Alipio Maia, um medico que tem alma de artista; a *Luz* e a *Paz*, que se editam semanalmente. E' redactor deste ultimo Anisio Vianna, jornalista e poeta, bastante conhecido em todo o Estado.

***

Quando cheguei a Santo Amaro, um dos meus primeiros pensamentos foi fazer uma visita ao velho barão de Villa Viçosa, o traductor da *Imitação de Christo* e autor do poema, em decassyllabos, *A Mãe de Deus*.

O Sr. de Villa Viçosa é um ancião sobejamente sympathico e de conversação erudita. No mesmo dia, ao retribuir a visita que lhe eu fizera, offereceu-me as suas obras já citadas.

Antigo presidente de provincia e deputado geral, S. Ex.ª conserva-

se ainda fiel ás idéas do regimen decaido. Comtudo consagra á Bahia as energias de seu espirito, escrevendo ou traduzindo obras de merecimento, na vida solitaria que se impôz, na sua querida cidade de

Porto de Sant'Amaro. — Bahia.

Santo Amaro, que deixei, com grandes saudades, depois de uma permanencia de trez dias. São 7 horas da noite. O comboio acaba de entrar na estação da Calçada do Bomfim, e dirijo-me para o Hotel Paris.

CAPITULO VII

BAHIA

(Continuação.)

SUMMARIO. — No palacio das Mercês. — Uma visita ao governador do Estado. — Impressões do politico e do homem. — As condições economicas da Bahia. — Sua situação financeira. — O serviço ferro-viario e a navegação fluvial. — A crise da municipalidade. — As industrias fabris. — Uma visita á Villa Operaria.

No dia immediato ao do meu regresso do interior do Estado, tomei a deliberação de visitar o governador. Transpuz a porta principal do palacio das Mercês, e mandei a S. Ex.ª o meu cartão de visita.

Um minuto depois, achava-me em presença da primeira autoridade politica da Bahia. Se a minha primeira impressão foi superiormente agradavel, ao retirar-me, estava eu captivo do Dr. Araujo Pinho, que me recebera e tratára, com a distincção propria de seu espirito finamente educado.

No dia seguinte, ás 10 horas da manhã, era eu procurado no Hotel Paris por um official da força publica, seu ajudante de ordens, que vinha, em nome do governador, retribuir a minha visita.

Trez dias depois, recebia de S. Ex.ª um delicado cartão, convidando-me a tomar parte em um jantar intimo, no palacio do governo. Pude então observar, mais de perto, o politico e o homem.

São 6 horas da tarde. O vasto salão de jantar fulgura numa tempestade de luzes e crystaes. A' cabeceira da meza, a Ex.ma esposa do governador, a illustre senhora, filha do barão de Cotegipe, o grande estadista do segundo imperio. S. Ex.ª num largo impulso de gentileza indicou-me a cadeira que ficava á direita de sua Ex.ma consorte.

Ao meu lado, sentou-se um antigo presidente de provincia, o barão de S. Francisco que me pareceu intimo da familia. Os demais logares eram occupados pelas gentilissimas filhas do Dr. Araujo Pinho e por

varios politicos bahianos. A conversação girava em torno dos assumptos mais em evidencia. Fallou-se da attitude da Bahia na questão das candidaturas presidenciaes, do papel dos representantes do Estado, no Congresso Nacional. Mas em tudo o Dr. Araujo Pinho se manteve de uma reserva e de uma discreção dignas de um diplomata de carreira. Talvez percebendo que aquelles assumptos não diziam muito com o paladar politico do seu obscuro convidado, S. Ex. entrou de conversar ácerca da evolução historica brazileira. Realçou, com merecida justiça, os altos serviços de D. João VI, dos personagens mais illustres do primeiro reinado, tudo isso numa linguagem sobria e reveladora de um homem culto, acostumado a leituras sadias e vigorosas. Tinha, deante de mim, um verdadeiro intellectual. Esta convicção creou mais fundas raizes no meu espirito, depois que li a penultima mensagem de S. Ex.ª, onde se vê um politico de real descortino, um economista e um homem de pensar esclarecido.

Ha nessa mensagem trechos, como o que se segue, que revelam qualquer cousa, acima da vulgaridade.

Diz S. Exª, occupando-se da instrucção publica :

— « A instrucção desenvolve a inteligencia, estimulando-lhe a energia das faculdades; a educação moral e civica consolida o caracter, escudando a vontade contra impulsos instinctivos, disciplinando-lhe os actos, apurando a responsabilidade pessoal, assegurando ao homem o dominio de si proprio, e dispondo-lhe o lado impessoal da natureza á practica das virtudes civicas e particulares. »

Aqui está o economista :

— « A receita do Estado assenta nos direitos cobrados *ad valorem* sobre a exportação. A diminuição do valor desta acarreta, com a mesma fatalidade de causas e effeitos, o decrescimo daquella. Gravar a exportação é levantar barreiras ao seu escoamento, tanto mais altas e de mais difficil transposição, quanto mais elevadas as taxas que bem poderiam, á falta do necessario volume e correnteza ao seu curso, transformal-o em estagnação. »

***

Posto que seja um dos mais ricos Estados da União, produzindo tudo que os outros produzem, a Bahia encontra-se, na hora presente, numa situação embaraçosa e difficil. A sua receita decresce de

anno para anno. Tendo sido de cerca de treze mil contos em 1900, foi de pouco mais de dez mil em 1903, e de oito mil, em 1905. A receita, no exercicio financeiro de 1908, attingiu 9.400 contos. No entretanto, a producção augmenta, num crescendo notavel, de um anno para outro. A causa do mal está na falta de valorização dos productos exportados. A prova disso é que, em 1898, em que as rendas attingiram o maximo de dezenove mil contos, a exportação não chegou a oitenta e dois mil contos, inferior á exportação de 1907, que foi de cento e um mil contos, sendo a receita desse anno apenas de onze mil contos de reis.

Isso dá-se num Estado que tem na polycultura as fontes principaes da sua riqueza economica. Os mais ricos mananciaes da fortuna publica, naquella immensa porção do Brazil, acham-se, em

Um engenho de assucar, Santo Amaro. — Bahia.

ordem decrescente, no cacau, no fumo, no café, em couros e pelles, na borracha de maniçoba (residuo das Manihot) e de mangabeira (residuo das Hancornia), no assucar e nas areias monaziticas. Sobem a perto de oitenta os productos que a Bahia exporta, conforme se vê dos registros de estatistica commercial do ministerio da fazenda, nos ultimos annos.

A natureza dividiu a Bahia em varias zonas de producção. A de Santo Amaro produz assucar; a de Nazareth, Chapada e Maragogipe, fornece o café; a de Conquista, Caetité, Monte Alto, Bomfim, Serrinha, Alagoinha, Timbó e Feira de Sant'Anna, o algodão e o fumo; a do sul do Estado, dá-lhe cacau. A esta ultima zona pertencem Ilhéos, Cannavieras e Belmonte. A producção de aguardente, que é abundante em Santo Amaro, tem alli o seu maior centro de vida.

A sua Cooperativa Alcoolica é um estabelecimento modelar e talvez o primeiro da America do Sul.

A industria extractiva offerece uma variedade digna de nota, como sejam a gomma elastica, diversas fibras vegetaes, oleos, resinas, plantas de applicação therapeutica, piassava e madeiras de construcção. No anno passado, a Bahia enviou amostras de todos os seus productos para a exposição de Bruxellas.

A industria mineralogica tem sua expansão maior no valle do rio Verde, nas regiões da Chapada, em Chique-Chique, em Minas do Rio de Contas, em Jacobina e no Itapicurú.

***

A Bahia tem cerca de vinte e cinco mil contos empregados nas suas estradas de ferro e na sua navegação maritima e fluvial.

O compromisso annual do thesouro orça por quatrocentos e tantos contos, com garantia de juros e os juros das apolices que o Estado emittiu para compra e construcção da sua rêde ferro-viaria. E' um compromisso de grande vulto para um erario que levou mais de um anno sem pagar á magistratura, ao funccionalismo, ao professorado e á propria força publica.

O ultimo emprestimo de vinte mil contos é que veiu tirar o Estado dessa crise tremenda. Parte desse dinheiro canalizou-se para os cofres da municipalidade, que se achava em não menos critica situação economica. Esse emprestino que a Bahia realizou (aliás em boas condições) teria sido um remedio? Penso que não. Em todo o caso, não havia de prompto uma solução mais intelligente e efficaz.

Estou que para o Dr. Araujo Pinho o governo da Bahia, na situação deploravel em que a encontrou, foi um verdadeiro presente de gregos. A montanha dos erros das administrações passadas é uma montanha intransponivel. Só um homem de forte envergadura e de profunda visão administrativa, e que se furte aos liames da politica dissolvente que nos esmaga, poderá salvar a Bahia da sua decadencia.

Numa das suas ultimas mensagens, o actual governador pediu ao poder legislativo a necessaria autorização para entrar em accordo com o governo federal, afim de transferir-lhe as linhas ferreas estaduaes e a navegação do S. Francisco.

E' o unico meio de folgar o thesouro! A Bahia de hoje faz lem-

brar uma senhora, rica e vaidosa, que a fortuna reduziu á miseria, e que, para não morrer á fome, vae, envergonhada, esgueirando-se na escuridão da noite, empenhar a ultima joia que herdou dos seus antepassados.

Tal é a condição infeliz a que uma politica pessoal e impatriotica reduziu a Bahia, desde o advento da Republica. Porque é preciso que se diga que, naquelle uberrimo Estado, os phenomenos politicos não giram em torno de ideias e de principios pre-estabelecidos, mas em derredor de pessoas, que, por sua incapacidade, por sua ignorancia e por sua impericia reconhecida, só hão servido para augmentar a afflição e a augustia da sua terra.

***

Ha, na Bahia, oito estradas de ferro, sendo quatro estaduaes e quatro federaes.

As do Estado são : a Estrada de Ferro de Nazareth, a Estrada

Vaqueiros, Sertões da Bahia

de Ferro de Santo Amaro, a Estrada de Ferro Bahia e Minas e a Estrada de Ferro Centro-Oeste.

As federaes são : a Estrada de Ferro Central da Bahia, a Estrada de Ferro do S. Francisco, a Estrada de Ferro da Bahia a Alagoinhas e a Estrada de Ferro do Timbó, que está sendo prolongada até Pro-

priá, no Estado de Sergipe. A' excepção da Centro-Oeste, que desde a sua inauguração até hoje, tem vivido no regimen do *deficit*, todas as demais têm dado saldos regulares.

A primeira via-ferrea que se construiu naquelle Estado, foi a da Bahia a S. Francisco, inaugurada a 28 de junho de 1860. Ha, presentemente, em trafego, perto de 1.500 kilometros. Em breve esta cifra chegará a 2.000, com as linhas em construcção e com os estudos approvados.

Em todo o systema ferro-viario, o custo medio de cada kilometro pouco excede de cincoenta contos.

Os vapores da Navegação Bahiana, de propriedade do Estado, estabelecem communicações entre a capital e as cidades de Santo Amaro, Nazareth, Cachoeira, Itaparica, e Valença. Outros de maiores calados viajam para o sul da Bahia, e bem assim para Aracajú e Recife. Os vapores da navegação do rio S. Francisco, tambem do Estado, fazem o trafego desse rio e de alguns de seus formadores. Navegam da cidade de Joazeiro a Pirapóra, em Minas Geraes, e vão até Bôa Vista, em territorio pernambucano.

***

As industrias agricola e fabril vão tendo, na Bahia, um grande desenvolvimento.

São as usinas de assucar e as fabricas de tecidos que occupam o mais importante logar. Entre as primeiras salientam-se a Alliança, a mais notavel do Brazil, as S. Carlos, S. Bento e Terra Nova.

Entre as segundas, são dignas de menção : a Emporio Industrial do Norte e a Companhia União Fabril.

A' primeira pertence a Villa Operaria, estabelecimento que, quanto á sua organização, é unico em todo o paiz.

Só na capital da Bahia funccionam cento e setenta fabricas.

Voltemos á Villa Operaria. Fundada, ha cerca de quinze annos, por Luiz Tarquinio, um homem verdadeiramente benemerito, ella representa a solução pratica do problema socialista.

Existem alli 1.800 operarios, uma escola com 150 alumnos, filhos dos proprios operarios, e 360 habitações hygienicas para os mesmos,

Os que mais se distinguem, por seu comportamento, tonam-se, com o tempo, proprietarios das casas em que residem na Villa. Já se contam dez, nestas condições.

Nesta grande fabrica de tecidos, ha 1.300 teares, oito caldeiras em funccionamento continuo e quatro motores de 350 cavallos cada um.

E' um espectaculo bellissimo aquella collaboração da machina e do homem.

Numa sala vastissima, assiste-se á preparação da pasta e dos fios de algodão nacional; noutra, á tintura desses fios; nesta, ao fabrico do panno; naquella, o proprio panno, enfardando-se.

Os commercios do Rio de Janeiro e de Porto Alegre são os maiores importadores da Villa Operaria, que tem por gerente o Sr. Otto Bittencourt, que, da melhor bôa vontade, desvendou, deante de meus olhos deslumbrados, aquella maravilha do trabalho humano.

CAPITULO VIII

BAHIA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Escolas, collegios e faculdades. — A Bahia intellectual. — Jornaes e jornalistas. — O Instituto Historico e o Gremio Litterario. — Um relogio que serviu a Napoleão Bonaparte. — A Nova Cruzada. — Uma noite de espiritualidade. — A partida da Bahia.

A instrucção publica do Estado comprehende o ensino primario, o normal, o secundario, o profissional e o superior.

O primario é ministrado por 577 escolas estaduaes e por 112 municipaes.

O ensino normal é dado no Instituto Normal; o secundario, no Gymnasio da Bahia, no S. Salvador, no Carneiro Ribeiro, no S. Bento, no Victoria, todos equiparados. A educação profissional é dada pelo Lyceu de Artes e Officios, um estabelecimento bem dirigido, que me deixou excellente impressão, quando o visitei; pelo Lyceu Salesiano, pelo collegio S. Vicente de Paula, pela escola do Centro Operario e pela escola agricola de S. Bento.

A educação superior é ministrada pela Faculdade de Medicina, recentemente reconstruida; pela Escola Polytechnica e pela Faculdade Livre de Direito. Ha ainda uma Academia de Bellas Artes, um Conservatorio de Musica e um Conservatorio Dramatico. Taes são os laboratorios da intelligencia bahiana. D'alli têm saido grandes politicos, grandes publicistas, grandes poetas e grandes oradores.

Litterariamente, a Bahia contemporanea está muito aquem da Bahia de 1840 a 1890. Na hora actual existem alli poucos escriptores e poetas. O homem de lettras de mais reconhecidos meritos, e que d'alli nunca saiu, é Xavier Marques. Conta para mais de uma dezena de romances, escriptos com esmero de linguagem e cuidada

observação psychologica. Ainda não pertence á Academia Brazileira, porque é um retraido e desama, systematicamente, o reclamo.

Xavier Marques vale, elle só, uma bôa porção de medalhões litterarios que, immerecidamente, se alçaram aos ultimos andares das nomeadas ephemeras.

Fóra do Rio de Janeiro é, a meu ver, o maior escriptor, assim do norte como do sul do Brazil. E' de justiça mencionar aqui o nome do Sr. Almachio Diniz, um escriptor cujo estylo e orientação litteraria ainda não estão definidos. Não esquecerei alguns bahianos adoptivos que alli têm escripto e publicado varias obras.

São elles : Damasceno Vieira (ha poucos mezes fallecido), autor das *Memorias Historicas Brazileiras,* livro que por si só seria bas-

Faculdade de Medicina. — Bahia.

tante para recommendar o nome desse incansavel batalhador das lettras, que deu á Bahia, nestes ultimos annos, a flôr da sua intelligencia e o vigôr do seu espirito, sempre cheio de uma juventude perpetua; Henrique Cancio, que, ha pouco lançou á publicidade dois livros interessantes : *D. João VI* e *Conceição,* romance de costumes. Dentre os poetas o maior é Pethion de Villar (Dr. Egas Muniz Barreto de Aragão). Para dar-lhe o titulo de poeta bastaria o seu *Hymno Orphico,* dedicado a Gabriel d'Annunzio e bellamente vertido para a lingua do Dante.

Pethion de Villar é o unico escriptor brazileiro que é mais conhecido na Europa que no seu proprio paiz.

E', além disso, um medico de reputação firmada nos centros scientificos do velho mundo. Por tantos predicados, elle se me

antolha uma natureza excepcional, que muito honra a Bahia.

A novissima geração conta alli poetas de real talento, como Alvaro Reis, Arthur Salles, Durval de Moraes, Barros Porto, Pedro Kilkerry, Antonio Vianna, Galdino de Castro, Filemon de Menezes, Octavio Gomes, Roberto Correia, Desouza Dantas, Carlos Chiacchio, Argileu Silva, Paulo Filho e Domingues de Almeida. Ha pouco alli falleceu um outro bahiano adoptivo, tambem poeta de regular merecimento. Chamava-se Costa e Silva. Era natural de Sergipe. Todo este acervo de espiritualidade é diminuto, se o compararmos com a intensa vida mental da Bahia no segundo reinado. No periodo colonial a sua vida de espirito foi, por assim dizer, insignificante. No seculo XVI deu-nos apenas frei Vicente do Salvador, autor da primeira historia do Brazil. No seculo XVII os vultos mais salientes fôram Gregorio de Mattos e o padre Antonio de Sá. No seculo XVIII Botelho de Oliveira, poeta, e Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista.

No seculo passado, na phase do romantismo, alli fulgura uma pleiade de espiritos illustres.

Na poesia : Junqueira Freire, Castro Alves, Mello Moraes Filho (ainda vivo), Francisco Muniz Barreto, o grande repentista; Augusto de Mendonça, Pessôa da Silva, Gualberto de Passos, Rodrigues da Costa, Franklin Doria, Luiz Gama, o abolicionista; Rozendo Muniz Barreto e João de Britto. No periodo post-romantico ainda alli encontramos, na poesia : Castro Rebello Junior, Xisto Bahia, Pacheco de Miranda Filho, Aloysio de Carvalho, Pethion de Villar, Xavier Marques, Francisco Mangabeira, Eduardo Ramos, Adelaide de Castro Alves e Amelia Rodrigues. O seculo transato deu-lhe ainda :

No theatro : Agrario de Menezes.

Na oratoria politica : Fernandes da Cunha, Mauricio Wauderley, Saraiva, Silva Paranhos, Montezuma, Cezar Zama, J. J. Seabra, Augusto de Freitas, Aristides Milton, Manoel Victorino, Landulpho Medrado, Victor de Oliveira e Ruy Barbosa, o maior de todos. Na oratoria sagrada : frei Itaparica, Arsenio da Natividade e Raymundo Nonato. Na chronica humoristica : Urbano Duarte. Na philologia : Carneiro Ribeiro.

No jornalismo : Arthur Americano, Frederico Lisbôa, Carigé Barahuna, Eunapio Deiró, Guedes Cabral, Lelis Piedade, Bellarmino Barreto, Christovão Barreto, Xavier Marques e Augusto Guimarães. Nas sciencias : Caminhoá, naturalista; Juliano Moreira, Afranio Peixoto e Francisco de Castro, medico illustre e escriptor

distinctissimo. Na historia militar : Dyonisio de Cerqueira. Na jurisprudencia : Teixeira de Freitas. Na pedagogia : Abilio Cezar Borges. E' de justiça que aqui figurem escriptores já mortos, que, tendo nascido na Bahia, passaram a maior parte da vida no Rio de Janeiro, e bem assim outros que, presentemente, residem na capital da Republica. Com relação aos primeiros citarei Xavier Pinheiro e Bonifacio de Abreu, barão da Villa da Barra, ambos eximios traductores da *Divina Comedia*, e Sacramento Blacke, diccionarista. Dentre os ultimos destacam-se Mello Moraes Filho, tradicionalista e poeta; Fabio Luz, romancista; Afranio Peixoto, medico e escriptor, ultimamente eleito membro da Academia Brazileira, e Constancio Alves, jornalista. Os centros de vida mental mais importantes da Bahia são o Instituto Historico e Geographico, o Gremio Litterario, o Gabinete Portuguez de Leitura e a Nova Cruzada. Na esphera das sciencias juridicas e positivas, ha o Instituto dos Advogados, o Gremio dos Professores, a Sociedade de Medicina e o Instituto Polytechnico.

***

A imprensa, na Bahia, tem tido uma regular evolução. Inaugurada em 1812 com a *Edade de Ouro* do padre Ignacio Machado, a este periodico seguiram-se outros de mais duração, como *Independente Constitucional*, o *Constitucional Bahiano*, o *Imperial Brazileiro*, a *Gazeta Commercial* e o *Correio Mercantil*.

Publicam-se, presentemente : o *Diario da Bahia*, fundado em 1856; o *Diario de Noticias*, em 1875; a *Bahia*, folha governista, a *Gazeta do Povo*, orgão do partido democrata, e o *Jornal de Noticias*, neutro.

E' redactor-chefe do *Diario da Bahia* o Dr. Aurelino Leal, um jornalista respeitado e temido. O *Diario de Noticias* tem á sua frente o Dr. Clementino Fraga, e conta como redactores Henrique Cancio, Lindolpho Rocha e Antonio Viana. E' director e proprietario do *Jornal de Noticias* o Dr. Aloysio de Carvalho, que, sob o pseudonimo de *Lulú Parola*, mantem, ha longos annos, na mesma folha, uma interessante secção critica, em verso, com a denominação de *Cantando* e *rindo*, muito apreciada em todos os pontos do Brazil aonde vae o popularissimo jornal bahiano. Acha-se á frente da direcção intellectual da *Bahia* o Dr. Virgilio de Lemos, jornalista

e advogado de grande peso. E' filho de Alagôas, mas vive na Bahia, ha muitos annos.

São redactores da *Gazeta do Povo* Xavier Marques e Octavio Mangabeira. Editam-se ainda, na capital bahiana, as revistas *Nova Cruzada*, *A Lanterna*, *A Justiça*, a *Revista do Brazil* e a *Semana Religiosa*. A *Nova Cruzada* é orgão da associação de lettras do mesmo nome.

***

Certa vez, ao achar-me no palacete do Dr. Francisco Muniz Barreto de Aragão, pae de Pethion de Villar, foi-me mostrada uma verdadeira raridade historica. Era um riquissimo relogio de dois pal-

Caixa d'agua. — Bahia

mos de altura e que figurara na sala de visitas de Napoleão Bonaparte, quando prisioneiro, na ilha de Santa Helena.

Esse relogio alli fôra collocado, accintosamente, por Hudson Lowe, o patibular carcereiro de Napoleão.

Quando em 1840 o principe de Joinville foi a Santa Helena buscar os ossos do grande homem de guerra, acompanhou-o o conde de Las Cases, companheiro e amigo intimo de Bonaparte.

O conde era padrinho da avó paterna do Dr. Egas Muniz, e, como lembrança, offereceu á afilhada o relogio que trouxera comsigo, e que a illustre familia Aragão conserva como uma preciosa reliquia. Esse relogio é anterior á época napoleonica, pois traz, no pendulo, em alto relevo, as armas dos reis de França. No mesmo palacete da

rua S. Pedro 36, estiveram hospedados Antonio Feliciano de Castilho, que alli, pela primeira vez, procedeu á leitura da sua bella traducção do *Fausto* de Goëthe, e o já referido principe de Joinville, na sua passagem para Santa Helena.

***

Antes de findar este ultimo capitulo sobre a Bahia, quero deixar aqui os meus sentimentos de gratidão á mocidade intellectual da minha terra, pelo excesso de cavalheirismo litterario e pelas repetidas provas de deferencia (ou melhor de affecto e carinho fraternaes) que tiveram para com o obscuro autor deste livro. A festa litteraria que lhe foi offerecida, no salão nobre do Lyceu de Artes e Officios, com a presença do que a Bahia espiritual tem de mais distincto, constituiu para elle uma verdadeira surpresa, pois muito longe estaria de esperar e de receber as altas emoções daquella noite memoravel, pelos nenhuns serviços prestados, em beneficio da intelligencia brazileira.

Mas a alma da mocidade é sempre grande e generosa, e a Bahia jamais desmentiu as suas tradições de hospitalidade a um estranho, quanto mais de estimulo a um filho que a estremece, e que, na medida dos seus esforços, trabalha para a não desservir.

Dentro em pouco, ia eu deixar a legendaria terra de Ruy Barbosa, esse homem prodigio, para cujo feitio espiritual parece que a natureza esteve concentrada, numa elaboração constante de vinte seculos.

***

Júnho estava a findar. Em todas as ruas, já se viam os primeiros preparativos para os festejos de S. João.

Nenhuma terra do Brazil sabe festejar o S. João, o S. Pedro, o Anno Bom e o dia de Reis, como a Bahia.

No Rio, em S. Paulo, no Pará e em Manáos, o automovel, o bond electrico e as carruagens de praça acabaram com essas tradições e com esses costumes que tanto viçaram aqui, na antiga America Portugueza.

Só a Bahia as conserva, religiosamente, e faz timbre das suas fes-

tas e dos seus Santos. Não fosse ella a capital catholica do Brazil e a filha primogenita dos jesuitas! Não desamo taes festas. Nasci no meio dellas.

Penso, porém, que a civilização do mundo comtemporaneo tende a eliminar do seio das sociedades cultas a pratica de tradições, que os paizes adultos legaram aos paizes adolescentes.

22 de junho; 11 da manhã. Na noite anterior o *Pará* entrára a barra da Bahia de Todos os Santos, e lá estava, impassivel, no ancoradouro.

Dirijo-me para bordo. Era um dia de claridade excepcional, uma verdadeira tempestade de luz. Eu tinha chegado á Bahia, debaixo

Quintas e Farol da Barra. — Bahia.

de chuva; ia sair agora, envolvido naquelles esplendores do tropico.

São 2 horas. O' *Pará* levanta ferro, e começa de mover-se, buscando o rumo do norte.

E, pouco a pouco, iam-se apagando pela distancia a curva caprichosa das praias, os edificios mais altos, o forte de S. Marcello, que emergia do mar, o pharol da Barra e a casaria alegre do Rio Vermelho.

E eu deixára, em terra, um grande pedaço dest'alma, que anceiava por ver as gentes e as paisagens do extremo norte, e bem assim a desembocadura do grande rio Amazonas, onde Euclydes da Cunha, num assomo de deslumbramento, notou que havia « um excesso de céo sobre um excesso de agua. »

CAPITULO IX

ALAGÔAS

SUMMARIO. — Mudança de physionomia nas paizagens do Atlantico. — Novos aspectos do Brazil tropical. —Influencia da montanha na climatologia brazileira. — A decadencia do norte e o progresso do sul. — Condições de vida physica. — O homem septentrional e o homem meridional. — Alagôas. — O porto de Jaraguá. — Maceió. — Ruas e praças. — Vida economica do Estado. — Viação ferrea. — Imprensa. — Intellectuaes alagoanos.

Da Bahia ao Rio Grande do Norte, quem viaja pelas proximidades da costa, observa uma sensivel differença na physionomia das paizagens littoraneas.

Do 16º parallelo até aos limites extremos do Brazil meridional, os navegantes têm, deante de si, um anteparo formidavel.

E' a cadeia oriental, que acompanha a curva sinuosa do Atlantico, e que só apresenta soluções de continuidade, quando se rompe, em valles profundissimos, para dar passagem ás aguas do S. Francisco e do Parahyba. Na costa de Alagôas já o olhar se dilata um pouco livremente para as bandas de oeste.

Do cabo de S. Roque para cima, já se não vê, beirando o mar, aquelle immenso condensador dos vapores oceanicos. As differenças climaticas já se fazem sentir.

Está-se, francamente, na zona tropical, com uma temperatura media de 26º.

Aqui, sendo diverso o *facies* geographico do Brazil, são tambem diversas as condições do clima. Parece que este, insurgindo-se contra a lei das latitudes geographicas, subordina-se, de preferencia, á lei das latitudes isothermicas.

Porque é uma consequencia da physionomia da terra. Quem viaja da Bahia até ao Ceará, no rumo dos meridianos, nota uma certa constancia nas temperaturas do littoral, porque, naquelle grande

segmento de orla maritima, a physiographia das regiões não muda notavelmente.

Segui, porém, no rumo dos parallelos, e vereis a variação progressiva dos caracteres climatericos. Entrareis no dominio das antitheses. E'então que vemos que não basta que determinados *habitats* estejam situados, sob a mesma latitude, para que desfructem iguaes condições de vida physica. Ha transições, muitas vezes bruscas, no percorrer um parallelo, na direcção léste-oeste, naquelle immenso tracto do territorio brazileiro.

A' beira-mar, são as densas florestas, perpetuamente verdes, fazendo suppôr ao viajante inexperto que ellas se dilatam, de modo indefinido, no rumo do poente.

E' um engano. A não ser uma limitada faixa que debrúa o oceano, em uma extensão de algumas leguas de profundidade, o resto são terrenos estereis, que a verdura mascára. Desapparecem as grandes matas, surge a vegetação rachitica, extingue-se a visão das montanhas.

E' o sertão, exsicado e bravio, que começa, com os seus ribeirões ephemeros, os seus chapadões desnudos e os seus campos desolados. D'alli para o deserto é um passo. Não é preciso avançar demasiado, no rumo do occidente, para ver o contraste empolgante de duas naturezas, inteiramente antipodas — a natureza das regiões maritimas e a natureza das regiões sertanejas.

O littoral é uma illusão para quem não conhece o interior do Brazil.

Os primeiros conquistadores do norte, na sua translação para o poente brazileiro, tiveram que vencer os obstaculos ingratos de uma terra ingrata.

Prova-o, sobejamente, a tentativa mallograda das expansões coloniaes, na Bahia e em Pernambuco, em os primeiros seculos do descobrimento. Os bandeirantes paulistas fôram mais felizes, porque tiveram em seu favor o curso providencial do Tiété. Penetraram o sertão. Fôram elles que, com os jesuitas, se constituiram os demarcadores das nossas fronteiras.

No sul, são outras a morphogenia e a morphologia brazileiras. As condições geographicas e topographicas são quasi as mesmas, offerecendo identicas adaptações á vida, um clima muito mais favorecido, abrangendo grandes tratos de terras para o interior. As lavouras florescem. Os campos de creação multiplicam-se.

A paizagem, alimento dos olhos, tem um outro encanto, e o homem, senhor absoluto daquelles dominios, vive numa eterna harmonia com a natureza.

o braço escravo, nos cafezaes de S. Paulo, nas culturas do Paraná e nos campos de Santa Catharina e do Rio Grande.

A passagem da abolição para a Republica foi muito proxima. Ou esta devera ter sido feita mais tarde, ou aquella alguns annos antes.

O Brazil tinha a sua base economica na energia do negro. Supprimindo-se esta, a catastrophe era inevitavel. E a Republica, impassivel, attonita, encarou, resignada, a quasi paralização de suas fontes de vida.

Foi um legado tremendo do antigo regimen ás novas gerações republicanas.

Não fossem a constancia e o patriotismo dos primeiros homens da Republica, e as nossas condições presentes seriam ainda peiores.

Os grandes engenhos de assucar da Bahia, Sergipe e Pernambuco diminuiram, sensivelmente, a sua exportação.

Como se não bastasse ao norte a fatalidade do clima, veiu, de contrapeso, a fatalidade economica pesar na marcha do seu progresso, que já se fazia notar nos ultimos decennios da monarchia. Quasi todos os Estados do norte estão vivendo do regimen dos emprestimos externos. E' a unica solução que os seus homens de governo encontram para o grave problema da sua economia. O emprestimo é um palliativo infructifero e perigoso. O que é necessario é crear novas fontes de receita em cada Estado, procurando, dentro do paiz e no estrangeiro, novos mercados para os seus productos, por meio da propaganda e dos bons exemplos. A energia organica e a fortaleza moral do homem do norte estão em desfavor, em confronto com estas mesmas virtudes no homem do sul.

A falta de estimulo e de progresso traz a apathia do corpo e do espirito. O nortista é indolente e contemplativo. O sulista é mais diligente e mais pratico.

Fallo contra mim, que sou do norte.

***

Tratemos de Alagôas.

Depois de 22 horas de viagem, o navio fundeia, no aucoradouro de Jaraguá.

Maceió, que fica a cerca de dois kilometros do porto, assenta numa peninsula, banhada pelo mar e pelas aguas da lagôa do Norte. Esta, como a do Sul, á cuja margem meridional se levanta a cidade de Alagôas, antiga capital da provincia — concorreram para dar

A cordilheira maritima, que, naquellas paragens, cáe a prumo sobre o Atlantico, segue, num doce declive, para as regiões interiores, ondulando apenas, aqui e alli, no abrolhar das coxillas.

O homem da Europa sente-se bem naquelle novo *habitat*, e encontra, no sul do Brazil, um como prolongamento da sua patria. A differença entre o Brazil meridional e o Brazil boreal é frizante, assim no regimen meteorologico, como no aspecto geographico. A passagem da costa para o sertão é um abysmo.

No sul o clima é regulado, dentre outros factores, pelos ventos do quadrante N W, emquanto que, no norte, é o N E que o dirige. O homem do sul, affeiçoado á benignidade dos climas meridionaes, só com algum sacrificio se adaptará ao regimen climatologico do norte.

Essas antitheses de climas, dentro de um mesmo paiz, exigem predisposições especiaes para o povoamento do solo. Está na cli matologia do Brazil a variavel do problema immigratorio. Acorrentes germanica e italiana, que se derivam para o sul do nosso paiz, são attraidas pela favorabilidade da terra, onde a energia do colono vae encontrar o trabalho que o excesso de população ou a desvalorização do capital, na sua patria, lhe recusaram. D'ahi, a superioridade do sul sobre o norte. Este agoniza, na adustão de seus campos estereis, na miseria das suas lavouras minguadas, no jugo da sua politicagem defraudadora, emquanto aquelle progride, na expansão das suas culturas e das suas industrias e na melhor direcção dos seus negocios internos. Do norte, apenas se salva a Amazonia, no ponto de vista economico, devido, unicamente, á industria extractiva da gomma elastica.

Porque o mundo contemporaneo poderá passar sem café, sem fumo e sem cacau. Mas sem borracha é que não passa. As velhas como as novas industrias ahi estão a exigil-a

Na minha viagem ao extremo norte, notei que havia um grande parenthesis aberto entre a barra de Itabapoana e a desembocadura do Gurupy.

Naquella immensa fracção de orla marinha, que, como todos sabem, vae do Espirito Santo ao Maranhão, tudo parece estacionario.

Não ha progressos materiaes ou sociaes que se imponham.

O que se vê são populações, mais ou menos gastas, sem mais aquella seiva que as alimentava, antes da abolição do elemento captivo. Esse estupendo phenomeno sociologico brazileiro não se fez sentir tanto no sul como no norte.

Porque o sul teve o colono europeu, que substituiu, mais ou menos,

tão expressivo nome aquelle minusculo Estado do Brazil oriental.

Com 30 mil habitantes apenas, Maceió é uma cidade pittoresca.

Tem bonitas praças ajardinadas, como a Marechal Floriano, a Pedro II e a dos Martyrios, onde fica o palacio do governo. Nesta ultima, vê-se a estatua pedestre de Floriano Peixoto, inaugurada a 18 de setembro de 1907.

Mandou-a construir o governo do Estado, como justa homenagem a um dos filhos mais gloriosos daquella terra. A rua do Commercio, a rua Direita, a rua Nova, e a rua Augusta são as principaes vias publicas da capital alagôana.

Uma linha de bonds de tração animal liga Jaraguá a Maceió.

Esta é illuminada a luz electrica. Não tem agua canalisada, nem

Palacio do Governo, Maceió. — Alagoâs

possue rêde de esgotos. Existem alli alguns edificios de apparencia moderna, como o Thesouro, a Associação dos Empregados no Commercio, o palacio do governo, a Casa de Detenção e alguns outros.

Maceió acha-se ligada a Recife por via ferrea. Brevemente, o estará a Aracajú e Bahia. O municipio tem uma renda annual de 120 contos.

A imprensa da capital é representada pelo *Gutenberg*, folha governista, e pelo *Correio de Maceió*, da opposição.

O porto de Jaraguá, cujas obras vão ser, dentre em breve, iniciadas, é o unico onde ancoram os navios do Lloyd.

Embora protegido dos ventos que sopram do norte e de léste,

acha-se bastante sujeito aos ventos do sul, que trazem as aguas da enseada quasi sempre revoltas. E' alli que se concentra o grosso commercio, com os seus grandes armazens e os seus grandes trapiches.

Maceió está igualmente ligada, por via ferrea, á cidade da União (88 kilometros). E' por essa estrada que lhe vêm muitos dos productos das suas lavouras sertanejas.

Como se sabe, foi perto desta ultima cidade que floresceu a celebre republica dos Palmares, constituida de escravos fugidos.

Alagôas, com o seu meio milhão de habitantes, tem no assucar e no algodão as suas principaes fontes de riqueza. E' frequente o movimento de vapores pelos canaes e pela lagôa Manguaba (a do sul), entre Maceió e a cidade do Pilar. Descem, quasi sempre, carregados de algodão.

A Estrada de Ferro Central do Estado, cujos trabalhos tiveram começo em 1882, offerece um desenvolvimento total de 150 kilometros, sendo 88 entre Jaraguá e União e 62 do ramal de Viçosa.

Essa via ferrea é custeiada pela exportação do assucar, do algodão, do alcool, da aguardente, de cereaes, de couros, pelles, madeiras de lei, e pela importação de farinha de trigo, xarque, carvão mineral, fazendas e varias especiarias.

O Estado conta algumas cidades de relativa importancia e commercial, como Penedo, á margem do S. Francisco, com o seu porto regularmente movimentado.

Penedo é o emporio do pequeno commercio das zonas convisinhas de Alagôas, Bahia, Sergipe e Pernambuco.

Alagôas (primitiva metropole), Atalaia, Pilar, União e S. Luiz do Guitunde são centros de alguma vida industrial ou agricola.

O littoral do Estado é percorrido, não só pelos vapores do Lloyd, senão tambem pelos da Companhia de Navegação Bahiana e pelos da Companhia Pernambucana, afóra outros de menores calados que sobem o S. Francisco até á cidade de Penedo.

Como é sobejamente sabido, é nas fronteiras de Alagôas, Bahia, Sergipe e Pernambuco que este grande rio (que constitue o chamado mediterraneo brazileiro) fórma a celebre cachoeira de Paulo Affonso, rival do Niagára.

Uma das cousas mais interessantes do porto de Jaraguá são as jangadas.

Dezenas dessas embarcações primitivas assediam os paquetes que alli ancoram. Trazem carregamente de cocos, jacas, laranjas e bananas, que se vendem aos passageiros.

Umas navegam a remo, outras á vela. Muitas aventuram-se ao mar alto, na faina da pesca.

Vistas de longe, com as suas velas ao vento, dir-se-ia um bando de garças, que, cansadas de voar, pousassem na curva do horizonte marinho.

***

No ponto de vista intellectual, Alagôas não è dos Estados mais pobres. D'alli tem saido um bom nucleo de escriptores e poetas, largamente conhecidos em todo o paiz.

A maioria delles, porém, vivem fóra da terra natal.

São estes os seus espirituaes de maior relevo.

Na poesia : Cyridião Durval, Alves de Farias, Aristheu de Andrade, Moreira Cavalcanti, Alves de Amorim e Guimarães Passos (fallecidos); José Maria Goulart de Andrade, Julio Auto, Matheus de Albuquerque, Luiz Franco, Paulino Santiago, Augusto Cavalcanti, Coelho Cavalcanti e Rosalia Sandoval.

Na critica e a chronica litteraria : Elysio de Carvalho e Costa Rego.

No jornalismo : Virgilio de Lemos, que ha longos annos reside na Bahia, e que alli creou raizes, assim na imprensa como na politica.

CAPITULO X

PERNAMBUCO

SUMMARIO. — Uma rapida excursão pela historia de Pernambuco. — O sentimento de nativismo e as rebelliões brazileiras. — A segunda batalha dos Guararapes e o destino do Brazil colonial. — Mauricio de Nassau. — Os beneficios do seu governo. — A guerra dos Mascates e a Confederação do Equador.

Para quem desama a historia do Brazil, um desembarque, pela primeira vez, no porto de Pernambuco certamente não passará de uma cousa banalissima. Ha cidades, neste paiz, que são pedaços vivos da sua historia.

O Rio de Janeiro, a Bahia, o Recife e S. Luiz do Maranhão achamse neste caso.

Tenho o amor dos factos e das cousas passadas. Por isso não podia abeirar-me da formosa Veneza americana, sem que me chegassem, atropelladamente á memoria episodios e acontecimentos que alli se desenrolaram, a partir da segunda invasão hollandeza, em 1630, até aos dias mais agitados da regencia e do primeiro imperio.

A phase mais importante da historia de Pernambuco tem seu inicio na dominação batava. O sentimento de nativismo, que tantas vezes irrompeu na alma pernambucana, teve o seu primeiro éco, antes de meiado do seculo XVII, quando o sólo de Pernambuco estremeceu ao estrepito guerreiro das hostes hollandezas. Ainda na alvorada dos acontecimentos, surge-nos a figura bastantemente heroica de Salvador de Azevedo, na resistencia indomita de Olinda.

No Recife, é o vulto patriarchal de Mathias de Albuquerque, organisando a defesa da terra invadida, obrigando os invasores a abandonar Olinda e dirigindo, mais tarde, a retirada dos seus.

No mar, surgem-nos dois leões destemerosos — D. Antonio de Oquendo e Adriano Pater, a quem a lenda maritima dos portugue-

zes transformou num heróe digno dos tempos homericos, attribuindo-lhe a celebre phrase que passou á historia.

Mas, ao fundo do scenario, onde brilham tantos nomes illustres, apparece, com o destaque de uma antithese, a figura execranda de Calabar.

Esse contraste ainda mais se evidencia, quando assomam ao palco da historia os typos legendarios de Henrique Dias, do indio Camarão e de Vidal de Negreiros, na defesa dos brios radicaes da terra pernambucana. Mas Pernambuco que, nos primeiros tempos, repellira, dignamente, o predominio hollandez, vae encontrar no espirito de um batavo illustre um administrador intelligente e amigo.

Mauricio de Nassau, cuja natureza se fórmara sob o influxo das ideias liberaes de seu tempo, trouxera para a America a intenção de applicar, no seu governo, os altos principios da escola philosophica em que se educára.

Tendo vivido na ambiencia do pensamento mais culto da sua época, bebendo a lição da historia e da philosophia nas universidades de Basiléa e de Herborn, Mauricio de Nassau fazia da tolerancia politica e religiosa a base do seu programma administrativo na America hollandeza. O Brazil muito lhe deve.

Tamanhos fôram, a sagacidade, o tino e a intelligencia politica desse grande principe, que o odio que de principio lhe votavam os pernambucanos, se transformou, pouco a pouco, em affecto e simpathia profunda. A raça negra teve nelle um protector e um amigo.

Dentre todas as capitanias do seculo XVII, era Pernambuco a primeira, assim no progresso economico como na bôa ordem da sua sociedade.

O Recife passou por notaveis melhoramentos materiaes. As artes e as lettras tiveram o seu periodo de florescimento.

Ao lado do progresso das cousas, havia em tudo a mais ampla liberdade.

Pela primeira vez, reunem-se assembléas deliberativas no Recife. Nellas tomam parte os homens mais em evidencia, que discutem os negocios mais importantes do novo imperio que Mauricio de Nassau entresonhara, nesta parte do Novo Mundo.

Mas essa phase brilhante da historia de Pernambuco colonial ia, em breve, desapparecer, com a retirada de Mauricio para a Europa, em 1644. Depois de uma administração fecunda e sabia, ia o Recife entrar num periodo de decadencia. E a ruina do Brazil hollandez não se fez esperar. O governo caiu nas mãos de meia duzia de gananciosos.

Veiu o regimen da intolerancia, e, elle, com a rebellião dos espiritos que viveram na maior prosperidade, e harmonia, sob o governo bondadoso de Nassau. Com a restauração de Portugal, em 1640, ia o Brazil sacudir o jugo hespanhol, que supportara, durante 60 longos annos. Todo esse conjuncto de factos parallelos veiu accelerar a marcha dos acontecimentos, no Brazil hollandez, cujo crepusculo não tardaria muito.

Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira são a alma da liberdade pernambucana. Camarão e Henrique Dias são dois grandes collaboradores nessa obra de patriotismo.

***

A primeira batalha dos Guararapes, ferida a 19 de abril de 1648, foi um golpe tremendo que experimentaram os hollandezes. A sorte do Brazil batavo ia ser decidida, dentro de pouco tempo. A segunda batalha dos Guararapes, travada a 19 de fevereiro de 1649, assignala um marco memoravel na historia do Brazil. Della resultou o destino da nossa nacionalidade, como da batalha de Salamina resultou a sorte do mundo. Se Themistocles tivesse sido derrotado pela frota e pelo exercito de Xerxes, que seria do mundo contemporaneo? Os vencedores, impondo aos vencidos a sua civilização, haviam de fazer prevalecer sobre o occidente europeu a cultura e as tradições do oriente asiatico.

Semelhantemente, no Brazil. Vencedores, os hollandezes imporiam a todo o paiz a sua lingua, o seu commercio, a sua religião, as suas industrias e os seus costumes.

Sendo uma raça mais forte que a raça portugueza, é bem verdade que estariamos hoje em melhores condições de progresso.

Mas lucrámos uma cousa, com a dominação definitiva do portuguez. Herdámos esta lingua, pura e sonorosa, que é a maior gloria do sentimento e da emoção latina. A nós nos ficou esta soberba expressão dos Bernardes, dos freis Luiz de Souza, dos Camões, dos Vieiras e dos Castilhos.

E basta. Como os inglezes e os francezes, que, successivamente, vencidos no Rio de Janeiro e no Maranhão, não conseguiram fixar-se no Brazil, os hollandezes refugiaram-se para além das lindes do extremo norte. E lá estão, com os primeiros e os segundos, á semelhança de trez marcos seculares que a historia plantasse nas visinhanças do equador.

Ha quem attribua a dominação batava no Brazil ao espirito imperialista do seculo XVII. E'um erro. A conquista hollandeza, entre nós, como a hespanhola, em toda a America no Sul, tem suas fontes no internacionalismo, na expansão economica da Europa, em summa, na grande causa do commercio livre contra o monopolio.

Era a chamada politica oceanica. O monopolio, no Brazil, chegou ao seu auge, no tempo de Felippe II, que trancou os nossos portos ao estrangeiro, chegando ao ponto de repatriar os que aqui se achavam domiciliados. O espirito radical dos pernambucanos, entremostrado apenas nos primeiros conflictos da dominação batava, vae-se avolumando, cada vez mais, atravéz da historia. Ganha novos impulsos em 1710, por occasião da guerra dos Mascates.

A dissidencia entre a sociedade aristocratica de Olinda e os commerciantes portuguezes do Recife, tendo como corollario uma das revoluções que mais agitaram aquella capitania, fez surgir no palco dos acontecimentos o vulto de Bernardo Vieira de Mello, a quem se confere o primeiro grito de Republica que ecôou em plagas americanas. Tem elle uma precedencia de quasi um seculo sobre Tiradentes.

***

Depois da vinda de D. João VI para o Brazil (1808), Pernambuco vae ainda pôr em evidencia o seu radicalismo ingenito. Como centro que foi dos odios inveterados que havia entre brazileiros e portuguezes, a antiga capitania de Mathias de Albuquerque rebella-se contra a nova politica inaugurada. Isso foi em março de 1816. Vêm á tona as figuras militares de Barbosa de Castro e de Barros Lima, o Leão Corôado. O Recife, que ha mais de um seculo acalentava as aspirações de independencia, ia entrar nella pela porta da revolução. O vulto culminante dos acontecimentos de 1817 é Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que, á frente do movimento republicano, proclamou a Confederação do Equador, que abrangia o territorio hoje occupado pelos Estados que vão de Alagôas ao Ceará.

Era a primeira tentativa de republica, ainda na aurora do primeiro imperio. E essa tentativa talvez seria uma realidade, se não fôra a intervenção armada de Lord Cockrane e do general Lima e Silva.

Mas do naufragio da revolução salvaram-se para a historia, dentre muitos, os nomes de Paes de Andrade e de frei Caneca.

Ao tempo do Brazil regencial, revela-se, ainda uma vez, o altivo sentimento dos pernambucanos, no abafar a rebellião da soldadesca indisciplinada da guarnição do Recife.

Era um reflexo das revoltas parciaes que se davam na Bahia, no Ceará, no Maranhão, em Matto Grosso, no Pará e no proprio Rio de Janeiro. Era a infancia tumultuosa da nossa nacionalidade.

A regencia atravessou uma phase difficilima, apezar da grande sagacidade politica de homens da estatura de Lima e Silva, de Costa Carvalho, de Braulio Muniz e de Feijó, que, quanto aos serviços prestados a este paiz, só tem um rival no segundo Rio Branco.

O Brazil, nessa épocha, dividia-se em tres partidos politicos: o dos moderados, que estavam ao lado dos homens da regencia; o dos exaltados, que insuflavam o espirito de sedição, e o dos restauradores, que desejavam a volta ao antigo estado de cousas. E era de admirar que a este ultimo estivessem filiados homens da responsabilidade de um Cayrú, de um José Bonifacio e de um Paranaguá.

O segundo imperio, inaugurado em 1840, teve os seus primeiros dias asaltados de revoluções civis, que se prolongaram até 1849,e ás quaes pôz termo o genio militar do duque de Caxias.

A revolução praieira, em Pernambuco (1847-1848), ainda esteiada no espirito nativista do povo, vae perturbar a tranquillidade que ha tanto se fazia mister, naquella terra.

Os *praieiros* aspiravam a nacionalização do pequeno commercio e a expulsão do elemento portuguez, que se não achasse ligado ao Brazil pela constituição da familia.

A anarchia nativista creou raizes no Recife e ramificou-se pelo interior da provincia. Os mais exaltados de todos os *praieiros* são Pedro Ivo e Nunes Machado, que foi victima da revolução.

Parece que vae fechar-se aqui o cyclo das rebelliões nativistas do povo pernambucano, que tem na historia do Brazil um logar assignalado e distincto.

No periodo mais tormentoso da vida colonial brazileira, Pernambuco tem uma posição de sabida proeminencia, e as gerações fôram alli transmittindo umas ás outras a mesma elevação de sentimento, o mesmo amor á terra e o mesmo orgulho do passado.

Nunca a nossa historia teve maior brilho que nos primeiros seculos do descobrimento. Pela primeira vez, em aguas da America, travam-se memoraveis batalhas, entre esquadras poderosas.

A Hollanda, a França, a Inglaterra e a Hespanha occupam o primeiro plano, no grande scenario da luta. Mallogram-se as tentativas de Cavendisch. Fracassam os projectos de Villegaignon, de fundar,

no Rio de Janeiro, uma França Antarctica. No Maranhão Jacques Riffault debalde consegue a creação de uma França Equinocial. A principio era a luta pacifica das competencias. Depois é o embate das raças conquistadoras da Europa, no aspirar o melhor bocado nas cousas do Novo Mundo, que, generoso, abria, fartamente, o seu seio uberrimo á actividade e á cubiça dos estrangeiros.

Essas raças que aqui não poderam crear raizes, prestaram-nos, comtudo, um enorme serviço. Ensinaram-nos a amar a luta pelos nossos direitos, educando a nossa enfibratura nacional, e preparando o espirito da raça que se formava para novos assomos de patriotismo. O Brazil era um paiz fadado a ser conquistado pelos proprios brazileiros. Entenda-se por brazileiro o colono portuguez, affeiçoado ao sólo da nova patria; o jesuita, ousado e perseverante, no corrigir os desvios de caracter da sociedade colonial; o bandeirante, destemeroso e altivo, no ampliar as nossas extremas, varando os sertões, á cata das minas, que a terra avaramente escondia.

Taes fôram os elementos triumphadores, no final desse conflicto de trezentos annos, de que foi theatro esta immensa porção da America, que, do lado do Atlantico, se estende da barra de arroio Chuhy as praias do cabo Orange.

CAPITULO XI

PERNAMBUCO

(Continuação.)

SUMMARIO. — Chegada á Veneza americana. — Primeiros aspectos e primeiras impressões. — Os recifes de Pernambuco. — Diversas theorias geologicas. — Uma hypothese de Agassiz. — A topographia da Mauricéa e o rio Capiberibe. — Ilhas e pontes. — Arrabaldes e logradouros publicos. — Os hoteis e a viação urbana. — A grande avenida e o theatro Santa Izabel.

São 7 horas da manhã. Céo azul e profundamente luminoso, céo digno de um meiado de inverno em uma cidade do tropico. A bordo já começam os primeiros rumores do dia. E'o arrastar de bagagens, é o vozear de passageiros que vão saltar no porto do Recife.

A bombordo e a boreste, a gritaria diabolica dos catraieiros. Emquanto se fazem as visitas da saude e alfandega, subo as escadas do tombadilho, a ver, pela primeira vez, o scenario da capital pernambucana.

A visão do conjuncto littoraneo é agradavel. Correndo parallelamente ao caes, vê-se a extensa linha dos recifes, sobre os quaes a agua do mar bate, com fragor, desmanchando-se em lençóes de espumas. Em frente, o porto, com as suas casas que parece emergirem das aguas pardacentas do canal.

Fóra do grande quebra-mar que a natureza construiu para abrigo dos navegantes que chegassem ao porto mais oriental da America do sul, lá estavam os grandes transatlanticos que vinham da Europa, dos Estados Unidos e do Rio da Prata. Regular movimento, no porto do Recife. A's 8 horas em ponto, salto no caes da Lingueta. Na orla da praia, levantam-se edificações de physionomia colonial, que nada ficam a invejar ás velhas construcções da parte inferior da capital da Bahia.

Ruas estreitas, tortuosas e antihygienicas é o que deparo no longo

trajecto até á cabeceira da ponte Sete de Setembro. Em se chegando alli, porém, desfaz-se, como que por encanto, a primeira impressão de desagrado.

Pontes magnificas e elegantes, lançadas sobre o Capiberibe, unem a ilha do Recife á ilha de Antonio Vaz, onde ficam os districtos de Santo Antonio e de S. José. Outras, não menos sumptuosas, ligam esta segunda ilha á Bôa Vista, no continente. E' a cidade das pontes e dos canaes.

Depois desse ligeiro golpe de vista, voltemos ao porto, e olhemos, com mais demora, uma das curiosidades exteriores de Pernambuco. Refiro-me ao longo dorso de rocha submarina que margeia a sua formosa capital.

Os recifes de Pernambuco são um destacamento do grande recife que corre parallelamente ao littoral brazileiro, desde a barra do Parnahyba á desembocadura do S. Francisco. Algumas dessas rochas são de origem coraligena. A de Pernambuco, porém, é constituida de um grês compacto, consolidado por substancias calcareas. A impetuosidade das vagas, que rebentam de encontro a essa formidavel muralha de pedra, não conseguiu ainda fazer-lhe o menor estrago.

O mar bate, e recúa, vencido.

E' uma luta titanica e millenaria, entre a agua e a pedra. Só os ouriços conseguem perfural-a.

Sobre a geognósia desse recife, tem havido muitas hypotheses. Alguns geologos. o encararam como uma verdadeira muralha de coraes. Outros consideram-no como restos de uma antiga geleira. Agassiz patrocinou esta ultima theoria. Elizeu Reclus, porém, admitte a hypothese, mais acceitavel, de « um cordão littoraneo, como muitos que se vêem, ao longo de outras praias, sempre que as vagas impellidas directamente de encontro á costa, deparam areias a levantar. »

« São talvez, conclue o grande geographo, os restos de uma antiga praia, que facilitaram o deposito dessas materias arenaceas que o mar depois argamassou. »

Esses quebra-mares levantados pela engenharia da natureza protegem as aguas tranquillas do porto contra as aguas bravias do oceano.

***

O rio Capiberibe, no seu curso caprichoso, na visinhança do mar, empresta ao Recife uma topographia singularissima. E' uma succes-

são de ilhas e de canaes, que confundem o viajante inexperiente que não tenha bem viva na memoria a carta geographica da cidade.

Pontes por toda a parte.

Aqui a Sete de Setembro, a Buarque de Macedo e a do Limoeiro. Adeante a da Bôa Vista, a de Caxangá e a de Santa Izabel. Mais além a da Torre, a do Capunga e da Magdalena.

A denominação de Veneza americana que se deu á capital de Pernambuco é justissima.

Por sua physionomia topographica, é uma cidade talvez unica em todo o continente.

Se a minha primeira impressão, ao saltar no Recife, não foi positivamente favoravel, cumpre-me confessar que, depois de haver

Ponte Santa Isabel, Recife. — Pernambuco.

transposto a ponte Sete de Setembro, me convenci de que me achava numa das mais lindas cidades do Brazil. Linda, no seu aspecto exterior, nas suas ruas, nas suas praças, nos seus jardins e nos seus arrabaldes. Mas feia, na falta de uma civilização material correspondente á cultura de seus habitantes e á invejavel situação geographica que a natureza lhe deu.

Notam-se alli bonitas ruas, como a do Commercio, a Quinze de Novembro, a Primeiro de Março e a rua Nova, que é a rua do Ouvidor da Mauricéa. Possuem alguns edificios modernos e são mais ou menos bem calçadas.

Na rua Nova é que fica situado o *Café Chic*, ponto de reunião dos

intellectuaes e dos estudantes do Recife, que imprimem a essa via publica uma vida nocturna bastante regular.

Existem ainda outras ruas bem movimentadas, como a da Imperatriz e a do Barão da Victoria.

A praça mais importante é a da Republica, bem ajardinada. Numa de suas faces vê-se o palacio do governo, construido sobre as ruinas do antigo palacio de Mauricio de Nassau.

O Recife conta poucos logradouros publicos para uma população de cerca de 150 mil habitantes.

As praças da Independencia, Maciel Pinheiro e do Espirito Santo são exiguas e mediocremente tratadas.

A capital pernambucana tem bellos arrabaldes. Afogados, Fernandes Vieira, Magdalena, Caxangá, Varzea e Tigipió são pontos aprazíveis.

Vêem-se alli bem cuidadas chacaras, uma vegetação victoriosa e lindas flores nos jardins das magnificas vivendas que se erguem, ora á beira do Capiberibe, ora no centro de um bosque de mangueiras altissimas. O Recife está desservido de hoteis. O melhor é o *Recife-Hotel*, ultimamente aberto á procura publica.

O *Brazil* e o *Luzitano*, situados na praça da Independencia, acham-se abaixo da critica. Estão francamente deslocados numa cidade que é um porto de mar de primeira ordem, aonde chegam os maiores transatlanticos, todos os dias, e onde ancoram, constantemente, os vapores do nosso Lloyd, que se dirigem á capital do Amazonas.

Uma outra cousa que me entristeceu, ao visitar o Recife, foi a ausencia completa de um serviço organizado de carros de praça.

Como era natural, em chegando a uma cidade que tem um sexto da população do Rio de Janeiro, procurei, ao saltar na Lingueta, um vehiculo de aluguel, que, mais commodamente, me conduzisse ao coração da *urbs*.

Foi uma decepção tremenda.

Os carros do Recife, como os da Bahia, vivem trancados nas cocheiras.

Só saem á rua, por encommenda, ou quando pedidos por telephone.

Mesmo assim, só comparecem duas ou trez horas depois. Isso é, positivamente, um atrazo, que não se perdôa em uma cidade, diariamente visitada pelo estrangeiro e pelo nacional que vae á Europa ou ao extremo norte do paiz.

E'o caso de pedir-se ao prefeito do Recife que mande ao cáes da Lingueta, pelo menos meia duzia de carros, nos dias em que os jor-

naes noticiarem a entrada de algum vapor em aguas da Veneza americana.

Uma nota, muito curiosa, ácerca dos bonds da Mauricéa : São puxados a burros, e illuminados a luz electrica ! Não rias, leitor amigo, que é a pura verdade. Os estudantes dão-lhes, com muito espirito, o nome de *electro-burros*. E' bem achado.

***

No dia em que fôr uma realidade a grande avenida beira-mar que se projecta construir, entre o Recife e Olinda; quando a illuminação a gaz acetylene fôr substituida pela illuminação electrica; quando a viação urbana passar pela transformação que está a exigir, com muita urgencia; quando se apagar da antiga Mauricéa o ultimo traço do seu aspecto ainda colonial, dando-se-lhe a feição caracteristica dos grandes centros cosmopolitas; quando tudo isso se fizér, a capital de Pernambuco será uma das mais bellas cidades do mundo.

Porque a natureza lhe deu, como a nenhuma outra, uma posição admiravel na orla do Atlantico, assim no ponto de vista economico, como no ponto de vista physiographico.

A tudo isso é preciso juntar o genio emprehendedor dos pernambucanos, que, na sua translação para a historia, vieram affirmando o espirito de iniciativa de uma raça adulta e valorosa. Um povo que tem uma tradição illustre nos fastos mais culminantes da vida colonial e constitucional brazileira, tem o dever de dar á sua metropole o melhor do seu esforço e da sua intelligencia.

Em progressos materiaes, o Recife não deve ficar em nivel inferior a Manáos e a Porto Alegre, cidades mais novas e menos populosas.

Fallei, ha pouco, da falta de carros, no Recife. Em qualquer cidade do sul do Brazil, seja central ou maritima, ha, fartamente, vehiculos dessa natureza, á disposição do publico. Notei-o, em Florianopolis, no Rio Grande, em Pelotas, não fallando em Porto Alegre, que tem umser viço perfeito de carruagens de praça.

Na Bahia a falta não é tão grave, por causa do solo montanhoso, sobre que os portuguezes edificaram a primitiva capital da colonia.

O Recife já não é assim. Tudo alli é plano, favorecendo a iniciativa do homem.

***

A capital de Pernambuco só tem um theatro, o Santa Izabel.

Nem sempre funcciona. Só abre as suas portas venerandas, quando alli chega alguma companhia estrangeira.

Foi inaugurado a 18 de maio de 1850.

Reconstruido, após o incendio que o destruiu, foi reaberto ao publico, em 1871. Esse theatro tem uma historia nos fastos da abolição e da Republica. Elle parece guardar ainda o éco da eloquencia de Joaquim Nabuco, quando defendia, com todo o ardor da sua mocidade gloriosa, a grande causa consubstanciada no acontecimento sociologico de 13 de maio de 1888.

Detive-me, a contemplar, mudamente, as paredes do velho theatro.

Como que ainda ouvia qualquer cousa que me lembrava a palavra ardente de Annibal Falcão, de Martins Junior, de José Mariano, no propagar as ideias do novo regimen.

Aquelle theatro, de apparencia modesta, é um pedaço da historia da Republica. Por isso mesmo é mais digno de uma chronica do que de uma simples referencia, em meia duzia de palavras que o vento leva.

CAPITULO XII

PERNAMBUCO

(Continuação.)

SUMMARIO. — As obras do porto. — Viação ferrea. — Industrias agricolas. — Fontes de vida economica do Estado. — O jornalismo no Recife. — A espiritualidade pernambucana. — Alguns nomes do passado e do presente. — Uma ligeira visita a Olinda.

As obras do porto do Recife são de ha longos annos uma das maiores aspirações de Pernambuco. Por ellas se bateram os politicos que mais se interessaram pela solução de um problema economico, que não aproveita apenas ao grande Estado do Norte, senão tambem a todo o paiz. Sendo o Recife a cidade mais oriental do Brazil, está por isso mesmo mais proxima da Europa e da Africa que qualquer outra irmã brazileira.

A oito dias de Lisbôa ou do sul da Hespanha, recebe, em primeira mão, as ultimas novidades do velho mundo.

Além disso, o trabalho de construcção das obras daquelle porto já o iniciou a natureza, levantando, nas proximidades delle, a extensa muralha de pedra que lhe serve de quebra-mar. Depois de successivos projectos, adoptou-se, a final, aquelle que melhor pareceu ao governo.

De accordo com o espirito desse projecto, que se está executando, será construido um grande quebra-mar, enraizado no extremo septentrional dos recifes que emergem na vizinhança do pharol do Picão.

Esse quebra-mar, levantado sobre a linha dos recifes submersos, avança para o oceano, até á profundidade de nove metros, nas marés minimas. Terá uma extensão total de 1.147 metros.

Partindo do isthmo arenoso de Olinda, no sentido normal, será

construido um molhe de pedra solta, terminando em quebra-mar, com uma extensão de oitocentos metros.

Serão levantados tambem diversos caes para atracação, carga e descarga dos navios. Um desses caes terá dez metros de profundidade, em aguas minimas, e uma extensão de quinhentos e setenta e quatro metros.

Irá do ponto terminal do caes do norte a um ponto fronteiro á fortaleza do Brum.

A commissão constructora, aproveitando os revestimentos de alvenaria que os engenheiros hollandezes applicaram sobres os recifes emergentes, fará o alteamento da antiga muralha, levando a construcção da nova até á casa de banhos, que fica sobre os mesmos recifes. A dragagem deverá dar ao porto uma profundidade de nove metros, nas menores marés. Essa profundidade attingirá a nova entrada do ancoradouro. Os contractantes incumbir-se-ão do aterro entre o littoral e os caes projectados, e bem assim da construcção de sete armazens, devidamente apparelhados de edificios para a administração e saude do porto.

Os caes serão providos de linhas ferreas de um metro de bitola, e bem assim de guindastes de portal electricos.

A commissão fará ainda o calçamento e a drenagem das ruas convisinhas, e bem assim procederá á abertura de duas grandes avenidas commerciaes, na capital pernambucana.

Como se vê, trata-se de levar a effeito uma obra collossal, bem digna daquella terra. O historico das obras do porto de Pernambuco merece um capitulo, que me não proponho traçar. Os hollandezes, previdentes e emprehendedores, fôram os primeiros que imaginaram aproveitar a linha dos recifes emergentes, em beneficio do porto. Para isso construiram sobre elles uma muralha, que, de tempos em tempos, ha sido reparada.

Em 1816 procedeu-se á limpeza do fundeadouro. Em 1819, sob o governo de Luiz do Rego, levantou-se alli um pharol. Esse governador mandou tambem construir alguns metros de caes.

Outras construcções se têm feito dessa data até hoje. Por muitos annos fez-se a dragagem da bacia do porto e dos rios que nelle se lançam.

Nenhum resultado satisfatorio tem sido colhido, porque a profundidade do estuario é, mais ou menos, a mesma de ha cem annos atraz.

Posto que fosse uma das provincias mais fecundas do imperio, Pernambuco jamais encontrou éco para as suas justas pretensões no espirito dos homens do antigo regimen. Só agora, depois de vinte

e um annos de Republica, é que vae ter um melhoramento, ha tanto tempo reclamado, assim por sua vantajosa situação topographica, como por sua proximidade dos grandes centros productores e consumidores da Europa.

***

O Estado de Pernambuco possue um regular movimento ferroviario. Dentre as suas linhas ferreas contam-se a Estrada de Ferro do Recife ao S. Francisco, a Sul de Pernambuco, a do Recife ao Limoeiro e a Central de Pernambuco, todas arrendadas pela União á Great Western. O governo federal acaba de contractar o prolonga-

Palacio do Congresso, — Pernambuco.

mento da Central de Pernambuco até Flores. Trata-se tambem de levar a effeito os prolongamentos necessarios, com o fim de ligar, entre si, as estradas do Recife ao S. Francisco, a do Recife ao Limoeiro e a Central de Pernambuco. Essa ligação é de grande alcance, no ponto de vista da economia do Estado, que terá assim mais rapidos escoadouros para os productos das suas industrias agricolas. Existem alli algumas vias ferreas estaduaes, como a de Santos Dias, a do Recife a Caxangá, a de Cachoeira Lisa e a do Recife a Olinda e Beberibe.

A capital de Pernambuco está, presentemento, ligada a Maceió, a Parahyba, e a Natal, por via ferrea. Uma vez estabelecida a ligação da rêde da Great Western com as da Bahia e Minas Geraes, teremos o Recife ligado ao Rio de Janeiro, por via terrestre. Em parte

essa ligação já está sendo feita pelo ramal do Timbó e seu prolongamento até ás immediações de Propriá, nas margens do S. Francisco, e d'alli a Lourenço de Albuquerque, na linha de Maceió á União.

Ficarão ligadas, entre si, Itabaianinha, Itaporanga, S. Christovão, Aracajú e Larangeiras, no Estado de Sergipe. De Larangeiras a Aporá continuam, activamente, os trabalhos de avançamento dos trilhos, e, ha poucos mezes, fôram inaugurados vinte e sete kilometros, entre Aporá e Timbó.

***

A base da vida economica de Pernambuco repousa nas suas industrias agricolas. Dentre estas destaca-se a industria do assucar, que é a grande fonte de receita do Estado.

Pernambuco possue para mais de quarenta usinas hydraulicas e a vapor, para o fabrico da sacharose.

Além do assucar, o Estado exporta couros e pelles, alcool e aguardente, em grande quantidade; oleos, carnaúba, algodão e a gomma elastica das Manihot e das Hancornia.

Ha outras industrias que inoculam grande porção de seiva no organismo economico do Estado.

São as fabricas de tecidos e fiação, de calçados, de chapéos, de phosphoros, de vidros, de perfumarias, de cerveja, de moveis e tantas outras.

São industrias secundarias, em confronto com a industria assucareira, que, neste particular, colloca Pernambuco em o primeiro plano dos Estados productores.

O Recife não tem ainda uma rêde de esgotos, e a canalização de agua não abrange todas as habitações da cidade.

***

A imprensa da capital pernambucana é a mais adeantada de todo o norte do Brazil. Posso affirmal-o, sem receio de causar melindres á Bahia e a Belém do Pará.

Porque semelhante superioridade é publica e notoria.

O *Diario de Pernambuco*, a meu ver, é não só o maior orgão de pu-

blicidade de sua terra, senão tambem um dos maiores de todo o Brazil.

Foi fundado em 1825.

A Provincia, o *Jornal do Recife* (que se publica desde 1843) o *Jornal Pequeno*, o *Correio do Recife* e o *Pernambuco*, são jornaes magnificamente bem feitos, com abundante serviço telegraphico do interior e do exterior, e um noticiario, variado e brilhante.

São estes os jornalistas pernambucanos de maior destaque : Thomé Gibson, Osvaldo Machado, Balthazar Pereira e Henrique Milet.

Do jornalismo á intellectualidade a translação é insensivel. Porque os maiores poetas e escriptores daquella terra fizeram e fazem ainda da imprensa o campo mais apropriado ás lutas da intelligencia.

Nos primeiros seculos da colonia, a vida intellectual em Pernambuco é nulla ou insignificante. Todavia é de justiça notar que a nossa primeira producção bellestristica d'alli saiu pela penna de Bento Teixeira Pinto, autor da *Prosopopéa*.

Isso foi no ultimo decennio do seculo XVI. O seculo XVII, em Pernambuco, é quasi todo absorvido pela guerra hollandeza. Talvez por isso não houvesse alli, a esse tempo, nenhum sopro de vida litteraria.

O contrario dá-se na Bahia, onde, na mesma época, faz rumor a musa satyrica de Gregorio de Mattos e de alguns outros contemporaneos seus, mais ou menos insupportaveis.

Na Bahia, como em todo o Brazil, a figura maior do seculo XVII é o genial padre Antonio Vieira.

No seculo seguinte, ainda nada se vê de interessante, em Pernambuco, em o ponto de vista intellectual.

Entretanto, por esse tempo, a Bahia, o Rio de Janeiro e Minas Geraes já se revelam os trez nucleos mais fortes da nascente espiritualidade brazileira.

No primeiro desses Estados fundam-se, successivamente, a Academia dos Esquecidos e a dos Renascidos.

No Rio, a dos Selectos e a Arcadia Ultramarina. Em Minas, já na segunda metade do seculo XVIII, congregam-se os melhores talentos da colonia.

Fórma-se a chamada escola mineira com Thomas Antonio Gonzaga, os dois Alvarengas, Claudio Manoel da Costa, Bazilio da Gama e Santa Rita Durão.

Em Pernambuco ainda nenhum symptoma de vida mental. Só na alvorada do romantismo é que começam de surgir os homens mais

representativos da intellectualidade pernambucana. Alli vamos encontrar Frei Caneca, poeta, orador, jornalista e politico insigne, e que foi, como é sabido, uma nobre victima da revolução de 1824. Em pleno romantismo, temos Natividade Saldanha, poeta bem distincto; Ferreira Barreto, tambem poeta, e o maior de todos Maciel Monteiro, que alliava o seu tino diplomatico ás delicadezas de sua musa, sensual e elegante.

Barros Lima é outro poeta contemporaneo de Maciel Monteiro.

Presentemente, Pernambuco atravessa a phase de ouro da sua intelligencia.

Eis aqui os seus homens de maior relevo,nos dominios do pensamento.

Publicistas e oradores parlamentares :

Joaquim Nabuco, Martins Junior, Phaelante da Camara e Annibal Falcão (já fallecidos); Oliveira Lima, Arthur Orlando, Dantas Barreto, Laurindo Leão, José Mariano, Barboza Lima, Arthur Muniz, Alfredo de Carvalho e Pereira da Costa.

Poetas : Faria Neves Sobrinho, Theotonio Freire, Regueira Costa (contemporaneo e amigo de Castro Alves), Carlos Portocarrero, Gervasio Fioravanti, Julio Pires, Ernesto de Paula Santos, Bastos Tigre e João Barreto de Menezes (filho do grande Tobias Barreto).

Romancistas : Carneiro Villela, Manoel Arão e Amelia Bevilacqua.

A novissima geração litteraria de Pernambuco apresenta alguns nomes que se vão impondo. Entre poetas e prosadores citarei os seguintes : Theotonio Filho, Olegario Mariano, Adelmar Tavares, Manoel Lobato, José Mariano Filho, Carlos Estevão, Manoel Monteiro, Silveira Carvalho, Augusto Rocha, Rangel Moreira, Paulino de Andrade, Moreira Cardoso e Miranda Azevedo.

***

Domingo. São duas horas da tarde.

Dirijo-me á rua da Aurora, e tomo ahi o trem, com o fim de visitar, rapidamente, a historica cidade de Olinda. São sete kilometros do Recife á primitiva capital de Pernambuco. O trem gasta quarenta e cinco minutos nesse trajecto. Muita gente e muita alegria, nas estações intermediarias.

Do lado do mar, levantam-se das areias do isthmo, densos coquei-

raes, agitando no ar luminoso da tarde o lenço verde das suas palmas.

Chego a Olinda. Logo á entrada, a bella avenida Segismundo Gonçalves dá uns ares de cousa nova, no meio de antiguidades respeitaveis.

Dentre estas, vejo, no alto de um morro, a velha igreja do Carmo, que, pela espesura de suas paredes, denota haver sido construida na primeira metade do seculo XVII.

A topographia de Olinda é ingratissima. As ruas espalham-se

Egreja do Carmo, Olinda. — Pernambuco.

pelos declives das pequenas collinas circumjacentes. Parece um pedaço da Bahia.

E', porém, saudavel e pittoresca.

Sopponho não ter mais de quatro mil habitantes. Varre-a, durante o dia, a viração do mar alto, que lhe fica defronte. Tem lindas praias de banhos. E' mesmo a cidade balnearia de Pernambuco.

Na época apropriada, as mais importantes familias do Recife fazem alli a sua estação de banhos de mar.

Será mais tarde um suburbio da capital de Pernambuco, quando se construir a grande avenida littoranea, ligando, entre si, as duas formosas cidades brazileiras.

CAPITULO XIII

PARAHYBA

SUMMARIO. — O porto de Cabedello. — Os coqueiraes da beira-mar. — Parahyba. — Uma cidade do seculo XVI. — Vestigios da occupação hollandeza na antiga Fillipéa. — Alguns aspectos urbanos. — Fontes de vida economica do Estado. — Golpe de vista geral sobre a politica do norte. — Jornalistas e litteratos.

Do Recife á Parahyba são seis horas de viagem, por mar. O vapor fundeara, ás oito da manhã, no porto de Cabedello.

Não sei se o leitor, que nunca viajou o norte do Brazil, ignora que esse é o unico porto maritimo do pequenino Estado nordeste.

Cabedello é uma peninsula situada entre o mar e as aguas do rio Parahyba, á margem do qual assenta a cidade do mesmo nome.

Esta é uma das mais antigas povoações brazileiras. Foi fundada pelos portugueses em 1555. O porto de Cabedello, que dista dezoito kilometros da capital do Estado, é defendido da arrebentação das ondas por uma extensa linha de recifes que correm, parallelamente, á face oriental da peninsula. O desembarcadouro acha-se unido á metropole pela estrada de ferro que, partindo de Cabedello, vae á Independencia.

D'alli segue a mesma via, no rumo do septentrião, e, atravessando a fronteira do Rio Grande do Norte, vae a Nova Cruz, a Mipibú, a Natal e a Ceará-Mirim.

Essa linha pertence á União, e faz parte da rêde arrendada á Great Wertern, rêde que comprehende tambem o serviço ferroviario da Parahyba a Alagôas.

Os primeiros trabalhos de construcção de via ferrea, na Parahyba, tiveram começo a 9 de agosto de 1880. O primeiro trecho inaugurado foi o da capital a Mulungú. Essa inauguração realizou-se a 7 de se-

tembro de 1883. O ramal do Pilar foi entregue ao trafego publico a 28 de novembro de 1884, e o de Independencia a 4 de junho do mesmo anno.

Só mais tarde é que se fez o prolongamento da linha até Cabedello, melhorando assim as condições commerciaes da antiga provincia.

Em 1901 a rede foi arrendada á companhia Great Western. A estrada acompanha o valle do Parahyba, até Itabayana, atravéz de terras muito proprias á cultura do algodão e da canna de assucar. O Estado tem algumas cidades tributarias de regular importancia, como Campina Grande, com intenso commercio de gado; Areia, situada em uma das vertentes da serra da Borburema, com uma altitude de oitocentos metros; Itabayana, á margem do Parahyba; Maranguape, a poucas leguas do littoral atlantico, e algumas outras.

As fontes de receita daquelle pequenino Estado repousam nas industrias agricola e pecuaria. E' muito regular a exportação do algodão, do assucar, da aguardente e do alcool. Contam-se alguns engenhos, em constante funccionamento, no interior. E'porém o algodão que fornece á Parahyba a melhor parcella da sua economia. Com o assucar constitue os dois maiores tributarios da fortuna publica. Depois que se inaugurou a Estrada de Ferro Conde d'Eu, em 1883, a agricultura se desenvolveu, e o intercambio de productos, dentro do mesmo Estado, deu ao commercio do interior e do littoral um novo sopro de vida.

Durante a estação chuvosa, ha muita animação nas zonas ruraes. As lavouras florescem, a actividade do homem attinge o seu limite maximo.

Em vindo, porém, o estio, tudo parece paralyzar. A secca vem, desoladora, e, em geral, abrange todo o nordeste do Brazil. E' a época das calamidades, dos exodos, das levas sertanejas para as ribas do Atlantico.

As industrias pastoris fenecem, na esterilidade dos campos adustos, sob os céos escaldantes dos meios-dias do norte.

***

Vamos á Parahyba. Depois de um agradavel passeio no bondzinho de Cabedello (que faz uma volta em torno da povoação, entre coqueiros que se levantam das areias da peninsula), dirijo-me á estação da via ferrea, á espera da hora da partida do comboio.

Outros passageiros, menos curiosos, deleitam-se á sombra das arvores, bebendo agua de coco. E' um sport obrigatorio para quem salta no porto maritimo da Parahyba. Passageiros de todas as categorias confundem-se, debaixo das copadas gomelleiras da riba marinha.

Vende-se cada coco a cem reis.

E' um dia de festa, quando aporta a Cabedello qualquer navio do Lloyd.

Depois de uns trinta minutos de viagem, na direcção meridional da peninsula, chego, finalmente, á capital da Parahyba.

E' ultra colonial. Divide-se em dois bairros : a cidade nova e a cidade velha.

A primeira derrama-se pelos morros.

A segunda debruça-se á beira do rio, com as suas ruas feias e mal calçadas.

E' o Voradouro. Está-se em presença de uma cidade decadente. Ha, todavia, alli alguns edificios de aspecto menos venerando, como, por exemplo, aquelles em que se acham installados o thesouro estadoal, a força publica e a delegacia fiscal.

O palacio do governo é um antigo convento. O correio funcciona em predio particular.

Encontrei, na Parahyba, um passeio publico, regularmente bem tratado. A's quintas e aos domingos é o ponto de convergencia da fina sociedade parahybana.

Por sua topographia, a Parahyba devera dispôr de tracção electrica, em vez de tracção animada. Ha ladeiras de grandes declives, cujo accesso é um verdadeiro heroismo para os pobres animaes.

Não tem agua nem esgoto. Consta-me que o Estado nada deve, e que paga pontualmente aos seus servidores.

A decadencia da Parahyba assenta em uma serie de circunstancias justificaveis : 1º a fatalidade das seccas periodicas ; 2º a sua não situação á beira do oceano; 3º o seu *facies* topographico; 4º a politicagem de visão estreita, que tem damnificado, não só a Parahyba, como quasi todos os Estados do norte. Não bastam o amor e a intelligencia dos parahybanos. E' mister uma boa orientação no governo da cousa publica. Penso que é do que menos se cuida, por toda a vasta extensão daquellas paragens, onde a vaidade e a ambição de meia duzia de homens que tão mal vem cumprindo as promessas do novo regimen — transformaram provincias florescentes em Estados moribundos.

O norte morre asphixiado, no ambiente mesquinho da sua politicagem.

Os homens de maior vulto collocam em plano inferior os altos problemas que interessam a collectividade. Um ou outro Estado se salva, pela honesta direcção dos seus negocios, visando alguns melhoramentos materiaes e moraes, em beneficio dos governados. Em muitos o que se vê é o poderio exclusivo de uma só familia, no auferir os melhores proventos, chamando a si o monopolio dos mais altos cargos.

Só um governo central de grande descortino e visão patriotica, apoiado na força e na opinião nacional, poderia achar o remedio capaz de curar as chagas profundas que vêm corroendo o organismo politico do norte do Brazil.

O governo que levasse a effeito essa obra de saneamento republicano, seria um governo supremamente benemerito.

Porque é preciso que saiamos desse estado de cousas, em nome dos principios cardeaes do novo regimen, em nome da civilização politica do nosso tempo.

Será possivel que ainda se tolerem oligarchias affrontosas, no seio de uma democracia americana?

E' um dever dos homens illustres do Brazil contemporaneo e da mocidade que se prepara e se levanta para o dia de amanhã — banir esses vendilhões do templo sagrado desta Republica, que não é, por certo, aquella com que sonhou o espirito vidente de Benjamin.

***

A capital da Parahyba não tem mais que vinte mil habitantes. Todo o seu melhor commercio está concentrado á beira do rio. E' onde ficam os seus armazens e os seus trapiches. Da parte alta da cidade goza-se um panorama agradavel.

D'alli avista-se Cabedello, com as suas casas e os seus coqueiraes, sempre agitados pelos ventos marinhos.

Ha, na capital, igrejas e conventos cuja construcção data do seculo XVII.

A igreja matriz e o convento de S. Francisco estão neste caso.

Quando a Parahyba caiu sob o dominio dos hollandezes, estes fortificaram o convento de S. Francisco e nelle estabeleceram a séde do governo. Existem poucos arrabaldes na metropole parahybana.

O melhor é o da Trincheira, servido pelos bonds de tracção animada, que ligam, entre si, os dois bairros da velha cidade brazileira. Uma cousa é digna de louvor naquelle Estado : a instrucção publica, que se acha regularmente diffundida por toda a população do interior.

Na capital a instrucção secundaria é ministrada pelo Lyceu Parahybano, celebre por seus exames de preparatorios...

Acham-se em construcção as obras de melhoramentos do porto de Cabedello.

E' uma necessidade urgente, porque o desembarque naquelle ponto é ainda muito primitivo, com o seu velho e arruinado caes de madeira, até aonde vão os trilhos do ramal de Cabedello.

***

A imprensa, na Parahyba, é representada pela *União* e pelo *Commercio*.

Tem a tiragem e o feitio proprios dos pequenos jornaes de provincia, posto que se achem á sua frente alguns espiritos activos e emprehendedores.

A Parahyba, com o seu clima ingratissimo, com as suas seccas e os seus grandes calores estivaes, tem dado ao Brazil uma boa dezena de homens de valor.

Na oratoria politica : Epitacio Pessôa e Coelho Lisbôa.

No jornalismo : Arthur Achilles, Castro Pinto e Santos Netto. Nas bellas artes : Pedro Americo.

Nas bellas lettras : Carlos Dias Fernandes, Pereira da Silva, Raul Machado, José Maria dos Santos, Rodrigues de Carvalho, Augusto dos Anjos, Generino dos Santos, Sabino Magalhães, Theodoro de Albuquerque, Romeu Mariz, e Sá e Benevides, ultimamente fallecido. Não conheço outros mais. Cito sómente estes. E não é pouco. Porque, como é sabido, no Rio de Janeiro, não se lê quasi nada do que se produz no norte e no sul do Brazil.

As distancias immensas que separam os extremos do nosso paiz, e a falta de rapidas communicações, são a fonte dessa ignorancia.

Raros são os escriptores dos Estados que logram transpôr as fronteiras da sua terra natal. E' preciso ter muito merito para fazer-se conhecido do centro.

Entretanto, ha, fóra do Rio de Janeiro, grandes e reaes talentos litterarios, que apenas precisam de *meio*.

O meio culto desbasta os angulos agudos do estylo palavroso de muito escriptor de provincia, que, na sua terra, por falta de quem enxergue mais do que elle, é considerado como um dos maiores genios que ha produzido a humanidade.

Conheci, tanto no norte como no sul do paiz, moços de talento espontaneo, amigos da boa leitura, mas que se acham condemnados ao esquecimento, pela falta de convivencia em roda de espiritos mais experimentados, que, pela critica ou pelo conselho, lhes fossem mostrando o verdadeiro caminho.

Os nossos maiores escriptores, em sua maioria, vieram da provincia.

Aqui é que se tornaram conhecidos.

João Ribeiro, o sabio João Ribeiro, veiu-nos do seu pequenino Sergipe.

De lá tambem emigraram o illustre Sylvio Roméro, Fausto Cardoso, Manoel Bomfim, Felisbello Freire, Samuel de Oliveira e Moreira Guimarães.

O Maranhão para aqui exportou Raymundo Correia (nascido em aguas da antiga provincia), Arthur e Aloysio Azevedo, Coelho Netto, Graça Aranha, Viveiros de Castro e tantos outros.

Alagôas mandou-nos Guimarães Passos e Goulart de Andrade.

Do Ceará é que nos chegaram Araripe Junior e Clovis Bevilacqua.

O Pará enviou-nos José Verissimo. Fallo apenas do norte.

Ter valia de espirito e continuar a viver a vida inactiva dos Estados, é, na maioria dos casos, trabalhar, em pura perda, para o esquecimento.

Porque não bastam a intelligencia e o estudo para formar o grande escriptor ou o grande poeta.

São precisos outros factores, tambem poderosos, assim na ordem moral, como na ordem mesologica.

CAPITULO XIV

RIO GRANDE DO NORTE

SUMMARIO. — As praias do nordeste. — Uma noite de luar nas costas do Brazil. — Natal. — Uma cidade sertaneja á beira do oceano. — Aspectos e impressões. — O rio Potengy e o pharol dos Reis Magos. — Fontes de vida economica do Estado. — A Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte e a fertilidade do valle do Ceará-mirim. — Alguns nomes nas lettras e nas sciencias.

Do littoral parahybano até á vertente atlantica do Piauhy, beirando a costa, os olhos cansam-se de ver a brancura indefinida das praias.

Vistas de longe, semelham um immenso lençol de neve, debruando aquelle grande trecho do nordeste brazileiro.

Quasi sempre são altissimas dunas que se destacam, e que os ventos, pouco a pouco, construiram á margem do continente. Aquellas areias alvissimas deixam, á noite, a impressão de um oceano de leite que se limitasse com as aguas verdes do Atlantico. Batidas da claridade abundante dos luares, que, naquellas regiões, são de uma belleza incomparavel, dão a ideia de um quadro phantastico. Tem-se a noção do alvo, por toda a parte. O ar é alvo. E' alva a superficie do mar, reflectindo o argenteo daquellas horas. São alvas as dunas daquellas praias afastadas. Tudo é alvo.

E, no meio da alvura daquella noite quasi equatorial, o navio navega, levando no seu bojo centenas de almas, banhadas na claridade esmaiada do luar...

Talvez devido á pureza da atmosphera do norte, o clarão da lua diffunde-se no espaço, mais intenso do que no sul do Brazil. Luares como os do norte só os vi na cidade de Corumbá, em Matto Grosso. Assim como nunca mais contemplaram os meus olhos crepusculos

mais bellos e mais solennes que os de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

A natureza brazileira é essencialmente variada. Nem outra cousa era de esperar num paiz que dispõe de todos os climas e de uma vegetação, ora triumphante e soberba, como em S. Paulo, no Paraná e na Amazonia, ora tuberculosa e rachitica, como o *agreste* das regiões sertanejas. No Brazil a paizagem não se repete. Ha apenas uma excepção para a Amazonia, onde o espectaculo do mundo objectivo tem quasi sempre os mesmos personagens : o rio, a floresta e o homem, intruso e destemeroso.

Nas paragens sub-tropicaes, a diversidade physiographica da terra é a delicia dos olhos intelligentes.

***

A's seis horas da tarde, o vapor vae deixar o porto de Cabedello. Na manhã seguinte, estaremos no porto de Natal.

São apenas dez horas de viagem. A noite é quente e luminosa. O luar cae, vertical, no tombadilho. Toca-se piano, no salão de palestras. Uns cantam, outros conversam, com animação e alegria.

Na prôa, uma viola geme as saudades de algum filho do sul, que, como eu, talvez se dirigia para as fronteiras inhospitas do Acre, atraz do ouro ou da morte... Sentado na minha cadeira de lona, na direcção do continente, olho, como que deslumbrado, a fita prateada das praias longinquas, que a luz do luar torna ainda mais claras.

Lá para as onze horas da noite, vae baixando, sensivelmente, a temperatura, que, durante o dia, escaldára. O camarote é um forno. E haverá nada mais inaturavel do que um beliche de navio do Lloyd, para quem deixa as delicias de um clima temperado, e entra, de brusco, na zona das latitudes exiguas?

Aquellas plagas do norte, onde o granito decomposto reflecte, como um espelho, os raios ardentes de um sol em braza, tornam as noites de estio quasi que normalmente cheias de um tedio infindavel.

Amanhece. Estamos no porto de Natal, em aguas do rio Potengy, a poucos kilometros do oceano. O vapor atraca junto ao caes de madeira. O dia é de sol, e convida o passageiro curioso a um passeio pela metropole do Rio Grande do Norte.

Natal é pequena, mas pittoresca. Parece mais uma cidade do alto sertão que uma cidade do littoral maritimo.

As suas ruas são asseiadas. Tem avenidas de bom gosto, confortaveis chalets e algumas praças com arborização.

Parte da capital derrama-se pelas encostas de uma collina, do alto da qual se desfructa um scenario que é um encanto e um beneficio para os olhos amigos da natureza. Como que existe uma affinidade profunda entre os nossos estados d'alma e a visão do mundo exterior.

Talvez que aquelle bem estar psychico fosse uma consequencia daquella manhã gloriosa, que imprimia a tudo que me rodeava um ar satisfeito. As margens do Potengy tinham adquirido um tom mais verde. Os tectos das casas da collina fronteira faiscavam, á luz do sol, que as envolvia na profusão de seu ouro diaphano. Tudo, homens e seres brutos, parecia entoar um hymno á vida, agradacendo a gloria e a delicia de viver.

***

Natal repousa em uma peninsula, banhada, ao oriente, pelo oceano, e a oeste, pelas aguas do estuario dos rios Potengy, Jundiahy e Jaguaribe, que, reunidas, formam a caudal, impropriamente chamada rio Grande. As obstruções naturaes do porto fazem que os navios de grandes calados não fundeiem no seu ancoradouro. Ha muitos recifes e abrolhos, na visinhança da peninsula. A' entrada da barra, vê-se a velha fortaleza dos Reis Magos.

Sobre a fortaleza ergue-se um pharol de luz branca.

Como a capital da Parahyba, a do Rio Grande do Norte divide-se em duas partes distinctas : uma baixa, outra elevada. A parte mais dominante tem o nome de Bairro Alto; a parte inferior o de Ribeira. Entre a Ribeira e o Bairro Alto estende-se a cidade nova.

Natal não conta mais de 15 mil habitantes. Existem alli alguns edificios bonitos, como o da Caixa Economica, o do Congresso Estadoal, o da Escola de Aprendizes Marinheiros, o do Hospital de Caridade e o quartel da força federal.

A instrucção primaria não tem o desenvolvimento correspondente á cifra da população do Estado. A secundaria é dada no Atheneu Rio Grandense.

As vias publicas mais importantes da capital são a avenida Rio Branco, a avenida Junqueira Ayres, a rua Silva Jardim, a do Commercio, a da Conceição, onde fica o palacio do governo, em cujo pavi-

mento inferior funcciona o Thesouro do Estado. A praça André de Albuquerque é arborizada, com arte.

Ha, na cidade, um hypodromo e uma pequena linha de bonds.

A imprensa tem como representantes o *Republica*, jornal vespertino, e o *Diario do Natal*, que se publica pela manhã.

Editam-se ainda a *Capital*, folha periodica, e a revista *Pax*, orgão do Gremio Litterario Augusto Severo.

A mais florescente das cidades tributarias do Estado é Ceará-mirim, antiga villa de Entremóz. Tem quasi a mesma população que Natal. E' bastante progressiva. Depois desta vêm Mossoró e Touros. O Rio Grande do Norte é flagellado pelas seccas que arruinam os seus campos de cultura. O povo d'alli ainda guarda a memoria das terriveis seccas de 1844, 1877, 1879, 1889, 1892, 1897 e a ultima que foi a de 1900 a 1902.

E' victima da mesma fatalidade climatologica que, periodicamente, dizima todo o nordeste do Brazil.

As fontes de receita do Estado são as industrias do assucar, com os seus cincoenta e tantos engenhos; o algodão, o sal de Mossoró, couros, pelles, madeira de construcção, cereaes e varios productos da flora agreste dos sertões do norte.

***

Proseguem, com regular actividade, as obras do porto do Natal. E' dessas obras e da viação ferrea que está dependendo todo o futuro economico do Rio Grande do Norte.

A Estrada de Ferro Central daquelle Estado, creada em 1905, tem como objectivo a cidade do Crato, no Ceará, e onde se projecta fazer a ligação com a Estrada de Baturité.

E' uma via de penetração, que visa, como muitas outras, ligar, entre si, as capitaes do norte, como é intento do governo da União. Essa via ferrea, que parte da metropole, aproveita o traçado da antiga Estrada de Ferro de Natal a Ceará-mirim, cuja estação inaugurou-se, em 1906, no kilometro 34.

Passando por Itapassoróca, no kilometro 45, os trilhos avançam até Itaipú, no kilometro 56. De Itaipú a Melancia já se construiram mais 12 kilometros. As rampas maximas dessa linha são de 2,8 %. O valle do Ceará-mirim, servido por ella, é fertilissimo, e presta-se, sobejamente, á cultura da canna de assucar. Por occasião das cheias,

esse rio alaga as regiões ribeirinhas, fecundando-as com os seus nateiros vegetaes, tornando aquellas terras de uma exhuberancia a toda a prova.

No valle do Ceará-mirim cria-se muito gado. De Natal a Itaipú os terrenos sobre que assenta a estrada são planos e arenosos. Dessa parte em deante, pertencem elles á formação terciaria, com as suas rochas silicosas, os seus carbonatos de calcio e o seu granito em decomposição. Essa via ferrea, no seu avanço para a fronteira meridional do Ceará, atravessa o municipio da villa de Jardim de Angicos, onde existem grandes fazendas de criação. Para além de Angicos a estrada transpõe o rio Carahú, principal affluente do Assú; entra na zona do Seridó, onde floresce a cidade de Caicó, a mais importante daquellas paragens.

Toda a estrada terá um desenvolvimento de 300 kilometros, approximadamente. A região do Seridó é famosa pela cultura do algodão. A industria extractiva da borracha de maniçoba é alli bastante regular.

A Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte atravessa, portanto, regiões feracissimas, e, apezar das incertezas do clima, a actividade do homem, naquella terra, é digna de louvores.

***

Aquelle Estado não é muito fertil em homens notaveis pela intelligencia. Não se pode attribuir semelhante facto á pequenez territorial do Rio Grande do Norte, nem tão pouco ao clima quente do nordéste, porque Sergipe é menor e tem uma constellação de grandes espiritos, e o Ceará, talvez mais quente ainda, possue um forte nucleo de brilhantes escriptores.

Que expliquem os sabios da escriptura...

No ponto de vista litterario, a mais valiosa organização que ainda honrou aquella terra foi, sem duvida nenhuma, Nisia Floresta Brazileira Augusta, escriptora verdadeiramente insigne, e hoje quasi desconhecida dos proprios espiritos que cuidam de lettras neste paiz essencialmente agricola.

Nisia Floresta, amiga e discipula de Augusto Comte, é autora das seguintes obras : *Memorias de minha vida*, *Inspirações maternas* e *Conselhos á minha filha*, escriptas num estylo que nos lembra madame de Sevigné.

Viajou a Europa, vindo a fallecer em Ruão, na França, em 1885.

Nasceu em 1809. Nestes ultimos tempos, o rio-grandense do norte que mais se notabilizou foi Augusto Severo, não já pelo seu desapparecimento tragico, senão ainda porque as suas theorias sobre aérostação tinham comprovado merecimento.

Dentre os seus poetas citarei :

Segundo Wanderley e Auta de Souza (fallecidos); Henrique Castriciano, Araujo Filho e Uldarico Cavalcanti. E' possivel que existam ainda outros riograndenses do norte que se hajam destacado pela intelligencia, e cujas obras não tenho a fortuna de conhecer. D'ahi a omissão involuntaria de seus nomes.

CAPITULO XV

CEARÁ

SUMMARIO. — Primeiros aspectos do Brazil equatorial. — O clima. — As seccas periodicas. — Suas origens. — Causas da emigração cearense para o valle amazonico. — A colonização européa no extremo sul e a colonização indigena no extremo norte. — A luta entre a natureza e o homem no Ceará. — A bacia geologica e a flora das regiões sertanejas. — Caracteres ethnographicos.

O Ceará é uma das regiões mais famosas do Brazil, devido ás seccas que, periodicamente, o flagellam.

Muitas horas antes de aportar-se a Fortaleza, os olhos só vêem, acompanhando a curva do horizonte, immensas dunas que se levantam na borda do continente longuiquo.

Essas dunas formam-se, de preferencia, nas embocaduras dos pequenos rios que se lançam no mar. Os ventos que alli dominam são os de sueste. Quando sopram, parallelamente á linha da costa, as areias se accumulam, ao longo della. A's vezes são lançadas para o interior do Estado pelas correntes athmosphericas.

Estamos no paiz das areias, das seccas e dos ventos bravios.

A natureza alli é a mais ingrata possivel. A terra desfavorece o homem.

A zona maritima é arenosa e baixa; e, a poucas leguas da beira-mar, no rumo de oeste, os terrenos vão-se inclinando até ganhar os pendores das serras do Araripe e do Ibiapaba. A physiographia do Ceará é talvez a mais caprichosa de toda a vasta zona equatorial brazileira.

Sujeito ás vicessitudes de um clima que, além de inconstante, é quente e humido, aquelle Estado vem preoccupando, de longa data, a attenção dos homens de sciencia, assim nacionaes como estrangeiros.

Os cyclos das grandes seccas abrem-se alli como que subordinados ao regimen de uma lei natural, que ainda se não conhece perfeitamente. O senador Thomaz Pompeu observou que, no Ceará, as épocas dessas calamidades se repetiam, quasi nos mesmos annos, depois do decurso de um seculo.

Comparem-se estas datas : 1710-1809, 1723-1824, 1736-1837, 1744-1844, 1771-1877. Essa coincidencia ou lei cosmologica determina previsões seguras sobre o apparecimento do terrivel flagello naquellas paragens. Coincidencia, por certo. Porque o regimen climatico dos Estados do nordeste está sujeito a desordenados agentes physicos e a perturbações rigorosas, oriundas unicamente dos accidentes geographicos. Junte-se a isso, como corollario inevitavel, o desequilibrio constante das correntes aéreas, determinado pela monção do nordeste, que, na época do estio, é ajudada, nas ribas do norte, pela propria disposição physiographica da terra.

Falta ao Ceará uma alta cadeia de montanhas, que, correndo parallelamente á orla do Atlantico, se constituisse um condensador dos vapores marinhos.

A terra, sendo bastante inclinada para a vertente maritima, determina o regimen torrencial, que já se observa na razão de 1/500.

D'ahi os rios e os corregos ephemeros, que, correndo á feição dos declives, se precipitam no mar, depois de haverem rolado sobre leitos impermeaveis. A floresta, que tambem favorece o phenomeno da condensação, não existe no Ceará.

Na translação para o mundo vegetal, o que alli se vê é uma flora agonizante, servindo de vestidura a uma terra abrazada.

Se vêm os mezes de chuva, a vegetação se reanima. E' um tempo de festas para a natureza. Mas a alegria de seu traje vae desapparecer com os estos do estio, que requeima o solo e os ares, com a bafagem que se levanta das areias adurentes dos sertões exsicados.

Quem percorre os pequenos bosques do nordeste, não vê aquella ancia de luz e de infinito que é o caracteristico das arvores.

Ellas alli são pequenas, humildes e ridiculas. Parece olharem, constantemente, para as nuvens, na solicitação de um pingo d'agua. Eis alli toda a augustia de uma flora moribunda, cujos especimens penetram, baldadamente, as suas raizes nas areias, á procura de uma pouca da humidade que o calor tellurico evapora.

E' uma luta titanica, entre a vida e a morte. No Ceará a primavera não tem trez mezes, como no sul do Brazil.

Talvez não tenha nem mesmo trez semanas. Porque a terra, absorvendo, avidamente, os aguaceiros do inverno fugidio, não dá

margem a que a flora torturada possa arreiar-se da vestidura verde das suas folhas e da alegria das suas corollas.

Aqui são os cajueiros de porte insignificante. Alli são as bromeliaceas, em cujas espathas o passaro e o homem vão dessedentar-se, na travessia dos sertões adustos.

Mais além são os pequenos tufos de arbustos que repontam na aridez dos terrenos arenaceos. Esses tufos, ás vezes, reverdescem, quando os attinge, de passagem, algum euxurro dos aguaceiros ephemeros.

A macambira vale por um veio dagua. Da mesma fórma, os grovatás e os ananazes sylvestres, cujas folhas condensam os vapores dagua que vão até áquellas paragens, impellidos pelos ventos.

São magnificas fontes vegetaes, que a previdencia da natureza proporcionou aos mal servidos na partilha de seus bens.

Talvez que uma daquellas arvores do nordeste, transplantada para o clima temperado do tropico, morresse á falta dessa actividade que é o seu melhor estimulo para a luta contra uma terra inimiga.

Porque o que se observa, com relação aos homens, tambem se observa, com relação aos vegetaes. O homem que não conta inimigos (muitas vezes anonymos e gratuitos) não tem energias para lutar. E' um homem morto. Um inimigo é o melhor estimulo para o trabalho.

Mas ha uma arvore que, no Ceará, conserva, por longos annos, ainda na secca mais ardente, o verde das suas folhas : é o joazeiro. O solo, em derredor calcina, as soalheiras escaldam, os incendios devoram a flora circunstante, os meios-dias recrestam os alecrins e os heliotropios, tudo, em torno, esbrazeia : só o joazeiro, altivo, soberbo, triumphal, eleva naquelles ares a copa densa e escura da sua folhagem. E' uma excepção.

Algumas especies existem que procuram, de preferencia, os terrenos asperos e ardentes. Só ahi é que podem viver e prosperar. São os chique-chiques (cactus peruvianus). São os mandacarús (cereus jaramarú). São os melocactos de fórma ellipsoidal. Mais adeante, na expansão do deserto que requeima, é a *silva horrida* de Martius.

***

A bacia geologica do Ceará comprehende uma grande faixa de terrenos terciarios e quaternarios (granitos, linhitos, argillas etc), á

beira-mar; a oeste uma grande porção de terrenos archeanos (granitos, syenitos, gneis, micaschistos, quartzitos, itacolomitos, schistos, calcareos, etc).

Sobre aquelles valles geologicos derrama-se, impiedosa, a luz de um sol causticante, que amedronta e acovarda o homem, no transcurso do deserto.

Em chegando a época das seccas, vem o exodo. Levas de retirantes descem dos pontos mais longuiquos do Ceará. E'a fome que os persegue. E'a natureza, que amaldiçõam, que os impelle para o littoral marinho. E'a procura do pão. E'a gotta d'agua fugidia que os arrasta a deixar o lar onde nasceram, a montanha da sua terra, os ribeiros exsicados que dormem, esquecidos, no leito de seus valles pedregosos. A estrada é um oceano de areia. Alli só desce o sol, que alimenta as noites de bochorno. O transito pelas catingas ainda mais anniquila os retirantes.

A falta d'agua fal-os tombar, exhaustos, á beira do caminho.

E'a procissão da morte.

A historia do Ceará é uma historia desoladora que ainda não foi contada, devidamente, pelo genio dos seus escriptores. Quem tem lucrado com as seccas periodicas que o dizimam é a Amazonia. O exodo para alli começou com a grande secca de 77 a 79. Os valles do Juruá e do Purús tiveram os seus primeiros colonizadores nos cearenses, que emigraram para as regiões da gomma elastica.

Despovoaram-se os sertões do Crato, de Sobral e de Quixeramobim e outras antigas povoações fundadas pelos portuguezes. No Ceará a temperatura minima é de 25°, e a maxima é de 36°.

Entre estes dois limites thermometricos, é que gyra a vida organica.

O homem e o vegetal entreolham-se, na identidade dos seus destinos.

Emquanto o sul do Brazil se povôa com elementos ethnicos, importados da Europa, o extremo norte vae-se povoando com o proprio elemento nacional.

Se não fosse a fatalidade das seccas cearenses, a bacia do Amazonas talvez ainda estivesse como na primeira metade do seculo passado. Ha males que vêm para bem, diz a philosophia popular. O Brazil deve ao cearense o desbravamento da Amazonia. Só elle, filho de uma zona ardente, poderia supportar as inclemencias de uma zona torrida.

Ha muitos pontos de contacto entre os dois climas. O homem

sub-tropical estiolaria na Amazonia, dentro de poucos annos. De modo que uma das grandes fontes da nossa vida economica tem sua verdadeira genese em uma fatalidade que se repete em um grande trato do territorio brazileiro. Quando tiver de occupar-me do homem e da natureza amazonicos, fallarei, com mais demora, dos indomitos filhos do Ceará.

De 1849 a 1898 a media annual das chuvas, na Fortaleza, foi de 1.400 millimetros. Em todo o interior do Estado ellas não attingiram esta cifra.

Não havendo rêde hydrographica, e sendo o solo bastante impermeavel, a evaporação é intensissima.

Conta-se que, depois de um prolongado estio, as primeiras chuvas não tocam a terra. Vaporizam-se no espaço, voltam ás nuvens, para, em seguida, se precipitarem sobre o solo adustivo das catingas agonizantes.

A estação das chuvas começa, de ordinario, em janeiro, e estende-se, ás vezes, até junho.

São sete mezes de esperança e de justo consolo. Quando acontece faltarem essas chuvas, abre-se alli a quadra das calamidades publicas.

Com a escassez do pão vem a escassez da agua. Nestes ultimos annos o governo federal tem voltado as suas vistas clementes para o paiz das areias, mandando construir açudes e estradas de ferro, com o fim de mitigar, em parte, a infelicidade das populações interiores.

Do cruzamento dos indigenas com os primeiros conquistadores do norte (portuguezes, francezes e hollandezes) resultou uma população inconfundivel, no Ceará. O cearense legitimo não se parece com outro brazileiro qualquer.

A tez bronzeada e o traço indiano o distingem, principalmente entre os filhos do sul. E'uma figura accentuadamente asiatica.

Não conservando as heranças moraes do indio, guardou-lhe, entretanto, os caracteres physicos. Felizmente para a terra, que se despovôa, de quando em quando, a notavel fecundidade da mulher cearense vem trazer á estatistica demographica, no Ceará, um justo equilibrio.

Observei o mesmo phenomeno em Matto Grosso. Alli a fecundidade da mulher é um assombro. Ha casaes com vinte e tantos filhos, todos vivos.

Concorre para isso, segundo penso, a ardencia do clima e o abuso do peixe na alimentação. Estas duas causas, augmentando a activi-

dade das funcções genesicas, contribuem, notavelmente, para o povoamento do solo, no grande Estado noroeste do Brazil.

São as compensações providenciaes da natureza. Passemos destas idéas de ordem geral ou remota aos factos e ás cousas do Ceará contemporaneo. São o objecto do capitulo seguinte.

CAPITULO XVI

CEARA

(Continuação.)

SUMMARIO. — O desembarque no Ceará. — Os perigos de um banho inesperado. — Uma pilheria de Paula Ney. — Em terra. — Uma cidade geometrica no Brazil equatorial. — Impressões da Fortaleza. — Varios aspectos urbanos. — Ruas, praças e logradouros publicos. — A intellectualidade cearense. — Situação economica do Estado. — As obras contra as seccas. — Irrigação e açudagem.

Manhã. O relogio de bordo acaba de dar nove horas. O vapor lança ferro, defronte de Fortaleza. Alguns botes approximam-se. Após as visitas do costume, transpõem o porta-ló alguns officiaes da guarnição federal, mettidos nos seus uniformes reluzentes. Vinham receber o general commandante da 4ª. região militar, o qual procedia do Rio de Janeiro.

A muito custo, as embarações conseguem encostar junto á escada de bombordo, porque o mar agitado levanta bem perto o rolo das suas ondas corôadas de espumas. Juntamente com alguns companheiros de viagem, resolvi-me a saltar, pois anceiava por conhecer a capital cearense, que eu imaginava tão linda como meus olhos a viram.

Na ponte de desembarque, havia grande numero de pessôas. Essa ponte foi mandada construir, ha poucos annos, pelo governo do Estado, evitando assim o desembarque tão comico que se effectuava em Fortaleza. Como é sabido, antes da construcção dessa ponte de madeira, saltava-se em braços de catraeiros. O viajante tomava um banho pelo menos, se queria conhecer a terra do Sr. Araripe Junior.

Dizia Paula Ney que os cearenses são um povo tão amigo do asseio que só recebem os forasteiros, depois de bem lavados...

E assim era, ha uns quatro annos atraz. Com uma difficuldade indescriptivel, o meu bote consegue atracar na escada da ponte, que vacilla, com o arremesso violento das ondas.

A primeira figura que deparo, ao saltar, é a do governador do Estado, que alli se achava com o seu ajudante de ordens, á espera do general itinerante. Uma banda de musica e um batalhão de meninos de algum collegio equiparado, davam á chegada da autoridade militar um cunho accentuadamente festivo. Era domingo.

Havia nas ruas da Fortaleza muito movimento. Bonds passavam repletos de pessôas e de cousas que se dirigiam para os arrabaldes. Muitas senhoras em *toilettes* claras.

E, sobre tudo isso, o céo do Ceará, profundamente azul e tranquillo. Em frente, o oceano, como um monstruoso cetaceo de escamas luminosas, refulgia, á claridade do sol equatorial.

Jangadas á vela sumiam-se, ao longe, no rumo do poente marinho.

Recebi, de brusco, uma impressão magnifica, impressão que a mais e mais se radicava no meu espirito, á medida que eu ia percorrendo, minuciosamente, todos os angulos da *urbs*. Achava-me em uma cidade geometricamente traçada. Ruas rectilineas e parallelas, praças rectangulares, com arborização elegante.

Como Fortaleza só conheço, no Brazil, trez cidades a cuja construcção presidiu um traçado cheio de geometria e de arte :

Bello Horizonte, Manáos e Corumbá, a capital economica de Matto Grosso.

Em conjunto, Fortaleza, é, a meu ver, a mais bella cidade do norte do Brazil, á excepção das capitaes do Pará e do Amazonas. Bahia, Recife e S. Luiz do Maranhão são ainda muito coloniaes.

Fortaleza parece uma cidade que se acabou de construir. Edeficações bonitas, vias publicas amplas, extensas, e bem alinhadas, impressionam, superiormente.

E'para causar admiração que um Estado tão combatido pela natureza e pelos homens que o dirigem, possua uma metropole tão linda. Francamente, Fortaleza encantou-me. Não supporia que fosse o que realmente é!

O Ceará é uma terra digna de estudo. Sáfara, na sua physionomia geographica. Fecunda, na intelligencia de seus filhos. Os cearenses occupam o primeiro plano da intellectualidade brazileira.

Uma terra que deu José de Alencar, Araripe Junior e Clovis Bevilacqua é uma terra fecunda e prodiga.

Eis ahi talvez uma compensação da natureza. Compensação muito justa.

***

O porto da Fortaleza é essencialmente desabrigado. Os ventos de sueste, não encontrando um anteparo no continente, sopram, com uma impetuosidade formidavel. O mar é sempre agitado, rebentando em altas ondas sobre as dunas que se perfilam, ao longo das praias movediças. Um pouco para leste fica a peninsula de Mucuripe, que offerece um desembarcadouro mais abrigado.

Mas o ingresso dos navios é alli impossivel, devido á linha de recifes que correm parallelamente á costa.

Fortaleza, que foi fundada em 1649, é toda rodeada de campos

Estação da Estrada de Ferro. — Fortaleza.

arenosos. Ao saltar na praia, ainda o visitante não vê bem a cidade.

Percorre primeiramente uns terrenos de silica, que foge sob os pés.

Só depois de uns quinze minutos de bond, é que chega ás portas de uma cidade, com bellas avenidas, praças arborizadas e ruas caprichosamente construidas. Em summa, está em uma capital de aspectos modernos.

Assim rodeada de areias por todos os lados, pareceu-me uma

especie de oásis, perdido nas solidões monotonas dos desertos africanos. A população da Fortaleza é estimada em 50 mil habitantes.

Entro na praça Sete de Setembro.

E' bonita, com as suas arvores, com os seus restaurantes ao ar livre, com os seus cafés, os seus bilhares e muito movimento de bonds, que d'alli partem para a peripheria urbana.

Ha outras praças de linda physionomia, como a do Marquez do Herval, a Caio Prado e a Pedro Borges.

As ruas mais importantes são a Senador Pompeu, a Barão do Rio-Branco, a Floriano Peixoto, a Vinte e Quatro de Maio, a Formosa e a General Sampaio.

Tem bairros pittorescos, servidos por bonds de tracção animada. Os melhores são Bemfica, Alagadiço, Fernandes Vieira e Benjamin Constant, onde se ergue o edificio da antiga Escola Militar, celebre pela attitude que sempre tomou, deante dos factos mais em evidencia da politica republicana. Tem uma historia que ainda se não escreveu.

A cidade dispõe de dois passeios publicos. Um é o Parque da Liberdade.

O outro, que fica defronte do oceano, tem um panorama soberbo. E'um recanto, onde a alma do homem tem vontade de sonhar, abstraindo do rumor do mundo.

Uma das cousas que me impressionaram bem, na Fortaleza, foi o mercado.

E'todo de ferro, e destina-se ao commercio de carnes e de fructas.

Ha edificios de construcção graciosa, como o da intendencia municipal, o da escola normal e o da camara.

O palacio do governo é de mediocre apparencia. Acha-se em frente de uma praça, onde o capim está desafiando o gume das enxadas da limpeza publica. Constriu-se, ultimamente, naquella cidade, o theatro José de Alencar. Existem alli duas estatuas : a do general Sampaio e a do general Tiburcio. A metropole cearense não dispõe nem de agua canalizada, nem de rêde de esgotos. Tem uma rede telephonica, muitos clubs e uma excellente bibliotheca publica. O povo é eminentemente sociavel e hospitaleiro. Ha um grande excesso de mulheres sobre homens.

O facto encontra sua explicação, no exodo periodico, motivado pelas seccas. A instrucção primaria está regularmente diffundida. A secundaria é ministrada pelo Lyceu do Ceará. Funcciona uma escola normal.

A educação superior é dada pela faculdade livre de direito.

Entre as aggremiações intellectuaes da Fortaleza conta-se o Instituto do Ceará, fundado antes da proclamação da Republica. O Centro Litterario, a Padaria Espiritual e a Academia Cearense, que alli existiam até ha poucos annos, davam áquelle Estado do norte uma certa proeminencia nas cousas espirituaes do Brazil.

Por ellas passou uma geração de bons talentos, que, na sua maioria, emigraram para o Rio de Janeiro, á cata de melhor renome.

A imprensa da Fortaleza tem como orgãos o *Republica*, jornal governista, e o *Unitario* e o *Jornal do Ceará*, da opposição.

Os homens de lettras mais conhecidos do Ceará contemporaneo, e que alli residem, são Juvenal Galeno, velho poeta, amigo da musa e das tradições populares; Rodolpho Theophilo, autor de uma meia duzia de bons romances.

Este escriptor, além de ser um dos melhores espiritos daquella terra, é ainda um homem de sentimentos humanitarios. Chamou a si a tarefa de vaccinar, gratuitamente, a população da Fortaleza. Essa missão, verdadeiramente benemerita, lhe tem valido muitos dissabores e muitos inimigos, nas rodas do governo. Depois destes, vêm os historiadores João Brigido e barão de Studart, e o romancista Papi Junior, cearense adoptivo. Outros escriptores que tão bem representam a intelligencia da sua terra, vivem aqui, no Rio, e são os Srs. Araripe Junior, Clovis Bevilacqua, Farias Britto e Frota Pessôa.

São os vultos de mais destaque da terra que deu um romancista da estatura de José de Alencar, um chronista como Domingos Olympio, um critico como Adolpho Caminha (hoje ingratamente esquecido) e um bohemio de talento e de espirito como Paula Ney.

***

A riqueza publica, no Ceará, reside no algodão, na borracha, nos engenhos de assucar e nas suas industrias fabris.

No anno proximo transato a estatistica da exportação do Estado accusava a cifra de 16 mil contos. E'um Estado rico, apezar da fatalidade climatologica de que é victima.

A sua receita, no ultimo exercicio financeiro, foi de perto de quatro mil contos. Tende a augmentar com os melhoramentos que o governo da União alli está introduzindo, com um plano systematico

de obras contras as seccas do nordeste do Brazil. Essas obras consistem em açudagem, irrigação e construcção de vias ferreas para o interior. Esse serviço acha-se a cargo da Inspectoria de Obras contra as Seccas, a qual tem por fim o levantamento da carta geologica das regiões flagelladas.

Essa inspectoria está encarregada pelo governo do estudo dos valles do Parnahyba e do S. Francisco, que limitam as zonas estereis que vão da Parahyba ao Pianhy. O açude do Acarape, depois de prompto, terá capacidade para armazenar quarenta e sete milhões de metros cubicos de agua.

Porque tem uma bacia hydraulica oitenta e cinco vezes menor

Cidade Baturilé. — Ceará.

que a bacia hydrographica, que lhe permittirá ficar completament cheio, dentro do periodo de um unico inverno.

O açude do Quixadá é tambem um dos maiores, e custou cerca de trez mil contos á União.

O valle do Acarape é um dos centros agricolas do Ceará, e é atravessado pela Estrada de Ferro de Baturité.

Esta e a de Sobral a Ipú constituem a rêde ferro-viaria do Estado.

A primeira, que se destina á cidade do Crato, ao sul, já possue, em trafego, trezentos e tantos kilometros.

A segunda tem um percurso de duzentos e tantos kilometros, e parte do porto maritimo de Camocim.

A linha de Baturité atravessa muitas zonas que se prestam, admiravelmente, á industria agricola, como a do Acarape, a da Pacatuba, a de Mazanguape e a de Baturité.

Do kilometro 120 em deante, a estrada entra em pleno sertão, onde só viçam as catingas e os cajueiros anões.

Essas regiões representam os celeiros do Ceará, nos annos de secca.

Ha, no interior, cidades bastante populosas. Sobral tem cerca de 40 mil habitantes. Baturité possue 35 mil e Crato 30 mil.

A estrada de Camocim a Ipú percorre terrenos que se prestam, de preferencia, á industria pastoril.

O gado e os cereaes concorrem para a receita dessa via ferrea.

Uma jangada de véla. — Ceará.

Com o prolongamento dos trilhos de Ipú a Cratheus, o qual se está levando a effeito, teremos o Ceará ligado ao Piauhy.

Quem se demora alguns dias no paiz das areias, e observa, desapaixonadamente, a terra e o homem (não fallo do homem politico), não póde deixar de trazer de tudo que os olhos contemplaram, senão uma impressão agradavel.

Porque a gente daquella terra dá ao resto do Brazil o exemplo de uma energia indomavel, na sua luta continua contra uma natureza madrasta. Não fosse a enfibratura mascula daquelle povo, que se educou na escola da resignação e do soffrimento, e teriamos alli, em vez de uma pujante geração de fortes, uma improductiva geração de vencidos.

CAPITULO XVII

MARANHÃO

SUMMARIO. — Chegada á antiga França equinocial. — Ligeiras evocações historicas. — O padre Antonio Vieira e a sé de S. Luiz. — Em plena cidade. — Ruas e praças. — A estatua de Gonçalves Dias. — Orgãos da vida economica do Estado. — Viação ferrea e navegação interior. — O jornalismo e a espiritualidade maranhenses.

Passo do Ceará ao Maranhão. Não fallo do Piauhy, porque o não visitei.

Era minha intenção conhecel-o, no meu regresso do Acre. Projectava saltar em S. Luiz, subir o Itapicurú, ir a Caxias, e dessa cidade maranhense transportar-me a Therezina, em trem de ferro.

Descendo o Parnahyba, tomaria, em Tutoya, o vapor que me conduzisse ao Rio de Janeiro. Era um plano assentado no pensamento. Não no excutei, porque assim o não quiz a pelynevrite beriberica que me fez descer, apressadamente, das regiões acreanas. Assim fiquei no desconhecimento de Sergipe e do Piauhy, dentre os Estados maritimos brazileiros. Dos do centro só me resta conhecer Goyaz, que pretendo visitar nestes dois annos.

Ha quem supponha que tudo isso é inutil, e que mais vale travar relações com os *boulevards* e os *cabarets* da Europa que perlustrar este paiz gigantesco, que é o maior orgulho da raça latina, nestas paragens da America. Embora inutil, resta-me o consolo de haver deixado, voluntariamente, o conforto e a commodidade da vida, no Rio de Janeiro, e ter ido prestar os meus serviços militares em regiões cujo clima não é por certo tão excellente como o da Avenida Central, que é, sem contestação, o melhor de todo o Brazil.. .

Quem nunca deixou o rumor e o atropello da vida tumultuosa deste grande centro da actividade brazileira, não tem uma idéa perfeita do que possa ser essa immensa porção continental que vae

da fóz do Chuhy ao cimo da Padarayna, e da Ponta de Pedra, em Pernambuco, aos agrestes rincões do Javary. Não basta olhar para a carta do nosso paiz, e seguir com a ponta de um lapis o curso dos seus grandes rios ou a projecção das suas montanhas e das suas florestas. Porque as explorações cartographicas, apezar de muito faceis, são quasi sempre enganosas. Todos sabemos que o planisphério é uma simples convenção das theorias geodesicas.

O Brazil é quasi tão desconhecido para os propios brazileiros como para os europeus. Os nossos estudantes de geographia sabem de cór o nome do golpho ou promontorio mais insignificante da Asia ou da Africa, e ignoram os rios commerciaes do Amazonas, o rumo e extensão das nossas linhas telegraphicas e o desenvolvimento dos nossos caminhos de ferro.

***

Estamos em aguas do Maranhão. O navio fundeia distante da cidade, por causa dos baixios que não permittem a entrada no porto.

Praça João Lisbôa, S. Luiz — Maranhão.

Ainda de bordo, vê-se parte da cidade de S. Luiz, que fica a cavalleiro do ancoradouro. A'esquerda destacam-se, afastadas, as lindas palmeiras da praça, na qual se ergue a estatua do illustre cantor de *Y-Juca Pyrama*.

Muitos passageiros desejam descer á terra; anceiam por conhecer a historica cidade do norte, berço illustre de tantos homens illustres. S. Luiz é uma cidade interessante, assim por seu passado como pela boa disposição das suas cousas antigas.

Das velhas capitaes provincianas é a que menos progressos apresenta, no ponto de vista das transformações materiaes.

Em compensação tem-se avantajado, nobremente, no gremio das outras provincias, no produzir homens de meritos, nacionalmente conhecidos e admirados.

Fundada pelos francezes, no começo do seculo XVII, a metropole do Maranhão tornou-se, como era naturalissimo, e cerebro e o coração da França equinocial, de accordo com os sonhos de conquista de Jacques Riffaut e La Ravardière, ambos protegidos de Maria de Médicis.

Mas a França equinocial ia ter uma vida de pouco tempo. Dessa tarefa encarregou-se o espirito varonil de Jeronymo de Albuquerque. Depois da expulsão dos francezes, o facto mais notavel do periodo colonial, no Maranhão, é a revolta contra o monopolio e o jesuita, que difficultava, a mais e mais, a escravização do indigena.

Essa revolução encontrou no animo de Bekman um chefe decidido e destemeroso.

« A'questão do monopolio (diz o Dr. João Ribeiro, o nosso grande historiador) juntava-se a da escravidão dos indios, que a cobiça do colono fomentava. »

A semelhante estado de cousas vieram pôr termo o tino e a previdencia politica de Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, que tão assignalados serviços prestou á causa publica, no Brazil.

Quem ama a historia e os grandes homens do passado não póde saltar no Maranhão sem evocar a figura, culminantemente historica, do padre Antonio Vieira, que, na Sé de S. Luiz, prégou muitos dos seus melhores sermões.

Eu de mim confesso que, ao pisar, pela primeira vezi, a terra de João Francisco Lisbôa, o meu primeiro cuidado foi v sitar aquelle templo venerando.

Seriam dez horas da manhã. Alguns passageiros dirigiram-se para os arrabaldes, outros para os hoteis.

Como que impellido por uma força mysteriosa, parti em direcção á Sé. Transpuz a porta principal do grande templo.

O meu olhar procurou, avidamente, a tribuna, de onde o padre Vieira teria pregado aquelle celebre sermão de 1665, no qual se profilgavam os costumes licenciosos da colonia e o abuso da escravidão

dos indios. Percorri todos os angulos internos da igreja. Era dia de festa catholica. Havia muito povo. Mas toda aquella onda humana era-me indifferente. Eu só pensava no vulto do grande jesuita, só evocava o extraordinario principe da prosa portugueza, e de cuja obra faço a minha biblia.

Nada me delatava que, debaixo daquelle tecto venerando, já reboára, ha perto de trez seculos, a palavra castiça e vehemente de um dos maiores oradores que tem tido a raça latina.

Perguntei a algumas pessôas cultas, antigas moradoras em S. Luiz, se sabiam informar-me da época precisa da construcção da Sé e do logar, de onde pregára o famoso apostolo da Companhia de Jesus.

Nada pude colher a tal respeito.

Estou que os forasteiros se interessam muito mais pelas antiguidades do Maranhão do que os proprios filhos daquella terra.

***

Quem deixa o porto e vence a rampa que liga o caes á parte alta da cidade, tem logo, deante de si, uma bella via publica, bem construida e cuidadosamente arborizada. E' a avenida Maranhense.

Avenida Maranhense. — S. Luiz.

A'esquerda de quem sobe ficam o palacio do governo e a intendencia municipal, ambos de aspecto agradavel. As praças de S. Luiz são arborizadas com muito gosto. Citarei a de João Lisbôa, a de Benedicto Leite, a de Odorico Mendes e a de Gomes de Castro.

As ruas são, em geral, estreitas, segundo o antigo gosto portuguez. São, porem, muito asseiadas. As mais importantes, entre todas, são a já citada avenida Maranhense, a rua Grande, a Gomes de Castro, a do Sol e a Silva Maia.

S. Luiz tem agua canalizada, que vem do rio Anil. Não tem esgotos. E'illuminada a gaz. A arvore que se emprega na arborização das praças é a figueira brava. E'aparada, de modo a tomar a fórma de um hemispherio, cuja concavidade se volta para o centro da terra.

O effeito é bellissimo. Foi uma das melhores impressões que recebi na capital maranhense. Existem alli um lyceu, uma escola normal, e uma dita modelo.

A população é estimada em 35 mil habitantes. Ha bonitos edificios, como o theatro S. Luiz, o thesouro estadoal, o palacio do governo, a intendencia municipal e alguns outros.

A cidade é servida por uma linha de bonds de tracção animada. Tomo um delles, e dirijo-me á praça Gonçalves Dias, afim de ver o monumento que a gratidão maranhense ergueu ao maior dos seus poetas.

Esse monumento é de marmore. No alto da columna repousa a estatua do grande indianista brazileiro. Na base vêem-se, em relevo, os bustos de João Francisco Lisbôa, Odorico Mendes, Gomes de Souza e Sotero dos Reis.

O artista Germano Salles foi o autor do monumento, que é todo rodeado de altas palmeiras. Por sua vez, a praça onde elle se levanta fica em uma eminencia, da qual se descortina um panorama soberbo. O logar foi magnificamente escolhido. E'digno do cantor dos *Tymbiras* e das *Sextilhas de Frei Antão.*

***

Os orgãos da vida economica do Maranhão encontram-se nas suas industrias fabris. As industrias agricolas ficam alli em plano inferior. Fabrica-se quasi tudo que é fabricado no sul do Brazil.

Quando os vapores do Lloyd aportam a S. Luiz, vêm encostar á amurada de estibordo varias embarcações, conduzindo queijos de S. Bento, rêdes e doces de muricy, burity e bacury. São productos essencialmente locaes e muito procurados pelos cearenses que se dirijem á Amazonia.

A viação ferrea, no Maranhão, ainda está na sua infancia.

A primeira linha construida foi a de Caxias (á margem direita do Itapicurú) á villa de Flores (á margem esquerda do Parnahyba). Como se sabe, na margem fronteira a Flores, demora a capital do Piauhy. Essa via ferrea tem apenas a extensão de 78 kilometros. Apresenta, porém, a grande vantagem commercial de unir os valles de dois grandes rios.

Além de ser a segunda cidade maranhense, Caxias é ainda o emporio commercial, não já do interior do Estado do Maranhão, senão tambem dos de Goyaz e Piauhy. A linha atravessa regiões muito apropriadas á cultura da canna de assucar, percorrendo, igualmente, varias zonas, onde se pratica, com vantagem, a extracção da cal. Em 1905 o governo federal autorizou a construcção de uma estrada de ferro que ligasse S. Luiz a Caxias.

O ponto inicial dessa linha fica na ilha de S. Luiz. Uma ponte de mil metros de vão atravessará o braço de mar que separa a ilha do continente.

Essa estrada, que está sendo construida pelos dois extremos,acompanha, em quasi todo o seu percurso, o valle do Itapicurú. Existe, no Maranhão, uma companhia de navegação fluvial que explora o trafego dos rios Itapicurú, Grajahú, com escalas por Pindaré, Mearim, S. Bento, e Cajapió.

De S. Luiz a Caxias, subindo o primeiro destes rios, são quatro dias de viagem, na época melhor, que é de dezembro a maio.

***

No Maranhão, a imprensa tem tido pouco desenvolvimento. Em S. Luiz publicam-se apenas dois jornaes : a *Pacotilha* e o *Diario do Maranhão*.

Sabe-se, de sobejo, que aquelle Estado é um dos que mais se ha distinguido pela quantidade e qualidade de seus homens intellectuaes. E'mesmo um dos mais fecundos, sob esse ponto de vista.

Durante os seculos XVII e XVIII não nos deu nenhum vulto notavel, mas, no ultimo, surgiu na vanguarda da intelligencia brazileira.

No periodo romantico, deu-nos Gonçalves Dias, Franco de Sá, Trajano Galvão, Celso de Magalhães, Joaquim Serra, Souza Andrade, Gentil Homem e Marques Rodrigues, todos poetas. Na mes-

ma época João Francisco Lisbôa, Sotero dos Reis, Odorico Mendes e Gomes de Souza, poeta e mathematico illustre.

A geração de 60 a 70 conta homens de valor como Raymundo Corrêa, Aluysio e Arthur Azevedo, Coelho Netto, Graça Aranha, Viveiros de Castro, Dunshee de Abranches e Adelino Fontoura, hoje tão injustamente esquecido. A nova geração, se não tem o brilho das anteriores, possue, todavia, bellas intelligencias.

Dentre ellas destacam-se Maranhão Sobrinho, Xavier de Carvalho e Correia de Araujo, poetas; Antonio Lobo, Viriato Correia, Justo Jannsen, Nascimento de Moraes e Carlos Reis, prosadores.

O Maranhão tem a sua Academia de Lettras. Parece que não está disposto a perder o bastão que outras gerações espirituaes empunharam. Trabalha para continuar a merecer o nome de Athenas Brazileira, que justamente lhe foi conferido na época mais brilhante da sua espiritualidade.

Essa attitude e esse esforço dos recemvindos são inteiramente dignos dos mais amplos e merecidos louvores.

CAPITULO XVIII

PARÁ

SUMMARIO. — Na fronteira de um mundo. — A visão do Amazonas. — Entrada no paiz da gomma elastica. — As pororócas e as suas causas determinantes. — No estuario do Tocantins. — A bahia de Guajará. — Primeiras impressões do homem e da vida na Amazonia. — Francisco Orellana e o descobrimento do rio-mar. — Belém, porto maritimo da Bolivia. — A ilha de Marajó e os seus campos de creação. — O presente e o futuro da Amazonia.

Seis horas antes de chegar-se a Belém do Pará, ainda sem esperanças de avistar o continente, já se navega nas aguas pardas do golphão amazonico.

A passagem das aguas verdes do oceano para as aguas barrentas do grande rio é um facto curioso e altamente emocionante. O homem, pequenino e ridiculo, em face daquelle espectáculo, sente que se encontra na fronteira de um mundo. Contempla, mudamente, o scenario espantoso, e tem a medida perfeita da inutilidade da palavra para dar uma ligeira ideia daquelle assombro e daquella maravilha.

E'um infinito de aguas, sob o infinito de um céo, indifferente e tranquillo.

O Amazonas, na brutalidade da sua massa liquida, faz recuar as aguas do Atlantico, em uma extensão de sessenta milhas. Calcule-se a potencia dessa caudal formidavel que, na sua desembocadura, tem um diametro de duzentos e quarenta kilometros. A reacção da massa oceanica, contra a massa da grande arteria amazonica, influe, de alguma sorte, sobre o phenomeno da pororóca, que, como se sabe, são ondas que se levantam, no sentido contrario da corrente.

A pororóca resulta das ondas das marés, ondas essas que se fór-

mam, ora na embocadura de certos rios, ora dentro dos proprios rios. No caso do Amazonas, as pororócas são ondas que se alteiam, na fóz do Araguary, na parte septentrional do estuario do rio-mar, onde muitas vezes são violentas, na época das aguas vivas.

Não raro sobem á altura de seis metros, fazendo sossobrar embarcações de pequenos calados. Arrebentam, de ordinario, de Macapá até as proximidades do cabo do Norte, em uma grande extensão de perto de duzentos kilometros.

A potencia mecanica da pororóca é tamanha, que chega a arrancar lanços de floresta, na vizinhança do littoral atlantico, carregando para muito longe grandes e pesadas arvores.

Não fica sómente nisso o trabalho da pororóca. Ella corróe a riba marinha, formando ilhas e obstruindo canaes.

Na vasta bacia amazonica, não é só o rio-mar que apresenta esse phenomeno. Apresentam-no, igualmente, os rios Guamá, Capim, Mojú em territorio paraense; e o Mearim, no Estado do Maranhão.

Vi-o tambem, na fóz do rio Negro e na confluencia do Yaco com o Caethé, no alto Purús. Neste ultimo ponto a canôa em que eu viajava, por um triz não vae a pique. Valeram-me a experiencia e a coragem de dois rudes cearenses, em cujas mãos eu depositára a minha vida, naquelles remotos semfins da Amazonia. Semelhante phenomeno observa-se tambem no Ganges, na India; no Garonne, na França; no Severn, na Inglaterra; e no Colorado, no golpho da California.

Vimos, o facto, no Amazonas.

Agora a sua explicação scientifica.

A pororóca tem logar, quando as marés de sizigias, deslocando-se do Atlantico para as aguas, pouco profundas, do golphão amazonico, dão logar a que o movimento das ondas dessas marés se veja perturbado, de brusco.

A onda esbarra nos baixios, e arrebenta, tal como as outras ondas, quando chegam ás terras baixas das regiões littoraneas. Ao phenomeno da pororóca dão os francezes, em alguns logares, o nome de *barre;* em outros o de *mascaret.* A palavra pororóca é de origem tupy, segundo a opinião autorizada de Barboza Rodrigues. Significa « rebentar em casa. »

A pororóca amazonica é observada, quasi sempre, entre as ilhas do Curuá e a embocadura do Araguary e a do Amapá. E' vista tambem, no medio Purús, a cerca de setecentos kilometros da sua fóz.

Principia na barra do rio-mar, e sobe, com violencia, no arrepio

da corrente, até Macapá, e continua o seu trajecto, até á parte occidental da ilha de Marajó.

Começa com a enchente da maré.

Ha uma verdadeira luta, entre a pororóca e a correnteza do Amazonas. A principio formam-se, na fóz do grande rio, immensas collinas d'agua, com oito e dez metros de altura, collinas que se succedem umas ás outras, e vão arrebentar na costa marinha, contra as ilhas, com fragores assombrosos.

Vistas de longe, essas vagas collossaes dão a ideia de uma formidavel carga de cavallaria. E'um espectaculo pavoroso e bellissimo. A's vezes as pororócas auxiliam a navegação, em pleno rio, impellindo as embarcações contra a corrente. Produzem, não raro, grandes estrondos, que se percebem a muitos kilometros de distancia.

A pororóca do Araguary é a maior de todo o Amazonas. Tem logar na lua nova ou na lua cheia, na enchente da maré. O primeiro symptoma é manifestado da seguinte maneira: O rio, que até então, corría, serenamente, começa a entumescer-se, com especialidade nos pontos estreitos, onde a agua sobe ao alto do barranco, emquanto a pororóca se avoluma cada vez mais, no arrepio da correnteza.

Quando o rio muda, bruscamente, de direção, em curvas de escasso raio, a pororóca atira-se contra a margem, na direcção da componente tangencial.

E' então que se dá o fragor estupendo da massa d'agua, perturbada, na sua marcha violenta, pela correnteza do rio. A vaga empina-se muito alta e quebra-se em cachões de espumas.

A velocidade das marés, na vizinhança do equador, é muito maior que as dos rios que se lançam na costa maritima. A primeira é de dez a doze milhas por hora; a segunda é de duas a trez milhas apenas. Logo, os rios são vencidos pelas marés da região equinocial. D'ahi a impetuosidade das pororócas amazonicas.

***

O labyrintho de ilhas e canaes que a natureza plantou á fóz do Amazonas, representa o trabalho constante da corrente, que, na sua luta millenaria contra terra, lhe transmudou a physionomia primitiva. Aqui são pequenos promontorios. Alli são golphos e angras que repontam, na orla carcomida do continente.

Mais além, são ilhas que apparecem e desapparecem, com o ni-

vel variavel das aguas. E. dividindo o rio em dois braços desiguaes, lá estava a grande ilha de Marajó, que, por si sómente é maior que todo o Estado de Sergipe.

Transposta a linha das pororócas, em pleno oceano de aguas barrentas, o navio singra, suavemente, as aguas remansadas do golpho. Depois de muitas horas de viagem, já se vão descobrindo os primeiros signaes de terra firme. E a agua, cada vez maiz parda do rio-mar, é agora um lago, na tranquillidade do seu silencio, apenas perturbado pelo rumoroso rodar das helices.

Meio dia. Entra-se na bahia de Guajará, ou melhor, em pleno estuario do Tocantins, a cuja margem direita repousa a grande e formosa capital paraense.

Como se sabe, as aguas desse estuario são enriquecidas pelas do Amazonas, canalizadas pelo estreito de B eves, que fica entre a ilha de Marajó e o continente.

Uma hora da tarde. O vapor entra, garboso, nas aguas da bahia.

Na linha sinuosa das terras fronteiras derrama-se a cidade equatorial.

Na orla do caes um numero incontavel de navios estrangeiros e brazileiros.

Esparsos, aqui e alli, lá estavam os *gaiolas*, com as suas chaminés corôadas de fumo. Uns acabavam de chegar do Acre e do Amazonas; outros dirigiam-se para essas mesmas paragens; outros ainda para as ilhas fronteiras. Estes carregados de borracha, cacáo e castanha; aquelles de mercadarias que deveriam abastecer os remotos barracões das margens do Tocantins, do Xingú, do Tapajós, do Madeira, do Purús, do Solimões e do Jurúa.

Quem chega ás portas da Amazonia, e vê aquella intensidade de vida, suppõe, por momento, que não se acha no Brazil. Não fosse a identidade da lingua e dos costumes, e eu supporia achar-me em alguma cidade norte-americana. Alli o calor do trabalho e a actividade do homem, por toda a parte, causam espanto a quem contemplou, com justificada tristeza, o estacionamento ou regresso de alguns Estados que se estendem, ao longo do segmento de orla marinha, que vae da Bahia ao Maranhão.

Vendo-se os progressos innegaveis do Pará, tem-se orgulho de ser brazileiro e pertencer a uma raça, que atravéz de uma elaboração de quatrocentos annos, deu, ao norte do paiz, typos como o cearense e os filhos da Amazonia. Essa raça cabocla, juntamente com o paulista e o gaucho, constituem, a meu ver, um motivo de orgulho para a arvore latina, nas plagas do Novo Mundo. O homen do ex-

tremo norte, na energia do espirito, na bravura do animo, na constancia dos seus projectos, na audacia de suas aventuras, é um digno émulo dos filhos de São Paulo, que, nos primeiros seculos do descobrimento, dilataram as nossas fronteiras, na direcção de trez quadrantes.

***

A capital do Pará foi fundada pelos portuguezes, nos primeiros decennios do seculo XVII. Do cruzamento desses colonos com a população indigena que alli vivia, ao tempo do descobrimento, resultou a raça dos mamelucos, que, mais tarde, se tornou a maior inimiga da raça aborigene.

A penetração do interior amazonico, em os seculos XVI e seguintes foi uma consequencia da escravização do indio pelo colono portuguez, que, na sua ancia de fazer fortuna, não receiava os imprevistos de uma terra ainda desconhecida.

As primeiras explorações do rio Amazonas deve-se ao genio aven-

Um trecho da fóz do Amazonas.

tureiro dos espanhoes, que, em principios do seculo XVI, alli aportaram.

Dentre elles figuram Vicente Pinzon, Juan Gonzalez, Pizarro e Francisco Orellana, que alli foram, á procura da legendaria Manôa (El-Dorado), a cidade que a phantasia de Fillippe Hunten plantára nas vizinhanças do equador.

O Pará, territorialmente, é, como se sabe, um dos maiores Estados do Brazil.

De norte a sul estende-se numa amplitude de 14º. De leste a oeste apresenta uma largura de 12º.

A sua superficie, que é de 1.149.712 kilometros quadrados, comprehende um littoral maritimo de cerca de 700 milhas, e que vae da fóz do Gurupy aos extremos do cabo Orange.

Todo esse vasto territorio é cortado do occidente para o oriente pelo maior rio do mundo, e bem assim por muitos de seus contribuintes.

Da serra Tumucumak ás serras de Gradehús; dos altos de Parintins á beira do Atlantico, dorme uma grande porção dessa Amazonia mysteriosa, patria fecunda da gomma elastica.

Dos tributarios amazonicos que banham o territorio paraense, avultam o Tocantins, com um percurso de 2.600 kilometros; o Araguaya, que serve de limite physico entre o Pará e Goyaz, tambem fertiliza aquellas terras.

O Xingú, o Tapajós, o Trombetas, o Oyapoc e tantos outros rendem-lhe, igualmente, a homenagem da sua força.

Posto que seja quente e humido, o clima do Pará é excellente.

A temperatura maxima não vae além de 33º. A minima é de 20º.

Os grandes calores são suavizados pelos ventos aliseos e pelas chuvas constantes. Pelos dados que se seguem melhor se ajuizará das condições climatericas daquella capital : L. S. 1º 27'; L. O. R. J. 5º 19'; altitude $7^{m},11$; pressão barometrica 760, 4; temperatura maxima 33º,3; minima 19º, 2; evaporação 21,4; humidade 88,0; chuva 2^{m}, 482. Estes dados representam uma media annual para doze annos de observação, conforme as publicações do Museu Goëldi.

Embora seja uma cidade equatorial, situada no meio de uma vasta superficie de evaporação, sem os favores da topographia dos tropicos, Belém do Pará é regularmente sadia.

O coefficiente de mortalidade é alli pequeno, em relação a outras cidades do Brazil. Os seus boletins demographo-sanitarios o revelam, á luz exuberante dos algarismos. O Pará é o grande emporio, não já da producção das suas terras immensas, senão tambem de grande parte da do Amazonas e Matto Grosso pelo Tapajós. Servido por uma extensa rêde fluvial, navegavel em todas as épocas do anno, recebe e canaliza para a Europa e America do Norte, a borracha, o caucho, o cacao, a castanha e outros productos.

Ainda, por intermedio da sua bacia hydrographica, o Estado communica-se com o Amazonas, Maranhão, Goyaz, Matto Grosso, as Goyanas hollandeza, franceza e ingleza, e bem assim com a

Bolivia, o Perú, Venezuela e Colombia. Por meio da Estrada de Ferro de Bragança, que conta 256 kilometros em trafego, a metropole paraense está em communicação commercial continua com o Maranhão.

A Estrada de Ferro Tocantins e Araguaya, com 179 kilometros, ora em construcção, estabelecerá o intercambio de productos entre o Pará, Matto Grosso e Goyaz. Por outro lado, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, com 340 kilometros, tambem em construcção, approximará o Pará da Bolivia e do norte de Matto Grosso. Esta ultima via ferrea é de uma grande importancia economica para o Estado de que me occupo. Porque toda a producção boliviana derivar-se-á para Belém, e d'alli para os grandes mercados do mundo.

Belém será o porto maritimo da Bolivia. Guajara-mirim, ponto terminal da Madeira-Mamoré, é uma região fertilissima em borracha, caucho, cacao e varias plantas medicinaes.

Além disso existem muitos campos de creação, nas vizinhanças do Beni.

***

O Pará é tambem um Estado creador. Marajó, com os seus 40 mil kilometros quadrados, conta perto de duzentas fazendas de creação. E'ella que fornece quasi todo o gado consumido na Amazonia. Os campos dessa ilha são optimos para a industria pecuaria. As suas florestas dão, além da borracha e da castanha (nóz do Brazil, como se diz na Europa), a salsaparrilha, a baunilha, a quina, a piassava e outros productos de procura universal.

Infelizmente toda aquella immensa porção do Brazil, situada na zona torrida, tem uma população ainda pequena.

O Estado não conta mais de um milhão de habitantes, tendo de superficie mais de um milhão de kilometros quadrados.

Os sabios estrangeiros que o visitaram, como Agassiz, Wallace e varios outros foram accordes em prophetizar-lhe os mais altos destinos. Porque será a Amazonia o celeiro do mundo, quando, o excesso de população da Europa e o cansaço da terra trouxerem um forte desequilibrio entre a producção e o consumo. Será mesmo o ultimo refugio da humanidade, quando o frio polar, atravessando as fronteiras dos tropicos de Cancer e de Capricornio, impellir o homem para o equador.

A Africa equinocial, sendo um oceano de areia, não poderá dar

o abrigo desejado ao homem, que, naturalmente, ha de procurar o oceano de verdura do valle amazonico. Alli a terra abre o seio, generoso e amigo, a quem ama o trabalho.

E'moça e fecunda. Desafia o esforço do nacional e a collaboração do estrangeiro.

A Amazonia é ainda hoje (e creio que o será por muitos annos) a ultima esperança do brazileiro, cansado de tentar fortuna no sul do paiz.

Em todos os angulos daquella immensa bacia hydrographica, encontram-se medicos, engenheiros e advogados, lutando pela vida. A concurrencia é enorme.

Quasi sempre a procura é maior que a offerta. Além disso, nota-se alli a mais larga tolerancia no exercicio de profissões illegaes. Ha agrimensores e simples demarcadores concorrendo com os engenheiros mais competentes. Os pharmaceuticos clinicam. Os provisionados advogam. A avidez de ganhar dinheiro não encontra limites.

A pessôa que vae á Amazonia só tem uma idéa que lhe trabalha constantemente o cerebro : obter dinheiro (honestamente, se fôr possivel) e regressar, quanto antes, á terra natal.

D'ahi a instabilidade daquellas aggremiações humanas, que a ambição ou as contingencias da fortuna enviaram aos mais invios confins do Brazil.

Belém, situada na fronteira do mundo amazonico, offerece ao observador uma população mais ou menos estavel.

Por isso os capitaes estrangeiros encontram alli applicação, com segurança e proveito. O Pará é um dos Estados de maior futuro da União Brazileira.

Foi para mim um justo consolo achar, no extremo norte deste paiz, uma terra fecunda e nova, depois de haver olhado, com piedade e tristeza, para tantas outras que vivem numa lethargia completa, depauperadas, exanimes, estirando, de vez em vez, a mão descarnada e faminta á esmola dos capitaes estrangeiros.

A Amazonia, apezar dos erros de muitos de seus homens publicos, é, no ponto de vista da economia e do trabalho, uma legitima gloria do Brazil.

CAPITULO XIX

PARÁ

(Continuação.)

SUMMARIO. — Em terra. — Primeiras impressões da capital paráense. — O caes. — O parque Affonso Penna. — A estatua do general Gurjão. — Avenidas, praças e jardins. — O bosque Rodrigues Alves. — Um pedaço de floresta virgem no meio de uma cidade moderna. — Os tramways electricos. — Sua superioridade sobre os do Rio de Janeiro. — Orgãos da vida economica do Estado. — A hevea braziliensis, a castillôa elastica, a theobroma-cacao e a bertholletia excelsa. — Seu papel na economia do mundo amazonico.

Acho-me em terra. Na vizinhança do porto, o intenso movimento de vapores, que chegam e saem, uns para o interior, outros para portos da Europa e da America do Norte.

Ao desembarcar, vejo a bella avenida João Alfredo, com as suas grandes casas de modas, os seus armazens, os seus cafés e as suas confeitarias bem montadas.

Percorrendo a linha do caes, onde se levantam os grandes trapiches das casas armadoras, vejo á esquerda o parque Affonso Penna, abundantemente arborizado. No centro ergue-se a estatua pedestre do general Hilario Maximiano Antunes de Gurjão, nascido em Belém do Pará, a 21 de fevereiro de 1820 e fallecido a 17 de janeiro de 1869, por ferimentos recebidos no combate de Itororó.

O general Gurjão morreu proferindo estas palavras que passaram á historia : — « Vejam como morre um general brazileiro ! »

Ao lado do parque Affonso Penna, fica o palacio do governo. A cidade divide-se em duas zonas distinctas. A primeira, a littoranea, é antiga, no seu aspecto geral; a segunda, que fica a oeste, representa a cidade nova, com as suas grandes edificações modernas, as suas avenidas, amplas e bonitas. Depois de haver percorrido a cidade

velha, dirijo-me á nova *urbs*. Aqui vejo a grande praça da Republica. E' soberba.

Perto destaca-se o Theatro da Paz, um dos primeiros do Brazil. Tomo a direcção da avenida Nazareth. Percorro-a, de extremo a extremo. E' de uma perspectiva maravilhosa. Ampla, extensissima, e arborizada a mangueiras enormes, é uma das mais bellas vias publicas que os meus olhos ainda viram. O mesmo direi da avenida Tito Franco, com os seus cinco kilometros de comprimento. Nella se encontram o Instituto Lauro Sodré, o Asylo de Mendicidade e o de Alienados.

Depois tomo o rumo dos arrabaldes. Visito o Souza e o Marco da Legua, que me deixaram uma impressão agradabilissima. São deliciosos recantos da cidade. Procuram-nos as pessôas de bom gosto.

Quem percorre a parte moderna da capital do Pará, tem a sensação de achar-se em uma cidade européa. Muita gente que vive aqui, no Rio, e que só conhece o Pará atravéz dos telegrammas que annunciam a alta ou a baixa do preço da gomma elastica, não imagina que á margem do estuario do Tocantins, exista uma cidade com todos os requisitos e os luxos da vida contemporanea. A metropole paraense honra a cultura e o prorgresso do Brazil.

Visito ainda outras praças, como a Baptista de Campos, a Floriano Peixoto, a Visconde do Rio Branco,o parque Prudente de Moraes, e bem assim as avenidas Independencia e Dezeseis de Novembro.

Dentre os monumentos architectonicos da formosa cidade do equador, destacarei: o palacio do governo, a Intendencia Municipal, a Camara dos Deputados, o Senado, a Bibliotheca Publica, o Instituto Lauro Sodré, o Theatro da Paz, o palacio episcopal, o mercado, a alfandega, o quartel do corpo de bombeiros, o Hospital Domingos Freire e o bello edificio da *A Provincia*. Uma das lindas cousas de Belém é o bosque Rodrigues Alves, com os seus monumentos, as suas pontes, as suas grutas e as suas alvas cascatas.

E' um grande pedaço de floresta virgem que o homem civilizou. Constitue, por si só, uma das curiosidades daquella terra. Existem, no referido parque, arvores millenarias que pertencem, provavelmente, á flora primitiva do valle amazonico.

Ha, na cidade, um typo unico de arborização. E'a mangueira. Quasi todas as praças de Belém possuem ajardinamentos caprichosos e elegantes. A maioria das suas ruas são calçadas a parallelipipedos.

E' illuminada a luz electrica. Ha todavia, para o consumo de particulares, uma canalização de gaz, fornecido pela The Pará Gaz Com-

pany, que tem a sua séde em Londres e funcciona em Belém, ha cerca de doze annos.

Com uma população de 192 mil habitantes, a capital paraense não tem vida nocturna. Apenas das 7 ás 11 da noite, reunem-se algumas dezenas de pessôas á porta do Café da Paz, na praça da Republica, antigo largo da Polvora. Não passa desse pequeno aspecto. O resto da grande cidade conserva-se fechado a sete chaves. Belém, á noite, é muito triste.

No Brazil existem unicamente trez cidades que possuem vida nocturna : Rio de Janeiro, Manáos e S. Paulo. As outras cidades brazileiras ainda vivem a vida desconsolada e tranquilla do seculo XVIII.

Neste particular, e tendo em vista a relatividade da população, eu

Vista geral de Belém do Pará.

devera collocar no primeiro plano a capital do Amazonas. Como se sabe, Manáos tem 60 mil habitantes. Belém possue o triplo, S. Paulo o sextuplo, e o Rio de Janeiro é vinte vezes maior.

Os tramways electricos do Pará, sem serem os mais confortaveis, são, entretanto, os mais commodos que tenho visto no Brazil, inclusive os de S. Paulo. São como os vagões das nossas vias ferreas, com assentos para duas pessôas e um corredor ao centro. O passageiro sente-se á vontade.

Não se incommoda, nem é incommodado, em se sentando ou em se retirando. Entra-se nos carros pelas faces anterior ou posterior.

Desta fórma é impossivel haver os insupportaveis *pingentes* dos nossos bonds electricos. Os do Pará são como os de Buenos Ayres. Por que não se faz a mesma cousa, no Rio de Janeiro, onde não ha

supplicio maior que viajar de bond, com um banco para quatro e cinco pessôas?

A prefeitura desta capital prestaria um grande serviço conseguindo da Light and Power que fosse, pouco a pouco, introduzindo, entre nós, o uso dos bonds-vagões e das *imperiaes*, como se vê, na adeantadissima capital argentina. A topographia do Rio de Janeiro presta-se, admiravelmente, ao trafego de tramways de dois andares.

Uma cousa digna de nota observei no Pará : o preço da passagem de bond. Por cada secção pagam-se 120 réis. Os jornaes são tambem vendidos a 120 réis cada um. E' incrivel que, em uma cidade rica, como Belém, haja tanto dinheiro de cobre. Alli, quem sae á rua, volta para casa com os bolsos cheios de moedas de vintem.

Parece que todo o dinheiro de cobre do Brazil emigrou para as margens da bahia de Guajará.

***

Os principaes productos que o Pará exporta são a borracha, o caucho, o cacao e a castanha. Além desses, ha ainda diversas fibras vegetaes e varias plantas de applicação therapeutica, como a quina, a quassia, a merapuama, a salsaparrilha, a baunilha, o manacá, a ipecacuanha e o guaraná. Só deste ultimo producto derivam-se para Matto Grosso, annualmente, cerca de 30 mil kilogrammos.

O Estado exporta tambem cumarú (dipterya odorata), que, como se sabe, encontra largo emprego no fabrico de perfumarias.

A França e a Inglaterra são os seus melhores compradores. A cera de carnaúba (corpernicia cerifera) é igualmente muito exportada. A sua exportação annual orça por 50 mil kilogrammos.

O pirarucú tem uma grande exportação no Pará. Nos ultimos tempos, em um só anno, d'alli sairam 700 mil kilogrammos desse peixe, que é o bacalháo da Amazonia.

O commercio de tartarugas é avultadissimo. E' um dos principaes alimentos da terra. Dizem que a tartaruga é o boi do Amazonas. Na ilha de Marajó é enorme a abundancia de jaboty (testudo tabulata) e do tracajá (podocmenis dumeliana). A pesca da tartaruga é a maior fonte de receita de muitos municipios paraenses.

O Estado envia, annualmente, aos mercados da Europa dezenas de kilogrammos de pennas de aves. A garça é a maior concurrente. A

cultura de cereaes é muito abundante nas regiões ribeirinhas dos contribuintes do rio-mar.

Vejamos os orgãos capitaes da vida economica do Pará.

Comecemos pelo cacao (theobroma-cacao). Como é sabido, esta esterculinacea é originaria da America do Sul.

As que se encontram na America Central, em pequena escala, vivem ainda em estado sylvestre. A sua cultura é muito mais facil que a do café e do fumo. Uma vez plantado, dá fructos dentro de quatro annos, e assim continua por espaço de meio seculo e mais.

A Bahia e o Pará são, presentemente, os dois maiores fornecedores

Avenida da Independencia. — Bélem do Pará.

do cacao que vendemos á Europa, para, depois, lhe comprarmos... o chocolate!

No Pará a exportação annual regula por dois milhões de kilos. Os municipios mais productores são Cametá, Obidos, Alemquer, Belém, Gurupá, Breves, Maracaná e Vizeu.

O cacao do Pará só encontra um rival nos mercados francezes: é o cacao de Caracas. A castanha (bertholletia excelsa) hoje conhecida na Europa pelo nome de *nóz do Brazil*, é uma boa fonte de vida, naquelle Estado.

Os castanhaes da Amazonia representam uma verdadeira riqueza. Só o Pará exporta, annualmente, 50 mil hectolitros de castanhas para

os Estados Unidos e para a Europa. O castanheiro é uma das arvores mais bellas que admirei, no paiz da gomma elastica.

Alta, de caule vertical e rectilineo, sacode, orgulhosamente, nos ares, uma formosa corôa de folhas verdes.

No baixo e no medio Purús contemplei diversos exemplares da bertholletia excelsa, os quaes se levantavam nas margens do grande rio.

O valle do Tocantins é fertilissimo de castanheiros. Existem, no Pará, logares inexplorados, onde se erguem verdadeiras florestas, sómente constituidas dessas arvores. Attendendo ao consumo, cada vez mais crescente, da nóz amazonica, é de prever que, dentro de poucos annos, seja ella uma digna rival da borracha, no ponto de vista da economia do Estado. A colheita da castanha é facilima. O fructo despenca-se da arrove, e colhe-se no chão. Uma vez aberto, cada um delles fornece de 20 a 30 amendoas.

Um trabalhador pode colher, em média, 50 litros de castanhas por dia. Passemos á grande fonte de riqueza publica do Estado do Pará.

A seringueira (hevea braziliensis) é a arvore do ouro negro da Amazonia.

A terça parte da borracha exportada pelo Brazil sae do Pará. Nos ultimos tempos a exportação annual tem oscillado, entre 11 e 14 milhões de kilos. Dois terços da gomma elastica utilizada pelas industrias modernas saem da America tropical. Os nossos concurrentes mais serios são as ilhas de Ceylão e a região da Insulinda, onde a area de cultura das heveas se estende mais e mais.

Calcula-se que, neste anno, Ceylão e Malaca, com os seus 28 milhões de pés de heveas, exportarão 1.200 toneladas de borracha, e, provavelmente, cerca de 10 milhões de kilogrammos, em 1914.

As industrias mundiaes contemporaneas consomem por anno, perto de 65 mil toneladas de borracha. Esse consumo cresce, de um anno para outro, com as recentes applicações que tem tido a gomma elastica. A borracha do Brazil tem uma grande vantagem sobre a da Asia e da Africa (Congo belga).

Por outro lado a nossa hevea tem mais vida, porque é beneficiada pelo clima e pelo sólo. A seringueira, na Amazonia, é ainda uma alvore quasi sylvestre. Ha seringaes onde o pé do homem jamais tocou, com especialidade no valle do Madeira e de alguns de seus formadores como o Beni.

A industria dos automoveis, das bicyclettas, das roupas e dos calçados impermeaveis, bem como a telegraphia aérea e submarina e as canalizações electricas, reclamam o emprego da borracha, que,

neste anno, attingiu a preços por que jamais foi vendida em safras anteriores.

O anno de 1910 marcará uma época, na vida economica da Amazonia.

Dentre os principaes compradores da nossa gomma elastica destacam-se os Estados Unidos. Vêm, depois, a Inglaterra, a França e a Allemanha.

Passemos da hevea braziliensis á castillôa elastica de Cervantes.

O seu latex (caucho) é inferior ao da seringueira. A castillôa abunda, immensamente, nos valles do Tocantins, do Xingú e do Araguaya.

Cada arvore adulta, depois de abatida, fornece, em media, 50 litros de leite, ou sejam 20 kilos de caucho.

Os paizes mais fornecedores da gomma das castillôas são o Mexico, Costa Rica, Honduras, Nicaragua, Panamá, Venezuela, Colombia, Equador, Perú e Bolivia, que, nestos ultimos annos, se mostraram fortes concurrentes dos Estados da Amazonia.

Além da industria extractiva, ha ainda, no Pará, a industria pastoril, de relativa importancia.

Os campos de creação de Obidos, Chaves, Macapá, Marajó, Mexiana e Caviana são os mais notaveis.

Perto de 40 mil cabeças de gado saem, por anno, desses logares para o consumo do Pará, do Amazonas e do territorio do Acre.

Marajó abastece ainda as trez Goyanas. Cayena, Paramaribo e Georgetown são freguezes bem regulares. Taes são os mananciaes que contrbuem, principalmente, para a fortuna publica em um dos mais ricos e prosperos Estados da União Brazileira.

CAPITULO XX

PARÁ

(Continuação.)

SUMMARIO. — Navegação maritima e fluvial. — As obras do porto. — Viação ferrea do Estado. — A ligação do baixo Tocantins ao Araguaya. — O Theatro da Paz. — Uma visita ao Musêu Goeldi. — Algumas raridades archeologicas. — Especimens da fauna e da flora amazonicas. — A bibliotheca publica de Belém e a preciosidade das suas collecções. — Instrucção popular. — Litteratos e jornalistas.

O Pará acha-se ligado á Europa, á America do Norte e ao sul do Brazil por diversas linhas de vapores. A navegação para o velho continente é feita pelas o transatlanticos da Booth Linie, da Hamburg Amerike Linie e da Sudamerikanische Dampfschiffahrst Geselischaft, e, por ultimo, pelos paquetes do nosso Lloyd, que alli tocam, nas suas viagens mensaes a Lisbôa.

Como se sabe, esta empreza mantém uma linha de vapores entre o Rio e Nova York, com escala pelo Pará, e bem assim uma outra que approxima o grande Estado do equador dos paizes do Rio da Prata.

A Booth Linie realiza, mensalmente, trez viagens, entre Belém e os portos da Madeira, Lisbôa, Porto, Vigo, Havre e Liverpool, e bem assim trez viagens mensaes para Nova York, passando por Barbados, no archipelago das Antilhas. Os vapores allemães effectuam duas viagens, em cada mez, entre o Pará e Hamburgo.

Tanto os navios allemães como os inglezes são bastante confortaveis. Além desses vapores de grandes calados, possue o commercio paráense cerca de duzentos navios que fazem a navegação do Amazonas e seus tributarios, não incluindo nesse computo os quarenta que pertencem á Companhia The Amazon Steam Navegation. Esta poderosa empreza, com a sua séde em Londres, explora o trafego fluvial, na Amazonia, com grande proveito para ella e para o publico.

Dispõe dos melhores *gaiolas* que se encontram naquellas regiões. Os chamados *vapores da linha* são os preferidos por aquelles que se aventuram ás longuiquas paragens acreanas. A companhia do Amazonas é subvencionada pela União e pelo Estado do Pará. Funcciona no Brazil desde 1867. Afóra as seis linhas que tem no interior paráense, essa empreza envia ainda os seus vapores ao Madeira, ao alto Purús, ao alto Juruá, a Iquitos, no Perú, ao rio Negro, ao Jutahy, ao Japurá e ao Içá.

Taes são os vehiculos que levam a todos os recantos da Amazonia as mostras do espirito laborioso e energico dos paráenses.

***

Ha cerca de quatro annos o governo da União autorizou a construcção das obras do porto do Pará. Essas obras continúam, com regular actividade, e ainda no anno passado inauguraram-se 470 metros de caes.

Brevemente serão entreguas ao publico mais 140 metros. Ao longo do trecho de caes inaugurado já funccionam sete grandes armazens para mercadorias.

A importancia commercial e economica desse porto salta aos olhos dos mais obtusos. No dia em que estiver totalmente construida a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, grande parte do commercio da Bolivia, derivando-se pelo Madeira, terá em Belém o seu grande e natural emporio. Porque as bacias hydrographicas da Bolivia e de Matto Grosso nos offerecem quasi 20 mil kilometros de rios navegaveis, que se lançam naquella grande caudal. O caes do porto do Pará terá 2.500 metros de extensão. Parallelamente a elle construir-se-á uma avenida de trinta metros de largura. Nessa avenida ficarão os grandes armazens para deposito de mercadorias, edificios para correio e telegrapho federaes, guindastes e linha ferrea para o serviço de carga e descarga.

A companhia constructora tem a sua séde em Nova York.

O prazo da concessão é de cincoenta annos. Findo esse prazo, tudo passará ao governo federal, livre de qualquer indemnização.

***

A viação ferrea, no Estado do Pará, ainda se encontra na sua adolescencia.

A primeira linha que se construiu foi a de Bragança, cujos trabalhos tiveram começo em 1883. No anno seguinte inaugurou-se o primeiro trecho entre S. Braz e Benevides, com uma extensão de 29 kilometros.

Só em 1887 é que tiveram inicio os serviços de construcção da estrada, de S. Braz até á parte central da cidade de Belém.

O estabelecimento dessa via ferrea foi muito demorado, e só chegou ao seu objectivo (Bragança) ha menos de dois annos, com um total de 236 kilometros.

Os ramaes de Benjamin Constant, Pinheiro e Bemfica têm, respectivamente, 17, 21 e 9 kilometros.

A estrada de ferro de Belém a Bragança, passando pela colonia Benevides, percorre terrenos altos e ondulados, proprios á agricultura, e nos quaes se encontram muitas madeiras de lei. Uma das velhas aspirações do Pará é a projectada execução da via ferrea, entre Alcobaça, poucos kilometros acima de Cametá, e Praia da Rainha, no Tocantins, ligando, desta sorte, as partes navegaveis deste grande rio. Essa linha teria 190 kilometros de desenvolvimento.

Seria o escoadouro de grande porção dos productos de Matto Grosso, Goyaz e Pará. As regiões do Araguaya são abundantes em cauchaes, e da mesma fórma varios affluentes do Tocantins.

Foi com o proposito de explorar as riquezas daquellas paragens que, em 1894, se fundou a Companhia de Viação Ferrea e Fluvial Tocantins e Araguaya. Essa companhia tem encontrado varios auxilios, quer da parte da União, quer do lado do governo paráense.

Existem já alguns kilometros de trilhos assentados e muitos outros reconhecidos e explorados. Uma vez estabelecida a projectada communicação interfluvial, Goyaz terá em Belém o seu porto de mar. Segundo o projecto primitivo, essa ligação far-se-ia, approximando-se, entre si, os trechos navegaveis do Tocantins. O projecto definitivo, porém, encarou o problema de uma linha continua, que, partindo da Praia da Rainha e afastando-se do Araguaya, cortasse este rio nacachoeria das Trez Pontes. D'alli seguiria á procura do Tocantins, na direcção da cachoeira do Funil. Deste ultimo ponto iria a

Porto Imperial, á Natividade, a Palma, a S. José do Tocantins, a Jaraguá, indo ter, finalmente, a Goyaz. E' um projecto mais amplo que o primitivo, assim no seu alcance, como nas suas vantagens de ordem militar e economica.

Parece que em vez de Alcobaça, será Cametá o ponto inicial da linha.

Porque Cametá é porto franco. Alli podem ancorar vapores de quatro mil toneladas de arqueação. Do ponto mais proximo dessa via ferrea será construido um ramal, na direcção do valle do Xingú, onde se encontram immensos seringaes. Toda a zona servida por essa estrada é riquissima em caucho, castanha e madeiras de lei.

Horto Botanico. — Belém do Pará.

A linha percorrerá verdadeiras florestas de castanheiros, e atravessará a colonia indigena da Conceição do Araguaya, fundada por frei Gil Villanóva, que, naquelles confins do Brazil, vive a espalhar a bondade e o bom exemplo, na cathechese dos incolas.

Com essa estrada muito lucrará o commercio de gado goyano, que poderá ser transportado, em cinco dias, para Belém e alli ser vendido pela metade do preço por que hoje se compra o exportado pela ilha de Marajó.

O Tocantins, cujos trechos navegaveis se pretendem ligar, por

meio de viação ferrea, é uma das maiores caudaes brazileiras que percorrem zonas, muitas das quaes inteiramente desconhecidas.

E' formado pelas aguas do Araguaya addicionadas ás do alto Tocantins. Ellas se juntam nas proximidades do antigo forte de S. João do Araguaya. Essa confluencia tem logar a 113 leguas acima da fóz do grande rio, segundo a opinião de Castelnau.

O Tocantins e o seu grande affluente estendem-se desde 1º até 19º de latitude sul, perto do corrego das Duas Pedras, no sopé da serra do Cayapó.

Sómente dentro dos limites do Estado do Pará, o Tocantins conta vinte e sete cachoeiras, segundo o testimunho de Baena. A ultima é a do Sacco do Curuá, na fronteira de Goyaz.

Essas cachoeiras sempre fôram um obstaculo á approximação commercial entre Goyaz e Pará. A linha ferrea, que ora se acha em construcção resolve o problema, contornando-as. Essa estrada interessa, não sómente o Estado de que me occupo, senão tambem a Goyaz, ao Maranhão, e até mesmo aos sertões da Bahia, que, por intermedio do rio das Palmas e do rio Paraná, poderá canalizar parte da sua actividade para o extremo norte da Republica, utilizando-se do Tocantins, Araguaya e seus affluentes, como o Vermelho, o das Mortes e o Tapirapé. Segundo o conde de Castelnau, o Tocantins tem uma largura media de 1.800 metros. A velocidade media da corrente é de 3/4 de milhas por hora.

Este rio sempre foi mais explorado que o Araguaya, seu grande tributario. O celebre padre Antonio Vieira subiu o Tocantins, em 1653, chegando até á grande cachoeira de Itabóca.

Mas quem primeiramente o perlustrou foi o padre Christovão de Lisbôa, em 1625, e, depois delle, o bandeirante paulista Manoel Carreia, um dos primeiros exploradores do rio Cuyabá.

Castelnau subiu-o, em 1844.

Em 1864 o general Couto de Magalhães percorreu todo o Tocantins, descendo o Araguaya, onde inaugurou a navegação a vapor. Essa viagem abrangeu um percurso de mais de 2.000 kilometros até á capital do Pará.

A navegação a vapor, no Araguaya, entre Januaria e Leopoldina, é obra da tenacidade e da coragem inexcediveis de Couto de Magalhães.

Este nosso eminente compatriota, com difficuldades e esforços dignos de um Yankee, transportou uma lancha desarmada de Cuyabá a Leopoldina, atravéz de sertões inhospitos e bravios.

E' de 921 kilometros o trecho de navegação inaugurada pelo espirito infatigavel e erudito deste illustre brazileiro.

***

Belém dispõe de uma excellente canalização de agua. A sua população de perto de 200 mil almas, é abastecida por 20 milhões de litros, diariamente.

Posto que seja fornecida por preços reduzidos, a agua constitue uma das fontes de receitas do Estado. Não ha esgotos.

O municipio da capital rende 6 mil contos, por anno. O Estado tem uma renda annual de 16 mil contos.

Uma das mais bellas construcções do Pará é o Theatro da Paz. E' um dos primeiros do Brazil. Fica muito bem ao lado do nosso Municipal, do S. Paulo (ultimamente construido) e do Amazonas.

O Theatro da Paz prima pela riqueza das suas decorações. Os soalhos são todos de madeiras do Pará, em mosaico. O mobiliario, tanto da plateia como dos camarotes, é do mais fino gosto.

Na vasta escadaria que vae dar á plateia, admirei os bustos de José de Alencar e Gonçalves Dias.

No *foyer*, vi os bustos de Carlos Gomes e de Henrique Gurjão.

E' todo illuminado a luz electrica, e pode comportar duas mil pessôas.

***

Não quiz deixar a formosa capital paráense sem fazer uma visita ao Museu Goeldi, que, como se sabe, é um museu de historia natural e ethnographia. Todos os seus especimens são exclusivamente da Amazonia.

Tem isso de original. Seriam duas horas da tarde, quando saltei á porta do notavel estabelecimento, na avenida da Independencia.

Mandei o meu cartão de visita ao sabio Dr. Jacques Huber, director do museu.

O eminente naturalista suisso acolheu-me com a bondade caracteristica dos grandes espiritos, e durante tres longas horas, conduziu-me a todos os recantos do notavel estabelecimento que honra a administração paráense.

Comecei a minha visita pela secção de archeologia, onde vi diver-

sos trabalhos de industria ceramica dos indigenas das goyanas e da ilha de Marajó.

Havia alli tambem varios machados de pedra dos indios do alto Tocantins e do Xingú, e bem assim armas, flexas e objectos de pennas usados pelos indios cayapós (rio Araguaya). Chamou-me a attenção um grande cylindro de madeira com uma estreita fenda longitudinal. Era o trocano, instrumento de alarma, usado pelos indigenas do alto rio Negro.

Nessa mesma secção archeologica ainda vi modelos de embarcações, rêdes, ralos, para ralar mandioca, tudo de uso dos indios do alto Solimões.

Passei á secção de zoologia. Lá estavam os macacos, a preguiça, os jacarés, os paracanás (alto Juruá), a onça pintada, o gato selvagem, o veado branco, o tatú canastra, a anta, etc.

Em seguida dirigi-me á secção ornithologica, onde meus olhos contemplaram uma variedade admiravel de passaros de plumagem lindissima. Eram os gaviões reaes, as araras azues, amarellas, vermelhas, com azas côr de ouro e azul; tucanos de varias especies, muitas aves de rapina e outras aquaticas. Dentre as andadoras vi a ema, a seriema, o flamingo, o tuyuyú, o jaburú e o caraná, especie de cegonha. Depois passei a percorrer a secção ichthyologica. Aqui eram as pescadas, a tainha, o pirapema e o cará-assú. Alli a piranha, o apaiary, o pirarama, o carapitanga e o pirarucú.

As collecções de reptis e de borboletas são variadas e brilhantes. A collecção de amostras de madeiras é riquissima. Pude notar dentre ellas o acapú, o cedro, a sucupira, a canella, o pequiá, o louro-café, o louro-branco, o ebano, a itauba, o jasmin laranja, o taquary, o cumarú, a muyrapinima, o guajará e muitas outras.

A secção de sementes é tambem muito rica. Visitei ainda o herbarium e a secção geologica. Com a retina meio perturbada pela visão de tantas maravilhas da natureza amazonica, passei aos jardins zoologico e botanico do mesmo museu.

No centro de uma area ajardinada, vejo o busto do Dr. Ferreira Penna, o ethnologo mineiro, fallecido em 1888. Esse busto foi alli inaugurado vinte annos depois da morte desse distincto homem de sciencias.

Dentre os muitos exemplares do jardim zoologico, vi, pela primeira vez, um urubú-rei e um gavião-real. São dois passaros magestosos. No horto botanico, tambem pela primeira vez, pude admirar uma hevea braziliensis. Parei a contemplar aquella arvore, causa de tantas ambições e desfortunas, e uma das maiores fontes de riqueza publica do meu paiz.

Era a arvore do ouro negro que eu tinha alli, junto a mim, esguia, rectilinea, agitando no ar luminoso daquella tarde equatorial o verde das suas folhas. Depois vi a carnauba, a maniçoba, a castillóa e o tapurú, que tambem dão borracha. Havia alli, igualmente, diversos exemplares de urucú, de palmeiras e de eucaliptus.

Vi, afinal, a celebre Victoria regia. Em uma pequena clareira, rodeada de arbustos e de arvores umbrosas, erguia-se um monumento de marmore do Jura.

Em uma das faces vejo a effigie de Martius; em outra a de Spix, ambos naturalistas bavaros.

Deve-se a Martius a classificação da grande maioria das palmeiras da Amazonia. Era elle alli conhecido como o *amigo das palmeiras*.

O relogio do Museu acabava de bater cinco horas, quando terminei a minha visita. Deixo aqui nestas linhas o meu agradecimento ao eminente Dr. Huber (se por ventura estas palavras cairem um dia sob os seus olhos) pela maneira fina e cavalheirosa por que attendeu e satisfez uma das maiores e mais ardentes curiosidades do meu espirito.

***

Um outro estabelecimento paráense digno de ser visitado é a Bibliotheca Publica, onde tambem funcciona o archivo do Pará.

Possue verdadeiras preciosidades. Vi alli toda a correspondencia manuscripta do tempo da administração colonial, e bem assim varios mappas da bacia hydrographica do Amazonas.

Demorei-me a olhar, com os meus olhos de engenheiro, as linhas interessantes de um mappa descriptivo do Brazil, publicado por João Teixeira, no anno de 1640. Penso que é elle um trabalho rarissimo. Prendeu-me, igualmente, a attenção um mappa da antiga cidade de Barcellos, com a data de 1762, e bem assim uma planta da villa do Javary e da cachoeira grande do rio Negro.

Acompanhou-me nessa visita, com a maior solicitude e extrema gentileza, o director interino da bibliotheca Sr. Antonio Campello Macedo de Amorim.

***

A instrucção publica, no Pará, está bastante desenvolvida. A primaria é dada em grande numero de escolas, na capital e no interior.

A secundaria no Gymnasio Paes de Carvalho e em varios collegios equiparados. A superior na Escola Livre de Direito. Ha ainda o Instituto Civico Juridico, onde se tiram diplomas de solicitadores, e bem assim uma escola de pharmacia e outra normal. O Instituto Civico é, no seu genero, o unico que existe no Brazil. O Instituto Lauro Sodré é de artes e officios.

Passemos das escolas á intellectualidade. O Pará, posto que seja um Estado onde a febre do ouro parece absorver todas as intelligencias, conta, comtudo, um bom nucleo de escriptores e jornalistas de merito.

Dentre os primeiros citarei os dois Marques de Carvalho (João e Antonio), Paulino de Brito, Alcides Bahia, Heleodoro de Brito, Arthur Lemos, Flexa Ribeiro, Alves de Souza, Paulo Maranhão, Eustachio de Azevedo, barão de Guajará (historiador), Manoel Barata (tambem historiador), José Chaves e Ignacio Moura. Dentre os escriptores technicos destaca-se, notavelmente, o Dr. Palma Muniz, professional laborioso e competentissimo.

A imprensa, no Pará, é uma das mais adeantadas de todo o norte do Brazil. Os principaes diarios são : *A Provincia do Pará*, a *Folha do Norte* e o *Jornal*. São redactores da *Provincia :* João Marques de Carvalho, Alves de Souza, Tito Franco e Romeu Mariz.

Da *Folha do Norte :* Paulo Maranhão, Eustachio de Azevedo e Umberto de Campos.

Do *Jornal :* Elyseu Cezar, Licinio Silva e Enéas Pinheiro. Publica-se ainda, em Belém, a *Revista Paráense*, que apparece duas vezes por mez.

CAPITULO XXI

PARA

(Continuação.)

SUMMARIO. — A partida do Pará. — Entrada no estreito de Breves. — Um labyrintho de ilhas e canaes. — Santarém. — A desembocadura do Tapajós. — Encontro das bacias hydrographicas do Amazonas e do rio da Prata. — Obidos. — Sua defesa militar. — Algumas cidades do interior. — Itaituba. — Macapá. — Alemquer. — Chaves. — Breves. — Cametá. — Abaeté. — Acará. — Vigia. — Bragança. — A vida das municipalidades. — Synthese das impressões sobre o grande Estado do Brazil equatorial.

São duas horas da tarde. O vapor faz-se ao largo, movendo-se no rumo de Marajó. Estamos em pleno estuario do Tocantins, a que, impropriamente, se tem dado o nome de rio Pará.

Aqui e alli distinguem-se os ultimos vestigios da ilha das Onças, que já fica distante. As helices trabalham, impulsionando o paquete, na direcção do estreito de Breves. Passageiros de todas as origens, á ré e á prôa. Physionomias inteiramente inéditas, passeiam ao longo do tombadilho. Muita gente do Rio, de S. Paulo, de Pernambuco e sobretudo do Ceará, tumultúa naquelle microcosmo fluctuante, que parece querer afundar, com o peso das esperanças, das ambições, e dos projectos que leva no seu bojo.

Eu sabia, atravéz de leituras e informações, que um dos trechos mais bellos da navegação, no baixo Amazonas, era a passagem do estreito de Breves.

Segundo a velocidade media do vapor, e tendo á vista a carta da Amazonia, de que me não separava, calculei que a entrada naquelle estreito deveria ter logar, mais ou menos ás dez horas da noite.

Puro engano. A successão de ilhas e de canaes que se defrontam, a cada passo, retarda a marcha do paquete. O luar derrama-se, abundante, naquellas superficies liquidas e claras.

Na manhã seguinte acordei muito cedo. Da janella do camarote via, á distancia de poucos metros, a galhada des arvores do estreito. O navio entrára-o, ás tres da madrugada, e só o deixou ás dez horas, da manhã. Sete horas de travessia, ou sejam, approximadamente, setenta milhas.

O estreito, em muitos logares não tem mais de quarenta metros de largura. A' direita de quem sobe fica a ilha de Marajó; á esquerda o continente.

E' a passagem obrigatoria de todos as vapores que vão de Belém a Manáos e vice-versa. Porque o transito pelo norte da ilha de Marajó, passando por Caviana, seria longo e demorado. Esse estreito é naturalmente uma passagem que a corrente do Amazonas abriu, no seu trabalho de constante erosão.

D'alli já se começa a ter a noção do que é a floresta equatorial, mysteriosa e profunda. Arvores collossaes parece quererem desabar sobre o paquete, que, com o seu deslocamento, fórma grandes ondas, que vão morrer no interior das mattas alagadas.

O estreito de Breves lembrou-me, em ponto pequeno, o transito da Cacorutuba, no rio Cuyabá. Era em principio de Julho, e, em virtude da grande cheia do anno passado, o rio transbordava na vizinhança da sua fóz.

Comecei a ver espectaculos que nunca vira. Casas de madeira, construidas sobre gyráos, inteiramente ilhadas. Os seus moradores alli entravam e saiam de canôas.

Era imponente e tristissimo. O rio reduzira á miseria as populações ribeirinhas.

A's onze da manhã, o vapor entrou de percorrer um verdadeiro labyrintho de ilhas e canaes, bahias, estreitos e ilhotas ephemeras. Achava-me em presença de um dos aspectos da dynamica do grande rio, que tudo transforma de uma enchente á outra.

Atraz já se tinha deixado Curralinho, Breves e Gurupá, com as suas fortificações em ruinas, fortificações que Maciel Parente levantou em 1621.

***

Depois de uma longa travessia de cincoenta e uma horas, o paquete pára, defronte de Santarém. Como é sabido, essa cidade paraense acha-se bem defronte da embocadura do Tapajós. As aguas deste rio são escuras, as do Amazonas pardacentas.

O encontro de ambas traça uma grande diagonal de uma margem á outra. Não se confundem. Quando vi o Tapajós, senti um certo *frisson*. Havia entre mim e elle um ponto de approximação. Ambos vinhamos da mesma paragem, por caminhos diversos.

Elle, percorrendo os sertões de Matto Grosso e do Pará, procedia do primeiro destes Estados, onde é constituido pelo Juruena e pelo Arinos, que têm as suas cabeceiras perto de Cuyabá.

Eu vinha dessa remota cidade, atravéz do Paraguay, da Argentina e do Uruguay, e, percorrendo 1.200 leguas, ao longo da orla do

Fóz do Tapajós, Santarém. — Pará.

Atlantico sul, encontrava-me com o grande rio mattogrossense na pequena cidade de Santarém.

Saudei-o, com um respeito commovido e sincero.

A cidade estende-se na margem fronteira á embocadura. E' pouco populosa. Não parece ter mais de 12 mil habitantes. Tem um regular commercio de exportação de borracha, cacao, castanhas, peixe salgado, madeiras de construcção e varias plantas medicinaes.

Conta algumas fazendas de creação.

Antigamente fôra um simples aldeamento de indios tapajós. Foi feita villa em 1754. Em 1848 o governo de Mendonça Furtado elevou-a á categoria de cidade. Existe alli um forte abandonado, cuja construcção data do ultimo decennio do seculo XVII.

Até meiado do seculo passado era frequente o commercio entre Santarém e as cidades septentrionaes de Matto Grosso. Esse commercio

fazia-se pelo Tapajós, em pequenas embarcações, que gastavam no seu transito, cerca de trez mezes. Na subida iam carregadas de guaraná, procedente de Mahués.

Hoje Santarém é o emporio de todo o commercio do Tapajós. A cidade tem theatro, mercado e alguns edificios bonitos. Assenta em terrenos baixos, contrariamente ao que se dá com Obidos, que pousa em uma collina de quarenta e dois metros de altura.

O municipio dispõe de uma renda de perto de cem contos annuaes.

O Tapajós, pela sua importancia commercial e hydrographica, é digno de uma referencia mais demorada.

Tem as suas origens nas vertentes dos Parecis. O seu valle é riquissimo.

Ha sido muito explorado. Mas quem melhor o estudou foi o engenheiro portuguez Ricardo Franco, que chegou a publicar uma interessante memoria a seu respeito.

Chandless e o conde de Castelnau o trafegaram. O trabalho mais completo que se conhece sobre o grande rio deve-se a Ferreira Penna. Foi editado em 1869. O Tapajós offerece uma curiosidade digna de nota. As suas fontes ficam na fronteira das duas maiores bacias hydrographicas do mundo : a do Amazonas e a do rio da Prata. Refere Castelnau que o rio Estivado, verdadeira fonte do Arinos (um dos formadores do Tapajós) se acha na anfractuosidade da Chapada, cuja inclinação se volta para o norte, a 200 metros a leste da casa da fazenda do Estivado. Por outro lado, em um burytisal que fica a 84 metros, a oeste da mesma casa, se encontram as nascentes do rio Tombador, tributario do Cuyabá, que, como se sabe, é contribuinte do Paraguay, por intermedio do S. Lourenço. Assim pois 284 metros separam as duas formidaveis bacias hydrographicas. Aquella paragem representa a fronteira de um mundo !

Affirmam que, perto da fazenda do Mocú, situada naquellas regiões, existe um pequeno curso d'agua que, nas grandes cheias, se divide em duas correntes : uma desce para o rio Cuyabá, outra para os nascentes do Tapajós. Estabelece-se então o contacto entre os dois mundos hydrographicos, apezar da interposição das massas de granito do planalto goyano.

Deixei a confluencia do Tapajós á hora do escurecer. Havia chovido, e o céo estava escuro. Dir-se-ia que o vapor navegava dentro da floresta, porque já se não viam as margens do Amazonas.

Porque de Santarém a Obidos são oito horas de viagem, passou-se por esta ultima cidade ás 2 da madrugada.

Por isso só a pude conhecer no meu regresso do Acre. Obidos

assenta na encosta de uma collina de arenito como as collinas de Monte Alegre. Essas eminencias de terreno, no meio de uma planicie infinita, como é a planicie amazonica, muito intrigaram a Agassiz, o sabio naturalista suisso, que por alli andou, em 1865, na sua viagem pelo Solimões, até Tabatinga, na fronteira peruana.

Obidos foi fundada na segunda metade do seculo XVIII. Os seus primeiros povoadores fôram os indios pauxis. Elevou-se á categoria de cidade em 1854. E' uma das passagens mais estreitas do baixo Amazonas, que alli tem apenas 1.892 metros de largura, com uma proprofundidade de 40 metros.

Os primeiros projectos de fortificação de Obidos datam de 1697, ao tempo do governo de Furtado de Mendonça; mas só em 1854 é que se construiu uma fortaleza que ainda hoje está sendo melhorada, com adaptações modernas, por uma commisão de engenheiros militares. Existem alli, como reliquia historica, algumas peças de artilharia portugueza. Em algumas dellas vêem-se gravadas as armas de Portugal.

Obidos é maior que Santarém.

Conta cerca de 20 mil habitantes. Fica á margem esquerda do Amazonas. E' o ultimo ponto onde se sente o effeito do fluxo e refluxo das marés atlanticas.

O municipio exporta peixe salgado, cumarú, cacao, borracha, castanhas, doces em conserva, chocolate e geléas. Tem uma receita de cem contos annuaes.

O Pará dispõe de uma dezena de cidades tributarias, de regular importancia. Citarei, por exemplo, Itaituba, Faro, Alemquer, Gurupá, Macapá, Chaves, na costa septentrional de Marajó; Apuá e Anajás, que demora á margem esquerda do rio do mesmo nome, e que é o principal dentre os que cortam o territorio da grande ilha brazileira. O municipio de Anajás é um dos mais ricos do Estado. Tem uma renda annual de perto de 200 contos. A sua maior exportação consiste na borracha.

Em todos esses municipios, a instrucção primaria acha-se regularmente diffundida, pois o governo estadoal mantem em cada um delles um grupo escolar com bastante proveito.

Breves. E' tambem uma cidade insular.

Fundada no começo da primeira metade do seculo passado, teve a honra de cidade em 1882. A sua principal fonte de riqueza é a gomma elastica. Tem uma receita de 300 contos.

Cametá. Levanta-se á margem esquerda do baixo Tocantins. Será, provavelmente, o ponto de partida da linha ferrea que tem como

objectivo a ligação das partes navegaveis desse rio. Porque o seu ancoradouro é muito melhor e mais favoravel que o de Alcobaça, dez kilometros a montante.

A sua população é de 30 mil almas. E' illuminada a gaz. Conta ruas e praças de excellente aspecto.

Vive da exportação da borracha, do cacao e de cereaes.

Abaeté. Situada no continente, defronta com a bahia de Marajó, e ergue-se á margem direita do rio de que tirou o seu nome. E' uma das cidades mais novas do Pará. A sua maior exportação é a aguardente de canna. Este informe espantará o leitor, que naturalmente nunca suppôz que, na Amazonia, se cultivasse a canna de assucar em tão alta escala, que désse para ser a melhor fonte de vida de um importante municipio paráense.

Depois vêm o cacao, o mel de obelha e pouca borracha.

Igarapé-mirim, que convizinha com Abaeté, tem, economicamente, menos importancia do que ella.

Acará. Ergue-se na margem esquerda do rio do mesmo nome, perto da confluencia do Acará-mirim com o Mirity-pytanga. O seu commercio exporta borracha, madeiras de lei e farinha de mandioca. A principal producção, porém, é o fumo, muito valorizado na Amazonia.

Vigia. E' uma das mais antigas cidades paráenses. Tem cerca de 18 mil habitantes. A principio chamava-se Uruitá. Na primeira metade do seculo passado elevou-se a cidade. A sua maior exportação é peixe salgado, farinha e madeiras.

Ha alli um pequeno estaleiro para construcção de vapores de calados exiguos. Fica no continente, á margem esquerda da desembocadura do rio-mar.

Bragança. E' uma das mais florescentes cidades do interior. Alli termina a linha ferrea de Belém a Bragança, com um desenvolvimento de 236 kilometros.

E' antiga. Foi feita cidade em 1854.

Exporta peixe, aguardente, fumo, algodão e cereaes. Dispõe de muitos campos apropriados á industria pecuaria.

Toda a população do Estado do Pará foi ultimamente estimada em 1.019.000 habitantes. A capital conta 192.000.

O resto acha-se espalhado pelos 51 municipios, com as suas 30 cidades e 21 villas.

A receita integral das municipalidades eleva-se a mais de dez mil contos.

Para os effeitos da administração judiciaria, o Estado divide-se em

comarcas, estas em districtos, estes em circumscripções. Ha 37 grupos escolares esparsos pelos municipios. Além desses grupos ha ainda 111 escolas primarias no interior. A municipalidade de Belém sustenta 57 escolas de ensino rudimentar.

Apezar das paixões partidarias que reinam naquelle grande Estado do Brazil equinocial, é fóra de duvida que existe alli uma admnistração, que se não é das mais fecundas tambem não é das mais desastradas.

Ao lado das iniciativas particulares, vê-se a acção benefica dos governos.

O Estado collabora com o homem, no engrandecimento da mesma terra.

Se não fossem Estados como o Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahia, Minas, S. Paulo e Rio Grande do Sul, o Brazil não seria Brazil. Fallo, no ponto de vista economico.

Porque os outros vivem para ahi, agonizando, no regimen dos emprestimos, emquanto os seus homens representativos percorrem os andares baixos da politicagem, lançando para o ról das cousas inuteis os altos problemas que interessam á collectividade brazileira. O Pará é um exemplo para o Brazil que renasce.

Synthetizando as minhas impressões sobre aquella terra, moça e generosa, direi que, em chegando alli, suppuz que saltava em alguma plaga fecundada pelo espirito emprehendedor e intelligente dos filhos da Norte America.

No equilibrio economico do norte tem um papel de importancia indiscutida, e faz honra a civilização commercial brazileira.

Em traços geraes, aqui deixo as impressões que me ficaram do grande Estado do equador.

Aquella immensa porção da Amazonia, pela actividade e cultura de sua gente, pelo esforço e perseverança no trabalho, é um legitimo orgulho da nossa raça.

CAPITULO XXII

AMAZONAS

SUMMARIO. — Entrada em territorio amazonense. — Parintins. — Itacoatiara. — A foz do rio Madeira. — A confluencia do rio Negro. — Um espectaculo bellissimo. — A ilha de Maratapá. — Chegada a Manáos. — Primeiras impressões da cidade, vista, á noite, de bordo. — O *roadway* fluctuante da Manáos Harbour. — O serviço de embarque e de desembarque. — O porto. — Sua actividade commercial. — Os vapores inglezes e allemães. — A avenida Eduardo Ribeiro. — O movimento urbano e a densidade da população.

Estamos em territorio amazonense.

Depois de haver deixado o porto de Obidos, o vapor lança ferro, defronte, da enseada de Parintins. Gastou dez horas nesse trajecto. Havia, portanto, percorrido, de leste a oeste, todo o immenso Estado do Pará.

Parintins ergue-se á margem direita do Amazonas. E' pequena. Uma unica rua estende-se ao longo do barranco do rio. No cimo de uma eminencia fronteira destaca-se a brancura da torre de uma igreja minuscula. Saltei. Achava-me, pela primeira vez, em terras do maior Estado do Brazil.

Parintins, apezar da sua pequenez, é regularmente antiga. Foi fundada no ultimo decennio do seculo XVIII. A principio teve o nome de Villa Bella da Imperatriz ou Villa Nova da Rainha (D. Maria I). Os seus primitivos povoadores foram os indios mauhués. Mais tarde, em 1833, foi elevada a freguezia, com o nome de Tupinambarana. Vinte annos depois subiu á categoria de villa. Na segunda metade do seculo passado teve as honras de cidade, com a denominação actual.

Este nome lhe vem do accidente orographico (ou da tribu indigena que alli viveu) que, em parte, serve de divisoria entre o Pará e o Amazonas

Ao tempo da cabanada (1835) foi victima do espirito de nativismo dos revolucionarios, que concorreram, grandemente, para a sua decadencia. Nos bosques dos seus arredores abunda a muyrapinima, que, como se sabe, é muita procurada para o fabrico de bengalas. O seu commercio é relativamente pequeno, e vive da exportação da borracha e do cacao.

***

De Parintins a Itacoatiara são quinze horas de viagem. Esta ultima cidade assenta na margem esquerda do Amazonas. Vista de bordo, é bastante pittoresca, com as suas palmeiras e as suas vivendas de aspecto regular. Foi construida sobre terrenos elevados, um pouco a jusante da confluencia do Madeira com o rio-mar, de cuja fóz a separam 270 leguas.

Fundou-a, em 1759, com a denominação de Serpa, o então governador da capitania do Rio Negro, Mello Póvoas.

Itacoatiara era, ha uns 60 annos atraz, o ponto mais longuiquo a que chegavam as canôas vindas de Matto Grosso pelo Tapajós, á procura do guaraná de Mahués, e bem assim as pequenas embarcações bolivianas que desciam o Madeira, contornando as regiões encachoeiradas, por meio de varadouros.

Hoje é um porto commercial de regular importancia. Basta dizer que, no anno passado, d'alli sairam para os mercados do mundo 155.693 kilos de borracha, 730.304 kilos de cacao e 1.382.950 litros de castanhas.

Os arredores de Itacoatiara têm fornecido á paleontologia e á archeologia amazonicas varias collecções de real interesse. Algumas dellas encontram-se nos museos do Pará e do Rio de Janeiro.

Deixando-se Itacoatiara, começa-se de navegar na grande bacia formada pelo encontro das aguas do Madeira com as do Amazonas.

O grande rio, filho da Bolivia, desloca-se á minha esquerda, e o vapor toma o rumo de Manáos, passando pelo canal que fica entre as ilhas Autaz e Trindade. De Itacoatiara á capital do Amazonas os navios gastam, ordinariamente, dez horas de viagem.

Porque partimos ao meio dia, o vapor só devera entrar na fóz do rio Negro de nove para dez horas da noite. Era uma decepção para os meus olhos, que anceiavam por ver o tão fallado encontro das aguas do rio singular com as do Solimões.

A noite era escura. Nada se podia distinguir, na enormidade daquella massa liquida, apenas perturbada pelo rodar constante das helices.

Os passageiros debalde inclinavam-se na amurada do paquete. Sómente o sombrio das aguas e o escuro da floresta, nas margens fronteiras, eram percebidos no meio da solidão daquella noite equatorial.

Ainda na minha viagem de Manáos ao Acre não pude ver o conflicto das duas grandes arterias. O *gaiola* partira ás onze da noite. Só por occasião do meu regresso das regiões acreanas, em maio ultimo, consegui satisfazer a minha curiosidade. Estava-se na época das enchentes maximas de todos os formadores amazonicos. O Solimões e o rio Negro transbordavam. Quando o vapor entrou na embocadura deste ultimo rio e os meus olhos puderam ver o encontro solenne das aguas dos dois gigantes, senti uma profunda emoção, deante do grandioso daquelle espectaculo. Imagine o leitor duas formidaveis caudaes, uma de aguas pardacentas, outra de aguas escuras como tinta Sardinha. Uma precipita-se sobre a outra. As aguas não se confundem. Ha uma diagonal perfeita, que as separa. A's vezes, devido ao impulso violento da corrente, um trecho do rio Negro entra pelo Solimões. Mas alli ficam, como se fossem dois liquidos de côres e densidades differentes, dentro de um mesmo vaso crystalino.

A pesca na Amazonía.

E o *gaiola*, na sua indifferença de aço, corta aquelle mar de agua

doce, deixando na retina dos olhos mais intelligentes e amigos da natureza uma dessas impressões que se perpetuam, atravéz de toda uma vida.

Na fóz do rio Negro existe uma ilha (Marapatá), formada, naturalmente, pelos detrictos trazidos da montante, e que alli pouco a pouco se accumularam. E' pequena e coberta de uma vegetação verde-escura. Constitue um dos pontos de recreio da população de Manáos, no tempo da estiagem.

São dez horas da noite. Estamos em frente de Manáos. Ninguem desembarca. Fronteirando o caes, lá está o holophote da alfandega, varrendo a vasta bahia do rio Negro, com o seu feixe de raios luminosos.

O vapor lança ferro nas proximidades do *roadway* fluctuante da Manáos Harbour. A parte da cidade, que se derrama pelo littoral, faisca, na abundancia da luz electrica que se diffunde no espaço, dando a impressão de um luar phantastico.

De longe vêem-se os *tramways* que passam carregados de passageiros.

Automoveis e carros deslizam, com rumor, sobre os parallelipipedos das ruas e das praças. Todo esse pedaço de vida nocturna, em terra, eu o acompanhava com os olhos e os ouvidos, de pé, no tombadilho do paquete. Pudesse, e naquella mesma hora eu saltaria, a fim de ver a famosa capital do Amazonas, da qual se contam tantas maravilhas no sul do Brazil.

Amanhece. O thermometro de bordo accusa 29º centigrados. Julho. Dia de sol. Céo limpo e luminoso. A's sete horas, o navio está desembaraçado das visitas da saude e da alfandega.

A's sete e meia, salto em terra. O que primeiro me impressiona, soberbamente, é o caes fluctuante da empreza Manáos Harbour.

Tem cerca de 300 metros de comprimento e uns 40 de largura.

Nelle atracam os transatlanticos inglezes e allemães, os navios do Lloyd e todos os pequenos vapores que fazem o commercio do interior do Amazonas e territorio do Acre.

E' intenso o movimento do porto. Ha dezenas de embarções aqui e alli, ao longo da linha do caes. São os *gaiolas*, as lanchas, os lanchões, as alvarengas, os saveiros, as catraias, os botes e as montarias do caboclo indomito. Tudo isso imprime ao porto de Manáos uma actividade como nunca vi nos portos de certa importancia do sul brazileiro. O movimento commercial, no Amazonas, é verdadeiramente espantoso, se levarmos em conta a pequena cifra de sua população. Em se chegando a Manáos, e vendo aquella vida febril e eston-

teadora, tem-se a illusão momentanea de achar-se em uma cidade da California, plantada á beira de uma mina de carvão de pedra.

Sobre o caes fluctuante e em terra firme, erguem-se doze grandes armazens destinados ás mercadorias que chegam da Europa e do Rio de Janeiro, e ás que d'alli saem, ora para o interior, ora para os differentes portos estrangeiros que se acham em contacto commercial com o grande Estado do septentrião.

Os vapores inglezes e allemães que fundeiam na bahia do rio Negro, deixam e recebem o seu carregamento pelo systema de carga e des-

Roadway Fluctuante da Manáos Harbour. — Manáos

carga aérea. Os do Lloyd e os da navegação interior o fazem, por meio de vagonetes, que se movem á custa de energia electrica. E' um espectaculo animador, que enche de justo orgulho a alma brazileira, aquelle movimento continuo, á margem do rio Negro.

A Manáos Harbour é uma das emprezas mais poderosas do Brazil. Passa por seus armazens toda a mercadoria que chega ou sae de Manáos.

A taxa é cobrada, segundo o peso dos volumes. Subordina-se á seguinte proporção :

Volume até	50	kilos	$300
—	90	—	$600
—	100	—	$700
—	200	—	1$700
—	500	—	4$700

A armazenagem é feita da seguinte maneira :

No 1º mez.....	1 %	ad valorem.
No 2º mez.....	1 ½ %	—
Do 2º mez em deante.....	3 %	—

E' uma empreza millionaria. O serviço que ora é feito pela Manáos Harbour devera-o ser pela União ou pelo Estado do Amazonas. Seria uma extraordinaria fonte de receita.

***

Manáos de agora já não é Manáos de dez annos atraz. Comtudo vê-se ainda alli uma cidade européa, assim no aspecto das suas cousas, como no ponto de vista do seu cosmopolitismo. Depois de haver transposto a ponte que liga o continente ao caes de desembarque, acho-me em uma vasta praça, arborizada com muito gosto. E'a praça Quinze de Novembro, onde se levanta, sobre um largo terraço, rodeado de jardins, a magestosa matriz da cidade, com a sua larga escadaria de pedra talhada. A' direita de quem salta fica o edificio da alfandega.

E' sumptuoso. Continuando pela praça Quinze de Novembro, dirijo-me ao Grande Hotel. Instalo-me. E' o melhor; e, francamente, nada tem a invejar aos do Rio de Janeiro. Amplo, com dois andares, illuminado a luz electrica, com aposentos magnificos e confortaveis, o hospede sente-se alli á vontade.

A diaria varia de 15$ a 20$. O salão das refeições, é provido de ventiladores electricos, e o mobiliario é moderno, e finissimo. Fica na avenida Municipal, a segunda em belleza e movimento.

Porque fosse ainda cedo, dispuz-me a percorrer algumas ruas da formosa Melbourne brazileira. Tomei a direcção da bella avenida Eduardo Ribeiro. E' larga, tem passeios largos e boa arborização.

Começa na praça Quinze de Novembro e acaba na da Saudade, no ponto em que se ergue o grande e sumptuoso Theatro Amazonas, o primeiro do Brazil, depois do nosso Municipal.

Fronteiro ao theatro, destaca-se o magestoso Palacio da Justiça. São dois monumentos de architectura que muito honram a formosa princeza do rio Negro. Na avenida Eduardo Ribeiro, é que se acham installadas as principaes casas de commercio e redacções de jornaes.

O movimento alli é enorme, principalmente á noite. Os passeios estão cobertos de mesas, onde se servem sorvetes e toda a sorte de bebidas que envenenam os organismos ainda não acclimados naquella terra.

E' intensa a corrente de automoveis, carruagens descobertas e de tramways electricos pela grande arteria. Tem-se a impressão de um notavel centro de vida, com todo o conforto e requinte do mundo contemporaneo. Voltemos ao Grande Hotel.

São horas do almoço. Uma excellente orchestra derrama na ambiencia do amplo refeitorio as suas ondas de harmonias deliciosas

Tracção aérea no porto de Manáos.

A's mezas gente de todas as procedencias, estrangeiros de todas as origens e nacionaes de varios Estados.

Noto symptomas de bem estar naquelles semblantes movimentados e alegres. Quasi todos trajam de branco, calçam sapatos brancos e usam chapeos de Chile. E' o *chic*, em Manáos. O clima justifica-o, sobejamente. O clima e a fartura do ouro. Nas ruas fronteiras os garotos apregôam, a plenos pulmões,os jornaes da manhã : O *Amazonas* ! o *Jornal do Commercio* ! o *Diario do Amazonas* ! o *Correio do Norte* ! Custa 200 réis cada um e trazem poucos telegrammas do Rio e do exterior, porque é elevadissima a taxa telegraphica da compa-

nhia ingleza que tem o monopolio do cabo sub-fluvial, entre Belém e Manáos.

Essa companhia cobra 2$400 por palavra, de uma á outra das capitaes acima referidas, e mais 300 reis da taxa federal. Ao todo 2$700 por palavra de Manáos a qualquer ponto do Brazil. E' uma iniquidade e um absurdo que estão a reclamar a attenção do nosso governo.

A imprensa da capital do Amazonas vive, de ordinario, a transcrever o serviço telegraphico dos jornaes do Pará, principalmente o da *Provincia*, que é o mais abundante. Assim as ultimas noticias da capital da Republica são conhecidas em Manáos, quatro dias depois de o haverem sido na capital paráense.

Além disso o cabo sub-fluvial está quasi sempre interrompido, ora por accidentes justificaveis, ora por interesses financeiros da praça de Manáos.

Creio que nenhuma outra cidade do Brazil tem uma população mais densa que a metropole amazonense. A area da cidade é relativamente pequena. A população é de 60 mil almas. Parece um ovo. D'ahi o grande movimento urbano. D'ahi a excellente impressão que o forasteiro recebe, de golpe, em chegando áquelle viveiro de ambições e de luxuria, que tem feito a ruina de muita gente e a fortuna de meia duzia de homens sem escrupulos, que mais preferem algumas milhares de libras esterlinas do que um nome limpo e respeitado. Não os nomeio. São por demais conhecidos em todo o paiz, e as suas façanhas já passaram do terreno da historia para o dominio das narrações anonymas.

CAPITULO XXIII

AMAZONAS

(Continuação.)

SUMMARIO. — Viação urbana. — O Theatro Amazonas. — O Palacio da Justiça. — Hoteis e cafés cantantes. — Vida nocturna. — Uma cidade cosmopolita no meio de um deserto. — A liberdade de costumes e o retraimento das familias. — Uma sociedade *sui generis* em todo o Brazil. — Avenidas, praças e logradouros publicos. — A orgia dos governadores. — Hygiene, agua, esgoto e illuminação. — A imprensa em Manáos. — Litteratura adventicia.

Manáos dispõe de um regular serviço de bonds electricos, que partem da sua estação, á praça Quinze de Novembro, e se dirigem a todos os angulos da cidade.

O movimento de tramways é continuo, apezar da intensa corrente de automoveis e carragens que cruzam todas as ruas, durante o dia e a noite. Relativamente á cifra da população, ha mais vida e rumor em Manáos que no Rio de Janeiro. Ao longo do caes de desembarque, sente-se um sopro de vida norte-americana. Ninguem que jamais se afastou desta formosa e turbulenta metropole brazileira, acreditará, que, a novecentas milhas do oceano Atlantico, se levante, no meio de um deserto, uma cidade luxuosa, cortada de grandes avenidas, de praças ajardinadas, com lindos arrabaldes, em summa, com o conforto e o bem estar dos grandes centros de vida européa. A sua architectura é leve, graciosa e variada. Existem alli verdadeiros monumentos da arte de construir, como o sumptuoso Theatro Amazonas, a alfandega, a bibliotheca publica, o quartel da policia, o gymnasio Amazonense, os enormes edificios das grandes casas commerciaes, agencias de vapores, estabelecimentos bancarios, etc.

O Theatro Amazonas assenta no extremo mais elevado da avenida Eduardo Ribeiro. E'avistado de qualquer ponto da cidade. E'

uma das primeiras cousas que prendem a attenção de quem chega á linda princeza do rio Negro. O interior do theatro é simplesmente magestoso. O seu *foyer* só tem, entre nós, um competidor no nosso Municipal. E' rodeado de immensas columnas, fingindo marmore. Decoram-no diversos quadros de De-Angelis. Um desses quadros tem um sabor finamente regional : representa uma pequena fracção da floresta amazonica.

Vêem-se alli os bustos de muitos dos grandes vultos do theatro moderno e contemporaneo. E' todo illuminado a luz electrica. O Palacio da Justiça é outro monumento architectonico de Manáos. E' de estylo romano da renascença, e defronta com o grande theatro.

***

Manáos, apezar de ser cidade desde 1848, só depois da Republica é que se desenvolveu, graças ao genio administrativo de Eduardo Ribeiro. Os seus hoteis são de primeira ordem. Citarei, dentre elles, o Grande Hotel, o Hotel Cassino e o Hotel Francez, que vivem repletos de hospedes de todas as procedencias. Conforme o aposento, o preço da diaria, em qualquer delles, varia entre 15$ e 20$. Essa diaria seria exagerada aqui, no Rio. Lá parece-me razoavel. Porque qualquer empregado de banco ou de casa commercial importante ganha 1 : 500$ mensaes. O commercio paga aos seus empregados o triplo ou o quadruplo do que, ordinariamente, se paga no Rio ou em S. Paulo.

O preço da vida é compensado pelo vulto dos honorarios. Os cafés-cantantes multiplicam-se pelas avenidas de Manáos.

O mais frequentado é o Chalet Jardim, á praça da Republica. E' o ponto de reunião da sociedade de homens e mulheres debochados, que alli vêem correr as horas, entre a cerveja e o champagne.

Ha cafés dessa natureza que nunca fecham, como o Café dos Terriveis, que vê nascer o sol com as suas portas abertas e as suas mezas ainda humidas dos excessos das bebidas derramadas...

A vida nocturna, em Manáos, é digna da penna de um psychologo.

As *demi-mondaines* vêm para as avenidas e para as praças, de carruagem, e nos terraços passam horas inteiras, na maior liberdade, em companhia de nacionaes e estrangeiros. Aquella licença de costumes merece um registro. Homens que, aqui, no Rio, são o exemplo da austeridade e da moral privada, em chegando á capital do

Amazonas, transformam-se por completo. Entregam-se á vida livre das *cocottes*, gastam o ultimo vintem, muitas vezes ganho, com indiziveis sacrificios, nas seringaes do Acre, medindo terras, advogando ou clinicando.

A influencia mesologica é poderosissima. Só uma natureza concentrada e possuida de uma immensa capacidade de querer, conseguirá atravessar o meio social de Manáos, incolume do bacillo da orgia amazonica. Manda a verdade que se diga que nem toda a sociedade de Manáos é corrompida e licenciosa. Ha alli, e em grande

Avenida Municipal. — Manáos.

numero, pessôas distinctissimas, e bem assim familias dignas do maior acatamento e respeito. Mas essas pessôas e essas familias vivem numa reclusão completa.

A's vezes, as senhoras nem chegam á janella. Raramente vão á igreja ou ao theatro. Porque receiam confundir-se com a sociedade duvidosa que, na sua grande maioria, se agita na longinqua Melbourne brazileira. De quem a culpa? Do governo? Da policia? Não sei. Talvez se trate de habitos inveterados, que só a evolução corrigirá. A sociedade livre é sempre representada pelo elemento adventicio, que todos os dias os paquetes nacionaes e estrangeiros despejam no *roadway* fluctuante da Manáos Harbour. Manáos é a cidade mais cosmopolita de todo o Brazil. Creio que não erro, affirmando que 90 % da sua população de 60 mil almas, são estrangeiros ou brazileiros de origem varia. A população natal é in-

significante. Durante os quatro mezes em que lá estive, não conheci dez manáoenses.

*
* *

A capital do Amazonas dispõe de bellos logradouros. Os principaes são os das praças Quinze de Novembro, da Constituição, da Republica, General Osorio, onde fica o quartel do 46º de caçadores.

Na praça Tamandaré, tambem ajardinada, levanta-se a estatua de Tenreiro Aranha. A praça da Saudade não tem arborização, mas é ampla e rodeada de lindas construcções. Depois da grande avenida Eduardo Ribeiro, as vias publicas mais notaveis são a avenida Municipal, onde se ergue o bello edificio do gymnasio Amazonense; a Epaminondas e as que têm os nomes dos dois irmãos que successiva e penultimamente governaram o grande Estado equinocial brazileiro. São tambem dignas de referencia as ruas Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Joaquim Sarmento, dos Remedios, Marechal Deodoro e Henrique Martins. Não se vê, em Manáos, uma só rua velha, estreita e anti-hygienica.

Tudo é novo, e revela que se está em uma cidade edificada, depois da Republica.

Reconstruiu-a o espirito intelligente de Eduardo Ribeiro, o Pensador.

Manáos tudo deve a esse homem benemerito, que ambições politicas afastaram, criminosamente, da vida publica.

Estive na casa em que elle foi assassinado, por ordem de trez ou quatro ambiciosos que juraram chamar a si os destinos do Amazonas, que um dia os havia de tornar plutocratas, a elles que, ao proclamar-se a Republica, andavam com os dedos saindo pelos rasgões da botina!

No Amazonas tudo é grande, até os escandalos. A sua historia é apenas conhecida aos fragmentos. Ainda não foi escripta. Ha materia para muitos volumes, em grande formato.

Em Manáos ouvi contar casos tenebrosos e inverosimeis. Narra-se alli que certo governador, desejando favorecer um amigo (e dizem que socio nas suas patifarias), deu-lhe a incumbencia de construir um palacio para o governo, por uma somma fabulosa. Antes de o monumento estar concluido, commetteu a outro amigo (e, naturalmente, socio tambem) a missão de o demolir, sob o pretexto de que a obra não preenchia os fins a que se destinava. Nesse trabalho de

demolição gastou o dobro do que foi gasto na construcção primitiva. E'tão escandaloso que nem merece commentarios. Factos analogos contam-se alli ás centenas.

E' por essas e outras que um Estado que tem perto de 20 mil contos de rendas annuaes, deve para mais de 80 mil.

Não fossem os esbanjamentos que alli se repetem e que são conhecidos de todo o paiz, e Manáos poderia ter as suas ruas e as suas praças calçadas a parallelipipedos de prata. A' miseria do thesouro do Estado corresponde a opulencia de meia duzia de millionarios, que são apontados na via publica, e que ficarão marcando uma era na historia politica do Brazil contemporaneo.

***

Nestes ultimos tempos, tem sido descurada a hygiene official em Manáos.

Em algumas praças publicas, como a Quinze de Novembro, os lagos estão cheios de uma agua verde e putrefacta.

São o pouso obrigatorio dos anópheles, transmissores do impaludismo e da malaria.

O erario está em pessimas condições, e o Estado e a municipalidade nada têm feito em favor da hygiene collectiva.

O pouco que se tem realizado para melhorar as condições sanitarias da cidade, deve-se, exclusivamente, á iniciativa dos particulares. Manáos é abastecida da propria agua do rio Negro. Depois de filtrada, é regularmente boa. Achei-a melhor e mais saborosa que a que se bebe em Boenos Aires, colhida no estuario do Prata.

Apezar dos descuidos do governo, no tocante á salubridade publica, Manáos é uma cidade onde morre pouca gente.

Dão-se alli de quatro a seis obitos por dia, o que não é muito para uma população de 60 mil habitantes.

E' bem verdade que grande numero de pessôas que alli adoecem de beriberi ou de impaludismo, se retiram para a ilha da Madeira ou para o sul da Republica.

Por outro lado, muitas dessas pessôas contráem semelhantes molestias (principalmente as polynevrites), devido aos excessos de uma vida muita vez dissoluta.

Tanto é assim que aquelles que são abstemios e methodicos, atra-

vessam muitos annos em Manáos, incolumes de qualquer entidade pathogenica.

A's vezes, o mal está no homen, e não no clima. Comtudo, não chegarei a concluir, como Euclydes da Cunha, que o clima do Armazonas é *um clima calumniado.*

***

A formosa capital do grande Estado do Equador assenta sobre antigos igarapés aterrados. Alli o trabalho do homem foi herculeo, no transformar terrenos apaulados em amplas e bellas avenidas, como as que, presentemente, aformozeam a metropole da terra dos tapuios.

Manáos ainda não tem um serviço completo de esgotos, abran-

Avenída Eduardo Ribeiro. — Manáos.

gendo a totalidade das suas ruas. Mas os trabalhos de assentamento da rêde continuam a ser executados, com regularidade. Da mesma fórma o abastecimento de agua a cargo da Manáos Improvements Limited. A agua do rio Negro, apezar de passar atravéz de grandes filtros de polarite, não é crystalina, A presenta uns tons amarellados.

Toda a cidade (inclusive as habitações particulares) é illuminada

a luz electrica. Dispõe de um excellente mercado publico. E' construido de ferro e madeira, e fica situado á beira do rio. Divide-se em tres secções, uma para carnes, uma para peixes, outra para cereaes e verduras.

Aos fundos desse mercado acaba de ser construido um outro, destinado ao commercio exclusivo de tartarugas.

Até hoje só tenho visto um unico mercado com tanto movimento como o de Manáos. E'o de Assumpção, no Paraguay. Como se sabe, é pelos mercados que se avaliam as riquezas alimentares de uma população. O da capital do Amazonas é provido de tudo que se possa imaginar. Nelle se encontram, em larga escala, todas as especies de legumes e hortaliças, cousas que nunca suppuz houvesse no paiz do ouro negro.

A pessôa mais exigente terá tudo que deseja, percorrendo o vasto e agitadissimo mercado da metropole amazonense. Ha poucos arrabaldes. Os melhores são Flores e Cachoeirinha. O primeiro fica a sete kilometros da cidade. No caminho de Flores é que se vê, á direita de quem vae, antes de chegar-se ao igarapé da cachoeira Grande, a chacara, onde foi miseravelmente assassinado Eduardo Ribeiro.

Na estrada de Flores ha lindos sitios com arvores fructiferas, como a mangueira, a jaqueira, o cajueiro, a goiabeira, a larangeira, o limoeiro e muitas outras.

Em alguns vêem-se legumes, hortaliças, milho, feijão, mandioca, etc, emfim tudo que se depara nas vivendas ruraes do Rio de Janeiro. Foi uma surpresa para mim, que sempre imaginei que no Amazonas só houvesse borracha e beriberi.

***

Além do grande Theatro Amazonas, a capital conta ainda mais dois : o Julieta e o Alhambra. Todas as noites ha concertos nos principaes hoteis, cousa que ainda se não vê no Rio de Janeiro.

Por isso, Manáos, assim no aspecto como em seus habitos, é uma cidade de cunho accentuadamente europeu.

Com o Rio e S. Paulo, constitue as tres mais bellas, mais progressivas e mais movimentadas cidades do Brazil.

Em Manáos, a imprensa tem um desenvolvimento talvez superior ao coefficiente da população. Parece que todos alli sabem ler. Pela

manhã, publicam-se o *Diario do Amazonas*, o *Jornal do Commercio* e o *Correio do Norte*.

Até ha poucos mezes era publicado o *Amazonas*, diario tambem matutino.

A'tarde, edita-se a *A Noticia*.

Existem alli alguns clubs familiares, um hypodromo muito concorrido, um gremio litterario e sportivo e uma bem organizada linha de tiro, no bosque Municipal.

Encontram-se, em Manáos, alguns homens de lettras de merecimento, mas que não são filhos da terra. Por isso não lhes citarei os nomes. A litteratura, no Amazonas, é adventicia, como a grande maioria da sua população. Reflecte, admiravelmente, o facies heterogeneo e muitas vezes transitorio das sociedades emigradas.

CAPITULO XXIV

AMAZONAS

(Continuação.)

SUMMARIO. — Ensino publico. — A bibliotheca e o archivo do Estado. — Estações thermo-pluviometricas. — Alguns dados meteorologicos e astronomicos. — O Estado e a sua pretensão ao territorio do Acre. — Os conflictos da linha divisoria. — Navegação interior. — Defesa militar das fronteiras. — Situação das guarnições fronteiriças. — A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

O ensino publico em o Amazonas está regularmente diffundido, assim na capital como no interior. Em Manáos funciona, com muita frequencia, o gymnasio Amazonense, uma escola normal, uma complementar, o Instituto Benjamin Constant, além de grande numero de escolas primarias.

Fundou-se alli, no anno passado, uma Universidade Popular Livre que já vae dando excellentes resultados.

A cidade dispõe de uma esplendida bibliotheca, installada em predio magnifico, onde tambem se acham a repartição de estatisticas, o archivo, a imprensa official e a secção de numismatica.

A directoria da carta maritima installou, no Estado, ha cerca de dois annos, varias estações thermo-pluviometricas, que ficaram sob a guarda dos professores municipaes. São estes os logares que dispõem de tal melhoramento : Bôa Vista, no alto rio Branco; S. Joaquim, no alto rio Negro; Parintins, no baixo Amazonas; S. Felippe, no medio Jurúa; Antimary, no Acre meridional; Canutama, no baixo Purús; e Manicoré, no curso medio do Madeira.

Vejamos, em Antimary, no baixo Acre, alguns dados meteorologicos, obtidos durante o mez de março de 1909 : evaporação 1.8; chuvas caidas 176 m/m; vento SW; temperatura maxima 36°, 5 C; temperatura minima 20°, 5 C; media 27°,3 C.

No anno passado, na mesma época, o logar onde chuveu mais, no Amazonas, foi em S. Felippe. O pluviometro alli acusou 463 m/m.

As temperaturas maxima e minima fôram, respectivamente, 34°,6 e 20°,2.

A media annual foi de 26°, 4.

Esses dados thermometricos são mais ou menos os de Manáos, cujos factores astronomicos e meteorologicos são os seguintes :

L. S. 3° 8'; L. O. R. J. 16°50'; altitude 1m,20; pressão barometrica ordinaria 756; temperatura maxima 37°,5; temperatura minima 18°,8; evaporação 20. 1; humidade 76.6; chuva 2m, 229.

Todos esses dados representam uma media annual para nove annos de observação.

***

O Amazonas de modo algum se conformou ainda com a federalização do territorio do Acre. Entende que lhe deviam pertencer, por direitos que suppõe adquiridos, aquelles 191 mil kilometros quadrados de terras preciosas.

Porque não esteja devidamente locada a linha geodesica Cunha Gomes, são constantes os conflictos e reclamações dos agentes do governo estadoal, com relação á borracha exportada por alguns seringaes que ficam na linha divisoria.

Em caracter temporario, fôram pela União designados os seguintes pontos para fronteira entre o territorio federal e o Estado do Amazonas, para os effeitos do imposto sobre a exportação da gomma elastica : no Purú, o barração Barcellona; no Juruá, Olivença e Arenal; no Tarauacá, a fóz do Murú; no Envira, a confluencia do Jurupary; no Yaco, Senna Madureira; no rio Acre, os marcos que ficam nas proximidades de Caquetá.

O governo do Amazonas queixa-se de que a União mandou collocar agentes fiscaes na fóz do Riozinho (Acre) e no igarapé Macapá (Purús), logares esses que distam, respectivamente, da linha Beni-Javary 62 e 52 kilometros.

As desavenças entre os representantes dos fiscos federal e estadoal são frequentes.

Valem a pena de uma solução definitiva, ou accordo, entre os dois governos.

O *Modus vivendis* que o ministerio da fazenda estabeleceu, em 1907, não tem colhido bom fructo.

O Amazonas ainda não tem os seus limites geographicos, definitivamente fixados com o Pará e Matto Grosso.

***

A navegação interior, no Estado de que me occupo, é talvez a maior de toda a America do Sul.

A Amazon Steam Navigation Company, limited, com as suas dezenas de confortaveis vapores, faz o trafego do Madeira, do Purús, do Juruá e do Solimões até Iquitos, no territorio peruano. Essa linha de navegação é subvencionada pelo governo federal.

Outras emprezas de navegação, e bem assim grande numero de

Ponte da Cachoeira Grande. — Manáos.

casas commerciaes de Belém e de Manáos, contribuem com uma enormidade de vapores, que trafegam nos rios já citados e em muitos outros que offerecem navegação mais os menos franca. Na época das aguas, é um bello espectaculo ver os portos de Belém e de Manáos semeados de *gaiolas*.

Uns vêm repletos de borracha, consignada ás casas aviadoras; outros saem sobrecarregados de mercadorias para os seringaes mais longinquos dos formadores amazonicos. E'uma actividade que nos deve encher de satisfacção, a nós, filhos deste paiz, adolescente e fecundo.

O intercambio commercial é simplesmente espantoso, naquellas afastadas paragens do Brazil.

Como é sabido, o Amazonas vive do imposto sobre a exportação da borracha, do caucho, da castanha, do cacao, do peixe salgado e de algumas fibras vegetaes.

***

Limitando-se com tantas nações estrangeiras, e estando a ellas ligado pela vasta rêde hydrographica que percorre o seu territorio, o Amazonas devera ter outros meios de defesa mais promptos e efficazes. Não os tem, porque o estabelecimento de guarnições militares naquelles desertos rincões das nossas linhas divisorias, seria um pesado sacrificio de vida, talvez inutil.

Quasi todos aquelles logares são grandemente insalubres. Os nossos soldados não passam alli trinta dias. Chegam, morrem, ou regressam inutilizados para sempre pelo impaludismo ou pelo beriberi.

Todos os dias chegam a Manáos officiaes e praças, uns atacados de polynevrites, outros trazendo no sangue os hematozoarios de Laveran. Procedem das guarnições fronteiriças.

No Amazonas e no territorio do Acre, existem forças federaes nos seguintes pontos :

Em Tabatinga (alto Solimões), na fronteira peruana, uma bateria independente. Tabatinga é um logar quasi despovoado e sem recursos.

No rio Branco, o forte de S. Joaquim, nos limites com a Goyana ingleza.

Em Cucuhy, no alto rio Negro, divisa com a Venezuela, um destacamento.

No territorio neutralizado do Breu ha uma guarnição mixta da marinha e do exercito. O Breu é um affluente do alto Juruá e demora na fronteira boliviana. No territorio neutralizado do Cathay ha tambem uma guanição naval e terrestre.

Em Constantinopla, no rio Japurá, na fronteira da Colombia, existe um destacamento de poucas praças. Da mesma fórma em Catuhé, no rio Içá, nos limites com o Purú e Colombia.

Além desses pequenos nucleos de defesa militar, encontra-se, na séde de cada prefeitura do territorio do Acre, uma companhia regional, com o effectivo official de cem homens. Particularmente não tem a metade. Tudo isso é muito pouco para segurança dos nossos

direitos e tranquillidade das populações daquelles confins do Brazil. Por maiores que sejam os desejos e o patriotismo dos nossos homens de governo, é muito difficil tornar excellentes as condições dos nossos soldados, nas guarnições fronteiriças do Amazonas.

Porque á vontade humana antepõe-se a inexorabilidade de uma natureza madrasta. Todos esses destacamentos vivem desservidos de medicos, de pharmaceuticos e até de quarteis. Tudo alli está a reclamar uma pouca da attenção cuidadosa do governo, afim de suavizar, de alguma fórma, a situação dos que, por dever de officio, vão ter ao remoto paiz das polynevrites. E'raro o official, o medico ou pharmaceutico que passa trez mezes em qualquer daquellas regiões.

Acontece regressarem no mesmo vapor, com as pernas desgovernadas pelo beriberi, ou com o figado engorgitado pelo impaludismo. O serviço militar nas fronteiras amazonicas é o mais pesado tributo que se possa pagar a este paiz.

***

Não é novo o projecto de construcção de uma via ferrea que, contornando as cachoeiras dos rios Madeira e Mamoré, em uma extensão de 330 kilometros, ligasse o valle do Amazonas á primitiva capital de Matto Grosso, que, como se sabe, demora á margem esquerda do Guaporé.

Já em 1870 o segundo imperio cuidou da solução do problema, fazendo a concessão de um privilegio por 50 annos, para o estabelecimento de uma linha que, partindo da cachoeira de Santo Antonio, fosse ter á cachoeira de Guajará-mirim.

A Madeira-Mamoré Railway, organizada em Londres, dois annos depois, não levou avante o seu emprehendimento, por causa de innumeras difficuldades que surgiram. Os seus trabalhos tiveram inicio, chegando-se mesmo a inaugurar seis kilometros de linha. Ouviu-se então, pela primeira vez, no Amazonas, o silvo da locomotiva, acordando o silencio da floresta virgem. Grande parte dos materiaes foram abandonados, em Santo Antonio.

Em 1882, fizeram-se novos estudos para a construcção da estrada.

Esses estudos, que terminaram, em 1884, realizaram-se com grandes sacrificios de vidas, por causa das febres alli reinantes. Attingiram elles Porto Velho, sete kilometros abaixo de Santo Antonio.

De Porto Velho até Guajará-mirim a estrada teria um desenvolvimento de 361 ½ kilometros. Com o traçado de algumas variantes, a commissão reduziu esse percurso a 340 kilometros.

Estudos posteriores trouxeram-lhe ainda uma reducção de cerca de 11 mil metros. O orçamento respectivo foi calculado em 9 mil contos.

A Republica não descurou da solução desse importantissimo problema, de tão proveitosos resultados, tanto na ordem politica, como na ordem economica.

Segundo o barão de Melgaço, da fóz do Madeira á primeira cachoeira de Santo Antonio são 186 leguas. Dessa cachoeira á confluencia do Beni com o Mamoré são 60 leguas. Dessa confluencia á cachoeira de Guajará-mirim são 10 leguas.

De Guajará-mirim á juncção do Guaporé com o Mamoré medeia uma distancia de 34 leguas. Desse ultimo ponto ao forte do Principe da Beira são 20 leguas.

Desse forte á Villa Bella, primitiva capital de Matto Grosso, ha uma distancia de 180 leguas. Total : 490 leguas de 20 ao gráo. Da fóz do Madeira a Belém do Pará são 280 leguas. Assim uma enorme distancia de 770 leguas separa a capital do Pará da antiga metropole de Matto Grosso.

***

Pela construcção da Madeira-Mamoré estavam a reclamar os interesses commerciaes do Pará, do Amazonas, de Matto Grosso e da Bolivia, que precisava de uma via para os seus productos, no rumo do Atlantico.

Em 1905, em virtude de uma das clausulas do tratado de Petropolis, obrigou-se o governo brazileiro a levar a effeito a construcção dessa via ferrea.

No anno seguinte, celebrou-se o contracto respectivo com o engenheiro Catramby. Pelo espirito desse contracto, o traçado definitivo afastou-se um pouco dos anteriores, com o fim de beneficiar as condições technicas da linha, que será o grande escoadouro da producção dos valles, não já do Madeira, senão tambem do Madre de Dios e do Beni.

Como é sabido, este ultimo rio, juntando-se ao Mamoré, dá logar á formação do Madeira. Só 200 kilometros acima dessa confluencia é que o Beni recebe o Madre de Dios.

A construcção dessa linha ferrea tem occasionado immensas perdas de vida, ora pelo beriberi, ora pela malaria.

Talvez a abertura do canal do Panamá não haja victimado tanta gente como a Madeira-Mamoré.

Os seus trabalhos começaram em 1908. Já existem 120 kilometros de via permanente. O leito em condições de receber dormentes, já tem uma extensão de 150 kilometros.

Em maio do anno proximo passado, a commissão entregou ao trafego 88 kilometros. Esse trecho vae de Porto Velho, ponto inicial da estrada, até ao Jacy-Paraná. A linha dispõe de 11 locomotivas em funcionamento, 2 carros para passageiros de 1.ª e 2.ª classes, 24 carros para transporte de mercadorias, 100 carros plataformas, diversos trolys e 2 automoveis. Já se iniciou o serviço de substituição das pontes provisorias de madeira pelas definitivas metallicas.

Porto Velho, que, ha dois annos era uma tapera, é hoje uma povoação movimentada e florescente, com illuminação electrica, agua canalizada e rêde de esgoto.

A linha telegraphica que acompanha a estrada já attingiu o kilometro 130. Porto Velho está ligado a Manáos pelo telegrapho sem fio, em uma distancia de 800 kilometros. Esse serviço radiographico acha-se a cargo da Madeira-Mamoré Railway Company.

A geologia do valle servido por essa estrada é propria á cultura do cacao, do café, da canna de assucar, do trigo, do centeio, da vinha etc.

Esse valle já exporta ipecacuanha, quina, baunilha, salsaparrilha e borracha, em grande quantidade.

No periodo de inverno, assim como na baixa das aguas, as condições sanitarias daquellas regiões não são de facto excellentes, como ainda ha pouco o provou, de modo exuberante, o eminente Dr. Oswaldo Cruz.

***

A estrada de ferro que se projecta construir do Jaurú ao Guaporé será um complemento da Madeira-Mamoré, porque ligará a bacia do Amazonas á do rio da Prata. O Jaurú é, como se sabe, tributario do alto Paraguay, e não é grande a distancia que o separa do Guaporé, affluente do Mamoré, que, com o Beni, fórma o Madeira.

Além disso, o Jaurú tem um pequeno contribuinte, o Aguapehy, que nasce a pouca distancia da origem do rio Alegre, um dos forma-

dores do Guaporé. Por esse lado, quasi se tocam as duas formidaveis bacias hydrographicas. Uma vez construida a linha ferrea do Guaporé ao Jaurú, ficará o Amazonas ligado ao Rio de Janeiro, atravéz de Matto Grosso e S. Paulo, por via fluvial até Porto Esperança, á margem esquerda do baixo Paraguay, 20 leguas a jusante de Corumbá.

De Porto Esperança ao Rio de Janeiro, ter-se-á inaugurado, dentro de poucos annos, a Estrada de Ferro Noroeste do Brazil. Fecha-se, desta maneira, o circuito de communicações interiores, entre Manáos e a capital da Republica.

Como se vê, é um projecto seductor e patriotico. Porque tem um alcance, visivelmente estrategico, além de um objectivo altamente economico.

CAPITULO XXV

AMAZONAS

(Continuação.)

SUMMARIO. — Rumo do Acre. — A partida de Manáos. — A bordo do *Ajuricaba*. — Entrada no Solimões. — Na confluencia do Purús. — Os perigos da navegação interior, no Amazonas. — Os repiquetes. — A desóva das tartarugas. — Os jacarés, ultimos representantes da edade paleozoica. — Um dia de finados nas solidões da Amazonia. — A devastação das florestas equatoriaes e a necessidade de uma lei que a prohiba. — Na foz do Tapauá. — Os regatões. — O regimen de bordo. — Primeiro tributo do homem no paiz das castillôas.

A's dez horas da noite de 28 de outubro de 1909, o vapor *Ajuricaba* fazia os ultimos aprestos para deixar o porto de Manáos, rumo do territorio do Acre.

A's onze em ponto partia. Quiz assistir á hora da despedida. As helices rodaram, rumorosas, fazendo agitar as aguas do rio Negro. Afastou-se, na direcção da confluencia do grande rio. A cidade toda, na plenitude da sua vida nocturna, sumia-se pouco a pouco. Mas, acima da formosa capital do Amazonas, pairava, como o brilho da uma apothéose, o clarão da illuminação publica.

Quarenta minutos depois, o *gaiola* transpunha a barra do rio Negro e entrava em aguas do Solimões.

Meia noite. De bordo ainda se percebem os derradeiros vestigios da cidade, que já fica á distancia de dez milhas.

De pé, no tombadilho, eu acompanhava, com interesse, um espectaculo inteiramente novo para os meus olhos : a claridade da illuminação de Manáos, que envolvia a athmosphera longinqua, como um luar abundante e phantastico.

Se, porventura, achares algum interesse na descripção de uma viagem de Manáos ao Acre, consente, leitor amigo, que eu transcreva

do meu diario de bordo as impressões que nelle fui registrando, hora a hora, durante 23 dias, que mais me pareceram 23 annos.

29 *de outubro.* — Este *gaiola* é pequeno, e vae sobrecarregado Pertence á casa Caetano Monteiro et C., e é o primeiro que, no inverno amazonico de 1909, sae de Manáos, com destino ás remotas paragens do Acre.

O porão, o convéz, e a tolda vão repletos de volumes, contendo mercadorias consignadas aos *aviados* da casa Tancredo Porto et C., que fretou o vapor por quarenta contos.

Leva cerca de duzentas contos, entre fazendas e generos alimenticios. E'uma grande casa commercial fluctuante. O convéz vae tão carregado que não ficaram dois metros quadrados de area disponivel para os passageiros se locomoverem.

A'porta dos camarotes fardos de xarque, de piracucú, garrafões, barricas e caixões de cebolas. Além disso, todo o *gaiola*, de prôa á pôpa, está tomado de rêdes que se entrecruzam.

Ninguem póde supportar os camarotes, que, sobre serem uma fornalha, são verdadeiros ninhos de ratos. Gente de todos os matizes.

8 horas da manhã. O vapor pára, afim de receber gado. Dia perdido. Levanta-se ferro ás 5 ½ da tarde, sob uma athmosphera parada e quente.

30 *de outubro.* — Manhã nevoenta. O *gaiola* viajou toda a noite. Navega-se ainda no Solimões. O carregamento de *Ajuricaba* é absurdamente excessivo. Que faz a capitania do porto de Manáos, que não põe termo a semelhantes abusos? Basta um choque violento para fazer deslocar o centro de gravidade das obras vivas para as obras mortas.

São 4 horas da tarde. Estamos na confluencia do Purús, defronte da ilha da Consciencia. E' formada pelos detrictos mineraes e organicos que as aguas conduziram da montante. Nas fozes de outros formadores amazonicos encontram-se ilhotas da mesma origem. Deu-se á do Purús o nome acima citado, porque, segundo dizem, é alli que o forasteiro deixa a consciencia, ao dirigir-se para o territorio do Acre, onde a maioria dos homens só têm uma unica ideia : ganhar dinheiro (muitas vezes por processos illicitos), e regressar, quanto antes, á terra donde partiram.

A mim sempre me interessou o encontro de dois rios. O do Purús com o Solimões é bellissimo. Cae grossa chuva. Ha vento forte.

Nesse encontro, o Solimões apresenta um enorme estirão, que, confinando-se com o horizonte, mais se parece um canal oceanico.

Antes da enchente dos tributarios amazonicos, a navegação, assim

na parte media como na parte superior de seus cursos, depende dos repiquetes. Muitas vezes elles apparecem de brusco, levantando um vapor que, ha 15 dias, se achava encalhado por falta d'agua.

No tempo da vasante é perigoso viajar á noite. Os repiquetes, que são enchentes quasi sempre ephemeras, dependem, sobretudo das chuvas a montante.

O Purús é o mais commercial de todos os contribuintes do rio-mar. Foi um dos primeiros que se povoaram. O seu povoamento regular, data, porém, de 1854, com as primeiras missões apostolicas e alguns commerciantes de especiarias.

Por aqui passou e viveu a vultuosa nação dos muras, hoje extincta, na sua translação da Bolivia para o baixo Amazonas.

***

31 *de outubro.* — Viajou-se toda a noite, com o auxilio da claridade da lua, que surgiu ás 9 horas. Manhã clara, mas um tanto nublada para nordeste.

No caso de naufragio, o maior inimigo do homem, nos rios desta grande bacia hydrographica, não é a agua. São os jacarés, os peixes e os monstruosos ophidios que abundam por toda a parte. Entre os segundos são as pirahybas e os botos de origem marinha; entre os ultimos, as sucuruyubas de 25 a 30 metros de comprimento.

A'noite não se dá café aos passageiros. E'um absurdo que se não vê nem nos paquetes do Lloyd, que, ultimamente, chegou a supprimir o vinho e o *lunch.*

A navegação interior, no Amazonas, offerece innumeros perigos. Um delles são os troncos das arvores, que, roçando nos arrebites do casco, podem levantal-os, dando logar á entrada d'agua nos porões.

D'ahi a necessidade de os sondar, de duas em duas horas, tanto de dia como de noite. Os porões, em geral, não são estanques.

Este *gaiola* tem como termo de sua viagem a fóz do Curanja, na parte septentrional do territorio do Acre.

***

1 *de novembro.* — Manhã fria e nevoenta.

Choveu toda a noite. Viajámos. Este rio, no seu curso tão

cheio de sinuosidades, fórma um grande numero de peninsulas.

Ha trechos que seriam vencidos em poucos minutos e que o vapor gasta cinco e seis horas a contornar.

Ao longo das praias vêem-se os logares que serviram de ninhos ás tartarugas.

A época das desóvas é em Setembro.

Põem em buracos que cavam, na areia, que o rio deixou a descoberto. Em cada cóva encontram-se, ás vezes, duzentos e tantos ovos.

Ellas cobrem esses buracos com a propria areia das praias.

Encontram-se tartarugas em quasi todos os tributarios amazonicos. Uma das muitas curiosidades do paiz da gomma elastica são os formigueiros dos igapós.

São construidos sobre arvores, por via das inundações annuaes dos formadores do rio-mar. Sempre previdentes as formigas!

O jacaré é o mais bravio de todos os animaes que vivem nestas paragens.

Todos o temem. Não raro atacam pequenas embarcações, victimando-lhes a tripulação. Ha poucos dias, com o naufragio do vapor *Kurth*, oito dos naufragos fôram devorados pelos jacarés. Não fluctuou um só cadaver. Por ahi se vê o perigo de que se cerca quem viaja nos rios do Amazonas. Esses saurios formidaveis, ultimos representantes da edade paleozoica, são tão ferozes que chegam a atacar os proprios cavallos que se dessedentam, á margem das correntes. Matam-nos, arrastando-os, depois, para o alveo dos rios, onde são devorados. E' um facto positivamente authentico. A's 3½ da tarde passa pelo *Ajuricaba* o vapor *Prudente de Moraes*, descendo o rio. Vae carregado de borracha e leva passageiros.

2 de novembro. — Manhã nevoenta e fria. Estivemos parados toda a noite, por precaução. Vento de prôa. No Amazonas, a terra não pode ruborizar-se por falta de vestidura. A natureza cobriu-a de uma vegetação rica e brilhante. Está satisfeito o pudor da terra nesta parte do mundo. Aqui não se encontra sómente a mais vasta bacia hydrographica, senão tambem a maior bacia pluviometrica que se conhece.

As chuvas que caem, continuamente, de novembro a maio, suavizam os grandes calores da zona torrida. Sem isso, a vida organica seria impossivel nesta parte do continente.

Hoje é dia de finados. Se eu estivesse no Rio, iria visitar os cemiterios de S. João Baptista e de S. Francisco Xavier.

Gosto de achar-me, entre a brancura dos marmores e a tristeza dos cyprestes. A'sombra dos chorões e das casuarinas, é grato ás

almas contemplativas observar o que ha de terrivel na morte e de falaz nos projectos da vida.

A's 10 ½ da manhã, passa pelo *Ajuricaba* o vapor *S. Luiz.* Vae descendo o rio. Ao meio dia, avista-se um casco de navio naufragado ha dois annos.

Quem viaja o Amazonas e espia, com interesse, a alma mysteriosa desta natureza que se está formando, nota, encarando a terra, que nos seus archivos geologicos, ainda faltam documentos preciosos para a sua historia.

Na flora brazileira, desde o sub-tropico até a zona torrida, encontram-se todas as ousadias da côr.

3 *de novembro.* — Manhã fresca e meio nevoenta. Parados toda a noite, levantámos ferro ás 5 horas da manhã. As margens do Purús sempre enfeitadas da sua roupagem verdenegra. A's 7 horas encontramos, tomando lenha, o vapor *Cruzeiro do Sul.* Segue para o Acre.

As sobras de seu thesouro Flora derramou-as no valle amazonico. As fortes impressões desta parte do mundo já começam de madrugar no meu espirito, com a visão deste céo e destas arvores seculares.

A'medida que o navio se afasta do equador, no rumo do sul, as horas vão-se tornando mais suaves e tranquillas.

Já no medio Purús a temperatura é mais agradavel. Não raro de dentro das mattas marginaes deste rio, vejo levantar-se uma columna de fumo azul claro.

E' a defumação do leite da seringueira. E'o fabrico da borracha.

A's 3 da tarde houve varias ameaças de encalhe, numa vasta bahia, onde as aguas do Purús se espraiaram.

4 *de novembro.* — Manhã limpa. Viajamos á noite, passando algumas horas em Nova Olinda. O vapor tomou lenha.

Este é quasi o unico combustivel empregado na navegação interior, na Amazonia. Isso traz a devastação das mattas, modificando não só o regimen dos rios, como tambem a capacidade pluviometrica destas regiões. O emprego obrigatorio do carvão mineral seria um meio de impulsionar a nascente industria carbonifera, no Brazil.

No baixo Purús, vende-se um milheiro de achas de quatro a cinco kilos cada uma por 60 $. No medio Purús custa 90$. Já nas suas cabeceiras attinge, ás vezes, a 200$ cada milheiro.

A's 8 horas, chegamos á fóz do Tapauá, affluente da margem esquerda do Purús. O Tapauá approxima, em parte, o Purús do Ju-

ruá. Uma das cousas mais interessantes do interior amazonico são os regatões. São, nada mais nada menos, que individuos de varias origens (na maioria judeus) que percorrem os grandes e pequenos rios em alvarengas ou barcos á vela ou á sirga, commerciando de barracão em barracão. Elles vendem de tudo, desde o genero alimenticio até á seda mais fina. Compram borracha em todas as paragens aonde chegam. A bordo todos acordam ás 6 horas da manhã, quando começa o serviço de baldeação. Dorme-se em rêdes, que se entrecruzam nos corredores e no salão de jantar, desde a prôa até á ré.

A's 7 horas toma-se café com bolacha dura ou pão crú, feito a bordo.

As 10 ½, almoça-se; ás 5 da tarde janta-se. De tres em tres dias, mata-se um boi. Nos dias intermedios, é o jabá (xarque do Rio Grande), o piracucú e o bacalháo. Passo mal. Foje-me o appetite. Começo de alimentar-me a ovos e a aguas mineraes, porque a bordo não existe agua filtrada. A que vae á mesa é do rio e contem 10 % de argilla.

Logo que o dia vae caindo, principia a invasão dos mosquitos, que vêm da matta. São os piuns, os carapanãs, os maruins, os catuquis e as motucas.

E'um inferno. O pium, que apparece mais durante o dia, morde as mãos e o rosto, deixando-os ensenguentados e inflammados. E'o primeiro tributo que o homem paga, ao profanar o silencio sagrado de uma terra, que ainda não está preparada para o receber.

Encho as horas do dia e parte da noite a ler e a tomar notas, registrando impressões de momento.

Neste vapor, não vae uma só pessôa com a qual se possam trocar idéas sobre assumptos fóra do commum.

Todos são seringueiros, mais ou menos rudes. Estas naturezas feitas a machado só fallam de borracha e de caucho.

Não conheço nada mais estupido e brutificador que uma viagem no interior da Amazonia, realizada assim, no meio de uma sociedade de 4.ª ordem. A ins pidez junta-se o tedio das horas quentes e abafadas dos meios-dias equatoriaes.

Se Dante fosse vivo e percorresse esta paragem, talvez accrescentasse mais um capitulo á primeira parte da *Divina Comedia*.

CAPITULO XXVI

AMAZONAS

(Continuação.)

SUMMARIO. — Continuação do diario de viagem. — Em Jamanduazinho. — A defumação do latex das heveas. — Seringueiros e patrões. — Canutama, — As construcções marginaes do Purús e as palafittes do lago de Zurich. — O regimen feudal no interior do Amazonas. — Lábrea. — Uma manhã tropical nas vizinhanças do equador. — Sebastopol. — O *self help* dos inglezes e a sua applicação ao mundo amazonico. — Uma sentença de Darwin. — A cachoeira do Purús. — Emoção e perigo da sua passagem.

5 *de novembro*. — Manhã nevoenta. Parámos á noite. Na opinião dos geologos, o Amazonas como o rio da Prata, fôram, em épocas remotas, um mar interior.

Attesta-o a immensidade destas planicies sem horizontes. O jesuita Samuel Fritz narra que, em 1698, uma commoção vulcanica dos Andes transformou o Solimões em um rio de lama.

São 11 horas da manhã. O *Ajuricaba* lança ferro, defronte de Jamanduazinho. Visitei este seringal.

Vi, pela primeira vez, o modo por que se defuma o latex das heveas. Percorri diversos defumadouros, com as suas còvas, os seus boiões de furo, as suas bacias e as suas fôrmas. Estava-se no fim da safra. Esta começa em jũnho e vae até dezembro, época do extremo verão amazonico. No inverno (de janeiro a junho), o homem fica inactivo, porque o interior da floresta está alagado, com o transbordamento dos rios. Neste seringal, conversei com alguns extractores. Todos, a uma voz, se queixavam da extorsão de que eram victimas. Vendiam a borracha *no toco* a 4$ por kilogramma, emquanto o patrão, que a comprava, fazia revendel-a a 12$, em Manáos.

Além disso, eram obrigados a comprar, no armazem do seringal, as mercadorias de que necessitavam, tudo pelo triplo do preço por que seriam adquiridas na capital do Amazonas.

Dou, abaixo, alguns preços de generos vendidos no barracão de Jamanduazinho.

Café em grão, um kilo	2$500
Carne de xarque —	3$000
Assucar inferior —	2$000

Estes mesmos artigos custam em Manáos :

Café, um kilo	$700
Carne —	1$000
Assucar —	$500

Tudo o mais é assim, nesta proporção vergonhosa. O trabalhador é sempre devedor ao patrão. Nunca se liberta desses senhores feudaes, que os exploram, sem piedade. O seringueiro colhe, em media, um kilo de borracha por dia. Vende-o por 4 $. Com isso, alimenta-se e á familia.

5 horas da tarde. Estamos na villa de Canutama, á margem do Purús.

Em frente vê-se o seringal *Alliança*. Canutama foi um sitio antigamente desbravado pela intrepidez de Manoel Urbano, um dos mais audaciosos exploradores do Purús. Essa obra levou-a elle por deante, com o auxilio dos indios pamarys, no começo da segunda metade do seculo passado.

Neste rio a navegação a vapor foi inaugurada, em 1869, pela Companhia Fluvial do Alto Amazonas. Vem d'ahi o povoamento regular do Purús, povoamento que vae até ás suas cabeceiras.

Com a chegada das levas cearenses, de 77 a 79, a terra parecia despertar do seu somno millenario para a actividade do homem.

6 *de novembro*. — Manhã nublada.

Não se viajou, durante a noite. Uma mulher, que vem na 3.ª classe, caiu á agua, hontem, ás 9 horas, com o navio parado.

Foi salva pela canôa de bordo.

A queda deu-se, por descuido.

Em virtude de seu curso muito sinuoso, o Purús apresenta um extraordinario numero de praias. Por causa da acção da força centrifuga, as aguas, na curva exterior do rio, vão alluindo os barrancos. Isso traz, como consequencia, o avançamento das praias. D'aqui a tantas praias fica o seringal F, é commum ouvir-se, nas margens do Purús. Como se sabe, a extensão das praias fluviaes é uma

funcção do raio de curvatura das curvas mais ou menos caprichosas dos rios.

A' 1 ½ da tarde, passa pelo *Ajuricaba*, descendo o rio, o vapor *Eurico*.

Leva passageiros e muita borracha.

A's 4 horas encontramos o *Amazonense*. Segue rumo de Manáos, com carregamento de gomma elastica.

***

7 de novembro. — Manhã muito nublada. Durante toda a noite estivemos parados, tomando lenha. No Amazonas, cada proprietario de seringal tem a patente de coronel.

As habitações marginaes do Purús, assim construidas sobre giráos, lembram as palaffites que os geologos descobriram, em 1853, no lago de Zurich.

De vez em quando, descendo o rio, passam canôas tripuladas por indios pamarys.

Se a lei de 13 de maio de 1888 extinguiu, no Brazil a escravidão do homem negro, a ambição creou, no valle amazonico, a escravidão do homem branco.

Cada patrão é um senhor, cada seringueiro, um escravo, A obra sociologica de Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, João Alfredo, Antonio Bento e Luiz Gama está incompleta.

Debalde o Amazonas declarou, em 1884, a abolição do captiveiro nas suas plagas. A bordo, alguns empregados adoecem, com febre. Dou-lhes, da minha ambulancia, algumas capsulas anti-malaricas. Curam-se.

O engenheiro improvizára-se medico, por ausencia de recursos therapeuticos, a bordo. Uma viagem fluvial, no interior do Amazonas, é um grande sacrificio.

O contacto de pessôas duvidosas e de má categoria; a convivencia em um só camarote, com creaturas inferiores, assim no trato como no espirito; a falta de hygiene e os passageiros que cospem no convéz; os assumptos banalissimos; a ausencia de pessôas para quem se possa abrir pelo menos uma das janellas da alma; a baldeação infallivel e benefica da manhã; as paradas do navio, em horas de calor, afim de tomar lenha : tudo isso é uma grande cadeia de aborrecimentos invenciveis e de tedios incalculaveis.

A mim, todavia, uma cousa me recompensa de tantos incommodos : a visão desta natureza prodigiosa que a audacia do homem do norte desvirginou.

A's 11 horas da manhã encontrámos o vapor *Danubio*. Vae subindo o rio. A's 2 da tarde parámos em frente da Lábrea. Tem algumas ruas calçadas, duas igrejas e alguns edificios regulares.

Conta uma população de trez a quatro mil almas. Assenta á margem direita do Purús. Foi fundada em 1870 pelo coronel Anto-

Uma paizagem do rio Purús.

nio Pereira Labre, natural do Maranhão. Teve as honras de cidade em 1881.

8 *de novembro*. — Manhã nublada. Parámos, á noite, para receber combustivel.

Muito carapanã. Banheiros fluctuantes. São grossos troncos de cedro sobre os quaes se constroem casinhas de taboas.

Ha-os, ao longo de todo o Purús, amarrados ás arvores das margens.

10 horas da manhã. O *Ajuricaba* lança ferro. Vão marinheiros, com a canôa de bordo, colher melancias nas praias fronteiras E'a sobremesa preferida. A fartura é tão grande que ninguem lhes dá vencimento. Marginando a corrente, vejo copadas samaúmas. São de estatura mediana. Para um homem de natureza vulgar, o Ama-

zonas é uma terra como outra qualquer. Mas para aquelles que sabem ver e sentir com outros olhos e com outro sentimento os aspectos variados da vida, este immenso pedaço do Brazil é talvez o paraiso perdido.

9 *de novembro.* — Manhã de névoa. Parámos, á noite, por precaução. As 7 ½ desappareceu, por completo, a bruma que velara o nascer do dia. Esta manhã é talvez a mais bella que ainda gozaram meus olhos, nestas paragens da zona torrida. Aguas transparentes, arvores verdes, praias alvissimas e luzidias, em baixo; nuvens brancas e douradas, céo azul e diaphano e fresca tempestade de raios de ouro, em cima.

Lembra uma das manhãs tropicaes do Rio de Janeiro, depois de uma noite de chuva, quando o sol canta o hymno da luz sobre a serra dos Orgãos.

Noto uma differença entre as margens dos rios do Amazonas e as dos rios da bacia do Prata. Aqui o variado da verdura faz destes desertos um dos mais bellos pedaços da terra; lá o monotono das planicies núas imprime áquellas regiões um aspecto, desconsolado e tristonho.

A's 9 da manhã chegámos a Sebastopol. E' um arraial. Tem uma igreja.

Assenta em terra firme. Conta algumas casas regulares. A parada foi breve, o tempo necessario para deixar correspondencia. Em nenhuma parte do mundo a expressão ingleza *Self help* se applica, com mais fidelidade, do que na Amazonia. Aqui cada qual cura da sua pessôa. O egoismo é tremendo.

Se, como diz Darwin, o imperio da vida pertence aos mais promptos, mais fortes e mais audazes, não ha duvida que o numero de vencedores é pequeno, em relação ao numero de vencidos, nesta parte do mundo. Os fracos têm contra si as brutalidades inconscientes da natureza e a ambição desmedida dos fortes. Ainda por muitos annos a Amazonia será o sonho dos desilludidos. Os que nada conseguiram, no meio dia da Republica, virão a este *inferno verde*, attraidos pela visão mentirosa do ouro. As arvores das libras sterlinas pertencem a uma especie ha alguns annos extincta na Amazonia.

Os insectos e o vento carregaram o polen para regiões contrarias.

D'ahi o desapparecimento dos individuos da especie ambicionada. A flora do equador está incompleta. Já se passou o tempo das vaccas gordas. Estamos na época das espigas delgadas. O sonho biblico está-se realizando na Amazonia.

Para decifral-o não é preciso ter a penetração e a perspicacia do protegido de Putiphar.

***

10 *de novembro.* — Névoa. Vento frio.

Parámos, á noite, afim de o vapor entrar pela manhã em Cachoeira.

Nas proximidades desta povoação, ha muitos bancos de pedra, sobre os quaes é arriscada a travessia, na época da vasante.

A' entrada de Cachoeira o rio apresenta um grande estirão. São 8 horas. O *Ajuricaba* lança ferro, defronte da famosa passagem do Purús. E'um pequeno povoado. Terá, no maximo, umas quarenta casas. Entre Lábrea e Cachoeira ha uma distancia itineraria de 153 milhas.

E' um dos logares mais fallados, em todo o Amazonas. Porque, na época da baixa das aguas, só conseguem chegar até aqui os vapores que se destinam ás prefeituras do Alto Acre e do Alto Purús. Carga e passageiros são transbordados para pequenas lanchas que vão apenas até á fóz do Aquiry. Deste ultimo ponto em deante, só se viaja em canôas. O estirão de Cachoeira tem cerca de quatro kilometros.

E' o maior que tenho visto até aqui.

Comercialmente, este logarejo é um entreposto da borracha federal e estadoal, tanto do Purús como de Acre inferior.

D'aqui é que toda a gomma elastica desta vasta bacia de captação se escôa para a praça de Manáos.

No porto de Cachoeira, acha-se ancorado o vapor *Javary* da Companhia do Amazonas. Trouxe carga e passageiros, e prepara-se para regressar amanhã á princeza do rio Negro.

Pela falta de cohesão destes terrenos sedimentarios, é que os rios como o Purús, mudam de leito, de uma enchente á outra, annullando por completo toda a pericia dos praticos. Esta povoação fica á margem direita da grande caudal.

A cachoeira que lhe deu o nome demora a uns quinhentos metros a montante.

São vestigios de uma cachoeira antiga, que as aguas do Purús desmantelaram. Esta celebre passagem é um dos maiores terrores dos navegantes da bacia amazonica. No tempo da secca só pequenas lanchas conseguem transpol-a. O *Ajuricaba* é o primeiro vapor

que, nesta extrema vasante, vae passal-a graças á pericia e temeridade de seus praticos.

Quando o pequeno vapor se viu livre do perigo, atravessando entre pedras e rebojos, um grito de alegria ecôou de popa á prôa, e a sereia de bordo silvou, agudamante. Fôram tres minutos de emoção, inteiramente nova, para os musculos e os nervos de um filho do tropico.

Cada vez mais me convenço que, de toda a bacia do Amazonas, o Purús é o rio de navegação mais difficil.

Na travessia da cachoeira o *gaiola* desenvolveu toda a força, afim de vencer a impetuosidade da corrente.

Se, com a velocidade maxima com que navegava, acontecesse bater de encontro a uma pedra, far-se-ia em mil pedaços.

D'ahi, o perigo e a emoção da passagem.

CAPITULO XXVII

AMAZONAS

(Continuação.)

SUMMARIO. — Continuação do diario de viagem. — Peninsulas, isthmos e *sacados* do rio Purús. — A plutocracia amazonica. — A navegação interior e as companhias de seguro. — Um rio abandonado. — Na desembocadura do Piuhinim. — Os eupatridas e os thetas do paiz dos tapuios. — Chegada á boca do Acre. — Primeiras impressões desse famoso rio brazileiro. — Uma data nacional nos confins do Brazil. — Um titular de opereta. — Peripecias da navegação no alto Purús. — Na foz do Yaco.

11 *de novembro.* — Manhã. Nevoeiro. Parámos, á noite, por precaução. Estas peninsulas do Purús apresentam, ás vezes, leguas e leguas, de comprimento. Os isthmos, quasi sempre, não têm mais de cem metros de largura. Com o tempo, e com as enchentes collossaes, elles se rompem. Formam os *sacados*, verdadeiros reservatorios do rio.

No anno commercial (1907-1908) a producção da borracha, no Amazonas e no Acre, subiu a 26 mil toneladas.

Com a do Pará e a de Matto Grosso, que se escôa pela bacia amazonica, attingiu o total de cerca de 40 milhões de kilogrammos.

No anno proximo (1910), com a alta do preço da gomma elastica e o augmento crescente da sua producção, espera-se que o territorio do Acre dê ao governo federal uma renda superior a 20 mil contos.

O maior esbanjamento de dinheiro, na vida dissoluta de Manáos, é feito pelos plutocratas do Amazonas, isto é, pelos reis do ouro negro. Gastam, ás vezes, em uma só noite, cincoenta contos, com mulheres e champagne. Porque Manáos, no deboche e na liberdade de costumes, tem qualquer cousa que lembra a Roma de Caligula.

Não haverá um homem que inaugure, nesta terra, um governo semelhante aquelle que os Antoninos inauguraram na Roma classica?

Depois dos Claudios, dos Neros e dos Domicianos, é necessario que venham os Trajanos, os Adrianos e os Marcos Aurelios. Hoje o navio percorreu um dos trechos mais caprichosos do Purús. Em certo ponto o rio fez uma deflexão para a direita, descreveu uma immensa curva allongada, e só seis horas depois é que defrontou com a inflexão primitiva, percorrendo, de retorno, um caminho quasi parallelo ao já percorrido. Formou uma grande peninsula, cujo isthmo seria vencido em dez minutos por um peão. Na época das grandes cheias, os vapores abandonam a linha ordinaria de seu transcurso e atalham pelos isthmos, fazendo assim notavel economia de tempo. No periodo do diluvio amazonico, gastam-se, communmente, 15 dias de Manáos a Pennapolis ou a Senna Madureira.

Para Cruzeiro do Sul, no alto Juruá, são cerca de 20 dias. Na vasante, essas viagens são feitas em quasi dois mezes.

A pezar dos continuos perigos de que está cercada a navegação interior no Amazonas, as companhias de seguros, em Manáos, cobram apenas 2 % sobre o valor da mercadoria segurada.

12 *de novembro.* — Manhã clara. Viração agradavel. O Estado do Amazonas cobra 19 % sobre o valor da gomma elastica exportada por seus seringaes.

Só essa renda orça por cerca de 16 mil contos por anno. E'uma terra que poderia estar afogada em ouro, se este não se escôasse para as algibeiras de meia duzia de homens sem escrupulos, que, na historia politica sul-americana, têm levado a palma aos maiores e mais audaciosos defraudadores da fortuna publica.

Um dos mais serios perigos da navegação do Purús são, além dos troncos de arvores que se enterram no leito do rio — os cascos das embarcações naufragadas. E'a mais commercial de todas as caudaes amazonicas.

Todavia é a mais abandonada de todas ellas. E'a grande estrada da civilização brazileira, nestas paragens do equador.

Por ella canalizam-se para Manáos $^2/_3$ de toda a borracha produzida pelo territorio do Acre e pela região sudoeste do Estado do Amazonas.

São 7 horas da noite. O *Ajuricaba* lança ferro na fóz do Pauhinin com o proposito de tomar carvão. Ha aqui um pontão carregado desse combustivel.

O casco deste pontão é do tamanho do casco do *Alagôas*, do Lloyd Brazileiro. Chegou até ás proximidades do alto Purús, auxiliado pelas enchentes maximas do grande tributario do rio-mar.

13 *de novembro.* — Manhã clara de sol radiante. Não se viajou

á noite, nem se tomou carvão. Desde a saida de *Ajuricaba* até hoje tem sido constante a falta de agua nos banheiros e nos camarotes. Tudo isso é devido á indisciplina de bordo e á ausencia completa de tino administrativo da parte do commandante e do immediato.

Nem esse conforto elementar, numa viagem tão longa e aborrecida!

Passar vinte e tantos dias dentro de um *gaiola* (cujo convéz se acha apinhado de garrafões, fardos de carne e caixões de batatas), sem liberdade de transito, no meio de uma sociedade heterogenea e detestavel — vale pelo maior tributo que um homem civilisado possa pagar ao desejo de sentir o maravilhoso da natureza amazonica. Em Sparta a desigualdade de fortuna deu origem a duas classes distinctas : a dos eupatridas e a dos thetas.

Os primeiros eram os possuidores do sólo; os segundos cultivavam-no.

Assim no Amazonas, onde a desigualdade da sorte collocou os miseros seringueiros sob o jugo perpetuo dos patrões opulentos.

Solon acabou com a propriedade exclusiva dos eupatridas, tornando accessivel aos thetas a acquisição da terra.

Não será possivel o apparecimento de um novo Solon, nestas paragens da zona torrida? Na flora do equinocio ha muitas arvores illustres. Mas a hevea é, indiscutivelmente, o eponymo destas regiões.

14 *de novembro.* — Manhã clara. Tomámos lenha durante quasi toda a noite.

De Manáos á capital do departamento do Alto Purús, uma passagem de primeira classe custa 404$; de terceira 136$000. Cada passageiro de 1.ª classe paga, além disso, 10$por cada dia em que o vapor e tiver encalhado, por accidente, ou á espera de agua. Os de 3.ª pagam 5$ diarios. Dia quente. Sem viração, e com o *gaiola* parado, tomando lenha, o convéz é um forno. Seis horas da tarde. Estamos na boca do Ynauhinin. Entra no Purús pela margem esquerda.

***

15 *de novembro.* — Manhã desanuviada. Viajou-se sómente até ás 10 horas da noite, devido á escuridão.

Hoje faz 20 annos que se proclamou a Republica, no Brazil. O seculo XX raiou, encontrando republicano todo o continente.

A's 9 horas, vimos encalhada, perto da boca do Acre, a lancha *Maranhense.*

Destina-se a Senna Madureira. São 10 horas. O *Ajuricaba* lança ferro na fóz do rio Acre. Dia claro. Sol radioso.

A confluencia deste rio com o Purús fórma uma larga bahia. Na baixa das aguas, o diametro da desembocadura do Acre não tem mais de 30 metros. Neste ponto o rio apresenta um longo estirão de margens a pique, cobertas de uma vegetação, victoriosa e brilhante. Mas o conjuncto é funebremente triste. Olhei com desusado respeito (ia dizer com quasi temor) para o famoso rio brazileiro, em cujas ribas alagadiças tantos compatriotas nossos foram encontrar o derradeiro asylo.

Na bocca do Acre, existem algumas casas de residencia e um pequeno hotel, situado na parte mais eminente da ribanceira.

Na época das grandes inundações estas casas ficam inteiramente ilhadas, como pude observar em maio do anno passado, por occasião de meu regresso. O primeiro barco a vapor chegou aqui em 1878. E' estimada em 24 metros a differença de nivel entre o alto dos barrancos da embocadura do Acre e a superficie livre de suas aguas, nas vasantes extremas. Depois de haver recebido este celebre tributario pela margem direita, o Purús diminúe, sensivelmente a largura.

Em homenagem á grande data de hoje, os vapores e as lanchas, aqui ancorados, embandeiraram, festivamente. Da mesma fórma os que passam descendo o rio.

O senhor destes remotos dominios é o famoso *Barão da boca do Acre,* ou, como é mais vulgarmente conhecido : o *Barão dos tres L.* E'assim chamado, porque costuma obtusamente assignar-se : Lixandre Liveira Lima. E 'um pobre homem, de uma ignorancia quasi genial.

A's 4 horas da tarde, chega á boca do Acre a lancha *Supremo,* com procedencia da respectiva prefeitura.

Uma hora depois, o *Ajuricaba* começa de mover-se rumo do alto Purús.

Chove, copiosamente.

16 *de novembro.* — Manhã nevoenta e meio fria. Deste ponto em deante, o rio diminue notavelmente de profundidade.

Aqui já se não sente mais o effeito do grande repiquete que tanto elevou o nivel das aguas, no trecho que vae de Cachoeira á fóz do Aquiry. Grossos toros de madeira batem, de quando em quando, de encontro ao casco do *gaiola,* ameaçando partir as helices. Innumeros

páos apparecem. á flor dagua, ameaçadores, como verdadeiras bayonetas caladas. E' preciso diminuir a marcha. Constantemente os vapores que por aqui navegam furam os cascos e naufragam, com perda de vidas e de grande parte de seu carregamento.

Por falta de exercicio physico, e devido á pessima alimentação, já começaram de apparecer-me os primeiros symptomas de beriberi. Sinto as pernas tremulas e fracas. O Purús acha-se nas mesmas condições que os rios S. Lourenço e Cuyabá, em Matto Grosso, enteiramente entregue ás pedras e aos páos, que lhe difficultam a passagem, constituindo-se um perigo continuo. Dentre os varios troncos de arvores que descem á flor da corrente, muitos são de cedro. E porque seja madeira valiosa, os seringueiros pescam-na a laço, e vão ven-

Uma apanha de tartarugas, na Amazonia.

del-a a Manáos. O mesmo se dá em outros formadores amazonicos.

17 *de novembro.* — Manhã nublada.

O vapor tomou lenha durante toda a noite,

As casas construidas á margem do Purús são cobertas de zinco, palha ou cavaco.

Raramente se vê uma cobertura de telha.

A argilla do Amazonas não se presta ao fabrico de telhas e tijollos. As de Marselha e as da fabrica Progresso, no Pará, chegam aqui por preço muito elevado.

18 *de novembro.* — Manhã clara. Não se navegou, á noite. Muito mosquito.

Com relação ao conforto pessoal, talvez uma viagem ao inferno fosse mais agradavel do que esta.

Encalhámos ás 10 da manhã. Depois de um esforço titanico, conseguiu-se o desencalhe ás 4 da tarde.

19 *de novembro.* — Manhã fria. Vento frio. Não é raro encontrar nas margens do Purús, pequenas cruzes, assignalando sepulturas. São as victimas da malaria, que o rio alimenta e diffunde, no tempo da retirada das aguas.

Quasi todos os camarotes do *Ajuricaba* estão repletos de mercadorias da casa fretadora. Em um delles o dispenseiro de bordo montou a sua casa de negocio. Vende roupas feitas e generos alimenticios.

Os passageiros mudam roupa no pequeno salão de jantar, por falta de um camarote apropriado a esse fim.

E'um abuso de que só é responsavel a criminosa capitania do porto de Manáos.

São 2 ½ da tarde. Estamos na foz do Yaco, a 14 milhas de Senna Madureira.

Aqui as aguas do Purús são de um pardo claro; as do Yaco de um pardo escuro. Não se confundem. O Yaco é bastante estreito. A sua desembocadura, nesta vasante extrema, não terá mais de 20 metros de diametro. Um pouco além da fóz encalhámos. Pela sua immensa distancia, a capital do departamento do Alto Purús parece-me a Jerusalém do Brazil.

Sinto-me completamente dominado pela polynevrite beriberica. Entrou-me no organismo pela porta da miseria physiologica. Continuamos seriamente encalhados, e creio que por muitos dias.

Amanhã, seguirei de canôa para Senna Madureira.

CAPITULO XXVIII

SENNA MADUREIRA

SUMMARIO. — Na foz do Caethé. — A passagem da linha Cunha Gomes. — Entrada no territorio do Acre. — Senna Madureira. — A fundação da mais joven cidade do Brazil. — O que é a capital do Alto Purús. — Um ninho de ambições desenfreiadas. — Os pretensos acreanos. — Porque desejam elles a autonomia do Acre. — Um sonho de aventureiros, que, transformado em realidade, seria um estupendo crime politico. — A administração do Dr. Samuel Barreira. — Sua attitude. — A guarnição federal no Acre. — Sua situação deploravel. — O poder militar dos seringueiros. — A commissão de obras federaes e a sua inutilidade absoluta. — Singularidades da terra. — A volta do Acre. — Impressões do diluvio amazonico. — Os commandantes de vapores. — O preço da vida nas regiões acreanas.

20 de novembro.

A's 7 da manhã, vendo que era baldado todo e qualquer esforço para safar o *Ajuricaba*, metti-me dentro de uma canôa, rumo de Senna Madureira. Ao meio dia achava-me na fóz do Caethé, tributario do Yaco.

A margem esquerda do Caethé, na vizinhança da sua embocadura, pertence ao Estado do Amazonas; a margem fronteira, porém, já faz parte do territorio do Acre. Corta-a, naquelle ponto, a linha geodesica Beni-Javary, traçada pelo fallecido capitão-tenente Cunha Gomes, da marinha brazileira. Achava-me, portanto no antigo limite da Bolivia com o Amazonas. Depois de haver vencido algumas corredeiras, mais ou menos perigosas, aporto á 1 hora da tarde á capital do departamento do Alto Purús. Pisava, portanto, o solo do territorio do Acre, que, como se sabe, foi definitivamente incorporado ao patrimonio nacional, em virtude do tratado de Petropolis, de 17 de novembro de 1903.

A historia da cidade de Senna Madureira pode ser escripta em poucas linhas.

Foi fundada a 25 de setembro de 1904.

Mas sómente a 1 de janeiro de 1906 é que se inaugurou alli a primeira casa.

Assenta á margem esquerda do Yaco, affluente superior do Purús. Da confluencia do Yaco á capital do departamento, são 14 milhas.

São estas as suas coordenadas geographicas : L. S. 9º 08' 11"; L. W. G. 68º 38' 58",

As suas distancias itinerarias a Manáos e ao Rio de Janeiro, pela orla maritima, são, respectivamente, 2.400 e 9.000 kilometros.

Fica a 140 metros acima do nivel medio das aguas do Atlantico.

Quem chega a Senna Madureira tem uma impressão pouco favoravel.

Vê-se alli uma meia duzia de ruas, mais ou menos bem traçadas. Nenhuma tem calçamento.

As casas são, na sua maioria, construidas de madeira e cobertas de zinco, ruberoide, palha ou cavaco. Existem duas ou tres casas de alvenaria de taipa, com cobertura de telha.

Os proprios edificios federaes, como o da Prefeitura e o de Tribunal de Appellação, são de madeira. Nas habitações mais pobres domina a paxiuba, tanto no soalho como nas paredes internas e externas.

A cidade é illuminada a kerozene nas noites escuras. Quando ha luar, este collabora na economia do departamento. A sua população é calculada em tres mil habitantes.

Fundou-a o general Siqueira de Menezes, que lhe deu o nome do grande republicano Senna Madureira. Este general foi o primeiro prefeito do Alto Purús, como o general Thaumaturgo de Azevedo e o coronel Cunha Mattos o fôram, respectivamente, do Alto Juruá e do Alto Acre.

Topographicamente, Senna Madureira não está bem situada. Na época das grandes cheias, o Yaco transborda, e muitas ruas ficam inteiramente insuladas, como se deu em abril do anno passado.

Os terrenos patrimoniaes dividem-se em tres zonas : a urbana, a suburbana e a rural. Nesta ultima existem alguns sitios, onde se cultivam cereaes, legumes e hortaliças, que abastecem o pequeno mercado, onde tambem se vende carne de vacca, de porco e de caça da matta circunstante.

Quasi todo o progresso que alli se nota é devido á iniciativa dos particulares. A prefeitura pouco tem feito em beneficio daquelles,

que pagam um tributo tão grande que toca as raias do clamoroso.

***

Senna Madureira, apezar de ser uma cidade nova, com uma sociedade toda em formação, tem sido de algum tempo a esta parte agitada de paixões politicas.

Existem alli duas correntes contrarias, que se disputam o mando da terra. A mais honesta dessas correntes tem sido o melhor appoio da attitude e do pensamento do Dr. Samuel Barreira, que conta ao

Um seringal no rio Yaco. — Alto Purús.

seu lado os principaes proprietarios do Alto Purús, e que alli têm prestado reaes serviços ao governo do União, que, infelizmente os acaba de recompensar com uma ingratidão e uma injustiça sem nome.

A outra é representada pelo grupo que deseja a autonomia a todo o transe. Esse grupo tem as suas raizes no Alto Acre e no Alto Juruá. As suas figuras mais salientes são por demais conhecidas. Não é preciso que eu lhes cite os nomes. Ellas andam por ahi trabalhando pela emancipação administrativa do mais joven e mais fecundo pedaço do Brazil occidental.

Não ha hoje quem se illuda mais com esses *patriotas*, que vivem pelos corredores da Camara e pelas antesalas dos ministerios a defender os interesses acreanos, como se elles fossem filhos daquella terra, ou, pelo menos, a tivessem desbravado!

Todos são alli forasteiros, e têm os olhos fitos nas posições rendosas, que a autonomia lhes garantirá. A emancipação federal do territorio do Acre, ainda nestes vinte annos, seria o maior desastre politico que se possa imaginar. Seria um crime. Seria uma vergonha. Seria uma ameaça constante e um constante perigo internacional.

Porque o Acre iria rehabilitar o Amazonas, como bem ponderou um grande orgão de publicidade brazileiro.

Sou partidario das administrações militares, naquellas regiões. Porque os militares alli têm provado melhor que os civis.

Estes, em algumas prefeituras, praticaram verdadeiras orgias administrativas, como é publico e notorio, em toda a Amazonia e até no sul do Brazil.

As unicas administrações que por alli passaram, e que deixaram vestigios de um labor e de uma honestidade a toda prova, fôram as dos generaes Siqueira de Menezes, Thaumaturgo de Azevedo e capitão Samuel Barreira.

A deste ultimo foi talvez a mais agitada, porque não se submetteu aos caprichos dos mandões politicos da terra, e tinha no seu passado de homem publico a garantia maior da sua conducta.

Como homem de idéas e de principios, e de uma honestidade e de um escrupulo inexcediveis, teve que enfrentar com a colera dos impotentes e com a lama dos contrariados.

O Acre precisa de homens dessa tempera.

Dêem-se ao territorio os melhoramentos de que carece, como transportes mais rapidos, estradas de rodagem, linhas telegraphicas e até mesmo viação ferrea. Diminúa-se o fabuloso imposto de 18 %, que, actualmente, é cobrado sobre a exportação da borracha acreana. Mas ponha-se á sua frente um homem cheio de responsabilidades, que tenha um nome a zelar e a fazer respeitado.

Faça-se isso, e ver-se-á inaugurar-se uma nova era de saneamento moral e administrativo naquellas paragens tão ricas e tão mal dirigidas. Feche o governo os olhos e os ouvidos a esses patriotas que se intitulam *acreanos*, e que se enfeitam com o titulo de representantes dos interesses da região cobiçada.

O que elles representam é o seu interesse, a sua ambição, e nada mais!

***

Existe em Senna Madureira uma companhia regional com a mesma organização das que se encontram em Pennapolis e em Cruzeiro do Sul, capitaes, respectivamente, do Alto Acre e do Alto Juruá.

A companhia do Purús tem o effectivo official de 100 homens, que vivem, na maior parte, atacados de beriberi e impaludismo. A força acha-se aquartellada em um detestavel barracão de palha, que está a cair. Não ha alli o menor conforto para o nosso soldado. Os officiaes moram em casa de paxiuba, por cujo aluguel mensal pagam 200$ e mais.

A guarnição passa mezes sem receber vencimentos, soffrendo privações e explorações commerciaes, dignas de uma providencia.

O nosso governo praticaria um acto de justiça, ordenando a construcção de alojamentos para as companhias regionaes do territorio do Acre, as quaes se resentem ainda da falta de enfermarias, de medicos e pharmaceuticos.

O serviço militar, naquellas regiões, vale por um verdadeiro sacrificio de vida.

E' justo, portanto, que aos nossos soldados se dispense o relativo conforto, exigido pela inclemencia de um clima quente e mortifero.

O effectivo reduzido daquellas companhias não satisfaz o seu fim, porque, quasi todos os dias, descem para Manáos muitas praças doentes. Penso que não seria demasiado um batalhão de caçadores em cada prefeitura, e bem assim uma secção de metralhadoras. Porque alli as revoluções são constantes, e cada seringueiro tem, perfilados, em suas salas de armas, de 500 a 600 rifles.

Além de tudo esses homens são atiradores emeritos, e conhecem, palmo a palmo, a terra dos seus dominios. Vence quem tem mais rifles. A justiça é um mytho. A constituição é o gatilho da Winchester. Parece que os sentimentos mais nobres da alma humana não entraram naquellas paragens com 80 % dos seus habitantes.

No Acre, a magistratura federal funcciona em predios indignos da sua alta missão. A Commissão de Obras, que nada fez em beneficio do territorio, montou em Senna Madureira, uma serraria e uma olaria, que fornecem taboas, telhas e tijollos a particulares, mediante retribuição, quando deviam ser empregados no levantamento de edificios para a magistratura e força federal, alli estacionada.

A cidade ainda não dispõe de um chafariz, que abasteça de agua a população.

Apezar de abundante, a agua é carissima em Senna Madureira. Cada garafão do precioso liquido custa 1$000.

Não ha esgotos. Impera o regimen das fossas sanitarias. Não vi alli um importante beneficio publico, partido da administração. A Commissão de Obras Federaes, naquelle territorio, tentou ligar entre si, as sédes das tres prefeituras. Mandou construir uma estrada de rodagem de cerca de oitenta leguas de desenvolvimento, de Cruzeiro do Sul a Senna Madureira. Gastaram-se, nesse serviço, caudalosos rios de dinheiro. Essa estrada acha-se hoje em completo abandono.

No ponto de vista technico, foi um desastre; na ordem economica, um crime que devera ser punido. Ninguem a trafega.

O matto cresceu de novo e tomou conta da linha desbravada, tudo por falta de conservação. A Commissão de Obras foi de uma inutilidade a toda a prova, apezar de haver tido como chefe um espirito que descende da arvore illustre dos Andrades.

Actualmente, Senna Madureira está ligada a Pennapolis por uma estrada de rodagem, numa extensão de 205 kilometros.

Foi construida pela iniciativa particular e temeraria do engenheiro Lobão, que das respectivas despezas está á espera que o governo federal o indemnize.

Essa via é percorrida, vantajosamente, por estafetas do correio, entre os dois departamentos convizinhos.

O Acre esteve, até fevereiro do anno passado, completamente desservido de correspondencia postal. Só nessa data é que se inaugurou alli esse melhoramento indispensavel.

***

Convem registrar aqui algumas singularidades das regiões acreanas.

No Alto Purús, o terreno é tão exuberante que se colhem espigas de milho com 0^m, 60 de comprimento, e bem assim bananas da terra do mesmo tamanho.

Os cajueiros dão fructo, com dez mezes apenas. Os cajús são tão grandes que chegam, ás vezes, a quebrar o ramo com o proprio peso. Florescem e fructificam tres vezes por anno.

Ha, em Senna Madureira, uma quantidade espantosa de ratos

A' noite, saem da matta (porque a cidade fica cercada de florestas por todos os lados) e invadem as habitações. Na esphera vegetal, ha ainda outros casos de verdadeira precipitação.

As plantas crescem, com uma rapidez que assombra. No Acre, todos os fructos são de tamanhos superiores aos dos que se encontram no Brazil tropical.

No dia 12 de março do anno passado vi, em Senna Madureira, um maracujá, com a fórma de um ellipsoide de tres eixos, o qual tinha as seguintes dimensões geometricas : grande eixo, o ^{m},24; pequenos eixos, o^{m},16 e o^{m}, 18. Tomando da formula respectiva, dei-me ao trabalho de effectuar a cubatura do fructo monstruoso.

Achei, approximadamente, para o seu volume, o^{m3}, 003617, ou sejam, mais de 3 ½ litros de capacidade.

Não sei se no resto do Brazil se encontra semelhante especie de maracujá.

Não no vi em Manáos.

***

De janeiro a maio, é notavel o movimento commercial, na séde da prefeitura do Alto Purús. Quasi todos os dias, alli aportam vapores, conduzindo passageiros e mercadorias.

Tanto tem de enfadonha uma viagem de Manáos ao Acre, na época da vasante, como de agradavel a viagem de retorno, no tempo da enchente.

Os *gaiolas* navegam, de dia e de noite, e fazem essa travessia em uma semana.

Desci no vapor *Juruá*, que saiu de Senna Madureira a 11 de abril, e chegou á capital do Amazonas a 18.

O Purús transbordava. Casas que eu vira situadas em barrancos altissimos, e que nunca suppuz fossem attingidas pelas aguas, estavam inteiramente ilhadas.

O diluvio amazonico é um espectaculo bellissimo. Vi-o, em toda a sua magestade. As aguas tornam-se demasiado barrentas. Têm, sem exagero, 10 % de argilla em dissolução.

Em chegando á foz do Acre, não no reconheci de prompto, tal era a sua enchente. As casas marginaes, construidas em terras muito altas, achavam-se alagadas. O Purús, cujas aguas subiam espantosamente, arrastava comsigo os montes de lenha que os seringueiros

punham á porta para vender aos commandantes dos vapores que passavam.

Fazia pena ver as plantações ribeirinhas. As aguas haviam-nas afogado. Tudo perdido. Era o terror. Era a miseria. O rio vingava os barrancos mais culminantes. Era talvez a morte! As montarias entravam e saiam de dentro das habitações, que já ameaçavam ruir. Com a inundação formidavel, caem pedaços enormes de florestas.

Porque a maioria das arvores, na Amazonia, têm as suas raizes horizontaes, pouco abaixo do solo. A hevea constitue uma das excepções. Obedece, cegamente, á lei do geotropismo. Os vapores que descem carregados de borracha cobram, de frete, 150 reis por cada kilogramma della. Um *gaiola*, em viagem redonda de Manáos ao Acre, gasta cerca de vinte contos, só em combustivel.

Em compensação, ganha, muitas vezes, duzentos contos de frete.

Um dos negocios mais lucrativos, naquelles confins do Brazil, é ser commandante de vapores. Percebe 2 % sobre o valor da mercadoria transportada. Essa commissão é paga, de ordinario, pela casa armadora.

Além dessa percentagem, o commandante tem ainda 500$ mensaes e bem assim $^1/_3$ da importancia das passagens para alimentação dos passageiros, podendo conduzir e vender gado e mercadorias proprias.

Cada commandante, em uma viagem redonda de 40 dias, ganha cerca de vinte contos. Os medicos de bordo percebem 600$ mensaes, e cobram da casa armadora os medicamentos despendidos com a tripulação, durante a viagem. Clinicam a bordo e nos seringaes aonde chegam. Em geral, fazem de dois a tres contos por mez. Ha grande falta de medicos para a navegação interior na Amazonia. São em avultado numero os vapores que viajam sem serviço clinico.

Quanto ao facto do passageiro pagar o seu tratamento ao medico de bordo, nem vale a pena de emittir commentarios. E' um absurdo que só se vê naquella sexta parte do mundo. Para o leitor que nunca foi ao Acre, dou, abaixo, o preço da vida naquelle longinquo recanto do Brazil.

Uma gallinha 12$; um kilo de carne verde 4$; um kilo de carne de porco 3$; um kilo de carne de xarque 2$500; um kilo de arroz 1$500; um kilo de assucar 1$500; um kilo de café moido 3$; um litro de feijão preto 1$500; um litro de farinha 1$200; uma garrafa de alcool 2$; uma duzia de ovos 6$000.

Cotejando estes preços com os dos mesmos generos, em Manáos e no Rio de Janeiro, conclui que a vida alimentar, no Acre, é duas

vezes mais cara que na capital do Amazonas, e quatro vezes mais que na metropole do Brazil.

Logo, os recursos dos que vivem naquellas regiões, deveriam estar em proporções correspondentes. Isso, porem, não se dá, principalmente em se tratando dos funccionarios federaes que alli servem.

De junho a dezembro, os departamentos do Alto Acre e do Alto Purús ficam inteiramente segregados do mundo, porque os rios seccam de modo a não dar passagem senão a montarias ligeiras.

Quanto a Senna Madureira, poder-se-ia melhorar a sua situação, construindo-se uma estrada de rodagem d'alli á boca do Acre, aonde chegam pequenas lanchas, durante toda a época da estiagem.

Essa estrada, seguindo o rumo de alguns varadouros já conhecidos, não teria mais de 150 kilometros de desenvolvimento, e viria prestar grandes e reaes serviços áquella prefeitura.

Poder-se-ia, por igual, ligar, radiographicamente, as tres prefeituras entre si e a capital do Amazonas, e, portanto, com Rio de Janeiro. Tudo isso seria um acto de justiça da União, que muito, pouco tem feito em beneficio da terra que tantos milhares de contos despeja, annualmente, nas arcas do Thesouro Federal.

De 1903 a 1909 o territorio do Acre rendeu 58 mil contos. Como se sabe, elle nos custou, approximadamente, 34.500 contos. Ha pois um saldo de 23.500, que, addicionados aos 20 mil do anno passado, dá um total de mais de quarenta mil contos. Pagas as despezas com a construcção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, ainda assim nos fica um saldo espantoso.

Logo, é necessario que os poderes publicos voltem os seus olhos para aquella região, moça e fecunda, que o genio diplomatico de Rio Branco incorporou ao patrimonio territorial brazileiro.

SEGUNDA PARTE

ASPECTOS DA AMAZONIA

ASPECTOS DA AMAZONIA

CAPITULO PRIMEIRO

SUMMARIO. — A planicie amazonica. — A vida no interior da floresta. — As enchentes annuaes e a formação dos igapós. — Physionomia da flora equatorial. — A arvore de Wallis. — O rio e o homem. — A colheita do latex. — Attracção da floresta. — Uma tempestade em plena matta. — Os pôres de sol no paiz das castillôas. —Aspectos da fauna amazonica.

Em uma extensão de cerca de cinco milhões de kilometros quadrados, entre os espigões da serra Parima e os cimos achatados dos Parecis, ha uma vasta planicie atapetada de florestas. Para além das fronteiras venezuelanas, são os plainos de Caracas, que se estendem, indefinidamente, atravéz do valle do Orenoco. Para aquem dos Parecis, é a immensa planicie que, percorrida pelo Paraguay, descamba pelo Prata e vae morrer na vastidão sem limites dos pampas argentinos. A bacia amazonica (antigo mar interior, antes do levantamento dos Andes) representa não só a maior rêde hydrographica do mundo, senão tambem a mais vasta região florestal que até hoje se conhece. A agua e o vegetal são os reis daquellas paragens mysteriosas, onde o homem, considerado um intruso, tateia o deserto. A floresta equinoccial é o que se pode considerar de mais assombroso e monotono. Maravilha pelo inédito do espectaculo. Cansa pela repetição do mesmo *facies* phytographico. Subindo o Amazonas, ou qualquer dos seus formadores meridionaes ou septentrionaes, os olhos só vêm, como anteparos insuportaveis, margens cobertas de uma vegetação umbrosa e triumphante. E'o paiz das florestas primitivas.

Rumando para os pendores da Padarayna e para os valles do rio Branco e do Orenoco, deparam-se pradarias sem fim, com as suas gramineas e as suas cyperaceas.

A's vezes, nos logares mais humidos, ergue-se a palmeira Mauritia,

como dominadora unica daquellas paragens, onde a solidão profunda aterroriza o homem que mais ame o silencio e o deserto. O que falta ás regiões transvenezuelanas sobra ás regiões amazonicas.

Lá é o oceano de gramineas, que se perde na ondulação infinita do verde. Aqui é o excesso da matta, é o sombrio de uma flora, espantosa e soberba. Mas, no meio da tranquillidade desconforme desse mundo vegetal, ha uma vida que palpita e que vibra, longe do olhar e da analyse do homem.

E' a vida obscura dos animaes que nunca viram a luz do dia, que nascem na noite da floresta virgem e que vivem toda a vida dentro dessa mesma noite.

O olho do dia não entra alli. A folhagem é um labyrintho. Na agua, torva e lodosa dos igarapés, passa, de quando em quando, o dorso, aspero e bruto, de um crocodillo.

Passa, e foge rapido, se presente o vulto do seringueiro, que vae até alli á procura da caça, arisca e fugidia.

Em cahindo sobre a floresta, o pesado silencio da noite amazonica, os animaes despertam para a vida.

E então começa um ruido, prolongado, indescriptivel. E' um comprido rumor de ramos que se partem, de folhas que se agitam, de fructos que se despencam de galhadas altissimas, cahindo, surdamente, na agua putrefacta dos igapós. E'a luta pela vida. E'o ataque do forte contra o fraco. E o desespero do instincto de conservação, manifestado na quietude daquelle mundo, assombroso e remoto. E' o conflicto, no desconhecido da matta, aonde muita vez não chega o pé ousado do caboclo, porque o pantano insalubre, que o detem, é um abysmo entre a vida e a morte. O silencio das florestas do equador é de vez em vez interrompido pelo grito dos jaguares, ou pelo canto inesperado do passaro nocturno.

A's vezes, é o tropel da anta ou do porco bravio, que deixa um rastro de rumor, no silencio daquella paragem. O oceano de vegetação plethorica apenas diminúe, no baixo Amazonas e na parte nordeste da ilha de Marajó, onde dominam as savanas estereis.

O contrario observa-se, na direcção da vertente oriental dos Andes, resvalando para os lados da Colombia, do Equador, do Perú e da Bolivia.

Alli, a floresta é mais cerrada ainda.

Cortam-na, em sua passagem mais ou menos rapida, os affluentes andinos do Orenoco e do Solimões. E, no meio dessa planicie de esmeralda, que parece não ter mais fim, corre a agua barrenta do rio, conduzindo troncos de arvores, camalotes e varios detrictos organi-

cos. Suas aguas, em baixando de nivel, vão dar á terra mais um tecido para a sua vestidura geologica.

No Brazil tropical, os rios derivam, ora entre tufos de verdura, ora através de campos cultivados, onde cresce o cannavial. A's vezes serpeiam, contornando o sopé de alguma montanha, em cujas vertentes vinga a plantação do café e do fumo.

Aqui é uma usina de assucar; alli uma fazenda de gado, com os seus curraes á porta e os seus carros de bois rangendo ao longo dos caminhos.

Na Amazonia, é a solidão, de quando em quando cortada por algumas vozes que se levantam dos barracões ribeirinhos, onde vivem os miseros extractores do latex das heveas e das castillôas. E o percurso continúa, com a mesma paizagem, que se repete a cada instante, dando a noção do assombroso e do grande.

A superabundancia de vegetação, na Amazonia, é uma providencia da natureza.

A arvore é o grande auxiliar da navegação. E' o seu combustivel. E' o alimento do estomago insaciavel das machinas dos pequenos vapores que levam a civilisação e o conforto aos pontos mais remotos da grande bacia hydrographica.

***

Nos valles do Tocantins, do Xingú, do Tapajós, do Madeira, do Purús e do Solimões ha immensos lanços de floresta virgem.

Só se ouve, no silencio demorado daquella natureza, o grito agudo do gavião selvagem ou o tropel de uma anta que passa, fugitiva.

Ladeando a agua parda das grandes caudaes, levantam-se, solennes e magestosas, as arvores millenarias. Na travessia dos longos estirões, tem-se a impressão de estar percorrendo uma funda galeria de muralhas altissimas.

E o pequeno vapor, perdido naquelle infinito de aguas e de folhas, lá vae, no rumo dos remotos recantos da Amazonia, conduzindo no seu bojo uns fragmentos de civilisação e cultura das cidades maritimas.

Perlustrando aquellas paragens, é necessario tomar a direcção dos pequenos affluentes e dos igarapés vadeaveis para, entrando a floresta, conhecer de perto o labyrintho da vegetação equatorial, com as suas trepadeiras e as suas parasitas. Aqui, são caules erectos, que

se perfilam, no desejo insoffrido de abater as outras especies. Alli, são troncos, galhos e ramos, em uma contorsão tremenda, querendo subir, na ancia de ver o sol e dominar o espaço, onde poderão respirar um ar mais puro e mais livre. E' a grande luta pela vida, em outra esphera do mundo organico.

No seio das arvores, como no seio dos homens, a vida não é positivamente um idyllio : é uma grande batalha.

No abrir a umbella das suas flores, no desdobrar de seus leques verde-negros, as arvores do equador têm um porte inconfundivel e magnifico.

Parece terem, ellas proprias, a consciencia de seus triumphos e da sua grandeza, como soberanas que são, no immenso daquellas planicies. A flora do Brazil equinoccial, no aspecto e na variedade das suas especies, distingue-se, em grande parte, da flora das regiões brazileiras, tanto do tropico como do sub-tropico. Essa differença accentúa-se, cada vez mais, no rumo da Amazonia occidental. Alli, como em toda a parte, o *facies* da vegetação está na dependencia da natureza geologica da *habitat*.

Os terrenos de formação mais antiga apresentam uma vegetação mais poderosa e soberba.

E' o que se verifica nas zonas ribeirinhas do Purús, do Madeira e do Solimões.

Nas praias e nos igapós, a flora é mais pobre, porque a vestidura geologica é mais moça. Nos terrenos alluviosos, levantam-se de preferencia as diversas especies de palmeiras.

Ellas imprimem á flora do equador a nota bizarra e elegante de seu talhe, no gremio das outras arvores, cujas cópas verdejam no emmaranhado dos cipós floridos.

Mas onde se admiram as maiores especies vegetaes é na terra firme, leito de argilla dos primitivos mares interiores.

A exhuberancia e a antiguidade dessa terra firme são o motivo da magestade daquellas arvores, que são o legitimo orgulho das florestas equinocciaes.

Nas margens do Solimões, como no alto Purús, muitas vezes o meu olhar surprehendia varios exemplares de pequeno porte, em constraste manifesto com outros que, mais adeante, parecia desafiarem a tempestade e o raio.

O facto tinha a sua explicação scientifica. As primeiras vingaram em terrenos de formação recente; as segundas nasceram em terrenos antigos.

Na terra firme, os olhos descobrem, de quando em quando, um

gigante da flora da zona torrida, abrindo, victorioso, o grande leque das suas folhas, por cima da floresta. Taes são o castanheiro, a moiratinga, a samaúma ou a massaranduba.

Wallis descobriu, nas margens do rio Branco, uma arvore que tinha 158 metros de circunferencia e debaixo de cuja copa se poderiam abrigar 25.000 homens.

A immensa variedade de palmeiras que Martius e Barboza Rodrigues estudaram, encontra-se, preferentemente, nas savanas amazonicas. Em muitos logares, domina uma unica especie, como o assahizeiro (enterpe oleracea). No alto Purús, uma das palmeiras mais communs é a paxiuba (iriartea exhorrhiza), muito aproveitada na construcção de casas.

Na bacia do rio Negro, é a piassava, cujas fibras são empregadas no fabrico de grossos cabos.

A fibra do tucum (astrocaryum vulgare) tem applicação semelhante.

O mundo vegetal amazonico está incompleto. Alli, não se vêem fectos arborescentes.

Só na vertente dos Andes ou nos pendores da serra Parima é que se encontra noticia delles. Nas praias do interior abundam a melancieira, o cajueiro e as bromeliaceas selvagens.

Na orla da matta, são os maracujás que se entrelaçam nos galhos pensativos, formando verdadeiras cortinas de verdura.

Uma das arvores mais altas da floresta amazonica é a sapucaia (lecythis ollaria), com os seus grandes fructos, cuja colheita, como a da bertholletia excelsa, é cercada de certas precauções pelos indigenas, que, para esse fim, constroem pequenos abrigos.

De dentro destes, é que elles esperam a queda ruidosa do fructo, que, por seu peso, poderia causar ferimentos nas pessôas incautas. A visão e o contacto da floresta amazonica marcam uma época em toda uma vida. Ha paizagens que a retina conserva perpetuamente. Muitas arvores dão a impressão de enormes serpentes, que se contorcem, no intrincado da rêde de seus ramos.

Aqui, é um tecido confuso de folhagens que se balançam na athmosphera humida dos pantanaes. Adeante, é uma ondulação da terra, vestida de grandes e pesadas especies. O homem sente que existe uma alma em cada arvore, em cada ramo, em cada flor, em cada fructo.

Porque, á hora do meio-dia equatorial, no meio de um silencio aterrador e profundo, o ouvido percebe rumores estranhos e longinquos, cuja origem debalde se procura.

Crepitações, vozes ruidosas, lamentos que passam, suspiros abafados, imitações de queixas humanas, um ramo secco que cae, com fragor, na agua verde dos paranás, o tropel de passos de alguem que nunca se approxima, tudo delata que alli vive e palpita o espirito da selva.

A's vezes, são movimentos desordenados, no recesso da matta, um fructo que se desprende e rola no solo juncado de folhas seccas, um estalido, um éco perdido, um murmurio dagua, um ai indistincto ou o grito do caçador, que retumba naquellas solidões.

Tudo faz crer que ha um coração e uma alma perfeitos, no seio mysterioso das florestas do equador.

***

Ao longo dos rios da bacia amazonica, erguem-se bosques de embaúbas, com as suas folhas de reverso acinzentado. Os indios aproveitam-nas para embarcações ligeiras. Para além da linha dos embaúbas, é a matta verde escura.

Na occasião das grandes cheias, a agua, vingando os taludes ingremes dos barrancos, invade a floresta. Alaga-a, afogando e afofando a terra incohesa.

Então o caboclo vae até lá, á flor dos igarapés. E entra, a mais e mais, o seio da selva ameaçadora, onde o jacaré, a anta e a capivara dominam.

O sol, muitas vezes, não chega a illuminar o chão apaulado daquellas brenhas.

Dir-se-ia haver uma noite sem auroras naquellas paragens humidas e doentias.

Na previsão do diluvio amazonico, que se repete todos os annos de janeiro a abril, a população ribeirinha constróe as suas habitações sobre porões altissimos.

Vi-os até de 4 metros de altura. São verdadeiros giraes. Em vindo a cheia, os barracões marginaes ficam completamente insulados. Ha occasiões (como observei na foz do rio Acre) em que, devido á elevação das aguas, as montarias entram pelas portas dentro.

Plantações, creações, tudo lá vae, na corrente eversora. E quando as aguas baixam, no mez de maio, o que fica, em derredor das miseras vivendas, é a lama podre, é a ruina de um casal, que, mezes antes, era alegre e feliz. D'ahi vêm a febre, o impaludismo e as polynevrites.

A gente ribeirinha dos formadores amazonicos é pallida, cansada, e abusa do peixe na alimentação. Decorrido o inverno, volta de novo ao trabalho.

Entra a matta, á procura do leite da seringueira, e planta, em torno da barraca, o milho, o feijão e a mandioca.

Ao longo das praias enterram sementes de melancia, que já em outubro começa de abundar.

A floresta attrae o homem. Alli é que elle encontra o ouro que o domina e seduz. De junho a novembro percorre as estradas das heveas, na colheita do latex.

Aqui transpõe o leito esguio dos igarapés inconstantes. Alli abre, a golpes de terçado, o tecido caprichoso das cortinas de acapuranas e araçapixunas.

Vence a entrada da selva, e, á tarde, volta com o balde a transbordar do ouro appetecido da Amazonia. As unicas soluções de continuidade que se deparam na floresta equatorial são os grandes lagos interiores.

São depressões do terreno, para onde se escôao excesso das aguas, na occasião do diluvio. Esses lagos são, ás vezes, de muitas leguas quadradas de superficie.

Deante delles a vista se desafoga, cansada de ver tanta verdura.

E' então que se pode olhar o céo, o sol, e as nuvens, que o docel de folhagens encobria.

Nas margens desses grandes lagos, vôam as garças brancas, e passam, pesadas e monotonas, as pernaltas e os palmipedes bizarros.

Na areia das praias, os jacarés dormem, gozando, sensualmente, a quentura do sol.

O caboclo não receia dessa natureza.

Afez-se a ella, no transito da floresta.

Na travessia diagonal da Amazonia, um espectaculo novo para os meus olhos foi o desencadear de uma tormenta, seguida de formidavel aguaceiro, cahindo em plena malta.

Antes de a chuva chegar ao barranco do rio, já se ouvem os rumores confusos e prolongados da agua, tamborilando sobre a folhagem compacta.

E' um barulho estranho, inaudito e quasi espantoso. O éco desses rumores se propaga, o dia escurece, e o navio, sacudido pelo tufão, que bate contra as sanefas do tambadilho, lá vae descendo a corrente do rio, que ora se estende nos longos estirões, ora se dobra no capricho das curvas de minguados raios.

Os olhos que se cansaram de ver, durante o dia, os mesmos aspec-

tos de uma natureza, supremamente monotona, deleitam-se, mais tranquillos, na contemplação da paizagem fugidia da tarde.

O cahir do dia, em plena Amazonia, é tristissimo. Depois que o sol se recolhe por detrás da floresta, fica um clarão demorado acimado horizonte.

A alma se concentra, e tem saudades do rumor do mundo, no meio daquelle silencio, apenas perturbado pelo barulho das helices rodando, ou pelo grasnar de um pato selvagem, á beira dos igapós.

As manhãs são, contrariamente, alegres. Porque a matta vizinha se cobre de orvalho, durante a noite, e as flores perfumam, com abundancia, o ar sadio daquellas horas.

***

A fauna da Amazonia não está em relação com a pujança e variedade da flora.

Isso explica, em parte, o silencio profundo e solennissimo que reina, quasi sempre, no intimo daquellas florestas, principalmente durante o dia.

E' um silencio parado, magestoso, indescriptivel. Causa horror ao espirito mais temerario o infinito da solidão amazonica.

A maior população zoologica é alli representada pelos insectos e pelos passaros.

Em algumas regiões predominam os macacos arboricolas, que rompem com o seu grito, estridente e continuo, a magestade daquella quietude.

No chão, humido e pantanoso, que o emmaranhado das folhas véda á luz do sol, colleiam, innumeras e nojosas, as grandes cobras como o sucuriú, o terror mais vivo de quem perlustra aquellas paragens.

Uma cousa é digna de ser notada por quem penetra a Amazonia, no rumo dos pendores andinos. São as diversas especies zoologicas que a corrente dos rios separa, ao longo dos seus cursos. Por outro lado, essa mesma corrente favorece o transporte de muitas especies maritimas até aos seus manadeiros, na vizinhança dos Andes.

São, por exemplo, as gaivotas do Atlantico, que, muitas vezes, chegam até ás fronteiras do Perú. São os botos que sobem os rios

até á proximidade das suas cachoeiras.Os botos acompanham os *gaiolas*, saltando em torno delles, como observei, assim no baixo como no medio Purús.

As tartarugas e os jacarés são os mais numerosos povoadores das regiões amazonicas.

A tartaruga é o prato delicioso daquella terra. Ella está para a Amazonia como o pacú para Matto Grosso.

O jacaré, por sua ferocidade, é alli respeitadissimo.Todavia, deante da onça, é de uma covardia extrema.

Deixa-se devorar, sem a menor resistencia. Fica na praia, á espera que o temido felino lhe venha, no outro dia, comer o resto. A onça infunde ao jacaré um terror tamanho que o immobilisa de longe. E' facto conhecidissimo.

Na época da enchente, não se vê um só desses saurios. Fogem para os igarapés e para as lagôas.

No periodo da vasante, porém, estiram-se, ao sol, ao longo das praias arenosas. São centenas, são milhares. A matança de jacarés, a rifle e a revolver, constitue um delicioso sport, a bordo dos *gaiolas* que sobem ou descem os contribuintes amazonicos. Na ilha de Marajó o exterminio dos jacarés é um serviço organizado e systematico, porque esses terriveis animaes atacam e dizimam o gado vaccum e lanigero, com grandes prejuisos para os proprietarios. O peixe abunda, notavelmente, em quasi todos os tributarios do rio-mar.

Agassiz, na sua celebre viagem pelo Solimões, classificou um avultado numero de exemplares das faunas e sub-faunas ichthyologicas. Spix, no começo do seculo passado, calculara em 700 especies o numero total dos peixes brazileiros.

Agassiz, cerca de 40 annos depois (1865) avaliou em 2.000 só as especies existentes no rio Amazonas.

A fauna ornithologica é tambem rica e brilhante. Wallace conseguiu colher para mais de 500 especies de passaros.

São numerosas e riquissimas as especies de borboletas, na Amazonia.

Toda a Europa não tem mais de 400 especies. O Amazonas conta mais de mil variedades desses lepidópteros.

Um dos maiores e mais perigosos inimigos do homem, naquellas paragens, é o mosquito. O pium e o carapanã têm um logar proeminente na vehiculação das febres palustres. O primeiro só ataca durante o dia. O segundo prefere a noite para as suas investidas. O pium pousa na mão ou no rosto, e, quando vôa, deixa um filete de sangue a correr. O carapanã (o mais offensivo) saindo da matta ao

escurecer, entra todas as habitações. O mosquiteiro é a unica arma de que o homem dispõe para a sua defesa. O anópheles canta em derredor da rêde, até ao levantar do dia.

E' um hospede importuno e inevitavel, para quem se atreve a profanar as regiões do silencio e da morte.

CAPITULO II

SUMMARIO. — Golpe de vista sobre a bacia geologica do Amazonas. — A supposta existencia do periodo glaciario no Brazil. — Hypotheses de Agassiz. — Theorias de Branner. — A concepção geognostica de um mar interior. — A serra Parima e o levantamento dos Andes. — Archeologia e paleontologia amazonicas. — Terrenos archeano, siluriano, devoniano e carbonifero. — Rochas terciarias e quaternarias. — Fauna prehistorica. — O mastodonte, o glyptodonte e o megaterio no Brazil. — Lund e a paleontologia brazileira. — As primitivas nações aborigenes. — Os tapuios. — Seu papel na revolução da Cabanada. — Algumas tribus do valle amazonico.

O sabio Agassiz, ao visitar-nos, em 1865, admittiu a hypothese de que o Brazil passara (á semelhança da Europa, da America do Norte e parte da America do Sul) pelo periodo de glaciação.

Ancorado nesse pensamento scientifico, attribuiu á origem glacial os morros de fórma arredondada que cercam a cidade do Rio de Janeiro, e bem assim os grandes *boulders* existentes nas praias de Paquetá.

Da America do Sul, apenas a Terra do Fogo, a Patagonia e parte dos littoraes chileno e equatoriano estiveram sujeitos á glaciação por que passou o nosso planeta.

Esse phenomeno desempenhou-se mais notavelmente nas regiões alterosas da cordilheira dos Andes, no rumo da Bolivia, Perú e Colombia.

Em nenhuma parte do Brazil, inclusive a Amazonia, se encontrou até hoje o menor vestigio da época glaciaria.

Branner attribue ao phenomeno da exfoliação o arredondamento do Pão de Assucar e outros monolithos que se levantam nas vizinhanças da capital do Brazil.

Da mesma fórma, os *boulders*, que Agassiz suppunha serem blocos erraticos, Branner os considera como *boulders* de decomposição, á

semelhança de muitos outros que se deparam em varios pontos do nosso paiz.

Ainda, no pensar de Agassiz, o grande valle amazonico foi primitivamente esboçado pelo levantamento de duas grandes lombadas do continente. Essa convulsão geologica deu origem a dois planaltos : o das Goyanas, ao norte, e o central do Brazil, na parte meridional.

Agassiz vulgariza, igualmente, a hypothese da inexistencia dos Andes, na época desse levantamento. Sendo assim teria havido um estreito, por onde se communicavam as aguas do Atlantico com as do Pacifico. Posteriormente é que se deu o levantamento da grande cordilheira andina, fechando o estreito, no rumo do poente, e transformando-o em golpho, na direcção de leste. Era o mar interior de muitos geologos.

O primeiro capitulo da historia, ainda inédita, do immenso valle amazonico comprehenderia o estudo dos terrenos cretaceos. O valle do Mississipe é tambem um valle cretaceo.

O espirito arguto de Agassiz notara uma perfeita homologia na estructura orographica das duas grandes partes que constituem o hemispherio occidental.

Na sua viagem, ao longo do Salimões, este sabio convenceu-se, ainda uma vez, de que o valle amazonico esteve sujeito ao phenomeno de glaciação.

Branner e Orville Derby não patrocinam esta hypothese do grande naturalista suisso.

Quasi toda a parte septentrional do Estado do Amazonas é constituida de terrenos archeanos. As suas regiões occidental e meridional o são de terrenos terciarios e quaternarios.

Pelo facto de serem archeanos os terrenos ao norte do grande Estado equatorial brazileiro, não se póde concluir d'ahi que pela ausencia de fosseis que nelles se nota, não tenha havido vida organica naquellas regiões.

Em muitos terrenos azoicos têm-se encontrado calcareos, que, na sua maioria, são de procedencia organica. Da mesma fórma a presença do graphito, do apatito e dos minerios de ferro pode delatar a existencia da vida nos terrenos agnotizoicos.

O encontro de depositos de carbonatos de calcio (marmores etc.) nos Estados do Rio, Minas, S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará e Goyaz fez admittir a hypothese de rochas archeanas nessas regiões.

Na parte boreal do valle amazonico, têm-se deparado rochas silu-

rianas, conforme o depoimento scientifico do eminente geologo Orville Derby.

Essas rochas assentam sobre granitos e quartzitos, ora nas vizinhanças do Jary, ora ao nordeste de Manáos.

Ellas têm fornecido alguns fosseis. São preciosos os que se acharam na contextura da cachoeira do Curuá e do Trombetas.

São os mais antigos que se conhecem, e fazem parte dos archivos paleontologicos do Brazil, segundo a opinião de John Clarke. Ainda na parte norte do valle do rio-mar, perto de Uatumá, encontram-se rochas devonianas, por cima de rochas silurianas. Como se sabe as rochas devonianas são abundantes de phosphatos e calcareos hydraulicos. Ellas têm enriquecido as colleções paleontologicas. São de arenito branco e amarellado. No valle do Curuá ellas apresentam a espessura de 10 metros.

Desses leitos de arenito alguns são duros ou friaveis. Mas todos fossiliferos.

Em alguns logares da bacia amazonica, esses andares devonianos chegam a ter a espessura de 60 metros. No Tapajós e no Xingú ha terrenos pertencentes á edade devoniana. Segundo Castelnau, que estudou parte da bacia geologica de Matto Grosso, ha nesse Estado rochas devonianas, na região da Chapada, a 62 kilometros a lesnordeste de Cuyabá.

No pensar de Orville Derby, ellas tambem se acham em S. Paulo e no Paraná. Existem terrenos carboniferos na Amazonia, ora no rio Tapajós, a partir das suas cachoeiras até ás vizinhanças de Aveiros, em uma extensão de 130 k lometros; ora em Alemquer, no Curuá, no Maecurú, no Trombetas e no Jauary.

A espessura dessas camadas carboniferas é calculada em 60 metros, e todas ellas têm fornecido uma grande variedade de fosseis. Encontram-se terrenos cretaceos, em grande parte da bacia amazonica, desde o littoral atlantico até aos pendores dos Andes.

Ao longo da costa do Brazil, desde os Abrolhos até á foz do rio-mar, quasi que só se deparam rochas da edade cretacea, que chegam a penetrar algumas dezenas de kilometros, no interior dos Estados.

Na opinião de Orville Derby, as collinas que se elevam nas vizinhanças de Monte Alegre e de Obidos são de origem cretacea. Essas eminencias de terrenos no meio de uma planicie infinita como a planicie amazonica, chamaram a attenção do sabio Agassiz.

Nas margens do rio Acre, o naturalista Chandelss encontrour estos de uma especie de Mosasaurus, que, como se sabe, delatam, aos olhos experientes do geologo, a existencia de rochas cretaceas.

Os terrenos terciarios occupam grande parte do valle amazonico até á fronteira do Perú, prolongando-se, no rumo de Iquitos. Abrangem, igualmente, parte do valle do Javary.

A grande fauna brazileira encontramol-a no periodo psychozoico.

Nessa época, o nosso paiz foi habitado pelo mastodonte, especie de elephante.

Aqui viveram o megaterio, especie gigantesca de preguiça. Tambem, entre nós, floresceu, nessa edade remota, o glyptodonte, o tatú monstruoso.

Perto de Aguas Bellas, em territorio pernambucano, encontraram-se restos de mastodonte. Lund, o sabio naturalista dinamarquez, achou fosseis da edade pleistocena na Lagôa Santa, no valle do rio das Velhas, no Estado de Minas Geraes. Dos seus profundos estudos paleontologicos, Lund concluiu que o homem é contemporaneo dessa fauna gigantesca, na America do Sul.

***

Da visão da terra passemos a visão do homem. Ainda hoje se encontram, no valle do Amazonas, numerosos vestigios de tribus que viveram naquellas paragens, em uma época bem afastada da actual.

Ha alguns annos foi descoberta, perto de Manáos, uma necropole contendo varias urnas de barro. Nessas urnas acharam-se corpos de indios.

Os sambaquis (monticulos de conchas formadas pelos residuos da alimentação) são ainda o attestado da presença de tribus que em uma edade remota habitaram o Amazonas. Têm-se achado sambaquis na ilha de Marajó e nas vizinhanças de Santarém. Relativamente aos machados de jade, que fôram recolhidos naquellas regiões, têm havido duvidas, quanto á sua procedencia.

Alguns viajantes pensam que são oriundos do alto rio Branco. Martius e Spix, porém, valorizam a hypothese de que são originarios dos planaltos peruanos.

A vasta bacia amazonica tem sido, é e será ainda por muitos annos, um dos logares mais deshabitados do mundo.

A historia do homem alli é insignificante. Depois da celebre travessia de Francisco Orellana, tres seculos de silencio cahiram sobre aquellas paragens.

Um ou outro naturalista estrangeiro é que ia quebrar a tranquillidade e o repouso daquellas solidões mysteriosas.

Depois dos naturalistas fôram os jesuitas e os caçadores de indios os que se atreviam a penetrar o intimo daquelle mundo. Hoje são muito raros os indigenas de raça pura, na Amazonia.

Elles se cruzaram, desordenadamente, e, pouco a pouco, assimilaram os costumes e a lingua dos traficantes.

Dá-se-lhes a denominação generica de tapuios, e parece derivarem do tronco tupy. Como é sabido, o tapuio floresceu na bacia do Paraguay.

Presentemente, na Amazonia, é notavel o cruzamento do indio com o branco, dando o typo mameluco; do indio com o negro, dando o cafuso.

O caboclo do Amazonas (população cruzada) é physicamente bello e dotado de intelligencia. São, de ordinario, reservados, mas trataveis e hospitaleiros.

Os tapuios representaram papel saliente, em 1835, por occasião da *cabanada*.

Alliaram-se aos negros para expulsar os portuguezes do Pará e de Santarém.

São agricultores, na sua maioria.

Não se separam jamais das suas igarités, das suas ubás, das suas igáras e da montaria veloz. São, em geral, excellentes marinheiros. No seio uberrimo daquella terra o tapuio vive uma vida « folgada e milagrosa ».

A natureza tudo lhe dá, com abundancia. A palmeira fornece-lhe o coco e o espique alimenticio. A mandioca as raizes; o cocauzeiro as sementes; a floresta a caça appetitosa; o rio o peixe saboroso.

A tartaruga enterra, nas praias, os ovos que elle recolhe. A paxiuba dá-lhe o material para a choupana.

Mas, além dos tapuios, com as suas cem tribus, actualmente diffundidas, em todo o Amazonas, existem alli innumeras hordas aborigenes que ainda não soffreram o contacto do estrangeiro ou dos nacionaes de outra procedencia. Os seus mythos e costumes têm sido estudados por viajantes destemerosos, que conseguiram chegar até ás suas malocas. O que se conhece de melhor, com relação ás allianças ethnicas dessas tribus, deve-se a Martius, a d'Orbigny, a Hartt, a Crevaux, a von den Steinen e a Couto de Magalhães.

As principaes familias alli hoje existentes são a dos aruaks, a dos caraibas e a dos tupis, ao sul da bacia amazonica.

Os miranhas habitam de preferencia o valle do Iça e do Japurá.

Os carajás têm o seu *habitat* no Xingú e no Araguaya. Metade da actual população do Amazonas é constituida pelo elemento incola.

Os miranhas ainda vivem em estado primitivo. Não estabelecem commercio com os judeus que conduzem as suas pesadas alvarengas até aos ultimos rincões da Amazonia.

São, em geral, bellicosos. Vivem da caça.

Raramente pescam, mesmo em residindo á margem de rios piscosos.

Crevaux encontrou, no alto Japurá, varias hordas de indios carijonas e uitotós.

Pertencem á tribu dos caraibas. Esses indios são notavelmente formosos.

Os macús são essencialmente nomades. Erram de Manáos até ás cabeceiras dos tributarios do Solimões, no rumo dos Andes.

Uma das maiores familias indigenas é a dos uaupés, inclinados á civilisação.

Ouvem, attentamente, os missionarios catholicos. Todavia conservam o seu culto nacional, onde se confundem cerimonias pagãs e christãs.

No alto rio Branco, vivem as tribus dos wapisianas e dos atorais.

A sudeste do curso superior do Urubú, affluente do rio soberano, existe a raça dos uayenés. São quasi brancos e têm bellas fórmas e attitudes superiores. São alegres.

Têm igual proveniencia os japus, que, segundo Coudreau, são os indios mais bellos que ainda vira nas regiões amazonicas. Alguns têm cabellos louros e olhos azues. São completamente glabros.

As tribus que povôam os rios Purús e Juruá pertencem ao tronco aruak.

Ellas se dividem em varios grupos e sub-grupos. Os ipurinás são uns bellos indios. Distinguem-se por sua indole guerreira.

Têm o habito de envenenar as flechas.

Os pamaris do baixo Purús são de origem aruak. Vi-os, em grande quantidade, nas suas montarias, subindo a corrente do grande tributario amazonico.

Os muras, que hoje vagueiam na foz do Purús e do Madeira, pertenciam, antigamente, a uma nação poderosa e respeitada, que os munducurús quasi exterminaram, em continuas guerras. Vivem exclusivamente da pesca.

Quem viaja pelo Tapajós, até á parte media de seu curso, trava relações com os apiacás, os munducurús e os mauhés.

São excellentes guias e habeis canoeiros. Ordinariamente são de indole pacifica. Os apiacás são polygamos.

Segundo Couto de Magalhães a mais poderosa nação indigena do Brazil é a dos munducurús. Elles representam o typo por excellencia dos aborigenes.

Bates calculou em 20.000 os indios pertencentes a essa nação vigorosa.

Floresce, ao longo do Tapajós, onde se succedem as suas innumeras malocas.

São fortes e de estatura elevada. Destacam-se como guerreiros destemerosos e bem educados. Os mauhés são industriosos como os munducurús. Antigamente eram estes os unicos indios que conseguiam preparar o guaraná, que, como se sabe, não é mais do que uma decocção que se obtem com as sementes da Paullinia sorbilis. O guaraná é de grande consumo em Matto Grosso e na Bolivia, onde é empregado contra a dysenteria e as febres de caracter intermittente.

A cidade de Mauhés, no baixo Amazonas, é hoje o emporio do guaraná.

A bacia do Xingú, explorada pela primeira vez, em 1884, por von den Steinem, foi o ponto de partida de uma grande raça americana. Essa raça foi a dos caraibas, que, sob varios nomes, se dispersaram para os Andes, para as Goyanas e fronteira da Venezuela.

Algumas tribus fixaram-se no alto Xingú. Dentre todas a mais importante é a dos suyás. Estes são indios de grande estatura e accentuado vigor physico.

São tidos por bastante industriosos.

Andam inteiramente nús, homens e mulheres. Raspam o pello e pintam-se de preto e vermelho.

O baixo Xingú é povoado pelos jurunas. Antigos anthropophagos, elles pertencem ao tronco tupy. Actualmente, são hospitaleiros. Estes indigenas distinguem-se pela notavel habilidade que têm no domesticar animaes selvagens, como a onça, a giboia, a anta, o porco montez, a cotia, os macacos, os tucanos e os papagayos.

De vez em quando, são atacados pelos carajás, que elles respeitam.

Esses milhares de brazileiros legitimos merecem um pouco mais do nosso interesse e da nossa estima.

Bem acertado andou o governo federal, organizando um serviço de cathechese e protecção aos indigenas, afim de integral-os no convivio social brazileiro, em nome do sentimento e da cultura do Brazil contemporaneo.

CAPITULO III

SUMMARIO. — Os exploradores da Amazonia. — Sabios e *touristes*. — De Humboldt a Jacques Huber. — O El-Dorado de Raleigh. — Branner e a approximação physiographica das duas Americas. — O *Gulf-Stream* e o seu papel na desintegração territorial do Brazil. — O delta do Amazonas nos littoraes da Georgia. — As cheias periodicas e as estractificações da terra. — Desigualdades entre os factores anthropologico e cosmogenico. — A escravidão branca na Amazonia. — Uma pagina de Euclydes da Cunha.

Sobre nenhuma outra parte do Brazil se tem escripto tanto, como sobre a Amazonia. A sua bibliographia é enorme. Em compensação, nenhuma tão desconhecida e mysteriosa. A partir das missões apostolicas até ao sem numero de estrangeiros illustres, que, por amor á sciencia ou á curiosidade, a perlustraram, decorre um periodo de mais de dois seculos, com as suas memorias, as suas monographias e as suas narrações de viagens. Que o digam Humboldt, Castelnau, Koster, Agassiz, Bates, Mawe, Wallace, Martius, Spix, d'Orbigny, Coudreau, Jacques Huber, Baena, Costa e Silva, Marajó, Moraes Jardim, Couto de Magalhães, Barboza Rodrigues e tantos outros. Como tão bem ponderou Euclydes da Cunha, uma pequena faixa do Amazonas deteve o espirito eminente de Bates, no estudo e pesquisa de uma exigua fracção da natureza.

Bates fez de Teffé, á margem do Solimões, o seu quartel-general scientifico.

D'alli daquelle pequeno recanto do mundo elle enviava aos institutos da Europa os resultados das suas descobertas, no dominio da geologia, da paleontologia, da fauna e da flora amazonicas.

Porque a historia natural daquella terra não cabe dentro dos acanhados limites de uma synthese. A sua fauna tem ainda vestigios das faunas primitivas. Os amphibios collossaes que alli se encontram são aspectos manifestos da edade paleozoica.

Segundo as concepções de Frederico Hartt e outros scientistas que visitaram a Amazonia, é aquella terra a parte mais moça do nosso planeta.

Tudo alli é incompleto e indeciso.

A natureza é quasi sempre precipitada nas suas elaborações espantosas. Os rios andam perdidos no deserto, á procura de um leito definitivo. As arvores mesmas não dispõem da indispensavel estabilidade.

Porque a terra donde se levantam, é inconsistente e fugidia. As suas planicies quaternarias vão-se formando com os sedimentos mineraes e organicos que os rios lhes enviam, de seis em seis mezes, quando as aguas da montante os faz sahir de seus leitos desbarrancados.

Tudo, na Amazonia, é magestosamente monotono. A realidade é esmagadora naquellas paragens, onde o espirito phantasista de Raleigh collocou o celebre El-Dorado, com as suas riquezas fabulosas, e que se tornaram legendarias na alma aventureira dos primeiros conquistadores.

Na terra das *amazonas* de Francisco Orellana, só têm ingresso a circumspecção scientifica e a analyse, fria e meditada, de um Humboldt.

A realidade bravia dos seus aspectos surprehendentes, a Amazonia nol-a mostra na frequencia dos seus conflictos geogenicos, na transmutação constante da sua physiographia perturbada, e no transcurso das suas arterias.

O homem que, attonito assiste ao desdobrar desses phenomenos complexos, considera-se um transviado, no encarar o scenario primitivo daquellas cousas, que, no seu conjuncto, compõem á parte um mundo inteiramente inconfundivel.

O analysta mais austero é conduzido ao espanto de um sonho inesperado, na esphera fria das suas cogitações, como não raro acontecia ao temperamento impassivel de Frederico Hartt.

Branner, na approximação physiographica das duas metades do continente, compara o Mississipe ao Amazonas.

O primeiro tem uma funcção dynamica constructora; o segundo representa um papel destruidor, na molduragem da terra. Em quanto o Mississipe augmenta o territorio do seu paiz, aterrando as regiões littoraneas, o Amazonas arrasta, continuamente, as terras do Brazil para o seio do Atlantico, donde são conduzidas pelo *Gulf-Stream* para as costas da Georgia e das Carolinas. O Amazonas, em 24 horas, lança no oceano trez milhões de metros

cubicos de sedimentos, que, são carreados pela grande corrente pelasgica.

Se toda essa massa de terra formasse um delta, na embocadura do rio-mar, haveria uma compensação consoladora.

O que se vê, porém, é a incontestavel emigração da terra. O delta amazonico está-se formando nos littoraes norte-americanos.

E' sabido que Marajó não tem origem alluvial. E' um enorme pedaço do continente, destacado pelas aguas do estuario do Tocantins e pelas do Amazonas que passam pelo estreito de Breves, que ellas mesmas abriram nas erosões das enchentes annuaes.

Prova-o, de sobejo, a identidade empolgante da fauna e da flora insulares. Da mesma fórma Caviana, Mexiana e muitas outras ilhas que são restos do continente, e que o Amazonas, no seu trajecto de 6.000 milhas, e com o impeto brutal da sua correnteza, plantou á porta do golphão espantoso.

***

Parece que a tendencia do grande rio é a demolição das ilhas que lhe ficam á embocadura, desembaraçando-se desses obstaculos, apezar das ilhotas que se destroem, a montante, para em seguida se reconstruiram a jusante, assim na vizinhança do oceano como no curso medio da grande arteria.

São innumeras as ilhas de vida ephemera. Outras vivem tres ou quatro annos, para desapparecerem em uma unica enchente, que as arrasta na sua passagem, como se fôra um simples camalote.

Os barrancos a pique são uma prova do trabalho demolidor da caudal, que rola, indecisa, ao sabor dos declives instaveis. E, na época das grandes cheias, derivam, no fio da corrente, immensos troncos de arvores arrancadas, que, no medio e no alto Amazonas são o maior terror das embarcações pequeninas.

O excesso das aguas, vingando o talude vivo dos barrancos, espraia-se pelas varzeas adjacentes, e alli deposita o seu nativo vegetal. E' um estracto.

Na enchente seguinte, vem outra camada sedimentaria, e assim se vae formando o solo quaternario da grande bacia hydrographica. E' a ultima vestidura da terra, moça e florida.

Mas essa terra é incohesa, por sua origem. Conta-se que, em uma das noites do anno de 1866, toda a margem esquerda de Amazonas,

em uma enorme extensão de cincoenta leguas, desmoronou completamente.

E o rio levou, na inconsciencia da sua corrente tumultuaria, as plantações e as vivendas da gente ribeirinha.

Era uma convulsão geogenica de nova especie. O Amazonas, no seu transito, através do deserto, parece ás vezes pervagar, duvidoso, á procura do verdadeiro caminho para as suas aguas.

Porque o seu leito frequentemente se desloca, como o de tantos outros de seus formadores. Não raro esse monstro apaga, em um dia apenas, o immenso quadro que levou a esboçar no espaço de muitos annos. Destróe para reconstruir.

Tal é a ingrata missão daquelle rio, tão estudado e tão ignorado como a propria terra em que as suas aguas derivam, e onde a sociedade parece copiar-lhe o proprio *facies*, tormentoso e inconstante.

No Amazonas, o homem ha de forçosamente ser um resultado da natureza aggressiva e brutal.

E' um inimigo forte apparelhado, em frente de uma victima desacautelada e timida. O factor anthropologico é insignificante, em presença do factor cosmogenico. E' uma luta desigual e tremenda, a que o equador assiste, ha perto de quatrocentos annos, e que continuará talvez por millenios ainda.

O clima é tão poderoso que, actuando fortemente sobre o homem, começa por activar-lhe, em excesso, as funcções genesicas. Vem, em seguida, a depressão das energias psychicas, e as mais nobres virtudes do caracter vão baixando de nivel, na razão directa da resistencia organica.

Tal o destino dos aggrupamentos forasteiros e fluctuantes que erram nos desertos do mundo amazonico.

***

A sociedade nomada, representada pelos emigrados cearenses, é a que mais soffre. Porque tudo lhe falta, desde os recursos da hygiene e da prophylaxia particulares, até ao regimem alimentar, que é parco, e, ás vezes, nocivo.

O seringueiro é um abandonado da propria fortuna. Come mal, bebe mal, em uma terra onde o homem é um vencido, antes de entrar na propria terra.

Ainda não attingiu o gráo maximo da sua miseria physiologica, e

já é assaltado pelas febres palustres, pela pneumonia, pelas polynevrites, pelo impaludismo e por quantas entidades morbidas que reinam debaixo do céo da zona torrida.

E esse homem que desbrava a terra, que é um dos maiores collaboradores da fortuna do Brazil e dos patrões gananciosos e avidos, não passa de um expatriado dentro do seu proprio paiz. Ou peior, é um escravo. A escravidão branca, no Amazonas, é uma realidade.

Quem vive a vida farta e commoda da capital brazileira, ouvindo os ultimos écos da civilisação contemporanea e recebendo da Europa as novidades mais palpitantes da litteratura e da moda, que os transatlanticos despejam, diariamente, na rua do Ouvidor; quem vive uma vida assim, regalada e feliz, está longe de imaginar que, no extremo norte, dentro das nossas fronteiras, existem milhares de patricios, vergonhosamente escravisados.

Faz-se mistér uma lei que os proteja, dando-lhes uma parte melhor do seu esforço, fecundo e honesto. O seringueiro é uma victima do patrão opulento, cheio de ambições e vazio de alma.

Euclydes da Cunha, que percorreu o Amazonas, e que tão bem observou a natureza e o homem, com a sua profunda visão de pensador e sociologo, escreveu esta pagina que vale por uma photographia.

Lede-a :

— « No proprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever : deve a passagem de prôa até ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150$000). Depois vem a importancia do transporte, em um *gaiola* qualquer, de Belém ao barracão longiquo a que se destina, e que é, na media, de (150$000). Aditem-se cerca de 800$000 para os seguintes utensilios invariaveis : um boião de furo, uma bacia, mil tijelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas chicaras, duas panellas, uma cafeteira, dois carreteis de linha e um agulheiro. Nada mais. Ahi temos o nosso homem no barracão senhoril, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, ainda não aprendeu o *córte da madeira* e já deve 1:135$000. Segue para o posto solitario, encalçado de um comboio, levando-lhe a bagagem e viveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para tres mezes : tres paneiros de farinha d'agua, um sacco de feijão, outro pequeno de sal, vinte kilos de arroz, trinta de xarque, vinte de café, trinta de assucar, seis latas de banha, oito libras de fumo e vinte grammas de quinino.

« Tudo isto lhe custa cerca de 955$000.

« Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é um brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso serio de... 2:090$000. Admittamos agora uma serie de condições favoraveis que jamais concorrem : *a*) que seja solteiro; *b*) que chegue á barraca em maio, quando começa o córte; *c*) que não adoeça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despeza de 10$000 diarios; *d*) que nada compre, além daquelles viveres, e que seja sobrio, tenaz, incorruptivel, um estoico firmemente lançado no caminho da fortuna, arrostando uma penitencia dolorosa e longa. Vamos além — admittamos que, máu grado a sua inexperiencia, consiga tirar logo 350 kilos de borracha fina e 100 de sernamby, por anno, o que é difficil, ao menos no Purús.

« Pois bem, ultimada a safra, este tenaz, este estoico, este individuo raro alli, ainda deve. O patrão é, conforme o contracto mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escriptura as contas. Os 350 kilos, remunerados a 5$000, rendem-lhe 1 : 750$000; os 100 de sernamby, a 2$500, dão-lhe 250$000. Total : 2 : 000$000. E' ainda devedor, e rara deixa de o ser. No anno seguinte já é manso : conhece os segredos do serviço, e pode tirar de 600 a 700 kilos. Mas considere-se que permaneceu inactivo, duante todo o periodo da enchente, de novembro a maio, — sete mezes em que a simples subsistencia lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em viveres, ou seja, em numeros redondos, 1:500$000, admittindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passageira enfermidade.

« E' evidente que, mesmo neste caso especialissimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna. »

***

Como se viu, Euclydes da Cunha, no esboçar a vida miseravel do seringueiro, tomou dados muito optimistas. Admittiu a venda da borracha fina a 5$000 por kilogramma. No baixo e no medio Purús, em novembro do anno passado, assisti vender-se a melhor gomma elastica a 4$000 por kilogramma. Era o preço corrente nos barracões. Os patrões não pagavam mais, nem ao seringueiro era permittido vende-la, por mais elevado preço, aos *regatões*.

Os regulamentos lh'o prohibiam.

Entretanto, naquella época, a borracha fina era vendida, em Manáos, a 11 e 12$000 ao kilo.

Os patrões só compravam a borracha no *toco*, segundo a expressão local. E por conta propria, remettiam-na para as casas commerciaes com que têm transacções, na capital do Estado. O que ha, presentemente, no Amazonas, é um feudalismo disfarçado e vergonhoso. E' uma nova gleba a que o homem se sujeita, no trato das heveas e das castillôas. No fim de alguns annos é uma creatura exgotada pelo clima e pelo trabalho. As suas dividas vão-se avolumando, de um anno para outro.

Escraviza-se, cada vez mais.

A's vezes, muda de barracão, mediante este accordo : O novo patrão compra-lhe a divida ao antigo senhor.

Só assim consegue mudar de paragem, mas a escravidão continúa sempre. Mudou apenas de dono.

Isto é, positivamente, meridianamente, uma grande vergonha a que todos assistimos, em pleno despertar do seculo XX, em um paiz civilisado, que se diz marchar na vanguarda das democracias da joven America.

Urge uma providencia por parte do governo e do congresso, em nome da nossa cultura, dos nossos brios e dos creditos da nossa nacionalidade.

CAPITULO IV

SUMMARIO. — Os amansadores do deserto amazonico. — O terror da malaria. — As emigrações do nordeste e a necessidade de uma lei que as proteja. — O cearense. — Seu heroismo. — As selecções da natureza. — Vencedores e vencidos. — As arvores do latex. — Heveas e castillôas. — Manihots e Hancornias. — Cidades tributarias. — A vida do seringueiro.

O cearense, o parahybano e o rio-grandense do norte são os amansadores do deserto amazonico. Domam a natureza, nas suas manifestações primitivas e mais barbaras.

A principio é um timido. Enche-lhe a phantasia aterrorizada a visão da morte pelo impaludismo e pela polynevrite.

Quando transpõe a desembocadura do rio soberano, parece-lhe que o salteia toda a sorte de molestia que a lenda do extremo norte espalhou entre os incautos filhos do sul. Aterra-se. Chegando a Manáos, reanima-se um pouco, deante dos esplendores de uma civilisação moderna, que o trabalho e a cubiça plantaram á margem do rio Negro.

Quando deixa a capital do Amazonas, e penetra no Solimões, rumo do Purús e do Acre, o espirito se lhe abate, em contemplando a uniformidade dos aspectos de uma natureza monotona. Viaja semanas inteiras, em um *gaiola*, vendo todas as manhãs as mesmas paizagens, bebendo a agua suja do rio, comendo o mesmo pirarucú e o mesmo jabá. E'um condemnado.

Se já era um doente, succumbe.

Se era um forte, entibia-se. Predispõe o organismo á contracção das molestias tropicaes. Se acontece morrer, levam a sua morte á conta do clima. O emigrante cearense não tem a seu favor os recursos da hygiene e da prophilaxia officiaes.

Atira-se áquelles desertos infinitos, desamparado dos governos, elle que foi o fecundador de uma terra esquecida; elle que é um dos melhores auxiliares da fortuna publica, no Brazil; elle que defendeu com o seu sangue e o seu musculo o pedaço mais rico e desejado das regiões acreanas!

Comtudo tem uma resistencia de bronze o caboclo do Ceará, quando confrontado com o filho do sul brazileiro, que, no Acre, definha e perece em pouco tempo.

No enfrentar os assaltos de uma natureza selvagem, é um heróe. E o heroismo do cearense é digno daquella natureza, magestosamente barbara.

Em grande parte, o homem, na Amazonia, é victima ou da sua imprevidencia, ou da falta de recursos de que se devia cercar. O clima não é dos peiores. Contam-se por centenas as pessôas que alli hão vivido longos annos sem ter uma simples dôr de cabeça. Outros chegam em um dia, e morrem no outro. A causa está na resistencia physica de cada um, nas suas predisposições hereditarias e no methodo de vida.

Está provado que as pessôas abstemias resistem melhor ao clima da zona torrida. Os alcoolatras perecem em grande numero, da mesma forma os invididuos que se entregam ao exercicio demasiado das funcções genesicas. Não havendo um justo equilibrio entre a potencia depressiva do clima e a fortaleza organica do homem, este cahirá esmagado pela fatalidade inconsciente da natureza.

A França e a Inglaterra costumam cercar os noveis povoadores de suas colonias asiaticas de todos os meios de defesa contra os ataques da terra e do clima bravios.

Nós nada temos feito, neste particular. Já é tempo de proteger, por meio de uma lei humanitaria, a saude e o esforço da colonisação indigena da Amazonia, colonisação que é o maior attestado da resistencia e bravura da nossa raça.

As primeiras levas de emigrantes que, desde o Ceará até a Parahyba, se dirigiram, em 77, para o paiz das heveas e das castillôas, não obedeceram aos modernos processos de aclimamento, no adaptar-se á terra que elles iam fecundar com o esforço do seu nervo e do seu musculo.

Nenhuma protecção administrativa, nenhum apoio ou conselho prophylatico tiveram elles, ao penetrar os valles, quasi virgens, do Juruá e do Purús, onde Claudless, alguns annos antes, encontrara, fartamente, e em completo abandono, a arvore fornecedora do precioso latex.

Esses milhares de homens destemerosos transformaram, em alguns decennios, uma terra pobre e desconhecida, em uma região riquissima e procurada.

Manáos, que em 1885, era um vilarejo, rodeado de casas de palha, apparece, dez annos depois, como uma das mais bellas cidades da America do Sul e como o emporio mais importante de navegação interior que ainda se viu e se vê, na parte meridional do continente.

Tudo isso foi obra da energia, da resistencia, da resignação, da coragem e do heroismo do cearense.

E naquelle pedaço feracissimo da Amazonia, que, em 1880 não contava talvez 3.000 habitantes, hoje se alastra, activa, intelligente e trabalhadora, toda uma população superior a cem mil almas. Comprehende essa estimativa, unicamente, as populações ribeirinhas da Purús e da Juaná.

***

Na Amazonia, só vencem os sãos de espirito e de corpo. Porque, no jogo das forças physiologicas e naturaes, na sympathia expontanea da natureza para com o homem, o que fica patente é uma especie de selecção que a terra estabelece, nas levas de seus povoadores.

Ama o que se lhe antolha mais resistente, e desprotege o menos favorecido. E'uma lei tremenda, mas necessaria. Porque desse conflicto desigual entre a natureza e o individuo resulta o progresso da Amazonia.

O nosso governo, que favoneia a immigração italiana para S. Paulo, a allemã e a polaca para o Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná, por que não volta as suas vistas, attentas e patrioticas, para os miseros colonos cearenses, que, escravizados, estão a fazer, na Amazonia o que nenhum estrangeiro ou nacional jamais faria?

Penso que deixar aquella gente extraordinaria entregue ao abandono lastimavel em que se encontra, sem a menor assistencia official, sem a menor garantia para o seu trabalho, é recompensar com a ingratidão a quem tanto se ha esforçado e ainda se esforça em prol do nosso presente e futuro economico.

Todavia, apezar do desinteresse official pelo homem que alli desbrava e fecunda o deserto, a terra se povôa e progride de um modo espantoso.

Porque a industria extractiva não requer o tempo e o cuidado das

culturas sub-tropicaes. O seringueiro entra a floresta, no rumo das *estradas*, e de lá volta com a machadinha e o balde transbordando do leite ambicionado.

Da mesma fórma, (apenas mudando de processo) o cauchal e o castanhal abrem o seio farto á saciedade do homem.

Aquellas paragens, agora percorridas e acordadas pelo tropel temerario dos filhos do nordeste, tiveram os seus senhores primitivos, os quaes presentemente vivem no refugio da matta. Uns são inoffensivos, como os ipurinãs, no alto Purús; outros apresentam uma compleição degenerada como os tucurinãs, nas margens do Yaco; outros ainda vivem ignorados, como os indomitos coronáuas, para além de foz do Curanja. E essa gente, verdadeiros donos da terra, hoje invadida pelo nacional e pelo estrangeiro de todas as patrias, vivia e prosperava no meio de uma floresta que possuia uma das maiores riquezas do mundo, e que ella mesma ignorava! As industrias e as novas necessidades da vida vieram valorizar a flora do mundo amazonico.

A machadinha do seringueiro e o estampido do tiro do rifle fôram talvez os primeiros rumores estranhos que despertaram, nestes ultimos quarenta annos, a solidão millenaria dos florestas equatoriaes brazileiras.

***

A borracha, exportada em tão grande quantidade pela Amazonia, é proveniente das plantas que fazem parte dos generos Hevea e Castillôa.

As heveas pertencem á familia das euphorbiaceas; as castillôas á familia das moraceas. A borracha de Minas, S. Paulo, Goyaz, Bahia e outros Estados do norte provem de plantas que fazem parte dos generos Maniot e Hancornia.

As maniots pertencem á familia das euphorbiaceas como as heveas. As hancornias, porém, fazem parte da familia das apocynaceas.

Ao residuo do latex das heveas dá-se a denominação de *seringa*. Ao das castillôas a de *caucho*. Ao das maniots o de *maniçoba*. Ao das hancornias o de *mangabeira*. Existem outras especies; mas estas são as principaes. Os processos empregados para o córte das heveas é ainda primitivo na Amazonia.

O extractor, muitas vezes por ignorancia ou por avidez, golpeia a arvore muito profundamente, matando-a.

Em geral perdem-se 80 % das arvores sangradas. A hevea não vive muitos annos. Se não fôra a immensa quantidade de individuos que se multiplicam em cada recanto da Amazonia, seria de ha muito uma especie inteiramente extincta, porque não ha plantação systematica dessas arvores, como o ha das castillôas, nos rincões da fronteira peruana.

Mas no proprio valle do rio-mar, onde reinam as heveas e as castillôas, tambem se encontram hancornias, principalmente na parte inferior de seu curso. A castillôa abunda de preferencia no alto Amazonas, onde se deparam grandes cauchaes pertencentes, na sua maioria, aos peruanos. Nos rios Yaco e Caethé, tributarios do alto Purús, tambem se extrae o latex dessas moraceas.

Em Matto Grosso, no Maranhão e em Goyaz existe igualmente a castillôa elastica de Cervantes.

No Brazil, onde essa arvore não é plantada, systematicamente, como no Perú, veremos, dentro de alguns annos, o seu desapparecimento completo.

Porque, para se extrahir o latex da castillôa, é preciso derrubal-a e fazel-a em toros. Cada individuo fornece, em media, de 30 a 40 kilos de caucho, que sendo uma gomma elastica inferior, é vendida por menor preço.

A castillôa é uma planta sensibilissima. Golpeada ao de leve, morre. Não resiste ao talho da machadinha como as heveas brazileiras.

***

Além de Manáos, o Estado do Amazonas conta outras cidades de regular importancia, e que lhe são tributarias. Dentre ellas citarei Barcellos, no rio Negro; Bôa Vista, no rio Branco; Teffé e S. Paulo de Olivença, no Solimões; Lábrea, no Purús; Borba, Manicoré e Humaythá, no Madeira; Itacoatiara e Parintins, no baixo Amazonas e Antimary, no baixo Acre.

De todas essas paragens, espalhadas a esmo nos plainos do Amazonas, descem, na época da safra, os *gaiolas* e os batelões repletos de borracha e de caucho, cujo imposto exorbitante vae pejar as arcas do thesouro estadual.

O Estado cobra 18 % sobre o producto liquido da venda da gomma elastica. E'este tambem o imposto cobrado pela União sobre a borracha do Acre federal. E' um imposto excessivo. Em nenhuma

parte do mundo existe um producto tão clamorosamente taxado.

Penso que a receita do Estado do Amazonas, no corrente anno, deve ter attingido a mais de 20 mil contos. Porque a borracha se vendeu, na praça de Manáos, por preços porque jamais foi vendida em épocas anteriores. Subiu a 18$000 por kilogrammo. Este anno foi um anno de fortuna. Manáos está nadando em ouro.

Os seringueiros pagaram as suas dividas e ainda tiveram grandes saldos.

O commercio moveu-se, na azafama das suas transacções.

As ruas de Manáos, na febre que as agitava, faziam lembrar os tempos do ensilhamento, em que, no curto prazo de 24 horas, de um simples pobretão se fazia um millionario.

Quando de lá sahi, em maio ultimo, era intenso o rumor do rodar de carruagens e de automoveis, nas avenidas, amplas e illuminadas. Sobre as mesas, nos terraços, só se ouvia o esponcar de champagne.

As *cocottes* imperavam, na maior tolerancia de costumes que tenho visto. Enchiam os hoteis, os *bars*, os cafés-cantantes, os theatros, os bonds, e os arrabaldes mais pittorescos.

Era o reinado da luxuria, em plena civilisação do seculo XX.

O seringueiro endinheirado gastava, sem medir nem sommar as despezas nocturnas. Valia por uma desforra. Tinha passado seis mezes no deserto, caçando arvores, lutando com os piuns e com as carapanãs. Agora vingava-se, á luz do conforto e do luxo que o dinheiro proporciona em todos os grandes centros sociaes contemporaneos.

Sentindo-se enfadado das avenidas de Manáos, o seringueiro dinheiroso toma um vapor da Booth Linie, vae á Europa embriagar-se de civilisação, nos *cabarets* e *boulevards* de Paris. Passeia, diverte-se, exgota-se. Em maio, na baixa das aguas, está novamente em Manáos. Toma o *gaiola* que o conduz ao barracão longinquo e solitario. Trabalha, luta, soffre, para outra vez afundar-se na orgia das avenidas, no meio de *cocottes* de todas as origens.

Assim passa elle a vida, e não raro acaba envelhecendo em plena mocidade.

CAPITULO V

SUMMARIO. — Um rio que desapparece. — Seu declive kilometrico. — Sua actividade erosiva. — Peninsulas, isthmos e *sacados*. — Reservatorios naturaes. — Applicações inconscientes de leis da physica. — O Purús : seu trafego, sua largura, seu povoamento. — Uma opinião de Brown. — Chandless e a revelação das heveas. — Nações aborigenes. — Primeiros exploradores do grande tributario amazonico.

O Purús é um rio que tende a desapparecer. Teve uma infancia tormentosa, uma adolescencia indecisa, uma virilidade cheia de caprichos e está tendo uma velhice desamparada. Ha millenios que procura um leito para suas aguas, e ainda o não encontrou, no seu longo percurso de 6.000 milhas, através do Perú e dos plainos amazonicos.

Correndo, a principio, á feição dos pendores andinos, o grande affluente meridional do Amazonas apresenta, nas suas cabeceiras, um declive kilometrico de 1^{m}, 60, e, nas proximidades da sua fóz, esse declive é apenas de 0^{m},015.

Nas vizinhanças dos seus primeiros formadores (o Curiuja e o Curanja), a altitude de seu leito é de 186 metros; na sua confluencia com o Solimões é de 18 metros apenas. O seu thalweg ainda não se ajustou á conformação da terra.

Do regimen torrencial, na sua origem, passa para o remanso da embocadura, onde as aguas se espraiam, niveladas pelos terrenos alluviaes. O Purús é a imagem mais viva da geologia tormentosa do Amazonas.

Retrata-a, com a maior fidelidade, através dos seus 3.210 kilometros de desenvolvimento, ora revolto, na parte inicial do seu caminho, ora no rebalsamento que se nota no intervallo da suas corredeiras, que os repiquetes de outubro já não deixam ver.

A actividade erosiva do grande rio ainda hoje se revela, na passagem das antigas catadupas destruidas, como algumas que, de quando em quando, se descobrem na parte media de seu curso.

No villarejo que tem o nome de Cachoeira, abaixo da boca do Acre, ainda existem os restos de um antigo accidente geologico que lhe justificava o nome. Actualmente não passam de alguns recifes desmantelados, que, na baixa das aguas, é um constante perigo para as lanchas e lanchões que vão até á fóz do Aquiry.

Os terrenos adjacentes ás margens do Purús foram formados pelo proprio rio com os nateiros que a corrente conduziu da montante. Ha curvas de raio tão pequeno que parece que as aguas, forçando a super-estructura dos barrancos, se precipitam na direcção da componente tangencial.

As curvas repetem-se, a cada passo.

Muitas vezes a acção da força centrifuga, exercendo-se sobre a curvatura das margens inconsistentes, desgasta-as de tal fórma que se definem verdadeiros isthmos.

Nas enchentes mais fortes, os isthmos se rompem. Constituem-se verdadeiros lagos, contendo grandes ilhas cobertas de verdura. A esses lagos dão os habitantes da Amazonia o nome de *sacados*.

Elles representam grandes reservatorios parciaes, construidos pela natureza, ao longo do caprichoso rio brazileiro.

A quem percorre o Purús não é raro observar a margem do rio a 50 metros de distancia, após haver elle descripto uma grande curva. Para vencer o pequeno isthmo, bastariam uns cinco ou dez minutos, a pé.

Entretanto, por via desse grande rodeio da caudal, o vapor, que, na subida põe 6 milhas positivas, gasta de cinco a seis horas a perlongar a immensa porção de terra insulada.

Quando se rompe o isthmo, o vapor passa pelo canal que o substitue, economizando muitas horas de viagem.

Os *sacados* reproduzem-se, constantemente. Além disso calculam-se em cerca de 500 os grandes lagos que se communicam com o Purús. Dentre elles citarei o Paricatuba, o Berury, o Ananaz, o Tapyra, o Ariman e o Maguary. São verdadeiros tributarios lacustres. O Purús realiza um estupendo trabalho de hydraulica fluvial.

Os *sacados*, quasi sempre de fórma annullar, são admiraveis reservatorios, como já vimos. Nas enchentes elles recebem o excesso das aguas; na vasante restituem ao rio desfalcado as aguas que este accumulara, durante alguns mezes, obedecendo á lei que preside ao equi-

librio dos liquidos nos vasos communicantes. E'a engenharia da natureza. Nas grandes cheias de março a abril, o Purús, nas vizinhanças da sua fóz, eleva de 15 metros o nivel das suas aguas, que se espraiam, em uma largura de cerca de 2 kilometros.

Na boca do Acre a intumescencia da corrente do grande rio sobe de 23 metros, acima da superficie livre, nas vasantes maximas. As aguas, vingando o acclive dos barrancos abruptos, inundam os terrenos marginaes, insulando os barracões construidos sobre parões elevados.

A montaria do seringueiro entra pela floresta abalada pelo diluvio, e volta conduzindo, á prôa, a anta, a capivara e o tatú canastra, que fogem com pavor.

O Purús, dentro de poucos annos, será um rio innavegavel, apezar de ser o mais commercial de toda a Amazonia.

As grandes arvores que tombam das margens, os torrões que se formam no meio do alveo, os cascos de embarcações naufragadas, tudo impede de um anno para outro o livre trafego dos vapores, no periodo da vasante.

E ninguem cuida de o melhorar, desobstruindo-lhe as passagens perigosas.

Debalde por alli passam o *gaiola*, a pesada alvarenga dos regatões, a lancha e as ubás carregadas de pelles de borracha, sem que um braço previdente afaste um tronco de arvore, que, á semelhança de uma bayoneta calada, espera a embarcação inexperta.

O Purús é um dos maiores caminhos da expansão commercial da Amazonia.

Passam por suas aguas todo o commercio do mais rico departamento do territorio do Acre, e bem assim o da prefeitura do Alto Purús. Abastece o Acre meridional, que pertence ao Estado do Amazonas, como tambem as povoações que florescem, ao longo do curso superior do grande rio, até ao Curanja e adjacencias.

***

Segundo referem Brown e Lindston, em seu livro *Quinze mil milhas no Amazonas*, o Purús, nas proximidades da sua fóz, tem uma largura de perto de $^3/_4$ de milha. D'ahi por deante vae diminuindo de modo sensivel, até que, a mil milhas da sua confluencia com o Solimões, apresenta apenas $^1/_6$ de milha de largo. A amplitude me-

dia de seu valle é estimada em vinte milhas. Calcula-se em sessenta pés a differença de nivel entre a vasante extrema e a enchente maxima.

D'ahi o immenso volume d'agua que se observa, em todo o seu percurso, nos mezes de janeiro, fevereiro e março.

Todo o seu valle é um verdadeiro oceano. Em baixando as aguas, ficam nos caules das arvores os signaes da cheia diluviana. A correnteza augmenta, na época das inundações.

A'noite muitos *gaiolas*, no intuito de economisar combustivel, navegam de bubuia (á mercê da corrente).

De um e outro lado do grande rio a floresta alagada,onde, de quando em quando, grandes lanços da vegetação que se afoga vão, pouco a pouco, cahindo com o afofamento da terra enxarcada.

Grandes trechos de barranco desabam, e enormes samaúmas e grandes castanheiros tombam no rio, que os arrasta. Vê-se alli o drama estupendo de uma natureza que se fórma, dia a dia e hora a hora.

E o homem, espectador inconsciente desse drama, treme de pavor, ante o continuo conflicto cosmogenico. O Purús tem um grande numero de contribuintes.

Pela margem direita recolhe as aguas do Paraná-Pixina, Jacaré, Mucuim, Mary, Paciá, Ituxi, Sepatinim, Aycuinam, Seruinin, Aquiry (Acre), Hyacu (Yaco), Yapaba, Urbano e Patos. Pela margem esquerda recebe a homenagem do Tapauá, Mamoriá-mirim, Mamoriá-assú, Pauinin, Inauhinin, Tarauacá, Richalá, Carinahá e Carimaahú.

Os indios pamarys dão ao Purús o nome de Wainy; outros indigenas chamam-lhe Pacaya, e não raro, Cuchiquara. Esta denominação, porém, é, actualmente, dada ao canal que serve para communicar o Purús com o Solimões. O grande contribuinte amazonico de que ora me occupo, ha cerca de cincoenta annos achava-se inteiramente despovoado. Hoje conta para mais de cem mil habitantes, ao longo das suas margens. Concorreu, fortemente, para isso a revelação da existencia das heveas, nos seus dominios, revelação feita por Chandless, em meiado do seculo passado. Depois as emigrações cearenses, em virtude da grande secca de 77 a 79, que assolou todo o nordeste do Brazil.

E' avaliada em 10.000 a totalidade dos indios que habitam o Purús.

Elles constituem as seguintes nações :

Muras, Pamarys, Huamandahys, Camijós, Catanixis, Caripunas,

Hypurinãs, Manatenerys, Itatapyaia, Carumady, Cipós, Caramarys, Panamás e Caxararys.

Chandless é de opinião que o Purús não tem nascimento na vertente oriental dos Andes, porque não se encontram no seu alveo fragmentos de rochas graniticas ou vulcanicas.

Todavia a grande differença de nivel que se nota nas cabeceiras desse rio conduz-nos a acreditar que elle tenha suas fontes naquella cordilheira.

Alli as suas aguas subordinam-se ao regimen torrencial 1/500. As enchentes são rapidas, permittindo a navegação, apenas por espaço de algumas horas.

***

Os primeiros exploradores do Purús não chegaram até ás suas origens. Só em principios da segunda metade do seculo transacto é que William Chandless e o pratico Manoel Urbano attingiram as regiões convizinhas dos seus manadeiros.

Essas incursões, através do desconhecido, tiveram como resultado o descobrimento de heveas e castillôas, em grande abundancia, no valle do rio caudaloso.

De todos os seus formadores o mais percorrido e habitado é o Aquiry, apezar de atravessar regiões baixas e doentias, mas riquissimas na producção da gomma elastica.

O Purús lança-se no Solimões por cinco bocas distinctas, uma ao sul, outra ao norte e tres intermedias.

Chandless calcula que as nascentes desse rio estejam a 360 metros acima do nivel do Atlantico, sob a latitude meridional de 12º.

Macklan admittia que o Madre de Dios fosse a verdadeira fonte do grande tributario amazonico.

Era uma hypothese erronea.

O Madre de Dios, juntando-se ao Beni e ao Mamoré, dá origem ao Madeira, conforme está hoje plenamente verificado. O curso total do Purús é avaliado em 3.210 kilometros. Da sua fóz á confluencia do Acre distam 1.753 kilometros. A boca do Acre fica a 8º45' L. S., e a sua longitude relativamente ao meridiano que passa pelo Observatorio do Rio de Janeiro, é de 24º 16' W.

O Purús percorre em grande parte um valle de formação cretacea. Ao longo do seu affluente o Aquiry, ainda hoje vivem diversas tri-

bus como a dos hypurinás e dos chananarys. Nas suas margens abundam varias caças. Não é piscoso.

O Acre offerece navegação franca até cerca da 260 milhas acima de sua fóz. Na época da vasante apenas dá passagem a pequenas embarcações. O Purús é dividido em tres partes : o baixo, o medio e o alto Purús.

O baixo Purús vae até á embocadura do Tapauá; o medio até á sua confluencia com o Mamoriá, o alto d'ahi até ás suas origens.

Outros consideram o alto Purús a partir da boca do Acre.

Euclydes da Cunha, que o perlustrou, em 1906, é de opinião que o verdadeiro alto Purús começa a 3.019 kilometros da sua confluencia, justamente no ponto em que recebe as aguas dos seus formadores o Cujar e o Curanja.

Este illustre geographo foi levado a semelhante conclusão, porque o Purús, das suas nascentes até as Curiuja, apresenta um declive kilometrico de $1^{m}60$, em uma extensão de 117 kilometros apenas. Do Buriuja ao Curanja (278 kilometros) o declive kilometrico passa, bruscamente, a ser de $0^{m}22$. A differença de declive é enorme para extensão tão relativamente pequena.

A partir do Curanja, o Purús deriva, através de 3.000 kilometros, com um declive kilometrico que varia de $0^{m}22$ a $0^{m}015$. E'singularissimo.

Este rio é navegavel até 1.620 milhas. Parte do seu valle pertence á formação terciaria; uma outra parte (a superior) á formação mezozoica.

Quando baixa, pondo a descoberto os seus altos barrancos a pique, deixa ver, na parte média de seu curso, a partir de cima para baixo, uma forte camada de humus (terra vegetal), depois uma de argilla avermelhada, em estratos parallelos e regulares, onde se encontram grés e linhitos.

Em seguida notam-se outras estratificações de areia e argilla, de mistura com fragmentos arredondados de quarzto.

CAPITULO VI

SUMMARIO. — Uma terra deshabitada. — O homem na Amazonia. — Um atomo, deante de um mundo. — Euclydes da Cunha. — Sua visão, atravéz das regiões do silencio. — Uma obra muito lida e pouco entendida. — Um homem de genio num paiz de analphabetos. — Terras caidas. — Florestas que caminham. — Ilhas ephemeras. — Da geologia historica á geologia dynamica. — Um mundo que surge e uma sociedade que morre. — Esplendores de uma civilização emigrada.

Quem viaja a Amazonia, na linha diagonal que vae de Manáos ao Acre, tem a impressão de perlustrar um immenso deserto. Mesmo no baixo Solimões, é preciso navegar 24 horas, para encontrar uma casa. Ao longo dos contribuintes do rio-mar, os barracões são, na maioria dos casos, pontos de parada dos *gaiolas*, que alli vão tomar lenha.

O Amazonas conhecemol-o aos pedaços. Os divisores de aguas, naquellas paragens, são ainda um mysterio. A physiographia da terra é um problema a resolver-se.

A historia daquelle mundo é escripta a pequenos capitulos. Quem melhor a tem estudado e comprehendido é o estrangeiro. Inglezes, allemães, francezes e norte-americanos encarregaram-se de desvendar, aos olhos da sciencia, aquelle cosmos que nos pertence, e que para nós outros brazileiros é ainda uma especie de mytho.

Alli a noção do conjuncto é uma noção impossivel. O espirito curioso e investigador tem que contentar-se com os aspectos parciaes daquella natureza assombrosa, onde tudo é grande, magestoso, inconfundivel.

O homem, na Amazonia, é um sêr pequenino e ridiculo. E' digno de piedade.

Some-se, esmaga-se, amesquinha-se, anulla-se, deante do scena-

rio estupendo daquellas planicies cortadas de florestas e de aguas.

Como bem observou o extraordinario Euclydes da Cunha, o homem é um intruso naquellas paragens. A terra ainda não está preparada para o receber. Chegou antes de tempo.

Por isso tem pago, e ha de pagar por muitos annos, o crime da sua temeridade, violando o mysterio sagrado do paiz dos tapuios.

A historia da terra está na sua infancia. A paleontologia e a phytologia são ainda insipientes, em que pese os estudos e os esforços admiraveis de Humboldt, Agassiz, Castelnau, Spix, Martius, Frederico Hartt, Bates, Couto de Magalhães, Barboza Rodrigues, Emilio Goëldi, Jacques Huber e tantos outros homens de sciencia que perscrutaram o corpo e a alma da Amazonia.

Nem com os olhos do pensamento o homem conseguirá ter uma idéa do complexo daquelle immenso cosmos.

Uma cousa o perturba de golpe. E'o monotono dos aspectos immutaveis. Monotonia terrivel, desoladora, irritante. Nem um cabeço de monte, nem uma varzea, uma campina, uma quebrada longinqua, cortando a invariabilidade physionomica da terra!

Sómente a floresta, a floresta, a floresta interminavel. E no meio da desordem daquelle infinito de folhas e de agua barrenta dos rios incontaveis, destaca-se, como um insecto importuno, o homem, maravilhado e abatido.

E como uma pequenina gotta d'agua, perdida na vastidão illimitada do oceano, caminha, solitario, no meio daquelles desertos sem termos.

***

Quem sae do Rio de Janeiro e vae a Manáos, arrastado na luta pela vida, não tem olhos para ver e admirar o Amazonas. Tudo lhe parecerá vulgarissimo. A propria magestade da embocadura do rio soberano terá minguada importancia, deante da materialidade dos seus olhos. Voltará, sem nada ter visto.

Mas quem ama a natureza, esta grande e incomparavel natureza americana, e vae até aos limites occidentaes da Amazonia, com o desejo de ver os homens e as cousas com outros olhos — ha de sentir o grandioso daquelle espectaculo, com mais vida, mais alma e mais emotividade que o commun dos espiritos que se aventuram ás regiões do silencio.

Creio que nenhum brazileiro sentiu e entendeu melhor a alma pro-

funda e mysteriosa da Amazonia do que esse extraordinario Euclydes da Cunha, que foi grande até na sua desventura. Euclydes viu aquelle mundo, não já com os olhos de um homem de sciencias positivas, de um pensador e de um philosopho, senão tambem com a sua prodigiosa visão de poeta.

Porque esse homem quasi singular no nosso meio era daquelles que pertencem á categoria dos Alexandre de Humboldt, dos Agassiz, dos Saint-Hilaire, dos Carlyle, dos Ruskin, dos Martius e dos Spix.

Tinha a paixão do grande, do maravilhoso, do alevantado. Seu espirito pairava acima das vulgaridades da vida. Era uma personalidade distincta, nos dominios do pensamento mais culto do seu tempo. Sua obra mater, *Os Sertões*, ha de ficar. Viverá, emquanto viver a lingua portugueza. E'um livro unico, em a litteratura do nosso idioma.

Fio que, no Brazil, não encontrou ainda cem leitores que o lessem e entendessem devidamente.

Porque o grande publico ledor brazileiro só digere almanaks e revistas com figurinhas, O publico chamado culto em sua maioria só manuseia Anatole France e Edmond Rostand.

Para ler e assimillar uma obra como *Os Sertões*, é preciso possuir uma solida e variada cultura positiva, e dispôr, ao mesmo tempo, de uma natureza finamente artistica.

Não é leitura para espiritos quaesquer : vazios de idéas, de emoção e de preparo scientifico. Por isso disse e repito : Euclydes da Cunha não teve cem leitores que o comprehendessem, em todo este vasto paiz, onde o analphabetismo campeia de um modo assustador.

Não vá d'ahi concluir o leitor irritado que eu tenha entendido a grande obra do grande escriptor brazileiro.

***

A Amazonia não é susceptivel de phantasias. Tudo alli assume o caracter empolgante de uma realidade espantosa.

O paiz da gomma elastica, do impaludismo, das polynevrites, das ambições e da temeridade, não admitte divagações phantasiosas. Tudo alli é positivo, real, esmagador, deslumbrante, maravilhoso.

Assombra em vez de deleitar. A natureza morta, como a natureza viva, naquellas regiões brazileiras, alarmam o espirito inexperto. Acobarda o mais destemeroso. Acautela o mais desattento. A reali-

dade domina por toda a parte, desde o conflicto de interesses até aos mil e um perigos de que o homem se vê rodeado, na travessia da matta, no anceio de surprehender o mysterio da vida.

Ha factos que deslumbram os menos contemplativos. Aqui são terras cahidas, florestas que caminham. Alli são ilhas que surgem e desapparecem. Mais além são os rios que mudam de leito, do dia para a noite. Onde hontem era a fartura e a colheita, o rumor e a vida, hoje é o deserto e o silencio. A terra, frequentemente revolvida e afofada pela agua dos rios que transbordam, não tem a cohesão precisa para permittir que as arvores possuam a fixidez que reclamam. D'ahi lanços de florestas que caem, constantemente.

A terra, proxima dos barrancos do Purús e do Solimões, desaba sobre a corrente. E, na sua queda fragorosa, leva de roldão casaes e culturas. E tudo lá vae rio abaixo. A natureza mostra-se tranquilla e indifferente, ante a sua obra de exterminio. E'o castigo do homem intruso que lhe profana os sagrados mysterios. Os paranás, os igarapés, os igapós apparecem e desapparecem, na inconstancia da terra inconstante.

E o homem, misero atomo no organismo de um mundo, contempla, dentro do seu espanto selvagem, o espectaculo estupendo. Contempla e emmudece.

Porque sente, de improviso, a impotencia da expressão humana, no debater-se nos estreitos limites de uma synthese.

No exprimir de Euclydes da Cunha, a « Amazonia é a ultima pagina, ainda a escrever, do Genesis ».

E' a porção mais moça da terra.

Parece que Deus fez o mundo, e se esqueceu da Amazonia. Esta faz-se por si propria. Nem diversa é a missão do rio-mar, construindo ilhas e praias, de uma hora para outra, abrindo canaes, através da terra firme, nesse trabalho herculeo e continuo de nivelamento continental.

Da geologia historica, com os seus fosseis millenarios, passa-se, de brusco, á geologia dynamica.

A terra agita-se e desloca-se, na Amazonia. Incohesa, dissolve-se facilmente nas aguas dos rios.

E, assim dissolvida, é levada pelo Amazonas para o oceano Atlantico, que, por sua vez, a entrega nos braços do Gulf-Stream.

Como já vimos, esta corrente pelasgica conduz toda essa massa de terra brazileira para as costas meridionaes dos Estados Unidos.

Vae fecundar a parte norte do continente. O Brazil diminue. Desintegra-se, para integrar territorios alheios.

Isso nos importa! Porque não crescem alli, parallelamente ás energias teluricas, as energias do homem.

Veja-se agora o contraste.

Ao lado do prodigio de uma terra moça e fecunda, uma sociedade que agoniza. Manáos, situada quasi no centro geometrico do Amazonas, é uma cidade que só viverá e progridirá, emquanto a floresta dér ás industrias a ultima gotta do precioso latex das heveas.

A propria civilisação que alli se nota é uma civilisação de emprestimo.

E' ephemera, por sua natureza. O seu cosmopolitismo representa, em parte a instabilidade dos seus fulgores.

Lembra essas cidades da Norte America, que surgem de repente á beira das minas de carvão de pedra, e que morrem, tambem de repente, quando a terra, exhausta, não mais fornece ao homem o mineral que a tornou desejada. Aquelle que espia os segredos da natureza e a alma dos outros homens, ancorados nos seus pensamentos mais intimos, ha de ser uma victima do espanto e do assombro que lhe causa a visão da terra brazileira, nas vizinhanças do equador. Será, fatalmente, um deslumbrado. Porque depara alli o que nunca viu no resto do paiz. Sente que se encontra dentro dos limites de um mundo desconhecido.

Quem chega á foz do Amazonas, deve descobrir-se, ungido do maior respeito. Porque transpõe as fronteiras de uma terra, quasi virgem, e cuja natureza é mysteriosa e sagrada.

TERCEIRA PARTE

DO RIO A MATTO GROSSO

DO RIO A MATTO GROSSO

CAPITULO PRIMEIRO

NO BRAZIL MERIDIONAL

SUMMARIO. — A partida do Rio. — A bordo do *Saturno*. — Despedidas do outono. — Impressões de uma tarde do tropico. — A bahia de Guanabara. — Nictheroy. — Um amphitheatro de montanhas. — O nariz do Gigante de Pedra. — O *plateau* da Gavea. — Villegagnon. — A antiga ilha de Seregipe e o celebre cavalheiro da ordem de Malta. — As fortalezas da barra. — A Praia Vermelha. — Arrabaldes maritimos. — Ultimos aspectos da capital brazileira. — Um interessante escandalo feminino. — A costa sul do Estado do Rio. — O littoral de S. Paulo. — Manhã de chuva. — As ilhas de S. Sebastião e S. Amaro. — A entrada da barra de Santos. — A ilha de S. Vicente. — Defronte da cidade de Braz Cubas.

Meiava o outono de 1911, quando o *Saturno* fazia os ultimos aprestos para deixar o porto do Rio de Janeiro.

Os calores da estação iam-se, pouco a pouco, despedindo, porque maio, em breve, entraria com as suas manhãs claras e frescas, prenuncio do inverno meridional, que, no proximo mez de junho, ia fazer da capital do Brazil um dos pontos mais deliciosos da terra.

Os jornaes haviam noticiado que o *Saturno* partiria a uma hora da tarde de 18 de abril.

Posto que a pontualidade dos vapores do Lloyd seja uma das coisas mais divertidas da administração brazileira, ao meio dia em ponto, em companhia de amigos, encaminhei-me para o velho Arsenal de Guerra, onde uma lancha a vapor nos esperava.

O *Saturno* achava-se atracado ao cáes do porto.

Uma hora da tarde. Estamos a bordo. O vapor, de instante a instante, recebe carregamento para as Republicas do Prata e para o sul do Brazil. Entram passageiros de todos os matizes.

Passageiros e bagagens, que os criados de bordo vão conduzindo

para os camarotes. De pé, no porta-ló, o commissario, mettido no seu uniforme claro de verão, recebe os bilhetes de passagem.

No botequim estouram garrafas de cerveja e de champagne. Trocam-se despedidas. Os votos de boa viagem são completados pelos abraços continuos. Algumas senhoras levam os lenços aos olhos humidos de lagrimas. Os beijos estalam, e a sineta de bordo annuncia a hora da partida. Faz calor. De pé, no tombadilho, acompanho, com o olhar, o movimento do porto. De extremo a extremo, a linha do cáes está tomada de vapores nacionaes e estrangeiros. Bem defronte de mim o nariz do Gigante de Pedra, nariz que, como se sabe, é representado pelo Bico de Papagaio, nas montanhas da Tijuca.

A tarde é de sol, deste sol maravilhoso do tropico, que nas almas menos ruidosas desperta a alegria e o sentimento da vida.

O *Saturno* é relativamente confortavel. Noto-lhe, porém, um grave inconveniente : os camarotes ficam no plano inferior, e, por isso, são abafados e quentes. Lá em baixo, o meu thermometro contigrado está marcando 30º.

***

São 4 horas. Da garganta metalica da sereia de bordo sai um som estridente e agudo, que fere o ar luminoso da tarde.

Impellido pela rotação compassada das helices, o vapor descreve uma grande curva, nas aguas quietas da bahia, e a proa, pouco a pouco, se volta, na direcção da barra.

E' a hora triste da partida. Qual o brazileiro que ama o Brazil e, sobretudo, esta grande e formosa metropole que os portuguezes do seculo XVI aqui plantaram, á beira do mar, á beira da montanha e á beira da floresta; qual o brazileiro, repito, que deixando este paraiso da America, que é o Rio de Janeiro, não tem a alma tocada de justa emoção, vendo que desapparecem, deante de seus olhos deslumbrados, os perfis caprichosos desses destacamentos orographicos, que remotos cataclysmos geologicos ergueram, aqui, na orla do Atlantico, em forma de um amphitheatro gigantesco?

Já passámos a ilha das Cobras. A' esquerda, Nictheroy parece dormir a sesta, ao sopé da vertente occidental das suas montanhas. Estamos defronte de Villegaignon, a antiga ilha do Seregipe, occupada em 1555 pelo celebre cavalleiro da ordem da Malta, cujo sonho

maior era a fundação de uma *França Antarctica*, nesta parte da America.

A' frente do quadro, destacam-se as palmeiras do morro da Gloria e as arvores da avenida Beira Mar, a obra immorredoura de um homem de genio. Mais ao fundo é o Corcovado, que se levanta olhando com os seus olhos de rocha plutonica, o formigueiro humano que se desloca á margem da bahia.

Mais além, é a montanha da Gavea, cuja crista o cutelo de um gigante decepou, transformando-a em planalto. Aqui é o Pão de Assucar, cujo cimo acaba de ser escalado pela engenharia brazileira, com a construcção de um funicular que o tornou accessivel á curiosidade e ao bom gosto de nacionaes e estrangeiros.

São 4 ½ da tarde. Estamos transpondo a barra. A' dextra, na reentrancia do promontorio, a fortaleza de S. João. E, como um grande cetaceo, dormindo á flor do mar, a fortaleza da Lage, com a sua guarnição e os seus canhões assestados. A' sextra Santa Cruz, cujas baterias de canhões tiro rapido velam pela defesa da grande metropole sul-americana. A' esquerda, ainda, o forte de Imbuhy, com as suas cupolas giratorias. A' direita, finalmente, a Praia Vermelha, apertada entre duas muralhas de granito, e onde, até ha poucos annos, se erguia o venerando edificio da Escola Militar, cuja historia ainda não foi escripta, mas que um dia o será por alguem que por alli passou e attentamente poude estudar aquelle ninho de glorias, de sonhos e de ambições humanas. A proa do navio faz uma deflexão á direita, buscando o rumo do sul.

Agora os lindos arrabaldes maritimos do Rio de Janeiro. Lá está o Leme, com as suas avenidas de construcção elegante, emergindo dos seus jardins recentes. A' beira da praia, passam os *tramways* electricos da Light and Power. Mais adeante, Copacabana, com as suas ruas e praças pittorescas. Um pouco mais além, Ipanema, entre a praia e a montanha, com os seus logradouros publicos e as suas casas de balcões floridos.

As helices continuam a rodar, emquanto aquelle espectaculo ia, lentamente, se desfazendo deante dos meus olhos. Por ultimo, como derradeiros vestigios da capital brazileira, vejo as extremidades orientaes das serras de Jacarepaguá e do Bangú, que correm, perpendicularmente, á orla maritima, vindo acabar na ponta de Guaratiba.

Mais além, a ilha de Marambaia. A 13 kilometros, mais ao sul, destaca-se, na meia claridade da noite, a Ilha Grande, de forma triangular e elevada, com as suas 17 milhas de leste a oeste e 7 ½ de norte a sul. E', como se sabe, o lazareto do Rio.

O relevo da costa, no sul do paiz, offerece um *facies* orographico profundamente distincto daquelle que se observa a partir do parallelo 16º até á Amazonia.

Lá em cima são os grandes areiaes que bordam o litoral, e que se estendem para o sertão, em planicies immensas, apenas interrompidas pelas lombadas das serras de origem plutonica; aqui em baixo é a escarpa gigantesca do grande planalto meridional do Brazil, escarpa impropriamente chamada Serra do Mar.

A paizagem varia, posto que o olhar detido pelo escarpamento das rochas cristallinas, se não possa desafogar, no rumo do occidente. O relevo litoraneo, nesse trecho do Rio a S. Paulo, é essencialmente mutavel.

Não raro apresenta reentrancias, como a que forma a bahia de Angra dos Reis, com os seus 135 kilometros de largura, entre Guaratiba e Paraty. A partir desta ultima localidade fluminense, começa o litoral de S. Paulo, onde as falejas (1) da cadeia maritima, cahindo a prumo sobre o oceano, são batidas dos ventos e das vagas bravias.

***

Algumas horas depois da partida, e não vendo mais nenhum vestigio de terra proxima, entrei a observar os meus companheiros de viagem.

Não eram muitos. Aqui, alguns representantes de casas commerciaes do Rio, que se dirigiam ao Rio Grande do Sul e a Matto Grosso; alli, outros que se destinavam simplesmente aos portos de Santos, Paranaguá e Santa Catharina. Depois, algumas familias, dentre as quaes a de um amigo, official do exercito como eu, e que tambem ia para o longinquo Estado do Brazil occidental.

Meio agitada, passeiando ao longo do convéz, uma mulher, joven e formosa, chamava sobre si a attenção dos circumstantes.

O *Saturno* ainda não havia sahido do cáes do porto, e já os meus olhos, que não são dos mais innocentes olhos humanos, se tinham voltado para aquelle admiravel typo de mulher brazileira. Essa

(1) O erudito Dr. Ramiz Galvão propoz o termo « faleja » como traducção do termo francez *falaise*. Branner, semelhantemente, propoz, em sua Geologia do Brazil, « arenito », para substituir grês.

linda creatura, cujo nome e estirpe fôra um crime declinar, foi a nota escandalosa de bordo.

Destinava-se a um dos portos meridionaes do Brazil. Viajava só, e era casada.

Em chegando a Santos saltou. No cáes esperava-a o amante, que, na vespera, seguira, por terra, do Rio a S. Paulo e de S. Paulo a Santos. Passaram a noite em um dos hoteis da cidade.

No dia seguinte, ás 2 horas da tarde, subiam ambos a escada do *Saturno*, debaixo dos commentarios de todos os passageiros. Até os criados de bordo notaram o escandalo da bella criminosa, que, alguns dias depois, deveria juntar-se ao marido, homem de posição em um dos Estados do sul. Essa moça commetteu ainda os maiores attentados aos bons costumes, dentro do proprio navio. Cito aqui este facto de um modo geral, porque o registrei no meu diario.

E agora, que coordeno as minhas notas de viagem, não quero desviar-me, uma linha, do plano que me tracei, expondo fielmente aquillo que a retina e a memoria guardáram.

***

Como é de praxe nas nossas viagens costeiras, e bem assim nas transoceanicas, em vindo a noite os passageiros se dividem em varios grupos. Estes jogam o solo e o pocker, no salão de fumar; aquelles instalam-se no botequim, encharcando o estomago de cerveja; aquell'outros, inimigos do jogo e da bebida, discutem factos politicos. Eu leio.

Na manhã do dia seguinte, a atmosphera tinha um outro aspecto. A uma noite luminosa e tranquilla, succedeu uma manhã chuvosa e humida. A um céo radiante e claro, onde o Cruzeiro do Sul se destacava, na immutabilidade da sua forma geometrica, havia succedido um céo brumoso, onde grandes e adensados cumulus, á semelhança de immensas cordilheiras, se adunavam na direcção do horizonte.

Apezar do auxilio poderoso do meu binoculo de campanha, a custo entrevia o relevo da terra, para as bandas do littoral de São Paulo. Mar picado. Muita gente ás voltas com o enjôo. Eu, como de costume, pago ao salso elemento o pequenino tributo da minha fraqueza humana. Chuva continua. Convéz humido. Vento frio e incom-

modo, que vem do sul. O littoral sempre encoberto pelo nevoeiro, não deixa ver, entre os parallelos 23º e 24º, as ilhas de S. Sebastião (com as suas montanhas de 1.340 metros de altura) e Santo Amaro, indicio de que se avizinha a cidade de Santos.

Tres horas da tarde. O *Saturno* vae entrando a barra da cidade de Braz Cubas.

Lá está a ponta de Taipú. Estamos no canal, cuja profundidade varia entre 15 e 40 metros.

A' direita, a ilha de Santo Amaro, que o canal da Bertioga separa do continente.

A' esquerda, a ilha de S. Vicente, em cuja parte oeste foi construida a cidade de Santos. A antiquissima povoação de S. Vicente ergue-se na parte S. S. E. da mesma ilha. A de Santo Amaro, tão conhecida por sua famosa praia de banhos de Guarujá, tem 30 kilometros de extensão e 20 de largura, no logar mais estreito. O seu nome primitivo era Guahyba, que é a denominação do canal que a separa de Santos, do lado de oeste, e ao qual se dá o nome de Barra Grande.

De S. Vicente fallarei, com opportunidade, quando disser da minha visita á legendaria povoação que Martim Affonso fundou, na primeira metade do seculo XVI.

No pensar de alguns autores, a bahia de Santos nada mais é que o desaguadouro de varios rios, dentre elles o Cubatão e o Jiribatiba.

Chove ainda. As colinas circumjacentes lá estão, envoltas no manto branco do nevoeiro, que se debruça sobre as rugosidades de suas vertentes adoçadas. O vapor, sem augmentar a marcha, sulca, suavemente, as aguas do canal.

Devido ao vento sul, que soprou desde o romper da manhã, o *Saturno* atrazou-se. Porque, a não ser essa causa imprevista, não se teriam gasto 24 horas para vencer as 202 milhas que separam o Rio de Janeiro do grande porto maritimo de São Paulo. Com tempo bom, os navios do nosso Lloyd fazem esse trajecto em 18 horas. Os transatlanticos em 14.

Na extremidade oeste do longo canal, de 10 kilometros de comprimento e 315 metros de largura, repousa a futurosa cidade de Braz Cubas, a qual se derrama entre o mar e as montanhas que a cingulam.

A' beira do cáes, os grandes armazens do porto, servidos por poderosos guindastes e a linha ferrea auxiliar. Em poucos minutos, chegam as visitas do fisco, da agencia da companhia e da saude publica. O paquete atraca junto ao armazem n. 14. Começa a invasão dos

ganhadores, na faina de obterem conducção de malas para terra. E' o espetaculo commum a todos os grandes portos. E' preciso ter paciencia e resignação para abrir caminho naquella onda que se atropella, no eterno *struggle for life*, onde o triumpho, no dizer de Darwin, pertence ao mais audacioso e mais habil. Desço a visitar a cidade, cujas impressões direi, no capitulo seguinte.

CAPITULO II

NO BRAZIL MERIDIONAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — Santos e o movimento das suas docas. — Parallelo entre o grande porto maritimo do paiz do «ouro rubro» e o de Rosario de Santa Fé. — A S. Paulo Railway e o engenheiro Brunless. — Santos, porto maritimo da Bolivia. — De La Paz a Porto Suarez. — Um gigantesco projectode viação ferrea sul-americana. — S. Paulo e o genio administrativo dos seus grandes homens. — Os bandeirantes e o elemento europeu. — O progresso do sul e o regresso do norte. — Em plena cidade. — O largo do Rosario e a rua Quinze de Novembro. — Os arrabaldes. — Ponta da Praia e José Menino. — Tramways electricos. — Avenidas e jardins publicos. — O preço da vida. — Peior do que em Manáos. — Nos hoteis, paga-se o que se não come. — Os arredores de Santos. — A Bertioga. — O lago da Saudade. — Guarujá. — Uma excursão a S. Vicente. — Os seus fundadores. — Impressões da primeira povoação que se creou no Brazil. — Uma visita ao tumulo de José Bonifacio.

Uma das primeiras coisas que para logo impressionam, favoravelmente, a quem chega á cidade de Santos, é o intenso movimento de seu porto. Ao longo do cáes, de quasi cinco kilometros de extensão, dezenas de navios estrangeiros recebem carregamento de saccas de café, o *ouro rubro*, como lhe chamou Paul Walle.

O cáes, com cerca de vinte armazens, vae da estação inicial da S. Paulo Railway a Oiteirinhos. Nelle atracam, annualmente, perto de tres mil vapores. Em 1909 d'alli sahiram para o estrangeiro 14 milhões de saccas de café. No ponto de vista da exportação para o exterior, é o primeiro porto do Brazil. O cáes já se torna pequeno para o intercambio commercial. Projectam augmental-o. Com as obras do porto, veiu o saneamento da cidade, que não é mais hoje o cemiterio dos europeus, como se tornou conhecida do outro lado do Atlantico. Em 1894 seu coefficiente de mortalidade era de 36 por mil. Actualmente é de 18 por mil. Uma differença de 50 %. Isso, apezar do cli-

ma quente da cidade, por via da cintura de montanhas, que não permittem a franca circulação dos ventos marinhos.

Santos é, como se sabe, o grande desaguadouro da maior parte das industrias agricolas de S. Paulo. Alli vive uma população de 60 mil almas. Rosario de Santa Fé, entreposto da producção de quatro provincias argentinas, conta uma população de 180 mil habitantes.

Pois bem : a mim me pareceu que a vida commercial na cidade paulista é mais intensa que na cidade platina do baixo Paraná.

A' espera da visita da saude, acha-se, ao largo, um grande transatlantico, cuja proa vem apinhada de immigrantes, na sua maioria italianos. Dentro de alguns dias estarão elles internados nos cafezaes de S. Paulo, que tão intelligentemente ha sabido aproveitar o esforço e a sobriedade dos filhos da velha Italia, grandes collaboradores no progresso social e economico da terra dos Andradas.

Como é sabido, Santos está ligada á capital do Estado pela S. Paulo Railway, com um desenvolvimento de cerca de 80 kilometros, a qual via, depois de atravessar uma zona de mangues e o rio Cubatão, vinga a serra do mesmo nome (escarpamento do planalto meridional, na secção paulista) por quatro planos, consecutivamente inclinados, segundo a concepção do engenheiro inglez Brunless. Cada um desses planos tem uma largura de dois kilometros. Na base da serra a altitude é de quatro metros. No alto está-se a 800 metros acima do nivel medio das marés atlanticas.

Esses dois pontos de tão notavel differença de nivel estão apenas separados, um do outro, por uma distancia de oito kilometros.

Com o emprego do « Staff System », o comboio galga o planalto, com a maior segurança.

Essa estrada é o escoadouro maritimo da quasi totalidade do café de S. Paulo.

***

Euclydes da Cunha, na *A' margem da historia*, estabelecendo um paralello entre as rêdes ferro-viarias argentina e brazileira, conclue que o progresso daquelle paiz é uma consequencia das suas estradas de ferro, emquanto que, no Brazil, o seu desenvolvimento ferroviario é uma consequencia do nosso progresso.

Tem razão o grande escriptor. A São Paulo Railway carreia a melhor porção dos varios productos provindos do sertão paulista, e trazidos á capital pela Sorocabana e pela Mogyana, a qual, como se

sabe, serve as zonas fronteiriças de Goyaz, palmilhando a mesma trilha que palmilharam, no seculo XVII, o Anhanguera e a sua gente, no cyclo historico dos bandeirantes.

Em um futuro, talvez não muito afastado de nós, a cidade de Santos será o melhor porto maritimo da Bolivia, quando se transformar em realidade o projecto do « fomento del oriente boliviano », projecto que tem por fim ligar La Paz a Porto Suarez, á margem da lagôa de Caceres, e a dez kilometros apenas de Corumbá. Desde então a capital daquelle Republica mediterranea ficará a tres dias de Porto Suarez, quando hoje o percurso, entre esses dois pontos, se não faz em menos de quarenta dias, através de mil sacrificios, como os que teve que vencer o principe D. Luiz de Bragança, conforme nol-

Entrada de Santos.

os relata esse illustre escriptor brazileiro na sua recente e magnifica obra *Sous la Croix-du-Sud*.

O itinerario seguido por D. Luiz correspondeu á distancia de 1.800 kilometros. O traçado dos engenheiros inglezes e norte-americanos correspondeu a 1.592 km., sendo 215 km. de La Paz a Oruro; 213 km. de Oruro a Cochabamba; 466 km. de Cochabamba a Santa Cruz de la Sierra, e 698 km. de Santa Cruz a Porto Suarez.

Pela Noroeste do Brazil, dentro de pouco tempo, ir-se-ha de Santos a Corumbá em dois dias e meio (1.924 km., á razão de 40 km. por hora). Santos ficará a seis dias de La Paz.

Essa estrada será o melhor escoadouro da producção do centro e do sul bolivianos. A linha projectada de La Paz a La Quiaca (896

m.) na fronteira argentina, e em parte já em trafego, tem um desenolvimento menor que a linha La Paz-Porto Suarez. A La Quiaca-Buenos Aires (1.841 km.) é de percurso um pouco menor que a Corumbá-Santos (1.924 km.).

Mas, como Santos fica muito mais proximo da Europa que Buenos Aires, é de concluir que a florescente cidade paulista offerecerá maior vantagem do que a capital argentina para entreposto dos productos bolivianos. Recapitulando : de La Paz a Buenos Aires (via La Quiaca) : 2.737 km. De La Paz a Santos (via Porto Suarez) : 3.516 km. Differença : 779 km., que são sobejamente compensados por quatro dias de viagem maritima de Buenos Aires ao porto de Santos.

Além de favorecer a Bolivia e o sul de Matto Grosso, rico em gado e madeiras de construcção como o quebracho, essa linha muito contribuiria para o progresso da importante cidade maritima de São Paulo. A parte meridional do grande Estado noroeste, via Santos, poderia, em poucos annos (e fazendo notavel concurrencia á Argentina), exportar para a Europa gado em pé e carnes frigorificadas. Porque Matto Grosso, no ponto de vista das industrias pastoris, é um dos Estados brazileiros de maior futuro.

Só lhe falta o transporte rapido e barato, o que a Noroeste parece lhe vae proporcionar, graças ao esforço e á competencia profissional do Dr. Emilio Schnoor, a quem se deve a melhor concepção do traçado daquella via ferrea, cuja construcção veiu preoccupando o espirito dos nossos estadistas, a partir da guerra com o Paraguay.

***

Santos tem, como já se viu, uma população de 60 mil habitantes. Augmenta de um anno para outro. Em S. Paulo, tudo cresce, tudo progride, tudo evolue. A's vezes me convenço de que é elle a synthese material e moral da civilização brazileira. E' o nosso maior orgulho.

E' quasi que exclusivamente devido a S. Paulo que somos conhecidos na Europa. A ordem, a cultura, a disciplina social e as riquezas daquella terra, marcham ao par do genio administrativo dos seus estadistas. Ao mesmo tempo que me envergonho de viver em uma Republica que teve um Paraguay equatorial, como o Amazonas, sinto-me orgulhoso de ter nascido em um paiz que conta uma unidade federativa como S. Paulo, onde o sangue ardente e valoroso

dos bandeirantes, transfundindo-se no sangue de raças superiores, prepara o brazileiro do futuro.

Quem já viajou pelas nossas provincias do norte, que parece morrerem afogadas nos areiaes da vertente maritima, e onde a incompetencia, o impatriotismo e ambição dos homens politicos correm parelhas com o solo adusto daquellas paragens agrestes; quem já viajou pelo septentrião, e aporta ás nossas provincias meridionaes, sente a alma alentada de um justo conforto, ao ver que o brazileiro do sul, bemdizendo a collaboração do estrangeiro, edifica o porvir e a grandeza da nossa raça. O norte mingúa. O sul prospéra.

Lá em cima é o aborigene, cruzado com o portuguez e o negro, ainda abundante, na Bahia e em Pernambuco. Cá embaixo são as raças fortes da Europa, dando-nos o exemplo da iniciativa, e aperfeiçoando o caracter e o instincto de um povo.

A parte mais valiosa deste paiz adolescente é a sua parte meridional, por motivos de ordem physica, de ordem economica, e até de ordem intellectual. Fallo contra o norte, a que pertenço; ou, melhor, não pertenço ao norte : pertenço ao Brazil.

Bairrismo é synonimo de atrazo, e só se conforma com a visão estreita dos espiritos estreitos. Fechemos este parentheses, que uma natural associação de idéas intencionadamente abriu.

Santos é hoje uma cidade moderna, com muitas ruas asphaltadas, como a Quinze de Novembro, centro do seu grande commercio bancario. Alli, se encontram as principaes livrarias e casas de modas. E' a arteria elegante da cidade. O largo do Rosario, ha poucos annos feio e antihygienico, é actualmente uma linda praça ajardinada, de onde partem os tramways electricos para os arrabaldes maritimos, como Ponta da Praia e José Menino, dois pittorescos logares, aonde a gente vae e tem desejos de eternamente ficar, contemplando a agua tranquilla daquellas angras, a alvura inimitavel daquellas areias e o gracioso das suas vivendas, construidas no centro de jardins plantados de canna fistula. Ha, em José Menino, excellentes estabelecimentos balnearios, como o do Palace Hotel. A cidade é illuminada á luz electrica. Tem esgotos e canalização de agua.

Sente-se alli o progresso, por toda a parte. Está-se em terras de S. Paulo, e isso é bastante. A viação urbana é ainda mixta. A electrificação total acha-se em via de ser feita pela municipalidade.

O largo do Rosario é o ponto de convergencia da vida urbana. Nelle se vêem o edificio dos correios e telegraphos, cafés, restaurantes, agencias de jornaes do Rio e S. Paulo, e os melhores salões de barbeiros.

Lembra o nosso antigo largo de São Francisco, ao tempo em que d'alli partiam os bonds de tracção animada para São Christovão.

As ruas são geralmente largas e bem alinhadas, como as avenidas Anna Costa e Conselheiro Nebias, com os seus palacetes ladeados de jardins; a Braz Cubas, a Sete de Setembro, a General Camara, a Constituição e o prolongamento da Quinze de Novembro. O mercado publico, construido á beira do porto, lembrou-me o de Manáos, á margem do rio Negro, ambos servidos por uma multidão de pequenas embarcações, conduzindo peixes e verduras. Ao fundo do mercado destaca-se a massa negra do Monte Serrat. O hospital de misericordia e a estação da S. Paulo Railway são dois edificios que honram a cidade de Santos.

Dentre as praças ajardinadas, com muito bom gosto e arte, as que

Praia de Guarujá. — Santos

mais me interessaram foram a de José Bonifacio, a da Republica, onde se ergue o monumento de Braz Cubas, o fundador da cidade, e bem assim a do Barão do Rio Branco e a Mauá.

A imprensa de Santos é bastante adeantada. Publicam-se alli os importantes diarios *Tribuna*, *Diario de Santos*, a *Vanguarda* e outros. Theatros : o Coliseu Santista e o Polytheama Rio Branco, afóra as casas de cinematographicos, que imprimem animada vida nocturna á interessante cidade do Brazil meridional. A vida é cara. Talvez mais cara do que em Manáos. Fui almoçar a Rotisserie Sportman. Servi-me de uma canja, de dois pratos, de sobremesa de frutas e de uma garrafa de Caxambú. Por tudo isso me cobraram 98700. Pela metade dessa quantia se almoça, muito bem, no melhor restaurante do Rio de Janeiro. De outra feita, jantei em um hotel, aliás confortavel, na praia de José Menino. Não me occorre agora o nome desse hotel

Ao fim da refeição, pedi a nota das minhas despezas. Alli figurava, de conjunto com outros gastos, a importancia de mil réis de manteiga e azeitonas, que absolutamente não havia comido. Por curiosidade fiz ver ao criado que não me utilizara de taes coisas. O *garçon* sorriu e disse-me que era praxe da casa cobrar, de cada freguez, mil réis de manteiga e azeitonas, quer as comesse, quer não. Por me parecer original, registrei no meu livro de notas, esse pequeno incidente, que aqui reproduzo, como aviso ás pessoas que tenham de tomar refeições naquelle hotel da rica cidade paulista.

Os jornaes do Rio chegam a Santos no mesmo dia, á noite. A's 8 horas já os garotos, no largo do Rosario, estão gritando : o *Paiz* ! a *Gazeta* ! o *Jornal do Brazil* ! o *Correio da Manhã* ! Custa 200 réis cada um.

O rapido Rio-S. Paulo chega á Paulicéa ás 4 horas da tarde, e alcança o trem de Santos, que sae da estação da Luz as 4 ½.

Como se sabe, de S. Paulo a Santos são 2 ½ horas de viagem (80 kilometros).

***

No Brazil, depois do Rio de Janeiro, estou que nenhuma outra cidade conta arredores tão lindos, como os de Santos.

A montanha e o mar dão-se alli as mãos na factura dos quadros mais bizarros.

Exemplo : as margens do Bertioga, o lago da Saudade, em Nova Cintra, a entrada do porto, entre as duas ilhas de São Vicente e Santo Amaro, e a famosa praia de Guarujá, com os seus *boulders* de decomposição, semelhantes aos que o sabio Agassiz encontrou (e ainda hoje se encontram)em Icarahy ; com os seus picos de exfoliação, segundo Branner, os seus claros areiaes da beira-mar, o seu moderno estabelecimento balneario, os seus hoteis e o seu bello jardim fronteiro, com pavilhões para musica. Guarujá é um recanto delicioso da terra. Visitei-o, ha seis annos passados, e só agora me é dado fallar das suas bellezas. Como praia de banhos, é cem vezes superior a Pocitos, Ramirez ou Capurro, na capital uruguaya.

Por que a gente rica do Rio de Janeiro não vae veranear a Guarujá, que offerece vantagens que Petropolis não proporciona, apezar do clima ineffavel das suas montanhas? Fio que a Guarujá, como a tanta coisa neste paiz de sonhadores, falta um systema permanente

de reclamos. O reclamo, no mundo moderno, é a alma e o triumpho melhor de todos os negocios.

***

Quem ama o Brazil e conhece um pouco da sua historia (tão mal conhecida dos proprios brazileiros), em chegando a Santos, não póde deixar de ir a S. Vicente, que foi, como se sabe, a primeira povoação que os portuguezes fundaram neste pedaço da America.

Deve-se a sua creação a Martim Affonso de Souza e seu irmão Pero Lopes, governando Portugal D. João III (1521-1557).

Como é sabido, Martim Affonso foi o primeiro donatario da capitania de São Vicente, que abrangia a zona comprehendida entre os parallelos que passam por Cananéa e Cabo Frio.

E', portanto, S. Vicente a cellula mater do povoamento do solo brazileiro.

A velha cidade fica a 25 minutos de Santos, em tramway electrico. Para lá chegar, o vehiculo atravessa uma região de mangues e, depois, um pequeno bosque.

Em 1875, inaugurou-se uma linha ferrea, que, atravessando a cidade de Santos, ia a S. Vicente. A partir dessa data, a povoação de Martim Affonso ficou constituindo um dos melhores suburbios da prospera cidade paulista. Passou a ser a residencia escolhida da gente abastada. Depois da fundação de S. Vicente, em 1530, Braz Cubas fundou, em 1543, na extremidade nordeste da mesma ilha, a actual cidade de Santos, na planicie adjacente ao estuario dos pequenos rios que vêm do planalto. Pelo facto de Santos ficar rodeada de collinas, os indigenas do logar lhe deram o nome de Engaguassú, que quer dizer « grande morteiro ».

Em S. Vicente ha illuminação electrica, agua e esgotos, os tres factores indicativos de uma cidade progressista. As suas ruas são calçadas a parallelipipedes de granito.

Nada deparei alli que me dissesse achar-me na mais antiga povoação do Brazil.

A viagem é circular. Volta-se por José Menino, o que torna o passeio ainda mais agradavel. Das suas vias publicas a principal é a Martim Affonso. A Quinze de Novembro é tambem bonita. Publicam-se dois jornaes : *Cidade de S. Vicente* e o *Progresso*.

Antes de partir de Santos, fui visitar o tumulo de José Bonifacio, na igreja do Carmo, á praça Barão do Rio Branco. Entrei. O templo

estava inteiramente deserto. Alguns minutos depois, deu entrada na velha igreja um homem de côr, mettido em um costume escuro. Cumprimentei-o, e pedi-lhe que me mostrasse a sepultura de José Bonifacio.

O homem (era o zelador do Carmo), com a maior solicitude, conduziu-me a um pateo de area quadrada. Dentro de uma urna de marmore, dormia o patriarcha da nossa independencia politica.

Sobre a urna, uma estatua, tambem de marmore, representa José Bonifacio no seu leito de morte. Gravada sobre a lapide lia-se esta inscripção :

« Aqui jaz o patriarcha da independencia do Brazil, grande e desinteressado patriota, distincto cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva.

Tributo á virtude, á honra e ao merito pelo artista A. C. do Carmo.

Santos, 7 de setembro de 1869. »

Gratifiquei o zelador, e sahi, pensando no papel proeminente de José Bonifacio, nos primeiros dias da nossa nacionalidade, e nas intrigas palacianas de que foi victima, e no seu desterro, e nos caprichos de Domitilla de Castro, a celebre marqueza de Santos.

Pensava em tudo isso, quando me lembrou que o meu vapor estava a partir.

Tomei o bond de Amador Bueno, e recolhi-me a bordo do *Saturno*, com uma sincera saudade de tudo que eu ia deixar : dos arrabaldes, das praias e das lindas montanhas da primeira cidade maritima de S. Paulo.

CAPITULO III

NO BRAZIL MERIDIONAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — A partida de Santos — Uma irregularidade na linha do sul. — Um grego que perde o embarque. — A bahia de Paranaguá. — Chegada ao paiz do mate. — A ilha do Mel e a velha fortaleza da barra. — Porto d'Agua. — Paranaguá e o rio Itiberé. — Uma povoação do seculo XVI. — A famosa via ferrea de Paranaguá a Coritiba. — Ligeiro historico. — A escarpa do planalto meridional brazileiro, impropriamente ch mada Serra do Mar. — Saint-Hilaire e o Paraiso do Brazil. — A Araucaria braziliensis e a Ilex paraguayensis. — Seu papel na vida economica do Paraná. — Uma visita á cidade de Antonina. — Os rios Cachoeira e Nhundiaquara. — Entre o mar e a montanha. — Exportação do pinho e do mate. — Um paiz que receia capitaes estrangeiros. — O exemplo da Argentina. — O nativismo no Brazil. — Os hervateiros do Paraná e os seringueiros da Amazonia. — O mate, no Brazil, no Uruguay, na Argentina, no Paraguay e no Chile, e a coca, no Perú e na Bolivia. — Quinze milhões de bebedores de mate.

20 de abril. O *Saturno*, depois de haver recebido muita carga para o Rio da Prata, está prestes a deixar o porto de Santos.

São 5 1/2 da tarde. O *Sirio*, que hontem deu entrada na bahia, vindo de Porto Alegre, tambem se prepara, afim de seguir com destino ao Rio de Janeiro. Veiu acossado por tremendo temporal, que apanhou, ao sahir de Paranaguá, para onde não póde regressar o pratico, devido ao estado do mar. Na linha do sul está-se dando uma irregularidade, que muito prejudica a disciplina, no exercito. Os inferiores, com as suas familias viajam, em 1.ª classe, em promiscuidade com officiaes. E' bem verdade que a culpa é menos do governo que do Lloyd, que não dispõe de paquetes com 2.ª classe, regularmente confortavel, na qual possam viajar os nossos sargentos, que, pelos principios disciplinares, não devem ser transportados em 1.ª classe, onde viajam officiaes, nem tampouco, em compartimento em que vão as demais praças.

Como está, é que não convém continuar, porque isso constrange, tanto aos officiaes como aos inferiores. Na linha de Matto Grosso é ainda peior a promiscuidade, devido ás pequenas proporções dos navios, que transitam, entre Montevidéo e Corumbá.

Um grego, passageiro do *Sirio*, perdeu o embarque, com as bagagens a bordo. O pobre homem esbraveja no cáes. Ninguem lhe entende uma só palavra. Um passageiro do *Saturno*, compadecido de seu infortunio, lhe dá uma nota de 20$ para ir até S. Paulo. Até que, emfim, com a sua impontualidade legendaria, o nosso Lloyd pregou uma formidavel peça a um desprevenido patricio de Platão! Seis horas. Sahimos a barra.

De Santos a Paranaguá 142 milhas, que poderiam ser feitas, sem grande esforço, em 14 horas. Fizemol-as em 17. Porque só ás 11 da manhã seguinte o paquete ancorava no mais importante porto do litoral paranaense.

O tempo está ameaçador. Uma hora antes haviamos passado em frente a velha fortaleza de Paranaguá, construida em 1769, na ilha do Mel.

A bahia de Paranaguá é, como se sabe, uma das maiores do Brazil. Offerece uma extensão de 40 kilometros e uma largura de 20 kilometros.

E' semeada de varias ilhas, dentre as quaes a já referida ilha do Mel, onde fica o pharol das Conchas, e a das Peças, ambas a entrada daquella abra vastissima. Ha a barra do sul, a barra do norte e a barra do centro.

A primeira encontra-se entre a ilha do Mel e o continente. E' a barra do Ipobetuba, tambem chamada barra Falsa. E' eriçada de escolhos e só dá passagem a embarcações de pequeno talhe. A barra do Norte, embora mais larga, é, ás vezes, impraticavel. A barra do Centro ou barra Grande, é a verdadeira barra do Estado do Paraná. Tem uma milha de largura e offerece ancoradouro aos maiores transatlanticos do mundo. A bahia possue tres portos principaes: ao sul, Paranaguá; ao norte, Guarakessava; ao centro, e ao fundo da bahia, Antonina, na angra formada pelo estuario dos rios Cachoeira e Nhundiaquara.

Actualmente o desembarque é feito em pequenos botes automoveis, que saem do ancoradouro, entram a barra do rio Itiberé, e deixam os passageiros no cáes da cidade, que assenta á margem esquerda do mesmo rio. Vinte minutos de trajecto, no maximo. Os navios descarregam, de ordinario, em Porto d'Agua, antigamente chamado Pedro II, e onde já se vê o novo e bello edificio da alfan-

dega. Uma pequena linha de tramways a vapor liga Paranaguá a Porto d'Agua, onde *wharfs* de madeira permittem a attracação dos navios de carga. Alli o commercio de Paranaguá fez construir varios depositos para mercadorias, por causa da impraticabilidade da barra do Itiberé. Porto d'Agua é, naturalmente, o porto de embarque e de desembarque.

Admira que um Estado tão prospero, e que parece tão bem dirigido, não tenha ainda pensado em dotar-se de um porto digno de seu futuro. A alfandega nova não desempenha as funcções a que a destinaram, por falta de um cáes apropriado. Construiram a alfandega, antes do cáes. E' o cumulo da imprevidencia brazileira!

Paranaguá é uma velha cidade do tempo da colonia. Mal calçada, mal construida, tem o aspecto melancolico das antigas povoações do interior do Brazil. Não parece uma cidade maritima, levantada á beira do porto principal de um dos mais futurosos Estados da União.

Vê-se que as administrações municipaes têm alli sido imperfeitas, como de resto é commum neste vasto paiz de politicagem barata.

Nenhum jardim, nenhuma praça bem arborizada. As velhas ruas são calçadas a pedra bruta. As fachadas dos predios, que se erguem, á beira do rio, estão tisnadas pela acção do tempo. Ha, entretanto, alguns edificios de feição regular, como o do hospital, o da municipalidade e outros de residencia das pessoas abastadas. Na margem opposta terrenos incultos e alagadiços. No porto, junto ao cáes, alguns barcos á vela. E, no meio desse scenario, uma tristeza, e um silencio incommodos. Amo os logares tristes e solitarios, porque a solidão é o melhor abrigo do pensamento. Mas Paranaguá é triste de mais. As ruas, quasi desertas, espreitam na tranquilidade das horas que passam, o transeunte, que, de longe em longe, reponta em uma esquina distante.

Os hoteis de Paranaguá! Valerá a pena de fallar nelles? O do Tristão é muito conhecido de quem viaja o sul do Brazil. Alli se preparam excellentes camarões e moqueca de peixe, tudo por preço reduzido. A vida é barata, signal de muita pobreza.

A cidade é quente, na época do estio.

No seu conjunto, é velha e feia, e não condiz com o actual progresso economico do Estado. A estação da via ferrea é de dimensões muito exiguas. Desagradou-me, no aspecto e na capacidade. Paranaguá, com os seus seis mil habitantes, tem o seu futuro em funcção do seu porto. Construido este, em Porto d'Agua, que lhe é hoje un suburbio (a 2 kilometros de distancia), confundir-se-ha elle, dentro de alguns annos, com a cidade, que, pouco a pouco, se esten-

de na sua direcção. Paranaguá é uma das mais antigas povoações do Brazil. Foi fundada em 1560 pelos portuguezes de Cananéa, para alli atraidos pelas minas de ouro do logar, e bem assim pelas da Serra Negra, Assenguy, Guarumby e Tagassaba.

E' cidade desde o anno de 1648, honra que lhe foi conferida por D. João IV. Até principio do seculo passado, era ella a mais importante cidade do Paraná. Daquella data, em deante, Coritiba lhe tomou o bastão, principalmente a partir de 1854, com a separação completa das duas provincias, Paraná e S. Paulo.

***

A via ferrea que liga Paranaguá á capital do Estado, é, como se sabe, uma das mais arrojadas que ainda se traçaram, neste paiz.

A idéa da sua construcção nasceu em 1875. Nesse anno, o governo brazileiro concedeu uma garantia de juros de 7 % sobre o capital de sete mil contos, e durante o periodo de 30 annos, á empreza que se propuzesse realizar a construcção da linha projectada. Em 1879 organizou-se, no Brazil, a Compagnie Général des Chemis de fer Bréziliens, que se incumbiu de executar o plano do governo.

Mas, devido a varios empecilhos que teve que vencer, os trabalhos só puderam ter começo em 1880. Em setembro do anno seguinte estava construida a primeira secção de 41 kilometros até Morretes. Essa secção, porém, só póde ser entregue ao trafego em 1883.

A segunda, de 45 kilometros, de Morretes a Piraquara, foi de execução difficilima e só se concluiu em maio de 1884. Poucos mezes depois era inaugurada. A terceira secção, de 24 kilometros, de Piraquara a Coritiba, foi entregue ao trafego em fevereiro de 1885. Total: 110 kilometros da orla maritima a Coritiba, em pleno planalto e a 900 metros de altitude.

Os trabalhos dessa via encontraram, a principio, as maiores difficuldades. A companhia franceza, deante dos obstaculos sem fins que offerecia alli a natureza brazileira, teve que appellar para os nossos engenheiros, mais conhecedores dos accidentes geographicos da região.

Foi então confiada a execução dos trabalhos dessa linha, que é um dos nossos maiores orgulhos, á competencia tradicional do Dr. Teixeira Soares, que alli conquistou para a engenharia nacional mais um justo titulo de gloria. A estrada atravessa 38 viaductos, 30 pon-

tes e 34 pontilhões. O comboio parte de Paranaguá, mas vae até Porto d'Agua, onde se faz o descarregamento da herva-mate, do pinho e de outros productos que vêm do sul, do norte e do oeste do Estado, d'alli conduzindo, por sua vez, para o planalto as mercadorias que vêm de varios pontos do Brazil e do exterior.

O trem parte do litoral á 1 ½ da tarde, e chega a Coritiba ás 6 ½, com cinco horas de percurso. Não effectuei essa viagem, que ardentemente desejara effectuar. E' corrente, porém, que é uma das mais interessantes que se podem fazer no Brazil.

A audacia do traçado dessa linha ferrea tem sido causa da justa admiração de estrangeiros illustres que a visitaram. Ella e a de S. Paulo a Santos, ambas escalando o planalto meridional, são o attestado mais claro do esforço do homem no subjugar e vencer os maiores obstaculos da natureza. O barão Homem de Mello e outros autores nacionaes e estrangeiros, dentre os quaes os eminentes geographos Albelt de Lapparent e Emmanuel de Mortonne, são de parecer que aquillo a que damos a denominação de Serra do Mar, nada mais é que o talude maritimo do grande planalto austral brazileiro. De facto, quem vinga o referido planalto, seja no Paraná, ou em S. Paulo, em chegando lá em cima, o que tem, deante de si, não é a contravertente de uma grande serra, mas uma planicie que se dilata para oéste, por centenas de kilometros, e que, no mesmo rumo, apenas suavemente se inclina, nas vizinhanças dos valles dos rios Paraná, Paranapanema, Tieté e varios outros.

Entretanto, quem vem do norte para o sul, vê, a partir do Monte Paschoal, na Bahia, ora beirando a costa, ora della se afastando de dezenas de kilometros, o dorso negro de uma formidavel cordilheira. E' só na apparencia. Porque, como disse, o que os olhos deparam é unica e simplesmente a escarpa oriental do nosso grande planalto. Da Bahia até aos senfins septentrionaes da Amazonia é a região depressiva do Brazil. E' o leito do antigo mar interior de que, para os lados da Bolivia, é um vestigio inconteste o lago Titicaca, atirado áquellas alturas pelo cataclysmo geologico que deu nascimento á cordilheira dos Andes.

Geoffroy Saint-Hilaire deu á região dos « campos geraes » do planalto paranaense o nome de Paraiso do Brazil. Esse grande naturalista, que alli esteve em 1851, escreveu :

« De todas as partes deste imperio, que até hoje percorri, nenhuma existe, onde melhor se possam estabelecer os colonos europeus. Alli elles acharão um clima temperado, um ar puro, os frutos do seu paiz, um terreno, onde, sem esforços extraordinarios, se pode-

rão entregar a todo genero de cultura a que estão acostumados. »

Fallando ainda dos « campos geraes », onde domina a araucaria, diz Saint-Hilaire :

« Estes campos são, certamente, uma das mais bellas regiões que tenho percorrido, desde que estou na America. Não são tão planos que produzam a monotonia das planicies da Beauce; mas os movimentos dos terrenos não são tão sensiveis para limitar a vista. Na extensão de um grande raio descobrem-se innumeras pastagens, immensos bosques, onde impera a util e magestosa araucaria, que se depara, aqui e alli, nas depressões do solo, e que contrastam por seu tom escuro com o verde agradavel das plantas rasteiras ».

A Araucaria braziliensis e a Ilex paraguayensis são, na actualidade, as duas grandes fontes de vida do Paraná. O pinho e o mate são os seus braços direito e esquerdo. São as rodas motoras da sua machina economica.

***

O *Saturno*, tendo deixado passageiros e bagagens no porto de Paranaguá, seguiu para o de Antonina, onde tinha que desembarcar mercadorias trazidas do Rio de Janeiro. De um a outro porto uma hora de viagem. Antonina é uma cidade de seis a sete mil almas, construida entre a montanha e o mar, á semelhança de Victoria, de Florianopolis e de S. Felix, á margem do Paraguassú, na Bahia. E' menos velha que a sua vizinha da orla maritima. Foi fundada em 1797. Originou-se de uma capela que os portuguezes ergueram na fazenda da Graciosa, em 1714. Nesse anno a povoação foi elevada á categoria de cidade, com a denominação de Antonina, em homenagem ao principe D. Antonio de Portugal. Pequena e escondida, levanta-se no extremo occidental da vasta bahia de Paranaguá. Ladeiam-n'a os rios Cachoeira e Nhundiaquara, á cuja margem fica, 41 kilometros acima, a cidade de Morretes.

Antonina desfruta de um clima superior ao de Paranaguá, devido á sua situação geographica, mais favoravel. Não se me antolha de muito futuro uma cidade que parece viver axphyxiada, entre a borda do oceano e a raiz da montanha.

Os navios que ancoram no seu porto recebem, geralmente, carregamento de mate para o Rio da Prata. A região das araucarias abrange grande parte do planalto paranaense, que se prolonga, através de Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Como se sabe, a araucaria braziliensis é uma arvore magestosa, de 30 a 35 metros de altura e 1m, 60 de diametro, e coroada de ramos horizontaes. Nascem muito perto, umas das outras, constituindo densas florestas. Nas do Paraná existem hoje para mais de cem serrarias, tal como se dá nas regiões do quebracho, na Republica Argentina, conforme nol-o descreve Jules Huret no seu interessantissimo livro *De Buenos Aires au Gran Chaco*.

A araucaria, no Paraná, é como a hevea na Amazonia : nasce espontaneamente. O homem não se dá ao trabalho de a cultivar. O brazileiro confia por demais na generosidade da natureza, da qual tudo espera.

Os pinheiraes paranaenses ainda são desservidos de meios faceis de transporte.

O Sr. Percival Farqhuar, com a larga visão do seu espirito pratico, vae fazer o que os nossos governos ainda não fizeram : ligar as florestas de araucarias do sul do Brazil ao litoral maritimo. E por nos prestar tão grandes serviços, os pensadores e philosophos da Avenida Rio Branco o têm cumulado de censuras. Um dos nossos maiores males é o nativismo. Povo nativista é povo atrazado.

Nenhum paiz do mundo precisa mais do braço e do capital estrangeiros do que o Brazil, paiz immenso e prejudicialmente grande, e mal povoado por uma raça que não é ainda uma raça superior.

O que ha de melhor na Argentina é quasi que devido ao estrangeiro O que o estrangeiro alli faz, alli fica.

Quem aporta á grande e prosperrima republica platina, e vê aquella febre de trabalho e aquella civilização material pujantisisma, não indaga se o capital e o braço europeus nelles collaboraram. Attribue-os para logo ao genio da raça argentina. Nós pensamos de modo contrario. O sentimento nativista nos ficava bem nos seculos XVI e XVII, repellindo os francezes do Rio de Janeiro e do Maranhão e os hollandezes da Bahia e Pernambuco.

Hoje, porém, o nativismo, como ainda o comprehendemos, é uma tolice, propria do atrazo manifesto de um paiz adolescente como o Brazil. O homem contemporaneo pertence a todas as nações. A sua actividade e a sua intelligencia se exercem em todos os cantos da terra, que é uma patria commum.

Se não dispomos de capitaes para o desbravamento das nossas florestas virgens e para o aproveitamento da energia hydraulica das nossas cachoeiras, que venham os capitaes da Europa e dos Estados Unidos utilizar essas riquezas que ahi dormem, esquecidas, debaixo do céo azul do tropico, ou nas paragens quentes e sombrias do equador.

Consentir que taes riquezas continuem inaproveitadas, pela nossa incapacidade ou pela nossa escassez de recursos, é um crime que merecera ser punido.

***

O Estado do Paraná, com cerca de 190 mil kilometros quadrados, tem ainda uma população relativamente pequena, que é de 360 mil habitantes. E' o paiz do mate, como S. Paulo é o paiz do café, a Bahia o paiz do cacao, a Amazonia o paiz da gomma elastica, e o Rio Grande do Sul, o paiz dos vinhos e do xarque. O mate, ou chá do Paraguay, como é mais conhecido na Europa, constitue a grande fonte de riqueza do Paraná.

Como é sabido, o mate foi, originariamente, cultivado pelos jesuitas, no Paraguay.

Hoje, cerca de 15 milhões de sul-americanos o consomem. Os hervateiros estão para o Paraná, como os seringueiros para a Amazonia. Lá em cima é a hevea braziliensis. Cá embaixo é a Ilex paraguayensis de Lambert, ambas contribuindo para a riqueza de quatro grandes unidades da federação. A' arvore do mate os indios guaranys dão o nome de « caa-mi ». A altura della varia de cinco a oito metros. O tronco tem uma côr cinzenta pallida. As folhas são de um verde sombrio, e têm uma largura que varia entre tres a quatro centimetros e um comprimento que não excede de tres centimetros.

É' propria dos climas temperados, e floresce entre os parallelos 23º e 30º, em altitudes que oscillam entre 300 e 1.000 metros.

Entre nós, é encontrada em todo o Brazil meridional e no sul de Matto Grosso.

No seculo XVIII o mate estava para os indios guaranys como a coca para os indios aymarás e quichúas, respectivamente, na Bolivia e no Purú.

A coca, tão usada pelos indigenas dos Andes, ainda hoje é distribuida, como ração regulamentar, aos soldados daquelles paizes, em tempo de guerra, ou em grandes manobras.

O chá da folha da coca não age como alimento, e sim como anesthesico.

Anastheziando a mucosa do estomago, faz desapparecer a sensação da fome. O indio boliviano ou peruano mastiga a folha da coca, de onde, como se sabe, é extraida a cocaina, hoje tão em moda nos suicidios passionaes que se verificam no Rio de Janeiro. O brazileiro

do sul, o oriental, o argentino, o chileno e o paraguayo não prescindem do mate, á sua mesa,

Sobre ser um alimento de poupança, é elle um tonico, um digestivo, um estimulante, um sudorifico e um diuretico de primeira ordem. Vulgarizado entre os povos da Europa, substituira, com grande vantagem, o chá de China e de Ceylão.

Oito decimos do mate exportado pelo Brazil, saem do Paranã, que no anno de 1909 exportou 58 milhões de kilogrammas dessa herva, no valor total de 48 milhões de francos. Nesse computo não estão incluidos os 13 milhões de kilogrammas que se consumiram no proprio Estado. Por que o governo paranaense não manda á America do Norte e á Europa agentes seus, incumbidos de fazerem propaganda do chá brazileiro, cujas virtudes são hoje provadamente superiores ás do chá asiatico ?

Não seria, porventura, a multiplicação da riqueza particular é publica, no grande Estado meridional do Brazil?

CAPITULO IV

NO BRAZIL MERIDIONAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — A partida de Paranaguá. — Manhã de nevoeiro. — Mar picado. — Entrada da barra de S. Francisco. — Os portos do sul e os portos do norte. — A natureza meridional e septentrional do Brazil. — Na ilha de S. Francisco. — Os portos do littoral catharinense. — Viação ferrea. — Impressões de um hotel, no sul do paiz. — Uma cidade insular que não progride. — Saida do porto. — Na ilha das Garças. — Um typo exotico a bordo do *Saturno*. — Itajahy. — Entre um monte e um promontorio. — Uma cidade pequena, mas interessante. — Recordações de uma manhã do subtropico. — Um intendente municipal quasi vitalicio. — Progressos urbanos. — Partida de Itajahy. — Rumo de Florianopolis. — A fortaleza de Santa Cruz. — A antiga Desterro. — Diaz de Solis e a ilha de Santa Catharina. — O desembarque. — Impressões geraes da cidade. — Ruas, praças, jardins e arrabaldes. — Jornaes, commercio e melhoramentos urbanos. — O estreito. — A cidade de S. José, no continente. — As povoações brazileiras e teuto-brazileiras, em Santa Catharina.

Dia 22. Cinco horas da manhã. O *Saturno* lança no ar, humido e frio, as notas retumbantes da sua sereia. Eu madrugara, para assistir á sahida do paquete. Havia chovido, durante a noite. Para os lados da fóz do Itiberé, o nevoeiro mal permittia entrever, á distancia, os edificios mais altos da cidade. As helices fizeram mover as aguas verde-escuras da immensa bahia, e o vapor, buscando o rumo do sul, ia, dentro de poucas horas, entrar nos mares revoltos da costa catharinense. Como se sabe, de Paranaguá á ilha de S. Francisco, primeiro porto de Santa Catharina, vae uma distancia de cerca de trinta milhas, distancia que, normalmente, poderia ser vencida em tres horas, Pois bem : o paquete gastou, nesse trajecto, seis longas horas, com um mar levemente picado. Quando viajo nos vapores do nosso Lloyd, acode-me sempre á lembrança o final de um soneto de um dos nossos poetas satyricos, no qual dizia elle que, para

dar á mulher amada, a prova irrecusavel do seu grande e profundo amor,

« Era capaz de viajar trez dias
Num paquete do Lloyd Brazileiro. »

São 11 horas da manhã. Entrámos a barra de S.Francisco. O dia, que amanhecera ennevoado, nas costas do Paraná, transformou-se completamente. Aqui, é lindo e luminoso. A entrada do porto é bellissima. Os portos do norte são em geral insipidos. Os do sul sempre interessantes.

Concorre para isso o relevo da terra nas paragens meridionaes do Brazil. Da Victoria a Florianopolis, a entrada dos portos vae num crescendo de bellezas naturaes. Alli, é um conjunto de montanhas, de flancos cahindo a pique sobre o mar; adeante, são uns pequenos morros de fórma conica; mais além, é uma angra, apertada entre rochedos, onde a mica do granito decomposto pela acção d'agua e do calor, reflecte, como minusculos espelhos, a luz ardente do sol do tropico. A natureza do sul é variada e pujante; a do norte, agreste e monotona. O Brazil do futuro está nestas regiões de montanhas, que vêm do paralelo 16º ao parellelo 30º.

***

Estamos na ilha de S. Francisco. Esta ilha, de fórma pentagonal, é quasi do tamanho da de Santa Catharina. Tem 35 kilometros de comprimento e 13 de largura. O porto de S. Francisco, sendo considerado o melhor do sul do Brazil, ainda é um porto primitivo.

Além deste, o Estado conta varios outros portos, para onde convergem os productos do seu interior. O de S. Francisco serve ás regiões agricolas de Joinville, Campo Alegre e S. Bento. Ao sul, o de Itajahy, aonde vão ter os productos de Blumenau e de Brusque.

Porto Bello serve as colonias de Nova Trento; o de Lagunas os municipios do sul.

Por isso o movimento commercial de Florianopolis não é tão grande, como poderia sel-o, se em vez da producção estadoal irradiar-se para varios pontos da costa, convergisse para a capital.

A pequena cidade insular de S. Francisco repousa á margem da bahia de Babitonga. Como Paranaguá e Antonina, é ella uma cidade

decadente, sem nenhum vestigio de progresso. Ruas velhas e sem calçamento.

Ha alli um cáes de madeira, onde encostam os vapores do Lloyd. E' uma tristeza ver uma povoação tão antiga, como que abandonada á sua propria ruina. As cidades mais adeantadas de Santa Catharina são justamente aquellas onde sobrepuja o elemento germanico. As essencialmente brazileiras pouco ou nenhum progresso revelam. E assim mesmo nós nos revoltamos contra os estrangeiros que para aqui trazem a energia dos seus braços e o brilho da sua intelligencia.

S. Francisco parece que vae melhorar um pouco, com a linha ferrea, em parte já em trafego, que d'alli parte a entroncar-se com a Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande. Esse ramal attinge, por emquanto, Hansas, S. Bento e Joinville. Segundo o espirito do primitivo projecto, a linha, partindo de S. Francisco, iria ter á União da Victoria, e, passando pelos campos de Palmas, chegaria á fronteira argentina, sobre o rio Iguassú. No escriptorio da estrada, colhi os seguintes dados :

O trem sae da ilha ás 2 horas da tarde, chegando ás 3 horas e 26 minutos a Joinville. O trajecto de Joinville a Hansas é feito em 2 horas e 28 minutos. Uma passagem de 1.ª classe de S. Francisco a Joinville custa 3$500. A viagem, por via maritima, entre as mesmas cidades, em lanchas a vapor, custa 2$500, e gastam-se, no trajecto, tres horas.

O trecho de S. Francisco a Joinville foi entregue ao trafego a 6 de junho de 1910, numa extensão de 40 kilometros. De S. Francisco a Hansas, a distancia é de 95 kilometros. O combustivel empregado na estrada é a lenha de Santa Catharina. E' incrivel que isso se dê, justamente num Estado que possue ricas jazidas carboniferas. No kilometro 23, fica a ponte giratoria que liga a ilha ao continente. Essa ponte é metalica e tem as seguintes dimensões : comprimento do girante 41m.444, comprimento de cada lado 40metros, comprimento total 121m.444. E' o seu vão. Foi o que achei de mais interessante na pequena cidade maritima de Santa Catharina, cidade que não conta mais de tres mil habitantes.

E' illuminada a kerosene. Não tem agua canalizada, nem rede de esgotos. E desde 1660 que foi feita villa, sendo elevada á categoria de cidade, em meiados do seculo proximo findo.

A população tem o «facies» das populações praieiras do Brazil. O abuso do peixe parece dar-lhe uma compleição pouco robusta e ao rosto uma pallidez doentia.

Fui almoçar ao hotel do Commercio, tido e havido como o melhor. A toalha da mesa mais escura que o terreno. Os talheres de cabo de madeira. As colheres de chumbo. O pão, negro como carvão de pedra. Não podendo supportar as iguarias, pedi dois ovos estrellados. Trouxeram-m'os sobre agrião, inteiramente crú. Achei original. Lembrei-me do hotel do Tristão, em Paranaguá, onde o tratamento é muitissimo superior. S. Francisco quasi nada exporta.

A gente pobre vive da pesca. No mercado, só se encontram bananas e laranjas. Eram as unicas frutas do logar.

A' direita e á esquerda da cidade, erguem-se pesados contrafortes da chamada serra do Mar.

O panorama é imponente. O *Saturno*, que havia chegado ás 11 horas da manhã, deixou o porto ás 3 ½ da tarde, debaixo do sol radioso daquelle dia de outono. A cidade vae, pouco a pouco, desapparecendo. O navio afasta-se da costa. A's 5 ½, lança ferro defronte da ilha das Garças, de onde deverá partir, á meia noite, afim de amanhecer em Itajahy. No ponto culminante dessa ilha um pharol á semelhança de um grande pyrilampo, abre e fecha, intervaladamente, a palpebra luminosa.

Parados, alli, á noite, na solidão do mar, o espirito recolhe-se e medita. Aquelle retiro era um beneficio a quem desama o atropello das multidões, inconscientes e brutaes, das grandes metropoles. No salão de jantar, um dueto de piano e violino. As ondas sonoras, sahindo pelos postigos, iam morrer na vastidão do oceano. Vae a bordo um rapaz, cuja figura exotica e gestos descompassados me chamaram a attenção. Em dois traços vou tentar fazer-lhe o retrato. Claro, quasi alto, nem gordo, nem magro, vestido de preto e um bonnet de conductor de bond á cabeça. Traz, constantemente á boca um cachimbo turco. Ri, a todo proposito. Para ser original, fez arrancar todos os dentes da propria boca, deixando apenas dois incisivos em cada uma das arcadas.

Essa figura era um incommodo ás almas finas e aos temperamentos finos. Tive que supportar-lhe a convivencia forçada de bordo, até ao porto de Rosario de Santa Fé, na Argentina, onde fui obrigado a saltar, por doente.

Ha creaturas que nasceram para fazer mal aos olhos e aos nervos alheios. Essa era uma dellas.

***

Dia 23. A ½ hora depois de meia-noite o *Saturno* deixou o ancoradouro da ilha das Garças, rumo de Itajahy. São 6 horas da manhã. Temperatura suavissima. O sol levanta-se, radioso, para os lados do mar. A entrada do porto é soberba, mas perigosa. Longe, um horizonte de verdes montanhas. O navio passa, cauteloso, entre um monte de flanco vertical e a ponta de um promontorio de areia. A manobra tem qualquer coisa de emocionante. Um desarranjo qual-

Passeio Publico. — Florianopolis.

quer no leme, e o paquete far-se-hia em pedaços, de encontro á rocha, sobre a qual assenta o pharol da barra. Quando saltei em Itajahy, eram 7 horas da manhã. Sahi a percorrer aquellas ruas traçadas á hispano-americana, largas, rectilineas, com as suas casas novas e bonitas, quasi todas de um só andar, ladeadas de jardins, cujas flores perfumavam ainda mais o ar da manhã.

Os quintaes, cheios de sol, com as suas hortas bem cuidadas. Numa das ruas centraes, áquella hora matutina, encontro um bando

de crianças, vestidas de branco, com fitas multicores a tiracolo. A' mão traziam ramalhetes de flores.

A' frente do cortejo infantil, uma banda de musica. Iam para a igreja, cujos sinos tocavam, desde a hora da entrada do vapor. A minha imaginação e a minha retina hão de guardar, para toda a vida, a impressão daquelle quadro : uma cidade, moça e garrida, que despertava, á luz de um sol esplendido, debaixo de um céo profundamente azul. E aquelle bando de crianças, aquelles jardins, aquelles quintalejos com laranjeiras floridas, e aquellas montanhas, ao longe ! Quadro magnifico, que a impotencia da palavra não póde reproduzir.

Itajahy descansa á foz do rio do mesmo nome, á beira do oceano. Fica apenas a quatro horas de Blumenau, em pequenos vapores. Conta, actualmente, oito mil habitantes.

E' illuminada á luz electrica, tem agua canalizada e rede de esgotos. Sentem-se alli o genio e o bom gosto da raça teutonica, cujo espirito de iniciativa e progresso os naturaes assimilaram. A gente do povo é muito simples. Nas vias publicas cumprimenta a qualquer forasteiro.

E' domingo. A população encaminha-se para a missa. Os homens e as mulheres são sadios e corados. Está-se em presença de uma raça superior, em elaboração.

E' a transfusão lenta do sangue germanico em o sangue nacional.

Ha alli 50 % de allemães. Principaes vias publicas : Hercilio Luz, Lauro Müller e Pedro Ferreira. Projecta-se uma avenida á beira-mar. Tem ainda o nome de Lauro Müller a melhor praça ajardinada, para a construcção da qual cada habitante concorreu com a pequena quantia de 200 reis.

Publicam-se os seguintes jornaes : o *Novidades* e o *Pharol*. Existem uma igreja catholica e outra protestante. O commercio, grande e pequeno, está entregue aos allemães.

Ha escolas municipaes, allemãs e brazileiras. A renda do municipio é de cerca de 50 contos por anno. O intendente, a quem a cidade muito deve, é o Dr. Pedro Ferreira, medico pernambucano, que ha 16 annos se acha á frente do governo do municipio. Este exporta madeiras, assucar, aguardente e outros productos. Ha quatro hoteis bem confortaveis. O Grande Hotel e o Brazil são os melhores. Na igreja, á hora da missa, um padre allemão fez uma predica, numa linguagem, meio allemã, meio portugueza. Fóra, o sol canta o hymno da vida sobre as palmeiras das praças e as laranjeiras dos quintaes murados.

Como deve ser bom viver em Itajahy, no silencio de uma vida quasi bucolica, sem barulho de automoveis, nem o acotovelamento da multidão anonyma e selvagem da rua do Ouvidor! Eu passara alli, de bom grado, uma dezena de annos.

Numa das ruas mais pittorescas, encontro um rico palacete, construido no centro de uma grande area ajardinada, onde os jasmins abundavam. Era quasi a unica flor que alli havia. Lembrei-me de Petropolis, com as suas hortencias e as suas magnolias plantadas á beira do Piabanha.

Itajahy tem á sua frente o mar alto. Ao fundo, um amphitheatro de montanhas.

Recorda, tirando o mar, a cidade da Feira de Sant'Anna, na Bahia. Ambas se parecem pela belleza e trato das suas ruas e pelo aspecto agradavel das suas vivendas.

Itajahy é inteiramente plana, e tem area para uma população de cem mil almas.

Parei á porta de uma escola publica. Nesse momento, entrava um menino sobraçando livros. Perguntei-lhe se aquella escola era brazileira ou allemã. Respondeu-me que allemã, e que alli estudava primeiras letras, muito contra seu gosto, pois desejava frequentar uma escola brazileira.

Os seus avós eram allemães. Seus pais, porém, apesar de brazileiros, o obrigavam a frequentar uma escola de professores allemães, onde só se fallava a lingua germanica. Talvez o leitor veja nesse pequeno episodio um symptoma, ou melhor, uma prova da germanização lenta de uma boa parte do Brazil meridional.

***

São 11 ½ da manhã O *Saturno* vae deixar o porto de Itajahy, com destino a Florianopolis. A's 2 ½ defrontámos com a fortaleza de Santa Cruz, na ilha, á entrada do canal do norte. A de Araçatuba fica, como se sabe, sobre um ilhéo, na barra do sul.

Ambas guardando a entrada do porto.

Navegamos. A' direita o continente, á esquerda a ilha de Santa Catharina, com as suas terras altas, que a 90 kilometros são vistas do alto mar. E' provavelmente continental, isto é, uma fracção do continente que as aguas do oceano destacaram no seu trabalho continuo de erosão.

Florianopolis, 4 horas da tarde. A cidade levanta-se na parte media do estreito, entre o mar e o montanha, sobre que repousa grande parte de suas edificações. Defronte da capital o estreito tem apenas uma largura de 350 metros. A barra do norte dá entrada franca aos maiores navios, que passam entre a ponta da Rapa e a ilha do Arvoredo.

Não só a amenidade do clima, senão tambem a propria situação

Uma vista do Estreito. — Florianopolis.

geographica da ilha, foram motivo da ambição de alguns paizes estrangeiros, na época da colonia.

Diaz de Solis, o descobridor do Rio da Prata, foi tambem o descobridor da ilha de Santa Catharina, no anno de 1515 (segunda viagem). Solis estava ao serviço de Hespanha, e procurava, pelo sul da America, um caminho para as Indias.

A essa ilha deu elle o nome de ilha dos Perdidos. A esse tempo era ella habitada pelos indios Carijós, que lhe chamavam Juriré-Mirim. Mais tarde, recebeu a denominação de ilha dos Patos, por causa do grande numero de indios Patos que alli havia, emigrados das margens da lagoa que tomou o nome da tribu.

Os bandeirantes paulistas, ousados caçadores de ouro e de indios, quando chegaram áquella ilha, em meiados do seculo XVII, já alli encontraram os jesuitas. O colono Francisco Dias Velho Monteiro (1650), um dos fundadores da actual Florianopolis, construiu a capella de Nossa Senhora do Desterro. Velho Monteiro deu á ilha o nome de Santa Catharina, em homenagem á Catharina, sua filha mais velha. Esse nome tornou-se extensivo, mais tarde, a todo o territorio da antiga provincia.

O desembarque, em Florianopolis, é ainda primitivo. Vê-se alli uma velha ponte de madeira, com uma escada, junto a qual atracam botes e lanchas a gazolina, conduzindo passageiros. Em soprando fortes ventos, as aguas do estreito se agitam, e o desembarque é bastante desagradavel. A cidade conta 18 mil habitantes. A primeira impressão que della se recebe é favoravel. Salta-se na praça Quinze de Novembro, regularmente arborizada. Na parte mais elevada da mesma praça vê-se um passeio publico, com grades de ferro, bancos e coreto para musica. No centro do logradouro, ergue-se o monumento aos voluntarios da Patria.

E' de alvenaria, e nas suas faces, lêm-se os nomes dos catharinenses mortos na guerra do Paraguay. Na praça Quinze de Novembro, notam-se os cafés Natal, do Commercio e Popular, bastante frequentados á noite, pela gente que se diverte. Chamam a attenção uns tantos habitos *smarts* do Rio de Janeiro : pequenas mesas pelas calçadas, onde se tomam refrescos e sorvetes; ha illuminação electrica e agua canalizada. Não ha porém ainda rêde de esgotos, muito mais necessaria do que lampadas de arco voltaico. As ruas são estreitas, á moda e gosto da colonia. Algumas são bonitas e bem construidas, como a Conselheiro Mafra, a Esteves Junior, a Marechal Deodoro, a Tenente Silveira e a Jeronymo Coelho. A praça Pereira de Oliveira tem arborização. A General Ozorio, onde se acha o quartel do 54.º de caçadores, é velha e feia. O palacio do governo, o do Congresso, o Lyceu de Artes e Officios, o hospital de caridade (na encosta da montanha), o theatro Alvaro de Carvalho, o Tribunal de Relação, a Intendencia Municipal e o Banco de Porto Alegre, são edificios de construcção moderna.

Uma pequena linha de bonds parte do trapiche Rita Maria e vae até á estação agronomica, servindo as ruas mais centraes.

A cidade dispõe de um gymnasio, onde se ministra a instrucção secundaria. O grande commercio é allemão, e dentre as casas allemãs destaca-se, pela sua importancia, a de Carlos Hœpeke, que mantem uma linha de vapores entre Florianopolis e Laguna.

Hoteis : o Grande Hotel e do Commercio, que são os mais dignos de nota. Nelles se comem excellentes camarões, prato vulgar em Santa Catharina, que bem poderia chamar-se o paiz dos camarões.

Clubs : o Musical, o Beethoven, o Dezeseis de Abril e o Doze de Agosto. Jornaes : *O Dia* e a *Folha do Commercio*. Igrejas : a cathedral e a de São Francisco. Guarnição federal : o 54º de caçadores e o 8º de artilheria de posição, ambos mal aquartelados. Força policial : um batalhão de infanteria e um esquadrão de cavallaria. Ha um asylo de mendicidade. Arrabaldes : Praia de Fóra, onde nasceu o grande poeta Luiz Delfino, e Matto Grosso. Praia de Fóra é um logar encantador, uma especie de Copacabana, em ponto pequeno, com as suas chacaras, suas vivendas elegantes, rodeadas

Praça 15 de Novembro. — Florianopolis.

de bellos jardins, com grades de ferro, cobertas de trepadeiras; repuxos de aguas cantantes, acima dos gramados, e caminhos a macadam.

Um recanto delicioso de Florianopolis. E' uma compensação para os olhos que, dias antes, viram cidades carunchosas e decrepitas, como Paranaguá, Antonina e São Francisco.

Do outro lado do estreito, no continente, fica a cidade de S José. Perto della, o arraial da Palhoça. O Estado de Santa Catharina, sendo um dos mais bem favorecidos pela natureza, é, entretanto, um dos mais pobres. Podendo exportar tudo, quasi nada exporta. A sua maior exportação consiste em bananas para o Rio da Prata.

Vende a outros Estados, mas em pequena escala, lacticinios, farinha e cereaes.

Florianopolis não tem mais para onde expandir-se. Se outra fosse a prosperidade de Santa Catharina, já de ha muito a sua capital estaria ligada ao continente por uma ponte metalica, meio giratoria. A população derramar-se-hia do outro lado do estreito, lembrando Constantinopla e Scutari, da outra banda do Bosphoro, em territorio asiatico. Quem sabe se, dentro de 20 annos, esta fantasia não será uma agradavel realidade para os catharinenses?

Para completar a obra, uma estrada de ferro de S. José a Lages canalizaria para Florianopolis toda a producção de uma das regiões mais ricas do Estado. A construcção dessa linha acaba de ser contratada pelo governo estadoal. E'para notar como, em Santa Catharina, as populações de origem germanica, muito mais moças que as de origem portugueza e brazileira, prosperam muito mais rapidamente que estas. Basta ver Blumenau, colonia que o Dr. Hermann Blumenau fundou, em 1850, e que é hoje uma cidade maior e mais adeantada que Florianopolis, fundada, como já se disse, em meiados do seculo XVII. Este parallelo é desfavoravel para nós.

Serve, todavia, para mostrar o quanto nos distanciamos dos allemães, no espirito de iniciativa, na ordem, na perseverança e até no bom gosto das coisas. As povoações germanicas deveriam de ser um modelo a imitar pelas povoações brazileiras, que na estrada larga do progresso marcham a passo de kagado.

Blumenau e Joinville são as duas cidades mais bellas e mais prosperas de Santa Catharina, graças ao genio da raça teutonica.

E ainda ha quem maldiga o estrangeiro, num paiz despovoado como o Brazil, onde o mestiço muito pouco faz, tendo, como aspiração maxima, um emprego vitalicio e a posse de uma mulher, moça e bonita. O futuro de Santa Catharina está nas mãos de seus homens publicos, que quizerem fazer mais administração que politica, olhando o exemplo de S. Paulo, o Estado modelar da Federação Brazileira.

CAPITULO V

NO BRAZIL MERIDIONAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — Uma noite no porto de Florianopolis. — Seis dias do Rio de Janeiro a Santa Catharina. — O movimento do porto pela manhã. — Partida da antiga cidade de Desterro. — Manhã nevoenta. — Na barra do sul. — A fortaleza de Araçatuba. — Mar agitado. — Na barra do Rio Grande. — Uma manhã admiravel. — Mar tranquillo. — Recordações de uma viagem anterior. — O porto do Rio Grande. — O sangradouro da Lagôa dos Patos. — Origem do mediterraneo riograndense do sul. — A costa maritima do Estado. — As lagunas littoraneas. — A Lagôa Mirim e o canal de S. Gonçalo. — O Brazil desconhecido dos brazileiros. — O desamor das nossas cousas. — S. Paulo, Rio Grande e Minas Geraes. — Os primeiros povoadores. — Açorianos e *Brummers*. — Influencia da raça germanica. — O gaúcho argentino e o gaúcho brazileiro. — S. Paulo e o papel inconsciente dos seus bandeirantes. — A raça negra, no Brazil meridional. — O brazileiro do sul e o seu espirito militar. — Facies geographico. — O clima e a colonização. — O minuano e o pampeiro. — Ethnogenia. — Influencia do elemento castelhano.

Dia 24. Segunda-feira. Manhã nevoenta. O thermometro centigrado marca 23°.

Dormimos no porto de Florianopolis. O vapor ainda aqui passará o dia, descarregando e recebendo carregamento de bananas e farinhas para o Rio da Prata. Baixo á terra, a ver mais demoradamente a cidade. Hontem, domingo, musica nos jardins, muita gente. Hoje menor movimento. Lanchas e catraias, encostadas á beira do cáes. Outras, de velas entumescidas, atravessam o estreito, rumo de São José. Hontem, á noite, chegou o *Jupiter*, vindo do Rio Grande. Sae, hoje, á tarde, para o Rio de Janeiro. O *Florianopolis*, tambem chegou hontem, e hontem mesmo saiu.

Veiu da capital da Republica, e seguiu para Porto Alegre. A antiga Desterro, vista, á noite, de bordo, offerece um bello espectaculo.

Em ponto grande, lembra um presepio, em noite de Natal, na Bahia. Luz, á beira da praia, e luz na encosta da montanha. Gastámos seis dias do Rio a Santa Catharina. Já é andar! Cada navio do Lloyd é um pedaço ambulante da alma brazileira. O *Saturno* é um symbolo.

Dia 25. Choveu pela madrugada. Choveu e trovejou. Céo nublado. São 6 horas da manhã. O ar humido do amanhecer é ferido por um som agudo e vibrante. E'o signal da partida. Vamos deixar Florianopolis, com destino ao Rio Grande. O vapor desloca-se, pouco a pouco, deixando um rastro de espumas nas aguas turvas do estreito.

No convéz, passageiros, de binoculos assestados, observam a cidade, mal disperta, e cujo pudor é apenas entrevelado pela gaze de névoa que a envolve, nesta triste manhã de abril a findar. Do outro lado, no continente, a cidade de São José, lento e lento, desapparece. A Santa Casa de Misericordia e a cathedral de Florianopolis são os ultimos vestigios que o meu binoculo póde alcançar. Estamos na barra do sul. Lá está a velha fortaleza de Araçatuba, erguida sobre uma ilhota, junto ao continente.

O mar agitado. E' a quarta vez que atravesso estes mares, quasi sempre revoltos, da costa catharinense. De Florianopolis ao Rio Grande 349 milhas. Que horror! São, de ordinario, 38 horas de viagem. Ainda, durante uma hora, o navio navega, entre o continente e a ilha da Santa Catharina. Segundo me informa o immediato, a nossa demora, no porto de Florianopolis, foi, em grande parte, devida á falta de carvão para as fornalhas do *Saturno*. O abastecimento de combustivel aos navios do Lloyd, na linha do sul, é um verdadeiro problema. Por causa de carvão, verá, mais tarde, o leitor, a vergonha por que passámos, no porto de Buenos Aires.

Viajámos, com marcha economica.

Dia 26. Mar ainda picado. Longe do Rio Grande. Muita gente enjoada. Poucos no convéz.

Dia 27. Hoje, a 1 hora da madrugada, o *Saturno* lançou ferro, fóra da barra do Rio Grande. Vae esperar o nascer do dia para entrar no porto. Manhã admiravel. Céo e sol maravilhosos. A barra dir-se-ia um lago.

Nem parece que estamos na celebre barra do Rio Grande, onde centenas de navios têm naufragado. A's 7 horas, o *Saturno* começa a mover-se, buscando o canal, assignalado por boias illuminativas. A atalaia já dera o signal de agua bastante. Lembrou-me a minha primeira viagem a esta costa sul do Brazil, em maio de 1907. O vapor *Florianopolis*, a cujo bordo eu então viajava, ficou 6 dias fóra da barra luctando contra a carneirada dos vagalhões indomitos.

No ultimo dia, esteve a pique de naufragar.

Tripulação e passageiros recorreram aos salva-vidas. Os passageiros de prôa armaram-se para atacar os de ré, afim de lhes tomar os apparalhos de salvamento. Uma tragedia, pela alta noite, tragedia da qual só tive noticia, no dia seguinte, porque dormia, a bom dormir, sósinho, no meu camarote.

Agora uma verdadeira delicia. Mar tranquillo. A's 8 horas, atracados ao cáes, que, de extremo a extremo, está cheio de navios nacionaes e estrangeiros. Muito movimento. Ha um forte sopro de vida, nestas paragens meridionaes do paiz. Temperatura deliciosa: 18º. C.

Um pouco afastado do cáes, está o vapor *Javary*, o antigo companheiro do *Oyapoc*, na linha de Montevidéo a Corumbá. Segue para Porto Alegre, levando passageiros que o *Saturno* trouxe do Rio. O *Javary* e o *Oyapoc* deixaram a navegação para Matto Grosso, por o seu calado não ser proprio para o rio Paraguay, na época das aguas baixas.

***

Estamos no sangradouro da bacia de recepção das correntes que, vindo do norte e do oeste do Estado, se reunem na sua grande depressão oriental, formando um verdadeiro mar interior, a Lagôa dos Patos. Tal como se deu com a bahia do Rio de Janeiro, os primeiros navegantes tomaram este sangradouro por um rio, dando-lhe o nome de Rio Grande. A Lagôa dos Patos, ou desaguadouro dos rios Jacuhy, Cahy, dos Sinos, Gravatahy, Camaquan e outros menores, têm, como se sabe, uma superficie de cerca de 9 mil kilometros quadrados. Esse mediterraneo liga-se á memoria dos indios Patos, que na sua margem viveram.

A costa do extremo sul do Brazil é bordada de praias de formação oceanica. Uma longa muralha de areia veiu-se formando, desde o litoral catharinense até á divisa com o Estado Oriental. Houve uma alteração, lenta e continua, do nivel da terra e do nivel marinho, dando, como resultado, por via do trabalho das altas marés, a formação de uma série de lagunas litoraneas, das quaes a primeira é a do Tubarão, em territorio de Santa Catharina. No do Rio Grande encontram-se a do Peixe, a do Junco, a do Bujurá, a da Margueira e a Mirim, a maior dellas, e que se communica com a dos Patos, pelo canal de S. Gonçalo, impropriamente chamado rio, com os seus

99 kilometros de comprimento, e á cuja margem septentrional fica a cidade de Pelotas.

O leitor que me perdôe entrar nestes detalhes de pequena geographia. Faço-o, porque ha muito brazileiro de sobrecasaca e cartola, e que se suppõe lettrado, que não conhece os principaes rios do Brazil, paiz melhor conhecido dos estrangeiros que dos proprios naturaes.

O povo da capital da Republica, na sua formidavel maioria, só conhece do Brazil a Avenida Rio-Branco, a rua do Ouvidor, o Largo de S. Francisco e adjacencias. Essa gente se interessa muito mais por um escandalo politico, ou passional, do que pelas coisas que por ahi vivem ignoradas, neste vasto e quasi deserto paiz.

Quantas pessoas que, vivendo no Rio, ha longos annos, ainda não foram a Nitheroy? Quantos ainda não se deram ao incommodo de subir ás montanhas da Tijuca, para admirar o excesso de natureza que alli se encontra? Quantos não preferirão o cinematographo, o *flirt*, ou o chopp da Antarctica a um agradavel passeio pelas frescas alamedas do Jardim Botanico, ou pelos claros areiaes de Icarahy, do outro lado da bahia? A natureza assombrosa que nos rodeia é mais apreciada dos estrangeiros intelligentes que aqui vivem, ou que por aqui passam, do que por esse rebanho de carneiros, docilmente conduzidos pela audacia e pela matreirice calculada de meia duzia de espertos que chamaram a si o usofructo perpetuo das posições politicas.

Não tenho a pretensão de haver descoberto o Brazil, nem coisa alguma do Brazil.

Se o tenho percorrido de norte a sul, e de léste a oeste, é que, apezar do ambiente de pantano em que todos vivemos afogados, não morreu ainda de todo em alguns brazileiros a confiança no futuro deste paiz e desta raça, victima, na hora presente, da fatalidade de um grande e demorado eclipse sociologico.

Foi essa confiança que gerou em mim o desejo de conhecer de perto o que é o Brazil, além das fronteiras da Avenida Central, e expôr, francamente, o meu desautorizado juizo, ácerca do que os meus olhos viram nesse mesmo Brazil.

As nossas casas de cinematographos exhibem, diariamente, ao nosso publico, vistas secundarias de paizes estrangeiros, quando poderiam revelar a esse mesmo publico as nossas cidades mais importantes, as scenas e os costumes do nosso *hinterland*, as nossas florestas, os nossos rios e as nossas cachoeiras. Porque tudo isso é quasi desconhecido da maioria da população do Rio de Janeiro.

Paiz, immensamente grande, desprovido ainda de vias de communicações, rapidas e faceis, o sul e o norte pouco se conhecem. As populações da orla maritima não sabem o que se passa nos sertões.

E' preciso fazer propaganda do Brazil, dentro do proprio Brazil. E o meio mais facil para isso conseguir é o brazileiro que viajar dar ao publico, bem ou mal, o resultado das suas observações.

* * *

Tres Estados ha, entre nós, dignos de estudo, mais que qualquer outro, pelas suas origens ethnicas, pelas suas condições geographicas e pelo caracter de seu povo : São Paulo, Minas Geraes e Rio

Porto do Rio Grande.

Grande do Sul. São Paulo, como herdeiro da audacia dos bandeirantes. Minas Geraes, como paiz de montanha e, ao mesmo tempo, mediterraneo, tem, pela indole e tradições de seus habitantes, um logar á parte, na vida nacional brazileira. O Rio Grande do Sul, pela situação singular de paiz fronteiriço, pelos habitos gaúchos de uma certa fracção de seu povo, habitos meramente importados, e pelo temperamento guerreiro de seus maiores.

O Rio Grande sempre têve e ha de ter uma posição singular na vida do paiz.

Quando o Brazil se fragmentou em capitanias hereditarias, a do Rio Grande do Sul foi a unica que não teve donatario. Pela sua situação geographica e pela sua importancia politica, esteve sempre

submettido, directamente, ao governo da metropole. Portugal encarregou-se de administral-a. A colonização alli tambem se fez de modo diverso. Os seus primitivos povoadores não foram portuguezes do continente, como nas outras capitanias. Foram açorianos, que a miseria expulsou do archipelago, os que, no extremo sul do Brazil, plantaram as primeiras cidades.

A do Rio Grande, á entrada da barra, e a de Porto Alegre, no braço septentrional da Lagôa dos Patos, são de origem açoriana, e foram, respectivamente, fundadas em 1737 e 1742.

Com a indepenrencias, vieram os primeiros colono. allemães, que, em 1824, se estabeleceram em S. Leopoldo. Nessa época eram apenas 120 emigrados. Em meiados do seculo transacto já elles subiam a 8 mil. As revoluções politicas, no velho mundo, exportaram para o Rio Grande mil e tantos « Brummers », voluntarios que o Brazil arranjou em Hamburgo, quando foi da guerra contra Rosas, o qual, graças á acção conjunta das tropas de Urquiza, do Brazil e do Uruguay, teve o seu Waterloo, nas planicies de Monte Caseros, em 1852.

Varios desses « Brummers » haviam tomado parte nas guerras civis allemãs, em 1848.

Esses activos filhos da Germania, com outros colonos de igual procedencia, trouxeram para o sul do Brazil a vitalidade de seu sangue, as energias da sua raça e o exemplo da iniciativa, virtudes que os riograndenses assimilaram, ao lado de outras que o contacto com os hespano-americanos da fronteira lhes foi, pouco a pouco, transmittindo. Os riograndenses do sul, os paulistas e os cearenses são as tres gentes mais bravas, mais viris, mais altivas e de maior capacidade de resistencia, que, a meu ver, existem no Brazil. São, por assim dizer, a cortina e as linhas de defesa da nossa raça.

Abro aqui um parentheses para um ligeiro commentario. Os riograndenses do sul sentem-se envaidecidos, porque se lhes chamam « gaúchos ». Não acho razão para esse epitheto com que os honram. Os indios Gaúchos floresceram, como se sabe, na parte meridional da Argentina.

Os colonos hespanhóes copiaram-lhes os usos e costumes, usos e costumes que, por sua vez, transmittiram aos brazileiros da fronteira.

Aos argentinos sim é que se deviam chamar gaúchos, porque, no seu paiz, é que viveram taes indigenas. Não consta que haja no sangue riograndense nenhum vestigio de sangue gaúcho. Se nelle algum sangue indigena se encontra, esse sangue é dos indios Tapes,

Patos, Minuanos e outros, que habitaram o Rio Grande do Sul, nos primeiros seculos do descobrimento.

Por que então povo gaúcho, terra gaúcha e costumes gaúchos, que, a cada passo, se ouve, em se tratando dos homens e das coisas do paiz do xarque, paiz realmente digno de admiração e louvores, por outros motivos que não esses? O gaúcho, no Rio Grande, é um contrabando ethnologico. Não creio na existencia delle, como typo nativo. O absurdo chega ao ponto de se fallar em literatura gaúcha, quando, nem sequer, temos ainda uma literatura brazileira. Porque para tanto, fôra mister houvesse um povo brazileiro, o que talvez ainda não possuamos, dentro de tres seculos.

Da mesma fórma os paulistas muito se ennobrecem com o descenderem dos bandeirantes. Todo mundo sabe o que foram os bandeirantes: rudes sertanejos, ambiciosos e audazes, vivendo, á ventura, caçando o indio e o ouro dos nossos sertões. Nenhum traço de nobreza de caracter, nenhum designio patriotico nas suas conquistas, nenhum lance heroico, digno do applauso da posteridade. E' certo que, ao lado do jesuita, prestaram grandes e reaes serviços ao Brazil, dilatando inconscientemente as nossas fronteiras. Foi uma obra feita menos por calculo, que por ambição. Assim, não acho razoavel a vaidade do riograndense em ser gaúcho e o orgulho do paulista em descender dos bandeirantes.

Já estou daqui a ouvir uns e outros vociferando contra o insolente que taes coisas acaba de escrever, num paiz onde é de habito dizer apenas 50 % do que se pensa.

***

No Rio Grande do Sul, ha poucos representantes da raça negra, porque essa raça vae desapparecendo, no Brazil meridional, emquanto se mostra meio estacionaria na Bahia e em Pernambuco, e augmenta, na Amazonia, com a importação de negros das Antilhas, principalmente de Barbados.

Dos cem mil negros que havia no Rio Grande, por occasião da lei do ventre livre (1878), creio não restará mais nem a decima parte.

Vi poucos representantes da raça ethiopica nas cidades do Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.

No ponto de vista militar, é aquelle Estado o que mis no sinateressa conhecer e estudar.

A natureza o dividiu em duas grandes zonas : a do norte (monta-

nhas e florestas); a do sul, planicies, cuja monotonia é apenas quebrada pela ondulação das cochillas.

Entre as terras altas do norte e as terras baixas da costa, ha uma notavel depressão, onde correm o Vacacahy e o seu prolongamento o Jacuhy, a léste; e o Ibicuhy Grande, afluente do Uruguay, a oeste.

No rumo do nordeste inflecte a Serra do Mar, que alli, como em outros pontos, tem denominações locaes. Entre o Camaquan e o Jacuhy, é a Serra do Herval. Entre o Camaquan e o Jaguarão, que alimenta a Lagôa Mirim, é a Serra dos Tapes. A natureza do sul e do oeste riograndenses participa do *facies* da natureza argentina. Como se sabe, pelas suas condições climaticas, é o Rio Grande um dos Estados brazileiros mais procurados pelo colono europeu, que de resto tanto póde viver alli como na Amazonia. Vi, no Brazil equatorial, inglezes e allemães tão sadios como os que demoram, aqui, no sopé do planalto. O verão, no sul, é ardente. O inverno muito frio. A differença entre as temperaturas extremas chega a 40º C. Ha calores de 38º á sombra e frios de 8º, abaixo de zero, na região montanhosa, onde a altitude e a latitude se casam para produzir tão grandes baixas thermometricas.

O minuano, vento importado dos Andes argentinos, e o pampeiro, tambem vindo da grande republica limitrophe, trazem das suas paragens nataes para o Rio Grande uma humidade fria e incommoda, principalmente para aquelles que nasceram debaixo do tropico.

Os meus musculos e os meus nervos, acostumados ao inverno doce das montanhas do Rio, muito estranharam as noites de junho, julho e agosto de 1907 que passei em Porto Alegre, sob o peso agradavel dos acolchoados.

O riograndense de hoje nenhum traço possue que recorde a sua ancestralidade indigena, nada que lembre os seus antepassados os Carijós, os Patos, os Minuanos, os Tapes e os Charrúas das regiões fronteiriças. A catechese desses aborigenes, deve-se aos jesuitas, que para esse fim, alli fundaram as celebres sete missões de S. Borja, S. Nicoláo, S. Luiz Gonzaga, S. Lourenço, S. Miguel, S. João Baptista e Santo Angelo.

Esses indios todos de origem guarany, foram os que os conquistadores dos seculos XVI e XVII alli encontraram, como senhores unicos da terra, hoje desbravada e fecundada pelo typo ethnico resultante do cruzamento das raças autochthones com os portuguezes, os hespanhóes, os allemães, os polacos e os italianos que para o Rio Grande accorreram, após a nossa emancipação politica.

O elemento aborigene é, actualmente, apenas representado, na

parte norte da provincia, por algumas centenas de Corôados, na vizinhança da colonia militar de Caceros. Assim, no extremo sul do Brazil as raças superiores pode dizer-se que já absorveram os elementos indigena e africano.

Devido á affinidade da lingua, os emigrados italianos e portuguezes são de preferencia arrastrados na torrente da civilização geral do paiz. Os allemães, pela disparidade idiomatica, isolam-se dos naturaes : vivem á allemã.

Os das regiões serranas são menos industriosos e abastados. Os das cidades são emprehendedores e ricos. Nas mãos delles está, em grande parte, o alto commercio importador e exportador. Nas zonas convizinhas da Argentina e do Uruguay, o riograndense assimilou daquelles paizes a industria do xarque. Alli, na fronteira, é que se encontram os grandes campos de creação e as grandes xarquedas, que abastecem o mercado do Rio de Janeiro e do norte do paiz.

A historia do Rio Grande do Sul é um tecido de feitos heroicos. Tem elle tomado parte activa em todos os acontecimentos mais notaveis da vida militar e politica da nação.

Nas campanhas do Prata, na guerra dos Farrapos, na do Paraguay, na campanha federalista e na de Canudos, o papel do Rio Grande foi sempre dos mais brilhantes.

Na campanha separatista (1835-1844), a grande provincia meridional, com a sua cavallaria e o seu tradicional espirito guerreiro, encheu a historia do Brazil de multiplos fulgores.

Na guerra da Triplice Alliança, forneceu generaes da estatura de Ozorio, de Andrade Neves, de Correia da Camara, do barão da Ijuhy e dos Menna Barretos, que têm tomado parte saliente em todas as luctas internas e externas do paiz, desde a famosa batalha de Itazaingó até aos nossos dias.

Os Menna Barretos representam a meu vêr, a mais brilhante tradição militar, no Brazil.

O Rio Grande, por si só, tem uma grande historia. Entretanto, apesar de rico, como é, e de dispôr de um clima europeu e de recursos naturaes inesgotaveis, não apresenta o progresso que poderia apresentar. O mal está na politica de visão estreita que domina naquella terra.

Politica pessoal, como é de resto a que anniquila o Brazil de norte a sul.

Rio Grande e Porto Alegre, cidades fundadas no meiado do seculo XVIII, poderiam ser dois centros populosos mais adeantados do

que o não são. Basta dizer que só ha tres annos é que a capital do Estado dispõe de viação electrica.

Ainda hoje não possue rêde de esgotos, apesar da sua admiravel situação topographica.

Tratarei desse assumpto, ao fallar de Porto Alegre, no capitulo seguinte.

CAPITULO VI

NO BRAZIL MERIDIONAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — As obras da barra do Rio Grande. — Ligeiros dados sobre a sua construcção. — O porto das Torres. — Um projecto do Provisorio. — S. José do Norte. — As ilhas fronteiras. — Lagôas littoraneas. — Um projecto do tempo do imperio. — A cidade do Rio Grande. — Movimento do porto. — O traçado das ruas. — Logradouros publicos. — A estatua de Bento Gonçalves. — O Porque Urbano. — Os bonds. — A estrada de ferro para Bagé. — Uma villa balnearia. — O theatro e a bibliotheca publica. — Illuminação, agua e esgotos. — Um absurdo geometrico. — Navegação da Lagôa dos Patos. — Uma interrogação de James Bryce. — O presente e o futuro da nossa raça. — Rumo de Porto Alegre. — Pelotas, a vôo de passaro. — Os pharóes da Lagôa. — Chegada a Porto Alegre. — As primeiras impressões. — O desembarque. — Ausencia de um caes para atracação de vapores. — Em terra. — Aspectos da cidade. — Ruas, praças e jardins. — Os arrabaldes. — Jornaes e jornalistas. — A sociedade. — O corso da rua dos Andradas. — Viação ferrea do Estado. — Intellectuaes riograndenses. — A partida do Rio Grande.

As obras da barra do Rio Grande, obras cuja execução occupou o espirito dos nossos estadistas, assim do segundo reinado, como da Republica, estão, na hora presente, muito adeantadas.

Esse trabalho, como deve saber o leitor que se interessa por taes assumptos, consiste na construcção de dois molhes de pedra jogada. Cada um delles tem um desenvolvimento de cerca de 7 kilometros, e, na parte em que são parallelos, afastam-se, um do outro, de 750 metros, largura mais que bastante para dar franca entrada aos proprios navios que navegarem á vela. Para a construcção desses molhes, a companhia houve mistér de tres milhões de toneladas de pedras, que vêm de logares afastados de 80 kilometros do local onde são utilizadas. A collocação dessas pedras nos molhes faz-se por meio de grandes guindastes de 500 toneladas, movidos com o

auxilio da energia electrica. As pedras dos molhes de leste e oeste, e que vêm das pedreiras de Monte Bonito e Capão do Leão, são conduzidas á barra, por via maritima ou terrestre, com o concurso de uma estrada de ferro auxiliar. As obras do porto, complementares das obras da barra, adeantam-se, de dia para dia. O cáes terá 1.600 metros, e correrá ao longo do fundeadouro, onde poderão ancorar navios dos maiores calados. Será provido de guindastes electricos, armazens para mercadorias, armazens frigorificos, embarcadouro e curraes para gado, depositos de carvão e de inflammaveis. A companhia conta inaugurar essas obras gigantescas dentro do corrente anno.

O porto das Torres, cuja construcção parece vae ser levada a effeito, conforme resolução ultima do nosso Congresso, virá de alguma sorte prejudicar a vida economica da cidade do Rio Grande, ainda mesmo depois de o seu porto achar-se devidamente apparelhado.

Porque o porto das Torres offerecerá, não só melhor abrigo aos navios, como porque aproximará Porto Alegre da orla maritima, por meio da linha ferrea de cerca de 200 kilometros, que, necessariamente, será assentada, entre esse porto e aquella capital. Todo o commercio da parte septentrional do Rio Grande do Sul far-se-ha, desde então, pelo porto das Torres. O do Rio Grande continuará a servir o oeste e o sul do Estado.

***

A cidade de S. Pedro do Rio Grande, situada, ao poente, no extremo do promontorio de areia, que as aguas do canal beiram revoltas, defronta com a cidade de S. José do Norte, a léste, na ponta sul da longa peninsula banhada pelo oceano e pela Lagôa dos Patos. Abra-se uma carta maritima do Rio Grande, e ver-se-ha o canal de 13 kilometros que vae da entrada da barra á ponta da Mangueira, entre aquella longa peninsula e a mesma ponta, que limita, no rumo do oeste, as aguas da lagôa, que lhe fica adjacente.

Defrontando a cidade, lá estão a ilha dos Marinheiros, a das Pombas, a da Polvora e a dos Cavallos. São collinas de areias carreadas, e alli accumuladas, pela corrente que liga o Atlantico ao grande mediterraneo riograndense do sul.

Em face da proclamada inexequibilidade, ou grande custo, das obras da barra do Rio Grande, os politicos do imperio conceberam

o projecto mais economico da construcção de um longo canal interlacustre, ligando entre si a serie de lagôas que vão da dos Patos, beirando a costa, até á do Tubarão, em Santa Catharina.

Esse canal teria começo na bahia de Capivary, e em seu percurso passaria pelo porto de S. Domingos das Torres, assim denominado, em virtude dos tres picos de granito, que, em forma de torres, emergem das areias que as vagas alli juntaram.

Esse porto, motivo de dissenções no seio do Provisorio, está exposto aos ventos impetuosos do sul, e a construcção de molhes protectores se fará mister.

Rio Grande, com os seus 40.000 habitantes, apezar de ser a porta principal de entrada e sahida do prospero Estado do extremo sul brazileiro, não revela o progresso que poderia revelar. Para isso muito ha concorrido a impraticabilidade de sua barra.

Todavia, a cidade tem o aspecto movimentado das cidades maritimas de certa importancia. O seu porto está sempre cheio de navios de varia procedencia, principalmente os nacionaes, recebendo carregamento de xarque, couros seccos e barris de vinho. Ao lado de vias publicas, construidas segundo o sabor portuguez, ha algumas largas, bem ventiladas, com predios modernos, taes como a Marechal Floriano, a General Bacellar, a Riachuelo, a dos Andradas, a Duque de Caxias, a Conde de Porto Alegre e outras, todas traçadas á moda das cidades platinas, isto é, cortando-se em angulo recto, influencia talvez do elemento hispano-americano. Porto Alegre, no centro geometrico do Estado, afasta-se dessa influencia, com as suas ruas, na maioria. tortuosas ,talvez, em parte, devido á topographia local. Entretanto, Montevidéo, que, como Porto Alegre, assenta num promontorio, tem as suas arterias urbanas admiravelmente bem traçadas. Dos logradouros publicos da cidade do Rio Grande, o da praça Tamandaré é o mais importante. Pela sua extensão, lembra a praça da Republica, em S. Paulo. Possue bellas arvores e lindos lagos tranquillos.

Alli se levanta a estatua pedestre de Bento Gonçalves, nome legendario na historia do Rio Grande do Sul. Outros logradouros existem, como os das praças General Telles, S. Pedro, Sete de Setembro e da Caridade. Edificios mais notaveis : a alfandega, a intendencia municipal, o hotel Paris, o quartel federal e a estação central da linha de Bagé. A 40 minutos da cidade, fica o parque Urbano, plantado, á beira do mar alto. E'um bello e solitario recanto, onde a alma se sente bem debaixo daquellas grandes e hospitaleiras arvores, que os ventos soltos do oceano não cessam de agitar. E'o

melhor passeio. Ha alli musica aos domingos. Os bonds são ainda de tracção animada.

As passagens são caras. Nenhuma custa menos de 200 reis. A cidade está ligada a Bagé por via ferrea de 1m,40 de bitola O trem parte de Rio Grande ás 7 e 15 da manhã e chega a Bagé, no mesmo dia, ás 5 horas e 5 minutos da tarde.

Uma passagem de 1ª classe custa 228300.

Do Rio Grande a Pelotas, pagam-se 38100, em 1ª classe, e o percurso é feito em uma hora e 54 minutos.

Do Rio Grande ao Alto Uruguay, passando por Bagé, Santa Maria e Passo Fundo, a distancia é de 1.130 kilometros.

Uma villa balnearia. E' o Casino, a 30 minutos da cidade, em via ferrea. E' a sua Pocitos. Alli fazem estação de banhos as principaes familias do Estado. Ha um unico theatro : o Polytheama. A bibliotheca é pequenina. Comtudo, nella se encontram algumas obras de valor e jornaes de toda a parte do Brazil. Os do Rio alli se lêm, com quatro dias de publicados. Vão nos vapores directos da casa Lage. O café America é o ponto de reunião da mocidade que ama a vida nocturna. Editam-se dois jornaes : O *Echo do Sul* e o *Tempo*, ambos vespertinos. As ruas centraes, como a Marechal Floriano, têm illuminação electrica. A agua potavel não é boa. E' canalizada, depois de colhida em lençóes subterraneos. Não ha rede de esgotos. Como em Porto Alegre, impera o regimen dos « cubos », formidavel absurdo geometrico. A simples barris de vinho dão alli o nome de cubos ! Protestai, ó manes de Euclydes, de Lacroix e de Themotheo Pereira !

***

Porto Alegre, desde muito, que trabalha por emancipar-se das aguas da barra.

A solução desse problema, está, como vimos, na construcção do porto das Torres, e consequente ligação, por via ferrea (200 kilometros apenas) daquella cidade ao referido porto.

Emquanto isso se não fizer, as aguas do mediterraneo serão sulcadas pelos vapores que partem do Rio Grande e vão até á capital, em 24 horas, vencendo uma distancia de 300 kilometros. O canal da Lagôa seguido por esses vapores, tem uma profundidade de cerca de 7 metros. A' falta de um serviço permanente de dragagem, muitos navios encalham naquelle mar interior, que tem 230 kilometros

de comprimento e 60 kilometros na sua maior largura. A navegação franca só é alli permittida a embarcações que calem menos de 3 metros. Os argentinos mantêm, á propria custa, um serviço constante de dragagem do Rio da Prata e do Paraná, até á cidade de Corrientes. Esse canal é assignalado por boias illuminativas, devidamente kilometradas. Nós, os brazileiros, deixamos a Lagôa dos Patos entregue a seu proprio destino. E, quando se falla da nossa proverbial incapacidade administrativa, é-se taxado de pessimista.

Praça Tamandaré. — Rio Grande.

Convenhamos : James Bryce tem razão, quando pergunta se somos realmente dignos do grande paiz que possuimos.

Um paiz immenso e uberrimo como o Brazil, devera de ser habitado por uma raça superior, como a anglo-saxonia, e não por 20 milhões de mestiços, na sua maioria indolentes, sensuaes e politiqueiros. Esta maneira de pensar, certa ou absurda, é exclusivamente minha. Peço ao leitor amigo que não partilhe della. Creio no futuro do Brazil. O seu presente é um desanimo para os que tiram cinco minutos, em 24 horas, afim de reflectir no destino desta raça em formação, raça que muito pouco tem dado de si, em confronto com outras raças da mesma idade, do mesmo continente e do mesmo tronco latino.

***

Vamos a Porto Alegre. Do Rio Grande a Pelotas a viagem, por

agua, nos vapores do Lloyd, é, de ordinario, feita em vinte e quatro horas.

O navio, que navega no sangradouro da Lagia, deixa, em pouco, esse sangradouro, e entra no canal de S. Gonçalo, á cuja margem norte assenta a cidade de Pelotas, com os seus 35 mil habitantes e suas ruas traçadas á moda platina. A' beira do cáes varios carros de praça, para conducção de passageiros ao centro da cidade, que fica um pouco afastada do canal.

O carro de praça é uma nota de civilização que se depara nas cidades do sul, por pequenas e montanhosas que sejam, como Florianopolis. Na Bahia e em Pernambuco, dois grandes portos maritimos, o viajante salta e não encontra, á beira do cáes, um só carro de aluguel que o leve ao coração da cidade.

Como só acontece com os rios de planicie, o canal de S. Gonçalo é triste e monotono. Não tem a belleza peculiar ás correntes de montanha. A' margem delle, á direita e á esquerda, vêem-se as grandes xarqueadas do municipio, das quaes se desprende um cheiro pouco agradavel. Lá estão as enormes armações de madeira, com as suas mantas de carne, expostas ao calor do sol.

Pelotas tem um lindo Passeio Publico, muito bem tratado, onde se encontram plantas e flores de varia especie. A rua Quinze de Novembro é larga, longa e bonita. E' a principal via publica da cidade, onde se vêem bellos edificios, como o da Intendencia, o da Bibliotheca e o do Hospital de Misericordia. Não me deterei a fallar de Pelotas, porque a vi a vôo de passaro, no decurso de algumas horas, sendo por esse motivo, muito escassos os meus apontamentos sobre ella. Dizem que o seu municipio é o primeiro do Estado, no ponto de vista da producção do xarque. Alli se matam, annualmente, cerca de 150 mil bois. Depois vem o de Bagé com 125 mil, o de Quarahy com 120 mil, o de São Gabriel com 50 mil. Em todo o Estado abatem-se, por anno, perto de 600 mil cabeças de gado, com uma exportação de 46 milhões de kilogrammas de xarque para todo o Brazil.

A industria do xarque é, como se sabe, a grande industria do Rio Grande do Sul.

Com a abertura da barra, é muito provavel que aquelle Estado exporte para o estrangeiro gado em pé e carnes congeladas, á semelhança da Argentina.

De Pelotas a Porto Alegre, pelo mediterraneo, uns 200 kilometros. Pela entrada da noite, vão apparecendo os primeiros pharóes da lagôa.

Aqui é o do Capão da Marca, alli é do Berujú; mais adeante é o de

Christovão Pereira, e, no outro dia, nas proximidades de Porto Alegre, é o antigo pharol do Itapoan.

A' medida que se avizinha da capital do Rio Grande, as margens da lagôa vão se approximando, até que o vapor entra no estuario dos rios Jacuhy, Cahy, dos Sinos e Gravatahy, estuario a que, impropriamente se tem dado o nome de rio Guahyba.

A' entrada do porto vê-se a interessante ilhota das Pedras Brancas, com o seu deposito de polvora e as suas casinhas de aspecto grosseiro. Porto Alegre vae, lentamente, apparecendo sobre o promontorio, em que a assentaram os colonizadores do seculo XVIII. Ainda de bordo a impresão é agradabilissima.

A casaria, em amphitheatro, á beira do estuario e na encosta dos

Passeio Publico. — Pelotas.

pendores da parte accidentada, imprime ao conjunto um traço inconfundivel, dentre as demais cidades brazileiras. Na margem opposta, terras baixas e alagadiças. O desembarque não é dos melhores.

Os vapores encostam ju. to á ponte de madeira dos trapiches do Lloyd. Os passageiros, para ganhar a rua, têm que atravessar um longo armazem, repleto de barricas e saccos de farinha de trigo e de fardos de alfafa. Quando chega lá fora, em plena praça do Mercado, está com as roupas em petição de miseria. A impressão que disso resulta, é positivamente desfavoravel. Não ha, na orla do estuario, um só palmo de cáes, onde possa encostar um vapor. Tudo está como no tempo em que alli chegaram os primeiros açorianos,

por visivel incuria das companhias de vapores, e, bem assim, dos governos locaes, que, naturalmente, entendem que essas coisas valem menos que os votos conquistados numa batalha eleitoral... a bico de penna.

As cidades do Rio Grande do Sul não têm o progresso correspondente á grandeza, ao passado historico, ao presente e ao futuro economico daquella unidade federativa.

A culpa disso é menos do povo que dos máos governos que alli se têm succedido.

O povo é culto, laborioso, hospitaleiro e emprehendedor. Os governos, pessoaes, inertes, politiqueiros. Julio de Castilho governou o Rio Grande durante meia duzia de annos, dispondo de um poder quasi absoluto naquella terra, e, no entretanto, deixou Porto Alegre sem uma rede de esgotos, primeira condição de hygiene em uma grande e formosa cidade como ella é.

***

Em terra. Aqui está a praça Sete de Setembro (antiga do Mercado), com o seu intenso movimento commercial, carroças, carros de praça, automoveis, tramways electricos, tudo o que caracteriza uma cidade que se transforma. Mais adeante, a praça Senador Florencio, lindamente arborizada. Entra-se na rua dos Andradas, a antiga rua da Praia. Em Porto Alegre cada rua tem dois nomes : um popular, outro municipal. E' uma confusão diabolica para o recemvindo. A dos Andradas é a mais importante. E' mesmo a via publica da moda.

E' a mais central e nada tem de bonita.

Na maioria os seus predios são feios e acaçapados. A da Independencia, uma verdadeira avenida, é, incontestavelmente, a mais bella via publica da capital riograndense. A Voluntarios da Patria é comprida e movimentada. A General Camara, apezar de clivosa, conta edificações de apurado gosto. Os jardins publicos são, em geral, bem cuidados, como o da praça Julio de Castilho, o da Marechal Deodoro, o da Alfandega e o da Harmonia, á beira do Guahyba, e aonde, todas as tardes eu ia, invariavelmente, visitar aquellas arvores venerandas, companheiras queridas das minhas horas solitarias.

Lembro-me, com certo prazer, daquelle recanto ameno de Porto-Alegre, tão propicio á alma e ao pensamento.

Na praça Deodoro ergue-se o palacio do governo, e bem assim o do Congresso. D'alli se descortina a «Varzea», com as suas fileiras de arvores altas e copadas e o velho edificio da Escola Militar, com as suas tradições de republicanismo exaltado. A « Verzea » está para Porto Alegre, como o « Braz » para S. Paulo. Os arrabaldes da metropole riograndense são uma das melhores coisas que alli se encontram. Gloria, Parthenon, Navegantes, Moinhos de Ventos, Floresta, Tristeza e Menino Deus são logares pittorescos, com as suas quintas e as suas vivendas de aspecto moço e bonito. E a paizagem! Como é linda a paizagem daquelles arrabaldes!

Vista geral de Porto Alegre.

Em Porto Alegre, uma pessoa amiga da natureza não morre de tedio.

Basta tomar um bond electrico, e ir passeiar a Therezopolis. Volta com o espirito encadernado de novo.

A capital, pelo recenseamento do anno proximo findo, conta 147 mil habitantes. Dispõe de uma escola polytechnica, uma de medicina e pharmacia, uma de direito, um collegio militar e varios gymnasios, onde o ensino secundario é ministrado.

A sociedade é uma das mais cultas do Brazil. A imprensa adeantadissima. Publicam-se, diariamente, diversos jornaes, entre elles o *Correio do Povo*, um dos mais importantes que se editam no paiz, com uma tiragem e circulação de que não dispõem muitos periodicos do Rio de Janeiro.

Nelle tive a honra de collaborar, durante dois annos. E' seu direc-

tor e proprietario o Dr. Caldas Junior, homem de talento e iniciativa verdadeiramente *yankee* (1).

Ha ainda a *Federação* e o *Jornal do Commercio*, ambos affeiçoados á situação dominante. Até ha pouco, alli se publicava a *Gazeta do Commercio*, orgão do Dr. Pinto da Rocha, um dos maiores caracteres e uma das mais vigorosas intelligencias deste paiz, vulto, grande de mais, para viver no ambiente politico do Rio Grande do Sul contemporaneo.

Porto Alegre tem illuminação e viação electricas, agua canalizada e não tem, como já vimos, rêde de esgotos. E' incrivel. Fôra preferivel não ter luz electrica, que é um luxo, e ter esgoto, que é uma necessidade. Domina o regimen dos *cubos* lançados ao estuario.

As aguas de uso domestico correm pelas calçadas das ruas de maior transito, como a dos Andradas. A's quartas e sabbados, á noite, ha corso, a pé, na mesma rua.

Alli comparece a fina flor da sociedade. Pois bem : emquanto as lindas senhoritas desfilam pelos passeios, á luz intensa das montras das casas de modas, descem pelas valletas da rua dois corregos de agua servida !

Essas duras e amargas verdades é preciso que aqui sejam ditas, para vêr se de uma vez concluem o assentamento da rêde de esgotos, que, ha quatro annos, teve começo e ainda não teve fim. Até parece uma obra do ministerio da guerra ! E' uma nota dissonante, em uma cidade culta e bonita, digna de outras attenções, por parte daquelles que têm nas suas mãos a direcção perpetua dos destinos do Rio Grande.

*
* *

Como se sabe, Porto Alegre está hoje ligada ao Rio de Janeiro por via ferrea. O trajecto é ainda moroso. Até á fronteira de S. Paulo o trem não faz mais de 30 kilometros por hora. A viagem, por mar, é ainda mais rapida, sobre ser mais economica. D'alli parte igualmente a linha que vae ter a Uruguayana, na fronteira argentina, á margem do rio Uruguay, com um desenvolvimento de 702 kilometros.

(1) Já se achavam escriptas estas linhas, quando li nos jornaes desta capital, haver fallecido, em Porto Alegre, a 9 do corrente, (março de 1913) este meu distincto e malogrado amigo. Caldas Junior, sobre ter sido um jornalista de valor, era tambem um excellente poeta lyrico. omo homem de imprensa, foi quem introduziu, no extremo sul do Brazil, os verdadeiros moldes do jornal moderno.

A Estrada de Ferro S. Paulo a Rio Grande, na parte que vae da fronteira paulista (Itararé) á fronteira riograndense (Alto Uruguay) tem uma extensão de 864 kilometros.

A linha da cidade do Rio Grande a Bagé 283 kilometros; a de Quarahy a Itaqui 176 kilometros.

Essa via tem seu inicio na Barra do Quarahy, fronteira do Estado Oriental, e termina na cidade de Itaqui, passando por Uruguayana. Desdobra-se na margem esquerda do rio Uruguay. A estrada de Santa Maria ao Uruguay tem um percurso de 356 kilometros.

Serve a região montanhosa do Estado, no rumo de rio Uruguay, onde se liga com a S. Paulo a Rio Grande. Aquella estrada entronca, em Santa Maria, com a Porto Alegre a Uruguayana. De Santa Ma-

A Varzea. — Porto Alegre.

ria a Cruz Alta 161 kilometros; de Santa Maria a Passo Fundo 356 kilometros; de Santa Maria ao Alto Uruguay 540 kilometros.

A estrada de Porto Alegre a Uruguayana,como já vimos, tem 702 kilometros, com estes segmentos : De Porto Alegre a Rio Pardo, 146 kilometros; de Porto Alegre a Cachoeira, 212 kilometros; de Porto Alegre a Santa Maria, 327 kilometros; de Porto Alegre a Alegrete, 558 kilometros; de Porto Alegre a Uruguayana, 702 kilometros.

O ramal de Cacequy a Bagé passa por S. Gabriel no kilometro 517, e por Bagé no kilometro 647, contadas essas distancias a partir de Porto Alegre. A linha da margem do Taguary a Neustadt, liga a capital do Rio Grande ao ponto inicial da estrada Porto Alegre a Uruguayana. São 96 kilometros.

A de Porto Alegre a Novo Hamburgo, no municipio de S. Leo-

poldo, tem um desenvolvimento de 43 kilometros. De Novo Hamburgo a linha vae a Taquara. São mais 45 kilometros.

A rede de viação ferrea do Rio Grande do Sul tem dois pontos iniciaes : a cidade do Rio Grande e Porto Alegre. Do Rio Grande parte a linha de Bagé. De Porto Alegre parte a de Novo Hamburgo. Ha tres pontos essenciaes de penetração : 1º, a cidade de Uruguayana, na fronteira argentina; 2º, o Alto Uruguay, onde se dá o entroncamento com a São Paulo-Rio Grande, vinda de Itararé; 3º, a cidade de Sant' Anna do Livramento, na fronteira da Republica do Uruguay.

A linha do Rio Grande a Bagé, com os seus 283 kilometros, liga-se com o ramal da estrada de Porto Alegre a Uruguayana, ramal que vae a Cacequy, com 206 kilometros. De Cacequy a Porto Alegre, 260 kilometros. De modo que do Rio Grande a Uruguayana, são 750 kilometros.

De São Gabriel, no ramal de Cacequy a Bagé, parte o ramal de Sant'Anna do Livramento, com 130 kilometros o qual vae encontrar na cidade de Rivera (Republica Oriental) a estrada de ferro Central do Uruguay, que se dirige a Montevidéo.

Na margem opposta do Uruguay, em frente a Uruguayana (meia hora de trajecto), fica, como se sabe, a cidade argentina de Paso de los Libres, por onde passa a estrada de ferro Nordeste, da grande Republica do Prata. Essa linha vae até Posadas, capital do territorio das Missões, em frente a Villa Encarnacion, na fronteira paraguaya.

Essa mesma linha passa por S. Thomé, que tem, como vizinha, do lado brazileiro, a cidade de S. Borja. No rumo do sul, atravessa Monte Caseros, e, inflectindo para o noroeste, vae ter á cidade de Corrientes, á margem do Paraná.

Recapitulando alguns desses dados, vê-se que de Porto Alegre a Itararé, fronteira de S. Paulo, vae uma distancia, em via ferrea, de 1.731 kilometros, sendo : de Porto Alegre a Santa Maria, 327; de Santa Maria ao Alto Uruguay, 540; do Alto Uruguay a Itararé, 864; de Itararé a Tutuhy, 255. De Tutuhy a S. Paulo? De S. Paulo ao Rio de Janeiro, 596 kilometros. Não tendo dados precisos sobre a distancia de Tutuhy a S. Paulo, calculei-a, approximadamente, tomando a respectiva distancia geodesica (segundo a carta do Dr. Theodoro Sampaio). Addicionando-lhe mais 20 %, encontrei perto de 183 kilometros.

Total : 2.169 kilometros do Rio de Janeiro á capital do Rio Grande do Sul, em linha ferrea. Como de Porto Alegre a Uruguayana, na fronteira argentina, são 702 kilometros, tem-se 2.871 kilometros

da capital do Brazil á margem do Uruguay, nos limites da grande Republica convizinha.

***

O Rio Grande do Sul, no ponto de vista intellectual, tem uma boa collocação, dentre os demais Estados brazileiros.

Não é só a terra de illustres generaes. Tem dado ás letras varios homens de valor.

Dentre os seus escriptores e poetas fallecidos, ocorrem-me de momento, Araujo Porto Alegre, o autor do poema *Colombo*, infelizmente pouco lido, apezar das bellezas que encerra; Bernardo Taveira Junior, Lobo da Costa, Carlos Ferreira (que falleceu em 1913 no Rio de Janeiro), Damasceno Vieira, que nos legou uma producção copiosa; e Alexandre Fernandes, que viveu e morreu na Bahia.

Dentre os vivos citarei os seguintes, cujos nomes já transpuzeram a fronteira do Rio Grande : Assis Brazil, Pinto da Rocha, Fontoura Xavier, Alcides Maya, Zeferino Brazil, Victor Silva, Mario de Artagão, Arnaldo Damasceno Vieira, Marcello Gama, Alfredo Rodrigues, Souza Lobo e Mario Totta.

***

Dia 28. Céo azul e sol de ouro. São 7 horas da manhã. Vamos deixar o Rio Grande.

A's 8, em ponto, estamos fóra da barra, onde tres navios estrangeiros esperam o signal de entrada. Mar plano. Bancos de areia. Lá está a Ponta da Barra, com as suas praias de banho, as suas casinhas brancas e os seus barcos de pescadores, cujas velas dormem, estendidas, ao sol. Quadro admiravel para os meus olhos, que, durante algumas semanas, iam privar-se de ver terras e paizagens do Brazil.

O mar parece um lago, aqui, nesta altura da costa do Rio Grande, onde costuma ser elle por demais temeroso.

Amanhã, á tarde, estaremos em Montevidéo.

CAPITULO VII

NO RIO DA PRATA

SUMMARIO. — Em aguas do Uruguay. — A costa de Maldonado. — A ilha das Flores. — Um estancieiro riograndense que vae á Europa, e não conhece a capital do Brazil. — A entrada do golfo platino. — No « Mar Dulce » de Solis. — Chegada a Montevidéo. — A visão do Cerro. — A antiga fortaleza e o pharol do porto. — Aspectos da bahia. — A cidade, vista de bordo. — Um espectaculo empolgante. — As obras do porto. — A não atracação dos vapores. — A travessia nocturna do Rio da Prata pelos paquetes da Mihanowicht. — Uma excursão pelos dominios da historia uruguaya. — Os indios. — Diaz de Solis e o descobrimento de estuario platino. — Os processos de colonização dos hespanhóes. — As missões apostolicas. — Os mamelucos do Uruguay e os bandeirantes de S. Paulo. — Dos « Adelantados » aos governadores civis. — As lutas da independencia. — A figura historica de Artigas. — A batalha de Ituzaingó e a constituição de uma nova republica americana.

Montevidéo, 29 de abril. — O mar, o céo e o sol, como hontem. A's 7 da manhã, passamos á vista da costa de Maldonado, na Republica Oriental.

Ao meio dia, em frente da ilha das Flôres, onde fica o lazareto da capital uruguaya. A's 2 horas em face de Montevidéo (1).

A bordo, vae uma abastada familia riograndense, embarcada na cidade do Rio Grande.

E' numerosa. Vae até Buenos Aires, onde tomará um transatlantico para a Europa. O chefe dessa familia, rico estancieiro da fronteira, não conhece o Rio. Prefere conhecer Paris, Londres, Berlim e Vienna, a conhecer a capital do seu proprio paiz. Esse homem, ao que parece, vae emprehender uma longa viagem por terra, pois leva

(1) *Monte vide eu*, disse o vigia da não de Magalhães, ao avistar o Cerro. E' a origem mais corrente da palavra Montevidéo.

comsigo uma infinidade de pequenas coisas que se encontram em todos os navios, ou em todas as grandes cidades do mundo.

Conduz, atulhando os corredores de bordo, varias caixas de agua mineral, saccos de farinha de mandioca, saccos de pães, doces e até garrafões de agua distillada. O nosso heróe talvez pensasse não encontrar nada disso na Europa. Comtudo, alli estava um desmentido vivo á proverbial imprevidencia brazileira.

***

Uma hora antes de ancorar no porto de Montevidéo, o navio transpuzera a linha que separa as aguas verdes do oceano das aguas pardas do estuario do Prata. Por alguns minutos fiquei-me a contemplar aquella curva irregularissima, traçada na immensidade da superficie liquida.

Dominando a cidade, lá estava o Cerro, « el terror del mundo », como dizem por troça, alguns brazileiros irreverentes. O Cerro é corôado pela fortaleza que os hespanhoes alli construiram, no decurso do seculo XVII.

No seu vertice, destaca-se o pharol do porto. A' noite, esse pharol parece um grande pyrilampo immovel, abrindo e fechando a palpebra de luz clara. A' beira do caes, e para os lados do norte, ergue-se o bello edificio da antiga Universidade. O porto está coalhado de navios de todas as procedencias. Vindo de Buenos Aires, aqui dormiu o « Araguaya », da Mala Real Ingleza. Vae sahindo, com direcção ao porto brazileiro de Santos. Leva muita gente em 3.ª classe.

Montevidéo, vista do mar, offerece um panorama empolgante. A sua população de 350 mil almas derrama-se, ao longo do promontorio em que a cidade foi construida.

Ao costado do « Saturno » atracam lanchas e botes a gazolina, á cata de passageiros para terra. E' um barulho infernal. Lá está o « picaro », que, ha tres annos, aqui encontrei, com o seu bote automovel, em que conduz brazileiros para o cáes, a razão de um peso, ida e volta.

Como sabe o leitor, o peso uruguayo vale, approximadamente, 3$400 da nossa moeda.

Achando-se quasi concluidas as obras do porto, por que não atracam ao cáes os navios que aqui chegam? Até parece o porto do Rio de Janeiro, que apenas foi construido para enfeite da cidade, e não

para a atracação de vapores. As obras do porto de Montevidéo tiveram começo em 1901. Foram confiadas a um syndicato francez, que por concurrencia, obteve a construcção dellas. Estão a terminar. No entretanto, apenas os vapores da companhia Mihanowitch encostam ao cáes. Esses vapores fazem a travessia nocturna do Rio da Prata.

Todos os dias, ás 7 horas da noite, sae um de Montevidéo, para Buenos Aires, outro de Buenos Aires para Montevidéo, e amanhecem nos portos das duas cidades fronteiras. São de rodas, mas mui-

Rua Voluntarios da Patria. — Porto Alegre.

to confortaveis. Durante a viagem ha ceias opiparas, concertos e jogos de azar. E' um hotel fluctuante.

O « Saturno » apita, chamando as visitas da praxe. Dentro de um quarto de hora, chega a lancha da saude publica, em cuja prôa se lê : « La Sanidad ». O medico, baixo e gordo, vinga os degráos da escada de bordo. No porta-ló recebe-o o seu collega brazileiro. Vêm, depois, o agente do Lloyd e os representantes do fisco. Do convez, com auxilio do meu binoculo, contemplo aquelle scenario soberbo.

A' esquerda, o Cerro, a famosa collina de que tanto se orgulham os orientaes. A' direita, as praias de banho de Ramirez e as bellas arvores do Parque Urbano.

***

Nenhum povo da America do Sul tem uma vida mais cheia de

accidentes que o povo uruguayo. A sua historia é um tecido de heroicidades e lances patrioticos. A Republica do Uruguay, assim denominada por situar-se ao oriente do grande rio Uruguay, era, no seculo XVI habitada por varias nações de indios, taes como os Charrúas, os Chanaes, os Bohanes, os Varos e os Guenoas.

A nação dominante e mais numerosa era a dos Charrúas, que viviam na margem septentrional do Prata, desde a foz do S. Salvador até á orla do Atlantico. Todas as nações, porém, pertenciam ao grande tronco guarany. Na mesma época habitavam os Peruanos o planalto do Perú, onde fundaram, muito antes, o famoso imperio dos Incas (capital Cusco), conquistado, a ferro e fogo, por Almagro e Pizarro. Os Aztecas, no Mexico e na America Central. No Mexico, crearam elles um poderoso imperio, no planalto de Anahuac, imperio destruido pela ambição e crueldade de Fernão Cortez (1519).

Os Muiscas, no planalto de Bogotá, com um certo gráo de cultura. Os Pampas, que dominavam o centro e o sul da actual Republica Argentina, eram os Patagones (pés grandes), de que fallam as chronicas hespanholas. Os Guichúas povoavam a parte occidental da Argentina, até Cordoba.

Viviam sob o jugo dos Incas. Os Araucanos, no Chile, até á extremidade sul do continente. Os Caribes habitavam parte das Antilhas e as actuaes republicas da Colombia e Venezuela. Os Pelles Vermelhas eram senhores da grande região, hoje occupada pelos Estados Unidos e o Canadá.

Dos Charrúas herdaram os uruguayos a indole guerreira. O ultimo charrúa desappareceu em 1832. Visitando o Museu Nacional do Uruguay, de que fallarei opportunamente, lá encontrei reliquias dessas nações desapparecidas.

O descobrimento do paiz, como o do Rio da Prata, foi feito, como se sabe, pelo hespanhol Juan Diaz de Solis (1508), que alli morreu em 1516 (segunda viagem), victimado pelos Charrúas.

De 1530 a 1730 o Uruguay é o theatro dos processos barbaros que, sem excepção, os hespanhoes empregaram para colonizar as terras americanas que descobriam.

Se elles encontraram longa e tenaz resistencia da parte dos Araucanos, no Chile, relativa facilidade depararam no exterminio das tribus de outras regiões da America.

Os conquistadores de Hespanha foram mais selvagens que os proprios selvagens, aos quaes dizimavam, sem piedade, nem treguas.

Dentro de pouco tempo, os aborigenes do Uruguay eram extinctos. Aquelle largo periodo de dois seculos comprehende no Uruguay,

a conquista militar, com os « Adelantados »; a conquista pacifica com os jesuitas, e as tentativas imperialistas dos portuguezes, com relação a Montevidéo e á Colonia do Sacramento. O governo hespanhol, em 1618, creou o governo do Rio da Prata, sob a dependencia do do Perú.

Collocar o Uruguay, como collocaram, sob a acção do Perú, era muito pouco conhecer a geographia physica da America do Sul. As missões apostolicas prestaram alli relevantes serviços, como de resto á civilização americana, em geral. Foram elles, os jesuitas, os conquistadores moraes da terra, moça e virgem, que incauta, se entregava á cupidez, á ambição e á selvageria, sem nome, dos barbaros da Europa.

***

A primeira das sete missões orientaes (a de S. Borja) foi fundada em 1625. As outras crearam-se : a de S. Nicoláo em 1626; a de S. Miguel em 1632; a de São Luiz Gonzaga en 1687; a de S. Lourenço em 1691; a de S. João Baptista em 1698; a de Santo Angelo em 1706. Tudo obra dos padres da Companhia de Jesus.

Os mamelucos uruguayos (cruzamento de indios com deportados hespanhoes e portuguezes) foram os mais terriveis inimigos dos jesuitas.

Caçadores de indios, como os mamelucos de S. Paulo (bandeirantes), eram elles um sério obstaculo á missão evangelizadora daquelles padres. Os mamelucos paulistas fugiam á acção do governo portuguez, como os mamelucos uruguayos á obediencia ao governo hespanhol. Os paulistas de agora (e sentem-se muito honrados com isso !) procedem dessa gente brava, mas aventureira, legitimos piratas do sertão, que desbravaram, á cata do indio que faziam escravo, e do ouro, que arrancavam ao seio da terra.

Como já vimos, a obra desses homens é uma obra notavel, posto que inconsciente. Não foram heróes, porque o quizessem ser. Foram-no, pelo impulso incontido de sentimentos inferiores.

A imaginação meridional do nosso povo poetizou o bandeirante, dando-lhe um caracter lendario. Da mesma fórma o gaucho (?), no Rio Grande do Sul, gaucho importado das regiões platinas, por intermedio do colono hespanhol. Chega-se até ao cumulo de fallar em tradições gauchas, no extremo sul do paiz. Ao meu ver, isso está no desejo de um pequeno numero de riograndenses (naturalmente os

mais bairristas) de fazer da sua terra natal uma terra á parte, na communhão brazileira.

Que o digam os manes da Republica de Paritinin. Que fallem, pela voz da historia, os heroicos companheiros de Bento Gonçalves, que de 35 a 44, tão alto elevaram o nome e o sentimento nativista do Rio Grande.

***

Fechado este parentheses, voltemos ao Uruguay. De 1750 a 1806, o paiz passou a ser dirigido, não mais por governadores militares, como os Adelantados, vindos de Buenos Aires, mas por governadores civis, nomeados, directamente, pelo rei de Hespanha. Em 1807, o Uruguay vê-se a braços com a invasão ingleza, que repelliu victoriosamente. Em 1810, começa a decomposição do imperio colonial iberico. No pensar de varios historiadores, o primeiro grande choque que soffreu esse imperio, teve logar em 1808, quando Napoleão invadiu a Hespanha, desthronando a Fernando VII, que foi substituido por José Bonaparte, irmão do imperador dos francezes.

A noticia de tal acontecimento abalou a alma das colonias, que para logo pensaram na sua emancipação.

Comtudo, a dominação iberica continuou no Uruguay, até ao anno de 1814, em que teve logar a capitulação de Montevidéo. Mas de facto já ella havia terminado a 25 de maio de 1810, com a creação da Junta governativa de Buenos Aires. De 1814 a 1821 constituiu-se a Provincia Oriental do vice-reinado do Rio da Prata. De 1821 a 1828 é a nossa Provincia Cisplatina, a qual se tornou independente, devido ao fracasso das armas brazileiras, na batalha de Itazaingó, a 20 de fevereiro de 1827. Nessa celebre batalha o nosso exercito, commandado pelo marquez de Barbacena, foi mal succedido, na acção empenhada contra as tropas argentinas e uruguayas, alliadas. Os argentinos, sob a direcção do general Alvear; os uruguayos, sob a de Lavalleja.

Um episodio interessante dessa batalha.

Diz um distincto historiador oriental que na batalha de Ituzaingó tomaram parte 3.600 soldados de infanteria austriaca, sob o commando do marechal austriaco Roberto Braün (não confundir com Guilherme Brown, almirante escossez, ao serviço da Argentina). O historiador explica o facto, dizendo que esse auxilio de tropas foi

mandado pelo imperador da Austria, Francisco II, ao seu genro dom Pedro I.

Como se sabe, o primeiro imperador do Brazil era casado, a esse tempo, com D. Maria Leopoldina, archiduqueza da Austria.

E' uma particularidade que ainda não vi referida por historiador brazileiro.

A historia da emancipação politica do Uruguay é a propria historia de Artigas, justamente considerado o heróe da independencia daquelle paiz. Foi um dos maiores caudilhos que ainda floresceram, na America do Sul. E' tido, por seus compatriotas, como sendo o verdadeiro fundador da nacionalidade uruguaya.

E' sabido que nenhum paiz sul-americano conquistou a sua independencia, com mais avultada somma de sacrificios que esse paiz pequenino e então cubiçado ao mesmo tempo pelo Brazil e pela Argentina. As suas campanhas da emancipação são uma longa série de feitos heroicos que ennobrecem a natureza indomita desses dignos descendentes dos Charrúas.

O sangue desses indigenas veiu, através do tempo, preparando a gente uruguaya para a conquista das suas liberdades.

Artigas (1764-1850) não é bem visto pela maioria dos nossos historiadores. A tenaz resistencia com que defendeu o solo da sua patria contra os invasores portuguezes, parece-me digna de um heróe dos tempos antigos.

***

Com a chegada de D. João VI ao Brazil (1808), um como sopro de imperialismo agitou as nossas espheras politicas.

Os doze mil soldados portuguezes, ao mando do general Carlos Frederico Lecor, não pisaram o solo oriental, senão depois de muitas difficuldades e sérios tropeços. Por essa época, surge no palco dos acontecimentos o vulto ousado e sympathico de Lavalleja, o chefe dos famosos Trinta e Tres (1825). Esse illustre patriota uruguayo, feito prisioneiro dos portuguezes, foi enviado para o Rio de Janeiro onde o encarceraram, na ilha das Cobras. Com a retirada de Artigas do campo da lucta, pôde o general Lecor pacificar os animos na Cisplatina, e para isso muito concorreram o seu espirito de relativa tolerancia e o facto de haver conservado aos officiaes de Artigas os postos que tinham, no exercito revolucionario, e que se passaram para o mesmo general Lecor.

A 18 de julho de 1821, o Congresso Cisplatino declarava o Uruguay incorporado a Portugal. De 1830, data em que o paiz elege o seu primeiro presidente (Frutuoso Rivera), até ao momento actual, tem elle avançado no caminho largo do seu progresso moral e economico, a despeito das repetidas revoluções a que têm dado origem « blancos » e « colorados », os dois partidos tradicionaes da Republica.

A emancipação politica do Uruguay, consequencia da batalha de Ituzaingó, foi declarada a 27 de agosto de 1828 pelos ministros plenipotenciarios da Argentina e do Brazil.

O representante argentino foi o general D. Tomás Guido, ministro do exterior.

O representante brazileiro foi o Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, nosso ministro de estrangeiros.

O juramento da constituição uruguaya, porém, só teve logar a

Vista geral de Montevidéo.

28 de junho de 1830, pela assembléa constituinte, de que foi presidente D. Silvestre Blanco.

O Uruguay tem hoje pouco mais de um milhão de habitantes com um territorio de 187 mil kilometros quadrados. Pela sua constituição, o paiz divide-se em nove departamentos. Uma lei posterior o dividiu em 19, que são : no litoral do Rio da Prata : Rocha, Maldonado, Canelones, Montevidéo, San José e Colonia; no litoral do rio Uruguay : Soriano, Rio Negro, Paysandú, Salto e Artigas, na fronteira do Brazil; no interior e fronteiras com o Brazil : Florida, Flores,

Minas, Durasno, Tacuarembó, Trinta y Tres, Cerro Largo e Ribera.

E' menor que o territorio do Acre, que o Maranhão, que a Bahia que S. Paulo, que o Paraná, e que o Rio Grande do Sul, o seu grande vizinho. Entretanto se dá ao luxo de ter 19 unidades administrativas. Parece que imitou a França, que, tendo 536 mil kilometros quadrados (menor que Minas Geraes), conta 86 departamentos, governados por prefeitos nomeados pelo governo central. O Uruguay é uma Republica unitaria parlamentar. O presidente é eleito pela assembléa legislativa, em sessão permanente, por votação nominal, e por maioria absoluta, como preceituam os artigos 17, 18 e 73 da respectiva Constituição. A duração do mandato é de 4 annos. Cada departamento é administrado por um « chefe politico », de nomeação do presidente, tal qual como no Brazil, ao tempo do imperio, em que os presidentes de provincias eram, como se sabe, nomeados pelo imperador. Pela Constituição uruguaya os militares podem ser escolhidos para « chefes politicos ».

O Uruguay é victima da illimitada ambição de mando de seus homens publicos.

Mas o genio da raça, sobrepujando os cataclysmos sociaes e politicos, não impede que aquelle paiz seja relativamente um dos mais ricos e mais prosperos da America do Sul.

Nossa alliada, na guerra contra o Paraguay, a Republica Oriental, sob a dictadura de Venancio Flores, prestou reaes serviços á causa do Brazil, no jugular os impulsos epilepticos de Solano Lopez, o psycopatha, cuja loucura moral foi a causa do exterminio de um povo de heróes, como é o povo daquelle malaventurado paiz mediterraneo.

Ainda ancorado em aguas da capital do Uruguay, o meu espirito instinctivamente, se voltou para o seu passado de tradições illustres, como agora se volta, por igual, para o seu presente e para o seu futuro, no trabalho honesto em que se empenha de concorrer, com os outros povos irmãos, para a grandeza e renome da civilização da America.

CAPITULO VIII

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Montevidéo. — Uma cidade na qual se entra pela porta da cozinha. — Primeiras impressões. — O anteporto. — As calles da orla do caes. — No coração da « urbs ». — A calle Sarandy. — As praças Constitución e Independencia. — Os tramways electricos. — Parallelo com os do Rio. — A vida nocturna. — Os theatros. — Imprensa diaria. — A belleza das niñas orientaes. — Habitos europeus. — Os hoteis. — Costumes urbanos. — As civilizações brazileira e platina. — Arborização da cidade. — Uma visita ao Jardim Zoologico. — Os balnearios de Pocitos, Ramirez e Capurro. — No cemiterio do Buceo. — Uma sentença sobre um tumulo. — O monumento aos heróes de Monte Caseros. — A cathedral. — Edificios notaveis. — De como se toma café, no Rio da Prata. — Aguas mineraes uruguayas. — Disciplina social. — A questão do dia. — O mercado. — Cousas que se não vêem no Brazil. — Uma visita ao Museu Nacional. — Obras valiosas. — Varias reliquias. — A Universidade e a bibliotheca publica. A intellectualidade uruguaya. — Homens e livros.

Quatro horas da tarde. Desembaraçado o *Saturno* das visitas da pragmatica, os passageiros, avidos de conhecer a capital uruguaya, assaltam as lanchas e os botes automoveis, que, cinco minutos depois, atracam junto a escada que dá accesso ao cáes do porto. Entra-se em Montevidéo, pela porta da cozinha. A sala de visitas fica mais além. A primeira impressão é francamente desagradavel. Ruas e ruellas velhissimas bordam a orla do cáes, no ponto de desembarque. Lembra o antigo bairro da Saude, no Rio de Janeiro, com os seus trapiches immundos e os seus armazens seculares.

Deixando á esquerda o grande edificio da alfandega, entra-se nas calles 25 de Agosto, Piedras, Cerrito, 25 de Maio e tranversaes como Colon, Zabala, Missiones, Trinta y Tres e Ituzaingó. Na esquina da Colon com 25 de Agosto vê-se o bello edificio do Hotel del Globo, onde se hospedam muitos brazileiros. Até ahi a impressão ainda não

mudou muito. Mas transforma-se, de repente, á entrada da calle Sarandy e das praças Constitución e Independencia. Está-se na sala de visitas. A cozinha, por onde se entra, já ficou distante. Os bonds electricos. Esses vehiculos são confortaveis e elegantes.

Os nossos correriam envergonhados, se os vissem.

Entra-se nelles pela face posterior. As lateraes são envidraçadas, abrigando, assim, os passageiros da chuva ou da poeira. Bancos estofados para duas pessoas, e um longo corredor por onde transitam o conductor e o fiscal, que, de instante a instante, vem marcar *el boleto*. Ordem, asseio, rapidez e commodidade. São todos providos de limpa-trilhos.

Os do Rio são incommodos e anti-estheticos, com bancos para quatro e cinco pessoas, que se atropellam, que se pisam e que se empurram, abrutalhadamente. Em todo o caso, já é um progresso, em vista dos bonds de tracção animada, que, ha pouco mais de dois annos, serviam esta grande cidade de provincia, que é o Rio de Janeiro. Não se vê em Montevidéo, o que se vê nos bonds da linha de Botafogo : motorneiros á paizana, com chapéo molle á cabeça, uma verdadeira indecencia. Nada custára á companhia distribuir *bonnets* aos seus motorneiros, sob desconto.

Seria mais esthetico. Esse melhoramento poderia ser agora introduzido, com a inauguração dos novos carros, por signal que feios e pesadões. Já é tempo de dar á capital do Brazil um melhor serviço de transportes urbanos.

Por que não se introduzem no Rio os bonds de dois andares, tão necessarios em uma cidade quente como a nossa?

Porto Alegre já os possue. Imitemos Porto Alegre, como já imitámos S. Paulo.

Façamos de uma capital, ainda provinciana, uma das primeiras capitaes do mundo. Com quatro centesimos (cento e poucos réis), vae-se da Aduana a Pocitos ou a Ramirez, nos extremos da cidade. Aqui pagamos 400 réis para o Leme, viagem feita em metade do tempo da primeira. Mas a culpa dessa extorsão não é das nossas companhias de bonds, mas dos nossos prefeitos, que não curam dos interesses da população, entregue eternamente, á ganancia dos capitaes estrangeiros. O nosso transito urbano poderia ser melhor, se os homens do governo municipal andassem de bond, em vez de viajarem em ricos automoveis... officiaes.

***

Deixemos os tramways. Aqui está a calle Sarandy, asphaltada, com predios riquissimos, grandes casas de modas, alfaiatarias, livrarias, joalherias e redacções de jornaes. Um pouco adeante, continuando pela mesma calle, entra-se na vasta praça da Independencia. Notavel movimento de pessoas e vehiculos. E' ajardinada. Em cada angulo um « vigilante » dirige o transito das carruagens. Poucos automoveis. Domina o carro de praça. Por estar a cidade edificada sobre um promontorio alongado, em qualquer rua em que se esteja, vêem-se as aguas do estuario, quer olhando á direita, quer á esquerda. As ruas centraes são geralmente estreitas, como Cerrito, Bartolomeu Mitre, Uruguay e outras. As lampadas de arco que illuminam as vias publicas são suspensas segundo o plano vertical que passa pelo eixo dellas, tal qual como se fez aqui, nas ruas Gonçalves Dias, Ouvidor e varias outras.

Os montevideanos divertem-se. Ha alli bastante vida nocturna. Os theatros regorgitam, taes como o Solis, o Urquiza, o Cibils, o Dezoito de Julho, o Nacional, o Casino, o Polytheama, o Royal, o Coliseu Florida e o Colon.

A imprensa é representada pelos seguintes jornaes diarios : *El Siglo*, o *Diario del Plata*, *El Bien*, *El Tiempo*, *El Dia*, *La Democracia*, *El Telégrafo Maritimo*, *La Italia al Plata*, *La Razón* e *The Montevidéo Times*. Cada exemplar custa quatro centesimos (128 réis brazileiros).

A calle Sarandy, no trecho comprehendido entre as praças Constitución e Independencia, é o passeio da moda, das 4 ás 7 da tarde.

Alli se encontra a fina flor da sociedade montevideana. Homens, trajados á européa, « niñas » de uma formosura espantosa, que passam derramando, na rua illuminada, a graça do seu sorriso e o brilho dos seus grandes olhos, negros e profundos. As mulheres orientaes são de uma belleza lendaria. No dizer de alguns viajantes, só têm rivaes, nas filhas do paiz dos Araucanos. Montevidéo dispõe de grandes e luxuosos hoteis. Em nenhum delles se almoça antes do meio-dia, ou se janta antes das 6 ½ horas. E' uso da terra.

No Paraguay, é peior. A's 7 ½ da noite procurei jantar nos hoteis de Assumpção e não o consegui. Alli se janta das 8 em deante. Nos botequins da capital uruguaya, só se usam guardanapos de papel,

mais hygienicos e mais modernos. No Rio, é ainda uma novidade. Em todas as barbearias, os barbeiros trajam longos guarda-pós de brim pardo. Da mesma fórma os engraxates, nos salões especiaes de engraxar botinas. Aqui os nossos engraxates tomam as portas dos cafés e dos restaurantes. E' primitivo. Essas pequenas coisas de que me estou occupando parece, á primeira vista, que nenhum valor têm. Entretanto, a meu ver, servem ellas para pôr em evidencia o quanto estamos distanciados, a certos respeitos, dos povos platinos, tão jovens como nós outros. E' que lá não existe esse retrogrado sentimento de nativismo, que é o expoente dos povos de cultura incompleta. Lá é o estrangeiro, o capital estrangeiro e a civilização estrangeira, que são recebidos de braços abertos, emquanto que nós, barbaros de sobrecasaca e cartola, com 36º á sombra, olhamos o estrangeiro e o ouro estrangeiro, por cima dos hombros.

A civilização social, material e economica do Brazil tem um atrazo de 50 annos, relativamente á civilização geral dos povos platinos. Quem quizer conhecer essa triste verdade, vá ao Rio da Prata, se é que tem olhos para ver muita coisa que passa despercebida da maioria dos homens.

***

As ruas e avenidas de Montevidéo são arborizadas a platanos e outras arvores de clima frio.

No outono, perdem a folhagem. Como são tristes as arvores da capital uruguaya! Faltam-lhes a belleza, o porte, a magestade e o verde perpetuo das arvores brazileiras. As da avenida Dezoito de Julho lá estão com as suas folhas amarellas que os ventos do estuario atiram sobre a calçada. Da mesma fórma as da Avenida Brazil, que é muito bella, e que sendo uma homenagem ao nosso paiz, falla agradavelmente ao coração dos brazileiros que a visitam. São lindos os arrabaldes maritimos, onde ficam os balnearios de Pocitos, Ramirez e Capurro. São estabelecimentos de primeira ordem. Alli veraneam as mais ricas familias argentinas (que bem poderiam veranear em Petropolis, Therezopolis, Friburgo ou em Guarujá, se houvesse no Rio da Prata reclamos, nesse sentido) e muitas do interior do Uruguay. Nesses balnearios ha hoteis magnificos, restaurantes, bars, musica e jogos infantis.

As noites de terças, quintas e domingos são as noites da moda em Pocitos, na época do estio.

Ramirez, ao sul da cidade, é tambem uma linda praia de banhos, onde ás quartas e domingos se reune a melhor sociedade. Capurro, entre Bella Vista e Paso del Molino, é a mais recente das praias de banhos de Montevidéo. O seu balneario é luxuoso, com os seus excellentes hoteis, bars, etc., Ha alli concertos aos domingos, á tarde. Em qualquer desses tres balnearios pagam-se dez centesimos (340 réis) por banho, com direito á casita. Esta é um pequeno chalet de madeira, assente sobre um carro de duas rodas, tirado por um muar. O carro vae até á beira da praia, onde recebe o banhista, que depois de vestido dentro da casita, é conduzido á calçada. Esse processo, aliás, adoptado em varias praias de banhos da Europa, não me pareceu dos melhores.

Talvez fôra preferivel construir, no proprio balneario, pequenos quartos de madeira, onde os banhistas mudassem de roupa. Depois dos arrabaldes maritimos, um dos mais deliciosos passeios de Montevidéo é o Jardim Zoologico, em Villa Dolores. E' de propriedade particular. Está aberto ao publico de 1 ás 7 da tarde. Cada pessoa, para visital-o, paga dez centesimos. A's quintas-feiras é gratis. Além da variedade de animaes, o visitante admira a belleza de algumas arvores do jardim, as suas cascatas, as suas estatuas de marmore, os seus lagos, com embarcações pequeninas, os seus repuxos e as suas flores. Como dóe ver o Jardim Zoologico de Montevidéo, e lembrar o que é o do Rio de Janeiro, positivamente uma vergonha. Do de Buenos Aires fallarei depois, resaltando ainda mais a inutilidade do nosso.

Deixando Villa Dolores, fui visitar o cemiterio do Buceo, situado á beira do estuario, com os seus cyprestes e as suas casuarinas debruçadas sobre a brancura dos marmores. D'alli se descortina o mar alto, ao longe. Sobre a lapide de um tumulo esta sentença : — « Lo mismo que las aguas vuelven á la mar, lo que nace de la tierra vuelve á su seno ».

Nesta necropole triste, como todas as necropoles, um monumento, dentre todos, chamou a minha attenção : foi o dos heróes de Monte Caseros. O leitor conhece a batalha de Monte Caseros (1852), na qual tomaram parte o exercito de Rosas e as tropas brazileiras alliadas ás orientaes e ás argentinas, ao mando do general Urquiza. Ella foi o occaso da tyrannia do celebre dictador de Buenos Aires, que, foragido a bordo de uma fragata ingleza, acabou os seus dias na Inglaterra (1875).

Os uruguayos, que tão alto papel representaram nessa memoravel batalha, renderam naquelle sumptuoso monumento que eu tinha

deante dos meus olhos, o mais justo dos preitos aos heróes patricios.

Montevidéo tem ainda outros cemiterios, como o Central, no bairro de Palermo, o dos Inglezes, e o recentemente construido, defronte do de Buceo.

A cathedral, á praça Constitución, é um monumento digno de ser visitado, pelas suas ornamentações interiores e os seus altares soberbos.

Em frente, a Camara dos Deputados, de somenos belleza, como o proprio palacio do governo. Um pouco além, o Club Uruguay, um dos mais bellos edificios da cidade; o Club Inglez e a Chefatura de Policia.

A praça da Liberdade, ao centro da avenida 18 de Julho, é monumental. Nella se levanta a estatua da Liberdade. Ao lado vêem-se o Atheneu de Montevidéo, o Museu Pedagogico e o Instituto Normal de Senhoritas.

A praça da Independencia é o coração da capital uruguaya. Alli se encontram o palacio do governo, o Hotel de Hespanha, e o Esplendido Hotel, dois estabelecimentos de primeira ordem. Ao flanco esquerdo deste ultimo o Theatro Solis e o Museu Nacional.

O Café Tupinambá, na esquina da Calle Buenos Aires com a praça da Independencia, é luxuoso, e digno de uma grande cidade. Em todos os cafés o assucar é servido em « tabletes ». Como na capital argentina, o caixeiro traz uma chicara de café, um guardanapo de papel e o infallivel copo de agua. E' costume no Rio da Prata beber agua, depois de haver tomado café.

E' horrivel. Dizem elles que é para lavar a boca. Nos restaurants, têm uma grande procura as aguas mineraes do Uruguay, taes como : *Vera* e *Salus*. São bicarbonatadas e calcicas. Vêem do departamento de Minas.

São de preço reduzido, alem de saborosas. Cada garrafa, com a capacidade da nossa Caxambú, custa 14 centesimos (448 reis da nossa moeda).

***

Montevidéo, em materia de disciplina social, dá licções ao Rio de Janeiro. O trafego urbano é feito com muita ordem. O povo respeita os *vigilantes*, sempre attentos e delicados, os quaes dão todas as informações pedidas pelos estrangeiros. Não se encontram nos jornaes noticias de desastres motivados por automoveis, como

é tão frequente nesta anarchizada capital do Brazil, onde o individuo não tem para quem appelar, em se tratando da guarda da sua propriedade e da sua pessoa.

O Brazil, com relação á desordem e á indisciplina reinantes, por toda a parte, lembra uma numerosa familia, no seio da qual ninguem se entende. E' a impressão de conjunto que me deixam as coisas do Brazil contemporaneo.

Em chegando vapores aos portos de Montevidéo e Buenos-Aires, para logo apparecem a bordo vendedores de guias e vistas daquellas cidades, sendo os guias impressos em varias linguas. Por que não

Avenida Brazil. — Montevidéo.

se faz a mesma coisa no Rio? Não seria um meio de propaganda das nossas bellezas naturaes e de algumas artificiaes que já podemos mostrar ao estrangeiro?

Entre nós muita coisa está por fazer.

Só agora é que a Prefeitura (assim mesmo por suggestão da imprensa, que é quem governa esta terra) se lembrou de mandar abrir concurrencia para a construcção de balnearios, numa cidade como a nossa, de clima quente, na maior parte do anno, e com as mais lindas praias do mundo.

Montevidéo, com a terça parte da população do Rio, conta tres notaveis estabelecimentos de banhos de mar. Somos a tartaruga da civilização americana. Não é pessimismo. E' uma verdade amarga, não ha duvida, mas comtudo, uma verdade.

O mal, em bôa parte, está no facto de os nossos homens de governo pouco viajarem. Não conhecendo o que ha de bom no resto do mundo, quasi nada fazem em beneficio de seu proprio paiz.

A questão do dia, em Montevidéo (não esqueça o leitor que estamos em maio de 1911), é a do monopolio dos seguros. O governo enviou ao Congresso uma mensagem, pedindo para o Estado o monopolio de seguros maritimos e terrestres, monopolio que tem dado grandes rendimentos a particulares.

A' excepção do jornal *El Dia*, todos os diarios oppõem-se a essa medida governamental, que abrange tambem os seguros de vida. A opposição da imprensa ao governo é feita em linguagem delicada e respeitosa.

Nas suas columnas não se vêem esses doestos tão nos moldes de uma certa parte da imprensa do Rio de Janeiro. Nós não temos a menor noção do respeito á auctoridade publica. Somos insubordinados, por educação e por indole.

***

Uma visita ao mercado. Alli se vende carne de vacca, porco ou carneiro, tanto crúa como assada. Como nos mercados de Buenos-Aires e Rosario de Santa Fé, as gallinhas e outras aves são vendidas, mortas e depennadas, inteiras ou a retalho. Compra-se uma banda ou um quarto de gallinha, como se compra um pedaço de carne bovina. São costumes que nunca vi, no Brazil. O peixe vendem-no destripado, sem escamas e sem cabeça. O mercado é farto de tudo que se póde desejar.

Nas ruas, não se encontra uma só pessôa descalça, nem cocheiros brigando com carroceiros, com palavrões obscenos, como é frequente, entre nós. Nos bonds, ninguem viaja sem gravata, nem botina, Não me lembra ter visto, em Montevidéo ou em Buenos-Aires, soldados do exercito, aos magotes, a passeio, promovendo disturbios nos bairros suspeitos. Quem conhece certos costumes brazileiros, e chega ao Rio da Prata e observa, com attenção, o que alli se passa, fica entristecido do nosso atrazo material, social e economico.

Uma unica coisa temos para embasbacar o estrangeiro : é a natureza. E muitos brazileiros se envaidecem disso, como se o Pão de Assucar e o Corvocado fossem obra do homem; como se fossemos nós outros os autores destas lindas montanhas que nos rodeiam,

desta maravilhosa bahia e destas arvores soberbas, que são o encanto perpetuo dos nossos olhos!

***

Não quiz deixar Montevidéo, sem visitar o Musêo Nacional e o grande edificio da nova Universidade.

O musêo, situado ao lado do theatro Solis, perto da praça da Independencia, é um predio recente e bonito. E' de historia natural, bellas-artes e nacional ao mesmo tempo. Na secção de bellas artes vejo, á direita, um grande quadro representando a entrada do general Venancio Flôres, em Montevidéo; um do notavel pintor castelhano Santiago Rusiñol, intitulado *Canal del Generalife*, doado ao musêo pelo Circulo de Bellas Artes; outro de avultadas dimensões commemora o começo da construcção das obras do porto da capital (1902). E' de Manolo Larraide, fallecido.

A' esquerda, destaca-se o bello quadro *Batalha de las Piedras*, onde se vê Artigas, em plena acção. E' um trabalho inacabado, devido á morte do seu autor, Juan Manoel Blanes (uruguayo).

Ao meio do salão, sobre um sóco de marmore, a estatua, em gesso, de Diana Caçadora. Foi moldada sobre o modelo do Louvre. Mais adeante o esboceto da estatua de Lavalleja. A estatua do famoso chefe dos Trinta e Tres ergue-se em Minas, sua terra natal. E' equestre.

Esculpiu-a-Angelo Ferrari, artista nacional. *Paisagem marinha* é um lindo quadro de Di Martini, que o doou ao musêo. Um quadro verdadeiramente monumental, representa Lavalleja á frente dos Trinta e Tres, desembarcando em Agraciada, departamento de Soriano, a 19 de abril de 1825. E' trabalho do já citado Blanes.

Um outro representa um episodio da febre amarela, em Buenos-Ayres, em 1871. E' tambem de Blanes.

Passando a outro salão, vêjo a urna em que vieram do Paraguay os restos mortaes de Artigas; uma cadeira que pertenceu a Bruno Mauricio de Zavalla, o fundador de Montevidéo; uma outra que foi de D. Joaquim Soarez, presidente do Uruguay (1835); um busto em marmore, de D. Frutuoso Rivera, o primeiro presidente, um quadro representando o assassinato do general Flôres (1868). E' de Blanes. Mais adeante, uma cadeira que pertenceu a Solano Lopez, o tigre sul-americano; uma outra que serviu ao general Rondó; outra, finalmente, de Lavalleja.

Numa sala especial vêem-se os retratos dos prohomens do Uruguay.

Noutra deparei com o busto de Maximo Santos, assassinado, quando presidente da Republica; outro de Garibaldi, outro, em bronze, de Juan Manoel Blanes, o grande artista uruguayo, de que já tenho fallado.

Blanes falleceu, em Nice, em 1881.

Nessa mesma sala os meus olhos admiram um grande quadro, onde se vê Artigas, já velho, no Paraguay, onde durante tantos annos viveu, graças á hospitalidade de Gaspar Francia e seu successor D. Carlos Antonio Lopez. Esse bellissimo trabalho é do pintor uruguayo Carvajal.

Alli está a bandeira dos Trinta e Tres E' uma reliquia, guardada em rico mostruario. Daquella parede pende o retrato de D. Joaquim Suarez, em tamanho natural.

Traz a gran cruz da ordem de Christo, que lhe foi offerecida pelo ultimo imperador do Brazil. Noutro salão, onde o sol da tarde entrava, com fartura, vejo a galeria de retratos dos ex-presidentes da Republica, desde Frutuoso Rivera até Batle y Ordoñez, o actual. São 19.

Naquelle angulo do salão encontro os seguintes objectos que o amor e o patriotismo orientaes guardaram : o escriptorio que foi de Artigas, uma carteira de Lavalleja, uma bussula de Rivera, uma banda de Oribe, a chave da casa em que Artigas esteve preso em 1811, na Colonia do Sacramento, prelo portatil, que Rivera tomou na batalha de Cagancha (1830) ao general argentino Elchague. Foi nesse prelo que se imprimiu o primeiro numero do *Telegrafo Maritimo*, o decano da imprensa uruguaya.

Noutro mostruario está a casaca do general Rivera. Naquelle canto a pedra tumular de Artigas, no Paraguay. Alli vejo o cofre, dentro do qual os Trinta e Tres guardavam o necessario dinheiro, para levar a effeito a sua missão libertadora.

Um objecto curioso : o fogareiro em que a municipalidade de Montevidéo queimou os tratados de amizade com o Brazil (1863).

***

Vamos á Universidade. E' um edificio monumental, occupando toda uma quadra, na grande avenida 18 de Julho. Apezar de inaugurado em agosto de 1910, ainda não se acham alli instaladas todas as

antigas escolas superiores. Nella, por emquanto, funccionam, apenas, a Academia de Direito e a Academia de Commercio. A Faculdade de Medicina, Pharmacia e Odontologia, acha-se na calle Jatay, esquina da avenida General Flôres. A Faculdade de Matematicas, na calle Cerrito. A Escola de Agronomia, na calle Sayajo. A Escola de Veterinaria, na calle Rivera, esquina do boulevard Artigas.

Na Universidade, os salões da directoria e os destinados a estudos são confortaveis e até luxuosos. Respira-se alli muita ordem.

Acompanhado de um grupo de estudantes da Faculdade de Direito, percorri o estabelecimento que tanto honra o ensino superior na vizinha Republica.

A Bibliotheca Nacional acha-se em uma das dependencias da Universidade.

Visitei-a. Possue 60 mil volumes, dispostos em cinco salões, afóra o de leitura.

Ha nas suas estantes obras de grande valor, como as seguintes, de que tomei nota : « *Voyage dans l'Amérique méridionale*, de d'Orbigny, em 9 grandes volumes; *Historia de Cuba*, em 13 volumes, por La Sagra; *Guerra del Pacifico*, em 8 volumes, por Ahumada; *Concile écuménique de Rome*, primeiro do Vaticano, em 8 volumes; *Historia Geral do Mexico*, em 15 volumes; *Diccionario Geographico Argentino*, 1 grande volume; *Expédition scientifique de Morée*, por Blonet, 3 grandes in-folios; *Arts au moyen âge*, por Sommerara, em 6 grandes volumes. Alli tambem encontrei as grandes edições de Alexandre de Humboldt, devidamente illustradas. Lá estavam, por exemplo : a *Genera et Species plantarum*, em 7 immensos in-folios; as *Plantes Équinoxiales*, em 13 grandes in-folios; *Mimoses et autres plantes légumineuses*, 1 grande in-folio; *Vues des Cordilléres*, 1 grande in-folio; *Voyage au Nouveau Continent*, 2 grandes volumes; *La Nouvelle Espagne*, 1 grande volume; *Monographie des Métastomacéas*, 1 grande volume, com ricas gravuras. Estas grandes edições de Humboldt têm as datas de 1808, 1810 e 1814. Varias dellas trazem a assignatura do celebre naturalista e do seu illustre companheiro e collaborador Aimé Bompland. Um commentario a proposito.

Diz Eliseu Réclus, na sua excellente *Geographia do Brazil*, que Bompland falleceu e foi sepultado em S. Borja, no Rio Grande do Sul. Um distincto autor uruguayo refere que esse notavel scientista falleceu e foi sepultado, em Corrientes, na Republica Argentina. Onde estará a verdade?

Noutra sala vejo a importante obra de Aglio *Antiquities of Mexico*, em 9 immensos volumes. A Bibliotheca Nacional do Uruguay, pelo numero e preciosidade de suas obras, é uma das primeiras da America do Sul.

***

Agora duas linhas sobre a intellectualidade uruguaya.

As letras, no Uruguay, como nos outros paizes hispano-americanos, têm representantes dos mais dignos, que, infelizmente são pouco lidos no Brazil.

Conhecemos a ultima brochura que nos vem com a marca das casas editoras de Paris, e ignoramos, quasi que por completo, os nomes mais populares na intellectualidade das antigas colonias ibericas, neste continente. O leitor já ouviu, acaso, fallar em André Bello, o grande pensador venezuelano? Foi elle um dos maiores espiritos que a America do Sul ainda produziu.

Já leu, por ventura, Leopoldo Lugones, escriptor argentino, autor de obras valiosas, dentre ellas o *Imperio Jesuitico*? Conhece Henrique Rodó, o fino escriptor uruguayo, que pelo estylo e belleza da phrase, lembra o nosso Raul Pompeia, no *Atheneu*?

O Uruguay conta uma dezena de bons escriptores e poetas. Dentre os prosadores, o maior, na opinião dos proprios uruguayos, é Rodó, o autor dos *Motivos de Proteu*, do *Ariel* e outros livros magnificos.

Mais prosadores : Arturo Gimenez, Carlos Oneto, Alberto Palomeque, Victor Perez Petit e Manoel Bernardez, muito conhecido do nosso publico ledor.

Poetas : Zorrilla de San Martin (o maior dentre todos), autor do poema *Tabaré*; Luiz Escarzolo, Emilio Frugoni, Julio Herrera e Raul Monteiro, muito joven.

E' este ultimo o director da *Vida Moderna*. E' symbolista, como poeta, sendo tambem um excellente prosador.

Como nos demais paizes ibero-americanos, a literatura, no Uruguay, começou com as campanhas da independencia. No Brazil, como se sabe, começou antes, e veiu da *escola bahiana*, com Gregorio de Mattos, do seculo XVII, e, mais tarde, com os poetas da Inconfidencia, em Minas Geraes, na segunda metade do seculo XVIII.

No Uruguay, ao raiar o seculo XIX, eram, nas cidades do litoral,

as cantigas patricias, e nas do interior a musa errante da raça creola, e, na campanha, a musa melancolica do gaucho.

A musa guerreira estava encarnada em Valdenegro e Bartholomeu Hidalgo. Mas o poeta nacional, por excellencia, é Acuña de Figuerôa, que soube synthetizar o sentir da alma uruguaya. E' elle o autor do hymno nacional, e a sua vasta obra poetica orça por doze volumes.

Figuerôa teve discipulos distinctos, como Villademoros, Berro e Araucho. Pertencia á escola classica, ao contrario de Juan Carlos Gomez, poeta da escola romantica, de que foram mestres, na França e na Italia, Victor Hugo, Lamartine e Manzoni. Foi o maior romantico uruguayo.

Revolucionando a poesia, no seu paiz, Juan Carlos Gomez está para o Uruguay, como Gonçalves de Magalhães para o Brazil. Ambos deram por terra com os moldes da poesia classica.

Outro notavel romantico uruguayo é Margariños Cervantes, cuja musa patriotica fez vibrar mais de uma geração. Não houve acontecimento, social ou politico, no Uruguay, de 1850 a 1880, que esse illustre poeta não celebrasse nos seus versos inflammados. Era um bom discipulo de Hugo. Em torno de Cervantes gravitam poetas de menor vulto, como Aurelio Berro, Bermudez, Acha, Bustamante, Fajardo, Lapuente e outros, quando surge, no Uruguay, um insigne poeta, que num dado momento, consubstanciou as grandes emoções da alma patricia.

Este poeta é Juan Zorilla de San Martin, que estreou com a sua *Leyenda Patria*. Depois surgiu com o *Tabaré*, considerado o maior poema escripto, até hoje, em lingua hespanhola. Foi publicado em 1886, e, no dizer de um critico nacional, é elle a synthese dos sentimentos dispersos de um povo, pequeno no numero e na expressão geographica, mas grande nos lances heroicos com que conquistou, a rios de sangue, a sua tão almejada independencia politica.

San Martín exerceu e exerce ainda decisiva influencia na atmosphera mental de seu bello paiz. Creou discipulos, como Rafael Fraguero, Carlos Róxlo, Julio Herrera, Armando Vasseur, Emilio Frugoni, Raul Monteiro e Guzmán Papini. Outros, porém, ficaram ao abrigo da influencia de San Martin, como Ubaldo Ramon, Martinez Vigil, Perez Petit, José Salgado, Justino Jimenez, Julio Lorena, Monteiro, Brown e, finalmente, Maria Eugenia Vaz Ferreira, considerada uma das maiores poetizas americanas. Refere um illustre critico uruguayo que a personalidade de Maria Eugenia só encontra rival na de Zorrilla de San Martin. Pertence ella á escola de Henri

Heine e Dusseldorf, cujas obras o seu poderoso espirito feminino assimilou, preparando-se para grandes e alevantados surtos.

Como se vê, o pequeno Uruguay tem uma vida intellectual, que, nós outros, no Brazil, quasi ignoramos.

As obras dos escriptores da America do Sul raro se encontram nas poucas livrarias do Rio de Janeiro. E' preciso ir até ao Rio da Prata para adquiril-as.

Foi o que fez o autor destas ligeiras impressões de viagem.

CAPITULO IX

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — A partida de Montevidéo. — No anteporto de Buenos Aires. — Demora da visita da saude. Um só medico para visitar dezenas de vapores. — As más condições do porto da capital argentina. — O futuro delta do Prata. — O Paraná integra o territorio argentino, emquanto o Amazonas desintegra o territorio do Brazil. — Dimensões do estuario. — A alfandega. — As « darsenas » do sul e do norte. — A rapida revisão das bagagens. — Uma ligeira excursão pela historia argentina. — Do descobrimento á creação das capitanias. — Das capitanias ao vice-reinado do Rio da Prata. — Do vice-reinado ás campanhas da independencia. — A revolução de 25 de maio de 1810. — Os proceres da emancipação. — A quasi fundação de uma monarchia, á margem do Prata. — A tyrannia de Rosas e a batalha de Monte Caseros. — A Argentina, depois da guerra com o Paraguay. — As questões de limites. — O laudo das Missões. — Crescimento da população. — Divisão territorial da Republica. — Uma capital com seis mil habitantes. — Provincias e territorios. — O governo e o congresso. — Organização municipal. — O ensino primario. — Um paiz de analphabetos com um exercito de doutores. — O cœfficiente da ignorancia na America e na Europa. — O ensino secundario e superior. — O Instituto Geographico.

Montevideo, 30 de abril.

O relogio de bordo acaba de bater 5 horas da tarde. Já os raios do sol caem, muito obliquos, sobre os zimborios dos grandes monumentos architectonicos da formosa capital uruguaya. Vamos deixar Montevidéo. Na manhã seguinte, o velho paquete do Lloyd fará a sua entrada no porto da grande e rumorosa metropole argentina.

Adeus, Montevidéo! As helices agitam, pausadamente, as aguas do estuario. A cidade vae, pouco a pouco, desapparecendo. Lá estão o parque Urbano e a praia Ramirez. Já em pleno golfão do Prata, só se divisam, ao cahir da tarde, a fortaleza do Cerro e as pontas dos mastros dos navios ancorados no porto.

Anoitece.

Buenos Aires, 1 de maio. A's 4 da madrugada, o paquete lança ferro fóra da barra.

Até ás 9 da manhã, ainda não havia chegado a visita da saude. Noto que as aguas do estuario do Prata são mais barrentas que as do golfão amazonico. Fóra do porto, diversos navios, á espera de occasião para entrar.

A lancha da saude percorre a bahia, no mistér da visita. Sómente ás 10 horas chegou a vez do *Saturno*. Ha apenas um medico para julgar do estado sanitario de dezenas de vapores. Cada um destes, depois de inspeccionado, segue, a reboque, para a « darsena » do sul, ou do norte. O canal que dá accesso ao cáes de atracação é devidamente balisado com boias cylindricas, numeradas de kilometro em kilometro. Ao lado a linha dos mangrulhos.

Nenhum vapor entra sem pratico.

O porto de Buenos Aires é pessimo. O Rio da Prata tende a formar um delta na sua embocadura, com as areias que conduz da montante. Ha alli bancos arenosos, que offerecem um serio perigo á navegação. O canal de Montevidéo a Buenos Aires, um dos melhores, tem dado logar a varios encalhes de transatlanticos.

Mas, o homem corrige a obra da natureza. Innumeras dragas trabalham, diariamente, na desobstrucção do canal. Mas, até quando o homem sahirá vencedor nessa lucta? Que valem dragagens deante dos milhões de metros cubicos de sedimentos que a corrente platina despeja á beira do Atlantico?

O delta do Prata será um facto em futuro não muito remoto. Se o não é ainda, é porque o regimen das marés e a acção das correntes marinhas agem, de algum modo, em sentido contrario.

Não se vê alli o que se vê no rio Amazonas, cujos transportes mineraes e organicos (tres milhões de metros cubicos, em 24 horas), são lançados no oceano, e d'ahi arrebatados pelo Gulf-Stream, que os conduz para as costas das Georgias e das Carolinas, nos Estados Unidos, onde vão formar o delta do rei dos rios. Emquanto o delta do Rio da Prata se constitue, á sua entrada, no Atlantico, o do Amazonas se fórma em territorio estrangeiro. Em outras palavras, emquanto a Argentina vê o seu territorio augmentado, o Brazil vê que o seu diminue, de hora em hora. O Amazonas desintegra o Brazil. O Paraná integra a Republica Argentina. As barras, ou diques submarinos, que se formam no estuario do Prata, são o primeiro passo para a constituição do grande delta que de futuro bipartirá a entrada do mesmo estuario e, portanto, o accesso ao baixo Paraná.

Os estuarios do Prata, do S. Lourenço e do Amazonas são, como é sabido, dos maiores do mundo. O do Amazonas tem 240 kilometros de largura. Quando as correntes litoraneas são relativamente fracas e as costas pouco profundas e os transportes muito abundantes, dá-se o entulhamento do estuario.

Nasce o delta. O do Prata faz-se, lento e lento, por via da acção contraposta das marés e da corrente oceanica, conforme já disse. Qual será o transporte annual do Rio da Prata? A descarga do Paraná é de 30 mil metros cubicos, por segundo, e a sua largura varia de 30 a 50 kilometros. Seu curso é de 4.800 kilometros. Vem de Minas Geraes, onde nasce com o nome de Rio Grande.

Quanto ao estuario platino, a sua maior largura é de 350 kilometros, sendo a menor de 40 kilometros.

A sua superficie total é de 35 mil kilometros quadrados. Toda essa massa de agua barrenta offerece apenas uma profundidade media de seis metros. E' um como grande lago que a terra e o mar limitassem. Os bancos se repetem nessa immensidade liquida, constituindo o terror dos navegantes desprevenidos. O banco Inglez, situado a sudéste de Montevidéo, acha-se a dois metros abaixo da superficie livre das aguas. E' de suppôr que elle venha a ser o nucleo inicial do futuro delta. Esse banco tem causado muitos naufragios.

O banco Ortiz occupa o centro do estuario, dividindo-o em dois grandes canaes. Como sabe o leitor, o Rio da Prata, geographicamente fallando, nada mais é que os estuarios reunidos dos rios Paraná e Uruguay. Este lança-se naquelle, defronte da ilha de Martin Garcia, a seis horas de Buenos Aires. As duas grandes correntes brazileiras (na sua origem), encontrando uma larga chanfradura litoranea, formaram, entre as costas argentinas e as costas uruguayas, o celebre Mar Dulce, de Solis. Ao Rio da Prata tambem se deu o nome de Mar de Solis, em homenagem ao seu descobridor (1508, primeira viagem).

Os indios chamavam-lhe Paraná-Guassú (rio grande). As marés do estuario platino estão sujeitas á acção, favoravel ou contraria, dos ventos. Os de N. e os de W. fazem baixar as aguas. Os do sul elevam-n'as, inundando as costas baixas.

***

Sempre guiado pelo rebocador do porto, o *Saturno* entra na « dar-

sena » do norte. Atraca ao cáes, em frente á alfandega. A linha do cáes está tomada de navios de todas as procedencias, que se estendem ao longo dos seus 10 ½ kilometros de desenvolvimento.

A construcção desse porto monumental custou 175 milhões de francos. O governo gasta, por anno, 6 ½ milhões de francos para, por meio de constantes dragagens, manter o canal de accesso aos grandes navios. Ha o projecto de ligação do porto de Buenos Aires ao de La Plata, ao sul, por intermedio de um canal de 40 kilometros de comprimento. O porto da capital argentina já é visivelmente pequeno para o grande movimento commercial que possue. E' um espectaculo animador o que alli se observa. A revisão das bagagens, na alfandega, é feita em menos de dois minutos. As malas, conduzidas para cima de grandes estrados, são rapidamente examinadas pelos funccionarios aduaneiros, attentos e cortezes. Em menos de uma hora o viajante se acha instalado no hotel, com todo o seu trem de porão e camarote. No Rio de Janeiro esperam-se 24 horas e mais para retirar as bagagens da alfandega. Entre nós tudo é difficil e mal feito, attestando, a cada momento, a incapacidade administrativa da nossa raça. O brazileiro é inimigo das resoluções promptas. Deixa tudo para amanhã...

Ha uma enorme multidão, ao longo do cáes. São immigrantes recem-chegados, são os carregadores do porto, são os vagabundos de todas as grandes cidades maritimas.

Um formigueiro humano. Em frente o Plaza Hotel, com os seus oito andares.

E' a mais alta construcção, que se destaca, no contorno litoraneo da *urbs*.

A' beira do cáes, os grandes armazens do porto, para mercadorias, todos com os seus immensos guindastes, que funccionam sem cessar. Aqui estão vapores recebendo carregamento de trigo e carnes congeladas; alli outros descarregam artefactos, vindos da Europa e dos Estados Unidos.

***

Quem chega á margem direita do Rio da Prata e vê, deante de si, uma das maiores cidades do mundo, é, insensivelmente, levado a pensar na historia do povo que habita essa mesma cidade.

O paiz descoberto em 1508 por Juan Diaz de Solis, e, mais tarde, explorado por Diogo Garcia, Sebastião Caboto, Pedro de Mendoza

e outros, sob a protecção de Carlos V, é hoje um dos maiores e mais ricos paizes da America. A historia colonial argentina, desde o governo de Irala até ao ultimo vice-rei de Buenos Aires, D. Balthazar de Cisneiros, é uma longa serie de acontecimentos politicos, reveladores do espirito intolerante dos hespanhoes, no povoamento das suas colonias americanas.

Em 1536, Pedro de Mendoza fundou, á margem occidental do Rio da Prata, a povoação de Santa Maria de Buenos Aires, pouco depois abandonada, e só em 1580 reconstruida por Juan de Garay.

Até 1584 (morte de Garay), as provincias argentinas constituiam uma capitania geral. Em 1620, o governo de Hespanha resolveu crear dois grupos de provincias, o primeiro sob a acção do governo de Buenos Aires e o segundo sob a do governo do Paraguay.

Em 1778, Carlos III decretou a formação do vice-reinado do Rio da Prata, composto das provincias de Buenos Aires, Paraguay, Tucuman, Potosi, Santa Cruz de la Sierra e Charcas. Tinha o vice-reinado, naquelle momento, uma população de cerca de tres milhões de habitantes. O periodo colonial termina a 25 de maio de 1810, com a instalação da Junta Revolucionaria, que reclama a emancipação da antiga provincia de Buenos Aires, hoje Republica Argentina.

Nas luctas da independencia, muitos nomes se tornaram illustres, como os de Belgrano, Carlos de Alvear, San Martin, Rivadavia, Rondeau, Dorrego, Brown, Arenales, Pueyrredon, José Maria Paz, Lavalle, Las Heras, Mariano Moreno e varios outros.

O Congresso de Tucuman, sanccionando a obra dos revolucionarios a 24 de março de 1816, entregou o governo do paiz ao general Juan Martins Pueyrredon, que tão alto papel teve nas guerras da emancipação. San Martin transpoz a Cordilheira, á frente de seu exercito, organizado em Mendoza, e foi expulsar os hespanhoes do Chile. Mas a independencia argentina só foi de facto proclamada a 9 de julho de 1816. Formou-se, então, a confederação das provincias unidas do Rio da Prata, ahi comprehendida a oriental do Uruguay. Os homens da revolução, no meio da anarchia reinante, pensaram em fundar um governo monarchico, á margem do estuario. E' de notar que San Martin e Belgrano, os pais da independencia, no dizer de Mitre, se houvessem inclinado para essa solução politica. A elles a Republica se lhes antolhava não dar bons frutos, em terra americana do sul. E, então, cogitaram de uma testa coroada! A' falta de um principe europeu, chegaram a voltar as suas vistas para um indio descendente dos Incas.

Por ahi se poderá julgar da anarchia que imperava, entre os prohomens da revolução, aliás todos republicanos convictos.

Eis ahi um paradoxo da historia.

Vão, dentre em pouco, começar os governos agitados. A provincia de Buenos Aires separa-se da confederação, em 1853, para nella de novo entrar em 1859.

De todas as dictaduras que pesaram sobre a Argentina, nenhuma foi mais funesta que a de Rosas, o celebre caudilho platino que subio ao poder, pela primeira vez, em 1829. O Tiberio da America do Sul foi apeiado do governo, como se sabe, com a victoria dos colligados na batalha de Monte Caseros, em 1852, victoria que veiu libertar a Argentina do jugo de um dos maiores despotas americanos.

Rosas, Facundo Guiroga e os dois Lopez do Paraguay constituem as quatro figuras mais salientes da caudilhagem, nos dominios do Novo Mundo.

As innumeras execuções summarias que Rosas ordenou, em 27 annos de tyrannia, encheram de manchas negras a brilhante historia da grande Republica do Prata.

Como todos os paizes ibero-americanos, a Argentina teve os primeiros decennios da sua independencia cortados de revoluções intestinas, que as paixões politicas acordaram. Só depois de 1870, com a terminação da guerra com o Paraguay, ao lado das forças orientaes e brazileiras, é que ella pôde entrar, francamente, no caminho largo do progresso. Na ordem economica, como na ordem social, a Argentina começou a viver, ha 43 annos apenas. Durante esse pequeno espaço de tempo, a sua evolução geral tem sido simplesmente assombrosa.

Terminado o periodo de agitações da sua politica interna; traçados os ultimos limites de sua fronteira com os paizes convizinhos aquella Republica vive hoje uma vida relativamente tranquila e progressiva.

A sua questão de limites com o Paraguay foi resolvida pelo presidente Hayes, dos Estados Unidos (1878), o qual concedeu á Republica mediterranea a parte do Chaco, pretendida pela Argentina, isto é, a região que fica entre o Pilcomayo e o rio Verde.

Em virtude desse laudo, coube á Republica do Prata a ilha do Cerrito, na confluencia do Paraná com o Paraguay. Com a Bolivia, pela tratado de 1893, que reconheceu, como propriedade boliviana, toda a provincia de Tarija, á qual a Argentina se julgava com direito, tendo, como se sabe, em seu favor, a propia opinião de Sucre e de Bolivar.

A questão da Puna de Atacama, que o Chile occupou e a Bolivia cedera á Argentina, foi solucionada em 1899, pelo embaixador dos Estados Unidos, o qual conferiu ao ultimo destes paizes $^3/_4$ daquelle territerio, cedendo á Republica do Pacifico a parte restante. A questão de limites com esta republica andina, relativa á Patagonia e varios pontos da Cordilheira, foi resolvida por laudo arbitral do rei da Inglaterra, em 1902, o qual dividiu o territorio contestado em duas partes iguaes, a contento dos litigantes.

Os limites com o Brazil tiveram solução, como é sabido, em 1895, por decisão arbitral do presidente Cleveland.

A' Argentina coube a parte das Missões até os rios Pipuiry-Guassú

Entrada do porto de Buenos Aires.

e Chopin. O Brazil defendia os seus direitos até aos rios Santo Antonio e Pepiri-Guassú.

Por via desse laudo, a Argentina teve que nos ceder um territorio de 25 mil kilometros quadrados, equivalente á quasi metade do de Alagôas e á totalidade do da provincia de Tucuman.

***

A opulenta republica platina tem hoje uma superficie de 3.055.000 kilometros quadrados. Na ordem de grandeza territorial, occupa o 5.º logar, entre as nações do mundo. A sua população absoluta é avaliada em cerca de sete milhões de habitantes.

A relativa, em dois habitantes por kilometro quadrado. Aindaest á longe dos Estados Unidos, cuja população relativa é de nove pessoas. Está, porém, muito perto do Brazil, onde a população relativa é de 2 ½. As nações hispano-americanas estão ainda muito longe de attingir a cifra de população relativa das nações européas, taes como a Belgica, com 248; a Hollanda, com 172; a Inglaterra, com 139; a Italia, com 117, e a França, com 72. O Japão conta 111 habitantes por kilometro quadrado. Ha 18 annos passados, a população argentina era de quatro milhões. Em 1869, não chegava a um milhão. Em 1820 era de 615 mil almas.

Em 1797, orçava por 310 mil habitantes. Como no Brazil, a maior densidade de população encontra-se, na Argentina, nas regiões litoraneas. Dos sete milhões actuaes, $^4/_5$ vivem nas provincias banhadas pelo oceano e pelas aguas da bacia do Prata. Cerca de $^1/_4$ da população total demora na provincia de Buenos Aires, que, no ponto de vista da densidade da população, está para aquella republica como o Estado de Minas Geraes para o Brazil. Os dez territorios argentinos, conjuntamente, não encerram mais de 150 mil habitantes. Os trabalhos de recenseamento, effectuados naquelle paiz, em 1895, chegaram á conclusão de que havia quatro milhões de habitantes para toda a republica, assim, mais ou menos, discriminados : um milhão de individuos não nascidos no paiz; dois milhões de habitantes nas cinco mil cidades, villas e villarejos. O restante constituia a população rural. E, mais : dois milhões não sabiam ler nem escrever; 800 sem profissão; 40 mil nos confins da republica; cinco mil medicos, engenheiros e advogados; 27 mil protestantes; seis mil judeus; 900 sem religião alguma. Os demais catholicos. Notaram-se ainda 660 individuos com idade superior a 100 annos, entre os quaes 430 mulheres. Tão grande numero de centenarios parece depôr em favor do clima argentino. A França, com 40 milhões de habitantes, conta apenas 200 centenarios. A Italia, com 35 milhões, possue apenas 380.

***

Quem abre uma carta da Argentina vê, para logo, o modo desigual por que foi o seu territorio dividido. Do mesmo mal padece o Brazil. A Republica conta 14 Estados federados, a que impropriamente se dá o nome de provincias, e mais 10 territorios.

No que diz respeito á população, a desigualdade é ainda mais manifesta.

Vê-se alli a capital do paiz excessivamente povoada (quasi a quarta parte da população total,) e provincias, ricas e populosas, como Buenos Aires, Santa Fé e Entre Rios, ao lado de outras pequeninas e despovoadas, como Jupuy, que conta 56 mil habitantes, apenas, e uma capital com seis mil almas.

Uma unidade federativa, com uma população inferior á de Santos ou Manáos! E' irrisorio. Tambem nós temos Sergipe com 39 mil kilometros quadrados e o Amazonas com cerca de dois milhões, e, bem assim, Matto Grosso, com 120 mil habitantes, ao lado de Minas Geraes, com uma população superior a quatro milhões.

As provincias argentinas podem ser reunidas em tres grupos : 1.º, o das litoraneas : Buenos Aires, Santa Fé, Entre Rios e Corrientes; 2.º, das centraes : Cordoba, San Luis, Santiago del Estero e Tucuman; 3.º, o das andinas (ou « arribeñas », como lá se diz) : Jujuy, Salta, Catamarca, La Rioja, San Juan e Mendoza. Os 10 territorios podem ser repartidos em dois grupos : 1.º, os do norte : Formosa, Chaco, Missiones e Los Andes; 2º, os do sul : Pampa, Neuquin, Rio Negro, Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego.

Como se sabe, na Argentina, o mandato presidencial dura seis annos, só sendo permitida a reeleição decorrido igual tempo, a partir da terminação do mandato. Condições de elegibilidade : ser argentino, ter mais de 30 annos de idade e pertenecer á religião catholica.

O presidente é auxiliado por oito ministros. O Senado compõe-se de 30 membros, dois por cada provincia e dois pelo districto federal.

O mandato é de nove annos, havendo, como entre nós, a renovação triennal.

A Camara dos Deputados compõe-se de 120 membros, á razão de um por 33 mil habitantes. O mandato é de quatro annos.

A provincia de Buenos Aires, a mais populosa, dá 28 deputados; o districto federal, 20; Santa Fé, 12; Cordoba, 11; Entre Rios, nove; Corrientes, sete; Tucuman, sete; Santiago, cinco; Mendoza, quatro; Salta, quatro; San Luis, tres; San Juan, tres; Catamarca, tres; La Rioja, dois, e Jujuy, dois.

Os actuaes territorios serão, mais tarde, incorporados, como provincias, desde que tenham o numero sufficiente de habitantes que se possam dirigir por si mesmos (70 mil).

A não serem as provincias de S. Luis, La Rioja e Jujuy, que só

têm uma camara legislativa, as demais dão-se ao luxo de possuir Camara e Senado, tal como se vê em varios Estados brazileiros. Cada territorio é administrado por um governador, nomeado pelo presidente da Republica, com approvação do Senado. O governo territorial dura tres annos, podendo ser reconduzido.

Sómente na capital federal e nas provincias de Buenos Aires, Santa Fé, Entre Rios, Cordoba, San Juan e Corrientes, é que as municipalidades têm vida autonoma.

Nas demais provincias estão sujeitas á autoridade dos governadores, aos quaes ellas enviam seus orçamentos e relatorios annuaes. Os governadores podem modificar o resultado das eleições dos membros das camaras municipaes. Na capital do paiz, o intendente é de nomeação do governo. Nas provincias de Buenos Aires e de Cordoba, os intendentes são eleitos pelos membros das respectivas municipalidades. Nas outras provincias, porém, o intendente municipal é eleito directamente pelo povo. Em Jujuy, só podem ser membros do Conselho Municipal os padres, os medicos e os juizes de paz. Como se vê, não ha uma norma unica, na organização municipal argentina.

***

No que diz respeito á instrucção popular, a grande republica do Prata está no primeiro plano, dentre as jovens nações da America. O ensino primario é alli obrigatorio para os menores de seis a 14 annos.

E' gratuito. Custeiam-n'o as provincias, com subvenções do Congresso Nacional. E' assim que o paiz conta apenas 50 % de analphabetos, quando nós contamos 85 %. Dos 15 % de individuos, que no Brazil sabem lêr e escrever, ⅔ são « doutores ». A mania do doutorado, entre nós, já assumiu proporções verdadeiramente assombrosas. Invadiu, até mesmo, as classes armadas do paiz.

Não sei de nenhum exercito do mundo que, como o nosso, tenha uma infinidade de tenentes doutores, de capitães doutores, de majores doutores, de coroneis doutores e de generaes doutores.

Imagine-se esta belleza, analysada por um arguto espirito estrangeiro : um exercito de soldados, na sua grande maioria analphabetos, dirigidos por officiaes, quasi todos doutores. São coisas de um paiz, de civilização ainda rudimentar, como é o Brazil.

Em algumas provincias argentinas é obrigatorio o ensino da reli-

gião catholica, nas escolas primarias. O analphabetismo tende a diminuir, no paiz do trigo, emquanto que no paiz do café, augmenta de anno para anno.

Vejamos o coefficiente da ignorancia em alguns paizes da America e da Europa, para melhor fazer resaltar a triste situação do Brazil.

Não sabem lêr : nos Estados Unidos, 14 % dos habitantes; na França, 22 %; na Belgica, 28 %; na Argentina, 54 %; na Italia, 57 %; na Hespanha, 60 %; no Chile, 70 %; no Brazil (que horror !) 85 %. Batemos o « record » da ignorancia entre os paizes que citei.

Em compensação, em materia de baixa politica e de incapacidade administrativa, nenhuma delles nos leva a palma.

Na Argentina, a cultura popular marcha ao lado da cultura economica.

O districto federal platino fornece ás escolas primarias, dentre mil habitantes, 115 individuos de ambos os sexos. Vêm, depois, as provincias de Entre Rios e Tucuman, com 110; a de Buenos Aires, Santa Fé e La Rioja, com cerca de 90; Corrientes, San Luis, Cordoba, Mendoza, San Juan e Catamarca, com 80; Jujuy e Salta, com com 55 e Santiago del Estero, apenas com 50.

O ensino primario é ministrado em mais de cinco mil escolas publicas. O normal em 37 escolas normaes, sendo tres em Buenos Aires e as restantes nas provincias. A educação secundaria é porporcionada nos collegios nacionaes e nos particulaes equiparados.

Na capital da Republica existem cinco collegios nacionaes. Além desses, ha um em Rosario de Santa Fé, um em Bahia Blanca, um em Mercedes, um em Concepción del Uruguay e um em cada capital de provincia. O ensino superior é dado nas quatro universidades de Buenos Aires, La Plata, Cordoba e Santa Fé. Coisa curiosa : os titulos scientificos da universidade de Santa Fé são apenas validos dentro da fronteira daquella provincia. A universidade de Buenos Aires comprehende quatro faculdades, a de engenharia, a de medicina, a de direito e de philosophia e lettras. As de Cordoba e La Plata contam só as tres primeiras dessas quatro faculdades. A de Santa Fé apenas a de direito, As faculdades de medicina fornecem o maior numero de diplomados.

Só em 1903, tinham ellas 1.850 alumnos.

Vêm, em seguida, as de direito e engenharia. Ha, pois, na Argentina mais medicos que jurisconsultos e mais jurisconsultos que engenheiros.

Além dos institutos citados, Buenos Aires possue ainda um de

surdos-mudos, duas escolas de commercio, sendo uma para homens e outra para mulheres.

Em 1908, essas duas escolas contavam cerca de mil alumnos. Ha, igualmente, escolas de commercio em Concordia e Bahia Blanca. Existem escolas de agronomia na capital da Republica, em La Plata, em Mendoza, em Cordoba, em Paraná e em Santa Fé, e uma de minas em San Juan.

O collegio militar funcciona, em San Martín, provincia de Buenos Aires. A escola naval tem sua sêde na capital do paiz. A Argentina conta notaveis estabelecimentos scientificos, como o Observatorio astronomico de Cordoba, um dos primeiros do mundo; museus de raro valor, em Buenos Aires e La Plata. O Instituto Geographico Argentino, que visitei, no caracter de membro da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, é um instituto que muito honra a cultura dos homens do Rio da Prata.

CAPITULO X

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Buenos Aires. — Primeiras impressões da cidade. — Na praça de Maio. — Os palacios da municipalidade e de « La Prensa ». — A igreja metropolitana. — O monumento da Independencia. — Na Avenida de Maio. — O movimento urbano. — Serviço de automoveis. — Parallelo com o do Rio de Janeiro. — O traçado da capital argentina. — Aspectos monotonos. — O transito nas ruas centraes é quasi impraticavel. — O vermuth, o amendoim e a azeitona, tres cousas inseparaveis, no Rio da Prata. — O café brazileiro, na Argentina. — De como se faz alli a sua propaganda. — Um paulista emprehendedor. — Vehiculos urbanos. — As joalherias da calle Florida. — O corso nessa calle, das 4 ás 7 da tarde. — A praça do Congresso. — O Capitolio argentino. — Uma grande capital que se formou em 43 annos. — O « facies » cosmopolita. — A « City » e as suas ruas estreitas. — O abastecimento de agua. — A praça San Martín e a bella estatua da Duvida. — Monumentos architectonicos. — Hoteis e livrarias. — A civilização intellectual e economica.

Quem salta em Buenos Aires não recebe de prompto uma impressão muito favoravel. Porque tem que atravessar a longa faixa de terrenos alagadiços, que fica entre a cidade e a orla do estuario.

Só depois de uns dez minutos de carro, é que se entra na parte melhor do Passeio de Julho, uma especie de avenida Beira-mar, muito suja e mal arborizada.

Em se chegando, porém, á praça de Maio, tudo muda de aspecto. Uma immensa mole humana alli se desloca. Perto é a Casa Rosada (palacio do governo). A' esquerda o Londres Hotel, onde me hospedo. Em frente, na esquina da avenida de Maio, o grande edificio da Municipalidade e o palacio de *La Prensa*.

A' direita a igreja metropolitana. Ao centro da praça a pyramide commemorativa de 25 de maio de 1810, a grande data nacional

argentina. Os *tramways* electricos de um e dois andares passam em todos os sentidos.

Estamos na famosa arteria portenha, com os seus 1.600 metros de comprimento e 30 de largura. Vae da praça de Maio á do Congresso, inaugurada ha menos de dois annos.

Das 2 ás 7 da tarde, a Avenida de Maio offerece, de extremo a extremo, o intenso movimento que, ás mesmas horas, observamos na Avenida Rio Branco, no trecho comprehendido entre a rua do Ouvidor e o *bar* da Brahma. Pareceu-me que ha menos automoveis em Buenos Aires que no Rio de Janeiro. Em compensação, o carro de praça, que, entre nós, já quasi não existe, alli tem o seu imperio. Durante os vinte e tantos dias em que estive na capital platina, não me lembra ter lido a noticia de um unico desastre por automovel. E' que alli ha governo, ha leis, ha regulamentos que se cumprem, ha ordem, ha respeito á autoridade, ha policiamento, ha disciplina social, emquanto que nada disso se encontra na capital brazileira.

No Rio os motoristas matam, impunemonte, os miseros transeuntes. Matam e fogem.

Quando presos, prestam fiança, para se defenderem soltos, como se para dar cabo de um individuo houvesse differença entre um automovel e uma pistola Browning!

A's vezes me convenço de que o Rio de Janeiro é uma cidade inhabitavel. Sem garantia para os direitos pessoaes, sem justiça nem policiamento, a vida humana, aqui, neste formoso recanto da America, é absolutamente insustentavel. Talvez que nas florestas equatoriaes do Congo haja mais respeito e mais ordem.

Aos espiritos menos observadores esses pequenos factos se lhes antolharão como indicios manifestos da incuria da nossa raça. O povo da capital do Brazil está ficando pusilanime. Não é mais o mesmo povo que fez a revolução do Vintem, que fez a greve da S. Christovão e promoveu os disturbios da vaccina obrigatoria. Deixa-se esmagar por automoveis, e não reclama. Até hoje não se sabe do parente de uma victima da perversidade de um motorista que tenha dado, na cabeça deste, pelo menos, alguns piparotes. E' o cumulo! Estará este povo inteiramente desfibrado? Teria perdido a noção dos seus direitos e a propria consciencia do seu valor? Que os psychologos expliquem esse estado de lethargia da alma popular carioca.

***

Buenos Aires é uma cidade profundamente monotona, com as suas longas ruas rectilineas e as suas praças rectangulares.

A fórma de xadrez a que obedece o traçado das cidades hespanholas da America, fatiga os olhos amigos da variedade.

O Districto Federal platino, com ser sete vezes menor que o Districto Federal brazileiro, é muitissimo mais povoado que este. O primeiro tem uma área de 184 kilometros quadrados, com uma população de 1.400.000 habitantes. O segundo abrange uma superficie de 1.934 kilometros quadrados, com cerca de um milhão de almas.

D'ahi o grande movimento que se nota nas ruas de Buenos Aires, assim no centro, como na peripheria. De 1 ás 7 da tarde o transito na « City » é, ás vezes, quasi impossivel.

Na praça de Maio e nas calles Florida, Rivadavia, Bartholomeu Mitre, Cangallo, Cuyo, Esmeralda e San Martín agita-se a grande vida commercial da rumorosa metropole. Naquella zona se encontram os maiores estabelecimentos bancarios, os armazens de modas, os clubs de negocios, as associações de commercio, as agencias das companhias de vapores, os grandes hoteis e uma atropelada multidão cosmopolita.

Nas « terrasses » da Avenida de Maio, abrigadas pelos alpendres de lona das casas commerciaes, vê-se muita gente sentada ao redor de mesas pequeninas, a tomar vermouth, o qual vem sempre acompanhado de dois pires, um contendo azeitonas, outro amendoin torrado com vagens. São tres coisas inseparaveis, no Rio da Prata : o vermouth, a azeitona e o amendoin (*mani*, como lá se chama).

Entro num dos mais frequentados cafés da Avenida de Maio. Acho detestavel o que se me serve em uma chicara grande, grossa e deselegante, como chicaras de bordo. Em Buenos Aires só se toma café bem feito em chicaras pequeninas, como assucar de canna, na casa matriz e nas filiaes do Sr. Alves de Lima, industrial paulista que, na Argentina, tem feito uma notavel propaganda do nosso « ouro rubro". Esse senhor tem botequins de café nas calles Bartholomeu Mitre, San Martin, Salta, Corrientes, Vinte e Cinco de Maio, Brazil, Chacabuco, Rivadavia, Cabildo e Almirante Brown. Cada chicara de café custa 10 centavos (130 reis). Cada kilogramma moido dois pesos (28600).

Ha estabelecimentos congeneres em Bahia Blanca, Rosario de Santa Fé, Cordoba e Tucuman.

***

A quem sabe como é feito o serviço de vehiculos urbanos, entre nós, causa justa admiração o que se faz em Buenos Aires.

Não ha atropello, confusão e desastres continuos, como no Rio. Na intersecção de cada duas ruas, centraes ou não, vê-se um vigilante, attento, diligente, de *casse-tête* á mão, a dirigir o movimento intensissimo de automoveis e carruagens de toda a especie.

Entre nós ha tres ou quatro inspectores de vehiculos, somnolentos ou lerdos, em attitude ridicula, e isso apenas na Avenida Rio Branco. Nas outras ruas centraes, nem sombra desses inspectores.

E quando se diz que, em materia de organização social, estamos muito abaixo dos povos do Rio da Prata, para logo apparecem brazileiros que do Brazil nunca sahiram, e que levam estas e outras verdades á conta de pessimismo.

Depois da Avenida de Maio, é a calle Florida a arteria das elegancias. Alli se encontram as mais ricas casas de moda, joalherias immensas, onde o fulgor das pedras preciosas dão a impressão de um luar perpetuo. Pelas joias expostas nos mostruarios das joalherias da calle Florida, póde-se fazer uma idéa das riquezas particulares da Republica. Vêem-se alli diademas e custosissimos collares de brilhantes e perolas, que, por si sós, valem uma verdadeira fortuna, coisas que se não encontram nas vitrines dos nossos joalheiros. E' que, no Brazil, paiz relativamente muito mais pobre que a Argentina, poucas pessoas poderiam, sem grande desequilibrio economico, adquirir taes artefactos de luxo. Somos um povo de pequenos agricultores, de industriaes modestos e de funccionarios publicos, que apenas ganham o indispensavel para a subsistencia. Na mesma calle Florida, está a grande casa commercial de Gath y Chaves, o Louvre de Buenos Aires, e bem assim o monumental edificio do Jockey Club.

Nessa calle, das 4 ás 7 da tarde, é prohibido o transito de vehiculos. Enche-se, de um extremo a outro, da melhor sociedade portenha, que alli se dá *rendez-vous*.

A' noite, a illuminação é simplesmente offuscante. A luz das lampadas de arco junta-se á das fachadas das casas de commercio. Dir-se-hia que o sol, occulto entre grandes nuvens negras, se resol-

vesse, a pino, a derramar, por uma fresta apenas, o ouro fluido da sua luz na área rectangular da linda arteria.

No meio da multidão que passa, acotovelando-se, ouve-se o pregão da garotada : « *El Diario! La Argentina! La Razón*, 5.ª edicion ! » E' a grande alma de Buenos Aires, que se move e palpita. Uma coisa chama a attenção do observador : é o modo respeitoso por que rapazes e senhoritas se entreolham, no corso da calle Florida. Não se ouvem commentarios irreverentes. Ninguem pára, afim de mirar, de alto a baixo, uma mulher bonita que passa. Indifferença ou respeito, é um facto que evidencia a cultura social daquelle povo.

Entretanto, todos conhecemos uma grande cidade da America latina, onde uma multidão de curiosos estaca na rua, para olhar uma mulher de belleza mediocre !

No extremo norte da Avenida de Maio, está a praça do Congresso, inaugurada por occasião das festas commemorativas do primeiro centenario. Ao centro um grande lago artificial, com poderosos repuxos, muitas arvores, muitos canteiros floridos, abundancia de luz electrica e passeios a macadam.

Ao fundo o Capitolio argentino, soberbo, monumental. O Brazil não tem ainda um palacio para o seu Congresso. Entre nós, tudo é feito a passo de tartaruga. Os nossos homens publicos deveriam ir ao Rio da Prata, em vez de procurarem o velho mundo. Porque, na Europa, tudo que os nossos olhos sul-americanos admiram é o producto do esforço de velhas civilizações. No Rio da Prata é a energia, é o trabalho, é a capacidade assimiladora de um grande povo adolescente, que nos dá lições, a nós, sonhadores do tropico.

O que se vê de notavel na Argentina é, por assim dizer, o resultado de 43 annos de actividade.

Em 1870, quando aquelle paiz se viu livre da guerra com o Paraguay, começou a cuidar de seu futuro.

Buenos Aires, nesse tempo, contava 175 mil habitantes. Hoje conta 1.400.000.

Não havia porto, nem agua canalizada, nem rêde de esgotos, nem illuminação e viação electricas. Ruas sem calçamento, praças em abandono. Bebia-se agua de cisternas.

Hoje, é a segunda cidade latina do mundo e a primeira da America do Sul, graças ao genio emprehendedor do povo argentino e á collaboração efficacissima do elemento estrangeiro, que para alli afflue attraido pelas riquezas do paiz. A cidade cresce de anno para anno. Constróem-se, alli, annualmente, cerca de 12.000 casas.

Devido ao intenso movimento urbano, a companhia de « tramways » electricos está construindo o Metropolitano, que, por emquanto, irá da praça de Maio ao arrabalde de Flores, através da grande *urbs*.

Uma cidade que reclama viação subterranea já é uma estupenda cidade.

Nós, no Rio de Janeiro, não precisaremos desse recurso, pelo menos dentro de vinte annos. Buenos Aires é uma babel de linguas. Nas ruas, nos « bars », nos restaurantes, nos cafés, nos theatros

Praça de Maio. — Buenos Aires.

nas agencias de vapores, nas estações ferroviarias, ouvem-se, entrecruzando-se, o hespanhol, o francez, o italiano, o inglez, o allemão, o russo, o japonez, o sueco e o arabe. Porque cerca da metade da população é representada pelo elemento cosmopolita.

***

A parte central da metropole platina está cheia de ruas estreitas, como as que os portuguezes construiram no Rio de Janeiro. As calles Rivadavia, Reconquista, Callão, San Martin, Mitre, Esmeralda, etc., são como as nossas do Ouvidor, Gonçalves Dias, Hospicio, Alfandega e parallelas. No Rio o facto se justifica pelo clima quente

A calle Rivadavia atravessa Buenos Aires, de léste a oeste, rumo de Almagro, Caballito, Flores, Floresta e Liniers.

E' um como eixo da capital.

A avenida Alvear constitue o bairro aristocratico. Alli vive a sociedade abastada.

A calle Defensa, longa, rectilinea, é o caminho para o parque Lezama e para a boca do Riachuelo.

Cuyo é a calle das agencias de companhias de vapores, onde se vê uma multidão de pessoas interessadas em saber a chegada e a sahida de taes e taes transatlanticos inglezes, allemães, italianos, para os portos da Europa.

O alargamento das calles da « City » é uma necessidade imprescindivel.

O transito urbano é alli um supplicio. Tramways e peões se confundem num atropello diabolico.

Quem está habituado a beber esta agua admiravel que se bebe no Rio, estranha, em chegando a Buenos Aires, onde tem que se servir da agua, positivamente má, do estuario platino, colhida em frente a Belgrano, a 1 ½ kilometros do litoral. D'alli são as guas conduzidas, por um tunel de seis kilometros, para os grandes depositos da Ricoleta, ao ar livre, e onde são filtradas. Da Ricoleta, as aguas são elevadas, por machinas poderosas, para o formidavel reservatorio da calle Cordoba, a parte mais alta da cidade. Desse reservatorio são ellas distribuidas pelos domicilios.

Apezar da elevação do Palacio das Aguas Correntes, a agua, por falta de nivel, não chega aos ultimos andares dos edificios mais altos da Avenida de Maio.

Palermo, o Bois de Boulogne da capital argentina, é realmente um admiravel passeio. Grandes alamedas, bellos lagos, pontes caprichosas. Mas a vegetação é, geralmente, triste. Falta-lhe o verde perpetuo das arvores do Brazil. Posto que menor, o nosso Parque da Boa Vista, é um logradouro muitissimo superior. Lá, em grande parte, é o artificio. Aqui é a natureza.

Aos domingos a população alegre de Buenos Aires derrama-se pelos arrabaldes mais pittorescos. Toma o ferro-carril Central-Argentino e dirige-se a Olivos, a Martinez, a Santo Izidro, a San Fernando, ou a Tigre, com as suas lindas vivendas, os seus canaes, as suas ilhotas verdejantes, á entrada do estuario.

Ou então toma o ferro-carril de Oeste, e vae a Ramos Mejia, a Moron, ou ainda a San Martin, á margem do ferro-carril do Rosario. São excursões interessantes, mas ficam a uma distancia infinita dos passeios ás montanhas do Rio de Janeiro, ás suas florestas maravilhosas ou aos seus arrabaldes maritimos. Porque a capital do Bra-

zil é talvez a unica cidade do mundo que reune tres coisas que, raramente, se encontram reunidas : o mar, a montanha e a floresta. Só isso bastara para fazer do Rio o paraiso da terra.

Buenos Aires conta um bom numero de praças ajardinadas, como a de Maio, a San Martín, com a estatua equestre do grande general argentino, inaugurada a 13 de julho de 1862; a da Ricoleta, onde ha uma linda gruta, cascatas e arvores de bello porte; a do general Lavalle, onde se vê a estatua pedestre desse guerreiro, sobre alta columna, na qual se destacam os escudos das 14 provincias. A da Liberdade é tambem um interessante logradouro. Alli se ergue a estatua do Dr. Alcina, nome illustre na historia da Republica. O parque Lezama, de que já fallei, situado a direita do Museu Historico, é um dos mais bellos recantos de Buenos Aires. A sua vegetação é triumphante. Muita sombra, bonitos lagos, frescas alamedas, pontes, viaductos, carrousseis e jogos infantis. Alli passei uma hora deliciosa, no silencio daquellas arvores, longe do rumor da « City. »

Durante o tempo em que estive na metropole argentina, ia, invariavelmente, todas as manhãs, á praça San Martin, ao fim da calle Florida. Levava-me áquelle doce refugio da cidade um gozo indefinido do meu espirito.

Ha alli, á sombra de uma vegetação abundante, uma notavel obra de arte, que passa quasi despercebida aos olhos desattentos da maioria dos transeuntes, E' a estatua da Duvida (1). Um homem, ainda joven, tem sobre os joelhos um grande livro aberto. Lê, mas não comprehende o que lê. Ao lado, um velho, numa attitude admiravel, explica ao joven aquillo que não compehendeu. Nunca vi tanta expressão humana, arrancada a um bruto pedaço de marmore. Era um deleite para os meus olhos passar alli as primeiras horas da manhã, contemplando aquella obra de arte, quasi esquecida, entre o arvoredo de um logradouro publico.

***

Buenos Aires tem uma centena de soberbos palacios, como a Casa Rosada (antiga fortaleza que os hespanhoes levantaram para defesa

(1) E' de Henri Cordier, o grande escultor francez que, ha pouco tempo, esteve no Rio de Janeiro, de passagem para o Rio da Prata. Dentre outras creações suas merecem menção a *Salomé* e a *Nymphéa surprehendida*.

do porto), o edificio das Aguas Correntes, o do Congresso, o de *La Prensa*, o da Municipalidade o do Plaza Hotel, o do Magestic Hotel, o do Paris Hotel, o do Hotel Castilla e tantos outros. O Grande Hotel, do largo da Lapa, ou o dos Estrangeiros, não passariam de um hotel de quarta ordem, em confronto com o Magestic ou o Plaza Hotel da capital argentina.

Não ha exagero. Buenos Aires é a cidade dos hoteis e das livrarias, Possue-os, em grande numero. E' o pão do estomago e o do espirito. por toda a parte. A abundancia de livrarias é alli justificada, porque metade da população sabe ler. Como, entre nós, 85 % dos individuos são analphabetos, contamos poucas livrarias. O Rio possue tres de primeira ordem (Garnier, Briguiet e Alves), quatro de segunda e uns tres belchiores.

Ao todo dez casas, onde se vendem livros, isso para uma capital de cerca de um milhão de habitantes! Havemos de convir que é muito analphabetismo.

O nosso publico ledor prefere ás nossas poucas bôas letras qualquer revista de caricatura. E ainda ha quem alimente vaidades litterarias num paiz como o Brazil, onde o coefficiente da ignorancia é uma causa que assombra, e onde um homem de genio, como Ruy Barbosa, pensa e escreve para ser lido e entendido d'aqui a 300 annos!

Como nós outros, a Argentina é uma colonia espiritual da França.

Se a sua civilização economica é ingleza, a civilização intellectual é meramente franceza. E ainda bem, porque deriva de uma das mais cultas nações da terra.

CAPITULO XI

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — O capital e o braço estrangeiros, no Rio da Prata. — A Argentina de hoje. — Fusão de raças. — De 1810 a 1910. — Buenos Aires em 1870. — A immigração para a Argentina e para o Brazil. — Os italianos. — Porque os patricios de Cavour emigram para a America. — Um juizo de Schrader. — Os estrangeiros em Buenos Aires e nas provincias. — Um conceito de Thiebaut. — Uma observação de Taine. — O inglez é o romano de hoje, como o argentino é o inglez da America do Sul. — Contraste entre o progresso economico e a desordem nas cousas politicas. — Effeito do sangue aventureiro dos hespanhoés do seculo XVI. — A falta de garantia do funccionalismo publico. — O clima. — « Facies » geographico. — O Pampa, reino do silencio. — As miragens pampeanas. — Um antigo fundo de mar. — A producção pastoril e agricola. — O assucar de Tucumán e o vinho de Mendoza. — O quebracho. — Intercambio commercial. — Uma sentença de Ferri. — O maior inimigo da agricultura platina. — Um formidavel aguaceiro, após uma secca de 17 mezes.

Depois dos Estados Unidos, nenhum paiz americano tem sabido attrair homens e capitaes estrangeiros, como a Republica Argentina.

Alli, o esforço nacional conjuga-se, de modo admiravel, com o esforço intelligente dos emigrados.

A' margem meridional do Rio da Prata, está-se formando uma das raças mais fortes do mundo

O argentino actual é já o resultado do cruzamento dos descendentes do antigo colono hespanhol com as raças superiores que, no decurso de cem annos, se têm fixado no Rio da Prata.

E' o italiano, é o francez, é o russo, é o polaco, é o inglez, é o allemão, etc., que transfundem o seu sangue no sangue nacional, dando esse typo tenaz, laborioso, emprehendedor que é o argentino do seculo XX.

O que o argentino é, na actualidade, deve-o, em grande parte, á emigração européa.

A grande republica do Prata celebrou, ha tres annos, o primeiro centenario da sua independencia. Não deixará de ser interessante comparar o que era o paiz, em 1810, com o que é elle nos dias de agora. Por occasião da sua independencia, a Argentina contava pouco mais de 500 mil habitantes. Hoje conta cerca de sete milhões. Na mesma época, Buenos Aires tinha 55 mil habitantes. Hoje tem ella uma população de 1.400.000 almas. De onde se conclue que, no correr de um seculo, a população do paiz se multiplicou por 13 e a de Buenos Aires por 25. E' um augmento extraordinario, principalmente se attendermos, como observa o Sr. Annibal Latino (1), que metade desse periodo de tempo foi todo de anarchia politica e de luctas civis que agitaram a alma adolescente daquella nação. Em 1810 os Estados Unidos da America do Norte não contavão mais que sete milhões de habitantes. Cem annos depois tinham 85 milhões. Tornou-se 12 vezes mais populoso.

E' sabido que a immigração européa sempre procurou e procura ainda, de preferencia, os Estados Unidos á Argentina e ao Brazil, porque o transporte, devido á menor distancia, é muito mais barato, e o clima é quasi o mesmo. De todas as jovens nações do mundo, a Argentina é aquella que mais rapidamente tem crescido. Esse crescimento é, por assim dizer, obra de 43 annos. Que será aquelle paiz, ao finalizar o seculo XX? Terá, no minimo, 50 milhões de habitantes. Em 1810 Buenos Aires, segundo o escriptor argentino Vicente Lopez, era uma aldeia, com casas de palha, ruas estreitas, onde o matto crescia. Em 1870 era ainda uma cidade colonial, sem luz, sem agua, sem esgotos, sem calçamento e sem porto.

Hoje é a maior metropole latina da America e um dos maiores centros cosmopolitas do Occidente. Esse progresso notavel, em tão pouco tempo, é o indice mais alto da capacidade da raça pujante que, dia a dia, adquire novo sangue, alli, naquella planicie que se estende entre as aguas do Paraná, o oceano e os contrafortes orientaes da cordilheira dos Andes.

***

Ao proclamar-se a independencia argentina, havia apenas, em Buenos Aires, 4.000 estrangeiros.

(1) *Los factores del progreso de la República Argentina* (1910).

Presentemente, alli vivem cerca de 500.000

O movimento immigratorio para a Argentina póde-se dizer que começou da quéda de Rosas (1852) para cá. De 1857 a 1909, entraram no paiz 3.377.799 immigrantes. Calcula-se em 100.000 os que entraram de 1810 a 1856.

De modo que se tem um total de cerca de 3 ½ milhões de individuos que alli entraram, no decurso de cem annos. Nesse computo, não estão incluidos os passageiros de primeira classe.

Deduzindo daquella cifra de immigrantes os que emigraram (1.807.267), resta um saldo de 1.670.532 estrangeiros que ficaram na Argentina de 1810 a 1909, e que alli trabalham e prosperam.

Vejamos a immigração para o Brazil. Pelos dados estatisticos que se conhecem, de 1820 a 1912 entraram em nosso paiz 3.146.255 immigrantes, sendo :

Italianos	1.309.570
Portuguezes	857.670
Hespanhoes	403.203
Allemães	115.305
Russos	91.710
Austriacos	75.252
Turco-arabes	37.806
Francezes	25.546
Inglezes	20.526
Suissos	10.456
Suecos	5.433
Japonezes	4.746
Belgas	4.488
Diversos	184.444
Total	3.146.155

Como se sabe, a immigração para o Brazil tem augmentado de um anno para outro. De 1907 a 1912. entraram nos differentes portos brazileiros 652.615 immigrantes, assim discriminados :

1907	67.787
1908	94.695
1909	85.410
1910	88.564
1911	135.967
1912	180.182

Nestes ultimos seis annos tem predominado a immigração portugueza. Durante esse periodo entraram, no Brazil :

Portuguezes	248.776
Hespanhoes	123.792
Italianos	114.641
Russos	37.820
Turco-arabes	27.555
Allemães	23.075
Austriacos	18.882
Francezes	6.479
Inglezes	5.327
Japonezes	4.746
Diversos	41.522
Total	652.615

Subtraindo do numero de immigrantes que de 1820 a 1912 entraram no Brazil, o dos emigrantes, conclue-se que em 92 annos ficaram nesta parte da America perto de 2 milhões de estrangeiros.

Ninguem ignora que dos paizes sul-americanos aquelles para os quaes mais se encaminha a immigração européa são a Argentina e o Brazil. Porque as republicas do Pacifico e as mediterraneas do Paraguay e Bolivia, pela distancia a que se acham do velho mundo, desviam as correntes immigratorias para o Atlantico sul.

Os argentinos seguem a maxima de Alberdi, adoptada por Sarmiento : — « Gobernar es poblar ».

De todos os caudaes de immigração que se canalizam para a grande republica platina o mais forte, é como se sabe, o italiano.

Um exercito de 1.876.629 italianos alli tem vivido e vive trabalhando e progredindo.

São os ligures, os piemontezes, exuberantes de vigor physico; são os lombardos, os venezianos, os toscanos, os calabrezes, os sicilianos, todos tenazes e activos, que fecundam o solo argentino.

Toda essa gente labuta nas cidades e nos campos. Vae aos mais remotos rincões do paiz, desde as terras quentes do Chaco ás paragens frigidas da Terra do Fogo.

O italiano é alli, como no Brazil, o melhor colono : economico, sobrio, respeitador. E' conhecida a sua natural aptidão para as industrias agricolas. O colono italiano, no dizer de Mac Donald, é sobrio, robusto, trabalhador e insuperavel, quanto á poupança. E'

bemquisto na Argentina, para onde vae o melhor elemento emigrado da Peninsula. Nos Estados Unidos ha certa prevenção contra os compatriotas de Garibaldi, porque os que para lá se encaminham são, em geral, filiados á Camorra, á Maffia e á Mão Negra. O governo da Italia acaba de prohibir a immigração para o Brazil. E' um erro. O italiano pobre precisa de emigrar. Emigra, ou morre de fome, na propria terra. Porque o seu paiz é um dos paizes mais pobres da Europa.

— « Por infelicidade da Italia (diz Schrader, *Cours complet de Géographie*, 1911) as despezas consideraveis occasionadas por esta politica (refere-se á manutenção de um grande exercito e de uma grande marinha) não são custeadas pelos recursos correspondentes. A agricultura, considerada em seu conjuncto, é de um florescimento mediocre, apezar da fecundidade do solo. Immensos territorios jazem ainda incultos. As industrias, desprovidas da hulha, ficam muito atraz das industrias em outros paizes europeus, não tendo um certo impulso a não ser na Italia do norte e na cidade de Napoles. O commercio, que de 1861 a 1905 se elevou de 1.600 milhões a 3.780 milhões, é ainda fraco para a população da Italia ».

O grande mal de muitos paizes da Europa, como da maioria dos americanos, é terem uma despeza superior á sua receita, despeza motivada pela conservação de grandes exercitos permanentes, eterno sorvedouro da energia das nações. O povo italiano morre, sob a carga de pesados impostos. Ha por toda a Italia uma grande miseria. O italiano não bebe uma gota do vinho que produz. Vende-o. Em varias provincias o camponez, do principio ao fim do anno, não conhece outra alimentação que não seja a « polenta ». Que fazer, deante disso? Emigrar, para os paizes jovens e ricos da America, como os Estados Unidos, a Argentina e o Brazil.

***

O recenseamento feito em Buenos Aires, em 904, revelou alli a existencia de 228.556 italianos. Hoje haverá, provavelmente, uns 300 mil. Innumeros vivem nas provincias, com especialidade nas de Buenos Aires, Santa Fé, Cordoba e Entre Rios. Só na primeira dessas provincias residem 300 mil italianos. Na segunda 200 mil. Dos 80 mil habitantes da cidade de La Plata 20 mil são italianos. Os territorios meridionaes argentinos, como Chubut e Neuquen, estão attraindo o elemento italiano. Na Patagonia o governo começou, ha

pouco, a introduzir a colonização scandinava, pela semelhança de climas.

Suecos e norueguezes entregam-se de boa mente á industria pastoril, naquellas paragens argentinas. Ha uma especie de immigração italiana para a grande republica do Prata, immigração a que se dá o nome de « golondrina ». São os 50 mil trabalhadores que chegam a Buenos Aires, em dezembro, justamente na época da colheita. Trabalham até março, quando findam os labores ruraes. Em principio de abril voltam á Italia, a colherem o que lá plantaram, poucos dias antes de embarcarem para a America do Sul. São os immigrantes de arribação.

Depois da corrente italiana, na Argentina, vem em seguida, a corrente hespanhola.

De 1857 a 1909. alli entraram 865.453 hespanhoes. Essa cifra attingirá um milhão se lhe addicionarem os passageiros de 1.ª classe que nella estão incluidos.

Em 1904, havia, na cidade de Buenos Aires 105.206 hespanhoes. Hoje haverá 120 mil.

Os francezes figuram em terceiro logar. A França ao contrario da Hespanha, emprega capitaes na Argentina. Os francezes alli têm um alto prestigio, advindo da influencia que a intellectualidade franceza exerce sobre a parte culta da sociedade argentina, como de resto em todos os paizes ibero-americanos. No dizer de Adolfo Orma, a França é a segunda patria de todo o homem culto.

Thiebaut, fallando um dia aos argentinos, disse, com muita razão:

— « Vossa constituição é americana, vossos touros são inglezes, os kepis dos vossos soldados são allemães : porém, vossas almas são latinas e vossas intelligencias francezas. »

De 1857 a 1909. entraram na Argentina 191.852 francezes. Incluidos os de 1.ª classe, ter-se-ão 250 mil. Em Buenos Aires vivem, actualmente, 35.000 patricios de Lamartine.

Em seguida os inglezes. Com elles vêm os grandes capitaes empregados na Republica.

Dominam pelo dinheiro. São em pequeno numero, em relação aos italianos.

De 1857 a 1909. entraram na Argentina 44.791 filhos da Gran-Bretanha.

O recenseamento, já citado, de 1895 deu um total de 21.778 inglezes residentes no paiz. Em cada angulo da Argentina, como em cada angulo do mundo, encontra-se um inglez. Em toda Buenos Aires vivem uns 6 mil compatriotas de Kipling.

Os capitaes inglezes, no Rio da Prata, são de ordinario, aplicados em emprezas ferroviarias e tramways electricos.

Calcula-se em 350 milhões sterlinos o capital inglez empregado naquella republica. O intercambio anglo-argentino é estimado em 200 milhões de pesos ouro.

O inglez é o romano do nosso tempo; o argentino o inglez da America do Sul.

Taine, estudando a psychologia dos filhos do Reino-Unido, demonstrou que estes são inimigos das generalizações, dos estudos abstractos, e da metaphysica. Amam, de preferencia, os aspectos praticos e as coisas praticas.

D'ahi a sua preponderancia material no mundo moderno. O argentino é um bom discipulo do inglez, do qual tem assimilado a constancia nos seus propositos e a audacia nos seus emprehendimentos.

Agora os allemães. Chegaram tarde, mas vão ganhando terreno, na esphera do commercio. Até o anno de 1909 haviam entrado na Republica 55 mil allemães. Em Buenos Aires vivem, actualmente, uns 6 mil.

O intercambio germano-argentino cresce de modo espantoso, de um anno para outro.

Em 1909 a Argentina importou 45 milhões de pesos, ouro, de productos da Allemanha. Esta comprou-lhe 41 milhões.

Vêm, por ultimo, os austro-hungaros, os suissos, os belgas, os russos e outros emigrados de menor valia. Os homens que têm a responsabilidade do poder, na Argentina, preferem, dentre todos os immigrantes, aquelles que procedem da Europa do norte. Entre os individuos de um mesmo paiz, elles distinguem. Dentre os hespanhóes dão preferencia aos vascos. Dentre os francezes, os do norte.

Dentre os italianos, os da parte septentrional, como sejam os piemontezes, os lombardos e os ligures. O italiano do norte, affeito á natureza ingrata daquellas paragens, é mais resistente, entrega-se, com mais ardor, ao lavradio das planicies argentinas.

Apezar dessa distincção, aliás natural, os argentinos recebem de braços abertos o colono europeu. Mas um dia chegará em que elles, imitando os Estados Unidos, estabelecerão um limite á immigração, separando o joio do trigo.

A Argentina, com os seus tres milhões de kilometros quadrados e uma população de cerca de sete milhões, é ainda um paiz deserto.

Nos Estados Unidos ha nove habitantes por kilometro quadrado. Na Argentina, apenas dois. Esse paiz, que os hespanhóes descobri-

ram no seculo XVI, colonizaram e povoaram nos seculos XVII e XVIII, e que os argentinos do primeiro decennio do ultimo seculo emanciparam, para a vida politica, esse paiz avança, a passos largos, pela estrada do pregresso, de modo a causar admiração aos espiritos menos observadores. Progride, apezar da sua má politica interna. Esta, na Argentina é muito peior que no Brazil.

Os cargos publicos são disputados pela sociedade dirigente. Não ha eleições. Alli, como aqui, o commerciante, o industrial, o homem de trabalho, valem muito menos que o politico ou o funccionario publico. A burocracia federal é alli uma grande chaga que corróe o corpo robusto do paiz. Ser empregado do governo é o idéal do argentino parasitario. Em cahindo o partido que está no poder, cae com elle o seu exercito de funccionarios. Vem outro exercito. Quando sae um ministro, saem todos os seus auxiliares, desde o continuo até ao chefe de secção.

Não são permanentes como no Brazil, em que a retirada de um dado ministro, em nada modifica a engrenagem burocratica do respectivo ministerio.

Por isso é que affirmei que, entre nós, apezar de todos os abusos, as coisas se passam de um modo melhor que na Republica Argentina, no que diz respeito á politica interna.

Os seus deputados e os seus senadores são indicados por aquelles que têm o poder nas mãos. A's vezes a moralidade administrativa é falha, como na celebre presidencia de Juarez Celman.

A evolução argentina vem da energia da raça, que, pouco a pouco, se fórma, e da intromissão do capital estrangeiro, que, á procura de applicação, emigra para as aguas do Prata.

Lá, como aqui, ha a mania dos *dreadnoughts* e dos grandes exercitos permanentes, como se a guerra, no mundo contemporaneo, não fosse, de facto, uma guerra de conquista economica.

Já é quasi a guerra do presente, e o será do futuro. No Brazil as classes armadas sugam a terça parte das rendas publicas, e o que é o nosso exercito, o que é a nossa marinha, nos desgraçados dias que correm, não o ignora o individuo mais bronco que ainda nasceu neste recanto da America.

***

A riqueza da Argentina é uma consequencia da sua admiravel situação geographica. Ha alli quasi todos os climas da terra.

Desde a provincia de Salta, onde o thermometro centigrado marca, no verão, 45° á sombra, até ás planicies habitadas do territorio de Chubut, onde o mesmo thermometro accusa, no inverno, menos 33°, o paiz offerece ao estrangeiro todas as condições desejaveis de clima. A região do Pampa estende-se entre o rio Salado do norte, o macisso da provincia de Cordoba e o rio Colorado.

Não se vê nessas paragens um só pedaço de granito. E' a planicie nua, apenas alli e aqui balizada pelo ombú, a arvore solitaria que annuncia a proximidade de alguma estancia. Os rincões pampeanos de santa Fé e Buenos Aires estão presentemente transformados em vastos trigaes, em immensos campos de linho e milho. O Pampa, no dizer de um escriptor argentino, é o « reino do silencio », onde a natureza é immovel e taciturna. Dá-se alli um phemoneo semelhante ao da miragem sahariana, nos dias de grandes calores. Apparecem, ao longe, lagos, cidades e florestas, ao encontro dos quaes marcha o viandante, sem que os alcance jamais.

Essa immensa região de planicie, antigo fundo marinho, no conceito dos geologos, é hoje o theatro das grandes industrias pastoris e agricolas que fazem a fortuna da opulenta Republica do Prata. Cada hectare de terreno vale um thesouro, e o seu valor cresce de um anno para outro.

Desses campos ferazes saem, annualmente, só para a Europa, de dois a tres milhões de toneladas de trigo, um milhão de toneladas de linho, dois milhões de toneladas de milho, 300 mil toneladas de carnes congeladas, 200 mil toneladas de lã, 100 mil toneladas de couros de bois e carneiros. Tudo isso vale a somma colossal de dois billiões de francos. Ajuntem-se-lhe mais 160 mil toneladas de assucar da provincia de Tucuman, tres milhões de hectolitros de vinho das provincias de Mendoza e San Luis, e mais 300 mil toneladas de quebracho (páo ferro) e 55 mil toneladas de tanino extraido dessa madeira, e muito empregado, na Europa, no cortume de couros.

E as minas dos Andes? E as nascentes fontes de petroleo? A Argentina é um dos paizes do mundo que mais produzem, em relação ao numero de habitantes. E', relativamente, o maior productor de trigo. A Inglaterra é o paiz que mais compra cereaes argentinos. Em 1909 a Gran-Bretanha comprou á rica Republica do Prata 370 mil toneladas de trigo e 2.500 toneladas de farinha. O Brazil comprou-lhe, no mesmo anno, 234 mil toneladas de trigo e 102 mil de farinha. A Inglaterra é tambem o maior comprador de aveia, linho e milho argentinos. A França, a Allemanha, a Belgica e a Italia, que

vivem, a certos respeitos, sob o regimen proteccionista, taxaram, de modo exorbitante, os cereaes platinos.

A França cobra 7 ½ francos por cada 100 kilogrammos de trigo argentino que entra em seus portos, isto é, 35 % do seu valor. Ferri disse, com muito acerto, que duas grandes forças têm valorizado a Argentina : o capital inglez e o braço italiano.

Um dos maiores, senão o maior inimigo do agricultor argentino são os gafanhotos.

Apparecem de dezembro a fevereiro. Suppõe-se que são originarios do territorio do Chaco.

Surgem, em nuvens colossaes, ás vezes de 30 a 40 kilometros de extensão, com muitos kilometros de frente. E' uma calamidade agricola. Faz-se noite, por onde passa.

Não raro uma mesma nuvem gasta seis horas a desfilar, ininterruptamente, sobre um mesmo ponto da planicie. Onde uma dellas cae, é o aniquilamento completo das culturas.

Depois dos gafanhotos, são as seccas prolongadas.

Quando cheguei a Rosario de Santa Fé, 17 mezes havia que uma gota de agua não molhava aquelles terrenos calcinantes da margem do Paraná.

No segundo dia da minha chegada, caiu um aguaceiro formidavel. Foi um sopro de vida nova, na melancolica cidade argentina. As margens do rio, o céo, as arvores das ruas, os homens e as coisas, tudo parecia bemdizer aquella dadiva das nuvens.

CAPITULO XII

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — A festa do trabalho em Buenos Aires. — Palermo. — A estatua de Garibaldi. — Uma visita ao Jardim Zoologico. — O cemiterio da Ricoleta. — Impressões de uma necropole aristocratica. — Os jazigos dos presidentes Guintana, Avellaneda e Rivadavia. — O mausoleu do grande escriptor argentino José Manoel Estrada. — O tumulo do general Mitre. — Deante do cadaver do grande americano. — O Museu e a Bibliotheca Mitre. — Uma demorada visita a esses dois estabelecimentos. — Documentos da dominação hespanhola. — Um original de Azara. — Um manuscripto de Artigas. — Varias preciosidades historicas. — O primeiro documento impresso na America do Sul. — Mais de duas mil obras sobre o Brazil. — Nos aposentos particulares de Mitre. — No quarto em que falleceu. — Seu leito mortuario. — Tudo como se achava no dia do fallecimento. — No Museu. — Outras raridades. — Uma carta de D. Pedro II. — Notas e commentarios. — Uma excursão a La Plata. — A viação ferrea, na Argentina. — Conforto e rapidez nos transportes. — A acção dos inglezes nas emprezas ferro-viarias. — A intellectualidade argentina. — De Labardén a Leopoldo Lugones.

Buenos Aires, 2 de maio. Hontem, ao saltar em terra, agitava-se a grande metropole platina. Era o dia consagrado á festa universal do trabalho. Musica, bandeiras, vivas, uma multidão ruidosa na Avenida de Maio, na praça do Congresso e na calle Entre Rios.

La Nación e *La Prensa* vêm repletas das descripções das festas promovidas pelo operariado portenho.

Quem chega a Buenos Aires não póde deixar de ir a estes dois logares : o parque de Palermo e o Jardim Zoologico. Em chegando a Palermo, a primeira coisa que os olhos deparam é a grande estatua equestre de Garibaldi, cuja memoria é grata aos povos platinos, pelo papel que o celebre italiano entre elles assumiu, quando foi das campanhas da independencia. Em frente ao monumento, um dos por-

tões de entrada do Jardim Zoologico, que o bom gosto de Sarmiento fez construir em 1874. Pagam-se 10 centavos para visital-o.

Muita concurrencia. O jardim é vastissimo.

E' um deleite para os olhos vêr as lindas vivendas dos animaes, construidas segundo o clima de onde procedem. Uma via ferrea liliputiana segue na direcção das grandes alamedas, atravessando pontes sobre lagos pittorescos. Comecei a minha visita pela secção das aves.

Aqui estão exquisitas pernaltas, garças do Egypto, garças da Europa, garças de Sião, patos e gansos mandarins. Os pombaes, em fórma de decaedro, são interessantissimos, com seus varios andares e suas janellas ogivaes, por onde entram e saem as bellas aves.

Vêem-se ainda : o carpincho, o jaburú, o ganso de Sebastopol, o

Entrada de Palermo. — Buenos Aires.

pellicano, o papagaio nobre, o tordo negro, o melro, tucanos de bico amarelo, corujas, casuares, avestruzes da Patagonia, abutres, aguias, condores, etc. O viveiro das aguias e condores é magestoso. Dentro delle ha rochedos artificiaes, pouso dos grandes volateis. Dentre todos os especimens, um, principalmente, me prendeu a attenção : o pingouin real da Patagonia, na sua attitude solenne, vertical, melancolica. Fica immovel, horas inteiras, voltado para um mesmo ponto. Impressiona pela impassibilidade e indifferença profunda.

Na secção dos quadrupedes : o porco espinho, o jaguar, o leão, o tigre real asiatico, o quati, o veado pardo, a ovelha de cabeça preta e corpo inteiramente branco, antilopes, leopardos, castores, lebres da Patagonia, elephantes, tapires, lobos marinhos, camelos da Africa

e da Asia, veados escossezes (animaes magestosos), zebras, zebroides, bufalo americano, alces, lobos, bufalos da Italia, etc.

O pavilhão dos leões, construcção de estylo Renascimento, é uma fina obra de arte. Occupa uma area de 778 metros quadrados. Os felinos dispõem de jaulas espaçosas. Em outro pavilhão, vêem-se bellissimos tigres de Bengala. O palacio dos ursos é de estylo gothico allemão, com os seus soberbos torreões. O dos elephantes é de estylo indiano, e occupa uma aerea de 700 metros quadrados.

Nelle encontram-se exemplares de elephantes da India. Um pouco além, o pavilhão das girafas. Em cada recanto do jardim uma grande placa com estes dizeres : « Cuidado con los ladrones ». O visitante desprevenido é alli commumente assaltado pelos gatunos.

Naquelle trecho de alameda, está o busto, em marmore, do ex-presidente Sarmiento, o creador do Jardim Zoologico, que é justamente considerado um dos primeiros do mundo, e o primeiro da America, depois do de Nova York.

Pertence á Municipalidade, que o administra. A receita é magnifica. Só no anno de 1907 visitaram-no 1.135.730 pessoas.

Em 1910, o numero de visitantes subiu a 1.435.640. A entrada é gratis aos militares, ás crianças menores de tres annos e ás turmas de collegiaes, em visita de estudos. Entra-se no jardim por quatro grandes portões : o da praça Italia, onde fica o monumento de Garibaldi, o da avenida Alvear, o fronteiro a avenida Sarmiento e o da calle Azevedo.

O nosso jardim zoologico poderia ser construido dentro do Parque da Boa Vista.

Onde está, e como está, é coisa que nos envergonha. Póde-se dizer que não ha jardim zoologico, digno deste nome, no Rio de Janeiro, depois de se ter visto o da capital argentina.

O cemiterio da Ricoleta, em Buenos Aires, é o cemiterio da gente aristocratica.

Visitei-o, á hora vespertina de um dia de maio. Em frente está a praça arborizada que tem o mesmo nome da necropole.

Esta nada mais é que uma pequenina cidade, com as suas ruas calçadas de cimento ou mosaico, suas praças, suas casas de andar terreo, ou de dois e tres andares, seus pequenos palacios, seus interessantes chalets, seus castellos e suas lapides de marmore. Nem um salgueiro, nem uma casuarina, nem um chorão naquella cidade dos mortos! No portão principal do cemiterio vêem-se as datas 1822-1881, creação e reconstrucção respectivas.

Respira-se alli o ar das grandes tristezas humanas. A' esquerda de

uma linda avenida, está o tumulo do ex-presidente da Republica D. Manoel Quintana, que governou de 1904 a 1906. Foi mandado erguer pelo Congresso Nacional. E' de marmore e granito.

Adeante, os jazigos dos ex-presidentes Nicoláo Avellaneda, fallecido em 1885, e de Bernardino Rivadavia, um dos fundadores da nacionalidade argentina. O deste ultimo é homenagem da Sociedade de Beneficencia de Buenos Aires, e traz a data de 1908.

Ao guarda, que gentilmente me acompanhava na visita, pedi me mostrasse o tumulo do notavel historiador argentino José Manoel Estrada, cujas obras principaes eu conhecia, taes como « Historia da Republica Argentina », « Fragmentos historicos, » « O catholicismo e a democracia » e a « Tyrania de Rosas », obras profundas, escriptas em estylo vigoroso e ardente. Lá estava o seu tumulo de marmore. Na base lia-se : — « A la memoria de José Manuel Estrada, los professores del Collegio Nacional de la capital : 1843-1894. » Numa das faces, no alto do monumento, esta inscripção : « A la memoria del eminente ciudadano José Manuel Estrada, el pueblo de San Nicolas de los Arroyos, tierra natal del grande escriptor. »

Muito de proposito deixei por ultimo a visita ao tumulo do general Mitre.

Estava ainda em construcção. E' producto de uma subscripção nacional. O jazigo é subterraneo. Com permissão dos constructores, desci ao fundo delle, onde os meus olhos viram 13 caixões mortuarios, encerrando os 13 membros da familia Mitre, já desapparecidos. Ao centro estava o do grande argentino. Na atmosphera viciada daquelle subterraneo, onde a luz da tarde mal penetrava, parei a contemplar os despojos mortaes de um dos maiores homens da America, grande estadista, grande guerreiro e grande escriptor.

Mitre não é só uma gloria da Argentina : é uma gloria da nossa raça e do nosso continente. Sobre a lapide de seu tumulo lia-se : —« Bartolomé Mitre — 1821-1906 ».

O nome de Mitre está para os argentinos, como o de Rio Branco para os brazileiros.

Lá tudo é Mitre : ruas, praças, hoteis, casas de commercio, collegios, theatros, bibliothecas, museus, etc. A mesma coisa no Brazil, com relação ao nosso immortal diplomata. São nomes que symbolizam duas nacionalidades.

Quando foi da morte de Mitre, o governo argentino comprou á familia a sua rica bibliotheca de 20 mil volumes, e bem assim a casa onde viveu e morreu o grande estadista, e alli organizou o museu e a bibliotheca que têm o seu nome, ambos entregues á visita e

consulta publicas. E' seu director D. Alexandre Rosas, de origem brazileira. D. Alexandre Rosas teve a fineza de acompanhar-me na visita que fiz á bibliotheca e ao museu, que, competentemente, dirige.

Aqui estavam os documentos accumulados pelo general, documentos que abrangem o longo periodo de 1514 a 1810 (dominação hesponhola); documentos sobre a invasão ingleza, no Rio da Prata (1806-1808); originaes do celebre geographo hespanhol D. Felix de Azara (fim do seculo XVIII); documentos da revolução; manuscriptos de Artigas com a data de 1816; outros dos generaes Belgrano e San Martin. Vi um dos primeiros documentos impressos, na America do Sul (1770). E' assignado pelo vice-rei de Buenos Aires, D. Juan José de Vertiz. Num grande armario viam-se os documentos de Rivadavia, um dos fundadores das instituições argentinas e o verdadeiro creador de Buenos Aires.

No gabinete do director, um retrato de Mitre, em tamanho natural. Na bibliotheca do general, que é de 20 mil volumes, havia duas mil e tantas obras sobre o Brazil. Lá estava a *Historia do Brazil*, de Solano Constancio, annotada por Mitre; o *Correio Braziliense*, de Hippolyto da Costa, em quatro volumes; a collecção da revista de nosso Instituto Historico, desde a sua fundação; a *Flora Braziliense*, de Martius, em 29 volumes; o *Archivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro* (muitos volumes); *Annaes do Rio de Janeiro*, de Balthazar da Silva Lisboa, em sete volumes; *Um estadista do imperio*, por Joaquim Nabuco; uma obra sobre o Brazil, escripta pelo principe Maximiliano (1).

A secção americana da bibliotheca é riquissima, com as suas obras sobre os indigenas do continente, sobre o descobrimento e colonização da America hespanhola, sobre as revoluções americanas, etc., etc.

Um mundo de raridades bibliographicas.

Depois de haver percorrido todas as salas de leitura, o digno director conduziu-me aos aposentos particulares do grande argentino.

Começámos pela sala de visitas, onde se via o grande numero de presentes valiosos que Mitre recebeu, quando completou 80 annos de idade. Dentre elles, sobresahia uma placa de bronze, que o exer-

(1) Maximiliano von Wied, que esteve no Brazil en 1815, como naturalista. Foram seus companheiros Freireiss e Geblow. Era general do exercito allemão. Não confundir com o seu homonymo, que foi imperador do Mexico, e que tambem esteve no Brazil, em 1858, tendo sido fusilado em Quaretaro aos 19 de junho de 1867.

cito e a armada de seu paiz lhe offertaram. Adeante, um quadro com toda a familia Mitre (12 pessoas), da qual apenas vivem duas senhoras; um busto em marmore da esposa do general. D'alli passámos á sala de jantar, com a sua longa mesa de madeira, seus guarda-louças, seus *étagères*, seus candelabros, seus tapetes, seus armarios, seus espelhos, e as suas cadeiras de aspecto antigo. Tudo como se achava no dia em que morreu o illustre ex-presidente da Republica Argentina. No seu gabinete de trabalho, lá estava a mesa simples em que escrevia. Um pouco além, o quarto em que falleceu. O leito mortuario é o mesmo, com os seus lençóes e travesseiros modestos. Sobre uma pequena mesa de cabeceira, um castiçal com

Jardim Zoologico. — Buenos Aires.

uma vela, meio gasta, e um livro marcado na pagina até aonde chegara o general. Ao lado, as ultimas obras que consultara. Num aposento contiguo ao quarto de dormir, uma banheira commum. Perto do leito, tres ou quatro cadeiras, e nada mais. Assim morreu Mitre, rodeado da maior simplicidade, tão propria do seu espirito peregrino.

Nada foi mudado naquella casa. Dir-se-hia que a familia sahira a passeio. O governo não consentiu, nem consente, que coisa alguma se altere alli, debaixo daquelle tecto sagrado.

Não sei dizer o meu estado de alma, visitando aquellas reliquias argentinas, cuja conservação tanto honra o amor e o culto que aquelle povo admiravel tem por seus grandes homens.

Como me enchia de orgulho, a mim americano, ver como se vene-

rava um dos maiores filhos da America, e como me entristecia, ao lembrar que existe, neste continente, um povo que desama as suas glorias, que não tem um musêo historico, onde as gerações possam beber com os olhos o exemplo do patriotismo!

***

Desci ao pavimento terreo, onde fica o Museu. Ahi se vêem todos os diplomas scientificos que ao general Mitre foram conferidos por institutos nacionaes e estrangeiros, como o do nosso Instituto Historico, com a data de 1889. Todos em riquissimos quadros. Pendentes das paredes, retratos dos grandes homens da America e da Europa. Um mostruario com obras rarissimas, como a *Historia del Reino de Chile*, por Alonzo de Ovalle, edição de 1648; *Arte de la lengua guarany*, por D. Antonio Roiz, da Companhia de Jesus (1724); *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, por Bernal Diaz del Castillo.

E ainda : copia da carta em que D. Pedro II communicava a Mitre haver-lhe conferido a gran-cruz da Ordem Imperial do Cruzeiro. Essa carta traz a data de 21 de setembro de 1865, e foi escripta na cidade de Uruguayana. E' referendada pelo conselheiro Saraiva. Em outro mostruario viam-se os cadernos de notas de Mitre, alguns objectos de escriptorio, bussolas, joias, carteiras, oculos e outras pequenas coisas de uso pessoal.

Adeante está o seu uniforme de gala. Ao lado, a bandeira da independencia, com a da de 1810.

Na parede, um grande quatro representa a entrevista que teve Lopez com Mitre e Flores. O leitor, que conhece a historia da guerra do Paraguay, deve lembrar-se de que Flores se levantou em meio dessa entrevista.

Outro quadro mostra-nos Mitre em traje de campanha, em 1865. Alli está um kepi baleado do general, na campanha contra Urquiza. Outro quadro ainda representa Mitre depois de morto. Sobre uma pequena mesa, o seu chapéo de feltro e a sua bengala.

Após uma visita de tres longas horas, sahi daquelle santuario com o espirito meio confuso. A emoção dominava-me. Quando ganhei a rua e me vi de novo no meio da multidão que passava pela calle San Martín, tive a impressão de haver acordado de um sonho agitado e profundo.

Mitre está para os argentinos como Napoleão ou Victor Hugo para os francezes, Tolstoï para os russos, Gœthe para os allemães, Shakespeare para os inglezes, Wasinghton para os norte-americanos, Castelar para a Hespanha, Camões para Portugal, Dante para a Italia, Ibsen para a Scandinavia, Guilherme Tell para a Suissa e Rio Branco para o Brazil.

Isso, no ponto de vista da popularidade.

***

Uma excursão a La Plata. A formosa e triste capital da provincia de Buenos Aires fica a 1 ½ hora da capital da Republica.

Toma-se o comboio nas estações urbanas de Constitucion ou Casa Amarilla. E' um bello passeio. O trem atravessa uma serie de pequenas povoações, com os seus campos de trigo, suas estancias e, dentro em pouco, faz a sua entrada em La Plata. E'uma grande cidade, cortada de amplas avenidas e praças vastissimas, cheias de edificios monumentaes, jardins publicos, mas... de pouca vida. Conta apenas 80 mil habitantes. La Plata surgiu de um dia para outro, como, entre nós, a cidade de Bello Horizonte. Em 1880, a provincia de Buenos Aires cedeu ao governo da Republica a cidade do mesmo nome, para a capital do paiz, e cuidou então de construir uma cidade digna para a sua metropole. Foi para isso escolhido o local onde hoje se levanta La Plata, a cerca de oito kilometros do estuario. Um grande canal de 7.700 metros de comprimento liga a referida cidade ás aguas do golphão. Por esse canal sobem até La Plata os maiores transatlanticos. Canaes secundarios, partindo do grande canal, vão ter a varios pontos da cidade. Nelles navegam barcos a vapor e á vela.

De meia em meia hora parte um trem de Buenos Aires para La Plata e vice-versa.

Esta cidade passou a ser a capital de respectiva provincia em 1884. Não tém prosperado, por sua proximidade da capital do paiz, a qual a esmaga com a sua presença.

***

Viação ferrea na Argentina. A Republica conta hoje 30 mil kilometros de linhas ferreas em trafego. Quem abre um mappa daquelle

paiz vizinho, vê que a sua rede ferroviaria se assemelha a uma verdadeira teia de aranhas.

Buenos Aires liga-se actualmente a todas as suas provincias e territorios. O papel civilizador do caminho de ferro é alli notabilissimo.

Regiões que ha poucos annos eram desertas, agora são trilhadas pelo homem, que alli fundou importantes centros agricolas.

O primeiro trecho de 10 kilometros de via ferrea entregue ao trafego publico data, na Argentina, de 1857. Foi na provincia de Buenos Aires que, juntamente com Santa Fé, Cordoba, Santiago del Estero e Entre Rios, conta hoje a maior parte dos caminhos de ferro do paiz.

Dos 10 territorios é o do Pampa que dispõe de maior numero de kilometros ferroviarios. Ha, na Argentina, 30 linhas ferreas, das quaes 27 são exploradas por particulares e tres, apenas, pelo governo federal.

Os trens argentinos são muito confortaveis.

Encontram-se, em todos elles, vagões-restaurantes, e em muitos existem carros Pulmans, como na linha de Buenos Aires a Rosario de Santa Fé.

As estradas do governo são a Andina, a Central do Norte e a Argentina do Norte.

A primeira tem 1m.676 de bitola. As outras duas 1 metro. A Andina tem um desenvolvimento de 482 kilometros; a Central do Norte 1.717; a Argentina do Norte 760 kilometros.

Das linhas particulares, a de maior extensão é a Sul de Buenos Aires, com 4.276 kilometros.

Vem, depois, a Oéste de Buenos Aires, com 1.962 kilometros; a Buenos Aires e Rosario, com 1.879 kilometros; a Buenos Aires ao Pacifico, com 1.683 kilometros; a grande Oéste Argentino, com 803 kilometros; a Bahia Blanca e Noroéste, com 902 kilometros; a Central de Entre Rios, com 888 kilometros; a da Provincia de Santa Fé, com 1.752 kilometros; a Central de Cordoba, com 885 kilometros; e outras de menor extensão.

O custo kilometrico, na Argentina, pouco differe do custo kilometrico entre nós, apezar de lá ser quasi tudo planicie, e aqui, na sua maioria, terrenos accidentados. Isso vem da especulação dos terrenos que as linhas argentinas atravessam. Como no Brazil, os governos central e provinciaes concedem garantias de juros ás emprezas particulares. A' excepção dos Estados Unidos, a Argentina é o paiz americano que possue maior extensão de linhas ferreas.

Vêm, depois, o Brazil, com 25 mil kilometros, e o Mexico, com 17 mil.

Quasi todas as linhas estão nas mãos dos inglezes. Buenos Aires acha-se, actualmente, a 36 horas do oceano Pacifico, pela estrada de ferro da Cordilheira. Pelo estreito de Magalhães, gastam-se 15 dias para ir de Buenos Aires a Valparaiso.

O ponto culminante do transandino argentino fica a 4.600 metros de altitude, sob um tunel de 3.100 metros de extensão, dos quaes 1.700 metros em territorio chileno. E' o tunel de Los Cumbres.

Durante parte do anno, o trafego fica interrompido pela neve dos Andes.

Todos os dias, ás 8 horas e 20 minutos da manhã, parte da estação do Retiro, na capital argentina, um trem para Los Cumbres, de onde parte o transandino chileno, que vae a Santiago e a Valparaiso, á margem do Pacifico.

A estação do Retiro, de onde partem todos os trens de Buenos Aires, é um pardieiro immundissimo. Está abaixo de qualquer das nossas estações suburbanas.

***

Passemos á intellectualidade.

O periodo colonial argentino foi um periodo obscuro, no ponto de vista literario.

Só nos ultimos dias da colonia é que appareceram alli os primeiros vultos intellectuaes do paiz, como Labarden, Casamayor, Vicente Lopez, Priego de Oliver, Eugenio del Portilho, todos membros da Sociedade Patriotica Literaria.

A producção espiritual mais valiosa que saiu desse gremio foi a « Ode ao Paraná » de Labarden, que assim começa :

> — Augusto Paraná, sagrado rio,
> Primogenito illustre del oceano, etc.

Quasi todos exploraram, de preferencia, os assumptos patrioticos. Vicente Lopez escreveu a ode « A batalha de Maipo. »

Dentre os ultimos representantes da escola classica é Juan Varella o mais notavel.

E' elle o autor da tragedia « Dido », considerada obra de merito, e bem assim da ode o « Triumpho de Ituzaingó », em que celebra a

victoria das armas argentinas contra as brazileiras, na celebre batalha que se feriu a 20 de fevereiro de 1827. Varella falleceu em Montevidéo, em 1839. Era irmão de Florencio Varella, politico platino que morreu assassinado pelos sicarios de Rosas, a 20 de março de 1848.

São da mesma época Rivarola e Caetano Rodriguez. Vem, depois o periodo romantico, inaugurado com Esteban Echeverria, poeta lyrico, o visconde de Araguaya da Argentina, pois foi elle alli o introductor do gosto romantico, como Domingos de Magalhães o foi, no Brazil, com os seus famosos « Suspiros poeticos, » publicados em 1836.

Echeverria estreou em 1832 com o poema *Elvira ou la novia del Plata*, onde se lê esta suavissima oitava :

« Creció acaso arbusto tierno
A orillas de un manso río,
Y su ramaje sombrío
Muy ufano se extendió;
Mas el sañudo invierno
Subió el río, cual torrente,
Y en su túmida corriente
El tierno arbusto llevó. »

Do mesmo autor appareceu ainda, em 1834, *Los Consuelos*, livro filiado á escola romantica. Depois vieram *Las Rimas* e o poema *La Cautiva*, tido por sua obra prima. Por ultimo apparece o seu poema *El Angel caido*. Falleceu em 1851.

Claudio Cuenca é tambem da geração de Echeverria. A sua obra poetica corre impressa em tres volumes. Cuenca foi medico militar e tomou parte na batalha de Monte Caseros. Outro romantico é José Marmol.

E' o autor do poema *El Peregrino*.

Juan Maria Gutierrez é considerado o maior poeta classico argentino. Foi elle tambem um prosador notavel. Como critico é collocado ao par de Andrés Bello, o erudito escriptor venezuelano. Gutierrez morreu em 1878.

Olegario Andrade é um poeta social, uma especie de Guerra Junqueiro argentino, porém sem o vôo e a potencia mental do grande portuguez. Era hugoano. E' o autor da *Atlantida* e do *Prometeu*, poemas ambos. Escreveu ainda a *Ode a Paysandú*, onde canta o heroismo das tropas uruguayas contra as brazileiras. Depois vem a geração a que pertencem Adolfo Mitre, Ricardo Gutierrez, Castella-

nos, Martin Coronada e Gervasio Mendez, todos poetas de regular valia. Entre os classicos e os romanticos surge a figura sympathica do grande poeta Carlos Guido Spano, ainda vivo, mas valetudinario. E' elle, como se sabe, um dos maiores lyricos da America do Sul. E' o autor das *Hojas al viento* e dos *Ecos Lejanos*. Outro nome illustre nas letras argentinas é Calixto Oyuella, considerado mestre da fórma literaria, entre os seus pares. E' um grande amigo das antiguidades gregas. E' da sua lavra o *Canto al Arte*, em bellas estrophes. Escreveu ainda os *Estudios Literarios*, obra de critica.

Domingo Martinto é um poeta sentimental de valor. Delle são estes versos :

« Caro pagué mi ingratitud ! Mi frente
A los golpes cedió de los pesares,
Mis fuerzas se extinguieran lentamente,
Y me ardorosa juventud, vencida,
Cual rota barca, en agitados mares,
Sola y sin rumbro, atravesó la vida.

Depois vem o grupo de brilhantes intellectuaes a que pertencem Rafael Obligado, Garcia Merou, Navarro Viola, Leopoldo Diaz, Llanos, Fernandes Palacios, Dominguez Godoy, Miró, Leopoldo Lugones e Larreta.

Lugones é o autor apreciado de varias obras, entre ellas *El Imperio Jesuitico*. Larreta é o autor do bello romance a *Gloria de D. Ramiro*.

Rafael Obligado é pantheista e romantico. Canta de preferencia as bellezas naturaes argentinas. A sua poesia tem uma accentuada côr local. Para beber inspiração, não transpõe as fronteiras de seu paiz, como fazem uns tantos poetas brazileiros, que deixam de cantar as nossas florestas, os nossos rios, as nossas cachoeiras e os episosodios mais interessantes da nossa historia, para cantar coisas da idade media e paizagens orientaes que nunca viram. Obligado é um bom discipulo de Campoamor, de Nuñez de Arce, de Zorrilla e de Velarde. E' elle o autor das *Nuevas poesias* (1881) e das *Varias Poesias* (1882).

Garcia Merou é um nome sympathico aos brazileiros, porque vulgarizou a nossa literatura no Prata, com o seu livro *Brazil mental*.

Leolpoldo Lugones escriptor erudito, dá-se á extravagancia de ser decadente, como poeta. O seu decadismo está claro nas *Montañas del oro*, poema á Verlaine. Houve, na Argentina, um grupo de poetas que entenderam crear um especie de poesia nacional, a que deram o qualificativo de « gauchesca ». Cantaram elles os costumes

e as façanhas dos antigos gaúchos, raça inteiramente desapparecida, naquelle paiz. Dentre esses poetas citarei Hilario Ascasubi, José Hernandez e Estanisláo del Campo.

O naturalismo de Zola exerceu sua influencia, á margem do Prata.

Antonio Argerich e Eugenio Cambacéres são romancistas da escola do autor da *Fecundidade*. De Argerich é o romance *Inocentes ó culpados* (1885).

Cambacéres é autor da *Silbidos de un vago*. A Argentina tem tido oradores sagrados e profanos de accentuado valor.

No tempo da revolução. contava um frei Caetano Rodriguez e um frei Justo de Santa Maria, dentre os primeiros.

Dentre os segundos, Mariano Moreno, Bernardo Monteagudo e Bernardino Rivadavia. E, no decurso da primeira metade do seculo passado, Dalmacio Velez, Nicoláo Avellaneda, que foi presidente da Republica; José Manoel Estrada, escriptor eminente; Pedro Goyena e Aristóbulo del Valle, todos mais ou menos notaveis.

Dentre os historiadores : Bartolomeu Mitre, Sarmiento, Alberdi, Vicente Lopez, Gonzalez, Quesada, Védia, Estrada, Felipe Martinez e Paul Groussac, francez, ha longo annos residente na Argentina, e com cuja vida social e intellectual se identificou, de ha muito, sendo hoje autor de varias obras acerca dos homens e das coisas daquelle paiz.

A literatura argentina, bem que valiosa, é de menor vulto que a nossa.

Os seus poetas jamais chegaram á altura de Gonçalves Dias, de Varella, de Luiz Delfino ou de Raymundo Correia.

Os seus escriptores ficam aquem de vultos como Alencar, Machado de Assis ou Euclydes da Cunha, para só fallar dos que já morreram.

Por serem os argentinos um povo mais pratico que o brazileiro, são, por isso mesmo, menos literatos que nós. De que serve ser, como dizem, a literatura brazileira a primeira, talvez, de todo o continente, se os nossos grandes problemas economicos ahi estão á espera de quem os resolva?

No mundo moderno, os povos não valem apenas o que valem as suas literaturas. Ha outros factores, igualmente notaveis, que os impoem á consideração mundial. Que digam os Estados Unidos e a poderosa Allemanha, se o seu proclamado prestigio na politica do mundo, depende mais das suas industrias mecanicas e do seu poderio militar, do que dos seus pensadores, poetas e philosophos.

CAPITULO XIII

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Uma grande vergonha para o Brazil. — Embargo judicial do *Saturno*, no porto de Buenos Aires. — Os theatros. — Chegada de Mascagni. — A vida nocturna. — Os tramways electricos. — No Museu Nacional de Bellas Artes. — A estatua de Velasquez. — Um Appollo de bronze. — Esculptura catholica. — A estatua de Minerva. — Exemplares de arte grega e romana. — Esculptura medieval. — Um director que, amavelmente, serve de ciceroni. — A sala dos esculptores estrangeiros. — Esculptores nacionaes. — Nos salões de pintura. — Um quadro de Gustavo Doré. — Pintores brazileiros no Museu de Buenos Aires. — Uma cadeira que pertenceu a Carlos V. — Pintores argentinos. — Pintores estrangeiros. — Um quadro de Pueyrredon. — Um quadro authentico de Murillo. — Outros quadros. — Uma triste noticia do Rio de Janeiro. — Na Central Pacifico. — No consulado geral do Brazil. — Obras de Mitre. — No palacio de La Prensa. — Uma visita ao Museu Historico. — Um mundo de raridades. — A espada de Brown. — O cinturão de Bolivar. — Um guarda do Museu que implica com a minha myopia. — Os quadros de Rosas. — Um que representa a batalha de Monte Caseros. — Onde está o Museu Historico do Brazil?

Buenos Aires, 4 de maio. Uma triste e vergonhosa noticia corre de popa á prôa, todo o *Saturno*. O navio está embargado, por ordem judicial. A's 10 horas da manhã, chegou a bordo um official de justiça, encarregado da respectiva diligencia. O embargo do vapor é porque o Lloyd Brazileiro tem dividas avultadas com a casa que, na capital argentina, lhe fornece carvão.

Estamos de viagem interrompida. Que vergonha! bradam os passageiros, nossos patricios, que, acabrunhados, assistem á detenção, no porto de Buenos Aires, de um navio que traz fluctuando nos seus mastros o auri-verde pavilhão do Brazil. Tudo pela anarchia reinante na administração do Lloyd, que nada mais é que uma synthese admiravel da administração brazileira.

Cada dia que se passa mais me convenço de que somos um dos povos mais negligentes da terra. Nascemos para ser administrados, e não para administrar. Só os espiritos que não observam os homens e as coisas do Brazil é que supporão que somos a primeira nação do mundo.

Creio no futuro deste grande pedaço da America, mas num futuro remoto ainda.

O passado e o presente da nossa raça são por demais desanimadores. E' veso, entre nós, elogiar ou perdoar o erro, afim de passar por « bom moço », ou agradar a pessoas vaidosas e inconscientes dos seus proprios defeitos.

O credor do nosso desventurado Lloyd é a casa ingleza Wilson, fornecedora de combustivel a quasi todos os navios que navegam em aguas do Prata. O consulado brazileiro telegraphou para o Rio. Esperam-se providencias.

Dia 5. Choveu toda a noite. Em chovendo, Buenos Aires fica peior que o Rio. Lama por toda a parte. As ruas são verdadeiros lagos. Não se encontra um só automovel ou coche de praça. O serviço de bonds torna-se anarchizado.

Dentre os 28 theatros da capital argentina estão funcionando, diariamente, o Colon, a Opera, o San Martin, a Comedia, o Buenos Aires, o Mayo, o Argentino, o Apollo, o Marconi, o Nacional e o Variedades.

Hontem chegou Mascagni. Teve uma estrondosa recepção. O povo rodeava a sua carruagem, na Avenida de Maio, dando vivas ao autor da *Cavallaria Rusticana*. Os 24 cinematographos vivem repletos.

Ha muita vida nocturna em Buenos Aires. A do Rio, porém, é muito mais intensa.

Vindo de Mercedes, aqui chegou, hontem, o 4.º regimento de cavallaria, após uma marcha de 750 kilometros. Saiu de Mercedes a 15 do mez passado, com 288 conscriptos e 340 cavallos. A marcha foi feita em 12 etapas.

O serviço de *tramways* electricos, em Buenos Aires, está a cargo da Companhia Anglo-Argentina. Os carros são lateralmente fechados. Entra-se nelles pela parte posterior.

Tal como nos nossos vagões da Central, ha assentos estofados para cada duas pessoas, e um longo corredor central, por onde transitam, além dos passageiros, o conductor e o fiscal. Os carros são numerados, em vez de trazeram os nomes dos arrabaldes a que se destinam. O nosso serviço de viação urbana está muito aquem do de Buenos Aires.

Continuamos embargados. O agente do Lloyd quer comprar carvão, afim de o *Saturno* proseguir viagem até ao porto de Rosario de Santa-Fé, mas não acha quem lh'o venda, sem que, primeiramente, seja paga a divida da casa Wilson.

Os negociantes de carvão estão solidarios contra o Lloyd Brazlieiro. Augmenta, de hora em hora, a nossa vergonha em um paiz estranho.

***

Por uma linda manhã de céo azul e sol radioso, em companhia de um collega e amigo, fui visitar o Museu Nacional de Bellas Artes.

O edificio é soberbo. Ergue-se no centro de uma grande area ajardinada. Logo, ao transpôr o portão do jardim, os meus olhos deparam com a estatua pedestre, em bronze, do grande Velasquez. O socco do monumento é um bloco de marmore com bellas ornamentações. Em cada face do mesmo bloco vêem-se, em baixo relevo, os principaes quadros do celebre pintor hespanhol. O monumento veiu de Hespanha, por acquisição da municipalidade.

Estamos no pavimento terreo do museu. Aqui vemos a imagem da Dôr, um bronze bellissimo; estatuas e bustos em gesso, bacchantes, jarrões bysantinos, a cabeça de um gigante do Olympo e um Apollo de bronze.

Alli trabalhos de esculptura catholica, de origem jesuitica, alguns procedentes do territorio das Missões; objectos de ceramica indegena, apparelhos de marmore, a estatua de Minerva, esculpturas anteriores a Phydias, vasos gregos e romanos, outros da idade media. Estamos, o meu companheiro e eu, deante daquellas obras do genio humano, quando se approxima de nós um cavalheiro de aspecto distincto, que se nos offerece para acompanhar-nos na visita áquelle estabelecimento, que tanto honra a cultura argentina. Aceitamos e agradecemos o offerecimento. Já haviamos percorrido quasi todo o edificio, quando me lembrou perguntar ao amavel cavalheiro, homem instruido, se era elle funccionario do museu.

— Soy el director, disse-nos, sorrindo.

Então lhe dissemos a nossa qualidade de officiaes do exercito brazileiro.

Um alto funccionario de Estado, servindo, espontaneamente, de ciceroni a visitantes anonymos! Onde é que, no Brazil, um director de alta repartição publica desceria do pedestal da sua importan-

cia, para fazer o que fez o director argentino? Mandaria o ultimo servente, por muito favor. O argentino tem todo o interesse em mostrar ao estrangeiro o que possue de melhor. Nós só lhe mostramos o que temos de pessimo. Será exagero?

Fechado este parentheses, continuemos a nossa visita. Nesta sala estão trabalhos de esculptura italiana, allemã e franceza. Varias copias de muitas originaes.

Aqui está o busto do ex-presidente Falliéres, obra de Rodin. Um trabalho de Dresco, esculptor argentino, representa a Dôr.

Um de Corrêa Morales, tambem nacional.

Em outro salão vê-se a preciosa collecção de quadros que o Sr. Parmenio Pinero legou ao museu.

Estamos agora nos salões de pintura. Naquella parede, vejo uma bella paisagem dos Pyrineus, de Gustavo Doré.

E' admiravel. Representa uma tarde sobre a montanha. O meu

Belgrano. — Buenos Aires.

amor proprio nacional estava satisfeito. Acabava de vêr alli, entre tantas celebridades estrangeiras, quadros do nosso patricio Aurelio de Figueiredo.

Dentre elles achava-se : « Um Idyllio ».

O director conduziu-nos ao primeiro andar. Quadros riquissimos por toda a parte, collecções de medalhas rarissimas; uma cadeira que pertenceu ao imperador Carlos V, esculpturas em cera e em marfim. Depois, passamos ao salão de pintura internacional. Alli, se viam trabalhos de autores hespanhoes, francezes, suecos, allemães, hollandezes, italianos e brazileiros. Lá estava *Uma paizagem lunar*, do nosso compatriota Raul Mendes.

Adeante o salão argentino. Dentre os trabalhos que vi neste salão, destacava-se, pela belleza, um de Pueyrredon, filho do illustre general da independencia.

Dentre os quadros da galeria internacional avultava um admiravel trabalho : *Um posto de pescadores na Suecia.*

Ao lado, paizagens do Canadá e dos Estados Unidos. Noutra sala, vimos um quadro representando o juramento da bandeira argentina. E' de Collivadino.

E' extraordinario de belleza e de luz.

No salão nacional, lembra-me ter visto ainda o retrato da senhorita Manuela Rosas, filha do tyranno Rosas. E' de Pueyrredon. *O Salto de Iguassú* (lado argentino) é um bello quadro. E' de Ballormi. *Uma paizagem do Pampa*, de Sivori. Um soberbo quadro representa o naufragio do *Jeanetti*, no polo norte. Depois, a sala das pinturas flamengas. Vêem-se scenas dramaticas, religiosas e profanas. Um quadro authentico de Murillo, representa uma bella cabeça de homem.

Naquelle vasto salão, onde a luz do sol entrava com fartura, viam-se :

El niño Jesus, de Martinez Montañez (hespanhol), 1649; a *Farniente*, de Albert Fourié (francez, contemporaneo); *Las Bañantes*, de Hervri Baudut; *Paseo en el bosque*, de Leandro Garrido; *Paisaje de invierno*, de Henirich Schweickhardt (allemão, 1746-1797); *Natureza morta*, de Cadell (escossez); *Familia de gitanos*, de Gonçalo Blibao (hespanhol); *La tierra y la luna*, de Augusto Rodin; un auto-retrato de Rambrandt (hollandez), 1606-1669; *Mater dolorosa*, de Germain Pilon (francez), 1535-1590. Este bello quadro pertenceu ao Louvre.

Teria eu que escrever um livro para dar uma idéa do Museu de Bellas Artes de Buenos Aires. Depois de uma visita, de quatro longas horas, demos os nossos agradecimentos, que aqui tenho opportunidade de reiterar, ao Dr. Carlos Zuberbühler, o competente e illustrado director do Museu.

***

Dia 6. Os jornaes da manhã, de hoje, trazem telegrammas do Rio de Janeiro, noticiando a absolvição do celebre assassino do immortal Euclydes da Cunha, o escriptor brazileiro, que foi grande até no seu desfortunio.

Não descreverei a minha indignação. A quanto ha descido o Brazil, paiz que, quando não premeia, absolve os maiores facinoras!

La Prensa, de hoje, transcreve um interessante artigo do jornal mexicano *El Progresso Latino*. Nesse artigo, o seu autor, patricio de Porphyrio Diaz, põe a nu varios defeitos que notou na capital argentina, principalmente a falta de hygiene que se observa na faixa marginal das obras do porto e no bairro do Retiro. *La Prensa*, secunda-o, na censura, e chama para o caso a attenção dos publicos poderes.

Pela manhã, o *Saturno*, foi intimado a deixar o cáes fronteiro á alfandega. Atracou junto ao costado do vapor uruguayo *Parahyba*, dentro da mesma darsena do norte. O vapor *Brazil*, acha-se em Rosario, á espera do *Saturno*. Não vêm até aqui, por não ter carvão. Desgraçado Lloyd Brazileiro! os teus navios são pedaços ambulantes da alma do meu proprio paiz.

Fóra do porto estão cerca de trinta vapores, que não entram por falta de espaço nas docas para atracação.

Venho do escriptorio da Estrada de Ferro do Pacifico, aonde fui saber do preço de uma passagem de 1.ª classe de Buenos Aires a Valpairaso. Custa 164 pesos e 60 centavos, ida sómente. Já sabe o leitor que o peso argentino está valendo 1$300 brazileiros.

O escriptorio da companhia é um dos mais bellos palacios da capital.

Alli se distribuem, gratuitamente, mappas geraes da viação ferrea da Argentina e paizes limitrophes. Tirei o dia de hoje para visitar o nosso consul, na grande Republica convizinha, o Dr. Alberto Conrado, um cavalheiro de finissimo trato. O consulado geral do Brazil, na calle Florida, é um como prolongamento do nosso paiz. Desde o consul ao ultimo funccionario são todos muito gentis para com os brazileiros que aportam á rumorosa metropole platina. O Dr. Conrado, sobre ser um distincto funccionario consular, é tambem um operoso escriptor.

La Nación está publicando, em volumes, a obra manuscripta de Mitre.

Comprei os seis volumes da *Guerra com o Paraguay* e os 11 sobre Belgrano e San Martin. Um peso, por cada volume encadernado. E' de graça. A *Bibliotheca de La Nación*, onde se encontram á venda essas obras, fica na calle San Martin 333, em frente á redacção do grande diario platino. As obras de Mitre, que orçam por 25 volumes, estão sendo editadas em Barcelona, que, dizem, é em toda a Europa o logar onde o trabalho de impressão é mais barato.

La Prensa. As visitas publicas ao edificio do maior jornal sul-americano, são ás quintas-feiras. Percorri-o do primeiro ao ultimo andar. As salas de redacção, os vastos salões de banquetes, os aposentos de hospedagem, as officinas, as salas de revisão, a sala dos reporters, tudo é alli admiravelmente arranjado. Faz honra ao jornal, que tem uma tiragem de cerca de cem mil exemplares por dia, com succursaes na Europa. A vida nos hoteis de Buenos Aires é um pouco cara. As pensões, em casa de familia, são muito mais baratas. Pagam-se de 50 a 60 pesos para almoçar e jantar.

Como se sabe, a guarda do palacio da presidencia é dada pelos granadeiros de San Martin, em uniformes espalhafatosos, da época do grande general. Uma coisa curiosa : em frente ao portão de entrada do palacio do governo, vêem-se duas sentinellas, que mais parecem duas estatuas, pela sua immobilidade.

Uma fica olhando para a outra, a dez passos de distancia. Ambas sem carabinas.

A casa Wilson resolveu fornecer ao *Saturno* 170 toneladas de carvão, com a condição de ir a Rosario deixar os passageiros que se destinam a Matto Grosso, e tornar immediatamente a Buenos Aires, onde continuará embargado.

***

Dia 7. Aproveitei a vespera da partida, para visitar o Museu Historico da capital argentina. Fica ao lado do Parque Lesama, perto da calle Brazil.

No pavimento terreo vejo, em amplos mostruarios, com dizeres em laminas de bronze, os uniformes do general Manoel Pinto, a casaca do almirante chileno Jorge Santiago Bynon, os riquissimos uniformes do general Urquiza, um dos vencedores de Monte Caseros.

Naquelle mostruario, viam-se o tinteiro de uso de Mariano Moreno, cuja estatua se ergue na praça do Congresso, e que foi um dos proceres da independencia; o apparelho de louça de San Martin, placas commemorativas, o relogio do mesmo general, o de Mitre e o de almirante peruano Miguel Gráu, o cinturão que trazia Simão Bolivar, na occasião da batalha de Bonbona (1822).

Em outro mostruario vêem-se : um osso de mastodonte, achado nas escavações do porto de Buenos Aires, em 1891 e um aerolitho

encontrado no Chaco. Mais adeante os uniformes dos generaes Lucio Mansilha e Las Heras.

Naquelle angulo da sala, uma cadeira que figurou no Congresso de Tucumán, em 1816. Lá estão o uniforme e a espada do celebre almirante escossez Guilherme Brown, que, na batalha de Juncal, em 10 de fevereiro de 1827, derrotou a esquadra brazileira, ao mando do almirante Lobo.

Brown achava-se ao serviço da Argentina, como já o houvera estado, em relação ao Chile, nas campanhas da independencia.

Pendiam das paredes, no salão contiguo, innumeros quadros, representando as batalhas em que a Argentina tem tomado parte, antes e depois da sua emancipação politica. Em baixo, o mobilario e os quadros que pertenceram ao general San Martin, espadas deformadas, em varias campanhas, com os nomes de seus possuidores.

Sobre aquella mesa uma machina infernal, enviada a Rosas, em 1839.

Estava eu muito attento a inspeccionar todas essas reliquias com os meus olhos de myope, quando se approximou de mim um veterano das guerras argentinas, com o peito coberto de medalhas. Todos os guardas do museu são sobreviventes das campanhas nacionaes.

O homem implicou commigo, fazendo-me vêr que eu não podia approximar o rosto dos mostruarios. Fiz-lhe sciente da minha accentuada myopia. Nada!

Para evitar discussões, procurei o director do estabelecimento, que fez retirar dos salões o velho e implicante guerreiro e designou um dos funccionarios da sua secretaria para acompanhar-me e fornecer-me todas as informações que eu julgasse mistér.

Agradecido pela extrema gentileza do director, continuei a minha visita.

Nesta sala, vejo um grande quadro, representando um encontro de San Martin, com Belgrano, em 1814.

Ao pé daquellas janellas, em diversos mostruarios, deparo com uniformes que pertenceram aos generaes Henrique Martinez e Rufino Guido; a casaca do illustre diplomata argentino D. Manoel Moreno, o uniforme do vice-almirante Mariano Cordero, as dragonas e as esporas que foram do general Lavalle, a pasta de campanha do mesmo general, a banda militar do general peruano Guilherme Miller, a espada do general Leopoldo Nelson, os uniformes dos generaes Miguel Molina, Miguel Soler e Thomaz Iriarte. Naquella sala fron-

teira. os quadros que pertenceram ao tyranno Rosas, um grande retrato de Sarmiento, outro de San Martin, outro de Belgrano, outro de Avellaneda, quando presidente, em 1876.

Um grande quadro representando a batalha de Catamarca (1841). Ao lado a bandeira que conduziu o exercito argentino, ao mando de Rosas, na batalha de 1833.

Outro enorme quadro lembra a batalha de Monte Grande, ferida a 19 de setembro de 1841; um retrato de Oribe, ex-presidente do Uruguay, outro de Frutuoso Rivera, que foi o primeiro presidente do Estado Oriental. Um quadro bellissimo representa a famosa batalha de Monte Caseros, que teve logar a 3 de fevereiro de 1852, e á cuja frente se vê, a cavallo, a bella figura de Urquiza. Como se sabe, foi o conde de Porto Alegre quem decidiu da sorte desta memoravel batalha, que deu por terra com a tyrannia de Rosas.

Defronte, os retratos de Sucre (1825) e de Bolivar (1823). Um quadro representa a casa em que nasceu San Martin, em Japeyú, provincia de Corrientes; outro o assassinato do general Urquiza, em Jatay, a 17 de agosto em 1865; outro o acampamento argentino, em frente a Uruguayana (14 de setembro de 65).

Este a passagem do primeiro corpo de exercito argentino por Corrientes; aquelle a travessia do rio Santa Lucia, em 21 de novembro de 1866; aquelle outro a batalha de Tuyuty (24 de maio de 66); outros ainda o hospital do exercito em Paso de la Patria, o acampamento á margem do S. Lourenço, a chegada do exercito a Itapirú e a surpresa aos exercitos alliados, em Estero Bellaco (2 de maio de 66).

Estava satisfeito. Havia eu visto o que nunca vira, no meu descuidado paiz : um museu, que é um compendio aberto de historia patria.

Os argentinos, como povo que tem sentimento civico, são ciosos das suas glorias passadas e presentes, com especialidade das militares. O Brazil não tem um museu historico. Onde estão os uniformes de Ozorio, de Porto Alegre, de Andrade Neves, de Deodoro e de Floriano?

Onde estão as casacas de Inhaúma, de Saldanha, de Custodio, de Tamandaré e de Barroso? Onde estão as suas espadas gloriosas? Em que logar param as nossas reliquias nacionaes?

A « Batalha de Campo Grande », a obra admiravel de Pedro Americo, diariamente os meus olhos a viam, abandonada, coberta de teias de aranha, no gabinete de Physica, na antiga Escola Militar da Praia Vermelha.

Tudo o que é nosso é assim.

Como é doloroso a um brazileiro que ama o Brazil, comparar o que viu na Argentina com o que vê aqui, neste grande pedaço do Novo Mundo!

CAPITULO XIV

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — A partida de Buenos Aires. — Em pleno estuario. — No canal do Inferno. — Em frente á ilha de Martin Garcia. — O balizamento do rio Paraná. — Em Rosario de Santa Fé. — O vapor « Brazil ». — Protesto dos passageiros. — O Lloyd abusa da paciencia dos seus contribuintes. — O embargo do « Coxipó » em Assumpção. — A cidade de Rosario. — O seu porto. — Ruas e praças. — O mercado publico. — Imprensa diaria. — Os trens de Rosario a Cordoba. — Um vapor sem viveres. — Navios brazileiros que viajam com bandeiras argentina e uruguaya. — Uma noite de luar no baixo Paraná. — Psychologia dos passageiros. — O pessoal de bordo. — O vice-consul do Brazil, intimado, por ser fiador do Lloyd. — Resurreição de uma polynevrite. — No vice-consulado. — Regresso a Buenos Aires. — No consulado geral e na legação brazileira. — Um telegramma ao barão do Rio Branco. — As festas de Maio. — A grande parada em Palermo. — Um dia de cerração, á margem do Prata. — A bordo do « Mercedes ». — O frac e o guarda-chuva nas republicas platinas. — Um joven boliviano. — O principio da autoridade entre os argentinos, e o excesso de liberdade entre os brazileiros.

O *Saturno* tomou carvão, durante toda a noite. São 7 da manhã. O vapor levanta ferro. Vamos deixar o porto de Buenos Aires, com destino a Rosario de Santa Fé, onde o vapor *Brazil* nos espera, afim de receber passageiros que se destinam a Matto Grosso. O relogio de bordo acaba de bater 10 horas. A sineta dá o primeiro signal do almoço. Ao longe avista-se a cidade de Colonia, na costa uruguaya.

Meia hora depois, e estamos em frente á interessante cidade, que se derrama na planicie.

Com bom tempo, e com auxilio de um bom binoculo, vê-se de Buenos Aires o littoral da republica vizinha (50 kilometros, em distancia geodesica).

A' direita as terras baixas da margem esquerda do Prata. De

quando em quando, a quebrar a monotonia da planicie, apparecem alguns tufos de arvores longinquas, indicios de alguma estancia proxima, com as suas casas caiadas de branco. A's vezes uma cochilla ondula num rincão afastado. Não raro é uma arvore solitaria, á semelhança de sentinella perdida, naquelles terrenos quaternarios.

Navega-se no canal balizado. Estamos em frente á boia que marca K.72, a partir de Buenos Aires. Temos á vista a famosa ilha de Martin Garcia, na juncção dos rios Paraná e Uruguay. Entre essa ilha e o continente encontra-se o canal do Inferno, de passagem má. Ha alli um trabalho constante de dragagem.

Martin Garcia, á primeira vista, parece ser uma ilha de formação sedimentaria.

Creio, porém, ser ella de origem continental, pela sua natureza geologica. E' provavel que seja um trecho do continente, do lado oriental, que as aguas do Uruguay destacaram.

E' o caso de Marajó, em relação ao Amazonas. E'a chave de dois grandes rios. A sua importancia militar é indiscutivel. Tem uma população de cerca de 500 habitantes. Vêem-se alli um pharol, uma capella, um cemiterio, um caes de madeira e alguns moinhos que giram impellidos pelos ventos do Prata. E' uma praça forte, hoje desartilhada, em virtude de accordo diplomatico, entre os governos argentino e uruguayo. Actualmente serve de lazareto aos navios suspeitos que demandam o porto de Buenos-Aires.

O serviço de dragagem do rio da Prata e do Paraná, até á cidade de Corrientes, é feito exclusivamente pelo governo argentino, quando o devera ser por todas as nações que têm interesses commerciaes nas tres republicas daquella grande bacia hydrographica.

Da ilha de Martin Garcia vê-se o littoral argentino, baixo e pantanoso. A referida ilha fica no k. 100.

São 2 horas da tarde. Deixámos o estuario do Prata. Estamos no rio Paraná.

O *Saturno* parou, á meia-noite, afim de dar descanso ao pratico. A's 6 da manhã do dia seguinte continuámos a viagem. A temperatura baixou, consideravelmente, pela madrugada. Do tombadilho vê-se, marginando o rio, o expresso de Rosario a Buenos Aires.

São 9 ½ da manhã. Temos, á vista, a cidade de S. Nicolas, no k. 352 (boia illuminativa). S. Nicolas pertence á Provincia de Buenos Aires. A's 10 ½ em frente á Concepcion.

São 2 da tarde. Estamos no porto de Rosario de Santa Fé. Atracamos ao cáes, onde ha muitos dias se acha encostado o vapor *Bra-*

zil, pequenino, sujo, inconfortavel. Peior que o *Ajuricaba*, o memoravel *gaiola* em que eu houvera feito a penosa viagem de Manáos ao Acre. Os passageiros protestam. Os camarotes do *Brazil* são uns cubiculos immundos, situados no proprio salão de jantar.

Mas, apezar dos repetidos protestos, effectuou-se o transbordo, porque o *Saturno* tinha que, na manhã seguinte, regressar a Buenos Aires, onde continuaria embargado pela casa Wilson.

Acha-se no porto o pavor *Mercedes*, do Lloyd. E' da linha de Matto Grosso a Montevidéo, e o melhor dessa mesma linha. Vem do Paraguay, onde recebeu passageiros que, em Corumbá, embarcaram no *Coxipó*. Segue hoje mesmo para a capital uruguaya.

10 de maio. Dia claro. Muito frio esta noite. O *Brazil*, onde todos nos achamos, é o que se póde desejar de detestavel. Não tem o menor requisito de hygiene. Cada camarote, com quatro metros cubicos de capacidade, destina-se a quatro pessoas. Não dispõe de escarradeiras nem de urinóes.

Um cheiro nauseabundo levanta-se de cada angulo do *gaiola*. E' positivamente uma vergonha, um insulto á civilização brazileira o manter um vapor, em semelhantes condições, na linha de Matto Grosso, terra longinqua e de clima quente, e aonde se não chega sem passar por tres paizes estrangeiros. Em viagens taes, o conforto devera compensar o enfado da distancia. E' justamente o contrario o que acontece. Soube-se aqui que o vapor *Coxipó* se acha embargado em Assumpção, por não ter o dinheiro necessario para pagar os concertos que alli soffreu. Vergonha sobre vergonha ! Poderá haver maior desmoralização para uma empreza de navegação brazileira?

O *Saturno*, ao chegar hontem á tarde ao porto no Rosario, foi intimado pela policia a regressar, sem demora, a Buenos Aires por ordem telegraphica da justiça argentina. A'vista do máo estado do *Brazil*, houve a bordo entre os passageiros vindos do Rio, uma recusa pacifica de continuar a viagem até Corumbá, no alludido vapor. A idéa caiu, por via da falta de resistencia de algumas almas fracas. E' sempre assim. Nascemos para carneiros. Se houvesse um protesto formal, coheso, unanime, o desventurado Lloyd não abusaria da nossa paciencia. E' que os seus directores, como os nossos politicos, conhecem de sobra a alma brazileira, e sabem muito bem o quanto é ella resignada e até pusilanime.

O *Brazil*, antes de haver vindo para a linha de Matto Grosso, servira na linha do Rio Grande a Jaguarão.

Um vaporzinho da Lagôa Mirim, na carreira do Rio da Prata, é o attestado maior da nossa incuria.

***

Vamos á terra. A cidade derrama-se a cerca de um kilometro do cáes. Têm-se que atravessar, a pé, terrenos de argilla, pegajosa, sempre perlongando a margem do rio.

O porto do Rosario está sendo construido por uma companhia franceza. Ao longo do cáes já entregue ao trafico erguem-se possantes guindastes electricos e corre a linha ferrea auxiliar.

Muitos vapores recebendo e deixando carregamento. Dentre elles, alguns norte-americanos, que descarregam madeira de construcção. Outros descarregam parallelipipedos de granito. A parte litoranea da cidade é maltratada, com os seus altos barrancos escavados. Não ha uma linha de *tramways* do porto para o centro da *urbs*.

Rosario de Santa Fé, com os seus 180 mil habitantes, é, como se sabe, a segunda cidade da Republica Argentina. E' o entreposto da producção de varias provincias limitrophes. Depois de ter vencido, a pé, um largo trecho de máo caminho, tomo o primeiro *tramway* electrico que passa, rumo do coração da cidade. Ruas calçadas a madeira, praças amplas e ajardinadas, illuminação electrica, agua e esgotos, tudo delata que se está em um centro populoso de primeira ordem.

Porque houvesse eu chegado de Buenos Aires, pareceu-me que Rosario tinha pouco movimento, nas suas vias publicas principaes, como Maipú, San Juan, Primeiro de Maio, Corrientes, Mitre, e bem assim nas suas praças mais notaveis, como a Urquiza, arborizada a platanos, e onde se ve o bello edificio da Escola Normal.

Uma visita ao mercado. E' vasto e tem varios andares. Ha alli de tudo. Frutas de diversos climas. Na secção das aves, a mesma originalidade que eu notara nos mercados de Montevidéo e Buenos Aires : gallinhas depennadas e vendidas a retalho, coelhos e perdizes mortos.

Em Rosario publicam-se excellentes jornaes diarios. São matutinos *La Capital*, com uma existencia de 48 annos; *La Republica* e *El Mercantil*. Da tarde : *El Mensajero* e *La Provincia*. Ha ainda uma revista semanal : *Rosario Illustrado*. Não ha muitos dias inauguraram-se os trens rapidos, entre Rosario e Buenos Aires, com magnificos carros Pullman.

O trajecto é agora feito em cinco horas.

Ha alguma vida nocturna. Funccionam todas as noites os theatros Colon, Polytheama e Olympia, e bem assim varios cinematographos e cafés cantantes. Bons hoteis, como o Saboia, o Italia e o de França.

Leio, na *La Capital*, que acaba de ser inaugurado o systema de *ferry-boats*, entre Posadas, nas Missões argentinas, a Villa Encarnación, na fronteira paraguaya. Fica, desta sorte, Buenos Aires ligada á Assumpção, por via-ferrea, e da mesma fórma o Rio de Janeiro. Ha trens diarios, entre Rosario e Cordoba. Sae um de Rosario ás 7.20 da manhã e chega a Cordoba ás 6.30 da tarde do mesmo dia. Uma passagem de 1.ª classe custa 17 pesos e 75 centavos, e mais cinco pesos do leito nos nocturnos.

Em todos os trens ha vagões-restaurantes e vagões-confeitarias. No Brazil, segundo estou informado, só a companhia Paulista dispõe de Pullmans e vagões-restaurantes. A Central do Brazil, a nossa primeira via ferrea, nada disso possue.

O vapor *Brazil* está impossibilitado de emprehender viagem, por falta de viveres. A agencia do Lloyd, em Rosario, não dispõe de recursos para os fornecer. Ha, igualmente, falta de lubrificante. Telegraphou-se para Montevidéo, Buenos Aires e Rio de Janeiro, solicitando providencias.

Hontem, á tarde, quando o referido paquete ia atracar ao caes de madeira, teve ordem de retirar-se, porque o Lloyd não tem pago a taxa de atracação de seus vapores á companhia constructora do porto.

Teve que atracar, por muito favor, ao costado de um navio carvoeiro.

Hoje, pela manhã, chegou o vapor *Miranda*, com a procedencia de Corumbá.

Em frente á cidade está ancorado um vapor de guerra uruguayo, commandado por um coronel de cavallaria.

Não rias, que é a pura verdade.

A's 4 da tarde entrou no porto o vapor brazileiro *Carioca*. Navega com bandeira argentina, para fugir ás exigencias das leis de cabotagem do Brazil. Os vapores *Cuyabá* e *Campos*, da casa Cavassa, em Corumbá, pelo mesmo motivo, viajam na, linha do Rio da Prata, com bandeira uruguaya.

O ministerio das obras publicas argentino dispõe de cerca de 200 lanchas e de diversos rebocadores e dragas para o serviço de conservação do canal navegavel, entre Buenos Aires e a cidade de Corrientes, ao longo do rio Paraná.

Noite. Luar admiravel. Sentado no convéz do *Brazil*, olho as aguas do rio, que parecem de prata. De vez em quando descem, ou sobem a corrente navios á vela. Um espectaculo bellissimo, nesta tranquilla noite de maio, aqui, á margem silenciosa desta grande arteria

***

Dia 11 — Nada de providencias. Sol e céo lindissimos. Apezar de pequenino e anti-hygienico, não se tem feito, diariamente, o serviço de baldeação neste navio.

Hoje visitei o Parque. E' muito vasto, porém, maltratado. Não é digno de uma cidade que tem perto de 200 mil habitantes. Qual a

Porto de Rosario de Santa Fé.

razão por que, sendo Rosario a segunda cidade da Argentina, e a mais prospera e mais populosa da provincia de Santa Fé, não é ella a capital dessa mesma provincia?

Dia 12 — Manhã nublada. A mesma situação. Esta longa e accidentada viagem a Matto Grosso vale, para mim, por um tratado de resignação humana.

Estes dias aborrecidos lembram-me os que passei a bordo do *Ajuricaba*, nas aguas barrentas do Alto Purús, em pleno mundo amazonico, vendo em cima uma faixa esquiva do céo do Equador, e em baixo a floresta, a floresta, a floresta!

Como a bordo do *Ajuricaba*, encontro a bordo do *Brazil* creaturas

de indole e feitio antipodas, naturezas brutas e instinctos de animaes selvagens. Poucas pessoas finas, com as quaes se possam trocar duas idéas, sobre assumptos fóra do vulgar.

Vão aqui tres individuos que mais parecem tres desertores das penitenciarias do Rio de Janeiro. Como me pesa vel-os e ouvil-os! Esta promiscuidade incommoda-me. Bole-me com os nervos, pouco affeitos a semelhantes contactos.

Typos de hypsomanos caracterizados, esses homens deveriam de estar viajando na prôa. Esta convivencia forçada com pessoas inferiores, assim nos modos como no espirito, é para mim um dos maiores sacrificios da vida.

A' hora das refeições, desprende-se do porão do paquete um cheio putrido, que entontece. Ha já 19 mezes que os empregados de bordo não recebem um real de seus ordenados. Vivem de gorgetas que os passageiros lhes dão. O proprio commandante acha-se em atrazo de seus honorarios. Entretanto, o pessoal de bordo é bom, resignado, trabalhador. Valha-nos isso, no meio de tantos dissabores. E' preciso viajar, para fazer um juizo melhor da vida. O conhecimento da alma humana é mais perfeito, vendo e sentindo o *facies* de naturezas heterogeneas.

Vae neste vapor um rapaz que é o typo acabado do cafageste brazileiro.

E' palhaço no moral, como no physico. Hoje foi preciso reclamar, com certa energia, para que o commandante do *Brazil* mandasse armar o toldo nas horas de calma, afim de que os passageiros pudessem gozar de um pouco de sombra.

Dia 13. —Choveu á noite. Manhã nevoenta. Hoje commemora-se no Brazil, uma das maiores datas da sua vida sociologica. Continuamos parados, por falta da recursos para viajar.

Achamo-nos aqui, como verdadeiros immigrantes. São 10 horas da manhã. Chove a cantaros. O vapor está alagado. Já não ha mais pão. Inaugurou-se o regimen da bolacha dura.

Dia 14. —Chuva e mais chuva. Nada de viveres. O agente do Lloyd, em Rosario, é, em parte, um grande culpado da situação miseravel que atravessamos.

Sabendo que não havia recursos para abastecer o *Brazil*, por que consentiu no nosso transbordo? Não seria, porventura, mais logico que regressassemos todos a Montevidéo, a bordo do *Mercedes?* Os argentinos já começam a se compadecer do nosso infortunio. Não basta a vergonha por que passamos, vendo um navio brazileiro embargado judicialmente, no porto de Buenos Aires? A fome nos amea-

ça. Que será de nós, se amanhã o commandante nos declarar que se acha esgotada a provisão de alimentos? Nem o vice-consul nos poderá valer, porque o vice-consulado brazileiro, em Rosario, quasi nada rende.

A quanto vexame nos tem arrastado a desorganização do Lloyd!

Se tudo isso se passasse no Brazil, vá. Mas aqui, sob os olhos argutos dos argentinos, é um crime, que devera de ser punido.

Durante o tempo em que estive em Rosario de Santa Fé, ia, diariamente, ao Café Paulista, do Sr. Alves de Lima, na calle San Martin 817. Tomando aquelle café aromatico e bem feito, tinha eu a sensação passageira de achar-me no meu paiz. Na mesma casa vende-se aguardente de canna de Pernambuco. Cada garrafa custa 4$000. Um calice vende-se por 30 centavos. E' muito apreciada pelos nossos vizinhos do Prata.

Nos hoteis de Rosario, como em qualquer hotel platino, não se come feijão preto, nem arroz, ao almoço e ao jantar.

A vida é cara. O aluguel de casa elevadissimo. O nosso vice-consul alli é o fiador do Lloyd, no aluguel do predio em que funcciona a respectiva agencia.

Porque a nossa malaventurada empreza de navegação não tenha satisfeito os seus compromissos, o fiador foi intimado, sob pena de prisão, a entrar com a importancia correspondente aos mezes em atrazo. O pobre do vice-consul tem telegraphado á directoria do Lloyd, mas em pura perda.

Devido á humidade de bordo, á falta de exercicio physico e ao estado deploravel do meu systema nervoso, sobreveiu me a polynevrite beriberica que, um anno antes, eu contraira nas doentias paragens do Acre.

***

Dia 15 — Choveu e ventou, durante a noite. O agente do Lloyd recebeu, hontem, á tarde, um cheque de 1.500 pesos para acquisição de viveres.

A polynevrite assenhoreia-se de minhas pernas. Continuar a viagem neste pequenino vapor (no qual dias antes haviam fallecido de beriberi dois officiaes de marinha embarcados em Ladario), immundo e sem conforto, fôra, talvez, o sacrificio inutil da minha vida. A lição do Acre era ainda recente. O *Brazil* parte amanhã com destino ao Paraguay. Resolvi desembarcar.

Na manhã seguinte, apenas com 30$ no bolso, tomei o rapido para Buenos Aires. A passagem de 1.ª classe custara-me 13 pesos e 55 centavos. Deixei toda a minha bagagem no Hotel Italia.

Não contando com os incidentes de Rosario, eu havia gasto em Buenos Aires todo o dinheiro que levara do Rio. E' bem verdade que o despendera em coisas uteis, como cerca de duzentos volumes sobre historia e literatura hispano-americanas, obras que se não encontram no mercado literario do Brazil. Hoje celebra-se, em toda a Argentina, o centenario de Domingo Sarmiento, o grande politico e educador nacional. E' notavel a educação civica deste povo, que tem o culto acendrado de seus homens illustres.

Dia 16 — Manhã clara e linda. O rapido engole kilometros, através das planicies cultivadas. Campos de trigo, estancias, arvores isoladas, bois, carneiros, lagos, rios, tudo isso passa, deante de meus olhos, como num cosmorama.

O comboio partiu ás 8 da manhã de Rosario. Na estação de Alsina já pude encontrar *La Prensa e La Nacion*, do mesmo dia. Leio, em telegramma do Rio, que o nosso prefeito mandou ao Rio da Prata e ao Chile o Dr. Julio Furtado, afim de alli estudar os melhoramentos a introduzir nos nossos parques e jardins. Muito bem.

O comboio chega á estação do Retiro, em Buenos Aires, á 1 hora da tarde, em ponto. No mesmo dia fiz a minha apresentação official ao consulado geral do Brazil e á nossa legação, onde fui gentilmente acolhido. O nosso encarregado de negocios, hoje ministro plenipotenciario, o illustre Dr. Souza Dantas, telegraphou, com urgencia, ao barão do Rio Branco, scientificando-lhe que eu desembarcára, doente, na Republica Argentina.

Dentro de 48 horas chegava ao consulado geral ordem do ministerio da guerra para abrir, em meu favor, no banco inglez, em Buenos Aires, o credito necessario ao meu tratamento. Durante os dias em que estive enfermo, no Londres Hotel, nada me faltou. Devo-o á solicitude e interesse dos Drs. Souza Dantas e Alberto Conrado, respectivamente, naquella época, encarregado de negocios e consul geral do Brazil, na Argentina.

Valho-me do ensejo para deixar aqui nestas linhas, o meu profundo agradecimento a tão dignos brazileiros, e bem assim ao Dr. Mario de Azevedo, vice-consul, pela gentileza e bondade com que me tratou.

De 16 a 24, no regimen das injecções hypodermicas. Quasi restabelecido. O *Mercedes* está para chegar de Montevidéo. Destina-se a Corumbá. Sigo nesse vapor.

Dia 24. — A cidade está em preparativos para a grande festa de amanhã. A' tarde passou pela Avenida de Maio uma romaria civica de 3.500 crianças das escolas publicas, entoando o hymno nacional. Bandas de musica e bandeiras desfraldadas. Passa o collegio militar de San Martin.

Noite. A Avenida de Maio está deslumbrante, com as suas guirlandas de luz electrica. As fachadas dos grandes edificios illuminaram. As praças de Maio e do Congresso offerecem um espectaculo soberbo. Nas ruas, uma multidão compacta, que lembra uma terça-feira de carnaval, no Rio de Janeiro.

Dia 25. — Manhã clara de sol. Hoje é o 101º anniversario da emancipação politica da Argentina. A' tarde, pelo que noticiam os jor-

Calle Entre Rios. — Rosario de Santa Fé.

naes, formarão, em Palermo, 10 mil homens de terra e mar. O Brazil, nas festas de hoje, está representado pelo « scout » *Rio Grande do Sul*. O Uruguay pelo cruzador *Montevidéo*.

Palermo, a 1 hora da tarde. Chove. E, sob a chuva que cae, ininterrupta, passam, garbosos, regimentos de cavallaria, de artilheria de campanha e batalhões de infanteria.

Uma verdadeira mole humana dirige-se, a pé, em *tramways* electricos e em automoveis, ao local da parada.

O povo, resignado, supporta o aguaceiro que desce. O povo e a tropa.

As forças de marinha constavam da escola naval, da escola de aprendizes mecanicos, da escola de grumetes e varios batalhões na-

vaes. As de terra eram constituidas do collegio militar, da escola de classes, das escolas de tiro, das de aprendizes militares, tudo formando uma brigada; e mais: de brigadas de infanteria, de cavallaria, de artilheria e batalhões de engenharia. Nos pavilhões do Hippodromo Argentino o presidente da Republica e o corpo diplomatico assistem ao desfile da tropa.

Eu, commodamente instalado na *imperial* de um electrico, bem abrigado da chuva, admirava aquelle bello espectaculo marcial.

Generaes a cavallo, com os seus pennachos ao vento, carretas rodando, cavalleiros que se atropelam, infantes que marcham.

E a chuva cahindo.

Dia 26. — A cidade amanheceu debaixo de tremenda cerração. A 50 metros de distancia não se enxergava ninguem. Um espectaculo, inteiramente novo, para os meus olhos de filho do tropico.

Duas horas da tarde. O *Mercedes*, vindo de Montevidéo, acaba de atracar na *darsena* do sul. A bordo desse vapor ha um argentino que explora os brazileiros. Encarrega-se elle do transporte de bagagens para o porão, mediante gorgetas que estipula, tudo com o assentimento do commandante e do immediato.

Que gente! E que Lloyd! A maioria dos empregados do *Mercedes* são argentinos, uruguayos e paraguayos. Estão com cinco mezes de vencimentos em atrazo. O paquete é relativamente confortavel. Os camarotes, sem escarradeiras (são os urinóes, que, cumulativamente, lhes desempenham as funcções), ficam no plano superior do navio. São bastante ventilados.

A's 6 horas da tarde, após o jantar, varios brazileiros, vindos do Rio, e chegados no *Mercedes*, mettem-se no frack, muito convencidos de que estão no Brazil, e vão, pela primeira vez, passear á Avenida de Maio. Outros vão aos theatros. Tenho pena delles. Não sabem que se vão expôr aos olhares curiosos dos argentinos. Porque, em Buenos Aires, como de resto em todo o Rio da Prata, não se usa frack, no diario, e muito menos bengala ou guarda-chuva. E' pelo uso dessas coisas que alli o brazileiro immediatamente se denuncia.

Certa vez, na praça do Congresso, porque o sol me incommodasse a vista, abri o meu guarda-chuva. Dezenas de transeuntes pararam a olhar-me, como se eu fôra um animal de especie rara.

Um, mais ousado, chegou mesmo a perguntar-me: « Usted es brasilero? »

Desde esse dia mandei o meu guarda-chuva ás urtigas.

Por isso me compadeci daquelles meus patricios recem-chegados.

Dia 27. — O dia de hoje é uma verdadeira antithese do de hontem. A' cerração intensissima succedeu um céo azul e diaphano.

O sol entorna o ouro da sua luz sobre as aguas barrentas do estuario, sobre a tolda dos navios ancorados.

Os passageiros do *Mercedes* têm um aspecto infinitamente melhor que os do *Brazil*, de tragica memoria. Estou no camarote n. 7. Tocou-me por companheiro um joven boliviano, natural de Santa Cruz de la Sierra.

E' filho do medico militar que serve na guarnição de Porto Suarez, na fronteira com Matto Grosso. Estuda para pharmaceutico, em Buenos Aires.

Uma coisa, sobre todas, impressiona a quem passa alguns dias na Argentina. E' o respeito que o povo tem pelos representantes da autoridade publica. Não se ouve alli um protesto partido dos labios populares.

Todos obedecem, cegamente. No Rio, o povo avança para as autoridades policiaes e chega até a lhes arrebatar presos das mãos. Entre nós, quando acontece um delegado usar de certa energia, para manter a ordem, os jornaes clamam que a autoridade é violenta e arbitraria.

Tudo, porque o Brazil é um paiz onde a liberdade não conhece fronteiras.

Mas esse excesso de liberdade é uma consequencia mesma da indisciplina social e da impunidade em que ficam nesta terra os delictos de toda a natureza, desde aquelles que entendem com a simples infracção de uma postura municipal, até aos que se referem ás maiores monstruosidades, levadas a effeito pelas situações politicas.

CAPITULO XV

NO RIO DA PRATA

(Continuação.)

SUMMARIO. — Começo de inverno platino. — Segunda partida de Buenos Aires. — Passageiros do « Mercedes ». — Chegada a Rosario de Santa Fé. — Rumo de Matto Grosso. — A Mesopotamia argentina. — Monotonia do Pampa. — Em frente á cidade de Paraná. — Um livro de Carlos Darwin. — O autor da « Origem das Especies » e a sua viagem á Confederação Argentina. — Mudança no aspecto da vegetação. — Na foz do Riachuelo. — Recordações de uma grande batalha naval. — Chegada a Corrientes. — Impressões de uma cidade do seculo XVI. — Ruas e praças. — A estatua de San Martin. — O corso da praça 25 de Maio. — D'Orbigny e Bompland, na provincia de Corrientes. — Ligeira descripção physica e politica dessa provincia. — De Corrientes ao Rio de Janeiro, em trem de ferro. — Factos da guerra com Paraguay. — Partida de Corrientes. — Na foz do Paraguay. — Um espectaculo soberbo. — Passagem por Lomas Valentinas, Itapirú, Tuyuti e Curupayti. — Em frente a Humaytá. — Sombras de um passado heroico. — A figura de Inhauma. — Maurity e o episodio do munitor « Alagôas. » — Na foz do Bermejo. — Recordações de uma manhã, no baixo Paraguay.

Dia 28. — Manhã de sol. Céo profundamente azul. Frio de 8º centigrados.

Em fins de maio já fazem frios incommodos, na capital argentina frios que, no Brazil, só são conhecidos, no Rio Grande do Sul e nas regiões elevadas do planalto meridional. Os transeuntes passam pela Avenida de Maio de sobretudo e luvas de lã. Hoje é domingo. São 7 da manhã.

O *Mercedes*, já prompto para deixar o porto, dá o signal da partida. Deixámos a *darsena* do sul. Adeus Buenos-Aires! cidade maravilhosa que o genio da raça latina plantou aqui á margem do golphão do Prata.

As aguas do estuario estão tranquillas.

Segue comnosco, com destino a Porto Suarez, o novo inspector da alfandega dessa localidade.

Vem de La Paz, capital provisoria da Bolivia, via Antofagasta. Segundo informações que colhi desse funccionario, a viagem de La Paz a Antofagasta é feita em trem de ferro, em 48 horas (5 libras, em 1.ª classe). De Antofagasta a Valparaiso tres dias de navegação (6 ½ libras, em 1.ª classe). De Valparaiso a Buenos-Ayres, no transandino, 38 horas (12 ½ libras, em 1.ª classe). Assim, no decurso de uma semana, deslocou-se aquelle boliviano do coração da America do Sul á margem do Rio da Prata. Por intermedio desse homem, de apparencia distincta, pude ter uma idéa do que é, presentemente, a cidade de La Paz (que eu preferira conhecer a Paris, Londres ou Berlim), idéa que vi confirmada, ainda ha pouco, na recente obra do principe D. Luiz de Bragança *Sous la Croix du Sud*, onde se encontra uma interessante descripção da longinqua cidade mediterranea.

Dia 29. — Manhã fria. Grande cerração.

O vapor teve que parar ás 11 da noite, por via do nevoeiro. Hoje é que posso observar melhor os meus companheiros de viagem.

Alli estão : um engenherio militar, que se destina á fortaleza de Coimbra; um illustre cirurgião, residente em Porto Alegre (o Dr. Josetti); um medico civil que vae a reunir-se á commissão de linhas telegraphicas; um moço de frack preto, cachimbo amarello á boca e bonét de conductor da Central á cabeça, e mais uma dezena de pessoas de tratamento.

O moço do cachimbo, com o qual antipathizei solemnemente, pareceu-me poeta. Andava a dizer versos a cada momento. No terceiro dia de viagem, apezar da minha natural attitude retraida, dirigiu-me elle a palavra, dizendo que já me conhecia de nome etc., etc.

Acolhi-o, com a urbanidade propria de um homem educado; mas, no fundo da minha natureza, continuei a ver no moço do cachimbo e do frack preto um homem de alma vulgarissima.

Fujo das intimidades de bordo, como o diabo da cruz. O perigo das viagens é que, falsamente, approxima os homens.

Uma vez em terra, poucos se reconhecem. O egoismo volta a impeperar de novo em cada individuo.

O meu companheiro de camarote, o rapazelho boliviano que o leitor já conhece, é um espirito intelligente, mas um tanto inculto.

A cada momento, fazia-me perguntas disparatadas. A' minha resposta exclamava, invariavelmente : — Caramba !

Admirado dos meus escassos conhecimentos da geographia do seu paiz, perguntava-me :

— Conoce Ud. Bolivia? Caramba! Le gusta de geografia? Caramba!

Desappareceu a cerração. O *Mercedes* levanta ferro ás 8 ½ da manhã. A's 9 da noite no porto do Rosario.

***

Dia 30. — Sol e frio. Do *Brazil* nem mais vestigio. A esta hora deve de estar em Corumbá. A's 3 ½ da tarde deixámos o porto, rumo de Matto Grosso. Dia admiravel. A luz solar cae, abundante, sobre as margens do Paraná. O *scout Rio Grande do Sul*, que hontem saiu de Buenos Aires, acha-se no porto do Rosario. Em frente a cidade está a boia illuminativa, onde se lê, em letras garafaes : 410 k. (M. O. P.).

E' a distancia, por via fluvial, entre as duas maiores cidades argentinas.

Dia 31. — Manhã meio nublada. Viajou-se toda a noite. Subindo a corrente, temos hoje, á nossa direita a provincia de Entre Rios, e á esquerda, a de Santa Fé, onde esteve Darwin, em 1832. Como sabe o leitor, a provincia de Entre Rios, mais a de Corrientes constituem a chamada Mesopotomia argentina.

Aqui, é a planicie despida de floresta. Os olhos quasi só vêem a mesma paizagem. E' a mesma natureza amazonica, retirando-se-lhe a vestidura vegetal. Não se nota aqui a vegetação esplendida do tropico, nenhum trecho de serrania bordando a linha do horizonte. Tudo é planicie, planicie, planicie. E, cortando a planicie, a agua barrenta do Paraná. A vista desafoga-se, em todos os sentidos.

As 9 da manhã passamos em frente a cidade de Paraná, capital de Entre Rios, e que o foi da Confederação Argentina de 1854 a 1860. Quasi defronte, na margem direita, fica Santa Fé, capital da provincia do mesmo nome.

1.º de junho. — Manhã luminosa. O *Mercedes* viajou toda a noite. Temperatura magnifica. O meu thermometro centigrado, dentro do camarote, marca 16º.

Arvores verdes. Horizonte amplo. Aguas tranquillas. Commodamente instalado na minha cadeira de lona, e alheio ao rumor circumstante, gozo a leitura de um livro admiravel. E' *Mi viaje al rede-*

dor del mundo, do grande Carlos Darwin. Imagino-me a bordo do *Beagle,* em companhia do autor da *Origem das especies.* Como é bom ler, em uma manhã deliciosa de junho, subindo as aguas calmas de um rio!

As horas da manhã e da tarde são, por via de regra, as melhores horas de bordo. Noite soberba. Luar clarissimo, que lembra os luares do nordeste do Brazil. O *Mercedes* navega, no meio dos esplendores desta noite sem par.

Dia 2. — Céo nublado. Devemos chegar hoje a Corrientes. De quando em vez passam, rio a baixo, barcos á vela, vindos do Paraguay.

Já em territorio da provincia de Corrientes, que temos, á direita (Santa Fé ainda, á esquerda), a vegetação é menos pobre. As margens do rio apparecem agora vestidas de algumas arvores bonitas.

São 8 ½ da manhã. Estamos na fóz do Riachuelo, onde a 11 de junho de 1865 se travou a maior batalha naval da America do Sul. A figura heroica de Barroso surge, instinctivamente, á memoria. Fiquei, por alguns minutos, a olhar aquellas paragens famosas na historia de quatro republicas.

O Riachuelo entra no Paraná pela margem esquerda. A sua desembocadura póde ter, no maximo, um kilometro de diametro. A's 10 da manhã o paquete lança ferro defronte da cidade de Corrientes, á margem esquerda. Na margem opposta vê-se o territorio do Chaco argentino.

A cidade derrama-se em terreno um pouco elevado. Conta 18 mil habitantes. E' a capital da provincia do mesmo nome.

No porto encontram-se apenas dois pequenos vapores e alguns botes que conduzem passageiros á terra. Acaba de deixar o ancoradouro um vapor da Companhia Mihanowitch. Segue para Buenos Aires.

Corrientes, perto de juncção dos rios Bermejo e Paraguay com o Paraná, é uma cidade antiga. Foi fundada em 1588. E' interessante, com as suas ruas mal calçadas, onde a grama cresce, em plena liberdade, com as suas praças regularmente arborizadas e a sua illuminação a lampadas de arco. Embora menor, Corrientes lembrou-me S. Luiz do Maranhão.

Ha, entre as suas topographias, muitos pontos de contacto.

A praça Vinte Cinco de Maio é uma linda praça, com excellentes construcções. Alli se vê a estatua do general San Martin, sobre um pedestal de granito, arrancado á cordilheira dos Andes, que o mesmo general transpoz, afim de libertar o Chile.

Na referida praça destacam-se ainda o palacio do governo, o quar-

tel de policia, a cathedral, com as suas columnas corinthias e o Tribunal de Justiça.

Essa praça é o ponto de convergencia da alta sociedade corrientina. Todas as tardes alli sé realiza o corso de carruagens. Não ha vida nocturna. A's 9 horas da noite a cidade é um como deserto. O seu aspecto é de uma capital, ralativamente pobre, com apparencia de luxo e 'bom gosto.

Vêem-se, nos seus arredores, immensos bosques de laranjeiras. A provincia exporta muita laranja. A classe baixa falla quasi que exclusivamente o guarany.

Nessa provincia nasceram os generaes San Martin e Carlos Alvear, dois nomes illustres na historia do piaz. D'Orbigny, o grande naturalista francez, viveu, por muitos annos, em Corrientes, e bem assim Aimée Bompland (fallecido em 1858), o amigo e companheiro de Alexandre de Humboldt.

O monumento de San Martin. — Corrientes.

Bompland, segundo refere Eliseu Reclus, foi sepultado em S. Borja.

Carlos Darwin, nas suas incursões, através da Confederação Argentina, andou ás voltas com os soldados de Rosas, em 1832.

Na sua marcha para o norte, esteve perto de Corrientes. Refere o celebre naturalista inglez que viajou de Buenos Aires á Bahia Blanca, por terra, numa extensão de 640 kilometros. De Buenos Aires foi

tambem por terra, á cidade de Santa Fé. Só em San Nicolas é que Darwin viu, pela primeira vez, o rio Paraná. Esteve em Rosario.

O autor da *Origem das especies*, no seu já citado livro de impressões de viagem ao redor do mundo, falla da grande secca que devastou as provincias argentinas do sul (1827-1832). Morreram de fome e sêde centenas de milhares de bois e cavallos. Foi uma calamidade, de que os povos do Prata ainda guardam memoria. Da cidade de Paraná o grande naturalista regressou a Buenos Aires, via fluvial.

A 2 de fevereiro de 1832 esteve elle em Fernando de Noronha. A 29 do mesmo mez e anno chegou a S. Salvador, na Bahia. Aportou ao Rio de Janeiro algumas semanas depois (4 de abril).

Os corrientinos são famosos por sua robustez physica e por sua intelligencia vivaz.

São, em geral, bons marinheiros e excellentes soldados.

De todas as provincias argentinas aquella que mais nos importa conhecer é justo a de Corrientes, que, como se sabe, se limita com o Rio Grande do Sul. Hoje se vae da cidade de Corrientes a Paso de los Libres, em trem de ferro. Paso de los Libres, como não ignora o leitor, fica á margem direita do Uruguay, em frente a Uruguayana.

A provincia conta 400 mil habitantes e 87 mil kilometros quadrados de superficie.

E' pouco maior que o nosso Estado da Parahyba. Limitam-na, ao norte e a oeste, o rio Paraná; ao sul, os rios Guayquiráo e Mocoretá, que a separam de Entre Rios; a léste, o rio Uruguay, que a separa do Brazil; a nordeste o rio Chimary, que a separa do territorio das Missões.

O clima da provincia é bastante calido. Os calores, porém, são, em grande parte, attenuados pelos immensos bosques alli existentes e pela acção do vento sul.

No ponto de vista geographico, a provincia de Corrientes é dividida em tres regiões distinctas : a do sul, a do norte e a de nordeste. A primeira é secca, com os seus terrenos ondulados como os da vizinha Entre Rios. Cobre-a, em parte, o grande bosque de Payubre. A segunda é uma região deprimida, baixa, pantanosa. A terceira, desde Aguapehy, rumo de Missões, é a região das cochillas.

Os rios principaes que banham a provincia são, como se sabe, o Paraná e o Uruguay. O primeiro tem como tributario, na provincia, o Riachuelo, o Empedrado, o San Lorenzo, o Ambrosio, o Santa Lucia, o Corrientes e o Guyaquiraró, que recolhe as aguas do Sarandi. O Uruguay tem alli como affluentes o Chimiray, o Aguapehy, o Mirinay,

que recebe o Curuzú-Cuati, e o Mocoretá, que recolhe as aguas do Tunas.

O systema lacustre de Iberá cobre a decima parte da provincia.

Ao tempo dos jesuitas, construiu-se um canal communicando os rios Paraná e Aguapehy, affluentes do Uruguay. Hoje, está elle abandonado. Corrientes tem camara e senado.

A camara, compõe-se de 32 membros.

O senado, de 16. Os mandatos duram, respectivamente, 3 e 6 annos.

A linha ferrea que parte da capital, rumo do sul, vae a Saladas, San Roque, Mercêdes e Monte Caseros, perto do departamento oriental de Artigas. De Monte Caseros segue, rumo do norte, e vae a Paso de los Libres (fronteira com o Brazil), São Thomé ,e, finalmente, a Posadas, capital das Missões argentinas, á margem esquerda do Alto Paraná.

A provincia de Corrientes vive da creação do gado, da exportação de laranjas, sobretudo tanjerinas, da do quebracho, e bem assim da cultura do algodão e da canna de assucar, que produz em bôa escala.

***

A cidade de Corrientes foi a primeira victima argentina das loucuras de Solano Lopez. A 14 de abril de 1865, a esquadrilha do tyranno, entrava no porto daquella cidade e aprisionava os vapores « Vinte e Cinco de Maio » e « Gualaguay »que o presidente Mitre para alli mandara, como elemento de garantia. Aprisionados os referidos vapores, Lopez os conduziu para Humaytá. E para logo 2.500 paraguayos apoderam-se da indefesa cidade argentina, expulsando della o respectivo governador. Alguns dias depois, 18 mil paraguayos invadiam o norte da provincia e marchavam sobre a fronteira do Rio Grande do Sul. Foi a desgraça de Lopez. Porque a invasão de Corrientes accelerou o tratado da Triplice Alliança.

Uma hora da tarde. Vamos deixar o porto da pequena cidade platina, sob um céo formoso e claro. Duas e meia horas depois entravamos a foz do Paraguay, deixando o Paraná a direita.

E' um espectaculo sempre curioso, para mim, o encontro de dois grandes rios.

O Paraná vinha de Minas Geraes, onde nasce com o nome de Rio Grande.

O Paraguay acabava de chegar dos chapadões dos Parecis, onde tem sua origem no pequeno rio Amolar, como, pela primeira vez, verificou o naturalista italiano Bartholomeu Bassi (1863) e, ainda ha pouco o confirmou o coronel Rondon, no decorrer de uma de suas conferencias realizadas no Rio de Janeiro.

Na juncção dos dois grandes rios brazileiros forma-se uma vasta bahia povoada de ilhas, umas de formação continental, outras de origem sedimentaria.

Nota-se que a agua do Paraguay é muito mais suja que a do Alto Paraná.

Na margem deste ultimo rio, em territorio argentino, vê-se uma linda povoação, com as suas casas multicores, seu gado pascendo, em derredor, e as suas praias de areia avermelhada.

Humayta. — Ruinas da guerra.

Navegamos, de agora por deante, tendo, á direita, a Republica do Paraguay, e a esquerda os territorios argentinos do Chaco e de Fórmosa.

A's 8 horas da noite, o « Mercedes » apita, e pára, defronte de Humaytá, a legendaria povoação paraguaya. E' triste, mas de uma tristeza que faz mal. Em pé, esburacada, feia, como um fantasma de pedra, no meio daquella noite, lá estava a velha igreja que os destemerosos patricios de Lopez fortificaram e defenderam com um heroismo digno de causa melhor.

Já haviamos deixado, mais ao sul, Lomas Valentinas, Itapirú, Tayuti e Curupayti, logares celebres na historia da guerra com o Paraguay.

A passagem de Curapayti fez-se, como é sabido, com menos difficuldade que a de Humaytá. Inhaúma, a bordo do *Brazil*, dera o signal de partida. Seguiram-lhe nas aguas nove couraçados. Restava a passagem de Humaytá, mais poderosamente fortificada, e erguida sobre a barranca do rio numa das suas partes mais estreitas.

A passagem, resolvida por Caxias, estava marcada para o dia 19, mas só pôde ser levada a effeito a 24 de maio. Nesse dia, ás 3 horas da madrugada, subiam o rio o *Bahia*, rebocando o *Alagôas;* o *Barroso*, rebocando o *Rio Grande*, e o *Tamandaré*, rebocando o *Pará*. Todos os navios canhonearàm, fortemente, as balsas que sustentavam a grande corrente que lhes interceptava a passagem. Logo que as balsas afundaram, os nossos couraçados, a todo o vapor, e sob a chuva de balas vomitadas por 186 canhões, effectuaram um dos lances mais heroicos que registra a historia das campanhas modernas, graças á temeridade do futuro visconde de Inhaúma (J. J. Ignàcio), uma das mais puras glorias da marinha brazileira. E' conhecido o episodio do monitor *Alagôas*, que, desgarrado do *Bahia*, continuou a marchar, desprotegido, sob a acção da artilheria e da abordagem das canôas paraguayas.

Se me não engano, commandava o *Alagôas* o então 1.º tenente, hoje almirante Maurity. Esses factos saltearam-me á memoria, deante daquelles logares legendarios.

Deixada a correspondencia que trazia para Humaytá, o *Mercedes*, continuou a sulcar as aguas escuras do rio, lançando ferro ás 11 da noite, para, na manhã seguinte fazer a travessia de Puerto Bermejo, na foz do Bermejo, travessia que é perigosa. E lá se foram 7 horas perdidas.

Dia 4 — Manhã admiravel. A's 6 horas, levantámos ferro. As margens do Paraguay estão douradas de sol. Uma viração cariciosa, cheirando a matto virgem, invade o convéz, onde, repousado na minha inseparavel *chaise-longue*, leio, de coração e espirito tranquillos, *Uma viagem á India*, de Ernesto Haeckel.

De vez em quando um pequeno rio rende ao Paraguay a homenagem de suas aguas.

Isto aqui me parece muito mais bello que a Avenida Central, com as suas perfidias e as suas miserias humanas. O homem é, ás vezes, mais barbaro, no seio das grandes metropoles, que no seio das arvores, das montanhas e dos rios selvagens.

A viagem a Matto Grosso, apezar dos seus mil e um incommodos, tem destas horas consoladoras. O dia de hoje, aqui, no sul do Paraguay, é o mais bello de todos os dias, desde que deixei a capital do Brazil.

Em cima, o ouro do sol, o azul do céo ; em baixo a agua do rio, o verde de suas margens, e, ao longe, o tom escuro de uma serra que corre nos confins do horizonte.

Que differença, entre esta natureza variada, e aquella que os meus

olhos viram nas provincias de Buenos Aires, Santa Fé, e Corrientes!

Alli, é a planicie monotona; aqui, um relevo accentuado da terra.

O rio Paraguay transborda agora, tal como o vi em maio de 1908, na minha primeira viagem ás longinquas regiões do Brazil occidental. Até aqui ainda me não arrependo de haver vindo, voluntariamente, a estas paragens remotas.

A's 4 da tarde passamos defronte de Formosa (2 mil habitantes), capital do territorio argentino do mesmo nome. Lá estava ella, á margem direita do rio, com as suas casas de pobre aspecto, pequeninas e maltratadas.

De corrientes a Formosa, 20 horas de viagem ininterrupta.

O territorio conta uns 20 mil habitantes. Limitam-no os rios Paraguay, Pilcomayo e Bermejo. Em frente á cidade de Formosa vê-se Villa Franca, povoação paraguaya.

CAPITULO XVI

NO PARAGUAY

SUMMARIO. — Chegada a Assumpção. — Golpe de vista panoramico. — Uma cidade do seculo XVI. — Juan de Ayolas. — Os governos dos seculos XVI e XVII. — O Paraguay, provincia do vice-reinado de Buenos Aires. — A acção dos jesuitas. — As « reducções » que elles fundaram. — Sua expulsão dos dominios hespanhóes da America. — O predominio da lingua guarany. — A independencia nacional. — A dictadura de Francia. — Um episodio de seu governo. — Tempestade salvadora. — Um juizo de Cecilio Baez. — A dictadura de Carlos Antonio Lopez. — Cousas de seu tempo. — Um ministro da Fazenda que mata morcegos. — Solano Lopez e a guerra com a Triplice Alliança. — Effeitos dessa guerra. — Morte do dictador. — O governo provisorio. — O Uruguay e o perdão da divida de guerra. — Devolução de trophéos. — O Brazil nem uma nem outra cousa. — Por que? — A memoria de Lopez é detestada no seu paiz. — Governos da colonia. — De Juan de Ayolas a Bernardo Velasco. — O periodo das dictaduras. — A era constitucional. — Os presidentes da Republica. — Pela geographia physica e politica. — Exercito e marinha. — Poder legislativo. — A magistratura. — O ensino publico. — Vida social. — Economia e finanças. — O regimen das chuvas no Paraguay.

Assumpção, 4 de junho.

A's 6 horas da manhã o *Mercedes* lança ferro defronte da capital paraguaya. Gastou 14 horas de Formosa até aqui. A entrada desta velha cidade mediterranea lembra, ligeiramente, a entrada de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Assumpção derrama-se parte na região baixa do litoral, parte em terrenos elevados. O rio espraia-se, em frente della, formando uma larga bahia, onde se vê uma ilha alongada. Os seus arrabaldes são por demais pittorescos, com os seus laranjaes, os seus jardins, os seus pomares, as suas lindas habitações com os seus moinhos de vento, em giro continuo. A impressão é boa. Está-se em presença de uma das primeiras povoações que os hes-

panhóes fundaram, na America do Sul. Por fallecimento de D. Pedro Mendoza, D. Juan de Ayolas assumiu o commando da esquadra que, em 1534, partira do porto de Cadiz, rumo do Atlantico Sul. Ayolas remontou o rio Paraná, derrotou os Guaranys, ás ordens de Lambaré, fundando a actual capital do Paraguay, em 1536. Durante o seculo XVI, o governo da nova colonia teve jurisdição em todo o Rio da Prata. Só em 1617 é que o governo do Paraguay se seccionou em governo do Rio da Prata e governo do Paraguay, propriamente dito, o qual se compunha das provincias de Assumpção, Guaira, Villa Rica e Santiago de Jerez.

Os primeiros governos do Paraguay emprehenderam varias espedições, por terra, ao Perú, de cuja administração despenderam até fins da primeira metade do seculo XVIII.

Em 1776, o Paraguay passou a ser uma das provincias do vicereinado do Rio da Prata, creado no mesmo anno. Durante o seculo XVI e quasi todo o XVII, o Paraguay esteve sob o dominio espiritual e moral dos jesuitas, que incorporaram ao christianismo cerca de 700 mil indigenas. Em 1730 havia em todo o paiz para mais de cem povoados que os discipulos de Santo Ignacio de Loyola alli fundaram.

Em 1767, os jesuitas foram expulsos dos dominios hespanhóes da America, voltando as gentes que elles civilizaram ao primitivo estado de barbaria em que se achavam, principalmente das regiões vizinhas do Alto Paraná e do Alto Paraguay. Desappareceram as celebres missões jesuitas, que tão distincto papel desempenharam na civilização americana.

Vieira, Las Casas e Anchieta são tres nomes que valem por tres symbolos, na historia do continente. Foram os padres da Companhia de Jesus que introduziram a imprensa no Paraguay, fazendo editar, no seculo XVI, os primeiros livros que ainda se editaram na America do Sul. Esses padres fundaram, alli, uma verdadeira republica independente, com as «reducções» de aborigenes.

Cada «reducção» tinha a sua escola onde os jovens de ambos os sexos aprendiam a ler e escrever, geralmente em guarany e muito pouco em castelhano. Ensinavam mesmo o latim.

Aos indios era-lhes vedado o uso do hespanhol, para que a raça, que se formava não se confundisse com a antiga raça conquistadora. Por tal maneira é que o guarany chegou a ser a lingua geral do paiz, sendo ainda hoje a que domina naquelle Republica.

***

Os hespanhoes dominaram, no Paraguay, até ao anno de 1811. Com a emancipação de Buenos Aires, em 1810, e de Montevidéo em 1814, o Paraguay independeu-se, não já de Hespanha, senão tambem dos paizes limitrophes. Debalde Buenos Aires intentou incorporal-o, como provincia, sendo derrotadas pelos paraguayos as tropas argentinas, ao mando do general Belgrano.

De 1811 a 1840 esteve o Paraguay entregue á dictadura do celebre Dr. José Gaspar Rodrigues de Francia, que segregou o paiz do contacto do mundo, não permittindo que ninguem sahisse ou entrasse

Porto de Assumpção.

na joven Republica mediterranea. Francia governou o seu povo, sem nunca ter pegado da penna para baixar um decreto.

Não deixou um unico documento escripto.

Foi uma natureza extraordinaria. Quero, porém, acreditar que foi elle um grande psychopatha, mais intelligente que o segundo Lopez.

Francia, com ser um espirito relativamente culto, desamava a instrucção popular, e não tolerava, nos seus dominios, uma só pessoa de mediano preparo.

D. Ildefonso Bermejo, (1) escriptor hespanhol, que esteve em Assumpção de 1855 a 1864, conta no seu livro *Episodios de la vida privada, politica e social de la Republica del Paraguay* o seguinte facto:

Ao tempo de Francia, residia em Assumpção um ex-official de artilheria hespanhol, de nome Urdapilleta, que Bermejo conheceu já valetudinario.

O ex-official tinha o grave defeito de ser illustrado. Francia, mandando-o chamar á sua presença, disse lhe:

— Recebi dois canhões comprados na fronteira do Brasil, a uns commerciantes brazileiros. Examine-os, e diga-me se são bons.

Urdapilleta examinou os canhões, encontrando nas respectivas almas alguns defeitos. E afim de dar melhor desempenho á sua honrosa missão, redigiu um magnifico relatorio, que entregou ao dictador. Este leu-o, attentamente, e disse-lhe, ao rematar a leitura:

— O artilheiro hespanhol sabe mais do que eu suppunha. Vae ser encerrado no calabouço. Urdapilleta ia pagar o crime de ser instruido. Esteve encarcerado até 1840.

Em uma das manhãs desse anno, Francia havia resolvido que o ex-official seria fuzilado, ás 5 horas da tarde. A's 4 horas caiu um tremendo aguaceiro sobre Assumpção, aguaceiro acompanhado de raios e trovões.

O dictador mandou contra-ordem para que o fuzilamento tivesse logar no dia seguinte, ás 6 horas da manhã.

Pela madrugada, Francia morria, repentinamente, de uma syncope cardiaca.

E o Paraguay amanheceu livre do jugo do tyranno. Urdapilleta salvara-se.

— O nosso povo (diz o Dr. Cecilio Baez, na sua obra *A tyrannia no Paraguay*), o nosso povo viveu na ignorancia mais profunda, tanto nos democraticos tempos da colonia, como no periodo tragico dos dictadores nacionaes. » E accrescenta o mesmo historiador paraguayo: « Segregado do mundo culto pela triplice barreira dos grandes desertos territoriaes, da ignorancia e da lingua castelhana e do systema theorico politico, implantado pelas missões apostolicas e pelos governos dos dictadores, o povo paraguayo chegou a ser o mais pobre, o mais ignorante e o mais incapaz para a vida democratica. »

Só após o periodo das dictaduras e da guerra de 65 a 70, é que aquella malventurada Republica entrou no caminho da civiliza-

(1) Foi uma nobre victima da tyrannia dos Lopez. Se o leitor quizer conhecer, em seus detalhes, a interessante personalidade deste escriptor, leia a obra *Elisa Linch*, por Hector Varella, illustre publicista argentino. A edição é de 1870.

ção moderna, tendo, porém, a sua marcha, aqui e alli, perturbada pelo desregramento e ambição politica de seus pro-homens.

Com a morte de Francia, o sombrio e enigmatico despota sul-americano, que o positivismo absurdamente canonizou, o governo do Paraguay passou (após um triumvirato de pouca dura), ás mãos de D. Carlos Antonio Lopez, que exerceu uma tyrannia mais branda. Governou elle de 1841 a 1862, quando falleceu. Abriu o paiz ao commercio do mundo. O primeiro Lopez, apesar de menos despotico que seu antecessor, exercia uma influencia pavorosa no espirito de seus proprios ministros. Refere o já citado D. Ildefonso Bermejo, na sua alludida obra, que os ministros fallavam a D. Carlos, de pé e de chapéo na mão.

Tendo o referido escriptor sido hospedado num edificio pertencente ao governo, foi, no dia seguinte ao do seu desembarque em Assumpção (1855), agradecer ao presidente da Republica o acolhimento e attenções que este lhe mandara dispensar. Perguntando-lhe D. Carlos se a casa que lhe deram para hospedagem era bôa, D. Ildefonso, como homem franco que se prezava de ser, respondeu que sim, apezar da immensa quantidade de morcegos que lá havia, e que o não deixaram dormir, na ultima noite. D. Carlos, furioso, fez vir á sua presença o ministro da fazenda, e o censurou acremente, por não cuidar dos proprios do Estado.

Ordenou-lhe que, sem perda de tempo, fosse elle mesmo ministro exterminar os morcegos da residencia do escriptor hespanhol. E, uma hora depois, ao regressar este á casa, lá encontrou, no telhado, com uma vara na mão, a matar morcegos, o ministro da fazenda da Republica do Paraguay ! Tal era a obediencia em que educaram aquelle povo, primeiro os jesuitas e, depois, a dictadura de Francia.

***

Morto D. Carlos Antonio Lopez, em 1862, foi eleito presidente o seu filho, o marechal Francisco Solano Lopez, que, poucos annos antes, havia regressado da Europa, onde servira como ministro plenipotenciario de seu paiz, junto aos governos de Hespanha, França e Inglaterra. O governo de Solano Lopez foi o que todo brazileiro conhece : o anniquilamento completo de um povo de bravos, uma guerra ingloria para elle a para as nações colligadas, durante cinco

longos annos, guerra que só terminou com a morte do tyranno, no ataque e surpresa de Cerro-Corá, a 1.º de março de 1870.

Resultado para o Paraguay : perda de dois terços da sua população, e perda do territorio, ao sul do Pilcomayo, ao norte do Apa e á margem esquerda do Paraná.

Durante a guerra com a triplice alliança (diz um escriptor paraguayo) a Republica perdeu mais de 500 mil habitantes, dos quaes se calculam 160 mil mortos, nos campos de batalha; 40 mil lanceados, fuzilados e sacrificados no terrivel tormento do « cepo uruguayano », e que teve sua maior applicação em San Fernando, e Lomas Valentina.

E accrescenta que 200 mil succumbiram das differentes epidemias de saranpo, pneumonia, variola e colera asiatico, que começaram a dizimar a população desde Humaytá. Antes de haver corrido sangue nas batalhas, já a Republica perdera 50 mil homens nos seus hospitaes. Posteriormente, uma grande parte morreu de fome, desde o acampamento do Ascurra até Cerro-Corá.

Como se sabe, após a guerra, constituiu-se, em Assumpção, um governo provisorio, sob os auspicios da Triplice Alliança. Aboliu-se a escravidão, em todo o paiz, e a 25 de novembro de 1870 promulgou-se a Constituição da Republica, dentro de novos moldes. As tropas brazileiras, porém, só a 22 de junho de 1876 é que evacuaram, em definitiva, o territorio paraguayo. O Uruguay, em 1883, perdoou á infeliz Republica a sua divida de guerra, e dois annos mais tarde, lhe devolvia, nobremente, os trophéos conquistados.

O Brazil nem a divida, nem os trophéos até hoje devolveu áquelle povo, que não póde ser culpado da nevropathia de um dos maiores tyrannos que a historia registra, um verdadeiro monstro, no proprio pensar das novas gerações paraguayas.

O Paraguay de hoje detesta a memoria do segundo Lopez, como pude testemunhar, ouvindo a filhos distinctos daquelle paiz. Perdoar a divida do Paraguay é um dever do Brazil. Imitemos os nossos vizinhos do Estado Oriental.

Na imprensa argentina, como na imprensa brazileira, ha opiniões valiosas, em favor do perdão e devolução dos trophéos.

Com a terminação da guerra, o progresso começou de entrar ás portas da Republica. O trem de ferro passou a cortar o seu territorio; inauguraram-se linhas telegraphicas e telephonicas; o vapor singrou, mais frequente, as aguas do Paraguay; o arado rompeu a terra; o braço do homem agitou-se; as industrias prosperaram.

Era o renascimento.

De 1535 a 1806 (periodo colonial), o Paraguay foi administrado por 80 governadores, desde Juan de Ayolas até Bernardo Velasco. No periodo da independencia nacional, que vae de 1811 a 1870, esteve o paiz, ora sob a direcção de juntas governativas, ora sob a acção de governos dictatoriaes. O primeiro triumvirato (15 de maio de 1811) era constituido do citado Bernardo Velasco, do Dr. Francia e de Valeriano Zeballos. O ultimo governo do referido periodo foi o de Cirilo Rivarola (1 de setembro de 1870).

A era constitucional é alli inaugurada com o mesmo Rivarola (25 de novembro de 1870). D'ahi por deante, o Paraguay teve os seguintes presidentes : Salvador Jovellanos (1871); Juan Baptista Gill (1874); Higino Iriarte (1877); Candido Barrero (1878); general Bernardino Caballero (1880); ainda o mesmo general (1882); general Patricio Escobar (1886); Juan Gonzalez (1890); Marcos Morinigo (1894); Emilio Aceval (1898); Hector Carvalho (1902); coronel Juan Escurra (1902); Juan Gaona (1904); Cecilio Baez (1905); general Benigno Ferreira (1906); Navero (1908); Gondra (1910); Jara (1911); Schaerrez, o actual.

***

Liquidadas as suas questões de limites com o Brazil, com a Argentina, e, em parte, com a Bolivia, o Paraguay, que occupa a região mais central da America do Sul, confina actualmente, ao norte e a oéste com o Brazil; ao sul, sudéste e sudoéste, com a Argentina; a oéste e noroéste com a Bolivia.

O seu perimetro é avaliado em 3.627 kilometros. As suas costas fluviaes têm uma extensão de 2.892 kilometros. As fronteiras terrestres, 735 kilometros.

O rio Paraguay banha a Republica, ao longo de 1.440 kilometros; o rio Paraná, numa extensão de 800 kilometros; o Pilcomayo em 800 kilometros; o Parapiti em 250 kilometros : o Apa em 200 kilometros, e o Estrella em 90 kilometros.

A superficie da Republica é estimada em 445 kilometros quadrados. E' menor que a da Bolivia (536 kilometros, segundo o barão Homem de Mello).

Toda a população do paiz não excede de 600 mil habitantes. E' a menos populosa das republicas da America do Sul, á exceção do Panamá. O paraguayo de hoje é uma resultante da fusão de tres raças distinctas : a indigena, a branca e a negra, em pequena por-

ção. O Paraguay, como as demais colonias hespanholas da America, foi povoado pelos descendentes dos conquistadores e pelos aborigenes. Os europeus, cruzando-se com os indios, deram em resultado a formação da raça mestiça. Os naturaes e os brancos por sua vez, fundindo-se com os negros, que alli chegaram, deram o typo mulato Isso, segundo o modo de ver de alguns escriptores hispano-americanos. O mais certo porém, é que (diz o eminente Dr. João Ribeiro, na sua *Historia do Brazil*) : « a fusão das raças branca, negra e vermelha traduz-se em varios typos de cruzamento (mameluco, mulato, cafuso) branco-indio, branco-negro, indio-negro, e tanto nas raças

Panorama parcial de Assumpção.

como nos costumes e na linguagem que se apropriou de vocabulos africanos e indigenas ».

Vem de 1540 a origem da raça paraguaya, sob o governo de Irala. Essa raça tem-se aperfeiçoado com a introducção de colonos europeus na Republica. Os indios guaranys, que habitavam o Paraguay, ao tempo do descobrimento, foram, mais tarde, congregados em 21 « reducções », fundadas pelos jesuitas. Os guaranys comprehendiam varias tribus, entre as quaes os payaguás (canoeiros), que dominavam desde a lagôa Xaraes até á confluencia do Paraguay com o Paraná. Além dessa tribu, havia mais as seguintes : imbeguaes, coronaes, calchaquies, caracaraes, tucaes, timbues, curupaitys, tarumaes e caiguaes. Os indios da tribu payaguá comprehendiam as sub-tribus dos cadiques e dos siaquaes. Os primeiros eram conhecidos tambem com o nome de sariguaces, e os segundos como de agaces ou tacumbues.

Os guaranys são de indole docil, e, por isso, facilmente se submetteram aos conquistadores e aos padres da Companhia de Jesus. Da nação guarany, uma unica tribu vive ainda uma vida selvagem : é a dos caiguaes, que habita o noroéste paraguayo. Os indigenas do paiz são, em geral, bons hervateiros. Nas paragens desertas e inhospitaes do Gran Chaco, encontram-se, em estado mais ou menos primitivo, as tribus dos tobas, dos lenguas, dos pilaguaes, dos angaistis, dos sanapanás, dos sapichis, dos tumanahás, dos chamacocos e dos guanaes.

Antes da guerra, os escravos negros viviam de preferencia nos povoados de Emboscada, Aveguá e Tabapy.

A 1.º de janeiro de 1843 o Paraguay promulgou a lei do ventre livre. E por decreto de 2 de outubro de 1869 foi inteiramente abolida a escravidão naquelle paiz. Em todo o territorio da Republica falla-se o hespanhol e o guarany, que prodomina nas sociedades baixa e media.

A demais cada tribu falla o seu idioma proprio. Os indios do Chaco e os da margem do Paraná são geralmente mansos.

No Paraguay a religião official é a catholica. Em virtude da lei de 25 de agosto de 1906 o paiz foi dividido em duas secções, uma oriental, outra occidental, ambas separadas pelo rio Paraguay. A oriental comprehende vinte districtos (ou pequenas provincias). Cada districto abrange um certo numero de « partidos » (municipios).

Eis aqui os districtos da Republica, com as respectivas capitaes, entre parentheses :

1.º districto (Villa Concepcion); 2.º (San Pedro); 3.º (Altos); 4.º (Barrero Grande); 5.º (Ibitimú); 6.º (Ajos); 7.º (Villa Rica); 8.º (Hiaty); 9.º(Caazapá); 10.º (Iuti); 11.º (Villa Encarnacion); 12.º (San Ignacio); 13.º (Ibicui); 14.º (Quinidy); 15.º (Paraguari); 16.º (Itaguá); 17.º (Luque); 18.º (Itá); 19º (Villa Oliva); 20.º (Villa del Pilar). A capital da Republica comprehende os tres districtos eleitoraes seguintes : 1.º Cathedral e Ricoleta; 2.º Encarnacion e Lambaré; 3.º San Roque e Santissima Trindade.

A secção occidental é o Gran Chaco ou Iaco, tal como era conhecida, antes da conquista hespanhola. Os conquistadores lhe deram o nome de Chacú, que mais tarde se transformou em Chaco. Desta região occupar-me-hei em outro logar.

Cada districto tem um delegado residente na respectiva capital, e é de nomeação do governo da Republica. A' frente de cada municipio um « chefe politico » O de Assumpção é dependente do ministerio do Interior.

No Paraguay o « chefe politico » é o intendente municipal, emquanto que, no Uruguay, é o governador do departamento.

O exercito paraguayo consta de cerca de quatro mil homens, distribuidos na capital, nos districtos e nos departamentos militares do Chaco. E' constituido de dois batalhões de infanteria, um regimento de cavallaria e um batalhão de artilheria. Tudo isso é mais que bastante para derrubar um presidente, em menos de cinco minutos, como é alli vulgarissimo. A marinha de guerra compõe-se de dois pequenos vapores. O exercito rege-se pelos regulamentos argentinos, que adoptou.

O poder legislativo é composto de Senado e Camara. Um deputado para seis mil habitantes, e um senador para 12 mil.

Duração dos mandatos : deputado, quatro annos; senador, seis annos, havendo renovação triennal. Composição do Senado: 13 membros; da Camara: 26 membros. O vice-presidente da Republica é, como entre nós, quem preside aos trabalhos do Senado.

A magistratura é recrutada de um modo um tanto differente do Brazil.

Os membros do Tribunal Superior são escolhidos pelo Congresso, dentre os propostos pelo governo. Os demais magistrados são da escolha do Tribunal Superior, com approvação do presidente da Republica. A Constituição paraguaya é sobejamente liberal. No que toca á liberdade de imprensa, diz o seu artigo n. 24 :

« A liberdade de imprensa é inviolavel, e não se ditará nenhuma lei que coarte, de nenhum modo, esse direito. »

No Brazil já se pensou em cortar as azas á liberdade de pensamento, por meio de decretos legislativos.

O estrangeiro naturalizado goza, naquella Republica, de todos os direitos civis e politicos, podendo occupar qualquer posto, menos o de presidente, vice-presidente, ministro de Estado, e membro das duas camaras.

O Paraguay tem o seu Codigo Civil, sanccionado a 10 de agosto de 1876.

Instrucção publica. A primaria é obrigatoria, em todo o paiz, para ambos os sexos, em obediencia á lei de 1.º de novembro de 1881.

E' gratuita. Cerca de 50 mil alumnos frequentam as escolas elementares. Ha escolas normaes para homens e mulheres.

O ensino secundario é ministrado pelos collegios nacionaes, que, em seis annos, preparam bachareis em sciencias e letras. Isso nos da capital. Nos de Concepcion, Villa Rica, Pilar e Encarnacion o curso é feito em tres annos. O ensino superior é dado na Universidade de

Assumpção, onde se estuda direito em seis annos; medicina, idem : pharmacia, em tres annos, e obstetricia, idem.

Os paraguayos que se destinam á engenharia vão estudal-a á Europa, por conta do governo. O mesmo se dá, com relação aos estudos agronomicos e de bellas artes.

Ha em Assumpção uma bibliotheca publica de dez mil volumes e bem assim dois centros sociaes importantes : o Club Paraguay e o Club Hespanhol.

O Estado e os particulares mantem hospitaes de caridade, asylos de orphãos, de mendigos e um manicomio.

Existem associações de soccorros mutuos para estrangeiros alli domiciliados.

Como no Brazil (quanto á União), os direitos sobre importação

Palacio do Governo. — Assumpção.

constituem alli a unica fonte de receita publica. Em principio de 1906, a divida externa do Paraguay orçava por 41 ½ milhões de pesos ouro. A interna andava por 13 milhões de pesos papel. E as dividas internacionaes argentina é brazileira? A quanto montarão ellas?

O peso paraguayo, como o argentino, subdivide-se em contavos. Só em 1901 é que o paiz adoptou o systema metrico decimal.

As medidas antigas são, porém, ainda muito usadas no interior.

A exportação consiste em couros de bois e carneiros, madeiras de construcção, como o quebracho; laranjas, herva mate, plantas medicinaes, tanino de quebracho, carvão vegetal, amendoins, fumo e bananas.

O clima é calido e secco. A temperatura media annual é de 24° C. A maxima do dia, até hoje observada na capital, foi de 41° C.

No inverno, a minima é de 1° a 4°. A differença, entre a media do verão e a do inverno, é de cerca de 6° C.

Em 1894, o thermometro accusou, em Assumpção, uma media de 21° C. Nesse anno observaram-se 16 dias frios, no mez de maio e quatro no de Junho; sete, no de julho; dois, no de agosto e um no de setembro, e 200 dias temperados e 100 de grande calor. Como só acontecer no Brazil meridional, os mezes mais quentes do anno, no Paraguay, são dezembro, janeiro, fevereiro e março; os mais frios junho, julho e agosto.

O maior dia do anno tem alli 13 horas e 34 minutos : o mais curto 11 horas e 26 minutos. Em media chove, naquelle paiz, durante 80 dias, em um anno.

O numero medio de tempestades é de 41, no decurso de doze mezes. Não ha memoria de haver nevado, ainda mesmo nas altas regiões das cordilheiras de Maracajú e de Amanbahy. O Paraguay, como todas as paragens tropicaes, resente-se da influencia do movimento do sol ao longo da ecliptica.

Como se sabe, quando o sol se acha no hemispherio norte, reina a estação das chuvas no tropico correspondente (o de Cancer).

Quando o sol se desloca no hemispherio sul (de 22 de setembro a 21 de março, data em que volta ao equador), vêm as chuvas nas regiões do tropico meridional (o de Capricornio). Nos ultimos tempos a media annual das chuvas cahidas em Assumpção, é de 1.544 millimetros.

Os dias são quentes, mas as noites são relativamente frescas, na capital paraguaya.

Em toda a Republica, a media annual das chuvas é um pouco superior á das que caem no valle do S. Francisco. E' vizinha da reinante no Brazil meridional. Em Assumpção, o mez mais chuvoso é o de março (190 millimetros).

O mais secco é o de agosto (56 millimetros apenas). Até á presente data, o anno em que alli mais choveu foi o de 1878. O pluviometro accusou 2.613 millimetros. O mais secco foi o de 1883, com 1.145 millimetros.

A humidade relativa media, mensal, é de 71 %. Janeiro e fevereiro são os mezes mais humidos (77 %). Os menos humidos são agosto e setembro (62 %).

Nos ultimos 36 annos houve apenas uma secca, no Paraguay. Foi em 1877. Durou nove mezes. O gado, porém, quasi nada soffreu,

por causa da grande abundancia de rios, arroios e lagos do paiz.

Os ventos reinantes são : o norte, que vem do Brazil e da Bolivia, e é quente e humido; o sul, que sopra da Argentina, e é frio e secco.

O vento de oeste é raro alli. Em soprando o norte, o thermometro eleva-se de 35º a 41º.

No Paraguay costuma gear, nos mezes de março e setembro, nas regiões serranas de Maracajú e Amambahy.

CAPITULO XVII

NO PARAGUAY

(Continuaçao.)

SUMMARIO. — Em terra. — Primeiras impressões da capital paraguaya. — Os bonds. — A topographia urbana. — Illuminação a kerozene. — A calle Palma. — Outras calles. — Logradouros publicos. — Hoteis. — Edificios notaveis. — Os arrabaldes. — Ricoleta e Belvedère. — Centros de vida agricola da Republica. — Viação ferrea. — Seu desenvolvimento, na direcção da fronteira argentina. — Do Rio de Janeiro a Assumpção, em trem de ferro. — Linhas argentinas que buscam a fronteira paraguaya. — Rede telegraphica. — Immigração européa. — Algumas colonias. — San Bernardino. — Industria pecuaria. — A Ilex paraguayensis de Lambert. — Seu papel na economia do paiz. — O Gran Chaco. — Aspectos geographicos. — Limites internacionaes. — Defesa militar. — Uma homenagem ao presidente Hayes. — As tribus indigenas e a Missão Evangelica Ingleza. — A imprensa de Assumpção. — Mercado publico. — Desvalorização do papel moeda. — No quartel do 1.º de artilharia. — Uma excursão a San Lorenzo. — Uma floresta de larangeiras. — No cemiterio da Ricoleta. — O jazigo da filha de madame Linch, a celebre amante de Solano Lopez. — O mausoleu do general Diaz, o heróe de Curupayti. — Uma nota comica, no meio de cousas serias. — A sesta paraguaya. — Uma cidade que dorme em pleno dia. — No consulado do Brazil. — Uma visita a Aluisio Azevedo. — Impressões do homem e do escriptor. — Noventa minutos de espiritualidade.

O *Mercedes*, como todos os vapores que chegam á capital do Paraguay, ancorou, ao largo, em meio da bahia, á falta de um caes appropriado para atracação.

Botes, remados por paraguayos fallando, uns o guarany, outros um mixto de portuguez e hespanhol, deixam passageiros na escadaria da alfandega fronteira. Dois grandes edificios chamam para logo a attenção do visitante : a aduana e o palacio do governo. Em se pisando em terra, o que se vêm são ruas mal calçados a pedra bruta, bonds de tracção animada, inferiores aos da nossa antiga Carris Urbanos, de execravel memoria. Felizmente essa viação archaica

vae, dentro em pouco, ser substituida, pela tração electrica. Os *tramways* actuaes andam aos troncos e barrancos. Tomando-os, após o almoço, ou jantar, corre-se o risco de vomitar no proprio vehiculo, tantos são os abalos.

Se Mathilde Serao, a grande escriptora italiana, viajasse num delles, talvez modificára o seu juizo ácerca dos vagões da estrada de ferro de Jaffa a Jerusalém, e de que tanto mal nos falla no seu interessantissimo livro *Au pays de Jésus*.

Assumpção tem perto de 70 mil habitantes. O seu panorama é bonito. As ruas são construidas sobre uma série de pequenas collinas, dispostas em semi-circulo. As casas são em geral cobertas de telha vã, por causa do calor. As arterias urbanas cortam-se, em angulo recto. São illuminadas a kerosene, á excepção da calle Palma (a melhor),

Avenida Hespanha. —Assumpção.

que o é a electricidade. Nesta calle é que se encontram os principaes hoteis, como o Hispano-Americano, as mais importantes livrarias, como a Guell y Carrón e a Universal; a agencia do Lloyd Brazileiro, casas de cambio, etc.

Além da calle Palma, ponto de convergencia da vida de toda a « urbs », outras ha de aspecto moderno, como Estrella, Vinte e Cinco de Março, Asunción, Hespanha, Brazil, Vinte e Cinco de Novembro, Coronel Martinez, Colon e General Diaz.

A capital não dispõe de agua canalizada, nem de rede de esgotos. Bebe-se agua de algibes. As ruas, posto que mal calçadas, são limpas. As melhores praças : Constitución, Independencia e Uruguay. São arborizadas.

Além do Hispano-Americano, ha outros excellentes hoteis, como o Paris Hotel e o Cosmo Hotel. Os edificios notaveis são em pequeno numero. Os mais dignos de reparo são o palacio do governo, construido ao tempo de Lopez; o palacio do Congresso (antigo Cabildo), a cathedral, o seminario conciliar, o departamento geral de policia, o Theatro Nuevo, o palacio da justiça, o Mercado Central, o Collegio Nacional, a estação do Ferro Carril, o asylo de mendigos e a alfandega. Uma das coisas que mais me interessaram, na capital paraguaya, foram os seus arrabaldes, com as suas quintas pittorescas e os seus jardins bem cuidados.

São agradaveis os passeios a Trinidad, a Ricoleta, a Belvedère, donde parte o *tramway* a vapor que vae até San Lorenzo, a 15 kilometros de Assumpção.

Além da capital, outros centros de vida commercial e agricola existem, como Concepción (25 mil habitantes), no alto Paraguay; Villa Encarnación (8 mil), no alto Paraná; Villa Rica (30 mil), no interior; Villa del Pilar, com a sua exportação de madeiras, e Villa Hayes, capital do Gran Chaco.

Os primeiros trilhos de estrada de ferro foram assentados, no Paraguay, em 1858, tendo sido inaugurado o trafego do primeiro trecho em 1861. Já em 1891 havia 247 kilometros em exploração, da capital a Pirapó, com as seguintes estações : Central, Trinidad, Luque, Areguá, Patiño, Tacuaral, Pirayú, Cerro Leon, Paraguari, Escobar, Zapucay, Caballero, Ibitumi, Tebicuary, Itapé, Hiaty, Villa Rica, Borja, Santa Clara, Macial, Sosa, Gonzalez e Pirapó. Hoje a estrada vae até Villa Encarnación, na margem do Paraná, defronte de Posadas, capital das Missões argentinas. A passagem do rio é feita em *ferry boats*. De modo que, presentemente, se poderá ir, em trem de ferro, do Rio de Janeiro á capital do Paraguay.

De Pirapó a Encarnación vão 120 kilometros. Em 1896 a Central Paraguay transportou 700 mil passageiros e 80 mil toneladas de mercadorias. No Chaco, em Puerto Sastre e Puerto Casado, ha pequenas vias-ferreas industriaes.

Da capital argentina partem duas linhas-ferreas, rumo do Paraguay.

A primeira (a do norte) segue na direcção de Rosario, Santa Fé, La Sabana e Resistencia, capital do Chaco argentino.

A segunda (a do sul) toma a direcção de Zarate, Ibucui, Concordia, Federación, Monte Caseros, Paso de los Libres, San Thomé e Posadas. Por outro lado, a linha que parte de Montevidéo vae até Santa Rosa, em frente de Monte Caseros. Assim é hoje possivel ir,

em tres dias, a Assumpção, quer partindo de Montevidéo, quer partindo de Buenos Aires.

***

A rêde telegraphica paraguaya reconstruida, em 1883, conta actualmente, um desenvolvimento de pouco mais de 2.000 kilometros.

Tres linhas partem de Assumpção. A primeira vae para o sul, na direcção do Paso da Patria (na juncção do Paraná com o Paraguay), onde se encontra com o cabo sub-fluvial argentino, pondo assim a republica mediterranea em contacto com o mundo inteiro. De Paso da Patria parte um ramal que vae a Formosa e ao Chaco argentino. A segunda linha segue o rumo da Central Paraguay, á qual pertence. A terceira dirige-se á Villa Hayes, no Chaco paraguayo, e d'alli segue em busca da Bahia Negra, fronteira da Bolivia.

Desde 1884 que funcciona, em Assumpção, uma linha telephonica. Devido á deficiencia de população, as terras, no Paraguay, estão muito depreciadas. O seu preço é dez vezes menor que no Uruguay e vinte vezes menor que na Argentina. Entretanto, as terras paraguayas são feracissimas. Que o digam os jesuitas, que as escolheram para seu campo de acção, alli conquistando o indio, com a doçura e a bondade.

O paiz dispõe de grandes riquezas naturaes, que dormem á espera da iniciativa dos homens. A emigração européa é alli relativamente escassa, devido a calidez do clima.

Comtudo, existem algumas colonias, como a de San Bernardino, fundada em 1883, na costa septentrional da lagôa Ipacaray. San Bernardino é o logar predilecto dos veranistas paraguayos. De Assumpção a Areguá vae-se em trem de ferro. De Areguá a San Bernardino a viagem é feita em pequenos vapores, com ligeiro trajecto, em bonds, de Areguá á margem da referida lagôa. E' um passeio pittoresco, em pleno coração da America do Sul.

Nova Germania, no districto de San Pedro, foi fundada em 1885. E' uma colonia prospera. Outras ha de igual valor, como Elisa, sobre o Paraguay; Pedro Risso, no Apa; Gaboto, perto de Villa Franca; Nova Australia, no districto de Ajos, fundada em 1883, com immigrantes australianos; Cosme, sobre o Pirapó; Puerto Casado, no Chaco, com fabricas de extracto de quebracho (tanino); Puerto Stanley, ao norte do Aquidaban; Puerto Maria, no Chaco, e a tres

leguas apenas de Porto Murtinho, em Matto Grosso, e Italia, creada em Villeta por immigrantes italianos.

Os primeiros cavallos introduzidos no Paraguay datam de 1536, com a chegada alli de Juan de Ayolas. Em 1550 Nuflo de Chaves introduziu no paiz os primeiros exemplares de gado vaccum e lanigero.

A sua industria pecuaria, nos ultimos annos, tem tomado um notavel incremento. Funccionam varias fabricas de extracto de carne. *Saladeros*, em bom numero, acham-se espelhados por toda a Republica. Todo o gado existente no seu territorio é estimado em quatro milhões de cabeças.

O Paraguay, apezar de rico em mineraes, em madeiras de construcção e em productos agricolas, como o algodão e a canna de assucar, tem como fontes principaes de receita a herva-mate (Ilex paraguayensis, segundo a classificação de Lambert, ou Ilex mate, conforme Saint Hilaire, ou ainda chá do Paraguay, como é conhecida na Europa).

E', como se sabe, uma especie pertencente á familia das Aquifoliaceas. Floresce, no paiz, da 2.ª quinzena de junho á 1.ª de julho. E' um arbusto de 3 a 6 metros de altura. Dá flores de cor branca, e frutos pequeninos. Na America do Sul, a zona mais apropriada á cultura do mate é a que fica entre os parallelos 10º e 28º. O plantio da Ilex foi iniciado pelos jesuitas.

O chá paraguayo é um tonico de primeira ordem. Engana a fome, supprimindo a fadiga. Os melhores hervaes são os que se encontram ao norte e a leste do paiz. Os mais notaveis são os de Panadero, Igarimi, San Pedro, Villa Concepción, Caaguassú e Tacurupucú. A producção annual total é de oito milhões de kilogrammas. Metade della é consumida no proprio paiz.

***

O Chaco paraguayo, que se limita com as Republicas Argentina e da Bolivia, é, como se sabe, a extensa planicie que Juan de Ayolas, em 1538, e Martinez de Irala, em 1548, descobriram e perlustraram, na parte septentrional, buscando um novo caminho para o Perú.

A linha internacional divisoria, no rumo norte do Gran Chaco, segue o curso do rio Negro, affluente do Paraguay, e bem assim o do Otuquis; dirige-se, em seguida, pela crista da cordilheira do Chochis até á nascente do rio Parapiti, que separa o mesmo

Chaco da Republica da Bolivia. Ao sul e a sudeste a referida região tem um limite natural, o rio Pilcomayo, que a separa da Argentina e tambem da Bolivia.

A oeste é ainda o Parapiti, até ao parallelo 19°30', donde parte uma linha que, de norte a sul, termina no Pilcomayo. A leste é o rio Paraguay que separa o Chaco do Estado de Matto Grosso e da região oriental do paiz.

O Chaco tem um perimetro de 2.425 kilometros. A sua superficie é avaliada em 277 mil kilometros quadrados. Goza de um clima quente e humido. E', em grande parte, coberto de gramineas. Não conta mais de 25 mil habitantes. A sua zona florestal é rica em quebracho. Muitos rios o cortam, como o Pilcomayo, que, embalde, se

Cerro Corá, onde foi morto Solano Lopez (1º de março de 1870).

ha tentado aproveitar como via de communicação com a Bolivia; o Pirapiti, o Galvan, o Negro, o Siete Puntas, o Monte Lindo e o Aguazay.

As terras do Chaco têm sido, em grande escala, vendidas pelo governo paraguayo a syndicatos estrangeiros. Para esse fim o dividiram em tres zonas, cada uma com dez leguas de fundo, a partir do rio Paraguay.

Abunda em madeiras de construcção, e os campos se prestam, admiravelmente, á industria pecuaria. Dispõe de dois postos militares : Fuerte Olympo e Bahia Negra.

Fuerte Olympo é o antigo Fuerte Bourbon, que lembra a dynastia reinante em Hespanha, ao tempo em que foi construido para defesa da fronteira norte do vice-reinado do Rio da Prata, fronteira não

raro ameaçada pelos portuguezes de Matto Grosso. E' o melhor ponto fortificado do Chaco. Eleva-se sobre um cerro. Mandou-o fundar Carlos III, em fins do seculo XVIII.

A sua capital é Villa Hayes, a 35 kilometros ao norte de Assumpção. Creou-a, em 1855, D. Carlos Antonio Lopez, que lhe deu o nome de Villa Bordeos, devido aos colonos francezes que a povoaram.

Em 1897 lhe foi conferido o nome actual, em homenagem ao presidente Rutherford Hayes, dos Estados Unidos, o qual, como arbitro na questão de limites entre o Paraguay e a Argentina, resolveu a favor do primeiro (1878). E' uma povoação que progride. Os centros industriaes mais importantes da região são Puerto Casado, Puerto Sastre, Novia e Pedernal, todos situados á margem direita do Paraguay.

« The South Americain Missionary Society » exerce o patronato sobre todos os indios do Chaco, onde se instalou em 1900. Essa missão evangelica ingleza, cuja directoria tem sua séde em Londres, propõe-se fundar em todo aquelle territorio varias « reducções », á semelhança das que fundaram os jesuitas no seculo XVII.

A missão ingleza, para as suas communicações, dispõe dos portos de Riacho Negro, Pedernal e Concepción.

***

A imprensa da capital está representada pelo *Munitor*, jornal governista, e por *El Diario*, *Nuevos Rumbros*, *El Tiempo*, da opposição e *Las Noticias*, independente.

Todos são vespertinos. Publica-se tambem a revista *Rojo e Azul*, em hespanhol e guarany.

E' semanal.

Uma visita ao mercado de Assumpção não deixa de ter o seu interesse. E' de ferro, rodeado de uma cerca de arame, com portões de entrada e sahida. Muita laranja, bananas, espigas de milho, sem palha, salsaparrilha, cabacinhos para matte, aipim, pimenta, tangerinas, verduras e hortaliças, e alguns peixes, eis tudo que ha de notavel no mercado da capital paraguaya. A carne verde é exclusivamente vendida por mulheres corpulentas, de facão em punho, que até mette medo só o olhar para ellas. O seu preço é baratissimo: 300 réis por kilogramma, isto é, 1 ½ peso, moeda papel. O peso, naquelle paiz, é muito depreciado. Quando foi da minha passagem, va-

lia 200 réis brazileiros. E' o mais leve de todos os pesos hispano-americanos.

No mercado encontro varias indias montadas em burricos, carregados de frutas e legumes.

Outras passam, puxando os animaes.

Em Assumpção acham-se aquartelados o 2.º batalhão de infanteria e o 1.º de artilheria de posição. Visitei este ultimo. Recebeu-me um alferes de sobrecasaca azul, o qual se encontrava alli de estado-maior. Seriam 4 horas da tarde. Na occasião passavam os soldados para o jantar. Iam maltrapilhos e descalços, mais parecendo uma leva de desterrados siberianos.

O quartel é antigo e feio. No meio de todo aquelle atrazo e relaxamento, só se salvava o joven alferes, com o seu porte marcial e a sua linda sobrecasaca azul.

Recebeu-me elle perfeitamente « quadrado » como se diz em linguagem militar.

Crearam-se, ha pouco, em Assumpção, uma escola para o exercito e outra para a marinha. Aos domingos a população, em massa, vae para os arrabaldes, em geral, San Lorenzo, San Miguel, ou La Concha, onde ha corridas de cavallos. Fui a San Lorenzo. Vae-se de bond até Belvedère, onde se toma o *tramway* a vapor para aquella localidade.

O trem, que emprega lenha como combustivel, atravessa immensos bosques de laranjeiras. E' um espectaculo lindissimo o que offerecem aquelles laranjaes com os seus frutos de ouro pontilhando o verde da folhagem.

Era domingo. Havia sol radiante. Muita gente e muita algazarra. Temperatura de 18º C. Pelo caminho, quintas de bom gosto, jardins murados, com moinhos de vento. O trajecto é feito em 1 hora e 15 minutos. Pagam-se apenas quatro pesos, ida e volta.

San Lorenzo é uma povoação do typo dos arraiaes do sertão do Brazil : um quadrado de ruas velhas com uma igreja no centro. Na rua fronteira á igreja, um grupo de rapazes jogava « foot-ball ». O logar é alegre e pittoresco, com as suas grandes arvores e os seus quintalejos banhados de sol.

Vendo os laranjaes dos arredores de Assumpção, lembrou-me as laranjas da casa do guia Lopez da « Retirada da Laguna », laranjas que salvaram uma boa parte dos soldados da celebre jornada.

O Paraguay é o paiz do matte e das laranjas. Nessa mesma tarde de domingo visitei o cemiterio da Ricoleta, fundado em 1842. E' maltratado. Logo ao transpor o portão, deparo com o tumulo do

general Diaz, gloriosamente morto no combate de Paso Pocú, a 7 de fevereiro de 1867.

Diaz tomou parte na batalha de Tuyuti (24 de maio de 66), e na de Curupaiti (2 de setembro do mesmo anno).

Adeante o jazigo de Adelaide Linch, filha de Solano Lopez com a famosa Mme Linch, cuja historia o leitor bem conhece. Ao pé de uma sepultura rasa, uma pobre mulher chorava, em altos brados. Parecia uma louca. Em torno della fez-se un grande circulo de curiosos.

Um guarda-civil ordenou-lhe que se calasse. A mulher desandou uma tremenda descompostura sobre o representante da autoridade. As lagrimas da misera paraguaya de prompto se transformaram em scentelhas de colera, naquella tarde de sol, no cemiterio da Ricoleta, que tem o mesmo traçado do seu homonymo de Buenos Aires.

Aos domingos, pelo cahir da tarde, ha musica na praça Constitucion. E' uma banda de musica italiana, mantida pela municipalidade.

A concurrencia é enorme. Na mesma praça ergue-se o monumento da Liberdade, e em uma das suas faces vê-se a cathedral de aspecto venerando. Em Assumpção ainda vivem dois filhos de Solano Lopez.

Um é o Dr. Henrique Lopez, advogado de reputação. Os restos mortaes do grande tyrano ainda demoram em Cerro-Corá.

Os de Francia ninguem sabe onde se encontram.

Dia 5. Hontem chegou a canhoneira argentina *Paraná*, que veiu substituir a canhoneira *Rosario*, que aqui se acha, em virtude da ultima revolução. No porto vêem-se o monitor brazileiro *Pernambuco* e o cruzador *Tiradentes*. Hoje circulou o primeiro numero de *La Prensa*, jornal politico.

Muitas familias, nestes ultimos dias, têm embarcado para o Rio da Prata, por causa do movimento revolucionario.

Os homens publicos do Paraguay são os principaes causadores da ruina de seu paiz. Os capitaes estrangeiros retraem-se, e não raro emigram, por falta de garantia.

Em toda a Republica, melhormente em Assumpção, segundo praxe antiga, suspende-se a vida urbana e a rural, das 11 da manhã ás 2 da tarde. Tudo dorme. Durante esse intervallo de tempo, não se vê nas ruas da capital um só bond, um só carro de praça.

O commercio fecha as portas, como todas as casas de residencia.

Era meu costume, após ter almoçado a bordo do *Mercêdes*, dirigir-me para terra.

Ao chegar, ao meio-dia, ás ruas centraes, como a Palma, olhava-

as, de extremo a extremo. Ninguem! Dir-se-ia uma cidade cuja população emigrou inteiramente. Dizem os paraguayos que, á hora meridiana nas ruas de Assumpção só se encontram cachorros e... brazileiros.

De facto, a essa hora o calor é intensissimo, na maior parte do anno. Nenhuma viração sopra das margens humidas do rio. E' um forno.

***

Ao chegar á capital paraguaya, um dos meus primeiros cuidados foi procurar Aluisio Azevedo, o nosso grande romancista, que alli estava exercendo as funcções de consul geral do Brazil. Eu levava para elle uma gentil incumbencia do nosso consul geral na Argentina, o illustre Dr. Alberto Conrado, que acaba de ser removido para Montevidéo. Vali-me do ensejo para conhecer, pessoalmente, o notavel escriptor brazileiro, cujas obras fizeram as delicias da minha primeira mocidade.

Procurei-o no consulado, na calle Oliva. Aluisio acolheu-me com o cavalherismo e bondade, proprios de seu espirito insigne.

Durante uma hora e meia, falou-me das literaturas brazileira e portugueza e dos seus vultos de maior renome. Discorreu sobre os escriptores de quinhentos e os do seculo XVIII, em Portugal. Fallando dos nossos grandes intellectuaes, lembrou Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, João Ribeiro, José Verissimo e varios outros. No seu pensar, Gonçalves Dias, como lyrico, era superior a Musset, ao proprio Byron e ao proprio Schiller.

Se o poeta maranhense (accrescentou) não tem a fama desses grandes espiritos, é isso devido unicamente á pequena circulação da lingua portugueza. Mostrou-se confiante no futuro do nosso paiz. Dissertou ácerca da evolução da nossa lingua, em Portugal e no Brazil. Achava elle que, entre nós, se falla muito melhor o portuguez que na antiga mãi patria. E ajuntou: — « Nós conservámos a pureza dos classicos, na escripta como na prosodia, emquanto que lá, á excepção de Castilho, Herculano, Garret e Camillo, adulteraram o nosso idioma, com prejuizo da boa linguagem. ». Fallava, sem parar, com a maior naturalidade, sem o menor vislumbre de affectação erudita.

Vim a saber, por seu intermedio, que *La Nacion*, o grande orgão platino, publicou, ha pouco, em folhetim, o seu romance *O Mulato*, dando, depois, da mesma obra, uma edição hespanhola de quarenta

mil exemplares. Antes já houvera o referido diario dado publicidade ao *Guarany*, de Alencar, e ao *Canaan*, de Graça Aranha.

Aluisio era um *causeur* encantador, fluente e deleitoso. Sempre que se referia a Eça de Queiroz, não occultava a sua intensa admiração pelo autor do *Os Maias*.

Contou-me o caso do vice-consul portuguez em Bristol. Eça era alli consul geral. O vice, que era inglez, e nada conhecia da lingua de Vieira, ignorava que o seu chefe fosse um dos maiores escriptores de Portugal. Depois da morte de Eça de Queiroz, é que elle, o vice-consul, por intermedio de Aluisio, veiu a saber que o consul geral portuguez, naquella cidade ingleza, poderia, sem o menor favor, figurar ao lado de Carlos Dickens.

O homem ficou escandalizado com semelhante noticia.

— Pobre lingua portugueza! exclamou o autor da *Casa de Pensão*, que, ha poucos dias (21 de janeiro de 1913), para todo o sempre, fechou os olhos, na capital argentina.

Despedi-me do grande escriptor, que, naquella manhã meia fria de junho, vestia um longo sobretudo de inverno europeu, tendo a formosa cabeça abrigada por um gorro de lã. Mal sabia eu que era a ultima vez que tinha a honra de apertar a mão a um dos maiores romancistas que ainda contou o Brazil.

CAPITULO XVIII

NO PARAGUAY

(Continuação.)

SUMMARIO. — Uma visita ao Museu Godoy. — Uma exposição de raridades historicas. — Um retrato de Solano Lopez, em 1866. — Um quadro authentico de Murillo. — Outro de Tintureto. — Um trabalho de Moreno Carbonero. — A reconstrucção do ataude do general Diaz. — Reliquias do tempo da guerra com o Brazil. — Uma bandeira nacional toda baleada. — Na bibliotheca do Dr. Godoy. — Obras deste historiador. — Algumas publicações de alto merito. — Collecções de jornaes brazileiros e platinos de 65 a 70. — Uma historia do Paraguay escripta em latim. — O atlas de Jourdan. — Collecções do « El Nacional » e do « El Semanario », o celebre jornal dos Lopez, pae e filho. — Uma preciosidade cartographica. — Duas obras de vulgarização. — Victor Meirelles, no Paraguay. — Um emprestimo de 25 milhões. — Os effeitos moraes da guerra com a Triplice Alliança. — Nova edição de uma obra valiosa. — A intellectualidade paraguaya. — Partida de Assumpção. — Novos aspectos da natureza. — As primeiras caranda-hys. — Uma esquadrilha de indios. — O cerro de Lambaré. — Um novo genero de sport.

O Paraguay não tem propriamente um museu de bellas-artes. O que existe em Assumpção, entregue á visita publica, é da propriedade particular do Dr. Sylvano Godoy, um dos homens mais eruditos do paiz.

Diriji-me á calle Estrella, onde fica o museu. O Dr. Godoy não se achava. Havia dias antes partido para o Brazil, na qualidade de ministro plenipotenciario de seu paiz junto ao nosso governo.

Recebeu-me, porém, o Dr. Viriato Perez, seu genro, o qual, com a maior solicitude, se dignou acompanhar-me na minha visita, não só ao museu senão tambem á rica bibliotheca de D. Sylvano.

Aqui está um bello quadro, representando o marechal Lopez, acompanhado do general Diaz, na vespera da batalha de Tuyuti. Noutro vê-se o heróe de Curupayti, assistindo, no campo de batalha, á incineração de cadaveres.

Daquella parede pende o retrato do general Mitre, em pé, uniformizado.

Em frente está Lopez, a cavallo, no dia em que assumiu a presidencia da Republica, em 1862. Perto vejo um quadro authentico de Murillo, trabalho de alto valor, muito bem conservado. O Dr. Godoy trouxera-o da Europa, numa das suas últimas viagens.

Mais adeante estão: um lindo quadro de Moreno Carbonero (hespanhol); outro de Fabretto (escola realista), outro de Santiago Rusiñol, outro authentico de Tintureto (obra rara); una *feria* de Baldomero Galofre; outra de Bouchard.

Noutra sala viam-se uma reconstituição do ataúde do general Diaz, nome venerado dos paraguayos; ballas do tempo da guerra com o Brazil e os paizes alliados, e uma bandeira nacional toda baleada.

Do Museu passei á bibliotheca do Dr. Godoy. Em primeiro logar quiz ver as suas obras. Mostrou-m'as o Dr. Viriato.

São as seguintes : *Ultimas operações de guerra do general Diaz* (1897); *Ensaios Bibliographicos* (1898); *Commentario critico ao livro « Alberdi » por Olleros* (1898); *Apoteosis do general Diaz* (1897); *Monographias historicas* (1893); *Mi misión á Rio de Janeiro* (1896). O Dr. Godoy possue ainda varias obras inéditas.

Logo á entrada da bibliotheca vejo uns grandes in-folios, que me chamam a attenção. Dentre elles encontro : *Diario official do Brazil, durante os cinco annos da guerra*, em 19 volumes; collecção, quasi completa, da *Revista do Instituto Historico Brazileiro*.

Adeante : *Historia geral do Chile* por Barros Arana, em 18 volumes; *Memorias do general Leary* (1879) em 31 volumes; *Collecção da Gazeta Mercantil* (1810-1851) em 52 volumes; collecção dos jornaes platinos do tempo da guerra; uma historia do Paraguay, em latim, por Charleroix (1779); o *Archivo americano*, fundado pelo filho de Rosas, o tyranno argentino; varias obras sobre o Brazil, por autores brazileiros e estrangeiros; um excellente atlas historico da guerra do Paraguay, por Jourdan; collecção completa do *El Nacional*, jornal uruguayo do tempo de Rosas; collecção, tambem completa do *El Semanario*, de Assumpção, fundado e dirigido por Lopez pae (1853) e por Lopez filho (1862); um atlas geographico impresso em 1632, em latim, representando o mundo até então conhecido.

Toda a bibliotheca é estimada em 15 mil volumes. O Dr. Viriato Perez, que abriu aquelle thesouro deante de meus olhos, é hespanhol, e vive ha sete annos em Assumpção. Escriptor e poeta distincto, é um vulgarizador das lettras brazileiras.

Mostrou-me varias versões castelhanas (por elle feitas) de poesias dos nossos melhores poetas. Dignou-se offerecer-me as suas seguintes obras : *Comentarios sobre los documentos de* 1544 *á* 1600 *que se encuentran en el Arquivo Nacional,* e *Civilidad é Arte,* estudos litterarios.

O Dr. Perez foi, até ha pouco tempo, o director da *Revista do Instituto Paraguayo,* repositorio de bôas informações ácerca da historia do paiz.

***

Dia 6. — Manhã de sol. Temperatura de 20º centigrados. Nem parece que estamos no Paraguay, a terra classica do calor.

Uma empreza particular está publicando o *Album Grafico de la*

Victoria Regia. — Baixo Paraguay.

Republica, contendo uma synthese da vida nacional, sob todos os seus aspectos. Aos assignantes cada exemplar custará 100 pesos papel. Está-se publicando, igualmente, em Assumpção, a obra intitulada. *La Republica del Paraguay en su primero centenario.* O plano della é semelhante ao do *Album.*

Hoje um passageiro do *Mercedes* amanheceu muito intrigado com o sol, que, segundo elle, aqui nasce no poente. A illusão é devida á curva que o rio faz defronte da cidade.

Achei-lhe graça.

O *Mercedes* acaba de tomar 25 mil achas de lenha, á falta de carvão sufficiente para emprehender viagem até Corumbá. O Lloyd

está devendo 40 mil pesos ouro ao seu fornecedor de combustivel em Assumpção.

Vim a saber, na capital paraguaya, que ha annos alli estivera o grande pintor brazileiro Victor Meirelles, com o fim de estudar *in loco* a côr das aguas do Paraná e do Riacheulo para execução de seu celebre quadro *A batalha de Riachuelo*, batalha que tanto illustrou o nome de Barroso.

Não raro, nas ruas de Assumpção, o estrangeiro vê-se em difficuldades para orientar-se. Porque, se faz qualquer pergunta, respondem-lhe em guarany. Nas casas commerciaes, ainda mesmo nas mais importantes, só se ouve o idioma aborigene, fallado por patrões e caixeiros.

No interior do paiz o uso do guarany é ainda mais diffundido.

A estação da Ferro Carril, na praça Uruguay, é um bonito predio. O trem que sae de Assumpção, ás 7 da manhã, chega ás 10 h. 10 m. da noite á Villa Rica,com um percursode 150 kilometros. De Assumpção a Villa Encarnación, á margem do Paraná, ponto terminal da linha, são 370 kilometros. Uma passagem de 1.ª classe da capital a Villa Rica custa 46 pesos papel. Ida e volta 57 ½ pesos.

Velocidade media dos trens : 25 kilometros por hora.

E' facto sabido que 50 °₀ das pessoas que se encontram nas ruas de Assumpção, andam descalças. Nas casas de armarinho os caixeiros trazem os pés inteiramente nús.

Os jornaes de hoje noticiam que o presidente Jara nomeou seu ministro da guerra o tenente-coronel Goiburú, ministro diplomatico, na França, com a incumbencia de alli realizar um emprestimo de 25 milhões de francos.

Parece que o povo paraguayo, com o desastre da guerra, perdeu inteiramente a fibra. A França, com o fracasso de 70, recobrou novas forças, e é hoje a nação poderosa que todos admiramos.

Pouco importa houvesse ella pago, em 48 horas, os cinco mil milhões de francos arbitrados pelo principe de Bismarck.

A *Livraria Universal* de Assumpção acaba de comprar por 20 mil pesos papel a propriedade da *Historia de la guerra del Paraguay* do coronel Crisostomo Centurión, fallecido em 1903.

A primeira edição dessa importante obra, reputada como a melhor no genero, appareceu em 1892, em tres volumes.

Esgotou-se, em pouco tempo. A nova edição trará o quarto volume, ainda inédito. Por deferencia do editor pude manusear o volume manuscripto, onde se zdmira a lettra olara e miudade Centurión, que fez parte do estado-maior de Solano Lopez durante a guerra.

A *Livraria Universal* fez um excellente negocio, porque já uma casa editora, em Buenos Aires, lhe mandou offerecer 100 mil pesos papel só pela propriedade do quarto volume.

Essa obra já deve achar-se impressa.

A sua tiragem é de 40 mil exemplares.

A obra de Centurión, é, em todo o Rio de Prata, considerada a mais imparcial historia da guerra daquelle paiz com a Triplice Alliança.

A de Jorge Thompson (inglez a serviço de Lopez), e da qual se acaba de dar uma nova edição illustrada, é tida como muito parcial E' em dois grandes volumes, e custa 148 pesos papel.

***

O Paraguay, apezar de pequenino e encravado no amago da America do Sul, tem alguns homens de valor intellectual.

Dentre os seus historiadores merecem ser mencionados, Crisóstomo

Indio pescando á flecha. — Rio Paraguay.

Centurión, Sylvano Godoy, Cecilio Baez, Manoel Domingues, Manoel Gondra e Blas Garay, um dos mais bellos talentos da nova geração, ha pouco fallecido.

Dentre outros trabalhos de merito deixou elle *A independancia del Paraguay*, obra que se lê, com crescente interesse.

Blas Garay, uma das maiores esperanças intellectuaes de seu paiz, foi, ha poucos annos, por motivos politicos, assassinado, em uma noite de baile, em Assumpção. Morreu aos 25 annos de idade. Diplomara-se em direito, na Europa. Dentre os prosadores, citarei Fulgencio Moreno e Ricardo Moreno.

Como no Brazil, tambem no Paraguay, o numero de poetas sobrepuja o de prosadores. Alli a nota mais communmente vibrada é a patriotica.

Os poetas lyricos são em numero relativamente pequeno.

Natalicio Talavera (que tomou parte na guerra, e morreu no acampamento de Cerro Pocú) é o autor da lettra do hymno paraguayo, que assim começa :

¡ Paraguayos ! corred á la gloria,
Y colmad vuestra patria de honor,
Inscribiendo al luchar, en la historia,
Nuevos timbres de noble valor.

A' escola de Talavera pertencem ainda Ignacio Pane, autor da *Ode ao heróe de Curupayti* (general Diaz); Enrique Parodi, Marcellino Perez, Venancio Lopez, Marcellino Martinez, Manoel Riquelme, Adriano Aguiar, Eloy Fariña, autor da bella *Ode a Assumpção*; Francisco Barrero, Ricardo Marengo e Manoel Gamarra. Dentre os porta-lyras symbolistas citarei Roberto Velasquez, autor da *Canção hellenica*.

Dentre os lyricos são dignos de menção Fulgencio Moreno, já mencionado como prosador; Daniel Gimenez, Gomes Esteves, Luis Abente, Alejandro Guanes (tido como o maior dentre todos), Juan O' Leary e finalmente Daniel Espinosa, autor da bella poesia *Sombra*, que aqui reproduzo para dar ao leitor uma ligeira ideia da lyrica paraguaya :

SOMBRA

¿Que serás para mí, sombra querida?
Tu callada tristeza ¿qué me advierte?
En medio de mi vida ¿eres mi muerte?
O en medio de mi muerte ¿eres mi vida?

Cuantos contrastes em mi vida incierta,
Sombra que cruzas por la mente mía :
Á veces lloro com la luz del día,
Y á veces río com la sombra muerta.

Sombra que pasas para mí cantando,
Sombra que pasas para mí gimiendo,
Como um alma dichosa, vas riendo,
Como un alma que sufre, vas llorando.

En las horas amargas de mi suerte,
Sombra que formas mi ignorada historia,
¿Me envuelve en los rayos de la gloria,
O me ciñes mortaja de la muerte?

Sea cualquiera mi modesta suerte,
Siempre igual tú serás, sombra querida :
Á veces has de ser como la vida,
Y á veces has de ser como la muerte.

A livraria mais importante de Assumpção é a Guell y Carrón, á calle Palma. O proprietario della é um allemão que não conhece os livros apenas por seus titulos. E' um commerciante illustrado.

Desejando eu comprar uma obra sobre indios paraguayos, mostrou-me algumas, dizendo, francamente, que não tinham grande valor, indicando-me as melhores sobre o assumpto, e que eu poderia encommendar para Buenos Aires.

Vendo o desejo que eu manifestara de conhecer uma historia da guerra do Paraguay, escripta por um paraguayo, pôz á minha disposição (podendo mesmo leval-o para Matto Grosso), o exemplar (raro) que possuia da obra de Centurión, exemplar pertencente á sua bibliotheca particular (delle livreiro).

Escusado é dizer que não acceitei o gentil offerecimento desse distincto patricio de Schiller, que, ha cerca de quatro lustros, vive, expontaneamente desterrado, naquelle rincão da America do Sul.

***

Dia 7. — Manhã nevoenta. O *Mercedes* levanta ferro ao meio dia, rumo de Matto Grosso.

As helices começam a rodar, agitando as aguas meio escuras do rio Paraguay.

A nevoa da manhã dissipou-se. O dia está lindissimo. Céo azul, profundamente azul. O vapor afasta-se, pouco a pouco.

De pé, no tombadilho, de binoculo em punho, contemplo o espectaculo admiravel da sahida de Assumpção, que lentamente desaparece deante de meus olhos.

Na margem opposta, em territorio do Chaco, vejo algumas fabricas, com as suas chaminés fumegando. Estamos em frente de San Lorenzo, ao norte da capital.

O rio, a montante de Assumpção, descreve um longo estirão de cerca de oito milhas.

Noite.Luar admiravel. A agua do rio parece de prata.

Dia 8. — Manhã clara. Um vento brando sopra da margem mais humida do Paraguay, trazendo para bordo um cheiro agradavel de matto virgem.

A' direita e á esquerda, começam a repontar as primeiras carandáhys.

A vegetação, nesta paragem, é agora mais rica. Este silencio me faz bem. Esta natureza selvagem, que me rodeia, é mais bella e mais solenne que a vida quasi artificial que se vive nas grandes agglomerações humanas.

A bordo, emquanto estes conversam de politica, aquelles de lettras, e aquell'outros do proximo, leio e tomo notas.

A alimentação a bordo continúa a ser regular. Ao almoço vem, invariavelmente, o classico *puchero*, iguaria predileta dos hispano-americanos.

Para os olhos cansados de ver as figuras inexpressivas da rua do Ouvidor e da Avenida Central, uma viagem a Matto Grosso é sempre proveitosa.

Subir um rio de margens verdes, á hora fresca da manhã, ou á hora triste do cahir da tarde, é um deleite para os amigos da natureza. Aqui é um grupo de arvores, á distancia; alli uma casinha solitaria, á beira do rio, com as suas gallinhas no terreiro, um cão que late e uma vacca que pasce melancolica.

Como estamos longe do ruido infernal dos automoveis do Rio de Janeiro!

Aqui é o silencio, é a magestade, é o esplendor e a belleza das cousas primitivas.

Subindo o rio, temos, á esquerda, o territorio do Chaco, á direita os departamentos de San Pedro e de Concepción, por defronte de cuja capital passamos ás 2 ½ da tarde. A's 10 da noite o navio pára, por causa de uma passagem perigosa do rio.

Dia 9. — A's 6 da manhã o vapor levanta ferro com 8 horas perdidas.

Lindo dia de sol. A partir de Assumpção o frio desappareceu, como que por encanto. Entramos, pouco a pouco, em o paiz do calor. Estamos nas proximidades da *Thermolandia brazileira*, que é Matto Grosso.

A temperatura eleva-se de dia para dia, apezar de nos acharmos na vizinhança do inverno.

A's 8 da manhã passa por nós uma esquadrilha de dez canôas tripuladas por indios e indias guaranys. Um bello espectaculo, a esta hora matinal.

De bordo atiram-lhes cascas de fructas.

Sempre os civilizados mais barbaros que os pobres filhos da selva! Iam rio abaixo.

As' 9 da manhã temos á vista a *Serra das quinze pontas*, destacamento occidental da cordilheira de Amambahy. Adeante vem ella até á margem do Paraguay, formando o grupo dos cerros de Itapocú-Guazú.

E' o primeiro relevo que os meus olhos deparam desde a sahida de Buenos Aires.

Esta paizagem de montanha lembra-me o Brazil, que se approxima de nós.

A 1 ½ da tarde surge, emergindo da planicie, o famoso cerro de Lambaré, tão celebrado pela canção popular paraguaya, ao tempo da guerra.

Sempre os carandá-hys, numa e noutra margem do rio. A' medida que nos avizinhamos da fronteira brazileira, começam de apparecer algumas vivendas interessantes, com os seus quintaes bem tratados, os seus curraes e as suas culturas adjacentes .

As casas são cobertas, umas de telha vã, outras de zinco, e muitas de palha.

Ao fundo dellas laranjeiras e bananeiras. Creanças, semi-núas, correm até ao barranco do rio para ver a passagem do vapor. Os mattutos, mettidos em seus costumes de brim azul, apparecem á porta, e ficam por algum tempo a olhar o nosso paquete, que sobe, calmamente, as aguas do Paraguay.

Depois é uma fabrica de tijollo, uma serraria, com os seus montões de madeira á frente.

As mulheres, alcançadas pela objectiva do meu binoculo, fogem para dentro das casas. E' que talvez ellas suppôem que, assim vistas, apparecem de cabeça para baixo, como é crença geral entre as populações ribeirinhas da Amazonia.

Desde a nossa entrada no rio Paraguay que os jacarés começam a prender a attenção dos passageiros, que, armados de riffles, de pistolas ou de revolvers, os alvejam, ás vezes matando-os.

E' um sport, quasi obrigatorio, na pittoresca travessia de Corumbá a Cuyabá. Os jacarés do Amazonas são muito maiores e muito mais perigosas que os de Matto Grosso.

Nas proximidades da fóz do Apa, o Paraguay apresenta falejas a pique.

Vêem-se alli immensos blocos de granito em decomposição.

A natureza geologica do terreno e o trabalho constante de erosão da corrente derem áquelle barranco uma altitude vertical que eu ainda não vira nas margens da grande arteria, a partir da sua desembocadura no Paraná.

CAPITULO XIX

NO BRAZIL OCCIDENTAL

SUMMARIO. — Na fóz do Apa. — Entrada em territorio do Brazil. — No limiar da « Thermolandia. » — Boatos de revolução no sul de Matto Grosso. — Forte Olympo. — Bahia Negra. — Coimbra. — Evocações historicas. — Ricardo Franco e Hermenegildo Portocarrero. — A invasão paraguaya. — Tomada e retomada de Corumbá. — João Antonio Ribeiro e Antonio Maria Coelho. — Bartholomeu Bossi e o forte de Coimbra. — Os indios Guaycurús. — Em Porto Esperança. — Um naturalista francez. — A visão da Serra do Albuquerque. — Ladario. — Chegada a Corumbá. — O que era esta cidade em 1863. — Uma povoação do seculo XVIII. — Luiz de Albuquerque e o almirante Delamare. — O preço da vida. — Casa cara e alimentação pessima. — Uma cidade calida sem arborização. — Um panorama soberbo. — Melhoramentos urbanos. — Um intendente progressista. — Illuminação electrica. — Falta de agua e esgotos. — Um contrasenso municipal. — A sociedade. — Os costumes. — Movimento do porto. — A imprensa local.

Fóz do Apa, 9 de junho. São 3 ½ da tarde. Estamos na embocadura do Apa, que separa a Republica do Paraguay do Estado de Matto Grosso. No braço meridional do rio, ha um posto fiscal brazileiro, afim de evitar a passagem de contrabandos. O « Mercedes » apita e pára. O guarda do posto não apparece.

Da fóz do Apa, em deante, temos, á direita, territorio matto grossense, e, á esquerda, ainda o territorio do Chaco paraguayo.

Como sabe o leitor, o Apa é formado de um sem numero de pequenos arroios que nascem na cordilheira de Amambahy. A principio divaga para sudoeste; e, depois de receber o Estrella, inflecte no rumo do poente, onde se lança no Paraguay por duas barras. Tem um curso de 260 kilometros, dos quaes 200 banhando territorio paraguayo, na região limitrophe.

Devido á sua pouca profundidade e aos recifes do seu leito, não é normalmente navegavel. O Estrella, seu principal tributario da margem esquerda, tem sua origem num pequeno manancial existente no systema orographico de Amambahy. As' 4 ½ passamos pela

barra septentrional do Apa. Na época das grandes cheias navegam pequenas lanchas entre Porto Murtinho, á margem esquerda do Paraguay, e Bella Vista, á margem direita do Apa.

Noite. O relogio do salão de jantar do « Mercedes » bate, pausadamente, 8 horas.

Um apito estridente acorda estas paragens adormecidas. Estamos em Porto Murtinho, a primeira povoação brazileira que se encontra, após tantos dias de viagem por paizes estranhos. Em frente a Porto Murtinho tem-se ainda o Gran Chaco. Só de Bahia Negra para cima é que teremos o Brazil, de uma e outra margem do grande rio, filho dos Parecis.

A demora é pequena. Vêm a bordo officiaes brazileiros alli desta-

Forte de Coimbra. — Matto Grosso.

cados, que pedem noticias do Rio. Amigos abraçam-se. Por espaço de uma hora ha a bordo um rumor e uma alegria desusados. Depois rumo de Corumbá.

Dia 10. —Manhã nublada. Os passageiros queixam-se do calor da noite. A maioria dormiu na tolda, sobre duros bancos, á luz escassa das estrellas. E' que se approxima a Siberia canicular brazileira, como diria Euclydes da Cunha, ou a nossa « Thermolandia », como me permitto chamar-lhe.

Hontem em Porto Murtinho, muito se fallou de revolução, no sul de Matto Grosso. Segundo uns, já haviam destruido a linha telegraphica, numa extensão de 4 kilometros.

As margens do Paraguay sempre povoadas de carandá-hys. Ao meio dia passamos por Forte Olympo. Ao anoitecer, por Bahia Negra, ponto de concurso dos territorios da Bolivia, do Paraguay e do Brazil. E' um ponto interessante, na carta da America do Sul.

Bahia Negra fica a 135 kilometros, ao norte de Forte Olympo. Vê-se alli uma praia núa, e, em semi-circulo, pequenas casas de telha e de palha. De agora por deante temos o Brazil, á direita e á esquerda.

A's 10 horas da noite o navio pára defronte do forte de Coimbra, a chave militar de Matto Grosso.

Este forte tem uma historia accidentada.

Mandou-o construir, em 1775, o então governador de Matto Grosso Luiz de Albuquerque. Ergue-se, á meia encosta da eminencia que domina o rio. A idéa primitiva era construil-o no Fecho dos Morros.

O primeiro assalto que esse forte soffreu foi o que teve logar de 16 a 24 de outubro de 1801.

Essa investida dirigiu-a o governador de Assumpção D. Lazaro de Ribera, á frente de 600 hespanhóes. Repelliu-os, com desusada bravura, o tenente-coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, que tinha ao seu dispôr apenas 100 soldados, conforme se vê do seu officio ao capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro. O general Ribera, de bordo de um de seus quatro barcos de guerra, dirigiu a seguinte intimação ao commandante da praça :

— « Requero a V. S. se renda prontamente a las armas d'El Rey mi amo, pues de lo contrario el canón y la espada decidirán la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnición todas las extremidades de la guerra. »

Ricardo Franco respondeu, nobremente :

— « A desigualdade de forças sempre foi um estimulo que animou os portuguezes, por isso mesmo não desamparam os seus postos e defendel-os ão até ás duras extremidades, até repellir o inimigo, ou o sepultarem-se debaixo das ruinas dos fortes que lhe fôram confiados. »

Depois de um violento ataque, de parte a parte, a esquadrilha de D. Lazaro, com grandes baixas, se retirou, descendo o rio Paraguay.

Ricardo Franco, além de engenheiro militar portuguez, era um distinctissimo geographo. Delle ainda me occuparei, opportunamente.

O segundo feito heroico de Coimbra teve logar em dezembro de 1864, com a resistencia que oppôz ás forças do coronel paraguayo Vicente Barrios, forças compostas de cerca de 3 mil homens, apoiados por 8 vapores, 2 escunas e 3 barcos de reboque.

Essa resistencia que teve á sua frente o tenente-coronel Hermenegildo Portocarrero, representa um dos lances mais notaveis da guerra com o Paraguay. Esgotadas as munições, a guarnição retirou-se, á noite, ás escondidas do inimigo, que occupou a praça abandonada (1).

Vencido o primeiro obstáculo, os paraguayos a 3 de janeiro de 1865 apossavam-se da então villa de Corumbá, que só a 13 de junho de 1867 reconquistou a sua liberdade, graças á bravura e ao patriotismo de Antonio Maria Coelho. Parallelamente Resquin invadia o sul de Matto Grosso, onde Antonio João Ribeiro, que commandava a colonia militar de Dourados, teve morte gloriosa.

Antonio João e Antonio Maria Coelho são dois nomes venerados pelos mattogrossenses.

O naturalista italiano Bartholomeu Bossi, na sua « Viagem Pittoresca » (1863), assim se exprime ácerca de Coimbra, que elle visitou e da qual dá, na referida obra, uma photographia interessante :

— « A fortaleza brazileira de Coimbra parece disposta, unicamente, para bater o rio e defender, pelo costado e pela frente. Porque a sua parte posterior está indefesa. O rio, nesta altura, estreita-se e apresenta um aspecto bellissimo. »

Segundo o mesmo Bossi, Coimbra foi construida para pôr Matto Grosso a coberto da navegação dos bandeirantes paulistas, e bem assim para conter as incursões dos Guaycurús, que subiam o Paraguay praticando toda a sorte de crimes.

Em 1778, em frente ao forte, uma horda desses indios massacrou, traiçoeiramente, 50 soldados portuguezes, que alli se achavam destacados.

***

Dia 11. —O céo amanheceu coberto de nuvens. Excellente temperatura, ás primeiras horas da manhã. Tendo sahido, de Coimbra, hontem, ás 11 horas da noite chegamos, hoje, ás 4 da madrugada, a Porto Esperança, ponto terminal provisorio da Estrada de Ferro Noroeste do Brazil.

Ouvem-se agudos silvos de locomotiva. E' o trem que parte ás

(1) A guarnição do forte compunha-se de 153 homens e 72 mulheres. Hoje ha um unico sobrevivente desta jornada. E' o coronel reformado Americo Portocarrero, filho do heróe de Coimbra, e que tambem tomou parte na reconquista de Corumbá.

5 da manhã para Aquidauana, via Miranda. No barranco do rio, áquella hora do alvorecer, vozes humanos se confundem.

Trocam-se adeuses de bordo para terra e vice-versa. A's 5 ½ levantamos ferro.

Em cada ponto em que toca o paquete, falla-se da revolução, chefiada pelo caudilho riograndense Bento Xavier.

Em Porto Murtinho embarcou um typo barbado, trajando uma capa mais amarella que argilla destas paragens.

A' hora do almoço, assim immundo, sentou-se á mesa. Em conversa com o immediato do vapor, vim a saber que aquelle estranho personagem era um naturalista francez que explorava a região meridional de Matto-Grosso.

Devido á pressa com que embarcou, havia ficado a sua bagagem dentro da chalana, que seguiu rio a baixo. A' mesa o homem sentou-se ao meu lado. Notei que, ao tomar a sopa, pegava do prato com a mão esquerda, a fim de melhor colhêr o resto do alimento. Alem disso, tinha o máu habito de fincar os cotovellos sobre a meza. Conclui, de mim para mim, que semelhante typo não podia ser um homem de sciencia.

Desde Porto Murtinho têm embarcado varias pessoas, com destino a Corumbá. Vêm receiosas da revolução. De Porto Esperança para cima, já os meus olhos começam de admirar a longa serra que corre, parallelamente, á margem direita do Paraguay. E' a grande Serra do Albuquerque, cujo destacamento occidental passa ao sul da cidade de Corumbá com o nome de Serra do Lettreiro, segundo o barão Homem de Mello.

Meio dia. Estamos a 4 horas da metropole commercial de Matto Grosso. A lombada da serra cada vez mais linda. Defronte della o rio descreve uma grande curva, formando um promontorio alongado.

A visão da Serra do Lettreiro, onde fica o logar denominado Urucum, é um bello espectaculo que empolga a alma do viajante.

São 3 ½ da tarde. Estamos em frente do Ladario, com as suas casas derramadas sobre o terreno que se eleva, á margem direita do rio, a sua ponte de madeira onde atracam os pequenos navios de guerra, alli existentes, e o seu velho e decaido Arsenal de Marinha. Ladario, visto de bordo, é pittoresco.

***

Chegada a Corumbá. Quatro horas da tarde. Tendo sahido do Rio

de Janeiro a 18 de abril, só hoje, 11 de junho, é que aporto a esta paragem do Brazil occidental.

O « Mercedes » lança ferro, defronte da cidade, que, topographicamente, é uma miniatura da Bahia. Na sua parte baixa, vêem-se a alfandega, os estabelecimentos bancarios e as grandes casas de importação e exportação. A cidade alta levanta-se, imponente, sobre um planalto que se estende para o sul a 35 metros acima do nivel do Paraguay. De bordo vê-se a Municipalidade, o Hotel Galileu e outros edificios notaveis.

Estamos na latitude de 18º 59' 30'' S, e na altitude de 150 metros.

Vejamos o que de Corumbá diz Bossi, ao chegar alli, em 1863 : — « Corumbá, povoado novo, que começa a formar-se, está situada so-

Ladario. — Matto Grosso.

bre a barranca. Seu porto é regular. Possue um quartel, excellente edificio onde ha uma força de artilheria de cento e tantos homens. Essa posição militar domina o porto e o rio. Um tanto mais abaixo, está a alfandega, um enorme rancho, onde se encontram todas as dependencias necessarias. De dia para dia augmentam os edificios de modesta construcção, como albergues provisorios de habitantes que se preparam para entrar numa vida mais activa e mais prospera. A povoação conta mais ou menos mil almas, e vae em rapido progresso. »

E mais adeante accrescenta o mesmo autor :

— « Corumbá, em sua condição actual, tem qualquer cousa dos primeiros tempos de California. Tudo é alli summamente caro. O viajante encontra difficuldade para alojar-se. Uma habitação má

custa de 30 a 40 pesos fortes, ao mez. A comida é igualmente cara, e não varia entre a carne e o pescado. »

Ao tempo de Bossi faziam a viagem de Montevidéo a Corumbá os vapores « Marquez de Olinda », o « Conselheiro Paranhos » e o « Visconde de Ipanema ». De Corumbá para a capital da provincia trafegava o vapor « Cuyabá ».

O nome primitivo de Corumbá era Albuquerque. Fundaram-na em 1778. Quando presidente de Matto Grosso, o almirante Delamare mandou, em 1859, levantar a planta da povoação, e deu-lhe um traçado á hispano-americana, isto é, ruas cortando-se em angulo recto e praças rectangulares e amplas.

Com a occupação paraguaya (1865-1867) Corumbá decaiu, notavelmente.

Com a reconquista, em 67, ergueu-se, pouco a pouco, reatando o fio do seu progresso.

Em 1876 elevaram-na á categoria de cidade. A sua prosperidade ha sido lenta, por motivos diversos, dentre os quaes destacarei : o descaso dos governos central e regional, o clima quente, o seu solo e sub-solo calcareos, a falta de immigração e de capitaes estrangeiros, e bem assim a deficiencia de recursos naturaes.

A cidade acha-se edificada sobre um terreno ingrato. O calcareo, irradiando e reflectindo o calor e a luz que sobre elle cáem, torna a atmosphera, em certas horas do dia, uma verdadeira fornalha.

A alta temperatura é, em parte, attenuada pela viração constante que sopra da margem oriental (a mais humida) para a margem occidental (a mais secca) do rio Paraguay.

Se se désse o contrario, Corumbá seria uma cidade, inteiramente inhabitavel.

O calcareo que se encontra nas suas ruas é, ao que supponho, o resultado da decomposição de ossos de animaes marinhos. Porque, como se sabe, a bacia amazonica, como a bacia platina, são antigos fundos de mar. E' uma hypothese corrente, nos dominios da sciencia geologica. Corumbá, que, em 63, como diz Bossi, contava 1000 habitantes, conta, actualmente, 10 mil. Não é muito, para um intervallo de meio seculo. Como no tempo do referido escriptor, o aluguel de casa e a vida alimentar são alli ainda muito caros. Achar um predio para alugar é um problema mais difficil que resolver, por tentativas, uma só equação a quatro variaveis, ou integrar, pelo methodo de substituição, uma differencial complicada.

No dia do meu desembarque, quasi não encontro um aposento nos tres hoteis da cidade : o Galileu, o Internacional e o Royal.

Consegui-o, neste ultimo, acommodando-me em um mesmo quarto com outro passageiro.

A alimentação é pessima. Ainda hoje, como no tempo de Bossi, não varia entre a carne e o pescado. Carne má, cansada, vinda, ás vezes, da Bolivia. Entretanto Matto Grosso é o paiz do gado vaccum!

Cozinha-se mal, até mesmo nas casas de familia. A questão do alimento é a mais transcendente a encarar, naquella longinqua cidade brazileira. Em qualquer hotel a diaria é de 10$000. Os ovos são vendidos a 3$000 a duzia; o leite a 1$000 o litro. Um barril de agua custa 1$000. Verduras e hortaliças uma fortuna. Fructas quasi que não ha. As que apparecem vêm de S. Luiz de Caceres ou da capital do Estado. Encontrei maior somma de recursos naturaes nas regiões acreanas do que na metropole economica de Matto Grosso.

Panorama de Corumbá. — Matto Grosso.

O grande commercio de Corumbá acha-se entregue á actividade de allemães e brazileiros. O pequeno é explorado pelos turcos que alli se domiciliaram.

A população é assim estimada: 3.000 naturaes; 2.000 paraguayos, bolivianos e correntinos; 1.000 allemães, inglezes, italianos e portuguezes; 1.000 soldados; 2.000 nacionaes de varia procedencia, e cerca de 1.000 turcos.

E', á semelhança de Manáos, uma cidade viceralmente cosmopolita.

***

Corumbá assentando, como assenta, numa região de clima calido, não tem, como devera ter, as suas ruas devidamente arborizadas.

Isso é quasi incrivel. Apenas a rua Delamare, a mais importante, possue, em certa parte, algumas arvores velhas, cujos ramos estão e entrar pelos telhados das casas.

Nas praças nenhuma arvore! Tudo por falta de um intendente municipal que tenha idéas e um pouco de amor áquella terra.

A cidade, repousando num planalto, tem, deante de si, um scenario soberbo. Da praça da Republica descortina-se um horizonte vastissimo bordado de montanhas.

Em frente della o Paraguay descreve uma curva em forma de S, curva que, vista de longe, lembra a projecção vertical da helice de Archimedes.

Aos fundos da cidade corre uma linha de interessantes collinas. Muito longe, ao sul, a Serra do Lettreiro. Ao norte a Serra dos Dourados. A oeste as montanhas da Bolivia. Um quadro estupendo!

Praças principaes : Santa Thereza, onde fica o Royal Hotel; da Republica, onde se erguem a matriz e o edificio da municipalidade; a Tiradentes, onde se encontra a cadeia publica. Ruas melhores : Delamare, Treze de Junho, Quinze de Novembro, Sete de Setembro, Quinze de Agosto, Cuyabá e do Commercio, na cidade baixa.

O ultimo intendente de Corumbá, Dr. Brandão Junior, fez, em dois annos de administração, o que não fizeram, reunidos, todos os seus antecessores. Nivelou ruas e praças, calçando-as a macadam. De uma cidade esburacada fez uma cidade plana.

Todos alli elogiam a sua passagem pelo governo do municipio. Contractou illuminação electrica, agua e esgotos, com emprezas particulares. A illuminação foi inaugurada do dia 6 de janeiro de 1912. E' de arco voltaico. Em logar de luz electrica que é luxo, penso que fôra mais proveitoso, o inaugurar-se o serviço de agua e de esgotos. E' que a luz é um melhoramento de effeito, entra pelos olhos de todo o mundo, emquanto que os encanamentos de agua e esgotos ficam em baixo da terra, e ninguem os vê. Se os conductores de agua, ao em vez de serem subterraneos, fossem aéreos, como os da electricidade, é quasi certo que, a esta hora, Corumbá não mais estivesse pagando 1$000 por um barril de agua, posto á porta.

O Brazil, em toda a parte, é a mesma « Fitolandia » que todos conhecemos. Das « fitas » federaes ás « fitas » municipaes não é grande a distancia. O municipio de Corumbá não conta mais de 14 mil habitantes. A sua renda annual é de cerca de 300 contos.

Ha, na cidade, uma certa vida social digna de nota, costumes finos, bailes frequentes, corso, aos domingos, na rua Delamare.

Funcciona um cinematographo, que se enche todas as noites. A hora da exhibição das fitas é annunciada por um silvo retumbante, que mais parece o silvo de uma lancha a vapor. Ecôa, por toda a cidade. A construcção de casas augmenta de um anno para outro. O porto é regularmente movimentado. Trafegam entre Corumbá e Montevidéo 12 vapores, dos quaes 5 do Lloyd, sendo 3 de passageiros (o « Venus », o Mercedes » e o Ladario ») e 2 de carga (o « Miranda » e o « Murtinho »). Uma companhia paraguaya, a « Vierce », possue 2 excellentes vapores, o « Posadas » e o « Leda »,que viajam entre Corumbá e Assumpção e vice-versa. Na capital paraguaya, os passageiros transbordam para os magnificos paquetes da companhia argentina Mihanowicht. Existem ainda outros vapores que fazem a mesmo carreira, e que pertencem a importantes casas commerciaes da cidade.

A imprensa local é representada pelos seguintes jornaes, que apparecem uma vez por semana : « Gazeta do Sul » (aos sabbados), « Correio do Estado » (ás quintas-feiras), e a « Folha de Corumbá », que veiu á luz, depois da minha partida.

CAPITULO XX

NO BRAZIL OCCIDENTAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — Revolução no sul de Matto Grosso. — A commemoração do 13 de junho. — Remessa de tropas federaes e estaduaes. — Um recrutamento vergonhoso. — Influencia dos Andes bolivianos na temperatura de Corumbá. — Uma queda thermometrica de 26 gráos, em 15 horas. — Os gallos, os cachorros e os tiroteios nocturnos. — Uma cidade sem policiamento. — Insectos importunos. — Um emprego vantajoso de capitaes. — Um logar de clima petropolitano. — Uma região de futuro á espera da iniciativa dos homens. — Um sanatorio para beribericos. — Como nelle é tratado o soldado brazileiro. — Os festejos de S. João, á margem do Paraguay. — Uma visita ao tumulo do marechal Antonio Maria Coelho e outros heróes da jornada de 67. — Um typo popular. — As excursões a Puerto Suarez. — O reinado do contrabando. — Os calores e as chuvas estivaes. — A alma das ruas á tarde e pela manhã. — O serviço telegraphico entre Corumbá e o Rio de Janeiro. — Um forte abandonado. — Aspectos da vida militar. — Suas difficuld des. — Matto Grosso e a philosophia de Braz Cubas. — Considerações geraes sobre o grande Estado do Brazil occidental.

Os boatos de revolução, no sul de Matto Grosso, boatos que chegaram aos ouvidos dos passageiros do « Mercedes », desde a passagem por Porto Murtinho — confirmaram-se, de modo integral.

Era o caudilho Bento Xavier, nas suas correrias periodicas, por Bella Vista, Nioac, Ponta Poran e Aquidauana. No dia 13 de junho, á hora em que toda a cidade festejava a sua grande data (retomada aos paraguayos, a 13 de junho de 1867), embarcava para as regiões meridionaes do Estado uma expedição composta de 200 homens do exercito e 150 da policia. A columna desembarcou em Porto Esperança, e alli tomou o trem de ferro para Aquidauana, donde seguiu, a pé, para a fronteira paraguaya. Os 150 homens fornecidos pelo governo do Estado fôram, na sua maioria, recrutados, á unha, nas ruas de Corumbá. Era a resurreição do voluntariado de páo e corda,

ao tempo da guerra com o Paraguay, segundo rezam as chronicas contemporaneas. Aos olhos da população aquelle recrutamento pareceu a causa mais natural deste mundo.

A mim se me antolhou, porém, um crime, perante a constituição do paiz.

Vinda da capital do Estado, chegou a Corumbá, no dia 16, uma força de policia, composta de 60 praças. Commandava-a um capitão, tendo, como auxiliares, um tenente e um alferes. Por ordem do inspector da região toda essa força embarcou para Aquidauana, sob o commando de um 1.º tenente do exercito.

A 23 de junho a cidade amanheceu sob a temperatura de 13º C. Na vespera havia-se desencadeado uma ventania formidavel. O

Rua Delamare, Corumbá. — Matto Grosso.

thermometro, que, ás 3 da tarde, marcava 36º, á sombra, caiu a 13º na manhã seguinte. Uma differença de 23º no intervallo de 15 horas. Isso se dá, sempre que sopram os ventos humidos e frios dos Andes da Bolivia.

A friagem dura de tres a quatro dias. Depois vem o calor suffocante, que é a norma naquellas paragens. Em soprando esses ventos andinos, ninguem pode dormir, com os assobios que elles produzem na cobertura das casas, que, na sua quasi totalidade, são de telha vã. Batem portas e janellas. E' um barulho infernal.

Maspero, no seu livro *Ruines et paysages d'Egypte*, falla-nos da cidade de Esneh, que elle chama a « cidade do vento ».

Se esse grande amigo das antiguidades pharaónicas visitasse Co-

rumbá, e alli permanecesse de junho a setembro, certo dar-lhe-ia, com a maior justiça, o nome de « cidade dos furacões. »

Uma curiosidade da terra : os gallos cantam a qualquer hora do dia e da noite, principalmente ao escurecer. Dir-se-iam gallos, vindos de todas as latitudes terrestres. Em vindo a noite, começam os tiroteios, em plena rua. E' o sport predilecto da população desordeira. São paraguayos, bolivianos e correntinos que, embriagados, dão tiros para o ar. Não é raro amanhecerem pessoas mortas, nos bairros mais escusos sem se saber quem as matou. Policiamento é cousa que não existe. A' noite, a vida do transeunte está entregue á Divina Providencia. Em virtude desses tiroteios criminosos, numa manhã de 1911, encontraram-se cinco cadaveres estendidos nas ruas de Corumbá.

Ha alli uma outra praga, bastante incommoda : são os cachorros, que, por centenas, latem durante a noite, tirando o somno á população. Dizia-me um collega que, em Corumbá, a maioria da população era composta de cachorros e soldados do exercito. Mero gracejo, que não subscreverei. Com a inauguração da luz electrica, em janeiro de 1912, um outro tormento appareceu para castigo dos habitantes : gafanhotos, baratões e toda a sorte de bicharocos, que, attraidos pela luz das lampadas de arco, invadem os domicilios. Um inferno. Imagine o leitor o que é uma noite, em Corumbá com todos estes martyrios : tiroteios, canto de gallos, latido de cães, bicharocos e... calor de 30° C. até uma hora da manhã ! Quem passa uma temporada naquella terra, volta de lá com a alma depurada de todos os peccados humanos.

***

Apezar desses inconvenientes, a cidade progride. Corre alli muito dinheiro. Os melhoramentos urbanos continuam. Depois da illuminação electrica, veiu a rede telephonica, que acaba de ser installada. Trata-se agora do assentamento de uma linha de bondes, que, servindo a cidade, vá até Ladario, a leste, e até o Urucum, ao sul.

A viação será electrica. Quem dispuzer de capitaes poderá empregal-os, vantajosamente, em Corumbá, em fabricas de cerveja, em olarias mecanicas e em serrarias a vapor.

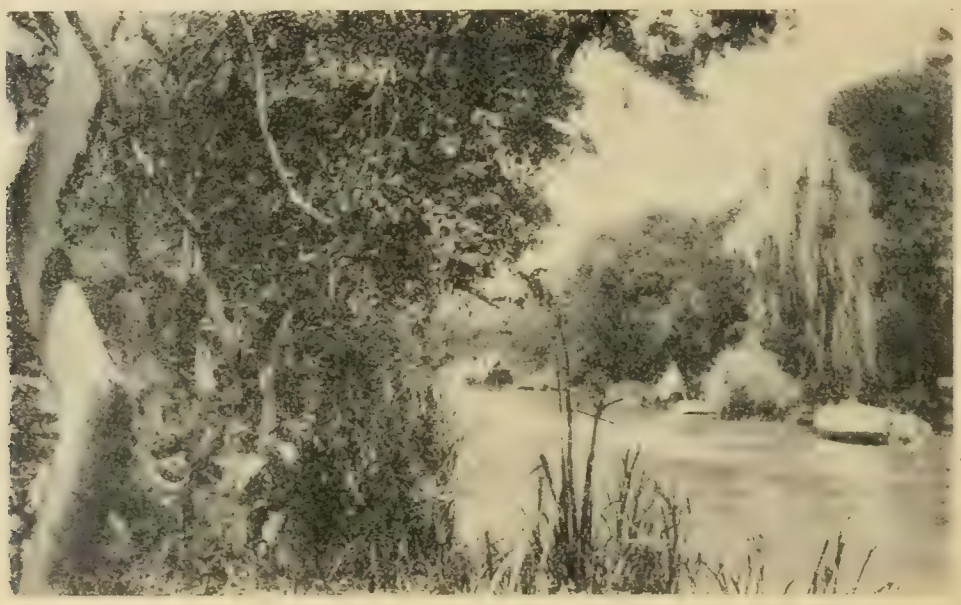
A 18 kilometros corre a Serra do Urucum, que supponho ser um destacamento da do Lettreiro. E' um logar de clima petropolitano

Alli se encontram fructos europeus.

Urucum bem pudera ser o celeiro de Corumbá. Em seus arredores poderia residir parte da população daquella cidade, uma vez que dispusesse elle de bôas habitações para alugar, bons hoteis, excellentes restaurantes, theatro, cinematographo etc., tudo isso ao par de outros melhoramentos indispensaveis. Uma empreza que se resolvesse levar avante esse projecto duplicaria, em pouco tempo, os seus capitaes.

Para completar a obra, uma linha de « tramways » electricos entre Corumbá e Urucum.

Sendo a respectiva distancia de 18 kilometros, poderia esse trajecto ser feito, folgadamente, em 1 hora. A agua de Urucum é crystallina. Vem da montanha. Será a Petropolis de Corumbá, quando houver homens, intelligentes e emprehendedores, que lhe saibam aproveitar as virtudes.



Arroio Conceição, proximo a Corumbá. — (Fronteira Brazil, Bolivia)

Naquella região serrana, existe uma enfermaria militar para beribéricos. Não é bem uma enfermaria. São uns ranchos de palha, o que ha de mais primitivo. A construcção de uma enfermaria faz-se alli mistér, ainda mesmo que seja de alvenaria de taipa. Falta ao soldado o mais elementar conforto. Ha uma visita medica por mez.

O tratamento dos enfermos é confiado a um cabo enfermeiro, e a vigilancia delles á meia duzia de praças alli destacadas.

E' muito pouco, para uma guarnição longinqua, onde o beriberi dizima uma bôa parte da soldadesca, mal alimentada e muito trabalhada pelo clima e pela agrura do serviço.

Os beribericos dormem em colchões collocados sobre giráos toscamente feitos. E' uma lastima, para não dizer uma vergonha. A alimentação dos doentes é fornecida por um civil contractado para esse fim. O clima do logar é tão benefico que praças que saem de Corumbá carregadas nos braços dos companheiros, para alli regressam, completamente curadas, em menos de um mez. O ministerio da guerra dispendeu, ha annos, centenas de contos com o sanatorio de Campos do Jordão, na Mantiqueira, hoje abandonado. Por que não gastar uns vinte contos apenas com uma enfermaria provisoria para beribericos, em Urucum? O nosso soldado bem o merecera, elle que, em Matto Grosso, paga um tão duro tributo ao officio das armas.

***

Os festejos da noite de São João, em Corumbá, são interessantes. Organizam-se, na cidade, varias romarias, que vão á beira do rio Paraguay, onde mergulham São João, de cabeça para baixo. Quando os romeiros que vão encontram os romeiros que vêm, uns e outros se cumprimentam, com grandes attitudes genuflexorias. Entôam-se cantos appropriados, por todo o trajecto.

Nesses festejos, tomam parte pessoas do povo, e até as melhores familias do logar.

Corumbá tem dois cemiterios, o velho e o novo, um pouco afastado da cidade.

Por uma tarde de julho, fui ao cemiterio velho visitar o tumulo de Antonio Maria Coelho, fallecido em 1894, como marechal reformado, e que foi, como se sabe, o primeiro presidente republicano que teve Matto Grosso.

A sua elevação á presidencia do Estado fez-se, por acclamação popular.

Sobre a lapide da sua sepultura, de apparencia modesta, lê-se esta inscripção :

— « Aqui jaz o marechal do Exercito Antonio Maria Coelho, barão de Amambahy e libertador de Corumbá, nascido a 8 de setembro de 1827 e fallecido a 30 de agosto de 1894. »

Noutro jazigo, um pouco adeante, estes dizeres : — « Aqui jazem os restos mortaes do capitão Luiz da Cunha e Cruz e do cadete Manoel Antonio de Pinho, mortos na retomada desta villa, a 13 de junho de 1867. »

Além da reconquista de Corumbá, a historia de Matto Grosso (não fallando nos dois episodios de Coimbra) registra ainda um feito notavel.

Refiro-me á resistencia de Dourados a 31 de maio de 1865, onde Antonio João Ribeiro morreu como um heróe.

Para finalizar estas reminiscencias historicas aqui citarei os nomes dos que mais se distinguiram na retomada de Corumbá aos paraguayos : — Tenente coronel Antonio Maria Coelho, capitão-capellão Francisco Bruno de Sampaio; capitães Joaquim José de Pinho, Joaquim Craveiro de Sá e Peixoto de Azevedo; tenente Hortencio de Seixas Coutinho; alferes Antonio Felippe Fernandes Cuyabano e Felisberto Henrique Bruno Dechamps; e civis Randolpho Olegario de Figueredo, Annibal da Motta a Luiz José de Pinho.

***

Corumbá, como toda cidade que se preza, tem o seu typo popular. E' o « Bucho Gordo ».

E' um preto velho, alto, magro, que anda pelas ruas, jogando com o corpo, á semelhança de um navio em dia de temporal. E' o jornal ambulante da cidade. Conhece a vida de todo o mundo. Tem uma lingua terrivel. E' um excellente cobrador de dividas. Chega a ser o terror dos devedores. E' o Seixas de Corumbá (o leitor carioca lembra-se, certamente, do Seixas, o terror dos máos pagadores do Rio de Janeiro). Em lhe não pagando, « Bucho Gordo » arrasta o devedor pela rua da Amargura, dizendo, alto e bom som, que o mesmo caloteia o armazem e o proprietario da casa em que móra. E', porém, muito cortez. Dá o tratamento de excellencia á toda pessoa que não é da sua categoria. Sabe viver, e, sendo perigoso, é, por isso mesmo, estimado da população. Percorre a cidade, de extremo a extremo, conduzindo, ao hombro uma vara com duas latas vazias de kerozene, contendo fressura.

De longe se ouve o seu pregão monotono : — Bucho gordo! Quando não vende fressura, vende cocos de bocayuva, especie de palmeira que abunda em Matto Grosso.

Ao peso da sua mercadoria, repete, á guisa de estribilho : — « Corumbá ! logar bom para se ganhar dinheiro ! »

A cidade não conta um suburbio, um logar qualquer que sirva para recrear o espirito. Morando alli, a gente tem a idéa de ser um

prisioneiro que goza da regalia de ter aquellas ruas e aquellas praças por menagem. Ladario, que fica á meia legua, nada tem de interessante, com os seus caminhos pedregosos e esburacados.

Resta Puerto Suarez, á margem da Lagôa de Caceres, formada pelo transbordamento das aguas do Paraguay.

No periodo da enchente vão, aos domingos, lanchas a vapor áquella vizinha cidade boliviana. A passagem de ida e volta custa 10$000. O trajecto é feito em cerca de duas horas. Ha, em Porto Suarez, um batalhão do exercito da Bolivia, bem instruido e disciplinado, com perto de 400 homens. O logar tem um aspecto pobre. Quasi todas as casas são de palha. Uma ou outra moradia é confortavel. Alli

Porto Tamarineiro, proximo a Corumbá, cedido pelo Brazil á Bolivia

se compram varios artigos por preços reduzidissimos, attento o pequeno imposto de importação cobrado pela respectiva aduana. Apezar da vigilancia dos empregados da alfandega brazileira, reina o contrabando, com grave prejuizo para o commercio de Corumbá.

Depois das friagens intervalladas de junho, julho, agosto e setembro, vêm os mezes de outubro a maio, com os seus calores suffocantes. Ao meio dia é um bochorno. Toda a natureza parece parada. Parte das casas de negocios fecha as suas portas. Meia população dorme a sesta. O transito é quasi morto, nas ruas centraes. No porto cessa o movimento. Ouve-se apenas, nos fundos dos quintaes e nas poucas arvores da rua Delamare, o canto continuo e estridente das cigarras annunciando o verão. Das 2 da tarde, em deante, recomeça

a vida. Passam paraguayos com as suas carroças d'agua. Carroceiros descem para a margem do rio. Pela manhã são os quintandeiros puxando os seus jumentos carregados de verduras e hortaliças; são os vendedores de leite, com os seus cangirões de folha; são os toques de corneta, dando signal de parada, no 3.º de artilharia. Tal é o aspecto externo de Corumbá, á tarde, e pela manhã, no trecho fronteiro á casinha solitaria da rua Delamare, onde passei algum tempo, rodeado dos meus livros e dos meus pensamentos.

Os vapores do Lloyd, em condições normaes, estão gastando de 12 a 14 dias, nas suas viagens de Montevidéo a Corumbá. Na descida 8 dias.

Da mesma fórma os vapores da casa Cavassa Filho e C. São em numero de quatro : o « Fernandes Vieira », o « Cuyabá », o « São José » e o « Campos ». Ha occasiões em que Corumbá fica isolada do mundo, durante um mez inteiro. Porque a linha telegraphica, na região sul do Estado, se acha, não raro, em más condições. A's vezes são postes que caem, com a enchente do Paraguay e alguns de seus formadores. A linha, nas secções de Cuyabá a Goyaz, e de Goyaz a Uberaba, funcciona bem. A zona infeliz é a de Miranda, Aquidauana, Coxim e Rio Negro. Por que não se ligou, directamente, Corumbá a São Luiz de Caceres, que se acha ligada á capital do Estado, via Poconé?

E' um horror, que facilmente se imagina, viver em uma cidade longinqua, durante um mez e mais, sem noticia alguma do resto do mundo.

O fallecimento de Rio Branco só foi sabido, em Corumbá, tres dias depois.

***

A guarnição federal da primeira cidade commercial de Matto Grosso consta, actualmente, das seguintes unidades : 13.º e 14.º regimentos de infantaria e 3.º batalhão de artilharia de posição.

A força está mal alojada. O quartel do 3.º é uma casa particular de exiguas dimensões.

O 14.º não tem quartel. Vive quasi ao relento, em um pardieiro que está cahindo de podre.

O 13.º é o que se acha em melhores condições, installado nos dois pavilhões, já concluidos, do grande quartel, em construcção, que fica a 1½ kilometro a leste da cidade. Assenta elle á margem do rio,

e tem, deante de si, uma vista soberba. As obras desse novo quartel ainda estão um pouco atrazadas, por deficiencia de verbas, pessoal e materiaes. Os engenheiros encarregados dellas tem feito o que é possivel fazer.

Aos fundos do quartel do 13.º regimento vê-se o antigo forte do Limoeiro, inteiramente abandonado. Hoje serve de baia aos animaes do mesmo corpo. Entretanto, devidamente restaurado, seria uma excellente defesa para Corumbá, na hypothese de uma esquadrilha inimiga haver forçado a passagem de Coimbra.

Mas essas cousas são de sómenos importancia para quem vive a vida regalada da Avenida Rio Branco, e entende que o Brazil começa na esquina da rua do Ouvidor a acaba alli pela altura do « bar » da Brahma.

Como já disse, em outro logar, a vida, em Corumbá, é carissima. O aluguel de casa é tão elevado como no Rio de Janeiro. E ha falta de casas para alugar. Muitos officiaes que alli chegam com familia, vêem-se na contingencia de residir nos hoteis, pagando diarias avultadas

Os seus honorarios, accrescidos dos 20 % que a lei lhes manda dar naquella região, mal chegam para viver com decencia.

E' por esse motivo que alguns officiaes para alli vão, sósinhos, deixando as respectivas familias, no Rio ou em seus Estados nataes.

O serviço arregimentado é pesadissimo pela accumulação de cargos. E' frequente um official subalterno commandar 4, 6, e até as 9 companhias de um regimento, com todas as responsabilidades materiaes e moraes decorrentes dos cargos accumulados. Bem poderia o governo estabelecer um prazo fixo para o serviço militar em Matto Grosso á semelhança, do que fazem alguns paizes da Europa, com relação aos seus exercitos coloniaes.

Por que, militarmente fallando, Matto Grosso e toda a Amazonia são meras possessões brazileiras. Com dois annos de arregimentação, em qualquer dessas paragens, o official devera de fazer jus a outra guarnição melhor. Assim, o que é bem e o que é máu tocariam a todos. E' cousa que depende unicamente de um simples aviso do ministerio de guerra.

Um pouco de boa vontade, e tudo estaria feito. Servir, em Matto Grosso, nas condições actuaes, é pagar um pesado e inutil tributo ao esquecimento de si proprio, ao tedio e á melancolia, no paiz do Silencio. Não aconselharei aos meus collegas do exercito que vão a Matto Grosso, nem mesmo, voluntariamente, como lá fui por duas vezes. Seria negar-lhes a verdade do que aquillo é, no que respeita ás cousas do nosso officio. Todavia ha uma razão, em virtude da

qual vale a pena de ir áquelles semfins do Brazil, e alli passar, pelo menos, um anno : é para sentir a sensação agradabilissima da volta. O leitor não imagina o contentamento indefinivel de quem, após demorada estadia naquella terra, embarca, em Corumbá, com destino ao Rio de Janeiro.

Que bom estar a bordo, á espera do signal da partida! Depois é o vapor que vae rio abaixo. E' a cidade que se some.

E' Ladario que desapparece...

Braz Cubas, aquelle admiravel personagem do grande Machado de Assis, costumava comprar calçado apertado. Porque, dizia elle, lhe castigava os pés, torturando-os, martyrizando-os, horrivelmente.

Mas, em compensação, que allivio, que sensação de bem estar, quando tirava as botinas! Assim Matto Grosso. Um anno de aborrecimentos indescriptiveis, que são sobejamente compensados pelo prazer do regresso. Experimente o leitor essa emoção extraordinaria. Vá até áquelles rincões do Brazil, e não se arrependerá, lhe garanto.

***

O Estado de Matto Grosso, com os seus 1.376.487 kilometros quadrados de superficie, segundo o barão Homem de Mello, é, como se sabe, o maior Estado brazileiro, depois do Amazonas.

De todas as unidades federativas da União é aquella que mais afastada se acha do Rio de Janeiro. Porque, para lá chegar, é necessario cerca de um mez, com todas as peripecias do trajecto, emquanto que á Amazonia, ou a Goyaz, se pode ir em 16 dias.

A Estrada de Ferro Noroeste do Brazil, cuja construcção vae marchando a passo de kagado, creiu ainda não estará inaugurada dentro destes tres annos. O trecho comprehendido entre Porto Esperança e Miranda construiu-se sobre pantanos; por isso tem sido, constantemente prejudicado, com as cheias periodicas do rio Paraguay.

A communicação ferro-viaria, entre o Rio de Janeiro e Corumbá, era um problema a ser immediatamente resolvido, logo após a terminação da guerra de 65 a 70. A invasão de Matto Grosso pelos coroneis Resquin e Barrios não nos aproveitou, e o grande Estado do Brazil occidental continuou e continúa na mesma situação em que se achava em dezembro de 64.

Dos nossos Estados mediterraneos, Matto Grosso é o que se encontra em peiores condições.

Encravado entre o Amazonas, o Pará, Goyaz, S. Paulo, Paraná, Paraguay e Bolivia, a sua população está sujeita a um engarrafamento inevitavel, por parte de um inimigo audacioso.

A guarnição federal vive alli disseminada por pontos afastadissimos, uns dos outros, de modo que, num dado momento, não se poderão prestar um mutuo apoio.

Com uma area igual a tres ou quatro vezes a da França, Matto Grosso não conta mais que 120 mil habitantes, em que peze a estimativa optimista de alguns dos nossos mais illustres geographos.

Cuyabá, que, ao proclamar-se a Republica, tinha 25 mil almas, hoje não tem mais que 16 mil. A população emigra, e com ella os capitaes. Corumbá conta, presentemente, 10 mil habitantes. São Luiz de Caceres e Poconé são cidades em plena decadencia.

Miranda e Aquidauana, no sul do Estado, são duas localidades que começam a prosperar, menos pela iniciativa dos naturaes que pela collaboração dos riograndenses do sul que lá se domiciliaram.

As populações, viceralmente mattogrossenses, são as que menos progridem. A culpa disso não é exclusivamente do povo, que, na sua grande maioria, é trabalhador, mas dos governos federal e estadual, que têm deixado, ao abandono, uma das regiões mais ricas do Brazil.

Por que não se canaliza para a zona meridional do Estado, que é de clima europeu, parte da immigração que nos vem do velho mundo? Por que não se leva a locomotiva até á parte septentrional, tão opulenta em gomma elastica?

Por que, até hoje, se tem deixado de desobstruir os rios S. Lourenço e Cuyabá, afim de facilitar a navegação, entre a capital e Corumbá, na época da vasante?

Matto Grosso, como quasi todas as nossas unidades federativas, tem sido victima de um excesso de politicagem sobre administração.

A sua receita é hoje avaliada em cerca de 4 mil contos, o sufficiente para fazer alguma cousa, em beneficio da collectividade.

E' um mundo em formação. As suas fontes de vida estão na gomma elastica e na industria pecuaria. Só o imposto sobre a exportação da borracha que sae dos seus seringaes, derrama, nas arcas do seu thesouro cerca de 2 mil contos por anno. Em todo o Estado ha para mais de 3 milhões de cabeças de gado. Não é raro encontrar-se uma só fazenda com 200 mil bois, muitos dos quaes inteiramente selvagens.

A exportação do gado vaccum matto-grossense faz-se, por terra, para Minas e S. Paulo, através de máus caminhos.

Com a inauguração (?) da via ferrea interestadual, aquella longinqua região poderá abastecer de gado o sul do paiz, fazendo seria concurrencia a Minas e a Goyaz.

Matto Grosso exporta, annualmente, perto de 800 toneladas de couros seccos e salgados.

Dentre as suas ricas jazidas auriferas citarei as seguintes : as do Brunado, do Jamary, do Rio do Ouro, do Juruhima, do Cocaes (proxima de Cuyabá), de Santa Izabel (na vertente dos Parecis), do rio Barbados, do Camapuan, da Chapada de Sant'Anna, da Cabaçal (onde ha uma companhia de exploração, ingleza), dos rios Coxipó-Mirim e Coxipó do Ouro, exploradas pela companhia « Matte Gom Gold Dredging », numa extensão de 51 kilometros. A mesma empreza explora o rio Cuyabá ao longo de 134 kilometros, e bem assim a maior parte da bacia do rio Manso.

A concessão dessas minas pertencia, a principio, a « Transpacific Mining and exploration Company ».

Ha ainda, ao norte do Estado, riquissimas jazidas de diamantes, que o governo deixa dormindo debaixo da terra.

Depois de Minas Geraes, Matto Grosso é, no ponto de vista mineralogico, o mais opulento Estado do Brazil.

O Coxipó-Mirim tem diamantes, no seu leito. Da mesma fórma o Coxim, o Camapuanzinho, o Taquary-Mirim, o Bôa-Vista, o Jaurú, o Guilombo, que fica a 85 kilometros de Cuyabá.

As jazidas diamantiferas do Quilombo são as mais ricas que alli se conhecem.

A industria extractiva do mate é uma industria florescente, na parte meridional do Estado. A « Companhia Mate Larangeira » emprega, nos seus serviços cerca de 3 mil homens. Para o transporte dos seus productos dispõe ella de uma via ferrea, entre Margarida e Porto Murtinho.

Dos hervaçaes de Matto Grosso têm-se extraido para mais de 5 milhões de kilogrammas de mate.

A industria agricola, ainda insipiente, requer braços nacionaes ou estrangeiros. Aquella região immensa do Brazil occidental é uma das mais futurosas que possuimos. Espera, unicamente, a iniciativa de seus homens publicos, para o devido aproveitamento das suas riquezas e cabal desempenho da missão que lhe está reservada na economia geral do paiz.

CAPITULO XXI

NO BRAZIL OCCIDENTAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — O Estado de Matto Grosso e as suas vias de communicações. — Rios navegaveis. — O Xingú e o principe Adalberto da Prussia. — A viagem de von den Steinen. — O « divortium aquarum » da bacia do Prata e as phantasias geographicas de Echwege. — Adriano Taunay e o barão de Langsdorff. — A antiga Villa Bella e os restos mortaes de Ricardo Franco. — Uma capital desapparecida. — Seu esplendor e sua decadencia. — Um trecho de Castelnau. — O barão de Melgaço e os seus notaveis serviços á remota provincia do Brazil occidental. — O sentimento nativista da população de Cuyabá e a memoravel noite de 30 de maio de 1834. — Manso Tigre e o morticinio dos portuguezes. — O crime da praça Ipiranga e os assassinatos da Bahia Garcez. — Os bacias hydrographicas do Amazonas e do Rio da Prata. — Seus pontos de contacto. — Um transporte de pesados canhões do Guaporé para Coimbra. — Matto Grosso, nos primeiros seculos do descobrimento. — As incursões dos hespanhóes. — O papel inconsciente dos bandeirantes paulistas. — A audacia desses flibusteiros dos sertões, conforme Humboldt. — Seu roteiro de S. Paulo a Cuyabá. — Aspectos geographicos. — Tribus indigenas. — Seus « habitats ». — Alliança dos Payaguás com os Guaycurús, contra os invasores. — Cidades e villas. — Os seus grandes afastamentos reciprocos. — Difficuldades de communicações. — De Corumbá a Nioac, em dois dias. — Defesa militar da fronteira. — Verdades que ninguem ignora.

Matto Grosso é um dos Estados brazileiros mais bem servidos de vias de communicações fluviaes. Para o sul é o rio Paraguay, que se lança no Paraná, o qual, depois de receber o Uruguay, toma, como se sabe, a denominação impropria de Rio da Prata.

Para o norte é o Guaporé, affluente do Mamoré, tributario do Madeira, que despeja suas aguas no Amazonas, depois de um percurso de 400 leguas em territorio mattogrossense. No mesmo rumo ainda : o Tapajós (formado do Arinos e do Juruena), o Araguaya, na parte occidental do seu valle, e o Xingú, percorrido, em 1849, pelo principe Adalberto da Prussia, em companhia do conde de Bismarck.

Em 1884 explorou-o a commissão chefiada pelo illustre naturalista allemão Dr. Karl von den Steinen, que, partindo de Cuyabá, a 26 de maio de referido anno, chegou a Belém do Pará, descendo o grande rio.

Segundo uma recente communicação feita pelo coronel Rondon á Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, vê-se que o Arinos é um mero affluente do Juruena. Este tem, na fóz, uma largura de 1.080 metros; aquelle, na desembocadura, tem apenas 730 metros de diametro. A descarga do Juruena é muito maior. E' tambem mais correntoso, e seu curso, tomando a direcção do Tapajos, é mais longo que o do Arinos. Conforme ainda a mesma communicação, o Juruena e o Arinos foram explorados, em 1837, por Joaquim Mendes Malheiro, na sua viagem pelo Tapajós.

Por outro lado, segundo verificou o capitão Costa Pinheiro (da commissão Rondon), o rio S. Manoel é mais longo que o Arinos, tendo maior descarga que elle.

De modo que a não considerar o Juruena como o proprio curso superior do Tapajós, é ao S. Manoel, e não ao Arinos, (diz o communicado) que cabe a missão de collaborador do Juruena na formação da grande arteria potamographica que se lança no Amazonas, defronte da cidade de Santarém.

O curso do Juruena (refere ainda a mesma nota) foi calculado em 1.000 kilometros, sendo 800 do levantamento feito, entre a linha telegraphica e a fóz do S. Manoel. Os outros 200 kilometros correspondem á distancia estimada entre a mesma linha e as nascentes daquelle rio.

O « divortium aquarum » das duas immensas bacias, a do Amazonas, ao norte, e a platina, ao sul, é representado por pequenas ondulações do terreno (500 a 800 metros de altitude), e não por uma serra (a das Vertentes), que a phantasia geographica de Echwege prefigurou na carta do Brazil.

Esta serra não existe, nem jamais existiu. O Madeira, encachoeirado em grande parte de seu curso, e que é formado pela juncção do Beni com o Mamoré, tem seus manadeiros em territorio boliviano.

Castelnau, porém, dá o nome de Madeira ao Guaporé, até sua origem. Este ultimo rio foi descoberto em 1737. Em suas aguas pereceu afogado, a 5 de janeiro de 1828, Adriano Taunay, tio do visconde de Taunay, o illustre autor da « Retirada da Laguna ».

Adriano acompanhava o barão de Langsdorff, nas suas viagens pelo interior do paiz.

Taunay nol-o conta no seu interessante livro « A cidade de Matto Grosso, o rio Guaporé e a sua mais illustre victima ».

Na cidade de Matto Grosso (antiga Villa Bella), primitiva capital da capitania do mesmo nome, acham-se sepultados os restos mortaes de Ricardo Franco de Almeida Serra, o defensor do forte de Coimbra, em 1801.

Nesse mesmo forte falleceu, a 21 de janeiro de 1809, esse illustre geographo e militar portuguez, que tão assignalados serviços prestou áquelle immenso tracto do Brazil colonial.

Villa Bella, á margem direita do Guaporé, foi fundada pelo governador Rolim de Moura, em 1752, o qual esteve alli, á frente do governo, durante 14 longos annos.

Em 1755 a povoação contava cerca de 600 habitantes. A popula-

A serra do Urucum, rica em manganez, proximo a Corumbá.

ção cresceu, lentamente, por falta de communicações, e ainda devido ao máu clima e á deficiencia de recursos locaes. Em 1815 contava já pouco mais de 2.000 almas. Os capitães-generaes alli fizeram construir edificios notaveis e uma igreja riquissima. Houve uma era de accentuado esplendor, a que succedeu a mais rapida decadencia. Em 1820 foi Villa Bella abandonada, porque o então governador Paula Magessi propôz e obteve a transferencia da capital para Cuyabá. Entretanto Villa Bella já era cidade, desde 17 de setembro de 1818.

A partir de 1820 visitaram-na, apenas, algumas monções, vindas do Pará, á cata de ouro e diamantes. A população foi diminuindo, até que, em 1876, era de 800 habitantes, negros na sua maioria

O naturalista francez conde Francis de Castelnau, na sua « Historia da expedição ás regiões centraes da America do Sul » (1843-1847), fallando de Villa Bella, diz :

— « As suas ruas são mais bem alinhadas que as de Cuyabá, mas nenhuma tem calçamento e illuminação. Dentre os seus edificios mais dignos de nota, encontram-se o palacio dos antigos governadores, occupado hoje (1845) pelo tenente-coronel commandante superior da fronteira. E' uma grande casa terrea, bem construida, e que, interiormente, mostra vestigios do seu antigo esplendor. Na praça do palacio vêem-se, juntos, o quartel e a camara municipal. Na mesma praça, a matriz da Santissima Trindade, inacabada. Em Villa Bella encontram-se mais : a igreja do Carmo, a mais antiga da cidade, situada em quarteirão quasi abandonado; a antiga casa de fundição, onde era reduzido a barras o ouro das minas; o paiol de polvora, á margem do Guaporé, e perto da linda capella de Santo Antonio, de cujo adro se desfructa magnifica vista de toda a região que circunda a cidade. Do lado opposto do rio levantam-se os morros do Grão Pará (1) ».

Castelnau foi a Villa Bella, partindo de Villa Maria, a actual S. Luiz de Caceres.

O viajante francez dir ter visto, em Villa Bella, a sepultura de Ricardo Franco (fallecido em Coimbra, como se disse alhures) não no chão da capella de Santo Antonio, mas no da matriz da Santissima Trindade, para onde fôram transladados os seus ossos, em 1810.

Ricardo Franco, cuja memoria é justamente venerada dos mattogrossenses, prestou inextimaveis serviços a Matto Grosso colonial.

Era portuguez, como já vimos. Deixou um unico descendente, resultado de seus amores com uma india. Segundo me informam pessoas que conhecem « de visu » os semfins de Matto Grosso, a antiga Villa Bella é hoje habitada apenas por uns 300 negros da Guiné. E' o que resta da antiga cidade dos capitães-generaes.

Como a Ricardo Franco, Matto Grosso deve, igualmente, a outro estrangeiro, Augusto Leverger (barão de Melgaço) immensos e notaveis serviços.

Augusto João Manoel Leverger era oriundo de Saint Malô, na França, e nasceu a 30 de janeiro de 1802. Chegou ao Brazil em 1819, entrando, pouco depois, para a marinha brazileira.

Em 1830 aportou a Cuyabá, onde se consagrou, apaixonadamente,

(1) E' a serra de Ricardo Franco, segundo propôz o general Severiano da Fonseca.

ao estudo das cousas da provincia. Foi seu presidente duas vezes : a primeira em 1850; a segunda em 1868.

Falleceu em Cuyabá, aos 14 de janeiro de 1880. Deixou varios trabalhos de merito, dentre elles « Vias de communicações de Matto Grosso, » publicadas, em 1905, pelo governo do Estado.

***

Quem percorre, actualmente, as principaes cidades e villas de Matto Grosso, nota que ha alli um numero reduzidissimo de portuguezes.

Quem sabe se não é isso devido á memoria dos tristes acontecimentos da noite de 30 de maio de 1834, na capital da provincia, e levados a effeito por um mal entendido espirito de nativismo? A' meia noite daquelle dia, como que impellida por um impulso unico, a população de Cuyabá levantou-se, cheia de colera, contra os portuguezes.

E, aos gritos de « mata bicudo », começou o trucidamento impiedoso dos pobres luzitanos. Foi uma hecatombe. Segundo o visconde de Taunay, o chefe desse movimento monstruoso foi Antonio Luiz Patricio da Silva Manso, mais conhecido pela alcunha de « Manso Tigre », o qual foi eleito deputado geral por Matto Grosso, na legislatura de 1834-1837, talvez como premio das suas façanhas.

Os cuyabanos accusavam os portuguezes de promoverem a restauração do dominio colonial. O morticinio dos peninsulares fez-se com fogos de artificio e luminarias geraes, segundo refere o visconde de Beaurepaire Rohan. De nada valeram os pedidos do bispo, que percorria as ruas de Cuyabá, com um crucifixo na mão. Era então presidente da provincia Antonio Corrêa da Costa que quatro dias antes da matança, passou o governo ao seu substituto, o coronel João Popinio Caldas, o qual, mais tarde (29 de agosto de 1834) foi assassinado, em pleno dia, no largo do Ipiranga, naquella cidade.

Esses factos constituem, por sua natureza, nodoas bem escuras na historia politica de Matto Grosso, nodoas que não podem nem de leve attingir a cordura e o caracter dos matto-grossenses da actual geração.

Esses crimes e mais os de 1892, da praça Ipiranga, e bem assim os da Bahia Negra, são factos isolados, naquella terra.

Em 1892, por motivos politicos, fôram assassinados, em Cuyabá,

á luz meridiana, tres officiaes do exercito, sendo um delles o tenente Mamede. Depois de os terem assassinado, arrastaram-lhes os cadaveres pelas ruas.

A tanto sobe o odio politico! As victimas pertenciam ao partido adversario do coronel Ponce, que, ha pouco, falleceu, no Rio de Janeiro. Os crimes da Bahia Garcez, no rio Cuyabá, são relativamente recentes. Deram-se elles, no governo do coronel Paes de Barros, sendo chefe de policia seu genro, o Dr. Aquino Ribeiro. Foi no dia 4 de janeiro de 1901 que 29 prisioneiros (todos inimigos do governador) fôram friamente degollados e lançados ás piranhas da referida bahia, depois de se lhes terem aberto os ventres a facão.

***

As duas grandes bacias hydrographicas, a amazonica e a platina, quasi se tocam.

O rio Alegre, affluente do Guaporé, tem suas nascentes perto das

Indios Gicaycurús. — Baixo Paraguay.

do Aguapehy, tributario do Jaurú, um dos formadores do Paraguay. Em março de 1772 (refere o barão de Melgaço) abriu-se um varadouro, naquellas paragens, e por elle se transportou uma canôa de dez remos, passando-se, desta sorte, de uma á outra bacia hydrographica.

Esse varadouro tinha apenas 5.322 braças de extensão. Mandou-o abrir o capitão-general Luiz de Albuquerque.

No primeiro governo de Augusto Leverger (1850) conduziram-se da margem do Guaporé para Coimbra quatro canhões de calibre 24, pesando cada um delles cem arrobas, canhões esses que, desde 1830, se encontravam nas ribanceiras do mesmo rio.

O transporte das referidas peças fez-se, por terra (25 leguas) até ao ponto mais navegavel do Jaurú, donde desceram pelo Paraguay. Na conducção terrestre empregaram-se 50 praças de linha, 100 bois e algumas bestas de cargas.

***

Desde o começo do seculo XVI que Matto Grosso foi explorado pelos hespanhóes.

Conhece-se o historico da expedição de 1537, composta de 300 homens, chefiados por Juan de Ayolas, que chegou até ao forte Bourbon (actual forte Olympo), e donde se internou, na direcção do Perú, deixando, na mrgem do Paraguay, a Martinez de Irala e mais cem homens.

Irala subiu esse rio, entrando na Lagôa Gahyba.

Em 1543, ainda buscando uma passagem para o paiz dos Incas, outros hespanhóes chegaram até Matto Grosso. Essas incursões continuaram. No seculo XVII os paulistas iniciaram as suas « entradas » pelo interior da capitania, em busca das suas riquissimas jazidas aurifereras. A ambição do ouro foi que descobriu e desbravou Matto Grosso. Os bandeirantes não viam osbtaculos deante de si. Atravessavam rios, combatiam os indios, venciam as febres. Domavam a natureza. As « entradas » succederam-se, ora para Matto Grosso, ora para Goyaz, ora para o Maranhão e Pará, e, não raro, no rumo do Pianhy, Minas, Bahia e S. Paulo.

Aos bandeirantes chamou-lhes Humboldt « flibusteiros do sertão ».

Fôram elles que, em 1684, descobriram a Serra dos Martyrios, em Matto Grosso, serra famosa por suas riquezas mineralogicas, riquezas até hoje, ao que parece, inexploradas, desde o insuccesso da expedição Paula Castro.

Os bandeirantes paulistas, nas suas incursões por Matto Grosso, seguiam, ordinariamente, este itinerario : desciam Tietê e o Paraná; ganhavam o rio Pardo e o Amambahy-Grande; oatravessavam as serras de Santa Barbara e os Campos de Vaccaria, indo desem-

bocar em Miranda. Depois desciam o rio que tem este nome e entravam no caudaloso Paraguay, que remontavam até ao S. Lourenço e ao Cuyabá, em cujo valle sabiam ficar as celebres minas do Coxipó-Mirim. Mas os bandeirantes tinham pela frente dois formidaveis inimigos: os Payaguás e os Guaycurús, senhores daquellas paragens.

No ponto de vista geographico, o Estado de Matto Grosso pode ser dividido em tres grandes regiões : 1.ª a do norte (a dos chapadões), com uma altitude que varia de 600 a 1.000 metros, e onde fica o divisor das aguas das bacias amazonica e platina; 2.ª a do oeste, baixa e alagadiça, e que vae do Guaporé a Bahia Negra, nos limites do Chaco boliviano, e onde se encontram as lagôas Mandioré, Caceres, Gahyba e Uberaba; 3.ª a meridional, dos campos geraes, cortados de varios rios, de clima suave, e cuja natureza se approxima, notavelmente, da natureza riograndense do sul. A esta região pertencem os municipios de Miranda, Campo Grande, Aquidauana e Nioac, todos servidos pela Estrada de Ferro Noroeste do Brazil. Essa immensa região de planicie vae morrer no sopé das serras de Marajú e Amambahy, em territorio paraguayo.

***

Os aborigenes. Estimam-se em 20 mil os indios que, actualmente, vivem em Matto Grosso, uns meio civilizados, outros ainda em estado inteiramente selvagem. Procuram, de preferencia o curso superior dos rios para estabelecimento de suas aldeias, principalmente daquelles que são auriferos.

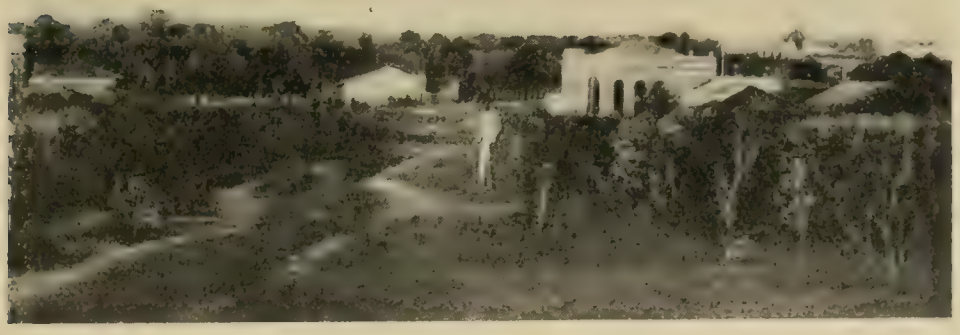
O censo de 1872 deu para Matto Grosso 60 mil habitantes. dos quaes 15 mil indios, ou sejam 25 % da população total.

A percentagem hoje não é muito differente da de 72. Porque ha 120 habitantes inclisive os 20 mil indigenas.

O barão Homem de Mello dá para população actual daquelle Estado 300 mil almas. Ha manifesto engano da parte do nosso maior e mais illustre geographo.

Ao proclamar-se a Republica, havia na vasta provincia do Brazil occidental 1.600 indios Guaycurús (cadinéos, beaqueás, catoqueós e quatiadéos); 2.200 Guanaes, Kinikináos, Terenas e Layanas; 600 Bororós; 400 Cayapós; 2.600 Apiacás; 100 Chamococos; 800 Garayos; 400 Palmellas e uns 100 Guatós, que viviam á margem do Paraguay, do S. Lourenço e das lagôas Gahyba e Uberaba.

Outros havia, não bem conhecidos ainda. O barão de Melgaço estimava em 18 as tribus então existentes, que eram as seguintes : os dos Araxás e Caripunás, no alto Madeira; as do Jacarés, dos Cenabós, dos Pacahás e dos Cautanós, no baixo Mamoré; as dos Moquenes, dos Parecis, dos Maimbarés e dos Cabixis, no Guaporé; as dos Barbados, dos Bororós da Campanha (rio Paraguay), dos Bororós Cabaçaes (rios Jaurú e Cabaçal, na zona que fica entre o Guaporé e o Paraguay); a dos Coroás, nas nascentes do Cuyabá e do S. Lourenço; as dos Bacauhyris e Cayabis, nos manadeiros do Paranátinga; a dos Nhambiquaras, entre os rios dos Peixes e Arinos, um dos formadores do Tapajós; a dos Cayuás, nas vertentes das serras de Amambahy e Maracajú, immediações do Ivinheima; a dos Ta-



Villa de Aquidanana. — Sul de Matto Grosso.

panhumas (Arinos); a dos Corôados (cabeceiras do S. Lourenço); a dos Guaxis (valle do Mondego); a dos Pacas (valle do Mamoré).

Couto de Magalhães, cuja autoridade nesses assumptos era por demais sabida, calculava em dois milhões o numero de indigenas do Brazil.

Ainda hoje devem de haver tribus que se não conhecem, nos limites de Matto Grosso com o Amazonas.

O Dr. Karl von den Steinen, no seu transito pelo Xingú (das nascentes á embocadura) encontrou algumas tribus que até áquella data eram de todo ignoradas dos proprios ethnologos brazileiros.

Muitas das primitivas nações indigenas de Matto Grosso desappareceram com as incursões dos bandeirantes, nos seculos XVII e XVIII. Os combates desses caçadores de ouro com a brava nação payaguá foram, ás vezes, terriveis, como o que se travou em 1730, e no qual pereceram 400 civilizados, nas aguas do rio Paraguay.

Durante cerca de meio seculo, Payaguás e Guayarús alliaram-se, contra os invasores, repellindo-os até á fronteira de S. Paulo. Os Bororós, que habitavam o curso superior do S. Lourenço, tornaram-se igualmente hostis aos bandeirantes.

***

As cidades, villas e villarejos de Matto Grosso distam, uns dos outros, dezenas de leguas. Cidades ha que se acham afastadas da capital de centenas de kilometros, como Sant'Anna do Paranahyba, que se encontra no valle dos rios Aporé e Paranahyba, perto da fronteira de São Paulo, nas vizinhanças do parallelo 20º, que é, mais ou menos, o parallelo de Bahia Negra. A longinqua localidade é de fundação relativamente recente (fins da primeira metade do seculo passado). Foi feita villa em 1857, e cidade em 1873. Existem, no seu municipio, varias fazendas de creação, com regular commercio com S. Paulo e Minas Geraes.

Corumbá, que o leitor já conhece, dista 147 leguas de Cayabá.

Poconé, a quarta cidade do Estado, fundada nos ultimos decennios do seculo XVIII, conta apenas 5 mil habitantes. Acha-se a cerca de 50 leguas da capital. Ha, em Poconé, uma praça calçada, naturalmente, por uma grande lage horizontal.

S. Luiz de Caceres (antiga Villa Maria), á margem esquerda do alto Paraguay, é tambem do seculo XVIII.

Fundou-a Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, então governador da capitania. Elevaram-na á villa em 1850.

Fizeram-na cidade em 1874.

E'decadente. Não se vê alli o menor vestigio de progresso. Tem 6 mil habitantes. E' a terceira cidade mattogrossense, em população, e fica a 4 dias de Corumbá, em pequenos vapores, semelhantes aos *gaiolas* da Amazonia.

As villas mais importantes são : Diamantino, Livramento, Rosario e Melgaço, ao norte; Miranda, Aquidauana, Coxim, Nioac e Bella Vista, ao sul.

Eis ahi uma dezena de localidades para o segundo Estado do Brazil, em territorio, e um dos primeiros pelas riquezas naturaes que possue.

A viagem de Corumbá a Nioac, é, actualmente, feita em dois dias. Sae-se, ao anoitecer, de Corumbá, em lancha a vapor.

Amanhece-se em Porto Esperança, e ahi se toma o trem de ferro da Noroeste para Aquidauana, aonde se chega ás 5 ½ da tarde do mesmo dia. De Aquidauana a Nioac (16 leguas) a viagem é feita em carretas, ou a cavallo, em cerca de 12 horas.

E'o trajecto seguido por commerciantes e por officiaes e praças que se destinam á remota guarnição vizinha da fronteira com o Paraguay.

O 15.º regimento de infanteria, que se acha em Nioac, possue, normalmente, tres au quatro officiaes e duas dezenas de soldados, que alli vivem desterrados da civilização contemporanea. Em Ponta Poran, parado do 17.º de cavallaria, e fronteira paraguaya, as cousas, no ponto do vista militar, não vão melhores que em Nioac. Em Bella Vista, outro ponto limitrophe com a referida Republica, e onde se acha o 3.º de cavallaria, idem, idem. Defronte da Bella Vista brazileira fica, como se sabe, a Bella Vista paraguaya, ambas separadas pelas aguas do Apa. Em Aquidauana demora o 5.º de artilharia montada, no qual ha de tudo, á excepção de homens e cavallos.

Parece que é pensamento do governo retirar de Matto Grosso o avultado numero de corpos que alli inutilmente vegetam, dispersos, num estado de fakirismo perfeito.

Seria uma medida de alcance militar e economico. Que temos nós a temer do Paraguay, ou da Bolivia, nossos vizinhos mais proximos? Fôra rematada loucura receiar uma invasão por parte de qualquer desses paizes, na situação actual da politica sul-americana. A demais, os comboios do Noroeste não tardarão a transpôr a fronteira de Matto Grosso com S. Paulo, ligando o Rio de Janeiro ao Brazil occidental.

Deixar, pois, que continuem regimentos sem officiaes nem soldados, por toda uma vasta região sem recursos, é concorrer, sem proveito, para a cobrança de um tributo que melhormente fôra cobrado em qualquer outra guarnição do paiz.

Da Argentina ainda menos ha que receiar. Porque uma guerra, entre o Brazil e a prospera republica do Prata, seria a ruina social e economica de dois grandes povos que têm uma alta missão de paz a cumprir, na politica do continente.

CAPITULO XXII

NO BRAZIL OCCIDENTAL

(Continuação.)

SUMMARIO. — De Corumbá a Cuyabá. — Uma viagem na época da vasante. — O S. Lourenço. — Sua confluencia com o Paraguay. — Novos aspectos da natureza brazileira. — A passagem da Uacorutuba. — O uso do guaraná, entre os mattogrossenses. — Chegada a Cuyabá. — Impressões desfavoraveis. — Uma cidade do começo do seculo XVIII. — Sua physionomia colonial. — No paiz das mangas. — Hygiene particular e publica. — A região da Chapada. — Seu clima petropolitano. — Ligeiro historico da capital. — Os bandeirantes paulistas e as minas de ouro do Coxipó-Mirim. — A obra intencional dos flibusteiros do nosso « hinterland ». — Causas da decadencia de Cuyabá. — Aspectos contemporaneos. — Ruas e praças. — Os edificios mais notaveis. — Educação primaria e secundaria. — As novas escolas normaes. — A missão salesiana e os indios Bororós. — Uma cidade viceralmente pobre. — Caracter do povo cuyabano. — A acção do novo governo. — Alguns melhoramentos. — Porque Corumbá deve de ser a capital politica do Estado. — O exemplo de Minas Geraes. — Um projecto de viação ferrea de Goyaz para Cuyabá. — Communicações telegraphicas. — Um originalissimo systema monetario. — Um episodio a proposito. — O futuro de Matto Grosso.

Na época das cheias, a viagem de Corumbá a Cuyabá faz-se, regularmente, em cinco dias. No periodo da vasante, porém, gastam-se, ás vezes, duas semanas, nessa travessia de 147 leguas.

De maio a setembro, o rio Cuyabá secca, de tal maneira, que só offerece navegação a embarcações que calem menos de dois palmos. Ademais, o rio, em certos trechos de seu curso, como na Uacorutuba, descreve perfeitos senoides, com os seus pontos de inflecção, rigorosa e symetricamente dispostos.

Sahindo-se de Corumbá, e depois de um precurso de 37 leguas, deixam-se as aguas do Paraguay, para entrar nas do S. Lourenço, um dos seus principaes formadores. Este rio tem suas fontes a 20

leguas de Cuyabá, e é engrossado por varios outros, dentre elles o Itiquira, formado do Correntes e do Piquiry.

Ao revéz do que se nota nas regiões ribeirinhas do baixo Paraguay, as margens do S. Lourenço são vestidas de uma vegetação victoriosa. Lá embaixo os meus olhos só divisavam planicies nuas, que se perdiam na distancia, e apenas, de quando em quando, balizadas por exemplares de carandá-hy, a Copernicia cerifera de von Martius.

Aqui, nesta altura, são vastas e bem tratadas fazendas de creação, usinas de assucar, xarqueadas, estabelecimentos agricolas, povoando as terras adjacentes. No valle do S. Lourenço destacamentos de serras, ora proximas, ora longinquas, dão a este scenario um encanto cada vez maior.

Estamos em plena natureza do Brazil.

Hoje, 6 de setembro, deixamos o S. Lourenço á direita. Navegamos agora nas aguas do Cuyabá, seu maior tributario.

Estes dois dias de viagem (pois sahimos de Corumbá na tarde de 4) correram sem nenhum incidente notavel. O rio está na sua vasante maxima. Encalhamos a cada passo. A's vezes é necessario o emprego da sirga para arrastar o pequeno vapor, cuja quilha penetra na areia.

Um calor insuportavel, á volta do meio dia. O que mais aborrece são as paradas frequentes do *gaiola* para tomar lenha, unico combustivel empregado na navegação do alto Paraguay e seus formadores. Não raro essas paradas têm logar nas horas de calmaria prolongada.

Nem a mais leve viração suaviza esta temperatura incommoda.

Dia 11. — Só hoje, pela manhã, é que fizemos a travessia da Uacorutuba.

E' a secção mais caprichosa do Cuyabá.

O rio descreve uma curva cheia de meandros. Não raro, em vez de se andar para a frente, anda-se para atraz. O mesmo se observa no Purús, com a formação dos seus interessantes « sacados », tão proprios das correntes que ainda divagam, á procura de um leito definitivo. O Purús e o Cuyabá são dois rios ligados pelo mesmo destino.

Sois dois « engeitados », como diria Euclydes da Cunha. Depois da Uacorutuba vêm algumas propriedades ruraes. Aqui é uma rica fazenda, com os seus milhares de bois; ali é um sitio mais modesto, com as suas lavouras; mais além, á beira do rio, casaes de aspecto pobre, onde se vê uma canôa ancorada, algumas gallinhas no terreiro, e, á porta, creanças semi-núas, muito amarellas. E'a misera popu-

lação ribeirinha, que vive do plantio do arroz, do milho, do feijão, e da pesca do pacú. E' indolente e chlorotica, talvez devido ao abuso do peixe. Não é raro encontrar, dentro de uma mesma palhoça, marido, mulher e uma dezena de filhos.

E' ainda o peixe que, a meu ver, concorre para tão grande fecundidade. A culpa não é propriamente do peixe, mas dos phosphatos que elle encerra...

Alguns passageiros divertem-se a matar jacarés, a revólver e a pistola Browning.

Dezenas desses saurios aquecem-se, indolentemente, ao sol, sobre a areia das praias que o rio deixou a descoberto. E' um sport, quasi obrigatorio, nestas paragens.

Quando o vapor encosta a algum barranco para tomar lenha, os cuyabanos que nelle viajam descem á terra, á procura de um pouco de guaraná, que sempre encontram, ainda mesmo na casa menos favorecida da fortuna. O guaraná faz parte integrante da vida do mattograssense. Os antigos cuyabanos desciam o Arinos, o Juruena e o Tapajós até á sua embocadura, em frente de Santarém, no Pará, e d'alli iam a Maués, no Amazonas, comprar aos indios grandes partidas de guaraná. Remontavam os mesmos rios, levando cerca de tres mezes nessas viagens accidentadas, abrindo varadouros e transpondo saltos e corredeiras.

A « Paulinea sorbilis » está para o filho de Matto Grosso, residente no Estado, como a « Ilex paraguayensis » para o paraguayo.

***

Após uma longa serie, ininterrupta, de encalhes e de desencalhes, o nosso *gaiola* chegou a Cuyabá no dia 17, com treze dias de viagem. Ao aportar áquella colonial cidade brazileira, confesso, que a minha primeira impressão foi francamente desfavoravel.

A' beira do rio uns casebres que parecia pedirem aos transeuntes que se arredassem, pois os poderiam esmagar na sua queda imminente. Nem sequer havia um modesto caes de madeira para atracação dos pequenos vapores que vão até áquelles confins do Brazil. Perto um mercado em ruinas.

O sol daquelle começo de primavera cahia, ardentemente, sobre a desolada cidade mediterranea. Nota-se logo uma visivel falta de hygiene publica. Uma linha de bondes de tracção animada vae do

« Porto » ao centro da « urbs », que fica a cerca de 2 kilometros do ponto de desembarque. Ao saltar tomei um desses vehiculos. E lá fui, subindo rampas e descendo contra-rampas, entre edificações seculares, de principio a fim. Algumas ruas calçadas á pedra bruta; outras, sem calçamento nenhum, e cheias de buracos, de extremo a extremo. A topographia local é a peior possivel. Imagine o leitor duas lombadas de terreno, correndo ambas, mais ou menos perpendicularmente, á margem esquerda do Cuyabá. Pois bem : no fundo do valle formado por essas duas lombadas, assenta a decrepita capital politica do Estado.

Della quizera eu dizer muito bem, porque alli fui generosamente acolhido. Mas, acima do meu desejo e da minha gratidão, está o sentimento da verdade, que deve de ser o predicado melhor, ou merito unico, em escriptos desta natureza.

Ha, nos arredores da cidade, interessantes chacaras, onde se encontram quasi todas as arvores fructiferas do tropico. Dentre ellas abundam mangeiras altissimas e coqueiros da Bahia.

As mangas são simplesmente deliciosas.

Ha-as, numa fartura incalculavel. Em se visitando qualquer dessas chacaras, na época propria, vê-se o chão coalhado de mangas, que, no Rio de Janeiro, seriam vendidas a 2$000, cada uma, e que, entretanto, alli apodrecem, ao abandono, tamanha é a abundancia dellas! No sabor e nas dimensões rivalizam com as de Itamaracá.

Da mesma fórma são os cajús, as laranjas e as fructas de cone.

Estando em Cuyabá, tive a impressão de achar-me na Bahia, ou em Pernambuco, com relação á quantidade e qualidade das fructas locaes. E' uma das cousas bôas daquella terra. Cuyabá, é uma cidade que devera de ser visitada por todo brazileiro que se interessa pelas cousas do Brazil. Tem ella um « facies » social inconfundivel. A maior parte da população vive ainda como nos fins do seculo XVIII. Alli todo mundo se cumprimenta, conhecidos ou desconhecidos. O forasteiro que, ao passar por uma rua, segunda ou terceira vez, não tirar o chapéu ao transeunte, ou a uma familia que esteja á janella, será tido por orgulhoso ou malcreado.

São costumes da terra, costumes que muito me custou identificar-me com elles, porque entendo que me não assiste o direito ou o dever de cumprimentar a desconhecidos.

Apezar da deficiencia de limpeza publica, as condições sanitarias são magnificas. Contribuem, para isso o clima, quente e secco, e o relevo do solo, que não deixa as aguas fluviaes se estagnarem.

A temperatura maxima é de 37° C.

A media annual é de 24° C. As noites são, em geral, abafadas, porque a viração que sopra, beneficia apenas as partes mais elevadas da cidade.

A cerca de 10 leguas, ao norte de Cuyabá, existe uma região, a Chapada, cujas virtudes climatericas são identicas ás de Petropolis. A altitude dessa região é de 700 metros. Seria um excellente logar para uma nova capital do Estado, e, ao mesmo tempo, um centro de primeira ordem para localização de immigrantes europeus.

***

Como já vimos, os primeiros exploradores de Matto Grosso fôram os hespanhóes que, na primeira metade do seculo XVI, subiram até

Porto de Cuyabá. — Matto Grosso.

ao alto Paraguay, um busca de caminho para o Perú. No seculo XVII os paulistas iniciaram as suas famosas « entradas » pelos sertões brazileiros. A essas entradas deu-se o nome de « bandeiras ». A principio o objectivo dos bandeirantes era a captura do indio, que elles escravizavam. E, para esse fim, não medindo sacrificios, vararam a parte oeste de S. Paulo, o interior de Minas, de Goyaz e de Matto Grosso, onde, por acaso, descobriram jazidas auriferas de grande valor.

A ese interessante periodo da historia do Brazil estão ligados os nomes de Bartholomeu Bueno, de Manoel Correia, de Moreira Ca-

bral, de Pires de Campos e muitos outros flibusteiros do nosso « hinterland ».

Os dois ultimos pertencem á grande familia de bandeirantes que surgiram, depois da guerra dos « Emboabas », em Minas Geraes.

Desgostosos pelos resultados della, os paulistas deixaram Minas, e encaminharam-se para o rio Paraná, subindo, em seguida, o Paraguay.

Pires de Campos foi o primeiro bandeirante, que, tomando a direcção do S. Lourenço e do Cuyabá, chegou até á confluencia do Coxipó-Mirim, mais tarde procurado pela bandeira de Moreira Cabral, que notou a presença de granitos de ouro, nas margens deste ultimo rio.

Empós dessas bandeiras outras vieram, trazidas pela fama das minas do Coxipó, donde emigraram, algum tempo depois, para a região em que hoje assenta a capital de Matto Grosso, por se haverem alli descoberto riquissimas lavras auriferas.

E a riqueza era tal que, em menos de um mez, fôram extraidas daquelles sitios, 400 arrobas de ouro. Desde então começaram de affluir a Cuyabá estrangeiros de varios paizes e nacionaes de Minas, S. Paulo, Maranhão e Piauhy. Ainda hoje o ouro abunda de tal maneira em Cuyabá, que, quando chove, se reunem creanças, nas ruas e nos fundos dos quintaes, a recolherem o precioso metal, em pó e em pequenas pepitas, facto de que sou testemunha presencial.

E desta fórma, se foi, pouco a pouco, constituindo uma cidade, sem preoccupaçcão geometrica, a torto e a direito, no seio de um valle piçarroso, sem hygiene nem viração.

Onde se descobria um vieiro, plantava-se uma casa. A origem de Cuyabá é analoga á daquelles cidades norte-americanas que surgem, da noite para o dia, á beira das minas de carvão de pedra. Esgotadas as minas, as cidades desapparecem.

Eis ahi, em largos traços, a genese de Cuyabá. Os filhos da terra são os primeiros a reconhecerem a pessima topographia da sua cidade, que elles desejariam ver em condições mais prosperas.

A partir do anno de 1820 Cuyabá passou a ser a séde do governo da capitania, que até então era a cidade de Matto Grosso (antiga Villa Bella, á margem do Guaporé). O forte do Principe da Beira, situado á margem direita deste rio, está hoje, como se sabe, inteiramente ao abandono, por via da impossibilidade da sua conservação.

Uma das causas determinantes da ausencia de progresso que se observa na capital do Estado, reside no seu afastamento dos grandes nucleos commerciaes do paiz.

Basta dizer que Cuyabá se acha a 1.113 leguas do Rio de Janeiro, seguindo as linhas de navegação fluvial e maritima.

A unica via, por onde se faz a quasi totalidade da importação e da exportação, é o rio Paraguay, rumo do estuario platino,

O commercio com Goyaz, pelo valle do Araguaya, e com o Pará pelo do Tapajós, é insignificantissimo.

O mesmo se poderia dizer, com relação ao Estado do Amazonas, através da sua bacia hydrographica.

***

Assentada á margem esquerda do rio que lhe deu o nome, a capital de Matto Grosso fica a 15° 36' de L. S. e a 12° 59' de L. O. do Rio de Janeiro. A sua altitude é estimada em 220 metros. Demora a 86 leguas da confluencia do rio Cuyabá como S. Lourenço. Desta confluencia á do S. Lourenço com o Paraguay vão 27 leguas.

Ao proclamar-se a Republica, a cidade contava 25 mil habitantes. Hoje a sua população orça por 16 mil almas.

Dentre as suas ruas, velhas e feias, citarei, como melhores, a Quinze de Novembro, a Treze de Junho, a Barão de Melgaço e a Pedro Celestino. Algumas destas têm cerca de meia legua de comprimento, com os seus longos pannos de muros e os seus terrenos baldios.

Ha dois regulares jardins publicos, o da praça Ipiranga e o da praça Alencastre, ambos com as suas altas e bellissimas palmeiras. Nesta ultima praça vêem-se o palacio do governo, o quartel-general do exercito, a delegacia fiscal e o edificio da municipalidade, todos de aspecto mais ou menos mediocre. O congresso funcciona em uma casa terrea, indigna da sua elevada missão politica. Existem dois estabelecimentos de educação secundaria : o Lyceu Cuyabano e o Lyceu Salesiano. O governo creou, ha pouco, escolas normaes, dirigidas por professores paulistas, para esse mistér contractados.

A instrucção primaria é regularmente diffundida na capital e no interior.

A missão salesiana, em Matto Grosso, tem por fim a cathechese dos aborigenes alli existentes. O Congresso Nacional a tem subvencionado quasi todos os annos.

Entretanto é voz corrente, em Cuyabá, que os Salesianos quasi nenhum serviço prestam áquelle Estado. Por que consentem elles que

grupos de indios Bororós entrem todos os dias em Cuyabá, muitos dos quaes inteiramente nús, sendo preciso que a policia e o proprio povo os recolham a quartel, em nome da moral publica?

A população da capital é, em geral, muito pobre. A ribeirinha vive da caça e da pesca. E' indolente e pouco amiga do trabalho. A classe media é constituida de magistrados, funccionarios publicos e negociantes de pequenos haveres. A classe abastada, que é reduzida, vive dos rendimentos de seus capitaes, empregados nas industrias extractiva, agricola e pecuaria.

Os cuyabanos são, ordinariamente, hospitaleiros, intelligentes, mas um tanto desconfiados, isso talvez devido ao sangre indigena que lhes corre nas veias. Os residentes em Cuyabá são muito bairristas.

Não gostam que se digam duras, mas necessarias verdades, ácerca da sua terra.

Cathedral de Cuyabá. — Matto Grosso.

Alguns, a uma verdade bem intencionada, preferem uma mentira que lisongeie.

Por isso estas ligeiras impressões, escriptas com a maior isenção de animo, estou que não conseguirão agradar a todos, principalmente áquelles que de Cuyabá nunca sahiram, ou que, vivendo fóra da terra natal, sobreponham o sentimento da verdade ao sentimento nativista.

A agua que abastece a cidade vem canalizada do rio Cuyabá. Não é muito bôa, por via dos processos imperfeitos de clarificação. A da Prainha, pouco abundante, é excellente, e rivaliza com a que

se bebe no Rio de Janeiro. Não ha rède de esgotos. Impera o detestavel regimen das fossas sanitarias.

Actualmente estão-se fazendo alguns melhoramentos urbanos, como sejam a abertura de uma larga avenida, que, aproveitando a rua Quinze de Novembro, vae do « Porto » à praça Ipiranga.

A da Matriz foi nivelada e calçada de novo. Projecta-se substituir a actual illuminação a alcool e a kerozene pela electrica. Pensa-se tambem em electrificar a linha de bondes.

Tenho para mim que tudo isso nada vale. Porque, a meu ver, todo e qualquer dinheiro gasto, no sentido de melhorar, materialmente, a cidade de Cuyabá, é um dinheiro mal empregado, attenta á sua detestavel topographia.

Fôra muito melhor se construisse, pouco a pouco, uma nova capital na Chapada, ou se transladasse a séde do governo para Corumbá, que já é a metropole commercial do Estado, achando-se, como se acha, a dez dias do Rio da Prata, e, dentro em breve, a trez dias apenas da capital da Republica, pela Estrada de Ferro Noroeste.

O governo de Matto Grosso bem pudera seguir o exemplo do de Minas Geraes, que, em poucos annos, edificou Bello Horizonte para sua nova metropole, abandonando, de vez, a velha Ouro Preto. A mesma cousa fez a Bolivia, transferindo, embora provisoriamente, a séde do governo de Sucre para La Paz.

Porque Sucre é uma cidade decadente, com 20 mil habitantes, emquanto que La Paz é hoje uma cidade confortavel, com as suas 80 mil almas.

Uma estrada de ferro de Goyaz para Cuyabá é o unico remedio capaz de evitar ou deter o progressivo declinio da esquecida cidade mattogrossense. Depois um ramal, na direcção do valle do Arinos, afim de canalizar para o sul a gomma elastica que hoje se canaliza para a bacia amazonica, tornando, desta sorte, necessario ao governo de Matto Grosso, manter uma delegacia fiscal, em Manáos. Essa repartição arrecada, annualmente, cerca de dois mil contos de imposto sobre a borracha, que, sahindo das florestas estaduaes, vae ter ao grande porto da margem do Rio Negro. Nos ultimos annos a renda geral do Estado tem oscillado entre 3 e 4 mil contos.

A'excepção de Sant'Anna do Livramento, todas as cidades e villas de Matto Grosso estão ligadas á capital por via telegraphica, graças aos esforços e ao patrotismo do coronel Rondon, esse homem que, por si só, é bem a synthese de uma raça, mas de uma raça desapparecida, a raça dos Anhanguéras.

***

Uma das cousas mais curiosas que pude ver em Cuyabá, foi o systema monetario, em vigor, entre as pessoas do povo. Para essa gente um vintem (ou um cobre, como tambem se lhe chama) vale quarenta reis; um tostão, duzentos reis; uma pataca, como de resto em todo o Brazil, vale trezentos e vinte reis. Mas meia pataca (e aqui é que está a originalidade!) vale trezentos reis! Até parece pilheria, mas é a pura verdade. Quanto aos valores das moedas de vintem e de cem reis, que lá valem o dobro, encontra-se explicação, nas antigas moedas dobradas, portuguezas, cuja memoria ficou vivendo nos costumes e na tradicção dos cuyabanos, sempre segregados, na sua maioria, do centro commercial e intellectual do paiz.

Mas, com relação ao facto de valer meia pataca trezentos reis, quando uma pataca vale trezentos e vinte reis, por mais que eu pesquizasse, ninguem, em Cuyabá, soube explicar-me a razão de ser de semelhante absurdo arithmetico, que faria corar, escandalizado, o velho e popularissimo Trajano. Um episodio a proposito.

No dia seguinte ao da minha chegada á capital mattogrossense, achando-me á janella do hotel em que me hospedara, vi passar, na rua, um menino com um taboleiro de lindas mangas, á cabeça. Informando-me do preço da fructa, respondeu-me que custava um vintem, cada uma. Mandei-o que entrasse e puzesse dez mangas sobre uma mesa. Feito isso, dei-lhe uma moeda de nickel de duzentos reis. O rapazelho encarou-me, muito serio, e disse-me : — « Falta ainda um tostão ». Suppondo eu que tivesse ouvido mal o preço das mangas, entreguei-lhe mais um nickel de cem reis. O adolescente olhou-me, de novo, e com ares aborrecidos : — « Faltam ainda dois cobres e meio. »

Já começava eu a inquietar-me com aquella embrulhada, quando passa o dono do hotel, o qual me pôz ao corrente do originalissimo systema monetario daquella bôa terra.

Então vi que o menino tinha razão.

Porque, sendo o valor de cada manga um vintem, e valendo o vintem quarenta reis, devia eu de dar-lhe quatrocentos reis pelas dez mangas compradas. Registrei este episodio, que hoje aqui, fielmente, reproduzo.

***

No dia em que as grandes bacias hydrographicas amazonica e platina se virem cobertas por uma vasta rêde ferro-viaria; quando o Pará, Goyaz e Matto Grosso se acharem, commercialmente ligados, entre si; quando os brazileiros, completando a obra da natureza, fizerem a juncção das partes navegaveis das maiores arterias fluviaes daquella região, por meio de canaes ou linhas ferreas : nesse dia todo o immenso oeste do Brazil será a paragem mais povoada e mais rica da terra.

Como filho deste paiz, moço, ardente e fecundo, faço os mais sinceros votos para que esta prophecia se realize, em proveito de um dos Estados mais opulentos da Federação Brazileira.

INDICE

INDICE

PRIMEIRA PARTE

DO RIO AO ACRE

CAPITULO PRIMEIRO

A PARTIDA

SUMMARIO. — Prenuncios de inverno. — Manhã chuvosa e mar borrascoso. — Fóra da barra. — O sudoeste e o perigo de um naufragio. — A passagem de Cabo Frio. — Abrandamento do temporal. — Um dia de primavera no tropico. — A barra da Victoria. — Perspectiva da cidade. — O serviço do Lloyd na linha de Manáos. — Vida de bordo. — Psychologia dos passageiros. — Necessidade de um intercambio de ideias entre o sul e o norte. — Propaganda do Brazil no proprio Brazil 3

CAPITULO II

BAHIA

SUMMARIO. — Dezeseis annos depois. — Manhã de temporal e de chuva. — A Bahia vista de bordo. — Um desembarque penoso. — Demóra da visita da saude do porto. — Ligeiras reminiscencias historicas. — O descobrimento do Brazil e o visconde de Porto Seguro. — O Caramurú e a colonização da Bahia. — Thomé de Souza e o padre Nobrega. — Conflicto de raças. — Influencia do jesuita na civilização americana. — D. João VI e o visconde de Cayrú. — A revolução franceza e a independencia da America latina..... 9

CAPITULO III

BAHIA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Em terra. — Primeiras impressões da Bahia. — Aspecto

architectonico da antiga metropole. — Os tramways electricos. — Elevadores e planos inclinados. — O ascensor Lacerda. — A praça do Palacio. — A rua Chile. — O theatro S. João. — Hoteis e pensões. — A policia de costumes e a tolerancia dos hoteleiros. — Um abuso que é preciso acabar. — O elemento africano na Bahia. — Sua influencia na educação da familia bahiana. — Hygiene particular e publica.. 15

CAPITULO IV

BAHIA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Os arrabaldes maritimos. — Itapagipe, Rio Vermelho e Barra. — Logradouros publicos. — O Campo Grande e o monumento Dois de Julho. — Os theatros da Bahia. — Uma visita ao Campo Santo. — O tumulo de Manoel Victorino. — O monumento aos mortos de Canudos. — Uma quadra de Castro Rabello Junior. — Os mausoleos de Nina Rodrigues, de Alexandre Fernandes e do barão de Cajahyba. 23

CAPITULO V

BAHIA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — A Roma sul-americana. — O mosteiro de S. Bento e a capella abbacial. — Algumas raridades historicas e bibliographicas. — A sala dos papas e dos arcebispos da Bahia. — O convento de S. Francisco de Assis. — Vestigios da dominação hollandeza na antiga capital do Brazil. — A cella do padre Antonio Vieira. — Uma visita ao Collegio Florencio. — Castro Alves. — O Gymnasio Bahiano e a Faculdade de Medicina..... 29

CAPITULO VI

BAHIA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Uma excursão pelo interior do Estado. — Cachoeira e S. Felix. — S. Gonçalo dos Campos. — Feira de Sant'Anna. — Coração de Maria. — O engenho da Fortuna. — Bom Jardim. — Jacú. — Santo Amaro. — Os melhoramentos da cidade. — Uma visita ao barão da Villa Viçosa..... 35

CAPITULO VII

BAHIA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — No palacio das Mercês. — Uma visita ao governador do Estado. — Impressões do politico e do homem. — As condições economicas da Bahia. — Sua situação financeira. — O serviço ferro-viario e a navegação fluvial. — A crise da municipalidade. — As industrias fabris. — Uma visita á Villa Operaria 45

CAPITULO VIII

BAHIA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Escolas, collegios e faculdades. — A Bahia intellectual. — Jornaes e jornalistas. — O Instituto Historico e o Gremio Litterario. — Um relogio que serviu a Napoleão Bonaparte. — A Nova Cruzada. — Uma noite de espiritualidade. — A partida da Bahia 52

CAPITULO IX

ALAGÔAS

SUMMARIO. — Mudança de physionomia nas paizagens do Atlantico. — Novos aspectos do Brazil tropical. — Influencia da montanha na climatologia brazileira. — A decadencia do norte e o progresso do sul. — Condições de vida physica. — O homem septentrional e o homem meridional. — Alagôas. — O porto de Jaraguá. — Maceió. — Ruas e praças. — Vida economica do Estado. — Viação ferrea. — Imprensa. — Intellectuaes alagoanos 59

CAPITULO X

PERNAMBUCO

SUMMARIO. — Uma rapida excursão pela historia de Pernambuco. — O sentimento de nativismo e as rebelliões brazileiras. — A segunda batalha dos Guararapes e o destino do Brazil colonial. — Mauricio de Nassau. — Os beneficios do seu governo. — A guerra dos Mascates e a Confederação do Equador 66

CAPITULO XI

PERNAMBUCO

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Chegada á Veneza americana. — Primeiros aspectos e primeiras impressões. — Os recifes de Pernambuco. — Diversas theorias geologicas. — Uma hypothese de Agassiz. — A topographia da Mauricéa e o rio Capiberibe. — Ilhas e pontes. — Arrabaldes e logradouros publicos. — Os hoteis e a viação urbana. — A grande avenida e o theatro Santa Izabel..... 72

CAPITULO XII

PERNAMBUCO

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — As obras do porto. — Viação ferrea. — Industrias agricolas. — Fontes de vida economica do Estado. — O jornalismo no Recife. — A espiritualidade pernambucana. — Alguns nomes do passado e do presente. — Uma ligeira visita a Olinda..... 78

CAPITULO XIII

PARAHYBA

SUMMARIO. — O porto de Cabedello. — Os coqueiraes da beira-mar. — Parahyba. — Uma cidade do seculo XVI. — Vestigios da occupação hollandeza na antiga Fillipéa. — Alguns aspectos urbanos. — Fontes de vida economica do Estado. — Golpe de vista geral sobre a politica do norte. — Jornalistas e litteratos..... 85

CAPITULO XIV

RIO GRANDE DO NORTE

SUMMARIO. — As praias do nordeste. — Uma noite de luar nas costas do Brazil. — Natal. — Uma cidade sertaneja á beira do oceano. — Aspectos e impressões. — O rio Potengy e o pharol dos Reis Magos. — Fontes de vida economica do Estado. — A Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte e a fertilidade do valle do Ceará-mirim. — Alguns nomes nas lettras e nas sciencias..... 91

CAPITULO XV

CEARÁ

SUMMARIO. — Primeiros aspectos do Brazil equatorial. — O clima. — As seccas periodicas. — Suas origens. — Causas da emigração cearense para o valle amazonico. — A colonização européa no extremo sul e a colonização indigena no extremo norte. — A luta entre a natureza e o homem no Ceará. — A bacia geologica e a flora das regiões sertanejas. — Caracteres ethnographicos..... 97

CAPITULO XVI

CEARÁ

(Continuação.)

SUMMARIO. — O desembarque no Ceará. — Os perigos de um banho inesperado. — Uma pilheria de Paula Ney. — Em terra. — Uma cidade geometrica no Brazil equatorial. — Impressões da Fortaleza. — Varios aspectos urbanos. — Ruas, praças e logradouros publicos. — A intellectualidade cearense. — Situação economica do Estado. — As obras contra as seccas. — Irrigação e açudagem..... 103

CAPITULO XVII

MARANHÃO

SUMMARIO. — Chegada á antiga França equinocial. — Ligeiras evocações historicas. — O padre Antonio Vieira e a Sé de S. Luiz. — Em plena cidade. — Ruas e praças. — A estatua de Gonçalves Dias. — Orgãos da vida economica do Estado. — Viação ferrea e navegação interior. — O jornalismo e a espiritualidade maranhenses..... 110

CAPITULO XVIII

PARÁ

SUMMARIO. — Na fronteira de um mundo. — A visão do Amazonas. — Entrada no paiz da gomma elastica. — As pororocas e as suas causas determinantes. — No estuario do Tocantins. — A bahia de Guajará. — Primeiras impressões do homem e da vida na Amazonia. — Francisco Orellana e o descobrimento do rio-mar. — Belém, porto maritimo de Bolivia. — A ilha de Marajó e os seus campos de creação. — O presente e o futuro da Amazonia..... 117

CAPITULO XIX

PARÁ

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Em terra. — Primeiras impressões da capital paráense. — O caes. — O parque Affonso Penna. — A estatua do general Gurjão. — Avenidas, praças e jardins. — O bosque Rodrigues Alves. — Um pedaço de floresta virgem no meio de uma cidade moderna. — Os tramways electricos. — Sua superioridade sobre os do Rio de Janeiro. — Orgãos da vida economica do Estado. — A hevea braziliensis, a castillôa elastica, a theobroma-cacao e a bertholletia excelsa. — Seu papel na economia do mundo amazonico..... 125

CAPITULO XX

PARÁ

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Navegação maritima e fluvial. — As obras do porto. — Viação ferrea do Estado. — A ligação do baixo Tocantins ao Araguaya. — O Theatro da Paz. — Uma visita ao Musêu Goeldi. — Algumas raridades archeologicas. — Especimens da fauna e da flora amazonicas. — A bibliotheca publica de Belém e a preciosidade das suas collecções. — Instrucção popular. — Litteratos e jornalistas..... 132

CAPITULO XXI

PARÁ

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — A partida do Pará. — Entrada no estreito de Breves. — Um labyrintho de ilhas e canaes. — Santarém. — A desembocadura do Tapajós. — Encontro das bacias hydrographicas do Amazonas e do rio da Prata. — Obidos. — Sua defesa militar. — Algumas cidades do interior. — Itaituba. — Macapá. — Alemquer. — Chaves. — Breves. — Cametá. — Abaeté. — Acará. — Vigia. — Bragança. — A vida das municipalidades. — Synthese das impressões sobre o grande Estado do Brazil equatorial..... 141

CAPITULO XXII

AMAZONAS

SUMMARIO. — Entrada em territorio amazonense. — Parintins. — Ita-

coatiara. — A foz do rio Madeira. — A confluencia do rio Negro. — Um espectaculo bellissimo. — A ilha de Maratapá. — Chegada a Manáos. — Primeiras impressões da cidade, vista, á noite, de bordo. — O *roadway* fluctuante da Manáos Harbour. — O serviço de embarque e de desembarque. — O porto. — Sua actividade commercial. — Os vapores inglezes e allemães. — A avenida Eduardo Ribeiro. — O movimento urbano e a densidade da população..... 148

CAPITULO XXIII

AMAZONAS

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Viação urbana. — O Theatro Amazonas. — O Palacio da Justiça. — Hoteis e cafés cantantes. — Vida nocturna. — Uma cidade cosmopolita no meio de um deserto. — A liberdade de costumes e o retraimento das familias. — Uma sociedade *sui generis* em todo o Brazil. — Avenidas, praças e logradouros publicos. — A orgia dos governadores. — Hygiene, agua, esgoto e illuminação. — A imprensa em Manáos. — Litteratura adventicia..... 156

CAPITULO XXIV

AMAZONAS

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Ensino publico. — A bibliotheca e o archivo do Estado. — Estações thermo-pluviometricas. — Alguns dados meteorologicos e astronomicos. — O Estado e a sua pretensão ao territorio do Acre. — Os conflictos da linha divisoria. — Navegação interior. — Defesa militar das fronteiras. — Situação das guarnições fronteiriças. — A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré..... 164

CAPITULO XXV

AMAZONAS

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Rumo do Acre. — A partida de Manáos. — Abordo do *Ajuricaba*. — Entrada no Solimões. — Na confluencia do Purús. — Os perigos da navegação interior, no Amazonas. — Os repiquetes. — A desóva das tartarugas. — Os jacarés, ultimos representantes da edade paleozoica. — Um dia de finados nas solidões da Amazonia. —

A devastação das florestas equatoriaes e a necessidade de uma lei que a prohiba. — Na foz do Tapauá. — Os regatões. — O regimen de bordo. — Primeiro tributo do homem no paiz das castillôas..... 172

CAPITULO XXVI

AMAZONAS

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Continuação do diario de viagem. — Em Jamanduazinho. — A defumação do latex das heveas. — Seringueiros e patrões. — Canutama. — As construcções marginaes do Purús e as palafittes do lago de Zurich. — O regimen feudal no interior do Amazonas. — Lábrea. — Uma manhã tropical nas vizinhanças do Equador. — Sebastopol. — O *self help* dos inglezes e a sua applicação ao mundo amazonico. — Uma sentença de Darwin. — A cachoeira do Purús. — Emoção e perigo da sua passagem..... 178

CAPITULO XXVII

AMAZONAS

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Continuação do diario de viagem. — Peninsulas, isthmos e *sacados* do rio Purús. — A plutocracia amazonica. — A navegação interior e as companhias de seguro. — Um rio abandonado. — Na desembocadura do Pauhinim. — Os eupatridas e os thetas do paiz do tapuios. — Chegada á boca do Acre. — Primeiras impressões desse famoso rio brazileiro. — Uma data nacional nos confins do Brazil. — Um titular de opereta. — Peripecias da navegação no alto Purús. — Na foz do Yaco..... 185

CAPITULO XXVIII

SENNA MADUREIRA

SUMMARIO. — Na foz do Caethé. — A passagem da linha Cunha Gomes. — Entrada no territorio do Acre. — Senna Madureira. — A fundação da mais joven cidade do Brazil. — O que é a capital do Alto Purús. — Um ninho de ambições desenfreiadas. — Os pretensos acreanos. — Porque desejam elles a autonomia do Acre. — Um sonho de aventureiros, que, transformado em realidade, seria um estupendo crime politico. — A administração do Dr. Samuel Barreira. — Sua attitude. — A guarnição federal no Acre. — Sua situação deploravel. — O

poder militar dos seringueiros. — A commissão de obras federaes e a sua inutilidade absoluta. — Singularidades da terra. — A volta do Acre. — Impressões do diluvio amazonico. — Os commandantes de vapores. — O preço da vida nas regiões acreanas..... 191

SEGUNDA PARTE

ASPECTOS DA AMAZONIA

CAPITULO PRIMEIRO

SUMMARIO. — A planicie amazonica. — A vida no interior da floresta. — As enchentes annuaes e a formação dos igapós. — Physionomia da flora equatorial. — A arvore de Wallis. — O rio e o homem. — A colheita do latex. — Attracção da floresta. — Uma tempestade em plena matta. — Os pôres de sol no paiz das castillôas. — Aspectos da fauna amazonica..... 203

CAPITULO II

SUMMARIO. — Golpe de vista sobre a bacia geologica do Amazonas. — A supposta existencia do periodo glaciario no Brazil. — Hypotheses de Agassiz. — Theorias de Branner. — A concepção geognostica de um mar interior. — A serra Parima e o levantamento dos Andes. — Archeologia e paleontologia amazonicas. — Terrenos archeano, siluriano, devoniano e carbonifero. — Rochas terciarias e quaternarias. — Fauna prehistorica. — O mastodonte, o glyptodonte e o megaterio no Brazil. — Lund e a paleontologia brazileira. — As primitivas nações aborigenes. — Os tapuios. — Seu papel na revolução da Cabanada. — Algumas tribus do valle amazonico 213

CAPITULO III

SUMMARIO. — Os exploradores da Amazonia. — Sabios e *touristes*. — De Humboldt a Jacques Huber. — O El-Dorado de Raleigh. — Branner e a approximação physiographica das duas Americas. — O *Gulf-Stream* e o seu papel na desintegração territorial do Brazil. — O delta do Amazonas nos littoraes da Georgia. — As cheias periodicas e as estractificações da terra. — Desigualdades entre os factores anthro-

pologico e cosmogenico. — A escravidão branca na Amazonia. — Uma pagina de Euclydes da Cunha..... 220

CAPITULO IV

SUMMARIO. — Os amansadores do deserto amazonico. — O terror da malaria. — As emigrações do nordeste e a necessidade de uma lei que as proteja. — O cearense. — Seu heroismo. — As selecções da natureza. — Vencedores e vencidos. — As arvores do latex. — Heveas e castillôas. — Manihots e Hancornias. — Cidades tributarias. — A vida do seringueiro..... 227

CAPITULO V

SUMMARIO. — Um rio que desapparece. — Seu declive kilometrico. — Sua actividade erosiva. — Peninsulas, isthmos e *sacados*. — Reservatorios naturaes. — Applicações inconscientes de leis da physica. — O Purús : seu trafego, sua largura, seu povoamento. — Uma opinião de Brown. — Chandless e a revelação das heveas. — Nações aborigenes. — Primeiros exploradores do grande tributario amazonico 233

CAPITULO VI

SUMMARIO. — Uma terra deshabitada. — O homem na Amazonia. — Um atomo, deante de um mundo. — Euclydes da Cunha. — Sua visão, através das regiões do silencio. — Uma obra muito lida e pouco entendida. — Um homem de genio num paiz de analphabetos. — Terras caidas. — Florestas que caminham. — Ilhas ephemeras. — Da geologia historica á geologia dynamica. — Um mundo que surge e uma sociedade que morre. — Esplendores de uma civilização emigrada... 239

TERCEIRA PARTE

DO RIO A MATTO GROSSO

CAPITULO PRIMEIRO

NO BRAZIL MERIDIONAL

SUMMARIO. — A partida do Rio. — A bordo do *Saturno*. — Despedidas

do outono. — Impressões de uma tarde do tropico. — A bahia de Guanabara. — Nictheroy. — Um amphitheatro de montanhas. — O nariz do Gigante de Pedra. — O *plateau* da Gavea. — Villegagnon. — A antiga ilha de Seregipe e o celebre cavalheiro da ordem de Malta. — As fortalezas da barra. — A Praia Vermelha. — Arrabaldes maritimos. — Ultimos aspectos da capital brazileira. — Um interessante escandalo feminino. — A costa sul do Estado do Rio. — O littoral de S. Paulo. — Manhã de chuva. — As ilhas de S. Sebastião e S. Amaro. — A entrada da barra de Santos. — A ilha de S. Vicente. — Defronte da cidade de Braz Cubas..... 247

CAPITULO II

NO BRAZIL MERIDIONAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Santos e o movimento das suas docas. — Parallelo entre o grande porto maritimo do paiz do « ouro rubro » e o de Rosario de Santa Fé. — A S. Paulo Railway e o engenheiro Brunless. — Santos, porto maritimo da Bolivia. — De La Paz a Porto Suarez. — Um gigantesco projecto de viação ferrea sul-americana. — S. Paulo e o genio administrativo dos seus grandes homens. — Os bandeirantes e o elemento europeu. — O progresso do sul e o regresso do norte. — Em plena cidade. — O largo do Rosario e a rua Quinze de Novembro. — Os rrabaldes. — Ponta da Praia e José Menino. — Tramways electricos.— Avenidas e jardins publicos. — O preço da vida. — Peior do que em Manáos. — Nos hoteis, paga-se o que se não come. — Os arredores de Santos. — A Bertioga. — O lago da Saudade. — Guarujá. — Uma excursão a S. Vicente. — Os seus fundadores. — Impressões da primeira povoação que se creou no Brazil. — Uma visita ao tumulo de José Bonifacio..... 254

CAPITULO III

NO BRAZIL MERIDIONAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — A partida de Santos. — Uma irregularidade na linha do sul. — Um grego que perde o embarque. — A bahia de Paranaguá. — Chegada ao paiz do mate. — A ilha do Mel e a velha fortaleza da barra. — Porto d'Agua. — Paranaguá e o rio Itiberé. — Uma povoação do seculo XVI. — A famosa via ferrea de Paranaguá a Coritiba. — Ligeiro historico. — A escarpa do planalto meridional brazileiro, impropriamente chamada Serra do Mar. — Saint-Hilaire e o Paraiso do Brazil. — A Araucaria braziliensis e a Ilex paraguiensis. — Seu papel na vida economica do Paraná. — Umo visita á cidad de Anto

nina. — Os rios Cachoeira e Nhundiaquara. — Entre o mar e a montanha. — Exportação do pinho e do mate. — Um paiz que receia capitaes estrangeiros. — O exemplo da Argentina. — O nativismo no Brazil. — Os hervateiros do Paraná e os seringueiros da Amazonia. — O mate, no Brazil, no Uruguay, na Argentina, no Paraguay e no Chile, e a coca, no Perú e na Bolivia. — Quinze milhões de bebedores de mate..... 263

CAPITULO IV

NO BRAZIL MERIDIONAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — A partida de Paranaguá. — Manhã de nevoeiro. — Mar picado. — Entrada da barra de S. Francisco. — Os portos do sul e os portos do norte. — A natureza meridional e septentrional do Brazil. — Na ilha de S. Francisco. — Os portos do littoral catharinense. — Viação ferrea. — Impressões de um hotel, no sul do paiz. — Uma cidade insular que não progride. — Saida do porto. — Na ilha das Garças. — Um typo exotico a bordo do *Saturno*. — Itajahy. — Entre um monte e um promontorio. — Uma cidade pequena, mas interessante. — Recordações de uma manhã do sub-tropico. — Um intendente municipal quasi vitalicio. — Progressos urbanos. — Partida de Itajahy. — Rumo de Florianopolis. — A fortaleza de Santa Cruz. — A antiga Desterro. — Diaz de Solis e a ilha de Santa Catharina. — O desembarque. — Impressões geraes da cidade. — Ruas, praças, jardins e arrabaldes. — Jornaes, commercio e melhoramentos urbanos. — O estreito. — A cidade de S. José, no continente. — As povoações brazileiras e teuto-brazileiras, em Santa Catharina..... 272

CAPITULO V

NO BRAZIL MERIDIONAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Uma noite no porto de Florianopolis. — Seis dias do Rio de Janeiro a Santa Catharina. — O movimento do porto pela manhã. — Partida da antiga cidade de Desterro. — Manhã nevoenta. — Na barra do sul. — A fortaleza de Araçatuba. — Mar agitado. — Na barra do Rio Grande. — Uma manhã admiravel. — Mar tranquillo. — Recordações de uma viagem anterior. — O porto do Rio Grande. — O sangradouro da Lagôa dos Patos. — Origem do mediterraneo riograndense do sul. — A costa maritima do Estado. — As lagunas littoraneas. — A Lagôa Mirim e o canal de S. Gonçalo. — O Brazil desconhecido dos brazileiros. — O desamor das nossas cousas. — S.

Paulo, Rio Grande e Minas Geraes. — Os primeiros povoadores. — Açorianos e Brummers. — Influencia da raça germanica. — O gaúcho argentino e o gaúcho brazileiro. — S. Paulo e o papel inconsciente dos seus bandeirantes. — A raça negra, no Brazil meridional. — O brazileiro do sul e o seu espirito militar. — Facies geographico. — O clima e a colonização. — O minuano e o pampeiro. — Ethnogenia. — Influencia do elemento castelhano..... 283

CAPITULO VI

NO BRAZIL MERIDIONAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — As obras da barra do Rio Grande. — Ligeiros dados sobre a sua construcção. — O porto das Torres. — Um projecto do Provisorio. — S. José do Norte. — As ilhas fronteiras. — Lagôas littoraneas. — Um projecto do tempo do imperio. — A cidade do Rio Grande. — Movimento do porto. — O traçado das ruas. — Logradouros publicos. — A estatua de Bento Gonçalves. — O Porque Urbano. — Os bonds. — A estrada de ferro para Bagé. — Uma villa balnearia. — O theatro e a bibliotheca publica. — Illuminação, agua e esgotos. — Um absurdo geometrico. — Navegação da Lagôa dos Patos. — Uma interrogação de James Bryce. — O presente e o futuro da nossa raça. — Rumo de Porto Alegre. — Pelotas, a vôo de passaro. — Os pharóes da Lagôa. — Chegada a Porto Alegre. — As primeiras impressões. — O desembarque. — Ausencia de um caes para atracação de vapores. — Em terra. — Aspectos da cidade. — Ruas, praças e jardins. — Os arrabaldes. — Jornaes e jornalistas. — A sociedade. — O corso da rua dos Andradas. — Viação ferrea do Estado. — Intellectuaes riograndenses. — A partida do Rio Grande..... 293

CAPITULO VII

NO RIO DA PRATA

SUMMARIO. — Em aguas do Uruguay. — A costa de Maldonado. — A ilha das Flores. — Um estanceiro riograndense que vae á Europa, e não conhece a capital do Brazil. — A entrada do golfo platino. — No « Mar Dulce » de Solis. — Chegada a Montevidéo. — A visão do Cerro. — A antiga fortaleza e o pharol do porto. — Aspectos da bahia. — A cidade, vista de bordo. — Um espectaculo empolgante. — As obras do porto. — A não atracação dos vapores. — A travessia nocturna do Rio da Prata pelos paquetes da Mihanowicht. — Uma excursão pelos dominios da historia uruguaya. — Os indios. — Diaz de Solis e o descobrimento de estuario platino. — Os processos de colonização dos hespanhóes. — As missões apostolicas. — Os mamelucos do Uruguay e os bandeirantes de S. Paulo. — Dos « Adelantados » aos

governadores civis. — As lutas da independencia. — A figura historica de Artigas. — A batalha de Ituzaingó e a constituição de uma nova republica americana..... 306

CAPITULO VIII

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Montevidéo. — Uma cidade na qual se entra pela porta da cozinha. — Primeiras impressões. — O anteporto. — As calles da orla do caes. — No coração da « urbs ». — A calle Sarandy. — As praças Constitución e Independencia. — Os tramways electricos. — Parallelo com os do Rio. — A vida nocturna. — Os theatros. — Imprensa diaria. — A belleza das niñas orientaes. — Habitos europeus. — Os hoteis. — Costumes urbanos. — As civilizações brazileira e platina. — Arborização da cidade. — Uma visita ao Jardim Zoologico. — Os balnearios de Pocitos, Ramirez e Capurro. —No cemiterio do Buceo. — Uma sentença sobre um tumulo. — O monumento aos heróes de Monte Caseros. — A cathedral. — Edificios notaveis. — De como se toma café, no Rio da Prata. — Aguas mineraes uruguayas. — Disciplina social. — A questão do dia. — O mercado. — Cousas que se não vêem no Brazil. — Uma visita ao Museo Nacional. — Obras valiosas. — Varias reliquias. — A Universidade e a bibliotheca publica. A intellectualidade uruguaya. — Homens e livros..... 315

CAPITULO IX

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — A partida de Montevidéo. — No anteporto de Buenos Aires. — Demora da visita da saude. — Um só medico para visitar dezenas de vapores. — As más condições do porto da capital argentina. — O futuro delta do Prata. — O Paraná integra o territorio argentino, emquanto o Amazonas desintegra o territorio do Brazil. — Dimensões do estuario. — A alfandega. — As « darsenas » do sul e do norte. — A rapida revisão das bagagens. — Uma ligeira excursão pela historia argentina. — Do descobrimento á creação das capitanias. — Das capitanias ao vice-reinado do Rio da Prata. — Do vice-reinado ás campanhas da independencia. — A revolução de 25 de maio de 1810. — Os proceres da emancipação. — A quasi fundação de uma monarchia, á margem do Prata. — A tyrannia de Rosas e a batalha de Monte Caseros. — A Argentina, depois da guerra com o Paraguay. — As questões de limites. — O laudo das Missões. — Crescimento da população. — Divisão territorial da Republica. — Uma

capital com seis mil habitantes. — Provincias e territorios. — O governo e o congresso. — Organização municipal. — O ensino primario. — Um paiz de analphabetos com um exercito de doutores. — O coefficiente da ignorancia na America e na Europa. — O ensino secundario e superior. — O Instituto Geographico..... 329

CAPITULO X

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Buenos Aires. — Primeiras impressões da cidade. — Na praça de Maio. — Os palacios da municipalidade e de « La Prensa ». — A igreja metropolitana. — O monumento da Independencia. — Na Avenida de Maio. — O movimento urbano. — Serviço de automoveis. — Parallelo com o do Rio de Janeiro. — O traçado da capital argentina. — Aspectos monotonos. — O transito nas ruas centraes é quasi impraticavel. — O vermuth, o amendoim e a azeitona, tres cousas inseparaveis, no Rio da Prata. — O café brazileiro, na Argentina. — De como se faz alli a sua propaganda. — Um paulista emprehendedor. — Vehiculos urbanos. — As joalherias da calle Florida. — O corso nessa calle, das 4 ás 7 da tarde. — A praça do Congresso. — O Capitolio argentino. — Uma grande capital que se formou em 43 annos. — O « facies » cosmopolita. — A « City » e as suas ruas estreitas. — O abastecimento de agua. — A praça San Martin e a bella estatua da Duvida. — Monumentos architectonicos. — Hoteis e livrarias. — A civilização intellectual e economica..... 341

CAPITULO XI

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — O capital e o braço estrangeiros, no Rio da Prata. — A Argentina de hoje. — Fusão de raças. — De 1810 a 1910. — Buenos Aires em 1870. — A immigração para a Argentina e para o Brazil. — Os italianos. — Porque os patricios de Cavour emigram para a America. — Um juizo de Schrader. — Os estrangeiros em Buenos Aires e nas provincias. — Um conceito de Thiebaut. — Uma observação de Taine. — O inglez é o romano de hoje, como o argentino é o inglez da America do Sul. — Contraste entre o progresso economico e o desordem nas cousas politicas. — Effeito do sangue aventureiro dos hespanhóes do seculo XVI. — A falta de garantia do funccionalismo publico. — O clima. — « Facies » geographico. — O Pampa, reino do silencio. — As miragens pampeanas. — Um antigo fundo de mar. — A producção pastoril e agricola. — O assucar de Tucumán e o

vinho de Mendoza. — O quebracho. — Intercambio commercial. — Uma sentença de Ferri. — O maior inimigo da agricultura platina. — Um formidavel aguaceiro, após uma secca de 17 mezes..... 350

CAPITULO XII

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — A festa do trabalho, em Buenos Aires. — Palermo. — A estatua de Garibaldi. — Uma visita ao Jardim Zoologico. — O cemiterio da Ricoleta. — Impressões de uma necropole aristocratica. — Os jazigos dos presidentes Guintana, Avellaneda e Rivadavia. — O mausoléu do grande escriptor argentino José Manoel Estrada. — O tumulo do general Mitre. — Deante do cadaver do grande americano. — O Museu e a Bibliotheca Mitre. — Uma demorada visita a esses dois estabelecimentos. — Documentos da dominação hespanhola. — Um original de Azara. — Um manuscripto de Artigas. — Varias preciosidades historicas. — O primeiro documento impresso na America do Sul. — Mais de duas mil obras sobre o Brazil. — Nos aposentos particulares de Mitre. — No quarto em que falleceu. — Seu leito mortuario. — Tudo como se achava no dia do fallecimento. — No Museu. — Outras raridades. — Uma carta de D. Pedro II. — Notas e commentarios. — Uma excursão a La Plata. — A viação ferrea, na Argentina. — Conforto e rapidez nos transportes. — A acção dos inglezes nas emprezas ferro-viarias. — A intellectualidade argentina. — De Labardén a Leopoldo Lugones..... 360

CAPITULO XIII

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Uma grande vergonha para o Brazil. — Embargo judicial do *Saturno*, no porto de Buenos Aires. — Os theatros. — Chegada de Mascagni. — A vida nocturna. — Os tramways electricos. — No Museu Nacional de Bellas Artes. — A estatua de Velasquez. — Um Appollo de bronze. — Esculptura catholica. — A estatua de Minerva. — Exemplares de arte grega e romana. — Esculptura medieval. — Um director que, amavelmente, serve de ciceroni. — A sala dos esculptores estrangeiros. — Esculptores nacionaes. — Nos salões de pintura. — Um quadro de Gustavo Doré. — Pintores brazileiros no Museu de Buenos Aires. — Uma cadeira que pertenceu a Carlos V. — Pintores argentinos. — Pintores estrangeiros. — Um quadro de Pueyrredon. — Um quadro authentico de Murillo. — Outros quadros. — Uma triste noticia do Rio de Janeiro. — Na Central Pacifico.

— No consulado geral do Brazil. — Obras de Mitre. — No palacio de La Prensa. — Uma visita ao Museu Historico. — Um mundo de raridades. — A espada de Brown. — O cinturão de Bolivar. — Um guarda do Museu que implica com a minha myopia. — Os quadros de Rosas. — Um que representa a batalha de Monte Caseros. — Onde está o Museu Historico do Brazil? 373

CAPITULO XIV

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — A partida de Buenos Aires. — Em pleno estuario. — No canal do Inferno. — Em frente á ilha de Martin Garcia. — O balizamento do rio Paraná. — Em Rosario de Santa Fé. — O vapor « Brazil ». — Protesto dos passageiros. — O Lloyd abusa da paciencia dos seus contribuintes. — O embargo do « Coxipó » em Assumpção. — A cidade de Rosario. — O seu porto. — Ruas e praças. — O mercado publico. — Imprensa diaria. — Os trens de Rosario a Cordoba. — Um vapor sem viveres. — Navios brazileiros que viajam com bandeiras argentina e uruguaya. — Uma noite de luar no baixo Paraná. — Psychologia dos passageiros. — O pessoal de bordo. — O vice-consul do Brazil, intimado, por ser fiador do Lloyd. — Resurreição de uma polynevrite. — No vice-consulado. — Regresso a Buenos Aires. — No consulado geral e na legação brazileira. — Um telegramma ao barão do Rio Branco. — As festas de Maio. — A grande parada em Palermo. — Um dia de cerração, á margem do Prata. — A bordo do « Mercedes ». — O frac e o guarda-chuva nas republicas platinas. — Um joven boliviano. — O principio da autoridade entre os argentinos, e o excesso de liberdade, entre os brazileiros 383

CAPITULO XV

NO RIO DA PRATA

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Começo de inverno platino. — Segunda partida de Buenos Aires. — Passageiros do « Mercedes ». — Chegada a Rosario de Santa Fé. — Rumo de Matto Grosso. — A Mesopotamia argentina. — Monotonia do Pampa. — Em frente á cidade de Paraná. — Um livro de Carlos Darwin. — O autor da «Origem das Especies» e a sua viagem á Confederação Argentina. — Mudança no aspecto da vegetação. — Na foz do Riachuelo. —Recordações de uma grande batalha naval. — Chegada a Corrientes. — Impressões de uma cidade do seculo XVI. — Ruas e praças. — A estatua de San Martin. — O corso da praça 25 de Maio. — D'Orbigny e Bompland, na provincia de Corrientes. —

Ligeira descripção physica e politica dessa provincia. — De Corrientes ao Rio de Janeiro, em trem de ferro. — Factos da guerra com Paraguay. — Partida de Corrientes. — Na foz do Paraguay. — Um espectaculo soberbo. — Passagem por Lomas Valentinas, Itapirú, Tuyuti e Curupayti. — Em frente a Humaytá. — Sombras de um passado heroico. — A figura de Inhauma. — Maurity e o episodio do munitor « Alagôas. » — Na foz do Bermejo. — Recordações de uma manhã, no baixo Paraguay 395

CAPITULO XVI

NO PARAGUAY

SUMMARIO. — Chegada a Assumpção. — Golpe de vista panoramico. — Uma cidade do seculo XVI. — Juan de Ayolas. — Os governos dos seculos XVI e XVII. — O Paraguay, provincia do vice-reinado de Buenos Aires. — A acção dos jesuitas. — As « reducções » que elles fundaram. — Sua expulsão dos dominios hespanhóes da America. — O predominio da lingua guarany. — A independencia nacional. — A dictadura de Francia. — Um episodio de seu governo. — Tempestade salvadora. — Um juizo de Cecilio Baez. — A dictadura de Carlos Antonio Lopez. — Cousas de seu tempo. — Um ministro de Fazenda que mata morcegos. — Solano Lopez e a guerra com a Triplice Alliança. — Effeitos dessa guerra. — Morte do dictador. — O governo provisorio. — O Uruguay e o perdão da divida de guerra. — Devolução de trophéos. — O Brazil nem uma nem outra cousa. — Por que?... A memoria de Lopez é detestada no seu paiz. — Governos da colonia. — De Juan de Ayolas a Bernardo Velasco. — O periodo das dictaduras. — A era constitucional. — Os presidentes da Republica. — Pela geographia physica e politica. — Exercito e marinha. — Poder legislativo. — A magistratura. — O ensino publico. — Vida social. — Economia e finanças. — O regimen das chuvas, no Paraguay 405

CAPITULO XVII

NO PARAGUAY

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Em terra. — Primeiras impressões da capital paraguaya. — Os bonds. — A topographia urbana. — Illuminação a kerozene. — A calle Palma. — Outras calles. — Logradouros publicos. — Hoteis. — Edificios notaveis. — Os arrabaldes. — Ricoleta e Belvedère. — Centros de vida agricola da Republica. — Viação ferrea. — Seu desenvolvimento, na direcção da fronteira argentina. — Do Rio de Janeiro a Assumpção, em trem de ferro. — Linhas argentinas que buscam a fronteira paraguaya. — Rede telegraphica. — Immi-

gração européa. — Algumas colonias. — San Bernardino. — Industria pecuaria. — A Ilex paraguayensis de Lambert. — Seu papel na economia do paiz. — O Gran Chaco. — Aspectos geographicos. — Limites internacionaes. — Defesa militar. — Uma homenagem ao presidente Hayes. — As tribus indigenas e a Missão Evangelica Ingleza. — A imprensa de Assumpção. — Mercado publico. — Desvalorização do papel moeda. — No quartel do 1.º de artilharia. — Uma excursão a San Lorenzo. — Uma floresta de larangeiras. — No cemiterio da Ricoleta. — O jazigo da filha de madame Linch, a celebre amante de Solano Lopez. — O mausoleu do general Diaz, o heróe de Curupayti. — Uma nota comica, no meio de cousas serias. — A sesta paraguaya. — Uma cidade que dorme em pleno dia. — No consulado do Brazil. — Uma visita a Aluisio Azevedo. — Impressões do homem e do escriptor. — Noventa minutos de espiritualidade..... 418

CAPITULO XVIII

NO PARAGUAY

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Uma visita ao Museu Godoy. — Uma exposição de raridades historicas. — Um retrato de Solano Lopez, em 1866. — Um quadro authentico de Murillo. — Outro de Tintureto. — Um trabalho de Moreno Carbonero. — A reconstrucção do ataude do general Diaz. — Reliquias do tempo da guerra com o Brazil. — Uma bandeira nacional toda baleada. — Na bibliotheca do Dr. Godoy. — Obras deste historiador. — Algumas publicações de alto merito. — Collecções de jornaes brazileiros e platinos de 65 a 70. — Uma historia do Paraguay escripta em latim. — O atlas de Jourdan. — Collecções do «El Nacional» e do «El Semanario», o celebre jornal dos Lopez, pae e filho. — Uma preciosidade cartographica. — Duas obras de vulgarização. — Victor Meirelles, no Paraguay. — Um emprestimo de 25 milhões. — Os effeitos moraes da guerra com a Triplice Alliança. — Nova edição de uma obra valiosa. — A intellectualidade paraguaya. — Partida de Assumpção. — Novos aspectos da natureza. — As primeiras caranda-hys. — Uma esquadrilha de indios. — O cerro de Lambaré. — Um novo genero de sport..... 429

CAPITULO XIX

NO BRAZIL OCCIDENTAL

SUMMARIO. — Na foz do Apa. — Entrada em territorio do Brazil. — No limiar da «Thermolandia». — Boatos de revolução no sul de Matto Grosso. — Forte Olympo. — Bahia Negra. — Coimbra. — Evocações historicas. — Ricardo Franco e Hermenegildo Portocarrero. — A

invasão paraguaya. — Tomada e retomada de Corumba. — João Antonio Ribeiro e Antonio Maria Coelho. — Bartholomeu Bossi e o forte de Coimbra. — Os indios Guaycurús. — Em Porto Esperança. — Um naturalista francez. — A visão da Serra do Albuquerque. — Ladario. — Chegada a Corumbá. — O que era esta cidade em 1863. — Uma povoação do seculo XVIII. — Luiz de Albuquerque e o almirante Delamare. — O preço da vida. — Casa cara e alimentação pessima. — Uma cidade calida sem arborização. — Um panorama soberbo. — Melhoramentos urbanos. — Um intendente progressista. — Illuminação electrica. — Falta de agua e esgotos. — Um contrasenso municipal. — A sociedade. — Os costumes. — Movimento do porto. — A imprensa local 439

CAPITULO XX

NO BRAZIL OCCIDENTAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — Revolução no sul de Matto Grosso. —A commemoração do 13 de junho. — Remessa de tropas federaes a estaduaes. — Um recrutamento vergonhoso. — Influencia dos Andes bolivianos na temperatura de Corumbá. — Uma queda thermometrica de 26 gráos, em 15 horas. — Os gallos, os cachorros e os tiroteios nocturnos. — Uma cidade sem policiamento. — Insectos importunos. — Um emprego vantajoso de capitaes. — Um logar de clima petropolitano. — Uma região de futuro á espera da iniciativa dos homens. — Um sanatorio para beribericos. — Como nelle é tratado o soldado brazileiro. — Os festejos de S. João, á margem do Paraguay. — Uma visita ao tumulo do marechal Antonio Maria Coelho e outros heróes da jornada de 67. — Um typo popular. — As excursões a Puerto Suarez. — O reinado do contrabando. — Os calores e as chuvas estivaes. — A alma das ruas á tarde e pela manhã. — O serviço telegraphico entre Corumbá e o Rio de Janeiro. — Um forte abandonado. — Aspectos da vida militar. — Suas difficuldades. — Matto Grosso e a philosophia de Braz Cubas. — Considerações geraes sobre o grande Estado do Brazil occidental 449

CAPITULO XXI

NO BRAZIL OCCIDENTAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — O Estado de Matto Grosso e as suas vias de communicações. — Rios navegaveis. — O Xingú e o principe Adalberto da Prussia. — A viagem de von den Steinen. — O « divortium aquarum »

da bacia do Prata e as phantasias geographicas de Eschwege. — Adriano Taunay e o barão de Langsdorff. — A antiga Villa Bella e os restos mortaes de Ricardo Franco. — Uma capital desapparecida. — Seu esplendor e sua decadencia. — Um trecho de Castelnau. — O barão de Melgaço e os seus notaveis serviços á remota provincia do Brazil occidental. — O sentimento nativista da população de Cuyabá e a memoravel noite de 30 de maio de 1834. — Manso Tigre e o morticinio dos portuguezes. — O crime da praça Ipiranga e os assassinatos da Bahia Garcez. — Os bacias hydrographicas do Amazonas e do Rio da Prata. — Seus pontos de contacto. — Um transporte de pesados canhões do Guaporé para Coimbra. — Matto Grosso, nos primeiros seculos do descobrimento. — As incursões dos hespanhóes. — O papel inconsciente dos bandeirantes paulistas. — A audacia desses flibusteiros dos sertões, conforme Humboldt. — Seu roteiro de S. Paulo a Cuyabá. — Aspectos geographicos. — Tribus indigenas. — Seus « habitats ». — Alliança dos Payaguás com os Guaycurús, contra os invasores. — Cidades e villas. — Os seus grandes afastamentos reciprocos. — Difficuldades de communicações. — De Corumbá a Nioac, em dois dias. — Defesa militar da fronteira. — Verdades que ninguem ignora 461

CAPITULO XXII

NO BRAZIL OCCIDENTAL

(*Continuação.*)

SUMMARIO. — De Corumbá a Cuyabá. — Uma viagem na época da vasante. — O S. Lourenço. — Sua confluencia com o Paraguay. — Novos aspectos da natureza brazileira. — A passagem da Uacorutuba. — O uso do guaraná, entre os mattogrossenses. — Chegada a Cuyabá. — Impressões desfavoraveis. — Uma cidade do começo do seculo XVIII. — Sua physionomia colonial. — No paiz das mangas. — Hygiene particular e publica. — A região da Chapada. — Seu clima petropolitano. — Ligeiro historico da capital. — Os bandeirantes paulistas e as minas de ouro da Coxipó-Mirim. — A obra intencional dos flibusteiros do nosso « hinterland ». — Causas da decadencia de Cuyabá. — Aspectos contemporaneos. — Ruas e praças. — Os edificios mais notaveis. — Educação primaria e secundaria. — As novas escolas normaes. — A missão salesiana e os indios Bororós. — Uma cidade viceralmente pobre. — Caracter do povo cuyabano. — A acção do novo governo. — Alguns melhoramentos. — Porque Corumbá deve de ser a capital politica do Estado. — O exemplo de Minas Geraes. — Um projecto de viação ferrea de Goyaz para Cuyabá. — Communicações telegraphicas. — Um originalissimo systema monetario. — Um episodio a proposito. — O futuro de Matto Grosso 472

CHARTRES. — TYP. GARNIER. 329.9.17.